

NEIL
GRIMAN

AUTOR DE O OCEANO NO FIM DO CAMINHO



DEUSES
AMERICANOS

EDIÇÃO PREFERIDA DO AUTOR

Copyright © 2011 by Neil Gaiman.

Copyright da edição original © 2001 by Neil Gaiman.

Todos os esforços foram empenhados para localizar e notificar os detentores dos direitos dos materiais reproduzidos neste livro. Quaisquer omissões que forem identificadas serão corrigidas em edições posteriores. Agradecemos a permissão para usar os seguintes materiais neste livro:

Trecho de “The Witch of Coos”, de “Two Witches”, em *The Poetry of Robert Frost*, editado por Edward Connery Lathem. © 1951 by Robert Frost, © 1923, 1969 by Henry Holt and Co. Reproduzido com permissão de Henry Holt and Company, LLC.

“Tango Till They’re Sore”, de Tom Waits. Copyright © 1985 by JALMA Music. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

“Old Friends”, melodia e letra de Stephen Sondheim. Copyright © 1981 Rilting Music, Inc. Todos os direitos reservados. Usado com permissão. Warner Bros. Publications U.S. Inc., Miami, FL 33014.

“In the Dark with You”, de Greg Brown. Copyright © 1985 by Hacklebarney Music/ ASCAP. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

Versos de “in just—”. Copyright 1923, 1951, © 1991 by Administradores do Fundo E.E. Cummings.

Copyright © 1976 by George James Firmage, de *Complete Poems 1904–1962*, de E.E. Cummings, editado por George J. Firmage. Usado com permissão da Liveright Publishing Corporation.

“Don’t Let Me Be Misunderstood”, de Bennie Benjamin, Sol Marcus e Gloria Caldwell. © 1964 by Bennie Benjamin Music Inc. © renovado, transferido para WB Music Corp., Bennie Benjamin Music, Inc. e Chris-N-Jen Music. Todos os direitos em nome de Bennie Benjamin Music Inc. administrados por Chappell & Co. Todos os direitos reservados. Usado com permissão. Warner Bros. Publications U.S. Inc., Miami, FL 33014.

Trechos de “A segunda vinda” (páginas 427 e 428), de W.B. Yeats, foram retirados de *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, tradução de Paulo Vizioli.

Trechos das epígrafes utilizados em tradução livre.

TÍTULO ORIGINAL

American Gods

PREPARAÇÃO

Rayssa Galvão

REVISÃO

Guilherme Bernardo

Rayana Faria

Ulisses Teixeira

ADAPTAÇÃO DE CAPA, LETTERING E ILUSTRAÇÃO DA PÁGINA 1

Ô de casa / Antonio Rhoden

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

© Houston Trueblood

REVISÃO DE EPUB

Rodrigo Rosa

Taynée Mendes

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0073-1

Edição digital: 2016

1ª edição

*Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORAS INTRÍNSECA LTDA.*

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinsicaseca.com.br

Sumário

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Uma introdução a esta edição](#)

[Um comentário sobre o texto](#)

[Uma advertência e um alerta para os viajantes](#)

[Epígrafe](#)

[Parte Um](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Parte Dois](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Parte Três](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Parte Quatro](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Posfácio](#)

[Agradecimentos](#)

[Apêndice](#)

[Extras](#)

[Uma entrevista com Neil Gaiman](#)

[Como você ousa?](#)

[Notas do tradutor](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça outros títulos do autor](#)

[Leia também](#)



intrinseca.com.br

Para os amigos ausentes,
Kathy Acker e Roger
Zelazny, e todos os
pontos no meio.

UMA INTRODUÇÃO A ESTA EDIÇÃO

NÃO SEI COMO é a experiência de ler este livro. Só sei como foi viver a escrita dele.

Eu me mudei para os Estados Unidos em 1992. Algo nasceu, então, num recanto da minha mente. Havia algumas ideias isoladas que eu sabia que eram importantes, mas que não pareciam ter qualquer relação entre si: dois homens que se conhecem em um avião; o carro no gelo; a relevância dos truques com moedas e, sobretudo, os Estados Unidos — aquele lugar estranho e imenso onde eu agora estava morando, e que eu sabia que não compreendia. No entanto, queria compreendê-lo. Mais do que isso: queria descrevê-lo.

Foi durante uma breve estadia na Islândia, em que fiquei observando uma maquete sobre as viagens de Leif Erickson, que tudo se encaixou. Escrevi uma carta para meu agente e minha editora explicando qual seria a história do livro. Anotei “Deuses americanos” no topo da carta, confiante de que chegaria a um título melhor.

Algumas semanas depois, minha editora me enviou um esboço da capa. Era uma estrada com um raio caindo bem no meio, e no alto dizia “Deuses americanos”. Parecia a capa do livro que eu tinha pensado em escrever.

Foi ao mesmo tempo desconcertante e eletrizante ver a capa antes do livro. Eu a pendurei na parede e olhei para ela, intimidado, e qualquer possibilidade de pensar em outro título sumiu para sempre. Aquela era a capa do livro. Aquele era o livro.

Eu só precisava escrevê-lo.

Terminei o primeiro capítulo durante uma viagem de trem de Chicago a San Diego. E continuei viajando, e continuei escrevendo. Dirigi de Minneapolis à Flórida por estradas secundárias, percorrendo caminhos que imaginei que Shadow faria no livro. Eu escrevia e, às vezes, quando empacava, pegava a estrada. Comi *pasties* na Península Superior do Michigan e *hushpuppies* em Cairo, Illinois. Tentei ao máximo não escrever sobre nenhum lugar pelo qual eu não tivesse passado.

Escrevi meu livro em muitos lugares — casas na Flórida, uma cabana em um lago do Wisconsin, um quarto de hotel em Las Vegas.

Minha narrativa acompanhava a jornada de Shadow, e, quando eu não sabia onde ele havia se enfiado, escrevia uma história sobre a “Vinda à América”, e, quando acabava, já tinha descoberto o paradeiro de Shadow, então voltava para ele. Queria escrever duas mil palavras por dia, mas me dava por satisfeito com mil.

Lembro que, ao terminar o primeiro rascunho do livro, falei com Gene Wolfe — o escritor mais sábio que conheço e com mais romances excelentes do que qualquer outro com quem já conversei — que eu achava que finalmente havia aprendido a escrever romances. Ele me encarou e deu um sorriso gentil. “Ninguém aprende a escrever romances”, explicou. “Nós só aprendemos a escrever o romance em que estamos trabalhando.”

Ele tinha razão. Eu havia aprendido a escrever o romance em que estava trabalhando, e mais nada. Contudo, foi um romance bom e estranho de se aprender a escrever. Sempre tive consciência de que a história estava muito aquém do livro lindo, dourado, reluzente e perfeito que havia na minha cabeça, mas, mesmo assim, fiquei feliz.

Deixei a barba crescer e não cortei o cabelo enquanto escrevia este livro, e muitas pessoas me acharam um tanto quanto peculiar (mas não os suecos, que expressaram sua aprovação e me disseram que um de seus reis tinha feito algo muito parecido, só que não por causa de um romance). Raspei a barba após concluir o primeiro rascunho e me livrei do cabelo comprido e impraticável pouco tempo depois.

O segundo rascunho foi, sobretudo, um processo de escavação e esclarecimento. Momentos que precisavam crescer cresceram, e momentos que precisavam encolher encolheram.

Eu queria que o livro fosse uma série de coisas. Queria escrever uma história que fosse grandiosa, excêntrica e sinuosa, e escrevi, e ela era. Queria escrever uma história que incluísse todas as partes dos Estados Unidos pelas quais eu estava obcecado e encantado, que costumavam ser os pedaços que nunca apareciam nos filmes e nas séries de tevê.

Quando terminei o livro e o entreguei, senti certo alento ao lembrar o velho ditado que diz que a melhor forma de definir um romance é como uma prosa longa em que algo deu errado — e eu estava plenamente convencido de que havia escrito um desses.

Minha editora ficou preocupada com o livro que eu tinha entregado, achou que estava um pouco grandioso e sinuoso demais (a parte da excentricidade não a incomodou) e pediu que eu desse uma reduzida, e eu o fiz. Creio que sua

intuição estava correta, pois o livro definitivamente fez sucesso — vendeu muitos exemplares e teve a felicidade de vencer alguns prêmios, incluindo o Nebula e o Hugo (como ficção científica, principalmente), o Bram Stoker (como horror) e o Locus (como fantasia), o que demonstrou que se tratava de um romance um bocado excêntrico e que, apesar de muito apreciado, ninguém sabia muito bem em que categoria encaixá-lo.

Mas isso só aconteceria no futuro: primeiro, o livro precisava ser publicado. Eu achava o processo editorial fascinante, então o documentei na internet, em um blog que criei especificamente para este fim (e que existe até hoje). Quando o livro foi publicado, saí em turnê pelos Estados Unidos, depois pelo Reino Unido e pelo Canadá, até enfim voltar para casa. Minha primeira sessão de autógrafos foi em junho de 2001, na Border Books do World Trade Center. Alguns dias depois de eu voltar para casa, em 11 de setembro de 2001, já não existiam mais nem a livraria nem o World Trade Center.

A recepção do livro me surpreendeu.

Eu estava acostumado a contar histórias que as pessoas apreciavam, ou que elas não liam. Nunca havia escrito nada controverso. Mas este livro foi um caso de amor ou ódio. As pessoas que odiaram, mesmo as que gostavam de meus outros trabalhos, odiaram *de verdade*. Algumas reclamaram que o livro não era americano o bastante; outras, que era americano demais; que Shadow não era cativante; que eu não tinha compreendido que a verdadeira religião dos Estados Unidos era o esporte, e por aí vai. Todas eram, sem dúvida, críticas válidas. Mas, no fim das contas, de um modo geral, o livro encontrou seu público. Acho que posso dizer que a maioria das pessoas o amou, e ainda o ama.

Espero que algum dia eu volte àquela história. Afinal, Shadow está dez anos mais velho. E os Estados Unidos também. E os deuses estão esperando.

Neil Gaiman
setembro de 2010

UM COMENTÁRIO SOBRE O TEXTO

O LIVRO QUE está em suas mãos é um pouco diferente da versão publicada nos Estados Unidos em 2001.

Pouco depois do lançamento, Pete Atkins e Peter Schneider, os dois sócios da Hill House Publishers, uma pequena editora (que, infelizmente, não existe mais), negociaram com meus editores dos Estados Unidos uma edição especial de *Deuses americanos*. Enquanto descreviam as maravilhosas inovações planejadas para essa nova edição — algo que se pretendia um milagre da arte da produção de livros —, comecei a me sentir cada vez menos à vontade com o texto que seria usado.

Indaguei, um tanto acanhado, se eles aceitariam utilizar o texto original, sem cortes.

Por acaso, eles aceitaram.

A tarefa se mostrou bem complicada, pois percebi que, claro, *depois* dos cortes que eu tinha feito na primeira versão, fiz também outras correções e mudanças editoriais, muitas das quais tornaram o livro melhor. Portanto, a única maneira de criar um texto definitivo seria comparando minha última versão pré-edição com minha última versão pós-edição, e depois com a versão final impressa (porque eu, cheio de entusiasmo, havia rabiscado alterações nas provas de revisão e, com o mesmo entusiasmo, não me preocupei em guardá-las), e, no fim, tomar algumas decisões autorais.

Seria bem trabalhoso. Então tomei a única atitude sensata possível naquelas circunstâncias: enviei uma série de arquivos pesados e dois exemplares do livro (a edição inglesa e a americana) para Pete Atkins, junto com uma lista de erros que eu havia encontrado desde o lançamento, e pedi que ele organizasse tudo. Ele organizou, e de forma excelente. Depois, peguei a versão que Pete havia preparado e também a conferi, consertando, arrumando e às vezes desfazendo cortes que eu fizera por algum motivo que não fosse apenas diminuir o tamanho do livro, até chegar a uma versão final que me deixasse perfeitamente satisfeito (levando em conta que um romance sempre é, como eu talvez já tenha

mencionado, uma prosa longa em que algo deu errado).

A Hill House publicou uma edição limitada de cerca de setecentos e cinquenta exemplares (descritos como “um milagre da arte da produção de livros”, e dessa vez não foram eles que disseram isso). Era cara demais. Fico feliz que meus editores tenham aceitado publicar a versão expandida no aniversário de dez anos do lançamento, e com uma tiragem muito maior do que setecentos e cinquenta exemplares, e por um valor bem menor. A versão de *Deuses americanos* que está em suas mãos tem cerca de doze mil palavras a mais do que a que ganhou todos aqueles prêmios, e é a versão da qual mais me orgulho.

Gostaria de agradecer a Jennifer Hershey, que foi a editora original do livro, a Jennifer Brehl, que ajudou a trazer esta nova edição ao mundo, e, acima de tudo, a Pete Atkins, por sua ajuda no preparo deste original.

UMA ADVERTÊNCIA E UM ALERTA PARA OS VIAJANTES

ESTA É UMA obra de ficção, não um guia de viagem. Embora a geografia dos Estados Unidos aqui apresentada não seja totalmente imaginária — é possível visitar muitos dos pontos de referência presentes neste livro, seguir trilhas e mapear roteiros —, tomei certas liberdades. Menos liberdades do que se poderia imaginar, mas mesmo assim liberdades.

Não foi solicitada nem concedida permissão para usar os lugares reais que aparecem nesta história, e imagino que os proprietários de Rock City ou da House on the Rock, ou os caçadores que administram o hotel no centro do país, vão ficar tão perplexos quanto qualquer outra pessoa ao identificar seus imóveis aqui.

Disfarcei a localização de alguns lugares: a cidade de Lakeside, por exemplo, e a fazenda com o freixo a uma hora ao sul de Blacksburg. Você pode procurá-los, se quiser. Pode até encontrá-los.

Ademais, é desnecessário dizer que todas as pessoas desta história, estejam elas vivas, mortas ou em outras condições, são fictícias ou usadas em um contexto fictício. Só os deuses são reais.

Uma questão que sempre me intrigou é o que acontece com os seres fantásticos quando os imigrantes saem de suas terras de origem. Nos Estados Unidos, os irlandeses se lembram das fadas; os noruegueses, dos nisser; os gregos, dos vrykólakas, mas sempre são acontecimentos passados no Velho Mundo. Quando perguntei, certa vez, por que essas criaturas não apareciam na América, meus informantes riram, confusos, e disseram que “eles têm medo de cruzar o oceano, é longe demais”, e observaram que Jesus Cristo e os apóstolos nunca tinham pisado na América.

Richard Dorson, “A Theory for American Folklore”, *American*

*Folklore and the
Historian* (University of
Chicago Press, 1971)

PARTE UM

SOMBRIAS

CAPÍTULO

UM

*Os limites de nosso país,
senhor? Ora, ao norte fazemos
fronteira com a aurora boreal,
ao leste, com o sol nascente,
ao sul, com a procissão dos
equinócios, e ao oeste, com o
Dia do Juízo Final.*

*The American Joe Miller's Jest
Book*

SHADOW HAVIA PASSADO três anos na cadeia. Era um homem grande e tinha cara de não-se-meta-comigo, então seu maior problema fora encontrar uma maneira de passar o tempo. Ele se manteve em forma, aprendeu sozinho a fazer truques com moedas e passou muito tempo pensando no quanto amava a esposa.

A melhor parte — para Shadow, talvez a única parte boa — da vida na cadeia era a sensação de alívio. A sensação de que havia mergulhado no abismo e chegado ao fundo do poço. Ele não temia ser derrubado pelo mundo, porque o mundo já o derrubara. Não accordava na cela com uma sensação de pavor; não tinha mais medo do que o amanhã traria, porque o ontem já havia trazido.

Shadow chegou à conclusão de que não importava se a pessoa tinha ou não cometido o crime pelo qual fora condenada. A experiência lá dentro mostrou que todo mundo ali na cadeia tinha algum ressentimento: as autoridades sempre haviam cometido algum equívoco, falado que a pessoa fizera algo que ela não fez — ou que não fez exatamente do jeito que falaram. O importante era que as autoridades haviam vencido.

Percebera isso logo nos primeiros dias, quando tudo, das gírias à comida ruim, era novidade. Apesar da infelicidade e do horror absoluto e esmagador do encarceramento, estava aliviado.

Shadow tentava não falar muito. Mais ou menos no meio do segundo ano, explicou sua teoria para Low Key Lyesmith, seu companheiro de cela.

Low Key, que era um vigarista de Minnesota, abriu seu clássico sorriso com a cicatriz.

— É — concordou. — É verdade. É melhor ainda quando você é condenado à morte. É aí que você se lembra das piadas com os caras que se debatem, sacudindo os pés quando o nó aperta no pescoço, sendo que os amigos sempre diziam que eles só iam bater as botas quando tirassem a corda do pescoço.

— Isso é uma piada? — perguntou Shadow.

— Com certeza. Humor negro. O melhor que há... pá, aconteceu o pior. Você tem alguns dias para assimilar, depois pega o trem para ir bailar no ar.

— Quando foi a última vez que enforcaram alguém no estado? — perguntou Shadow.

— Como é que eu vou saber? — Lyesmith sempre raspava o cabelo louro-alaranjado. Dava para ver as linhas de seu crânio. — Se liga numa coisa: o país começou a descambar para o inferno quando pararam de enforcar os caras. Nada de sujeira de corpos podres. Nada de acordos no pé da forca.

Shadow deu de ombros. Não via romantismo em penas de morte.

Ele chegou à conclusão de que, para aqueles que não tinham sido condenados à morte, a cadeia era, na melhor das hipóteses, apenas um retiro temporário da vida — e por dois motivos. Primeiro, porque a vida se esgueira para dentro da cadeia. Sempre há lugares que podem ser explorados, mesmo quando o indivíduo é retirado de seu contexto habitual; a vida segue, mesmo se for uma vida escrutinada, uma vida atrás das grades. E, segundo, porque se o detento aguentar firme, algum dia alguém vai ter que soltá-lo.

No começo, esse dia parecia tão remoto que Shadow mal conseguia vislumbrá-lo. Depois, tornou-se um feixe de esperança no horizonte, e ele aprendeu a dizer para si mesmo que “isso também passará” quando acontecia alguma merda na cadeia, porque merdas acontecem o tempo todo na cadeia. Um dia, a porta mágica se abriria, e ele iria embora. Por isso marcava os dias em seu calendário dos *Pássaros da América do Norte*, o único tipo vendido na cadeia — e o sol se punha e ele não via, e o sol nascia de novo e ele não via. Treinava truques com moedas que tinha aprendido em um livro na biblioteca deserta da cadeia, se exercitava e repassava mentalmente a lista do que ia fazer quando fosse solto.

A lista de Shadow foi ficando cada vez menor com o passar do tempo. Após dois anos, restavam apenas três itens.

Primeiro, ia tomar um banho de banheira. Ficar de molho mesmo, por um bom tempo, um banho de verdade, com bolhas de sabão e tudo. Talvez leria o jornal, talvez não. Em alguns dias pensava que sim, em outros, que não.

Segundo, ia se secar e vestir um roupão. Talvez chinelos. Gostava de se imaginar com eles. Se fumasse, a essa altura estaria fumando um cachimbo, mas ele não fumava. Pegaria a esposa nos braços (“Fofinho!”, gritaria ela, com horror

fingido e prazer genuíno, “O que você está *fazendo?*”). Ele a levaria para o quarto e fecharia a porta. Pediriam pizza se ficassem com fome.

Terceiro, depois que ele e Laura saíssem do quarto, quem sabe alguns dias mais tarde, Shadow ia ficar na dele e evitar problemas para o resto da vida.

— E aí você vai ser feliz? — perguntou Low Key Lyesmith.

Naquele dia, estavam trabalhando na oficina da cadeia, montando comedouros para pássaros — algo ligeiramente mais interessante do que gravar placas de carros.

— Não se pode dizer que um homem é feliz até ele estar morto — retrucou Shadow.

— Heródoto — disse Low Key. — Ei, você está aprendendo.

— Que porra é essa de Heródoto? — perguntou Iceman, que encaixava as paredes dos comedouros e os passava para Shadow, que por sua vez colocava os parafusos e os apertava bem.

— Um grego morto — explicou Shadow.

— Minha última namorada era grega — comentou Iceman. — A família dela comia cada merda... Vocês nem imaginam. Tipo arroz embrulhado em folhas. Essas porcarias.

Iceman era da altura e do formato de uma geladeira e tinha olhos azuis e um cabelo tão louro que era quase branco. Ele arrebentara um cara que cometera o erro de passar a mão na namorada dele, em um bar em que ela era dançarina e Iceman trabalhava como segurança. Os amigos do cara tinham chamado a polícia, que prendeu Iceman e puxou sua ficha, descobrindo que ele deveria estar cumprindo pena em regime semiaberto e estava foragido fazia dezoito meses.

— E o que é que eu ia fazer? — perguntou Iceman, ofendido, quando contou a trágica história para Shadow. — Eu já tinha dito pro cara que ela era minha namorada. Ia deixar o sujeito me desrespeitar daquele jeito? Hein? Tipo, ele ficou passando a mão nela.

Shadow respondera algo banal, como “Pode crer”, e não tocara mais no assunto. Algo que havia aprendido bem no começo foi que cada um cumpre a própria pena na cadeia. Não é para cumprir a de mais ninguém.

Fique na sua. Cumpra a própria pena.

Lyesmith tinha lhe emprestado uma edição maltratada de *Histórias*, de Heródoto, alguns meses antes.

— Não é chato. É legal — comentou, quando Shadow alegou que não lia livros. — Leia antes e depois me diga se não é bom.

Shadow tinha torcido o nariz, mas começou a ler mesmo assim e, quando viu, não conseguia mais parar.

— Gregos — disse Iceman, com desdém. — E aquilo que falam deles também

não é verdade. Tentei comer o rabo da minha namorada, e ela só faltou arrancar meus olhos.

Um dia, sem aviso, Lyesmith foi transferido. Ele deixou para Shadow o exemplar de Heródoto e um punhado de moedas de verdade escondidas entre as páginas: duas de vinte e cinco centavos, uma de um e uma de cinco. Moedas eram proibidas: dava para afiar as bordas com uma pedra e usar para cortar a cara de alguém no meio de uma briga. Shadow não queria uma arma; queria apenas alguma coisa para ocupar suas mãos.

Shadow não era supersticioso. Não acreditava em nada que não pudesse ver. Ainda assim, pressentia um desastre pairando sobre a cadeia naquelas últimas semanas, prenúncio que também sentira nos dias anteriores ao assalto. Estava com uma sensação de vazio no estômago e disse para si mesmo que era só medo de voltar para o mundo lá fora. Mas não tinha certeza. Andava mais paranoico do que o normal — e, na cadeia, o normal já indicava excesso, e a paranoia é fundamental para a sobrevivência. Shadow ficou mais calado, mais sombrio do que nunca. Começou a prestar atenção na linguagem corporal dos guardas e dos outros detentos, em busca de qualquer indício da coisa ruim que ia acontecer, porque ele tinha certeza de que algo ruim ia acontecer.

Um mês antes da data prevista para sua liberação, Shadow estava sentado em uma sala fria, de frente para um homem baixo com uma marca de nascença avermelhada na testa. O homem estava com a ficha de Shadow aberta na mesa. A caneta em sua mão estava com a ponta bem mastigada.

— Está com frio, Shadow?

— Sim — respondeu ele. — Um pouco.

O homem deu de ombros.

— O sistema é assim. Só ligam as fornalhas no primeiro dia de dezembro. E desligam em primeiro de março. Não sou eu quem cria as regras.

Concluídas as amenidades, ele passou o dedo pela folha de papel na pasta.

— Você tem trinta e dois anos?

— Sim, senhor.

— Parece mais jovem.

— Eu me cuido.

— Aqui diz que você é um detento exemplar.

— Aprendi minha lição, senhor.

— Aprendeu? Aprendeu mesmo?

Ele examinou Shadow com atenção, e a marca de nascença na testa desceu um pouco. Shadow pensou em contar ao homem algumas de suas teorias sobre a cadeia, mas não falou nada. Só assentiu e se esforçou para demonstrar um tom adequado de remorso.

— Aqui diz que você tem uma esposa.

— Ela se chama Laura.

— Como estão as coisas com ela?

— Ótimas. Ela ficou um pouco brava comigo quando fui preso. Mas vinha me visitar sempre que dava... é longe. A gente troca cartas, e eu telefono quando dá.

— O que sua esposa faz?

— É agente de viagens. Manda as pessoas para o mundo inteiro.

— Como vocês se conheceram?

Shadow não sabia por que o homem tinha perguntado aquilo. Pensou em responder que não era da conta dele, mas disse:

— Ela era a melhor amiga da esposa do meu melhor amigo. Eles marcaram um encontro às cegas pra gente. Nós nos demos bem.

— E você vai ter um emprego quando sair daqui?

— Sim, senhor. Meu amigo, Robbie, esse que eu acabei de mencionar, ele é dono da Muscle Farm, a academia em que eu trabalhava. Ele falou que está segurando a vaga para mim.

Uma sobrancelha se arqueou.

— É mesmo?

— Falou que acha que vai atrair bastante gente. O pessoal das antigas, que me conhecia, e o pessoal forte que quer pegar pesado na malhação.

O homem pareceu satisfeito. Ele mordeu a ponta da caneta e virou a folha de papel.

— O que você pensa sobre seu crime?

Shadow deu de ombros.

— Foi idiotice — respondeu, com sinceridade.

O homem com a marca de nascença suspirou. Riscou alguns itens de uma lista. Depois, folheou os papéis da pasta de Shadow.

— Como vai voltar para casa quando sair? De ônibus?

— Avião. Isso que dá ser casado com uma agente de viagens.

O homem franziu a testa, e a marca de nascença ficou enrugada.

— Ela mandou uma passagem?

— Não precisou. Só mandou um código de confirmação. Bilhete eletrônico. Só preciso chegar ao aeroporto daqui a um mês e mostrar minha identidade, aí vou embora.

O homem assentiu, rabiscou uma última anotação, fechou a pasta e pôs a caneta na mesa. Duas mãos brancas repousaram na mesa cinza, parecendo animais rosados. Ele aproximou as mãos, juntou a ponta dos indicadores e encarou Shadow com olhos castanhos marejados.

— Você tem sorte. Tem alguém para quem voltar, tem um trabalho à sua

espera. Vai poder superar tudo isso aqui. Ganhou uma segunda chance. Não a desperdice.

O homem não estendeu a mão para se despedir de Shadow quando se levantou para sair, nem Shadow esperava que ele o fizesse.

A última semana foi a pior. Em alguns aspectos, foi pior do que todos os três anos juntos. Shadow se perguntou se era por causa do clima: pesado, inerte e frio. A sensação era de que havia uma tempestade a caminho, mas ela nunca chegava. Estava tenso e ansioso, com um forte pressentimento de que havia algo muito errado. No pátio de exercícios, o vento soprava com força. Shadow achou que dava para sentir o cheiro de neve no ar.

Ligou a cobrar para a esposa. Shadow sabia que as empresas telefônicas tascavam uma tarifa extra de três dólares em todas as ligações feitas de dentro de uma penitenciária. Concluiu que era por isso que os telefonistas sempre tratavam os detentos com tanta educação: sabiam que eram eles que pagavam seus salários.

— Tem alguma coisa estranha — comentou com Laura.

Essa não foi a primeira coisa que ele disse. A primeira foi “Amo você”, porque é bom falar isso quando é verdade, e, para Shadow, era.

— Oi — disse Laura. — Também amo você. Que coisa?

— Não sei — respondeu ele. — Talvez o clima. Parece que tudo só vai melhorar se cair logo um temporal.

— Aqui está agradável — disse ela. — As últimas folhas ainda não se soltaram das árvores. Se não cair uma tempestade, você vai podervê-las quando voltar para casa.

— Cinco dias — disse Shadow.

— Cento e vinte horas, e aí você vem para casa — concordou ela.

— Está tudo bem? Nada de errado?

— Tudo tranquilo. Vou ver Robbie hoje à noite. Estamos preparando sua festa surpresa de boas-vindas.

— Festa surpresa?

— Claro. Você não está sabendo de nada, não é?

— Nadinha de nada.

— Esse é o meu marido.

Shadow se deu conta de que estava sorrindo. Já fazia três anos que estava ali, mas ela ainda conseguia fazê-lo sorrir.

— Amo você, gata.

— Amo você, fofo.

Shadow desligou.

Quando eles se casaram, Laura falou para Shadow que queria um cachorro

fofinho, mas o senhorio do prédio tinha avisado que o contrato de aluguel não permitia animais de estimação.

“Ei”, disse Shadow, “eu vou ser seu cachorro fofinho. O que você quer que eu faça? Roa seu chinelo? Mije no chão da cozinha? Lamba seu nariz? Cheire sua virilha? Aposto que posso fazer tudo que um cachorrinho faz!”

Ele a pegou nos braços como se Laura não pesasse nada e começou a lamber o nariz dela enquanto ela ria e gritava, e em seguida a levou para a cama.

No refeitório, Sam Fetisher se aproximou e abriu um sorriso, mostrando os dentes amarelados. Ele se sentou ao lado de Shadow e começou a comer o macarrão com queijo.

— A gente precisa conversar — disse Sam Fetisher.

Sam Fetisher era um dos homens mais negros que Shadow já vira. Podia ter uns sessenta anos. Ou podia ter uns oitenta. Por outro lado, Shadow já conhecera viciados de trinta anos que pareciam mais velhos do que Sam Fetisher.

— Hã? — disse Shadow.

— Vem uma tempestade por aí — declarou Sam.

— Também acho — concordou Shadow. — Em pouco tempo deve começar a nevar.

— Não esse tipo de tempestade. Estou falando de tempestades maiores do que isso. Acredite em mim, garoto, é melhor você estar aqui dentro do que lá na rua, quando essa tempestade chegar.

— Cumpri minha pena — disse Shadow. — Sexta-feira eu vou embora.

Sam Fetisher o encarou.

— Você é de onde?

— Eagle Point. Indiana.

— Seu mentiroso de merda — retrucou Sam Fetisher. — Estou falando da sua origem de verdade. De onde são seus velhos?

— Chicago — disse Shadow.

Sua mãe havia morado em Chicago quando criança, e fora ali que morrera, fazia séculos.

— Já disse. Vem tempestade grande por aí. Fique na sua, garoto. É como... como é que chamam aquelas coisas em que os continentes ficam deslizando? Um tipo de placa?

— Placas tectônicas? — arriscou Shadow.

— Isso. Placas tectônicas. Quando elas se movem, quando a América do Norte desliza para dentro da América do Sul, é bom não estar no meio. Sacou?

— Nem um pouco.

Um olho castanho se fechou devagar.

— Raios, não vá dizer que eu não avisei — disse Sam Fetisher, e enfiou uma

colherada trêmula de gelatina laranja na boca.

Shadow passou a noite praticamente em claro, dormindo e acordando várias vezes, ouvindo o novo companheiro de cela resmungar e roncar na cama de baixo do beliche. A algumas celas de distância, um homem gemia, uivava e soluçava feito um animal, e de vez em quando alguém gritava para ele calar a porra da boca. Shadow tentou não escutar. Deixou os minutos vazios escorrerem, solitários, um a um.

Mais dois dias. Quarenta e oito horas, que começaram com mingau de aveia e café e um guarda chamado Wilson dando uma batida mais forte do que o necessário em seu ombro e dizendo:

— Shadow? Vem cá.

Shadow examinou sua consciência. Estava tranquila, embora tivesse descoberto que, na cadeia, isso não significava que não estava em apuros. Os dois homens caminharam mais ou menos um ao lado do outro, os passos ecoando no metal e no concreto.

Shadow sentiu um gosto de medo no fundo da garganta, amargo como café velho. A coisa ruim estava acontecendo...

Uma voz dentro de sua cabeça sussurrava que iam acrescentar mais um ano à sua pena, que iam enfiá-lo na solitária, que iam cortar suas mãos, que iam cortar sua cabeça. Ele disse a si mesmo que tudo isso era idiotice, mas seu coração martelava com força, quase a ponto de arrebentar o peito.

— Não entendo você, Shadow — falou Wilson, enquanto caminhavam.

— Não entende o quê, senhor?

— Você. Você é quieto pra cacete. Educado demais. Você é paciente que nem os caras velhos, mas tem o quê? Vinte e cinco? Vinte e oito?

— Trinta e dois, senhor.

— E você é o quê? Cucaracho? Cigano?

— Não que eu saiba, senhor. Talvez.

— Vai ver tem sangue de preto. Você tem sangue de preto, Shadow?

— Pode ser, senhor.

Shadow continuou de cabeça erguida e olhando para a frente, concentrando-se para não se deixar perturbar por aquele homem.

— É? Bom, só sei que você me assusta pra cacete. — Wilson tinha cabelo louro-amarelado, um rosto amarelado e um sorriso amarelado. — Vai embora daqui a pouco?

— Espero que sim, senhor.

— Você vai voltar. Dá pra ver nos seus olhos. Você é um merda, Shadow. Agora, se dependesse de mim, nenhum desses babacas iguais a você sairia daqui. Jogava vocês num buraco e esquecia.

Masmorras, pensou Shadow, mas não falou nada. Era assim que sobrevivia: não respondia, não falava nada sobre estabilidade na carreira para os guardas do presídio, nem questionava a natureza do arrependimento, da reabilitação ou os índices de reincidência. Não fazia nenhum comentário divertido ou sagaz e, só para garantir, quando conversava com um agente do presídio, sempre que possível, não falava nada. Só respondia quando lhe perguntavam algo. Cumprir a própria pena. Sair. Voltar para casa. Tomar um banho quente e demorado de banheira. Dizer para Laura que a ama. Recomeçar a vida.

Passaram por algumas guaritas. Wilson mostrou o crachá em todas. Subiram um lance de escada e pararam diante da sala do diretor. Shadow nunca tinha ido ali, mas sabia o que era. O nome do diretor — G. Patterson — estava escrito na porta em letras pretas, e ao lado da porta havia um semáforo em miniatura.

A luz de cima estava vermelha.

Wilson apertou um botão logo abaixo do semáforo.

Ficaram parados ali, em silêncio, por alguns minutos. Shadow tentou se convencer de que estava tudo bem, de que sexta-feira pela manhã estaria no avião a caminho de Eagle Point, mas ele mesmo não acreditava nisso.

A luz vermelha apagou e a verde acendeu, e Wilson abriu a porta. Os dois entraram.

Shadow vira o diretor poucas vezes nos últimos três anos. Em uma das ocasiões, ele tinha passado mostrando as instalações a um político; Shadow não reconheceu o sujeito. Em outra, durante uma operação de confinamento, o diretor tinha falado com os detentos em grupos de cem sobre o fato de o presídio estar superlotado e que, como ia continuar assim, era melhor todo mundo se acostumar. Essa era a primeira vez que Shadow via o homem de perto.

De perto, Patterson parecia pior. O rosto era comprido, e o cabelo grisalho era bem curto, estilo militar. Ele cheirava a desodorante Old Spice. Atrás dele havia uma estante de livros, todos contendo a palavra *prisão* no título; a escrivaninha estava perfeitamente limpa, só com um telefone e um calendário da *Far Side* com folhas destacáveis. Ele usava um aparelho auditivo na orelha direita.

— Por favor, sente-se.

Shadow se sentou, estranhando a civilidade.

Wilson ficou de pé atrás dele.

O diretor abriu uma gaveta da escrivaninha, pegou uma pasta e a colocou sobre a mesa.

— Aqui está escrito que você foi condenado a seis anos por lesão corporal qualificada. Cumpriu três. Estava previsto que você fosse solto na sexta-feira.

Estava? Shadow sentiu o estômago embrulhar. Tentou adivinhar quanto tempo mais teria que cumprir... mais um ano? Dois? Todos os três? Ele só respondeu:

— Sim, senhor.

O diretor umedeceu os lábios.

— O que foi que você disse?

— Eu disse “sim, senhor”.

— Shadow, vamos liberá-lo hoje no fim da tarde. Você vai sair uns dias mais cedo. — O diretor falou isso sem nenhuma alegria, como se estivesse proferindo uma sentença de morte. Shadow assentiu e esperou a pancada. O diretor olhou para a folha de papel à sua frente. — Recebemos isto do Johnson Memorial Hospital de Eagle Point. Sua esposa... Ela morreu nessa madrugada. Acidente de carro. Sinto muito.

Shadow assentiu de novo.

Wilson o acompanhou de volta à cela sem dizer uma palavra. Ele destrancou a porta e deixou Shadow entrar. Então, comentou:

— Parece aquelas piadas do tipo notícia boa e notícia ruim, não é? A notícia boa é que a gente vai soltar você antes da hora, a ruim é que sua esposa morreu.

Ele riu, como se fosse realmente engraçado.

Shadow não falou nada.

Entorpecido, juntou seus pertences e deu vários deles a outras pessoas. Deixou para trás o Heródoto de Low Key e o livro com truques de mágica e, com uma pontada momentânea de angústia, deixou também os discos de metal liso que havia surrupiado da oficina e que, até ganhar as moedas do livro de Low Key, tinham servido para praticar os truques. Ia ver moedas fora da prisão, moedas de verdade. Fez a barba. Vestiu roupas normais. Passou por portas e mais portas, ciente de que nunca mais passaria por elas de novo, com uma sensação de vazio por dentro.

O céu escuro tinha começado a soltar uma pancada de chuva gelada. Pedrinhas de gelo atingiam o rosto de Shadow, e a água encharcou seu casaco fino enquanto ele e os outros prisioneiros liberados partiam do presídio em direção ao ônibus escolar amarelo que os levaria até a cidade mais próxima.

Quando chegaram ao veículo, estavam todos ensopados. Oito homens indo embora, pensou Shadow. Mil e quinhentos continuavam lá dentro. Ele se sentou e tremeu até o aquecedor começar a funcionar, se perguntando o que estava fazendo, para onde iria.

Sem que ele quisesse, sua cabeça ficou cheia de imagens indesejadas. Em sua imaginação, estava saindo de outra prisão, muito tempo antes.

Ficara encarcerado em um sótão escuro por tempo demais: a barba estava

desgrenhada, o cabelo, completamente embolado. Os guardas haviam descido com ele por uma escada de pedra cinza que dava para uma praça repleta de cores, pessoas e objetos. Era dia de feira, e ele ficou atordoado com o barulho e as muitas tonalidades, ofuscado pela luz do sol que banhava a praça, cercado pelo cheiro de maresia e de todas as coisas boas da feira, e a sua esquerda o sol brilhava na água...

O ônibus sacolejou ao parar em um sinal vermelho.

O vento uivava a sua volta, e os limpadores do para-brisa se arrastavam com força de um lado para o outro, transformando a cidade num borrão neon úmido vermelho e amarelo. A tarde estava começando, mas pelo vidro parecia até noite.

— Cacete — disse o homem sentado atrás de Shadow, esfregando o vidro embaçado da janela e olhando para uma silhueta molhada que andava com pressa pela calçada. — Tem mulher lá fora.

Shadow engoliu em seco. Ele se deu conta de que ainda não havia chorado — na verdade, não havia sentido nada. Nenhuma lágrima. Nenhuma dor. Nada.

Ele se pegou pensando em um sujeito chamado Johnnie Larch, seu primeiro companheiro de cela quando entrou na cadeia. O homem contara que uma vez fora liberado depois de passar cinco anos atrás das grades. Tinha cem dólares e uma passagem para Seattle, onde a irmã morava.

Johnnie Larch chegou ao aeroporto e apresentou a passagem para a moça no balcão, e ela pediu para ver a carteira de motorista.

Ele mostrou. Fazia alguns anos que a carteira estava vencida, e ela disse que não servia como documento de identidade. Johnnie disse que podia não servir como carteira de motorista, mas com certeza serviria como identidade, tinha uma foto dele, e os dados, e, droga, quem mais ela achava que ele seria?

A mulher respondeu que agradeceria se ele baixasse o tom de voz.

Johnnie Larch mandou a atendente entregar a porra do cartão de embarque, ou ia se arrepender, e disse que não aceitaria uma falta de respeito daquelas. Não dava para aceitar falta de respeito na cadeia.

Ela apertou um botão, e alguns instantes depois a segurança do aeroporto apareceu e tentou convencer Johnnie Larch a sair do local sem escândalo, e ele se recusou, e houve uma pequena discussão.

Conclusão: Johnnie Larch nunca chegou a ir para Seattle. Passou os dias seguintes nos bares da cidade e, quando os cem dólares acabaram, assaltou um posto de gasolina com uma arma de brinquedo para arrumar dinheiro e continuar bebendo. No fim, foi detido pela polícia por mijar na rua. Não demorou muito para ele voltar à prisão e ter que cumprir o restante da sentença e ainda mais um pouco pelo ocorrido no posto de gasolina.

E a moral da história, de acordo com Johnnie Larch, era a seguinte: não irrite

as pessoas que trabalham nos aeroportos.

— Tem certeza de que não era algo como “certos comportamentos que se mostram adequados em um ambiente específico, como uma cadeia, podem não ser adequados, ou, na verdade, podem ser até nocivos, quando se está fora desse ambiente”? — perguntara Shadow, na época.

— Não, presta atenção no que estou *falando*, cara — disse Johnnie Larch —, não irrite as vadias dos aeroportos.

Shadow abriu um sorriso tímido com a lembrança. Sua carteira de motorista só venceria dali a alguns meses.

— Rodoviária! Todo mundo pra fora!

O edifício fedia a urina e a cerveja velha. Shadow entrou em um táxi e pediu para o motorista levá-lo até o aeroporto. E disse que daria mais cinco dólares se o homem fizesse o trajeto em silêncio. Chegaram em vinte minutos, e o taxista não abriu a boca.

Shadow enfim se viu perambulando pelo terminal iluminado do aeroporto. Estava preocupado com a questão do bilhete eletrônico. Sabia que tinha uma passagem para um voo na sexta-feira, mas não sabia se poderia usá-la naquele dia. Para ele, tudo que era eletrônico parecia essencialmente mágico e passível de evaporar a qualquer momento. Gostava de coisas que pudessem ser seguradas e tocadas.

Ainda assim, Shadow estava de posse de sua carteira pela primeira vez em três anos, com um punhado de cartões de crédito vencidos e um Visa que descobriu, com agradável surpresa, que só venceria no final de janeiro. Tinha um código de reserva. E percebeu que sabia com absoluta certeza que, assim que voltasse para casa, de alguma forma, tudo ficaria bem de novo. Laura estaria lá, esperando por ele. Talvez aquilo de soltá-lo alguns dias antes fosse uma pegadinha. Ou talvez tenha sido só uma confusão: o corpo de alguma outra Laura Moon tinha sido retirado dos destroços na estrada.

Shadow viu pelos janelões do aeroporto um relâmpago do lado de fora. Ele se deu conta de que estava prendendo a respiração, esperando por algo. Ouviu o estrondo distante de um trovão. Soltou o ar.

Uma mulher branca com uma expressão cansada olhou para ele do outro lado do balcão.

— Oi — disse Shadow. *Você é a primeira mulher desconhecida com quem falo pessoalmente nos últimos três anos.* — Eu tenho um código de bilhete eletrônico. Ia viajar na sexta-feira, mas preciso ir hoje. Uma pessoa da minha família faleceu.

— Hum. Sinto muito. — Ela digitou no teclado, olhou para a tela, digitou de novo. — Não tem problema. Coloquei você no voo das três e trinta. Talvez

atrase por causa da tempestade, então fique de olho nos telões. Vai despachar bagagem?

Ele mostrou a bolsa no ombro.

— Não preciso despachar isto, né?

— Não — respondeu ela. — Não precisa. O senhor tem algum documento de identidade com foto?

Shadow mostrou a carteira de motorista e prometeu à atendente que não estava carregando uma bomba para dentro do avião. Em troca, ela lhe entregou um cartão de embarque impresso. Depois, ele passou pelo detector de metais enquanto colocavam a bolsa na máquina de raios X.

Não era um aeroporto grande, mas ele ficou impressionado com a quantidade de gente circulando, só circulando. Viu as pessoas apoiarem malas no chão tranquilamente, viu carteiras serem enfiadas em bolsos traseiros, viu bolsas serem colocadas com displicência debaixo de cadeiras. Foi aí que se deu conta de que não estava mais na cadeia.

Trinta minutos até a hora do embarque. Shadow comprou uma fatia de pizza e queimou o lábio com o queijo quente. Pegou o troco e foi até um telefone público. Ligou para Robbie, na Muscle Farm, mas caiu na secretária eletrônica.

— Oi, Robbie — disse Shadow. — Falaram que Laura morreu. Fui solto antes da hora. Estou voltando para casa.

Depois, porque as pessoas às vezes se enganam — já tinha visto isso acontecer antes —, Shadow ligou para casa e ouviu a voz de Laura.

“Oi”, disse ela. “Não estou em casa ou não posso atender no momento. Deixe um recado que retorno a ligação. E tenha um *bom dia*.”

Shadow não conseguiu deixar um recado.

Ele se sentou em uma cadeira de plástico perto do portão de embarque e segurou a bolsa com tanta força que a mão doeu.

Estava pensando na primeira vez em que vira Laura. Nem sabia o nome dela, na época. Era amiga de Audrey Burton. Ele estava sentado com Robbie em uma mesa no Chi-Chi’s, e os dois conversavam sobre alguma coisa, provavelmente sobre a saída de uma das professoras da academia, que ia abrir a própria escola de dança, quando Laura entrou mais ou menos um passo atrás de Audrey, e Shadow não conseguiu tirar os olhos dela. Laura tinha cabelo castanho comprido e olhos tão azuis que ele achou que fossem lentes de contato. Ela havia pedido um daiquiri de morango e insistido para que Shadow provasse, e riu com prazer quando ele provou.

Laura adorava quando as pessoas provavam o que ela provava.

Eles trocaram um beijo de boa-noite naquela noite, e ela tinha gosto de daiquiri de morango, e ele nunca mais quis beijar outra pessoa. Uma mulher

anunciou o começo do embarque do voo, e a fila de Shadow foi a primeira a ser chamada. Ele ficou bem no fundo do avião, ao lado de um assento vazio. A chuva batia sem parar na lateral da aeronave: imaginou crianças pequenas jogando punhados de ervilhas secas do céu.

Quando o avião decolou, ele pegou no sono.

Shadow se encontrava em um lugar escuro, e a coisa que o observava tinha uma cabeça de búfalo peluda e fedida, com olhos úmidos enormes. O corpo era de um homem, ensebado e lustroso.

— Mudanças se aproximam — disse o búfalo, sem mexer os lábios. — Certas decisões precisarão ser tomadas.

Paredes úmidas de uma caverna refletiam a luz de alguma chama.

— Onde estou? — perguntou Shadow.

— Na terra e sob a terra — disse o homem-búfalo. — Você está onde os esquecidos aguardam. — Os olhos da criatura eram como bolas de gude pretas, e a voz era uma trepidação que surgia das profundezas da Terra. Ele tinha cheiro de vaca molhada. — Acredite — disse a voz trepidante. — Para sobreviver, você precisa acreditar.

— Acreditar em quê? — perguntou Shadow. — Em que eu preciso acreditar?

O homem-búfalo olhou para Shadow, e se elevou até as alturas, os olhos se enchendo de fogo. Ele abriu a boca de búfalo salivante, e o interior estava vermelho com as chamas que queimavam dentro dele, sob a terra.

— *Tudo* — rugiu o homem-búfalo.

O mundo se inclinou e girou, e Shadow voltou ao avião, mas a inclinação continuou. Na parte da frente, uma mulher soltou um grito débil.

Relâmpagos irrompiam em clarões intensos em torno da aeronave. O piloto ligou o comunicador para avisar que tentaria subir um pouco para evitar a tempestade.

O avião balançou e tremeu, e Shadow se perguntou, com frieza e indiferença, se iria morrer. Chegou à conclusão de que era possível, mas improvável. Olhou para fora da janela e viu os relâmpagos iluminarem o horizonte.

Depois, cochilou de novo e sonhou que voltara à cadeia, e Low Key tinha sussurrado para ele na fila do refeitório que alguém havia mandado matá-lo, mas que Shadow não tinha como descobrir quem nem por quê. Quando acordou, estavam pousando.

Saiu cambaleando do avião, piscando, sonolento.

Muitos anos antes, percebera que todos os aeroportos são praticamente idênticos. Não importa muito onde seja, é um aeroporto: azulejos e corredores e banheiros, portões e livrarias e lâmpadas fluorescentes. Aquele aeroporto parecia um aeroporto. O problema era que aquele não era o aeroporto onde ele devia

estar. Era um aeroporto grande, com gente demais, portões demais.

As pessoas traziam aquele olhar apagado e exausto que só se vê em aeroportos e presídios. *Se o inferno são os outros, pensou Shadow, o purgatório são os aeroportos.*

— Com licença, senhora?

A mulher tirou os olhos da prancheta e os voltou para ele.

— Sim?

— Que aeroporto é este?

Ela o encarou, confusa, tentando decidir se ele estava brincando ou não.

— St. Louis — respondeu.

— Achei que esse voo fosse para Eagle Point.

— Era. Ele foi desviado para cá por causa da tempestade. Não avisaram no avião?

— Provavelmente. Eu estava dormindo.

— Você tem que falar com aquele homem ali, de paletó vermelho.

O homem era quase da mesma altura de Shadow: parecia o pai de família de um seriado de comédia dos anos 1970. Ele digitou algo num computador e disse para Shadow correr — *corra!* — até o portão do outro lado do terminal.

Ele correu pelo aeroporto, mas o embarque já havia sido encerrado quando alcançou o portão. Viu o avião se afastar pelo vidro. Depois, explicou o problema à atendente no portão (com um tom calmo, tranquilo e educado), e ela o encaminhou a um balcão de atendimento a passageiros, onde Shadow explicou que estava tentando voltar para casa após um longo período ausente e que sua esposa tinha acabado de falecer em um acidente de carro, e que era extremamente importante que ele fosse para casa *agora*. Não falou nada sobre a cadeia.

A mulher no balcão de atendimento (baixa e morena, com uma verruga na lateral do nariz) consultou outra funcionária e ligou para alguém (“Não, esse voo não dá. Acabou de ser cancelado”), e por fim imprimiu outro cartão de embarque.

— Leve isto até o portão de embarque. Vamos avisar que você está a caminho.

Shadow teve a sensação de ser uma bolinha no truque dos três copos, ou uma carta no meio de um baralho. Mais uma vez correu pelo aeroporto, e acabou quase no mesmo lugar de onde tinha saído.

No portão, um homem baixinho olhou para o cartão de embarque que ele trazia.

— Estábamos esperando o senhor — comentou o sujeito, destacando o canhoto do cartão de embarque, que indicava o assento de Shadow: 17-D. Ele entrou às pressas no avião, e fecharam a porta logo em seguida.

Passou pela primeira classe — havia apenas quatro assentos na área, e três estavam ocupados. O homem barbudo de terno claro ao lado do assento vago sorriu para Shadow quando ele entrou, depois esticou o braço e deu batidinhas no relógio.

Sei, sei, estou fazendo você se atrasar, pensou Shadow. Tomara que essa seja a pior das suas preocupações.

Conforme avançava até o fundo, foi percebendo que o avião estava bem cheio. Na verdade, Shadow logo se deu conta de que estava completamente lotado, e havia uma mulher de meia-idade sentada no 17-D. Shadow lhe mostrou o canhoto do cartão de embarque, e a mulher mostrou o dela: eram iguais.

— O senhor poderia se sentar, por favor? — solicitou a comissária de bordo.

— Não — respondeu —, acho que não. Essa senhora está no meu lugar.

A comissária estalou a língua e conferiu os cartões de embarque. Depois, levou Shadow de volta até o começo do avião e lhe indicou o assento vago na primeira classe.

— Parece que é seu dia de sorte — comentou ela.

Shadow se sentou.

— Gostaria de alguma bebida, senhor? — perguntou a comissária. — Temos algum tempo antes da decolagem, e imagino que o senhor precise, depois de toda essa situação.

— Eu aceito uma cerveja, por favor — disse Shadow. — A que vocês tiverem. A comissária foi embora.

O homem de terno claro no assento ao lado de Shadow estendeu novamente o braço e bateu no relógio com a unha. Era um Rolex preto.

— Você está atrasado — disse o homem, abrindo um sorriso enorme que não transmitia simpatia nenhuma.

— Como?

— Eu disse que você está atrasado.

A comissária entregou a Shadow o copo de cerveja. Ele tomou um gole. Por um instante, se perguntou se o homem a seu lado não batia muito bem da cabeça, mas então concluiu que ele devia estar se referindo ao avião, que ainda não havia decolado.

— Sinto muito por ter feito você esperar — disse Shadow, educadamente. — Está com pressa?

O avião começou a se preparar para a decolagem. A comissária voltou e apanhou o copo de Shadow, ainda com cerveja. O homem de terno claro sorriu para ela e disse:

— Não se preocupe, vou segurar este copo bem firme.

A comissária deixou que o homem de terno ficasse com o copo de Jack

Daniel's, embora tenha protestado, sem muito entusiasmo, que era uma violação das normas da companhia. ("Permita que eu avalie se é o caso, minha querida.")

— O tempo definitivamente urge — disse o homem. — Mas, não, não estou com pressa. Estava apenas preocupado com a possibilidade de que você não conseguisse embarcar.

— Muita gentileza sua.

O avião ainda estava parado na pista, inquieto, com as turbinas pulsando, ansioso para decolar.

— Gentileza o cacete — disse o homem de terno claro. — Tenho um trabalho para você, Shadow.

As turbinas rugiram. O pequeno avião deu um tranco para a frente e começou a decolar, pressionando o corpo de Shadow contra o assento. Depois de um tempo, estavam no ar, e as luzes do aeroporto começaram a sumir embaixo deles. Shadow olhou para o homem a seu lado.

O cabelo era de um ruivo meio grisalho; a barba, por fazer, era de um grisalho meio ruivo. Era mais baixo do que Shadow, mas parecia ocupar muito espaço. Um rosto enrugado e quadrado, com olhos cinza-claros. O terno parecia caro e tinha cor de sorvete de baunilha derretido. A gravata era de seda cinza-escura, e o prendedor era uma árvore de prata: tronco, galhos, raízes profundas.

O homem ficou com o copo de Jack Daniel's na mão durante a decolagem e não derramou uma gota sequer.

— Você não vai me perguntar qual é o trabalho?

— Como sabe meu nome?

O homem deu uma risada.

— Ah, é a coisa mais fácil do mundo saber como as pessoas se chamam. Um pouco de raciocínio, um pouco de sorte, um pouco de memória. Pergunte qual é o trabalho.

— Não — disse Shadow.

A comissária trouxe outro copo de cerveja, e ele tomou um gole.

— Por que não?

— Estou indo para casa. Tenho um trabalho à minha espera por lá. Não quero nenhum outro.

O sorriso enrugado do homem continuou o mesmo, mas ele agora parecia realmente achar graça.

— Você não tem nenhum trabalho à sua espera em casa — disse o homem. — Não tem nada à sua espera lá. Por outro lado, estou lhe oferecendo um trabalho perfeitamente lícito: paga bem, segurança limitada, benefícios indiretos consideráveis. Ora, se você viver o bastante, posso incluir até um plano de aposentadoria. Acha que gostaria de um desses?

— Você deve ter visto meu nome no cartão de embarque — sugeriu Shadow.
— Ou na lateral da minha bolsa.

O homem não respondeu.

— Quem quer que você seja — disse Shadow —, seria impossível saber que eu estaria neste avião. Nem eu sabia que estaria aqui, e, se meu voo não tivesse sido desviado para St. Louis, não estaria mesmo. Acho que você é desses que gostam de fazer pegadinhas. Talvez esteja tentando aplicar um golpe. Mas acho que vai ser melhor para nós dois encerrarmos essa conversa agora.

O homem deu de ombros.

Shadow pegou a revista da companhia aérea. O avião sacudia no céu, e era difícil se concentrar. As palavras flutuavam pela mente como bolhas de sabão; existiam quando ele as lia e desapareciam logo em seguida.

O homem continuou no assento ao lado dele, tomando seu Jack Daniel's. Estava de olhos fechados.

Shadow leu a lista de canais de música disponíveis para voos internacionais e deu uma olhada no mapa-mundi, cujas linhas vermelhas indicavam onde a companhia aérea operava. Finalmente terminou a leitura e, com relutância, fechou a revista e a devolveu ao compartimento ao lado.

O homem abriu os olhos. Shadow achou que havia algo estranho neles. Um era de um tom de cinza mais escuro que o outro. Ele se virou para Shadow.

— Aliás, lamento por sua esposa. Uma perda terrível.

Shadow quase bateu no homem. Mas respirou fundo. (“Como eu disse, não irrite as vadias dos aeroportos”, lembrou Johnnie Larch, num recanto de sua mente, “ou você vai ser arrastado de volta pra cá antes de ter o gostinho da liberdade.”) Contou até cinco.

— Também acho — disse Shadow.

O homem balançou a cabeça.

— Não era para ter sido assim... — comentou, suspirando.

— Ela morreu em um acidente de carro — retrucou Shadow. — Foi rápido. Há formas piores de morrer.

O homem balançou a cabeça devagar. Por um instante, Shadow teve a impressão de que ele não existia; como se, de repente, o avião tivesse se tornado mais real, enquanto seu vizinho tivesse se tornado menos.

— Shadow — recomeçou o homem. — Não é pegadinha. Não é um golpe. Eu posso pagar melhor do que qualquer outro emprego que você encontrar. Você é um ex-presidiário. Não vai ter uma fila de gente brigando para contratá-lo.

— Senhor Qualquer-que-seja-a-porra-do-seu-nome — disse Shadow, alto o bastante para ser ouvido acima do barulho das turbinas —, não tem dinheiro nenhum no mundo que me faça trabalhar para você.

O sorriso aumentou. Shadow de repente se lembrou de um programa educativo que vira na adolescência sobre chimpanzés. O narrador explicou que, quando macacos e chimpanzés sorriem, é para expor os dentes em uma careta de ódio, agressão ou terror. Quando um chimpanzé sorri, é uma ameaça. O sorriso do homem era um desses.

— Claro que tem. E também tem bônus. Se você trabalhar para mim, eu vou lhe contar coisas. Pode ser um pouco arriscado, óbvio, mas, se sobreviver, poderá ter tudo o que seu coração desejar. Você poderia ser o próximo rei dos Estados Unidos. Agora, me diga, quem mais pagaria tão bem? Hein?

— Quem é você? — perguntou Shadow.

— Ah, sim. A era da informação... Mocinha, você poderia me servir mais um copo de Jack Daniel's? Com menos gelo, se possível. Não, claro, nunca houve nenhuma outra era. Informação e conhecimento: moedas que nunca saíram de circulação.

— Eu perguntei: quem é você?

— Vejamos. Bom, considerando que hoje certamente é o meu dia, que tal você me chamar de Wednesday? Senhor Wednesday. Se bem que, com esse tempo lá fora, bem podia ser Thursday, né?

— Qual é seu nome de verdade?

— Trabalhe para mim por tempo suficiente e bem o suficiente — assegurou o homem de terno clara —, e talvez eu até lhe diga. Pronto. Proposta de emprego. Pense no assunto. Ninguém espera que você aceite imediatamente, sem saber se está se jogando num tanque cheio de piranhas ou num fosso cheio de ursos. Pense com calma.

Ele fechou os olhos e se recostou no assento.

— Acho que não — disse Shadow. — Não gosto de você. Não quero trabalhar com você.

— Como eu disse — respondeu o homem, sem abrir os olhos —, não se afobe. Pense com calma.

O avião aterrissou com um solavanco, e alguns passageiros foram jogados para a frente. Shadow olhou para fora da janela: era um aeroporto pequeno no meio do nada, e ainda faltavam dois aeroportos pequenos até chegar a Eagle Point. Shadow dirigiu o olhar para o homem de terno clara. Sr. Wednesday? Ele parecia estar dormindo.

Shadow se levantou, pegou a bolsa e saiu do avião. Desceu a escada até a pista úmida e escorregadia e caminhou tranquilamente na direção das luzes do terminal. Uma chuva fina salpicava seu rosto.

Antes de entrar no aeroporto, ele parou, deu meia-volta e aguardou. Ninguém mais saiu do avião. A equipe de solo retirou a escada, a porta se fechou, e o

avião voltou para a pista. Shadow ficou observando até a aeronave decolar e entrou no aeroporto. Foi até o balcão da Budget, a única locadora de carros aberta, e, ao chegar ao estacionamento, constatou que o único veículo disponível era um Toyota vermelho pequeno.

Shadow abriu sobre o banco do carona o mapa que tinha recebido. Eagle Point ficava a uns quatrocentos quilômetros de distância, e teria que passar por rodovias na maior parte do trajeto. Fazia três anos que ele não dirigia.

Não chovia mais, se é que as tempestades haviam chegado até ali. O tempo estava limpo, e fazia frio. As nuvens deslizavam por cima da lua, e por um instante Shadow se perguntou se o que estava se movendo eram as nuvens ou a lua.

Dirigi para o norte durante uma hora e meia.

Estava ficando tarde. Ele estava com fome e, quando se deu conta do tamanho da fome, pegou a saída seguinte e entrou na cidade de Nottamun (1301 hab.). Abasteceu o carro no posto Amoco e perguntou à mulher entediada no caixa onde ficava o melhor bar da região — um lugar onde ele pudesse arranjar algo para comer.

— Jack's Crocodile Bar — respondeu ela. — Vá pela estrada N no sentido oeste.

— Crocodile Bar?

— É. Jack diz que dá personalidade. — Ela rabiscou um mapa no verso de um panfleto lilás, que anunciava um churrasco para arrecadar dinheiro para uma menina que precisava de um transplante de rim. — Ele tem uns crocodilos, uma cobra, um daqueles lagartos grandes.

— Uma iguana?

— Isso aí.

Ele atravessou a cidade, cruzou uma ponte, seguiu por alguns quilômetros e parou diante de um edifício térreo retangular com um letreiro luminoso da Pabst e uma máquina de Coca-Cola do lado da porta.

O estacionamento estava meio vazio. Shadow estacionou o Toyota vermelho e entrou.

O ar estava cheio de fumaça, e o jukebox tocava “Walkin' After Midnight”. Shadow procurou os crocodilos, mas não viu nenhum. Ficou se perguntando se a mulher no posto de gasolina estava debochando dele.

— O que vai ser? — perguntou o barman.

— Você é o Jack?

— Hoje é a folga dele. Eu sou Paul.

— Oi, Paul. Uma cerveja da casa e um hambúrguer completo. Sem batata frita.

— Quer uma tigela de chili de entrada? É o melhor chili do estado.

— Pode ser. Onde é o banheiro?

O homem apontou para o canto do bar. Havia uma cabeça de jacaré empalhada pendurada numa porta. Shadow entrou.

Era um banheiro limpo e bem iluminado. Shadow deu uma olhada no lugar antes, por força do hábito. (“Não esqueça que não dá para revidar no meio de uma mijada”, disse Low Key, discreto como sempre, de um recanto de sua mente.) Foi até o mictório da esquerda. Abriu o zíper e mijou por uma eternidade, relaxando, aliviando-se. Leu o recorte de jornal amarelado colocado na altura dos olhos, com uma foto de Jack e dois jacarés.

Um grunhido educado soou no mictório a sua direita, embora Shadow não tivesse ouvido ninguém entrar no banheiro.

O homem de terno claro era mais alto de pé do que parecia quando estava sentado no avião a seu lado. Era quase da mesma altura de Shadow, e Shadow era grande. O homem olhava para a frente. Terminou de mijar, deu uma balançada e fechou o zíper.

Depois, sorriu, como uma hiena comendo carcaça.

— Então — disse o sr. Wednesday. — Você já teve tempo para pensar, Shadow. Quer o trabalho?

ALGUM LUGAR NOS ESTADOS UNIDOS

Los Angeles. 23h26

EM UM QUARTO vermelho-escuro — a cor das paredes parece fígado cru —, há uma mulher alta vestida de forma caricata, com um short de seda apertado e uma blusa amarela que deixa seus peitos empinados. O cabelo preto está enrolado e preso no alto da cabeça.

Ao lado da mulher, há um homem baixo de camiseta verde-oliva e uma calça jeans cara. Na mão direita, ele segura uma carteira e um celular Nokia com capa vermelha, branca e azul.

O quarto vermelho contém uma cama coberta por lençóis brancos de cetim e uma colcha vermelha como sangue de vaca. No pé da cama, em uma mesinha de madeira, repousam um castiçal e uma estatua de pedra de uma mulher de quadris enormes.

A mulher entrega ao homem uma vela vermelha pequena.

— Aqui — diz. — Acenda.

— Eu?

— Sim — responde a mulher —, se quiser me possuir.

— Eu devia ter mandado você me chupar lá no carro.

— Talvez. Você não me quer?

A mão dela desliza da coxa até o seio, um gesto de apresentação, como se estivesse demonstrando um produto novo.

Lenços de seda vermelha cobrindo o abajur no canto do quarto deixam a luz dessa mesma cor.

O homem a observa com um olhar voraz, pega a vela de sua mão e a encaixa no castiçal.

— Tem fogo?

A mulher lhe entrega uma cartela de fósforos. O homem raspa um fósforo e acende o pavio da vela: a chama estremece e se estabiliza, criando uma ilusão de movimento na estátua sem rosto ao lado dela, só quadris e seios.

— Ponha o dinheiro embaixo da estátua.

— Cinquenta pratas.

— Sim.

— Quando eu a vi, na Sunset, quase achei que você fosse um homem.

— Mas eu tenho isto aqui — responde a mulher, desamarrando a blusa amarela, libertando os seios.

— Hoje em dia, muitos caras também têm.

Ela se estira na cama e sorri.

— Sim. Agora, venha me amar.

O homem abre o botão da calça jeans e tira a camiseta verde-oliva. Ela massageia os ombros brancos dele com seus dedos morenos; em seguida, o vira para si e começa a fazer amor com ele, usando as mãos, os dedos, a língua.

O homem tem a impressão de que as luzes no quarto ficaram mais fracas e que a única fonte de iluminação é a vela, que arde com uma chama forte.

— Qual é o seu nome? — pergunta ele.

— Bilquis — responde a mulher, levantando a cabeça. — Com Q.

— Hein?

— Deixa pra lá.

Ele começa a arfar.

— Quero comer você — diz o homem. — Preciso comer você.

— Claro, meu bem. Vamos lá. Mas você pode fazer algo para mim, enquanto estiver me comendo?

— Ei — reclama ele, com uma irritação súbita. — Sou *eu* quem está pagando, lembra?

Ela monta nele, num movimento fluido, e sussurra:

— Eu sei, meu bem, eu sei, você está pagando, e, nossa, olhe só para você, eu é que devia estar pagando, sou muito sortuda...

O homem contrai os lábios, tentando mostrar que o papo de prostituta dela não está adiantando nada, que ele não vai cair naquela ladainha, que aquela mulher é uma puta de rua, pelo amor de Deus, enquanto ele é praticamente um *produtor de cinema*, e ele sabe muito bem como funcionam essas gracinhas de última hora, mas ela não pede dinheiro.

— Meu bem — diz a mulher —, enquanto estiver me comendo, enquanto estiver enfiando esse pau enorme e duro em mim, poderia me *idolatrar*?

— Como é que é?

Ela está balançando para a frente e para trás em cima do homem: a cabeça intumescida do pênis roça nos lábios úmidos da vulva.

— Poderia me chamar de deusa? Rezar para mim? Me idolatrar com o seu corpo?

Ele sorri. É só isso o que ela quer?

— Tudo bem.

Afinal de contas, todo mundo tem suas taras. Ela põe a mão entre as pernas e o encaixa dentro de si.

— Assim está bom, minha deusa? — pergunta ele, arfante.

— Me idolatre, meu bem — pede Bilquis, a prostituta.

— Sim — responde o homem —, eu idolatro seus seios, seus olhos, sua boceta. Idolatro suas coxas, seus olhos, seus lábios cor de cereja...

— Sim... — murmura ela, cavalgando o homem tal qual um barco cavalga as ondas em uma tempestade.

— Idolatro seus mamilos, de onde flui o leite da vida. Seu beijo é mel, e seu toque queima como fogo, e eu os idolatro. — As palavras dele assumiram um tom mais ritmado, acompanhando as estocadas e reboladas dos dois corpos. — Ofereça-me sua luxúria pela manhã, e ofereça-me alívio e sua bênção à noite. Permita que eu caminhe ilesa pela escuridão e permita que eu volte para você e durma a seu lado e faça amor com você mais uma vez. Eu a idolatro com todo o meu ser, e com toda a minha mente, com todas as minhas experiências e meus sonhos e meus... — Ele se interrompe, respirando com dificuldade. — ... O que você está *fazendo*? Isso é *incrível*. Tão *incrível*...

Ele olha para baixo, para o ponto em que os dois se juntam, mas o dedo dela encosta em seu queixo e o faz levantar a cabeça de novo, e ele volta a olhar apenas para o rosto dela e para o teto.

— Continue falando, meu bem — pede ela. — Não pare. Não é gostoso?

— É melhor do que tudo o que eu já senti — responde o homem, com sinceridade. — Seus olhos são estrelas, ardendo no, merda, no firmamento, e seus lábios são ondas suaves que lambem a areia, e eu os idolatro.

E ele a penetra com cada vez mais força: sente-se elétrico, como se toda a parte inferior do corpo estivesse sexualmente carregada: priápico, intumescido, exultante.

— Traga-me seu dom — murmura ele, já sem qualquer noção do que está falando —, seu dom verdadeiro, e faça com que eu seja sempre... sempre tão... eu rogo... eu...

E o prazer irrompe em um orgasmo, lançando a mente dele ao esquecimento. Sua cabeça e sua consciência e todo o seu ser transformam-se em um vazio perfeito enquanto ele enfia mais fundo nela, e ainda mais fundo...

Com os olhos fechados, em êxtase, ele se entrega ao momento; então sente um tranco, e parece que ele está pendurado de cabeça para baixo, mas o prazer continua.

Ele abre os olhos.

Pensa, esforçando-se para reencontrar os pensamentos e a razão, nascendo de novo, e se pergunta, sem medo, em um momento de perfeita consciência pós-

coito, se o que está vendo não é uma ilusão.

Eis o que elevê:

Ele está dentro dela até a altura do peito, e, enquanto observa a cena com incredulidade e espanto, a mulher apoia as mãos em seus ombros e aplica uma pressão delicada no corpo.

Ele escorrega mais para dentro.

— Como está fazendo isso comigo? — pergunta ele, ou acha que pergunta, mas talvez esteja só imaginando.

— Você é que está fazendo, meu bem — sussurra a mulher.

O homem sente os lábios da vulva se apertarem em volta de seu tórax e das costas, comprimindo-o e envolvendo-o. Ele se pergunta o que alguém de fora pensaria, ao se deparar com a cena. E se pergunta por que não está com medo. E ele sabe a resposta.

— Eu a idolatrio com meu corpo — sussurra, à medida que ela o empurra para dentro de si. Os grandes lábios cobrem seu rosto, e os olhos mergulham na escuridão.

Ela se espreguiça na cama, como um gato imenso, e boceja.

— Sim. Idolatra.

O celular Nokia toca uma versão aguda e elétrica de “Ode à alegria”. Ela pega o aparelho, aperta uma tecla e o aproxima da orelha.

A barriga está lisa, e a vulva, pequena e fechada. A testa e o buço estão suados, brilhosos.

— Alô? Não, meu bem, ele não está. Ele foi embora.

Ela desliga o telefone antes de se jogar na cama do quarto vermelho-escuro, se espreguiça mais uma vez, fecha os olhos e dorme.

CAPÍTULO

DOIS

Foram co' ela ao cemitério

*Em um Cadillac antigo
Foram co' ela ao cemitério
Mas não a trouxeram consigo.*

Velha cantiga

— TOMEI A LIBERDADE — disse o sr. Wednesday, lavando as mãos no banheiro masculino do Jack's Crocodile Bar — de pedir que levassem meu prato até sua mesa. Afinal, temos muito o que conversar.

— Discordo — retrucou Shadow.

Ele secou as mãos com papel, amassou-o e o jogou no lixo.

— Você precisa de um emprego — declarou Wednesday. — Ninguém contrata ex-presidiários. As pessoas ficam incomodadas com o seu tipo.

— Tenho um emprego à minha espera. Um emprego bom.

— Seria aquele na Muscle Farm?

— Talvez — respondeu Shadow.

— Robbie Burton morreu. Sem ele, a academia vai morrer também.

— Você é um mentiroso.

— Óbvio. E um muito bom. O melhor que você vai conhecer. Mas, lamento, não estou mentindo dessa vez. — Ele enfiou a mão no bolso, pegou um jornal dobrado várias vezes e o entregou a Shadow. — Página sete. Vamos voltar para o bar. Você pode ler na mesa.

Shadow abriu a porta e saiu. O ar estava enevoado por causa da fumaça, e, no jukebox, as Dixie Cups cantavam “Iko Iko”. Ele deu um sorriso ligeiro, lembrando a velha cantiga infantil.

O barman apontou para uma mesa no canto. Em cima dela, havia uma tigela de chili e um hambúrguer de um lado e um bife malpassado com uma porção de batatas fritas do outro.

*Look at my King all dressed in Red,
Iko Iko all day
I bet you five dollars he'll kill you dead.
Jockamo-feena-nay.*

Shadow se acomodou na cadeira e colocou o jornal na mesa.

— Saí da cadeia hoje de manhã — disse. — Esta é minha primeira refeição como um homem livre. Você se incomoda se eu deixar para ver sua página sete depois de comer?

— Nem um pouco.

Shadow comeu o hambúrguer. Era melhor do que os do presídio. O chili era bom, mas, depois de algumas garfadas, ele concluiu que não era o melhor do

estado.

Laura fazia um chili excelente. Usava carne magra, feijão-vermelho, cenoura picada, mais ou menos uma garrafa de cerveja escura e pimenta fresca fatiada. Ela cozinhava o chili por um tempo, acrescentava vinho tinto, sumo de limão e uma pitada de endro fresco e, no fim, colocava um pouco de chili em pó. Shadow havia tentado mais de uma vez decifrar o segredo do chili da esposa: prestava atenção em tudo o que ela fazia, desde o instante em que picava as cebolas e as jogava com azeite na panela. Até havia anotado todas as etapas na devida ordem, ingrediente por ingrediente, e uma vez fizera o prato sozinho num fim de semana em que ela tinha viajado. Estava razoável — definitivamente era comível, e ele o comeu, mas não era o chili de Laura.

A matéria na página sete era a primeira reportagem que Shadow lia sobre a morte da esposa. Foi uma sensação estranha, como se estivesse lendo sobre outra pessoa: Laura Moon, que a reportagem dizia ter vinte e sete anos, e Robbie Burton, trinta e nove, estavam no carro de Robbie numa rodovia interestadual. O veículo deu uma guinada e saiu da faixa, entrando na contramão de frente para uma carreta, que colidiu com a lateral do carro ao tentar desviar. Com o impacto, o veículo de Robbie foi arremessado para fora da estrada, capotando até bater em uma placa e parar de vez.

Os socorristas chegaram à cena em questão de minutos. Tiraram Robbie e Laura dos destroços. Os dois chegaram mortos ao hospital.

Shadow dobrou o jornal e o empurrou pela mesa para Wednesday, que se refestelava com um bife tão sangrento e vermelho que não parecia sequer ter passado pela frigideira.

— Aqui. Tome de volta — disse Shadow.

Robbie estava ao volante. Devia estar bêbado, embora a reportagem não mencionasse nada do gênero. Shadow imaginou o rosto de Laura quando percebeu que Robbie estava bêbado demais para dirigir. Não conseguia parar de imaginar a cena: Laura gritando com o amigo, mandando-o parar no acostamento, o baque do carro contra o caminhão, o volante girando...

...o carro fora da estrada, o vidro quebrado cintilando como gelo e diamantes na frente dos faróis, o acúmulo de sangue como poças de rubi na estrada ao lado deles. Dois corpos, mortos ou prestes a morrer, arrastados para longe dos destroços, dispostos lado a lado no acostamento.

— E aí? — perguntou o sr. Wednesday.

Ele terminara o bife. Cortara-o e o devorara como se estivesse morto de fome. Agora se ocupava das batatas fritas, espetando-as com o garfo.

— Você tem razão. Estou desempregado.

Shadow pegou uma moeda no bolso, coroa para cima. Jogou-a para o alto.

Deu um toque com o polegar na hora em que ela subiu, para dar a impressão de que ela havia girado. Pegou a moeda. Bateu com ela nas costas da outra mão.

— Cara ou coroa?

— Por quê? — perguntou o sr. Wednesday.

— Não quero trabalhar com alguém que tenha menos sorte do que eu. Cara ou coroa?

— Cara.

— Sinto muito — declarou Shadow, revelando a moeda sem nem olhar para ela. — Foi coroa. Eu manipulei a jogada.

— Jogos manipulados são os mais fáceis de vencer — retrucou o sr. Wednesday, apontando um dedo achatado para Shadow. — Dê mais uma olhada na moeda.

Shadow olhou. O lado da cara estava para cima.

— Devo ter errado — comentou, confuso.

— Você se subestima — retrucou Wednesday. Então, sorriu. — Eu só tenho muita sorte, muita mesmo. — Ele ergueu a cabeça. — Quem diria. Mad Sweeney. Gostaria de tomar algo conosco?

— Southern Comfort com Coca-Cola, sem gelo — disse uma voz atrás de Shadow.

— Vou falar com o barman — respondeu Wednesday.

Ele se levantou e foi até o bar.

— Não vai perguntar o que eu quero beber? — perguntou Shadow.

— Eu já sei o que você vai beber.

Ele foi até o bar. Patsy Cline começou a cantar outra vez “Walkin’ After Midnight” no jukebox.

O homem que pedira Southern Comfort com Coca-Cola se sentou ao lado de Shadow. Tinha barba ruiva curta. Usava uma jaqueta jeans cheia de remendos coloridos e, por baixo, uma camiseta branca manchada, com a mensagem:

SE NÃO DER PARA COMER, BEBER,
FUMAR OU CHEIRAR... ENTÃO FODA-SE!

E um boné em que se lia:

A ÚNICA MULHER QUE AMEI ERA ESPOSA
DE OUTRO HOMEM... MINHA MÃE!

Ele abriu um maço de Lucky Strike com o polegar, revelando uma unha bem suja, pegou um cigarro e estendeu o maço para Shadow. Ele estava prestes a

pegar um — não fumava, mas cigarro é bom para escambos — quando se deu conta de que não estava mais preso. Podia comprar cigarros sempre que quisesse. Shadow balançou a cabeça.

— Trabalhando para o nosso cara, é? — perguntou o homem barbado. Ele não estava sóbrio, mas também não estava bêbado ainda.

— Parece que sim — respondeu Shadow.

O homem barbado acendeu o cigarro.

— Eu sou um leprechaun — anunciou.

Shadow não sorriu.

— Sério? Não devia beber uma Guinness, então?

— Estereótipos. Você precisa aprender a rever seus conceitos — disse o homem barbado. — A Irlanda é muito mais do que a Guinness.

— Você não tem sotaque irlandês.

— Eu tô aqui há tempo demais.

— Então você *veio* da Irlanda?

— Já falei. Sou um leprechaun. Da porra de Moscou é que eu não vim.

— Acho que não.

Wednesday voltou à mesa, segurando três copos com as mãos enormes sem a menor dificuldade.

— Southern Comfort com Coca-Cola para você, Mad Sweeney, meu camarada, e um Jack Daniel's para mim. E *isto* é para você, Shadow.

— O que é?

— Prove.

A bebida tinha um tom castanho dourado. Shadow bebeu um gole e sentiu uma mistura curiosa de amargo e doce na língua. Percebeu também o álcool e uma combinação estranha de aromas. O gosto lembrava um pouco a aguardente feita na prisão, destilada em um saco de lixo com frutas podres, pão, açúcar e água, mas aquela bebida era mais suave, mais doce, infinitamente mais estranha.

— Certo — disse Shadow. — Provei. O que é?

— Hidromel — respondeu Wednesday. — Vinho de mel. A bebida dos grandes heróis. A bebida dos deuses.

Hesitante, Shadow deu mais um gole. Sim, dava para sentir o mel, era esse um dos sabores da bebida.

— Parece que foi feito com o líquido de um pote de conserva — comentou ele. — É um vinho de conserva doce.

— Parece que foi feito com o mijo de um diabético bêbado — retrucou Wednesday. — É horrível.

— Então por que me deu para beber? — perguntou Shadow, desconfiado.

Wednesday encarou Shadow, e o ex-prisioneiro percebeu que um olho dele era

diferente do outro. Concluiu que um era de vidro, mas não conseguiu identificar qual.

— Eu trouxe o hidromel para você porque é a tradição. E, neste momento, precisamos do máximo possível de tradição. Ele selo nosso acordo.

— Não fizemos acordo nenhum.

— Claro que fizemos. Você trabalha para mim. Você me protege. Você me ajuda. Você me leva de um lugar a outro. De vez em quando, você investiga... vai a alguns lugares e faz perguntas por mim. Compra suprimentos. Em uma emergência, mas só em uma emergência, você machuca pessoas que precisam ser machucadas. No caso improvável de eu vir a morrer, você prestará tributo a mim. E, em troca, eu tomarei providências para que suas necessidades sejam devidamente atendidas.

— Ele está enrolando você — disse Mad Sweeney, afagando a barba ruiva áspera. — É um pilantra.

— Sou um pilantra mesmo — disse Wednesday. — É por isso que preciso de alguém que cuide de meus interesses.

A música parou de tocar, e por um instante o bar ficou em silêncio, todas as conversas repentinamente em suspenso.

— Uma vez ouvi dizer que esses momentos em que todo mundo cala a boca ao mesmo tempo só acontecem vinte minutos antes ou depois de uma hora redonda — disse Shadow.

Sweeney apontou para o relógio logo acima do bar, preso entre as mandíbulas imensas e indiferentes da cabeça empalhada de um jacaré. Eram 23h20.

— Pois é — disse Shadow. — Vai saber por que isso acontece.

— Eu sei — falou Wednesday.

— Vai compartilhar a informação com o grupo?

— Talvez eu lhe diga um dia. Ou talvez não. Beba seu hidromel.

Shadow virou o restante da bebida em um gole demorado.

— Talvez desça melhor com gelo — disse ele.

— Ou talvez não — respondeu Wednesday. — Esse negócio é horrível.

— Com certeza — concordou Mad Sweeney. — Peço licença aos senhores por um instante, mas tenho uma necessidade intensa e urgente de mijar com toda a calma do mundo.

Ele se levantou e se afastou. Era um homem absurdamente alto. Shadow concluiu que ele devia ter uns dois metros.

Uma garçonete passou um pano na mesa e retirou os pratos vazios. Ela limpou o cinzeiro de Sweeney e perguntou se eles gostariam de pedir mais alguma coisa para beber. Wednesday pediu que ela trouxesse mais uma rodada para todo mundo, mas, dessa vez, o hidromel de Shadow devia vir com gelo.

— Enfim — disse Wednesday —, é isso que eu preciso que você faça, se for trabalhar para mim. E, evidentemente, você vai.

— Isso é o que você quer — respondeu Shadow. — Gostaria de saber o que eu quero?

— Nada me deixaria mais feliz.

A garçonete trouxe a bebida. Shadow experimentou o hidromel com gelo, que não ajudou em nada. Na verdade, realçou o amargor e fez o gosto se demorar na boca. No entanto, para alívio de Shadow, a bebida não parecia especialmente alcoólica. Não estava pronto para se embebedar. Ainda não.

Ele respirou fundo.

— Certo — disse Shadow. — A minha vida, que nos últimos três anos esteve bem longe de ser a melhor do mundo, acabou de sofrer mais uma reviravolta, só que dessa vez mudou para pior. Agora eu preciso fazer algumas coisas. Quero ir ao velório de Laura. Quero me despedir. Depois disso, se você ainda precisar de mim, quero começar ganhando quinhentos dólares por semana. — O valor foi um chute, um número inventado. A expressão de Wednesday não se alterou. — Se continuarmos satisfeitos trabalhando juntos, seis meses depois você aumentará para mil dólares por semana.

Shadow fez uma pausa. Foi o discurso mais longo que ele havia feito nos últimos anos.

— Você mencionou que talvez precise que algumas pessoas sejam machucadas. Bom, eu vou fazer isso se elas estiverem tentando machucá-lo. Mas não vou machucar ninguém por diversão ou por dinheiro. Não vou voltar para a cadeia. Uma vez já foi suficiente.

— Você não vai precisar — respondeu Wednesday.

— Não — disse Shadow. — Não vou.

Ele terminou de beber o hidromel. Perguntou-se se fora o álcool que o deixara mais falante. Mas as palavras saíam dele como água vazando de um hidrante quebrado no verão, e ele não teria conseguido contê-las nem se tivesse tentado.

— Não gosto de você, senhor Wednesday, ou qualquer que seja seu nome de verdade. Não somos amigos. Não sei como você saiu daquele avião sem que eu visse, nem como me seguiu até aqui. Mas estou impressionado. Você tem classe. No momento, estou à deriva. Você precisa saber que, quando nosso acordo terminar, eu vou embora. E, se você me irritar, vou embora também. Até lá, trabalharei para você.

Wednesday sorriu. Shadow concluiu que os sorrisos dele eram estranhos. Não continham nenhum traço de humor, nenhuma felicidade, nenhuma diversão. Wednesday parecia ter aprendido a sorrir seguindo as instruções de um manual.

— Muito bom — disse ele. — Então temos um trato. E estamos de acordo.

— Dane-se — disse Shadow.

Do outro lado do salão, Mad Sweeney colocava moedas no jukebox. Wednesday cuspiu na mão e a estendeu. Shadow deu de ombros. Também cuspiu na própria mão. Então as apertaram. Wednesday começou a apertar a mão de Shadow com mais força. Shadow fez o mesmo. Depois de alguns segundos, a mão dele começou a doer. Wednesday manteve o aperto por mais meio minuto e soltou.

— Bom — disse ele. — Bom. Muito bom. — Ele sorriu, um gesto rápido, e Shadow se perguntou se aquele sorriso era verdadeiro, se havia algum prazer genuíno ali. — Então, um último copo do vil, do terrível hidromel de merda para selarmos o acordo, e com isso encerramos o assunto.

— Para mim vai ser um Southern Comfort com Coca-Cola — disse Sweeney, voltando cambaleante do jukebox.

“Who Loves the Sun?”, do Velvet Underground, ressoou pelo salão. Shadow achou estranho que um jukebox tivesse uma música daquelas. Parecia um tanto improvável. Se bem que aquela noite se tornava cada vez mais improvável.

Shadow pegou na mesa a moeda que ele havia usado para tirar cara ou coroa e desfrutou a sensação da moeda recém-cunhada nos dedos, segurando-a entre o polegar e o indicador da mão direita. Fingiu colocá-la na mão esquerda com um movimento fluido, mas a escondeu discretamente entre a palma e os dedos. Fechou a mão esquerda com a moeda imaginária. Depois, pegou uma segunda moeda com a mão direita, entre o dedo e o polegar, e, fingindo soltar a moeda na mão esquerda, deixou a moeda oculta cair na mão direita, unindo-se à que ele já estava segurando. O barulho criou a ilusão de que ambas estavam em sua mão esquerda, quando na verdade estavam na direita.

— Mágica com moedas, é? — perguntou Sweeney, levantando o queixo e eriçando a barba desgrenhada. — Bem, se vamos fazer mágica com moedas, dá uma olhada nisso aqui.

Ele pegou um copo da mesa, que antes estava cheio de hidromel, e jogou as pedras de gelo no cinzeiro. Em seguida, estendeu a mão e tirou do ar uma moeda grande, dourada e brilhante. Colocou-a no copo. Tirou outra moeda dourada do ar e a soltou no copo, e ela bateu na primeira. Tirou uma moeda da chama de uma vela na parede, outra da barba, uma terceira da mão esquerda vazia de Shadow, e as largou, uma a uma, dentro do copo. Depois, fechou a mão e a apoiou em cima do copo. Assoprou com força, e várias outras moedas douradas caíram de sua mão. Ele virou o copo de moedas grudentas dentro do bolso da jaqueta e, depois, bateu no bolso para mostrar que, sem sombra de dúvida, ele estava vazio.

— Pronto — anunciou. — Isso é que é mágica com moedas.

Shadow, que havia prestado extrema atenção durante a apresentação de improviso, assentiu, impressionado.

— A gente tem que conversar sobre esse truque. Preciso saber como você fez isso.

— Eu fiz — disse Sweeney, com ares de alguém que confidenciava um grande segredo — com pompa e estilo. Foi assim que eu fiz.

Ele riu baixinho, se balançando para a frente e para trás, orgulhoso, exibindo os dentes afastados.

— Pois é — disse Shadow. — Foi assim que você fez. Você precisa me ensinar esse truque. Tudo o que eu já li sobre o Sonho do Avarento diz para esconder as moedas na mão que segura o copo e soltá-las lá dentro na hora em que mostrar e esconder a moeda com a mão direita.

— Isso daí dá muito trabalho — respondeu Mad Sweeney. — É mais fácil tirar as moedas do ar e pronto.

Ele pegou o copo de Southern Comfort com Coca-Cola pela metade, observou-o por um instante e o colocou de volta na mesa.

Wednesday olhou para os dois como se tivesse acabado de descobrir duas espécies novas que ninguém jamais havia imaginado que existiam.

— Hidromel para você, Shadow. Eu vou continuar com o senhor Jack Daniel's, e, para o irlandês folgado...?

— Uma garrafa de cerveja, escura, de preferência — disse Sweeney. — Folgado, é? — Ele pegou o copo com o restante da bebida e o ergueu em um brinde para Wednesday. — Que a tempestade passe por nós e que continuemos fortes e ilesos.

Em seguida, virou o copo.

— Excelente brinde — disse Wednesday. — Mas isso não vai acontecer.

Outro copo de hidromel foi colocado na frente de Shadow.

— Preciso mesmo beber isso? — perguntou ele, sem entusiasmo.

— Receio que sim. Vai selar nosso acordo. No terceiro copo não tem mais volta, não é?

— Merda — disse Shadow.

Ele engoliu o hidromel em duas goladas. A boca ficou tomada pelo sabor de mel em conserva.

— Pronto — disse o sr. Wednesday. — Você é meu homem agora.

— Então — falou Sweeney —, quer saber como é que se faz a mágica?

— Quero — disse Shadow. — Você guarda as moedas na manga?

— Elas nunca nem entraram na minha manga — respondeu Sweeney. Ele deu uma gargalhada, se balançando todo, como se fosse um vulcão barbudo, bêbado e desengonçado prestes a explodir de satisfação com a própria genialidade. — É

a mágica mais simples do mundo. Se você brigar comigo, eu conto.

Shadow balançou a cabeça.

— Tô fora.

— *Essa* é boa — bradou Sweeney para quem quisesse ouvir. — O velho Wednesday arranjou um guarda-costas, e o camarada tem medo até de levantar a mão.

— Não vou brigar com você — repetiu Shadow.

Sweeney oscilava e suava. Ele mexeu na aba do boné. Em seguida, tirou uma de suas moedas do ar e a colocou na mesa.

— Ouro de verdade, para a sua informação — disse ele. — Ganhando ou perdendo, e você vai perder, ela é sua se você brigar comigo. Um cara grandão que nem você... quem diria que seria uma porra de um covarde?

— Ele já falou que não vai brigar com você — disse Wednesday. — Vá embora, Mad Sweeney. Pegue sua cerveja e nos deixe em paz.

Sweeney deu um passo na direção dele.

— Você vai me chamar de folgado, é, sua criatura velha e caquética? Seu velho cínico e insensível! Vai se pendurar numa árvore, vai.

O rosto dele estava ficando vermelho de raiva.

Wednesday levantou as mãos em um gesto de paz.

— Quanta tolice, Sweeney. Cuidado com onde coloca suas palavras.

Sweeney o encarou, furioso. Depois, com a seriedade dos homens muito bêbados, declarou:

— Você contratou um covarde. O que acha que ele faria se eu batesse em você?

Wednesday se virou para Shadow.

— Já cansei disso. Resolva.

Shadow se levantou e ficou frente a frente com Mad Sweeney, perguntando-se qual era a *altura* do sujeito.

— Você está nos incomodando — disse ele. — Está bêbado. Acho que é melhor você ir embora.

Um sorriso começou a aparecer lentamente no rosto de Sweeney.

— Muito bem. O cachorrinho finalmente tá pronto para brigar. Ei, pessoal — gritou ele para o bar —, alguém aqui vai aprender uma lição. Olhem só!

Ele lançou o punho enorme na direção do rosto de Shadow, que recuou um pouco: a mão de Sweeney o acertou logo abaixo do olho direito. Ele viu manchas luminosas se formando à sua frente, e sentiu dor.

E, assim, a briga começou.

Sweeney lutava sem elegância, sem técnica, apenas com puro entusiasmo pela própria briga: imenso, arremessando golpes espalhafatosos que erravam tantas

vezes quanto acertavam.

Shadow lutava de forma defensiva, cuidadosa, bloqueando os golpes de Sweeney ou se esquivando. Estava bastante ciente da plateia a sua volta. Mesas foram afastadas ao som de grunhidos contrariados, abrindo espaço para os dois se encararem. Shadow sentia os olhos atentos de Wednesday o observando, com aquele sorriso frio e apático. Era um teste, é claro, mas de que tipo? Na prisão, Shadow havia aprendido que existiam dois tipos de briga: brigas *não se mete comigo*, em que era preciso fazer o máximo de espetáculo possível, e brigas *de verdade*, que eram pesadas, feias e sempre acabavam em questão de segundos.

— Ei, Sweeney — disse Shadow, sem fôlego —, por que a gente está brigando mesmo?

— Para se divertir — respondeu Sweeney, já sóbrio, ou pelo menos não mais visivelmente bêbado. — Pelo prazer mais puro e profano dessa merda. Não está sentindo o êxtase pulsando nas veias, subindo que nem seiva na primavera?

O lábio dele sangrava. O punho de Shadow também.

— Então, como você fez para tirar as moedas? — perguntou Shadow. Ele deu um passo para trás e virou um pouco o tronco, e um soco destinado a seu rosto acertou o ombro.

— Pra falar a verdade — grunhiu Sweeney —, já expliquei pra você como fiz o truque. Mas o pior cego... ai! Boa!... é aquele que não quer escutar.

Shadow atacou Sweeney, empurrando-o em cima de uma mesa; copos e cinzeiros vazios caíram no chão. Shadow poderia ter acabado com ele ali mesmo. O cara estava indefeso, incapaz de fazer qualquer coisa.

Shadow olhou para Wednesday, que assentiu. Então se voltou para Mad Sweeney.

— Acabamos por aqui? — perguntou.

Mad Sweeney hesitou, e então fez que sim com a cabeça. Shadow baixou os punhos e deu alguns passos para trás. Sweeney, ofegante, se endireitou.

— Nem a pau! — berrou ele. — Só acaba quando eu quiser!

Ele abriu um sorriso e avançou para cima de Shadow. Acabou pisando em uma pedra de gelo que tinha caído no chão, e o sorriso se transformou em uma expressão boquiaberta de desilusão quando os pés escorregaram e ele caiu de costas, batendo ruidosamente com a cabeça no piso.

Shadow se ajoelhou em cima do peito de Mad Sweeney.

— Pela segunda vez, acabamos por aqui?

— É, acabamos, sim — respondeu Sweeney, levantando a cabeça —, pois o êxtase me abandonou, feito a urina de um garotinho na piscina durante um dia quente.

Ele cuspiu o sangue da boca, fechou os olhos e começou a roncar, um ronco

grave e magnífico.

Alguém deu um tapa nas costas de Shadow. Wednesday pôs uma garrafa de cerveja em sua mão.

Era mais gostosa do que o hidromel.

Quando Shadow acordou, estava estirado no banco traseiro de um carro sedã. O sol da manhã ofuscava sua visão, e sua cabeça doía. Ele se sentou meio sem jeito e esfregou os olhos.

Wednesday dirigia, cantarolando algo fora do ritmo. Havia um copo de papel com café no porta-copos. Eles estavam no que parecia uma estrada interestadual, e o piloto automático mantinha uma velocidade de cem por hora. O banco do carona estava vazio.

— Como está se sentindo nesta bela manhã? — perguntou Wednesday, sem se virar para trás.

— O que aconteceu com o meu carro? — perguntou Shadow. — Era alugado.

— Mad Sweeney o devolveu. Foi uma das coisas que vocês combinaram ontem à noite.

— Combinamos?

— Depois da briga.

— Briga? — Shadow tocou o próprio rosto e fez uma careta. É, tinha se envolvido em uma briga. Ele se lembrava de um homem alto com barba ruiva e de uma plateia empolgada que torcia e aplaudia. — Quem ganhou?

— Você não lembra mesmo, né?

Wednesday riu.

— Não muito bem — respondeu Shadow. Algumas conversas da noite anterior começaram a pipocar em sua cabeça, incômodas. — Tem mais desse café aí?

O homem grande enfiou a mão embaixo do banco do carona e passou para trás uma garrafa d'água fechada.

— Aqui. Você vai ficar desidratado. Por ora, isso aí vai ser melhor do que café. Vamos parar no próximo posto para você comer alguma coisa. Você precisa de um banho, também. Está parecendo uma cabra num chiqueiro.

— Um porco num chiqueiro — disse Shadow.

— Cabra — respondeu Wednesday. — Uma cabra imensa e fedorenta, com dentes enormes.

Shadow abriu a garrafa e bebeu. Algo pesado fez um barulho metálico dentro do bolso de sua jaqueta. Ele foi conferir o que era e tirou uma moeda grande de

lá. Era pesada e tinha um tom amarelo-escuro. Estava ligeiramente pega-josa. Shadow a empalmou com a mão direita, uma empalmada clássica, e a fez aparecer entre o dedo médio e o anelar. Fez uma empalmada frontal, segurando a moeda entre o indicador e o mindinho, deixando-a invisível por trás da mão, e passou o dedo médio e o anelar por baixo, girando a moeda e a passando para as costas da mão. Por fim, ele a jogou na mão esquerda e a guardou no bolso.

— Que merda eu bebi ontem à noite? — perguntou Shadow.

As circunstâncias da noite estavam se aglomerando em sua cabeça, sem forma, sem sentido, mas ele sabia que estavam ali dentro.

O sr. Wednesday viu uma placa indicando um posto de gasolina e acelerou.

— Não se lembra?

— Não.

— Você bebeu hidromel — disse Wednesday, abrindo um enorme sorriso.

Hidromel.

Sim.

Shadow se recostou no banco, bebeu mais um pouco da água e permitiu que a noite anterior o inundasse. A maior parte ele lembrou. Algumas partes, não.

No posto, Shadow comprou um kit de higiene pessoal contendo uma gilete, um sachê de creme de barbear, um pente, uma escova de dente descartável e um minitubo de pasta. Em seguida, entrou no banheiro masculino e se olhou no espelho.

Havia um hematoma pouco abaixo de um dos olhos — ele experimentou encostar o dedo bem de leve e descobriu que doía muito —, e o lábio inferior estava inchado. O cabelo era uma bagunça, e ele parecia ter passado a primeira metade da noite brigando e a segunda dormindo, de roupa, no banco traseiro de um carro. Ouvia-se uma melodia aguda ao fundo: levou alguns instantes para reconhecer “Fool on the Hill”, dos Beatles.

Shadow lavou o rosto com o sabão líquido do banheiro, passou o creme no rosto e se barbeou. Molhou o cabelo e o penteou para trás. Escovou os dentes. Por fim, limpou os restos de sabão e pasta de dente do rosto com água morna. Olhou de novo para o espelho: barba feita, mas com olhos ainda vermelhos e inchados. Ele parecia mais velho do que lembrava ser.

Pensou no que Laura diria quando o visse, mas então lembrou que a esposa nunca mais diria nada, e viu, no espelho, o rosto se contrair, mas só por um instante.

Ele saiu.

— Estou com uma cara horrível — disse Shadow.

— Claro que sim — concordou Wednesday.

O homem levou uma variedade de biscoitos e outras besteiras até o caixa. Ia pagar pela comida e pela gasolina, e mudou de ideia duas vezes quanto a usar cartão ou dinheiro, para a irritação da moça que mascava chiclete do outro lado do balcão. Shadow observou Wednesday ficar cada vez mais confuso e constrangido. De repente, ele lhe pareceu muito velho. A moça lhe devolveu o dinheiro e passou a compra no cartão, depois estornou o valor e pegou o dinheiro, depois devolveu o dinheiro e passou outro cartão. Wednesday estava claramente à beira das lágrimas, um senhor idoso desamparado diante da marcha implacável do plástico no mundo moderno.

Shadow deu uma olhada no telefone público: tinha uma placa de QUEBRADO pendurada na frente.

Os dois saíram da loja de conveniência aquecida do posto, e a respiração deles se condensou no ar.

— Quer que eu dirija? — perguntou Shadow.

— Nem pensar — respondeu Wednesday.

A rodovia passava por eles como um borrão: campinas de mato seco nas duas margens da pista com árvores peladas e mortas. Dois pássaros pretos olhavam para eles de cima de um fio de telefone.

— Ei, Wednesday.

— Que foi?

— Pelo que eu vi lá, você não pagou pela gasolina.

— Ah, é?

— Sim. Pelo que vi, a moça é que acabou pagando pelo privilégio da sua presença no posto dela. Acha que ela já percebeu?

— Não, nem nunca vai perceber.

— Você é o quê? Um vigarista fajuto?

Wednesday assentiu.

— É. Acho que sim. Entre outras coisas.

Mudou para a faixa da esquerda para ultrapassar um caminhão. O céu era de um cinza uniforme e triste.

— Vai nevar — disse Shadow.

— Vai.

— Sweeney. Ele chegou a me mostrar como fez aquela mágica com as moedas de ouro?

— Ah, sim.

— Não me lembro.

— Vai lembrar. A noite foi longa.

Alguns flocos de neve salpicaram o para-brisa e derreteram em segundos.

— O corpo da sua esposa está sendo velado na Funerária Wendell — disse Wednesday. — Depois do almoço, vão levá-la até o cemitério para o sepultamento.

— Como é que você sabe?

— Liguei para lá enquanto você estava no banheiro. Você sabe onde fica essa funerária?

Shadow fez que sim. Os flocos de neve rodopiavam e caíam diante deles.

— Essa é a nossa saída — disse Shadow.

O carro saiu da interestadual e passou pelo conjunto de hotéis ao norte de Eagle Point.

Três anos haviam se passado. Sim. O hotel Super-8 não existia mais, tinha sido demolido: em seu lugar, um Wendy's. Mais semáforos, e lojas que ele não conhecia. Dirigiram até o centro da cidade. Shadow pediu que Wednesday fosse mais devagar quando passaram em frente a Muscle Farm. FECHADO POR TEMPO INDETERMINADO, dizia o aviso escrito à mão na porta, ESTAMOS DE LUTO.

Viraram à esquerda. Passaram por um estúdio de tatuagem novo e pelo Centro de Recrutamento das Forças Armadas, pelo Burger King e pela farmácia Olsen, ainda a mesma, até finalmente chegarem à fachada de tijolos amarelos da funerária Wendell. Um letreiro neon anunciava DESCANSO ETERNO. Embaixo do letreiro, na janela, lápides lisas em branco.

Wednesday parou no estacionamento.

— Quer que eu vá junto? — perguntou ele.

— Não.

— Ótimo. — O sorriso se abriu, sem humor. — Vou resolver uns assuntos enquanto você se despede. Vou reservar dois quartos no hotel América. Encontre-me lá quando tiver terminado.

Shadow saiu do carro e o observou partir. Em seguida, entrou no edifício. O corredor mal iluminado cheirava a flores e lustra-móveis, com um toque muito pequeno de formol e podridão. No final encontrava-se a Capela do Descanso.

Shadow então se deu conta de que ainda segurava a moeda de ouro, jogando-a para a frente e para trás, para cima e para baixo, várias vezes. O peso na mão o tranquilizava.

O nome de sua esposa estava escrito em uma folha de papel ao lado da porta, no fim do corredor. Ele entrou na capela. Shadow conhecia a maioria das pessoas lá dentro: a família de Laura, os colegas da agência de viagens, alguns amigos dela.

Todos o reconheceram. Deu para ver no rosto de cada um. Mas não houve nenhum sorriso, nenhuma saudação.

No fundo da capela, havia uma plataforma baixa, com um caixão cor de creme cercado por vários arranjos florais: vermelhos, amarelos, brancos e roxos bem escuros e sangrentos. Ele deu um passo à frente. De onde estava, era possível ver Laura. Shadow não queria se aproximar, mas não se atrevia a se afastar.

Um homem de terno escuro — Shadow imaginou que fosse um funcionário da funerária — apontou para um livro com capa de couro aberto sobre um pequeno suporte.

— Senhor? Gostaria de assinar o livro de condolências e lembranças?

Ele escreveu SHADOW e a data com sua letra cuidadosa e, em seguida, acrescentou (FOFINHO) ao lado, adiando a caminhada até os fundos da capela, onde estavam as pessoas, e o caixão, e a coisa dentro do caixão creme que não era mais Laura.

Uma mulher baixa entrou na capela, mas parou, hesitante. O cabelo era de um ruivo acobreado, e as roupas eram caras e muito pretas. *Vestes de viúva*, pensou Shadow. Ele a conhecia bem: Audrey Burton, a esposa de Robbie.

Audrey segurava um ramo de violetas envolvido por papel prateado na base. Shadow pensou que era o tipo de arranjo que uma criança faria durante as férias de verão. Mas não era época de violetas.

Audrey olhou nos olhos de Shadow, mas não pareceu reconhecê-lo. Ela atravessou a capela e foi até o caixão de Laura. Ele a seguiu.

Laura estava de olhos fechados, com os braços cruzados sobre o peito. Usava um terninho azul conservador que ele não conhecia. O cabelo castanho comprido estava para trás. Era sua Laura, e ao mesmo tempo não era. Shadow percebeu que a postura dela não era natural. Laura sempre tivera um sono agitado.

Audrey colocou o ramo de violetas no caixão. Depois, comprimiu os lábios cor de amora, torceu a boca por um instante e cuspiu, com vontade, no rosto morto de Laura.

O cuspe acertou a bochecha e já começava a escorrer para a orelha.

Audrey se afastou e foi embora. Shadow correu atrás dela.

— Audrey? — chamou ele.

Dessa vez, ela o reconheceu. Shadow se perguntou se ela estava tomando calmantes. A voz parecia distante e apática.

— Shadow? Você fugiu? Ou foi solto?

— Fui solto ontem. Estou livre — respondeu Shadow. — Que merda foi aquela lá dentro?

Ela parou no corredor escuro.

— As violetas? Sempre foram as favoritas de Laura. Nós colhíamos juntas quando éramos pequenas.

— Não falei das violetas.

— Ah, *aquilo* — disse Audrey. Ela limpou um flocos de algo invisível no canto da boca. — Bom, achei que fosse óbvio.

— Não para mim, Audrey.

— Ninguém contou? — Ela falava com uma voz calma, sem emoção. — Sua mulher morreu com o pau do meu marido na boca, Shadow.

Ela se virou e foi para o estacionamento. Shadow a viu ir embora. Voltou para dentro da funerária. Alguém já havia limpado o cuspe.

Nenhuma das pessoas na capela conseguiu encarar Shadow nos olhos. Os que se aproximaram para falar com ele fizeram o mínimo possível, murmuraram condolências constrangidas e evaporaram.

Depois do almoço — Shadow comeu no Burger King —, foi o enterro. O caixão creme de Laura foi sepultado em um cemitério pequeno sem nome nos limites da cidade: um terreno sem cercas, descampado e acidentado, com algumas árvores e cheio de lápides de granito preto e mármore branco.

Ele foi até o cemitério no carro fúnebre da Wendell, junto com a mãe de Laura. A sra. McCabe parecia achar que a morte de Laura tinha sido culpa de Shadow.

— Se você estivesse aqui — disse ela —, isso nunca teria acontecido. Não sei por que ela se casou com você. Eu falei para ela. Falei várias vezes. Mas ninguém dá ouvidos à própria mãe, não é? — Ela parou e olhou mais atentamente para o rosto de Shadow. — Você andou brigando?

— Sim — admitiu ele.

— Seu bárbaro.

Ela ergueu a cabeça, o queixo tremendo, e ficou olhando para a frente.

Para a surpresa de Shadow, Audrey Burton também foi ao enterro, mas ficou mais afastada. A breve cerimônia terminou, e o caixão foi baixado na cova. As pessoas foram embora.

Shadow permaneceu lá. Ficou parado com as mãos no bolso, tremendo, olhando para o buraco no chão.

No alto, o céu estava escuro feito ferro, liso e vazio como um espelho. Continuava nevando, flocos erráticos e fantasmagóricos.

Ele queria dizer algo a Laura e estava disposto a esperar até descobrir o que era. Aos poucos, o mundo começou a perder luz e cor. Os pés de Shadow estavam ficando dormentes, enquanto as mãos e o rosto doíam por causa do frio. Ele enfiou as mãos ainda mais fundo nos bolsos para se aquecer, e os dedos envolveram a moeda de ouro.

Ele se aproximou da cova.

— Isto é para você — disse.

Algumas pás de terra já haviam sido jogadas em cima do caixão, mas ainda faltava um bocado para encher o buraco. Ele jogou a moeda de ouro na cova de Laura e depois um pouco de terra em cima para esconder o objeto da ganância alheia. Limpou a terra das mãos e disse:

— Boa noite, Laura. — Depois de um instante, acrescentou: — Sinto muito.

Ele se virou na direção das luzes da cidade e começou a caminhar de volta a Eagle Point.

O hotel ficava a uns três quilômetros de distância, mas, depois de anos preso, ele estava gostando da ideia de que podia andar o quanto quisesse, para sempre, se necessário. Podia continuar rumo ao norte e acabar no Alasca ou ir para o sul, até o México e além. Podia ir andando até a Patagônia, ou *Tierra del Fuego*. A Terra do Fogo. Ele tentou se lembrar de como o lugar ganhou esse nome: lembrou-se de ler, quando era pequeno, sobre homens pelados agachados em volta de uma fogueira para se aquecer...

Um carro parou a seu lado. O vidro abaixou.

— Quer uma carona? — perguntou Audrey Burton.

— Não — respondeu ele. — Não sua.

Ele continuou andando. Audrey dirigiu a seu lado a cinco quilômetros por hora. Flocos de neve dançavam na luz dos faróis.

— Achei que ela fosse minha melhor amiga — disse Audrey. — A gente conversava todos os dias. Quando Robbie e eu brigávamos, ela era a primeira a saber... A gente ia até o Chi-Chi's para beber margaritas e falar de como os homens não prestam. E, nesse tempo todo, ela estava trepando com ele pelas minhas costas.

— Por favor, Audrey, vá embora.

— Só queria que você soubesse que eu tive um bom motivo para fazer o que fiz.

Ele não disse nada.

— Ei! — gritou ela. — Ei! Estou falando com você!

Shadow se virou.

— Está querendo que eu diga que você fez bem em cuspir no rosto de Laura? Quer que eu diga que aquilo não me magoou? Ou que o que você me contou me fez sentir mais ódio do que saudade? É melhor desistir, Audrey.

Ela o acompanhou por mais um minuto, sem falar nada.

— Então, como foi na cadeia, Shadow? — perguntou ela, por fim.

— Foi ótimo. Você teria se sentido em casa.

Ela pisou com força no acelerador, fazendo o motor rugir, e foi embora.

Sem os faróis, o mundo ficou escuro. O crepúsculo virou noite. Shadow esperou que a caminhada o aquecesse, que distribuísse calor até as mãos e os pés gelados. Não foi o que aconteceu.

Na cadeia, Low Key Lyesmith um dia havia chamado o pequeno cemitério atrás da enfermaria de Pomar de Ossos, e a imagem ficou gravada na mente de Shadow. Naquela mesma noite, ele havia sonhado com um pomar ao luar, com árvores brancas esqueléticas, galhos que terminavam em mãos ossudas, raízes que se afundavam nos túmulos. No sonho, as árvores do pomar de ossos davam frutas, e elas tinham algo de muito perturbador, mas, quando acordou, Shadow não conseguiu lembrar que fruta estranha crescia naquelas árvores nem por que ele a havia achado tão asquerosa.

Carros passaram por ele. Shadow queria que tivesse uma calçada ali. Ele tropeçou em algo que não conseguiu ver na escuridão e caiu na vala ao lado da rua, e sua mão se afundou alguns centímetros na lama fria. Levantou-se e limpou as mãos na calça. Ficou parado, meio desconcertado. Só reparou que havia alguém a seu lado quando algo úmido foi pressionado em seu nariz e em sua boca e ele sentiu o cheiro pungente de produto químico.

Agora, a vala parecia até quente e aconchegante.

As têmporas de Shadow pareciam estar pregadas no crânio, e ele só enxergava borrões.

As mãos foram amarradas atrás das costas com o que pareciam tiras de pano. Ele estava dentro de um carro com bancos de couro. Por um instante, pensou que havia algo de errado com sua percepção de profundidade, mas percebeu que, não, o outro banco ficava *mesmo* longe.

Havia outras pessoas sentadas a seu lado, mas ele não conseguia se virar para vê-las.

O jovem gordo na outra ponta da limusine pegou uma lata de Coca Diet no bar e a abriu. Usava um casaco preto comprido, feito de algum material que lembrava seda, e parecia recém-saído da adolescência: uma das bochechas era cravejada de espinhas. Ele sorriu ao ver que Shadow tinha acordado.

— Oi, Shadow — disse ele. — Não me faça de idiota.

— Tudo bem — respondeu Shadow. — Não vou. Você poderia me deixar no hotel América, na interestadual?

— Bata nele — disse o jovem para a pessoa à esquerda de Shadow.

Um soco acertou o estômago de Shadow, fazendo-o perder o fôlego e se inclinar para a frente. Levou um tempo para se endireitar de novo.

— Eu disse para não me fazer de idiota. Isso foi me fazer de idiota. Dê respostas curtas e objetivas, senão eu mato você, porra. Ou talvez não mate. Talvez eu mande as crianças quebrarem todos os ossos desse seu corpo de merda. São duzentos e seis. Então não me faça de idiota.

— Entendi — disse Shadow.

As luzes no teto da limusine mudaram de violeta para azul, depois para verde e então para amarelo.

— Você trabalha para Wednesday — disse o jovem.

— Isso — respondeu Shadow.

— O que aquele merda quer? O que ele está fazendo aqui, você sabe? Ele deve ter algum plano. O que ele está tramando?

— Comecei a trabalhar para senhor Wednesday hoje de manhã — falou Shadow. — Coisa pequena. Talvez motorista, se ele me deixar dirigir em algum momento. Trocamos uma dúzia de palavras e só.

— Está dizendo que não sabe de nada?

— Estou dizendo que não sei de nada.

O garoto o encarou. Tomou mais um gole de Coca, arrotou e o encarou mais um pouco.

— Você me diria se soubesse?

— Provavelmente não — admitiu Shadow. — Como você mesmo disse, eu trabalho para o senhor Wednesday.

O garoto abriu o casaco e tirou uma cigarreira de prata de um bolso interno. Ele abriu a tampa e ofereceu um cigarro para Shadow.

— Fuma?

Shadow pensou em pedir para desamarrarem as mãos dele, mas achou melhor não.

— Não, obrigado.

O cigarro parecia enrolado à mão, e, quando o garoto acendeu, com um isqueiro Zippo preto fosco, o cheiro que se alastrou pela limusine não era de tabaco. Shadow concluiu que também não era de maconha. Parecia um pouco com peças queimadas de equipamentos elétricos.

O garoto deu um trago profundo e prendeu a respiração. Ele deixou a fumaça sair aos poucos pela boca e puxou de volta pelo nariz. Shadow desconfiava de que ele havia treinado aquilo por algum tempo na frente de um espelho antes de fazer em público.

— Se for mentira — disse, como se estivesse muito longe dali —, eu mato você. Você sabe que sim.

— É, eu sei.

O garoto deu mais um trago demorado no cigarro. As luzes dentro da limusine

se transmutaram para laranja, vermelho e depois roxo.

— Você disse que está hospedado no hotel América, não é? — Ele bateu no vidro do motorista atrás de si. O vidro baixou. — Ei. Hotel América, na interestadual. Precisamos deixar nosso convidado.

O motorista assentiu, e o vidro voltou a subir.

As luzes cintilantes de fibra óptica dentro da limusine continuaram mudando, transitando pela série de cores fracas. Shadow teve a impressão de que os olhos do garoto também estavam cintilando. Eles lembravam o tom verde de um monitor antigo.

— Tenho uma mensagem para Wednesday, cara: diga que ele já era. Ele é passado, já está velho. E é melhor ele aceitar isso. Diga que nós somos o futuro e que estamos pouco nos fodendo para ele ou qualquer um que nem ele. O tempo dele acabou. Certo? Diga essa porra para ele, cara. Ele foi relegado ao chiqueiro da história enquanto gente como eu leva nossas limusines pela super-rodovia do amanhã.

— Vou dizer, pode deixar — respondeu Shadow. Estava começando a se sentir tonto. Torceu para não passar mal.

— Diga a ele que nós reprogramamos a porra da realidade. Diga que a língua é um vírus, que a religião é um sistema operacional, que as orações são só uma porrada de spam. Diga isso para ele, senão eu mato você — falou o jovem, tranquilamente, no meio da fumaça.

— Entendi — disse Shadow. — Pode me deixar aqui. Posso ir andando.

O jovem assentiu.

— Foi ótimo conversar com você — disse. A fumaça o deixara mais afável.

— É bom você saber que, se nós o matarmos, vamos deletar a sua existência. Entendeu? Com um clique, você vai ser transformado em uns e zeros aleatórios. Não tem como voltar atrás. — Bateu no vidro as suas costas. — Ele vai descer aqui. — Em seguida, virou-se para Shadow e apontou com o cigarro. — Pele de sapo sintética. Sabia que já dá para sintetizar bufotenina?

O carro parou. A pessoa à direita de Shadow desceu e segurou a porta para ele, que saiu meio desengonçado, com as mãos ainda amarradas. Percebeu que não havia reparado direito em nenhuma das duas pessoas que estiveram no banco junto dele. Não sabia se eram homens ou mulheres, jovens ou velhos.

Cortaram as amarras de Shadow. As tiras de náilon caíram no asfalto. Ele se virou. Dentro do carro só parecia haver uma nuvem inquieta de fumaça com dois pontos de luz cor de cobre cintilando, como os belos olhos de um sapo.

— O que vale é a porra do paradigma dominante, Shadow. Nada mais importa. E, olha, uma pena o que aconteceu com a sua esposa.

A porta se fechou, e a limusine foi embora em silêncio. Shadow estava a uns

duzentos metros do hotel e começou a caminhar, respirando o ar frio e passando por letreiros luminosos vermelhos, amarelos e azuis que anunciaavam todos os tipos de fast-food imagináveis, desde que houvesse um hambúrguer no meio. Ele chegou ao hotel América sem mais percalços.

CAPÍTULO

TRÊS

Todas as horas ferem. A última mata.

Velho ditado

SHADOW ENCONTROU UMA jovem magra na recepção do hotel América. Ela explicou a ele que o check-in já havia sido feito por seu amigo, e lhe entregou o cartão de plástico que servia de chave para o quarto. A garota tinha cabelo louro-claro, e seu rosto tinha um quê de rato, coisa que ficava ainda mais aparente quando ela parecia desconfiada, mas que se atenuava quando sorria. Na maior parte do tempo que passou olhando para Shadow, ela parecia desconfiada. Recusou-se a dizer o número do quarto de Wednesday e insistiu em telefonar para avisá-lo da chegada de Shadow.

Wednesday saiu de um quarto no fim do corredor e foi até ele.

— Como foi o velório?

— Acabou.

— Ruim, é? Quer conversar sobre isso?

— Não.

— Ótimo. — Wednesday sorriu. — As pessoas conversam demais hoje em dia. É só blá-blá-blá. O país estaria muito melhor se as pessoas aprendessem a sofrer em silêncio. Com fome?

— Um pouco.

— Aqui não tem comida. Mas dá para pedir uma pizza, que eles incluem na conta.

Wednesday o levou até seu quarto, que ficava de frente para o de Shadow. Havia mapas espalhados por toda parte, abertos sobre a cama, colados nas paredes. Wednesday tinha rabiscado em todos eles com marca-textos coloridos — verdes fluorescentes, rosas chocantes, laranjas fortes.

— Fui sequestrado por um garoto gordo numa limusine — comentou Shadow.

— Ele mandou dizer que você foi relegado ao chiqueiro da história enquanto gente como ele leva suas limusines pelas super-rodovias da vida. Ou algo assim.

— Aquele naquele arrogante — disse Wednesday.

— Você o conhece?

Wednesday deu de ombros.

— Sei quem é. — Ele se jogou na única cadeira do quarto. — Ah, eles não fazem ideia. Aqueles merdinhas não fazem a menor ideia. Por quanto tempo você acha que vai precisar ficar aqui na cidade?

— Não sei. Talvez mais uma semana. Acho que preciso resolver as coisas da Laura. Arrumar o apartamento, dar um fim nas roupas, esse tipo de coisa. A mãe dela vai ficar louca, mas aquela velha merece.

Wednesday assentiu com a cabeça enorme.

— Bem, quanto mais cedo você terminar, mais cedo poderemos sair de Eagle Point. Boa noite.

Shadow atravessou o corredor. Seu quarto era uma cópia exata do de Wednesday, incluindo a foto de um pôr do sol sanguinolento pendurada na parede atrás da cama. Pediu uma pizza de queijo com almôndegas e encheu a banheira, esvaziando todas as minigarrafinhas de xampu na água para fazer espuma.

Era grande demais para caber na banheira deitado, então sentou-se nela e desfrutou o máximo possível. Shadow prometera a si mesmo um banho de banheira quando saísse da prisão, e ele cumpria suas promessas.

A pizza chegou pouco depois do banho, e ele a arrematou com uma lata de cerveja.

Ligou a televisão e assistiu a um episódio de Jerry Springer que se lembrava de ter visto antes de ir para a cadeia. O tema era “Quero me prostituir”, e diversos candidatos ao trabalho, a maioria mulheres, apareciam no palco para ouvir gritos e insultos da plateia. Depois, um cafetão coberto de ouro saía e oferecia vagas em seu bordel, então uma ex-prostituta vinha correndo e suplicava para que os jovens arrumassem um emprego de verdade. Shadow desligou antes que Jerry pudesse revelar a moral do dia.

Ficou pensando, deitado na cama: *Esta é minha primeira vez na cama como um homem livre.* O pensamento deu menos prazer do que imaginara que daria. Deixou as cortinas abertas e ficou observando as luzes dos carros e dos restaurantes de fast-food pela janela, reconfortado pelo fato de existir um mundo lá fora, um mundo que ele podia visitar sempre que quisesse.

Poderia ter se deitado na cama de casa, no apartamento que dividira com Laura — na cama em que se deitara com Laura. Mas a ideia de estar lá sem ela,

cercado pelas coisas dela, pelo cheiro dela, pela vida dela, aquilo doía demais...

Não pense nisso, retrucou Shadow. Decidiu se distrair com outra coisa. Pensou em truques com moedas. Sabia que não tinha personalidade para se tornar um mágico: não sabia inventar as histórias tão necessárias para a credibilidade nem queria fazer truques com baralho ou conjurar flores de papel. Mas gostava de manipular moedas, apreciava a destreza do exercício. Começou a listar os truques de desaparecimento de moedas que sabia, o que o fez se lembrar da moeda que jogara no túmulo de Laura, e aí, em sua mente, Audrey anunciava que Laura tinha morrido com o pau de Robbie na boca, e Shadow sentiu outra vez um ligeiro aperto no peito. No coração.

Todas as horas ferem. A última mata. Onde tinha ouvido isso? Não lembrava mais. Sentia, em algum lugar bem no fundo, um acúmulo de raiva e dor, um nó de tensão na base do crânio, uma pressão nas têmporas. Inspirou pelo nariz, soltou o ar pela boca, obrigou-se a relaxar.

Pensou no comentário de Wednesday e sorriu, mesmo sem vontade. Já ouvira gente demais falando que não se podia reprimir os sentimentos, que era preciso dar vazão às emoções, deixar a dor sair. Shadow achava que reprimir as emoções trazia muitas vantagens. Acreditava que, se os sentimentos ficassem enterrados por tempo suficiente e a uma profundidade suficiente, logo não sentiria mais nada.

O sono chegou sem que Shadow percebesse.

Estava caminhando...

Estava caminhando por um cômodo maior que uma cidade, e por todos os lados que olhava via estátuas, esculturas e representações em entalhes grosseiros. Parou perto de uma estátua de algo que parecia uma mulher: os seios nus pendiam diante do tórax, em volta da cintura havia uma corrente feita de mãos decepadas, as próprias mãos dela seguravam facas afiadas, e, no lugar da cabeça, havia duas serpentes gêmeas com o corpo arqueado, olhando uma para a outra, prestes a dar o bote. A figura tinha algo de extremamente perturbador, provocava uma sensação intensa e violenta de desconforto. Shadow se afastou.

Começou a andar pelo salão. Os olhos esculpidos das estátuas pareciam acompanhar todos os seus passos.

No sonho, reparou que no piso à frente de cada uma delas, havia um nome incandescente. O homem de cabelo branco com um colar de dentes no pescoço e um tambor nas mãos era *Leucotios*; a mulher de quadris largos com monstros saindo de um talho imenso entre suas pernas era *Hubur*; o homem com cabeça de carneiro segurando uma bola dourada nas mãos era *Hershef*.

Uma voz meticulosa, afetada e lacônica falava com ele no sonho, mas Shadow não via ninguém.

— Estes deuses foram esquecidos e podem ser considerados mortos. São encontrados apenas em histórias caducas. Todos se foram, mas seus nomes e imagens permanecem conosco.

Shadow virou em um corredor e se viu dentro de outro salão, ainda maior que o primeiro. A extensão ia além do alcance da vista. Perto dele estavam o crânio de um mamute, polido e marrom, e um manto ocre peludo envolvendo o corpo de uma mulher pequena com a mão esquerda deformada. A seguir, havia três mulheres, todas esculpidas em um único bloco de granito e ligadas pela cintura: seus rostos pareciam inacabados, feitos às pressas, mas os seios e a genitália foram esculpidos com grande esmero. Havia também uma ave sem asas que Shadow não reconheceu. Era duas vezes maior do que ele, com um bico de urubu feito para rasgar e braços humanos — e muitas outras representações.

A voz falou outra vez, como se estivesse se dirigindo a uma sala de aula: — Estes deuses se extinguiram da memória. Até mesmo seus nomes se perderam. As pessoas que os adoravam foram igualmente esquecidas. Seus totens há muito se quebraram e ruíram. Os últimos sacerdotes morreram sem transmitir seus segredos.

“Deuses morrem. E, quando morrem para sempre, não há luto nem memória. É mais difícil matar uma ideia do que uma pessoa, mas, no fim das contas, ideias também podem morrer.”

Um murmúrio começou a ecoar pelo salão, um sussurro baixo que fez Shadow sentir, no sonho, um medo enervante e inexplicável. Foi tomado por um pânico absoluto, ali, em meio aos salões dos Deuses cuja própria existência havia sido esquecida — deuses com cara de polvo e deuses que eram apenas mãos mumificadas, pedras caídas, incêndios florestais...

Shadow acordou com o coração batendo forte no peito, a testa úmida, completamente desperto. Os números vermelhos no relógio da mesa de cabeceira informavam que era 1h03. A luz no letreiro do hotel América, lá fora, entrava pela janela. Desorientado, Shadow se levantou e entrou no minúsculo banheiro. Urinou sem acender as luzes e voltou para o quarto. O sonho ainda estava fresco, vívido em sua mente, mas não sabia dizer por que ficara tão assustado.

A luz que vinha de fora era fraca, mas seus olhos já estavam acostumados à escuridão. Havia uma mulher sentada na cama.

Ele a conhecia. Teria reconhecido aquela mulher no meio de mil pessoas, no meio de cem mil. Ela estava sentada, ereta, em sua cama. Ainda usava o terninho azul-marinho com que fora enterrada.

A voz não passava de um sussurro, mas era familiar.

— Acho — começou Laura — que você vai me perguntar o que estou fazendo

aqui.

Shadow não falou nada.

Sentou-se na única cadeira do quarto e, por fim, perguntou:

— Gata? É você?

— Sim. Estou com frio, fofinho.

— Você está morta, gata.

— Sim. Sim. Estou. — Laura deu uma batidinha no colchão, ao seu lado. — Senta aqui perto de mim.

— Não — retrucou Shadow. — Acho que vou ficar deste lado mesmo, por enquanto. Precisamos resolver algumas questões.

— Como o fato de eu estar morta?

— Talvez, mas na verdade eu estava pensando no jeito como você morreu. Você e Robbie.

— Ah. Isso.

Shadow sentia — ou, pensando bem, talvez só estivesse imaginando que sentia — um cheiro de podridão, flores e produtos químicos. Sua esposa — sua ex... não, corrigiu-se, sua *falecida* esposa — estava sentada na cama e o observava sem nem sequer piscar.

— Fofinho. Você poderia... Será que me arranjaria... um cigarro?

— Achei que tivesse parado de fumar.

— Eu parei. Mas não estou mais preocupada com minha saúde. E acho que isso poderia me acalmar. Tem uma máquina de cigarros no saguão.

Shadow vestiu a calça e a camiseta e saiu, descalço, rumo ao saguão. O recepcionista noturno era um homem de meia-idade e estava lendo um livro de John Grisham. Shadow comprou um maço de Virginia Slims na máquina e lhe pediu uma cartela de fósforos.

O homem o encarou e perguntou o número do quarto. Shadow disse. O homem assentiu.

— Você está em um quarto para não fumantes — explicou o recepcionista. — Deixe a janela aberta.

Ele lhe entregou uma cartela de fósforos e um cinzeiro de plástico com a logo do hotel América.

— Pode deixar.

Shadow voltou para o quarto. Não acendeu a luz. Sua esposa continuava na cama. Estava deitada sobre as cobertas emboladas. Shadow abriu a janela e lhe passou o maço e os fósforos. Os dedos dela estavam frios. Laura acendeu um fósforo, e Shadow reparou que as unhas, sempre impecáveis, estavam rachadas e quebradas, com lama por baixo.

Laura acendeu o cigarro, tragou e apagou o fósforo com um sopro. Deu mais

uma tragada.

— Não consigo sentir — comentou. — Acho que não está fazendo efeito.

— Sinto muito.

— Eu também.

Quando ela tragou, a ponta do cigarro se acendeu, e Shadow viu seu rosto.

— Então — começou ela. — Você foi solto.

— Sim.

— Como foi na cadeia?

— Podia ter sido pior.

— Sim. — A ponta do cigarro brilhou em um tom laranja. — Ainda sou muito grata. Nunca devia ter envolvido você naquela história.

— Bom, eu aceitei. Podia ter recusado.

Shadow se perguntou por que não estava com medo dela, por que um sonho envolvendo um museu o deixava apavorado enquanto um cadáver ambulante na sua frente não lhe causava medo algum.

— Sim — respondeu ela. — Podia mesmo. Seu mané. — A fumaça envolveu o rosto dela. Laura estava muito bonita naquela penumbra. — Quer saber de mim e Robbie?

— Quero.

Era porque continuava sendo Laura, Shadow percebeu. Viva ou morta, não tinha como sentir medo dela.

Ela apagou o cigarro no cinzeiro.

— Você estava preso — explicou. — E eu precisava conversar com alguém. Precisava de um ombro amigo. Você não estava lá. Eu estava sofrendo.

— Sinto muito.

Shadow reparou que havia algo diferente na voz dela, e tentou identificar o que era.

— Eu sei. Então a gente saía para tomar café. Conversava sobre o que ia fazer quando você saísse da cadeia. Sobre como seria bom ver você de novo. Ele gostava muito de você, sabe? Não via a hora de você voltar para o seu antigo trabalho.

— Sim.

— Áí, Audrey viajou por uma semana para visitar a irmã. Foi, hum, mais ou menos um ano, uns treze meses depois que você foi preso. — A voz de Laura era inexpressiva. Cada palavra parecia monótona e vazia, como pedras caindo, uma a uma, dentro de um poço. — Robbie veio me visitar. Nós enchemos a cara. Transamos no chão do quarto. Foi bom. Muito bom.

— Eu não precisava saber disso.

— Não? Desculpe. É mais difícil filtrar quando a gente morre. É como se

fosse uma fotografia, sabe? Não tem tanta importância.

— Para mim, tem.

Laura acendeu outro cigarro. Seus movimentos eram fluidos e habilidosos, não enrijecidos. Shadow se perguntou, por um instante, se ela estava mesmo morta. Talvez fosse só uma pegadinha muito elaborada.

— Sim. Eu percebi. Bem, nós seguimos com nosso caso... se bem que não chamávamos de “caso”, não chamávamos de nada. Durou quase dois anos.

— Você ia me trocar por ele?

— Por que eu faria isso? Você é meu ursão. Meu fofinho. Você fez aquilo por mim. Eu esperei três anos para você voltar. Eu amo você.

Ele se conteve antes de responder *Também amo você*. Não ia falar isso. Não mais.

— Então o que aconteceu naquela noite?

— Na noite em que eu morri?

— É.

— Bom, saí com Robbie para conversarmos sobre sua festa surpresa de boas-vindas. Teria sido muito boa. E falei que estava tudo acabado entre nós. De vez. Que, com você de volta, era assim que tinha que ser.

— Hum. Obrigado, gata.

— De nada, querido. — A sombra de um sorriso surgiu no rosto dela. — Nós ficamos bem sentimentais. Foi bonitinho. Ficamos idiotas. Eu bebi demais. Ele, não. Ele tinha que dirigir. Estávamos voltando para casa, e anunciei que ia fazer um boquete de despedida, uma última vez na vida, então abri o zíper da calça dele e fiz.

— Grande erro.

— Nem me fale. Empurrei a alavanca de marcha com o ombro, e ele tentou me afastar para engrenar o motor de novo, mas o carro desviou, ouvi um barulho alto, e lembro que o mundo começou a girar e rodopiar, e pensei: *Vou morrer*. Fiquei muito calma. Eu me lembro disso. Não senti medo. E não me lembro de mais nada.

Shadow sentiu cheiro de plástico queimado. Percebeu que era o cigarro: tinha queimado até o filtro. Laura parecia não perceber.

— O que está fazendo aqui, Laura?

— Uma mulher não pode visitar o marido?

— Você está morta. Fui ao seu velório ontem à tarde.

— Sim.

Ela parou de falar e ficou olhando para o vazio. Shadow se levantou e foi até ela. Pegou a guimba acesa de seus dedos e jogou pela janela.

— E aí?

O olhar dela procurou o dele.

— Não sei muito mais do que sabia quando estava viva. A maior parte do que eu sei agora e que não sabia antes... não consigo colocar em palavras.

— Normalmente, quem morre fica na cova — disse Shadow.

— Fica? Fica mesmo, fofinho? Eu também achava isso. Agora não tenho mais tanta certeza. Talvez.

Ela saiu da cama e foi até a janela. Seu rosto, iluminado pelo letreiro do hotel, era tão bonito quanto sempre fora. O rosto da mulher por quem ele havia ido para a cadeia.

Shadow sentiu o coração doer, como se alguém o tivesse agarrado e apertado.

— Laura...?

A mulher não olhou para ele.

— Você se envolveu com umas coisas bem ruins, Shadow. Vai se ferrar se não tiver alguém para cuidar de você. Eu vou fazer isso. E obrigada pelo presente.

— Que presente?

Laura enfiou a mão no bolso da blusa e tirou a moeda de ouro que ele tinha jogado na cova, mais cedo. Ainda estava suja de terra preta.

— Talvez eu mande colocar em uma corrente. Foi muita gentileza sua.

— De nada.

Ela se virou e o encarou com olhos que pareciam ao mesmo tempo enxergá-lo e não enxergá-lo.

— Acho que precisamos trabalhar alguns aspectos do nosso casamento.

— Gata, você está morta.

— Esse é um dos aspectos, é claro. — Ela fez uma pausa. — Certo. Vou embora agora. É melhor assim.

E, com gestos naturais e fluidos, ela se virou, apoiou as mãos nos ombros de Shadow e ficou na ponta dos pés para lhe dar um beijo, como sempre fizera em seus beijos de despedida.

Sem jeito, Shadow se inclinou para beijá-la no rosto, mas Laura desviou a boca ao mesmo tempo, e seus lábios se encontraram. O hálito dela tinha um leve cheiro de naftalina.

A língua de Laura se mexeu para dentro da boca de Shadow. Era fria e seca e tinha gosto de cigarro e bílis. Se ele ainda tinha alguma dúvida quanto ao fato de sua esposa estar morta, essa dúvida desapareceu.

Ele se afastou.

— Eu amo você — disse Laura, simplesmente. — E vou cuidar de você. — Ela foi até a porta do quarto. Shadow sentiu um gosto estranho na boca. — Durma um pouco, fofinho. E não se meta em confusão.

Laura abriu a porta. A luz fluorescente não a favorecia: deixava-a pálida como

um cadáver — mas, pensando bem, ela fazia isso com todo mundo.

— Você podia ter pedido para eu passar a noite — comentou, com a voz gélida.

— Acho que eu não conseguiria — respondeu Shadow.

— Você vai conseguir, querido. Antes de isso tudo acabar. Vai conseguir. Ela se virou e avançou pelo corredor.

Shadow colocou a cabeça para fora da porta. O recepcionista da noite ainda lia o livro de John Grisham e mal levantou a cabeça quando Laura passou. Seus sapatos estavam sujos de lama de cemitério. Ela se foi.

Shadow soltou um suspiro baixo. O coração batia descompassado. Atravessou o corredor e bateu na porta de Wednesday. Ao bater, teve uma sensação muito esquisita: como se estivesse sendo atingido por asas negras, como se estivesse sendo atravessado por um corvo enorme que saía pelo corredor em direção ao mundo.

Wednesday abriu a porta. Usava uma toalha branca do hotel enrolada na cintura e mais nada.

— O que você quer?

— Você precisa ouvir isso. Talvez tenha sido um sonho, mas não foi, ou talvez eu tenha inalado um pouco daquela fumaça do cigarro de pele de sapo sintética do garoto gordo, ou provavelmente só estou ficando doido...

— É, é, sim. Desembucha — interrompeu Wednesday. — Estou um pouco ocupado.

Shadow deu uma olhada para dentro do quarto. Viu que tinha alguém na cama, olhando para ele. Um lençol cobria os seios pequenos. Cabelo louro-claro, o rosto com um quê de rato. A menina da recepção. Abaixou a voz.

— Acabei de ver minha esposa — explicou. — Estava no meu quarto.

— Um fantasma? Você viu um fantasma?

— Não. Não era um fantasma. Ela estava sólida. Era ela. Está morta, sim, mas não era um fantasma. Eu encostei nela. Ela me beijou.

— Entendo. — Wednesday olhou para a mulher na cama. — Volto já, minha querida.

Foram até o quarto de Shadow. Wednesday acendeu as luminárias. Olhou para a guimba de cigarro no cinzeiro. Coçou o peito. Seus mamilos eram escuros, mamilos de velho, e o pelo do peito era grisalho. Havia uma cicatriz branca em um dos lados do torso. Ele farejou o ar. E deu de ombros.

— Certo. Sua esposa morta apareceu por aqui. Está com medo?

— Um pouco.

— Muito sábio. Eu sempre me borro de medo dos mortos. Algo mais?

— Estou pronto para ir embora de Eagle Point. A mãe de Laura pode resolver

as coisas do apartamento e tudo o mais. Ela já me odeia, mesmo. Posso ir quando você quiser.

Wednesday sorriu.

— Bom saber, filho. Vamos embora amanhã de manhã. Bem, você devia dormir um pouco. Tem um pouco de uísque no meu quarto, se precisar de uma ajudinha. Quer?

— Não. Vou ficar bem.

— Então não me perturbe mais. Tenho uma longa noite pela frente.

— Sem dormir? — perguntou Shadow, sorrindo.

— Eu não durmo. As pessoas dão valor demais ao sono. É um hábito ruim, e faço o possível para evitar... Procuro companhia sempre que possível, e a jovem pode sair do ponto se eu não voltar logo.

— Boa noite.

— Exatamente — respondeu Wednesday, fechando a porta ao sair.

Shadow se sentou na cama. O cheiro de cigarro e produtos químicos pairava no ar. Queria estar de luto por Laura: parecia mais apropriado do que estar incomodado ou, como admitiu depois que ela se foi dali, só com um pouco de medo. Precisava de um tempo de luto. Apagou as luzes, deitou-se na cama e pensou na Laura de antes de ser preso. Lembrou-se do casamento, de quando eles eram jovens, felizes, idiotas, incapazes de desgrudar um do outro.

Fazia muito tempo que Shadow não chorava, tanto que ele achava que não sabia mais como chorar. Não chorou nem quando a mãe morreu. No entanto, começou a chorar ali na cama, soltando soluços intensos e dolorosos. Sentia saudade de Laura e dos dias que nunca mais voltariam.

Pela primeira vez desde que era pequeno, Shadow chorou até dormir.

VINDA À AMÉRICA

813 D.C.

ELES NAVEGARAM PELO mar verde se guiando pelas estrelas e pela costa, e quando a costa era só uma lembrança e o céu noturno ficou coberto e escuro, se orientaram pela fé e suplicaram ao Pai de Todos para que os conduzisse em segurança até a terra firme.

Aquela foi uma jornada ruim, com dedos dormentes e um frio de gelar os ossos que nem o vinho conseguia afastar. Acordavam pela manhã com o orvalho congelado nas barbas, e, enquanto o sol não os aquecia, pareciam homens velhos, as barbas brancas e precoces.

Quando chegaram às terras verdes do oeste, os dentes estavam ficando bambos, e os olhos, fundos.

— Estamos bem longe de nossos lares e de nossas lareiras — disseram os homens —, longe dos mares que conhecemos e das terras que amamos. Aqui, nos limites do mundo, seremos esquecidos por nossos deuses.

O líder deles subiu em uma imensa pedra e riu daquela falta de fé.

— O Pai de Todos criou o mundo — gritou. — Ele o construiu com as próprias mãos a partir dos ossos quebrados e da carne de Ymir, seu avô. Ele colocou o cérebro de Ymir no céu para fazer as nuvens, e seu sangue salgado se tornou o mar que atravessamos. Se ele fez o mundo, não percebem que também foi ele quem criou esta terra? E, se morrermos aqui como homens, não percebem que seremos recebidos em seu salão?

E eles gritaram e riram. Revigorados, começaram a construir um salão de árvores cortadas e lama, cercado por uma barreira de estacas — embora, pelo que soubessem, fossem os únicos homens naquela nova terra.

No dia em que o salão ficou pronto, caiu uma tempestade: o céu do meio-dia ficou escuro como a noite e cravejado de riscos de chamas brancas, e os estrondos de trovão eram tão intensos que quase ensurdeceram os homens, e o

gato do navio que haviam trazido para dar sorte se escondeu debaixo do bote, na praia. A tempestade foi tão intensa e terrível que os homens riram e saudaram uns aos outros com tapinhas nas costas, dizendo:

— O trovejador está aqui conosco, mesmo nesta terra distante.

Eles agradeceram, regozijaram-se e beberam até cair.

Naquela noite, na escuridão fumacenta do salão, o bardo entoou as antigas canções. Ele cantou sobre Odin, o Pai de Todos, que foi sacrificado em seu próprio nome com a mesma bravura e nobreza com que outros eram sacrificados no nome dele. Cantou sobre os nove dias em que o Pai de Todos pendeu da Árvore do Mundo com um talho no corpo, sangrando pela ferida da lança (a canção se tornou um grito nesse momento); e cantou aos homens sobre tudo o que o Pai de Todos aprendeu em sua agonia: nove nomes, nove runas e duas vezes nove encantamentos. Quando cantou sobre a lança que feriu o corpo de Odin, o bardo berrou de dor, tal como o próprio Pai de Todos gritara em agonia, e todos os homens estremeceram, imaginando a dor.

Encontraram o *skraeling* no dia seguinte, o dia do Pai de Todos. Era um homem pequeno, de cabelo longo preto como as asas de um corvo e pele da cor intensa da argila vermelha. Falava com palavras que ninguém compreendia, nem mesmo o bardo, que estivera a bordo de um navio que havia cruzado as colunas de Hércules e conhecia o dialeto mercantil que os homens falavam em todo o Mediterrâneo. O desconhecido trajava penas e peles, e seu cabelo longo estava entrançado com pequenos ossos.

Conduziram o homem ao acampamento e lhe deram carne assada para comer e bebida forte para saciar a sede. Riram incontrolavelmente do homem quando ele saiu cantando, cambaleante, ou quando sua cabeça pendeu e balançou, e isso com menos de um corno de hidromel. Eles lhe deram mais para beber e, em pouco tempo, o *skraeling* estava deitado debaixo da mesa, com a cabeça aninhada nos braços.

Então o ergueram, um homem para cada ombro, um homem para cada perna, e o carregaram nos ombros, formando um cavalo de oito patas entre os quatro homens e o tronco do *skraeling*, e o conduziram à frente de uma procissão até um freixo na colina junto à baía. Lá, envolveram seu pescoço com uma corda e o penduraram bem alto, ao vento — um tributo ao Pai de Todos, o senhor da força. O corpo balançou ao vento, e o rosto se enegreceu, a língua pendeu, os olhos saltaram, o pênis ficou tão rígido que poderia sustentar um elmo de couro, tudo enquanto os homens bradavam, gritavam e riam, cheios de orgulho por enviarem seu sacrifício aos céus.

E, no dia seguinte, quando dois corvos imensos pousaram no corpo do *skraeling*, um em cada ombro, e começaram a bicar o rosto e os olhos, os

homens souberam que o sacrifício fora aceito.

Foi um longo inverno, e eles sentiram fome, mas se animaram com a perspectiva de que, com a primavera, mandariam o navio de volta às terras do norte, e a embarcação traria colonizadores e mulheres. Conforme o tempo esfriava e os dias encurtavam, alguns homens decidiram procurar o povoado dos *skraelings*, na esperança de encontrar comida e mulheres. Não encontraram nada, só restos de fogueiras apagadas em acampamentos pequenos e abandonados.

Certo dia, no meio do inverno, quando o sol estava distante e frio como uma moeda de prata baça, viram que o corpo do *skraeling* tinha sido removido do freixo. Naquela tarde começou a nevar, flocos lentos e imensos.

Os homens das terras do norte fecharam o portão de seu acampamento e se recolheram atrás do muro de madeira.

A tropa guerreira dos *skraelings* atacou à noite: quinhentos homens contra trinta. Eles escalaram o muro e, nos sete dias seguintes, mataram cada um dos trinta homens, de trinta formas diferentes. E os navegadores foram esquecidos pela história e pelo próprio povo.

O muro foi derrubado, e o vilarejo, queimado. O bote, virado e arrastado praia acima, também foi queimado, na esperança de que fosse o único barco daqueles homens pálidos e estranhos, e de que queimá-lo servisse como garantia de que jamais chegariam outros homens do norte pelos mares.

Levou mais de cem anos até que Leif, o Sortudo, filho de Erik, o Vermelho, redescobrisse a terra e a batizasse de Vinlândia. Seus deuses já o esperavam quando ele chegou: Týr, de apenas uma mão; o velho Odin, deus da força; e Thor, dos trovões.

Eles estavam lá.

Esperando.

CAPÍTULO

QUATRO

*Que o Especial da Meia-Noite
Lance sua luz sobre mim
Que o Especial da Meia-Noite
Lance sua luz amorosa sobre
mim*

“The Midnight Special”,
canção tradicional

SHADOW E WEDNESDAY tomaram café em um restaurante em frente ao hotel. Eram oito da manhã, e o mundo estava frio e enevoado.

— Você continua pronto para sair de Eagle Point? — perguntou Wednesday, diante do bufê de café da manhã. — Se estiver, preciso dar uns telefonemas. É sexta-feira. Sexta-feira é um dia de liberdade. Um dia de mulher. Amanhã é sábado. Há muito a fazer no sábado.

— Estou pronto — respondeu Shadow. — Nada me prende aqui.

Wednesday encheu o prato com vários tipos de frios. Shadow pegou um pouco de melão, um bagel e um potinho de cream cheese.

— Você teve um sonho e tanto ontem à noite — comentou Wednesday.

— É. É mesmo.

Ele vira as pegadas de lama de Laura no carpete do hotel, quando se levantou pela manhã. Saíam do quarto para o saguão e seguiam porta afora.

— Então... — começou Wednesday. — Por que o chamam de Shadow?

Shadow deu de ombros.

— É só um nome. — Do outro lado da janela, o mundo envolto em bruma se tornara um desenho a lápis de diversos tons de cinza e, aqui e ali, uma mancha de vermelho elétrico ou de puro branco se destacava. — Como você perdeu o olho?

Wednesday enfiou vários pedaços de bacon na boca, mastigou e depois limpou a gordura dos lábios com a mão.

— Eu não perdi. Sei exatamente onde ele está.

— Então, qual é o plano?

Wednesday pareceu pensativo. Comeu algumas fatias bem rosadas de

presunto, retirou um pedacinho de carne da barba e o colocou de volta no prato.

— O plano é o seguinte. No sábado à noite, que, como já ressaltei, é amanhã, vamos nos encontrar com alguns indivíduos proeminentes em suas respectivas áreas. Não se deixe intimidar pela postura deles. O encontro será em um dos lugares mais importantes do país. Depois, partilharemos vinho e comida com eles. Calculo que vão aparecer umas trinta ou quarenta pessoas. Talvez mais. Preciso aliciá-los para meu atual empreendimento.

— E onde fica o lugar mais importante do país?

— *Um* dos mais importantes, meu caro. Eu disse que era um dos mais importantes. As opiniões a respeito dele divergem, e com certa razão. Entrei em contato com meus colegas. Faremos uma parada em Chicago, que é no caminho, já que preciso de algum dinheiro. Uma recepção como a que vamos precisar oferecer demanda mais capital do que tenho à mão no momento. Depois, iremos a Madison.

— Entendo.

— Não, não entende. Mas, com o tempo, tudo ficará claro.

Wednesday pagou, e os dois saíram, voltando ao hotel do outro lado da estrada. Ele jogou a chave do carro para Shadow, que pegou a rodovia e saiu da cidade.

— Vai sentir falta daqui? — perguntou Wednesday. Estava mexendo em uma pasta cheia de mapas.

— Da cidade? Não. Tem lembranças demais de Laura. Eu não criei muitas raízes. Nunca passei muito tempo parado no mesmo lugar quando era pequeno. Só vim pra cá com vinte e poucos anos. Esta é a cidade de Laura.

— Vamos torcer para que ela fique por aqui.

— Foi um sonho — retrucou Shadow. — Não se esqueça disso.

— Ótimo, é bom se manter positivo. Trepou com ela ontem à noite?

Shadow respirou fundo.

— Não é da sua conta. E não.

— Mas queria?

Shadow não respondeu. Dirigiu para o norte, na direção de Chicago. Wednesday deu uma risada e começou a examinar os mapas, desdobrando-os e voltando a dobrá-los, usando uma grande caneta esferográfica prateada para fazer anotações em um caderninho amarelo.

Depois de algum tempo, terminou o que estava fazendo. Guardou a caneta e colocou a pasta no banco de trás.

— A melhor coisa dos estados para onde estamos indo — comentou Wednesday —, Minnesota, Wisconsin, esses lados, é que lá tem o tipo de mulher de que eu gostava quando era mais novo. Pele clara e olhos azuis, cabelo tão

louro que quase chega a ser branco, lábios cor de vinho e seios redondos e fartos, cheios de veias, como um bom queijo.

— Só quando era mais novo? Parece que você se deu bem ontem à noite.

— Sim. — Wednesday sorriu. — Quer saber o segredo do meu sucesso com as mulheres?

— Você paga?

— Nada tão vulgar. Não, o segredo é encantá-las. Simples assim.

— Encantá-las, é? Sei. É uma daquelas coisas que tem que nascer sabendo.

— Dá para aprender esses encantamentos.

— Então, aonde estamos indo?

— Precisamos dar uma palavrinha com um velho amigo meu. É um dos convidados da recepção. Um antigo camarada. Está nos esperando para o jantar.

Seguiram rumo ao norte e a oeste, na direção de Chicago.

— O que quer que seja isso que está acontecendo com Laura... — comentou Shadow, rompendo o silêncio. — É culpa sua? Foi você quem causou?

— Não.

— Bem, vou fazer a mesma pergunta do garoto do carro: você me diria se fosse?

— Sei tanto quanto você.

Shadow ligou o rádio em uma estação de clássicos e ouviu músicas de quando ainda nem era nascido. Bob Dylan cantava sobre uma chuva forte que ia cair, e Shadow se perguntou se a chuva já caíra, afinal, ou se isso ainda estava para acontecer. A estrada diante deles estava vazia, e os cristais de gelo cintilavam no asfalto como diamantes ao sol da manhã.

Chicago surgiu aos poucos, como uma enxaqueca. Estavam cruzando uma região rural, até que, num piscar de olhos, o punhado de cidadezinhas foi se transformando numa malha suburbana de construções baixas, e a malha suburbana se transformou numa cidade.

Estacionaram diante de um prédio de tijolos antigo. A neve fora varrida da calçada. Caminharam até a entrada. Wednesday apertou o botão de cima do interfone dentro da caixa de metal. Nada aconteceu. Apertou de novo. Experimentou apertar os outros botões, dos outros apartamentos — não obteve resposta.

— Está quebrado — avisou uma velha esquelética que descia a escada. — Não funciona. Já falamos muito com o zelador, perguntamos quando ele conserta, quando ajusta o aquecedor... Ele não quer saber. Vai passar o inverno

no Arizona porque tem problema de pulmão.

O sotaque dela era bem carregado. Shadow supôs que fosse do Leste Europeu. Wednesday fez uma reverência profunda.

— Zorya, minha cara, permita-me dizer como você está indescritivelmente bela! Uma criatura radiante. Não envelheceu nadinha.

A velha olhou feio para Wednesday.

— Ele não quer ver você. Eu também não. Só traz coisa ruim.

— É porque eu não venho a não ser que seja importante.

Ela torceu a cara. Carregava uma sacola de feira vazia e usava um casaco vermelho antigo, abotoado até o queixo. Sobre o cabelo grisalho estava empoleirado um chapéu de veludo verde que lembrava vagamente, e ao mesmo tempo, um vaso de flores e um pacote de pão de forma. Ela olhou desconfiada para Shadow.

— Quem é o grandalhão? Mais um matador seu?

— Você está sendo muito injusta comigo, minha bela dama. Este cavalheiro se chama Shadow. Ele trabalha para mim, sim, mas eu o empreguei para o seu bem. Shadow, permita-me lhe apresentar a adorável senhorita Zorya Vechernyaya.

— É um prazer.

A idosa ergueu os olhos e o observou, desconfiada.

— Shadow. Sombra. Bom nome. Minha hora chega quando as sombras se alongam. E você é uma sombra bem grande. — Ela o olhou de cima a baixo e abriu um sorriso. — Pode beijar minha mão — disse, estendendo a mão fria.

Shadow se abaixou e beijou a mão magra. A velha usava um anel enorme cor de âmbar no dedo médio.

— Bom garoto. Vou ao mercado. Sou a única aqui que traz dinheiro para casa. As outras duas não ganham nada lendo a sorte. É que elas só falam a verdade, os clientes não querem ouvir. É ruim, deixa as pessoas abaladas, por isso não voltam. Mas eu consigo mentir, dizer o que elas querem ouvir. Leio as sortes bonitas. Então sou eu que bota comida na mesa. Vão ficar para jantar ou não?

— Espero que sim — respondeu Wednesday.

— Melhor me dar dinheiro para comprar mais comida. Sou orgulhosa, mas não sou besta. As outras são mais orgulhosas ainda que eu, e *ele* é o pior de todos. Então me passe o dinheiro e não conte nada pra eles.

Wednesday tirou da carteira uma nota de vinte. Zorya Vechernyaya agarrou-a, puxando-a para longe do alcance dele, e esperou. Wednesday lhe entregou outra nota de vinte.

— Bom. Aqui vocês comem como príncipes. Como se fossem nosso próprio pai. Subam a escada até o fim. Zorya Utrennyaya está acordada, mas nossa outra irmã ainda dorme, então não fiquem fazendo barulho.

Shadow e Wednesday subiram a escada às escuras. Depois de dois lances, chegaram a um andar entulhado de sacos de lixo pretos fedendo a legumes podres.

— Eles são ciganos? — perguntou Shadow.

— Zorya e a família? Não mesmo. Não são rons. São russos. Eslavos, acho.

— Mas ela lê a sorte.

— Muita gente lê. Eu também arrisco uns palpites. — Wednesday arfava conforme os dois subiam o último lance de escada. — Estou fora de forma.

O último lance terminava em um patamar com uma única porta, toda vermelha e com um olho mágico.

Wednesday bateu. Não houve resposta. Então bateu de novo, mais alto.

— Tudo bem! Tudo bem! Já ouvi! Já ouvi! — Eles escutaram o som de fechaduras sendo abertas, ferrolhos sendo puxados, o estalar de uma corrente. Uma fresta se abriu na porta vermelha.

— Quem é? — Uma voz de homem, velha e rouca, de fumante.

— Um velho amigo, Czernobog. Com um parceiro.

A porta se abriu até onde a corrente do fecho permitia. Shadow viu um rosto cinzento espiando por entre as sombras.

— O que você quer, Grímnir?

— A princípio, apenas o prazer de sua companhia. E posso lhe oferecer algumas informações. Como é que se fala...? Ah, sim. Você pode tirar algum proveito disso tudo.

A porta se abriu de vez. O homem de roupão sujo era baixo, tinha cabelo grisalho cor de chumbo e rosto enrugado. Usava uma calça cinza listrada, com o tecido já meio gasto, e chinelo. Segurava um cigarro sem filtro com os dedos grossos, cobrindo-o com a mão ao dar um trago — como um presidiário, pensou Shadow, ou como um soldado. Ele estendeu a mão esquerda para Wednesday.

— Nesse caso, seja bem-vindo, Grímnir.

— Me chamam de Wednesday hoje em dia — disse ele, apertando a mão do velho.

Um sorriso discreto; um vislumbre de dentes amarelados.

— Sim. Muito engraçado. E quem é esse?

— Meu parceiro. Shadow, este é o senhor Czernobog.

— Saudações — disse Czernobog.

Ele apertou a mão esquerda de Shadow. Suas mãos eram ásperas e calejadas, e as pontas dos dedos estavam tão amareladas que pareciam ter sido mergulhadas em iodo.

— Como está, senhor Czernobog?

— Velho. Minhas tripas doem, minhas costas doem, e meu peito se arrebenta

de tanto tossir todo dia de manhã.

— Por que estão parados aí na porta? — perguntou uma voz feminina. Shadow olhou por cima do ombro de Czernobog e viu uma velha atrás dele. Era menor e mais frágil que a irmã, mas tinha cabelo comprido e ainda dourado. — Sou Zorya Utrennyaya. E vocês não podem ficar aí no corredor. Precisam entrar, vão para a sala de estar, por ali, eu levo café, vão, vão, por ali.

Avançaram porta adentro para um apartamento com cheiro de repolho cozido em excesso, areia para gatos e cigarros importados sem filtro, passando por um corredor minúsculo, então por algumas portas até a sala de estar, no fim do corredor, onde se acomodaram em um sofá imenso e velho feito de crina de cavalo — no processo, perturbaram um gato cinza bem velho, que se espreguiçou, levantou-se e foi andando devagar até o outro lado do sofá, onde se deitou, olhou desconfiado para os recém-chegados, fechou um único olho e voltou a dormir. Czernobog se sentou em uma poltrona diante deles.

Zorya Utrennyaya catou um cinzeiro vazio e o colocou ao lado de Czernobog.

— Como vocês gostam do café? — perguntou ela aos visitantes. — Aqui tomamos negro como a noite, doce como o pecado.

— Assim está ótimo, senhora — respondeu Shadow. Olhou pela janela, para os edifícios do outro lado da rua.

Zorya Utrennyaya saiu da sala. Czernobog ficou olhando para ela.

— É uma boa mulher. Diferente das irmãs. Uma delas é uma bruxa, a outra só dorme.

Apoiou os pés com os chinelos em cima de uma mesa de centro baixa e comprida, com um tabuleiro de xadrez no meio e marcas de cigarro e manchas redondas de caneca na madeira.

— É sua esposa? — perguntou Shadow.

— Ela não é esposa de ninguém. — O velho ficou um tempo em silêncio, analisando as mãos ásperas. — Não. Somos todos parentes. Viemos juntos para cá, há muito tempo.

Czernobog pescou um maço de cigarros sem filtro do bolso do roupão. Shadow não reconheceu a marca. Wednesday tirou um isqueiro fino e dourado do bolso do terno claro e acendeu o cigarro do velho.

— Chegamos primeiro em Nova York — contou Czernobog. — Todos os nossos compatriotas vão primeiro para Nova York. Daí viemos para cá, para Chicago. Tudo ficou ruim demais. No velho continente, eu já tinha sido quase esquecido. Aqui, sou só uma lembrança desagradável que ninguém quer. Sabe o que eu fiz quando cheguei a Chicago?

— Não — respondeu Shadow.

— Arrumei um trabalho no ramo de carnes. No abatedouro. Eu era apagador,

o primeiro que age quando o boi chega pela rampa. Sabe por que a gente era chamado assim? Porque a gente pegava a marreta e apagava o boi com ela. *Pá!* Precisa ter força nos braços, sabe? Depois disso o acorrentador prende o boi, ergue bem no alto e corta a garganta dele. Tem que tirar o sangue antes de cortar a cabeça. O meu grupo era o dos mais fortes, os apagadores. — Ele puxou a manga do roupão e flexionou o braço, exibindo os músculos ainda visíveis sob a pele enrugada. — Mas não é só força. Apagar boi é uma arte. Tem o jeito do golpe. Senão o bicho fica só atordoado ou bravo. Aí, nos anos 1950, nos deram uma pistola pneumática. Era só encostar na testa do bicho e *pá! Pá!* Você deve estar pensando que agora qualquer um pode matar. Não pode. — Ele imitou o gesto de atravessar a cabeça de uma vaca com um pino de metal. — Ainda precisa ter habilidade. — Ele sorriu com a lembrança, exibindo dentes cor de ferro.

— Não fique contando histórias do abatedouro para eles.

Zorya Utrennyaya trouxe o café em uma bandeja vermelha de madeira. Pequenas xícaras de metal, pintadas de cores fortes, estavam cheias de um líquido marrom tão escuro que era quase preto. Ela entregou uma xícara para cada um e se sentou ao lado de Czernobog.

— Zorya Vechernyaya está fazendo compras — anunciou. — Daqui a pouco ela volta.

— Nós a encontramos lá embaixo — disse Shadow. — Ela comentou que lê a sorte.

— Sim — concordou a mulher. — O crepúsculo é a hora das mentiras. Eu nãouento boas mentiras, então sou ruim para ler a sorte. E nossa irmã, Zorya Polunochnaya, não sabe contar mentira nenhuma.

O café era ainda mais doce e forte do que Shadow esperava.

Ele pediu licença para usar o banheiro — que pelo tamanho mais parecia um armário —, que ficava perto da entrada do apartamento e era decorado com vários porta-retratos com fotografias manchadas. A tarde ainda estava no começo, mas o céu já estava escurecendo. Shadow ouviu vozes se elevando no fim do corredor. Lavou as mãos com água gelada e uma lasca de sabonete rosa de cheiro enjoativo.

Quando saiu do banheiro, viu Czernobog parado no corredor.

— Você só traz problemas! — gritava o velho. — Só problemas! Não quero nem ouvir! Saia da minha casa!

Wednesday ainda estava sentado no sofá, tomando seu café e acariciando o gato cinza. Zorya Utrennyaya estava de pé no carpete fino, mexendo, nervosa, no comprido cabelo loiro.

— Algum problema? — perguntou Shadow.

— *Ele* é o problema! — berrou Czernobog. — *Ele!* Pode falar para ele que nada vai me convencer! Eu quero que ele saia! Quero ele fora daqui! Vocês dois!

— Por favor — pediu Zorya Utrennyaya —, por favor, fale baixo, você vai acordar Zorya Polunochnaya.

— Você é que nem ele, quer que eu entre nessa loucura! — gritou Czernobog.

O velho parecia à beira das lágrimas. Uma coluna de cinzas caiu de seu cigarro, espalhando-se no carpete esfarrapado do corredor.

Wednesday se levantou e foi até Czernobog, então apoiou a mão no ombro do velho.

— Escute — começou, num tom pacificador. — Primeiro de tudo: não é loucura. É o único jeito. E, segundo, todo mundo vai estar lá. Você não vai querer ficar de fora, não é mesmo?

— Você sabe quem eu sou — retrucou Czernobog. — Sabe o que estas mãos já fizeram. Você quer meu irmão, não eu. E ele se foi.

Uma porta no corredor se abriu, e uma voz feminina sonolenta perguntou:

— Aconteceu alguma coisa?

— Nada de especial, irmã — respondeu Zorya Utrennyaya. — Pode voltar a dormir. — Ela se virou para Czernobog: — Viu só? Viu só o que fez com essa gritaria toda? Volte para lá e vá se sentar. Agora!

Czernobog parecia prestes a argumentar, mas perdeu o ânimo. De repente, o velho adquiriu um aspecto frágil — frágil e solitário.

Os três homens voltaram para a humilde sala de estar. As paredes eram cobertas por uma camada de nicotina que ia até quase o teto, lembrando uma mancha dentro de uma banheira velha.

— Não precisa ser por você — sugeriu Wednesday, imperturbável. — Se for pelo seu irmão, também é por você. Essa é uma das vantagens de vocês, dualistas, né?

Czernobog não respondeu.

— Falando em Bielebog, teve alguma notícia dele?

O outro balançou a cabeça. Então falou, encarando o carpete esfarrapado:

— Nenhum de nós teve notícias dele. Eu estou quase esquecido, mas pelo menos ainda tem gente que se lembra um pouco de mim, aqui e no velho continente. — Ele olhou para Shadow. — Você tem um irmão?

— Não. Não que eu saiba.

— Eu tenho um irmão. Dizem que, se juntar nós dois, somos como uma pessoa só, sabe? Quando a gente era novo, o cabelo dele era muito louro, muito claro, e as pessoas dizem que ele é o bom. Meu cabelo era muito escuro, mais até que o seu, e as pessoas falam que eu sou o mau, entende? Eu sou o ruim. Mas o tempo passa, e meu cabelo ficou branco. O dele também ficou, acho. E você

olha para a gente e não tem como saber quem era a luz e quem era a escuridão.

— Vocês eram próximos? — perguntou Shadow.

— Próximos? Não. Não éramos próximos. Como poderíamos ser? A gente gostava de coisas muito diferentes.

Ouviram barulho de louça do outro lado do corredor, e então Zorya Vechernyaya entrou na sala.

— Janta daqui a uma hora — anunciou. E saiu.

Czernobog deu um suspiro.

— Ela acha que é boa cozinheira — comentou. — Quando ela chegou aqui, tinha criados para cozinhar. Agora não tem criados. Não tem nada.

— Nada, não — retrucou Wednesday. — Nunca nada.

— Você! Não quero nem ouvir. — Czernobog se virou para Shadow. — Sabe jogar damas?

— Sei.

— Ótimo. Vai jogar comigo — declarou, pegando uma caixa de madeira em cima da lareira, com as peças, e despejando-as em cima da mesa. — Fico com as pretas.

Wednesday tocou o braço de Shadow.

— Você não precisa fazer isso, sabe?

— Não tem problema — respondeu ele. — Eu quero.

Wednesday deu de ombros e pegou um exemplar da *Seleções* em uma pequena pilha de revistas amareladas no peitoril da janela. Os dedos marrons de Czernobog terminaram de arrumar as peças nas suas devidas casas, e o jogo começou.

Nos dias vindouros, Shadow muitas vezes se pegaria pensando naquele jogo. Às vezes, sonharia com ele. Suas peças lisas e redondas tinham cor de madeira velha e suja — em tese, eram brancas. As de Czernobog eram de um preto desbotado fosco. Shadow começou. Em seus sonhos, não havia muita conversa durante o jogo; só se ouvia o estalido das peças batendo no tabuleiro ou o chiado de madeira contra madeira, quando eram deslizadas para uma casa vizinha.

Nos primeiros movimentos, os dois avançaram com as peças pelo tabuleiro, até o centro, ignorando as fileiras de trás. Faziam pausas entre as jogadas, pausas longas, como no xadrez, enquanto cada um observava e pensava.

Shadow jogava damas na cadeia: ajudava a passar o tempo. Também jogara xadrez, mas não tinha o temperamento certo para o jogo. Não gostava muito de planejar. Preferia escolher o movimento perfeito para cada momento. Às vezes,

dava para ganhar assim em damas.

Ouviu um estalo quando Czernobog pegou uma peça preta e pulou uma das brancas de Shadow, colocando-a na casa do outro lado. O velho pegou a peça branca e a depositou na mesa, à margem do tabuleiro.

— Primeira baixa. Você já perdeu — declarou Czernobog. — O jogo acabou.

— Que nada — respondeu Shadow. — Ainda tem muito jogo pela frente.

— Então que tal uma aposta? Só uma coisinha por fora, para deixar a partida mais interessante?

— Não — interveio Wednesday, sem tirar os olhos de uma seção de “Piadas da Caserna”. — Ele não quer.

— Não estou jogando com você, seu velho. O jogo é com ele. Então, senhor Shadow, quer fazer uma aposta?

— Por que vocês dois estavam discutindo mais cedo? — perguntou Shadow.

Czernobog ergueu uma sobrancelha muito densa e peluda.

— Seu mestre quer que eu vá com vocês. Quer minha ajuda nessa loucura que inventou. Eu prefiro morrer.

— E você quer fazer uma aposta. Tudo bem. Se eu ganhar, você vem com a gente.

O velho comprimiu os lábios.

— Pode ser. Mas só se aceitar minha contrapartida quando perder.

— E qual seria?

A expressão de Czernobog não se alterou.

— Se eu ganhar, quero apagar você. Com a marreta. Primeiro, você se ajoelha. E eu acerto um golpe, arrebento seus miolos, e você não se levanta mais.

Shadow examinou aquele rosto velho, tentando avaliá-lo. Não era brincadeira, ele tinha certeza: havia uma avidez naquele rosto — por dor, ou morte, ou vingança.

Wednesday fechou a *Seleções*.

— Isso está ficando ridículo. Vir aqui foi um erro. Shadow, vamos embora.

O gato cinzento, perturbado pela movimentação, se levantou e pulou para cima da mesa, bem ao lado do jogo de damas. Ele examinou as peças, pulou para o chão e, de rabo erguido, saiu da sala.

— Não — retrucou Shadow. Não tinha medo de morrer. Não era como se tivesse motivos para viver. — Tudo bem. Eu aceito. Se você ganhar, terá a chance de me apagar, arrebentando meus miolos com um golpe de marreta.

E moveu uma de suas peças brancas para a casa vizinha na beira do tabuleiro.

Nada mais foi dito, mas Wednesday não retomou a leitura da *Seleções*. Ele assistia ao jogo com o olho de vidro e o olho de verdade, e sua expressão não denunciava qualquer pensamento.

Czernobog comeu outra peça branca. Shadow comeu duas pretas. Do corredor, vinha o cheiro de comidas exóticas sendo preparadas. Embora nem todos os aromas fossem apetitosos, Shadow de repente notou quanto estava faminto.

Os dois homens moveram as peças, pretas e brancas, um de cada vez. Uma onda de peças comidas, e floresceram damas de duas peças de altura. Além de não serem mais obrigadas a avançar uma casa por vez, as damas, mais altas, também podiam ir para a frente ou para trás — o que as tornava duplamente perigosas. Havia chegado à última fileira do inimigo, então poderiam ir para onde quisessem. Czernobog tinha três damas, Shadow tinha duas.

Czernobog moveu uma das damas pelo tabuleiro, eliminando o que restava das peças de Shadow, enquanto usava as outras duas para imobilizar as damas do oponente.

Depois disso, o velho criou uma quarta dama e voltou pelo tabuleiro atrás das duas de Shadow. Então, sem sorrir, comeu as duas. E acabou.

— Muito bem — anunciou Czernobog. — Vou apagar você. E você vai se ajoelhar sem reclamar. Acho bom.

Ele estendeu uma das mãos idosas e deu um tapa no braço de Shadow.

— Ainda temos tempo até o jantar ficar pronto — comentou Shadow. — Quer jogar outra partida? Mesmas condições?

Czernobog acendeu mais um cigarro, usando um fósforo que pegara na caixa.

— Como mesmas condições? Quer que eu tenha que matar você duas vezes?

— Com esse acordo, você só pode dar uma marretada. E você mesmo falou que não é só uma questão de força, mas de habilidade. Se vencer o próximo jogo, vai poder dar dois golpes na minha cabeça.

Czernobog olhou feio para ele.

— Um golpe só, isso basta, um golpe só. Essa é a arte.

Ele elevou o braço direito e deu leves tapinhas, mostrando os músculos, espalhando as cinzas do cigarro na mão esquerda.

— Já faz muito tempo. Se tiver perdido o jeito, pode acabar só me machucando. Quanto tempo faz que você não usa um martelo de abate? Trinta anos? Quarenta?

Czernobog não respondeu. A boca fechada era um risco cinzento no rosto. Ele tamborilou na mesa de madeira, em batidas ritmadas. Então colocou as vinte e quatro peças de volta nas respectivas casas do tabuleiro.

— Jogue — mandou. — De novo, você é o lado branco. Eu sou o lado preto.

Shadow avançou a primeira peça. Czernobog avançou uma das pretas. E ocorreu a Shadow que o velho tentaria repetir o mesmo jogo, o que acabara de ganhar, e que essa era sua limitação.

Dessa vez, Shadow arriscou nas jogadas. Aproveitava as mais ínfimas oportunidades, movia peças sem pensar, sem parar para refletir. E, dessa vez, enquanto jogava, Shadow sorria — e, sempre que Czernobog movia uma peça, Shadow sorria ainda mais.

Em pouco tempo, Czernobog começou a bater as peças com força no tabuleiro. Quando tirava as brancas de Shadow, batia-as com tanta força na mesa que fazia tremer as outras, ainda em suas casas pretas.

— Pronto — declarou o velho, comendo uma das peças de Shadow com um gesto bruto, batendo sua peça preta no tabuleiro. — Pronto. O que diz disso agora?

Shadow não respondeu: só abriu um sorriso e comeu a última peça que Czernobog movera, depois outra, mais outra e uma quarta, eliminando todas as peças pretas do meio do tabuleiro. Pegou uma peça branca da pilha ao lado do tabuleiro e a colocou por cima da sua, coroando uma dama.

Depois, foi só fazer a faxina: em mais alguns movimentos, o jogo acabou.

— Melhor de três? — sugeriu.

Czernobog se limitou a encará-lo, os olhos cinzentos como duas lanças de aço. Então deu uma risada, agarrando Shadow pelos ombros.

— Eu gosto de você! — exclamou. — Tem colhões.

Nesse momento, Zorya enfiou a cabeça para dentro da sala e avisou que o jantar estava pronto e que era hora de guardar o jogo e pôr a toalha na mesa.

— Não temos sala de jantar — explicou. — Sinto muito. Comemos aqui.

A comida foi colocada na mesa. Cada pessoa recebeu uma bandeja colorida pequena e talheres gastos, para comer apoiada no colo.

Zorya Vechernyaya trouxe cinco tigelas de madeira e colocou uma batata cozida com casca em cada uma, então acrescentou uma concha generosa de um borche de um tom tão carmesim que doía os olhos. Serviu uma colherada de *sour cream* muito branco nas tigelas e entregou uma para cada pessoa.

— Achei que fôssemos seis — comentou Shadow.

— Zorya Polunochnaya está dormindo — explicou Zorya Vechernyaya. — Deixamos a comida na geladeira. Quando acordar, ela come.

O borche era ácido e tinha gosto de beterraba em conserva. A batata cozida era meio esfarelenta.

O prato seguinte foi uma carne assada dura, acompanhada de alguma verdura — embora tivesse sido tão cozida, e por tanto tempo, que não dava para dizer, nem com muita imaginação, que um dia tinha sido verde: parecia já ter brotado murcha e marrom.

Depois comeram folhas de repolho recheadas com carne moída e arroz — as folhas de repolho eram tão resistentes que era praticamente impossível cortá-las

sem espalhar carne moída e arroz pelo carpete. Shadow espalhou seus pedaços pelo prato, sem comer.

— Nós jogamos damas — começou Czernobog, cortando mais um bocado de carne assada para si. — O rapaz e eu. Ele ganhou uma partida, eu ganhei outra. Como ele ganhou uma, aceitei ir com ele e Wednesday e ajudar com essa loucura. E, como eu ganhei a outra, vou poder matar o rapaz com uma marretada, quando tudo estiver acabado.

As duas Zoryas assentiram solenemente.

— Que pena — declarou Zorya Vechernyaya. — Quando li sua sorte, devia ter dito que você ia viver uma vida longa e feliz, com muitos filhos.

— Por isso você é boa em ler a sorte — comentou Zorya Utrennyaya. Ela parecia sonolenta, como se tivesse dificuldade para ficar acordada até tão tarde.

— Você conta as melhores mentiras.

Foi uma refeição demorada, e, quando acabou, Shadow ainda estava com fome. A comida da cadeia era muito ruim, e a comida da cadeia era melhor que aquela.

— Boa comida — elogiou Wednesday, que tinha limpado o prato com evidente satisfação. — Eu lhes agradeço, senhoras. E, agora, receio que nos caiba pedir que nos recomendem um bom hotel nas redondezas.

Zorya Vechernyaya pareceu ofendida.

— Por que vocês precisam de hotel? Não somos amigos?

— Eu não quero incomodar... — começou Wednesday.

— Não incomoda nada — interrompeu Zorya Utrennyaya, mexendo no cabelo estranhamente dourado com uma das mãos, e então bocejou.

— Você vai pro quarto de Bielebog — anunciou Zorya Vechernyaya, apontando para Wednesday. — Está vazio. E para você, meu jovem, faço a cama no sofá. Vai ficar mais confortável aqui do que em um colchão de penas. Prometo.

— É muita gentileza sua — disse Wednesday. — Nós aceitamos.

— E você só me paga o mesmo que paga no hotel — explicou Zorya Vechernyaya, erguendo a cabeça triunfante. — Cem dólares.

— Trinta — retrucou Wednesday.

— Cinquenta.

— Trinta e cinco.

— Quarenta e cinco.

— Quarenta.

— Bom. Quarenta e cinco dinheiros.

Zorya Vechernyaya estendeu o braço por cima da mesa e apertou a mão de Wednesday. Em seguida, tirou as panelas dali. Zorya Utrennyaya deu um bocejo

tão grande que Shadow achou que ela fosse deslocar a mandíbula. A mulher anunciou que iria para a cama antes que acabasse caindo de cara na torta e deu boa-noite a todos.

Shadow ajudou Zorya Vechernyaya a levar toda a louça para a pequena cozinha. Para sua surpresa, havia um lava-louças ancião embaixo da pia, e ele o encheu. Zorya Vechernyaya olhou o arranjo por cima do ombro dele, estalou a língua e retirou as tigelas de madeira com restos de borche.

— Esse, para a pia.

— Desculpe.

— Não é problema. Agora, volte para lá, temos torta — anunciou, tirando a torta do forno.

A torta — era de maçã — fora comprada em uma loja e aquecida em casa, e era muito, muito boa mesmo. Os quatro a comeram com sorvete, então Zorya Vechernyaya mandou todos saírem da sala de estar e fez uma cama muito elegante no sofá para Shadow.

Wednesday conversou com ele no corredor, enquanto esperavam.

— Aquilo que você fez, com o jogo de damas — começou.

— O que tem?

— Foi bom. Muito, muito idiota da sua parte. Mas bom. Durma bem.

Shadow escovou os dentes e lavou o rosto na água fria do banheirinho, então voltou pelo corredor até a sala de estar e apagou a luz. Já estava dormindo antes mesmo de a cabeça encostar no travesseiro.

Houve explosões no sonho de Shadow: ele dirigia um caminhão por um campo minado, e bombas explodiam de ambos os lados do veículo. O para-brisa se estilhaçou, e Shadow sentiu sangue quente escorrer por seu rosto.

Alguém estava atirando nele.

Uma bala perfurou seu pulmão, outra arrebentou sua coluna e uma terceira atingiu seu ombro. Ele sentiu cada impacto. Caiu em cima do volante.

A última explosão terminou em escuridão.

Eu devo estar sonhando, pensou Shadow, sozinho no escuro. *Acho que acabei de morrer*. Lembrou-se de ouvir falar e de acreditar, quando pequeno, que, se a pessoa morria durante um sonho, morria também na vida real. Não se sentia morto. Tentou abrir os olhos.

Havia uma mulher na salinha de estar, parada diante da janela, de costas para Shadow. Seu coração vacilou, mas apenas por um instante.

— Laura?

A mulher se virou, envolta pelo luar.

— Sinto muito. Não queria acordar você. — Ela tinha um sotaque suave do Leste Europeu. — Vou embora.

— Não, tudo bem — respondeu Shadow. — Você não me acordou. Eu tive um sonho.

— Sim — concordou a mulher. — Você gritou e gemeu. Parte de mim queria acordá-lo, mas pensei: não, é melhor deixar o homem dormir.

Seu cabelo era claro e incolor sob o luar fraco. Ela usava uma camisola branca e fina de algodão, com gola alta de renda e uma barra que roçava no chão. Shadow se sentou, totalmente desperto.

— Você é Zorya Polu... — Ele hesitou. — A irmã que estava dormindo.

— Sou Zorya Polunochnaya, sim. E você se chama Shadow, não é? Zorya Vechernyaya me contou isso, quando despertei.

— Sim. O que estava olhando lá fora?

A mulher o observou e, então, chamou-o até a janela. Virou-se de costas enquanto ele vestia a calça. Shadow foi até ela. Parecia uma distância grande para uma sala tão pequena.

Não conseguia definir a idade daquela mulher. A pele não tinha rugas, com olhos escuros e cílios longos, o cabelo branco indo até a cintura. O luar embotava todas as cores, dando-lhes um aspecto fantasmagórico. Zorya Polunochnaya era mais alta que as irmãs.

— Eu estava olhando aquilo — explicou, apontando para um ponto no céu noturno. — Viu?

— A Ursa Maior — respondeu Shadow.

— Essa é uma das formas de interpretar as estrelas — concordou ela. — Mas não é assim no lugar de onde venho. Vou me sentar no terraço. Quer vir junto?

— Pode ser.

— Bom.

Ela abriu a janela e saiu descalça para a escada de incêndio. Um vento gélido invadiu a sala. Shadow sentiu que algo o incomodava, mas não sabia dizer o quê. Hesitou, então vestiu o suéter, calçou as meias e os sapatos e foi atrás dela pela escada de incêndio enferrujada. Zorya Polunochnaya o aguardava. A respiração de Shadow se condensava no ar frio. Ele ficou olhando enquanto os pés descalços da mulher subiam os degraus de metal gelado e a seguiu até o terraço.

O sopro frio do vento colava a camisola dela ao corpo, e Shadow reparou, desconfortável, que Zorya Polunochnaya não usava absolutamente nada por baixo do tecido branco.

— O frio não a incomoda? — perguntou, quando chegaram ao topo da escada de incêndio. O vento espantou as palavras para longe.

— Como?

A mulher aproximou o rosto do dele. Seu hálito era doce.

— Eu perguntei se não está incomodada com o frio.

Zorya Polunochnaya ergueu um dedo em resposta: *Espere*. Com passos delicados, ela se içou pela beirada do prédio e subiu no terraço plano. Shadow a seguiu com um pouco menos de graça e percorreu o terraço atrás dela, passando sob a sombra de uma caixa-d'água. Um banco de madeira esperava por eles, e a mulher se sentou. Shadow se acomodou ao lado dela.

Shadow ficou feliz em reparar que a caixa-d'água barrava o vento. As luzes da cidade manchavam o céu de amarelo, engolindo metade das estrelas que ele visualizava no interior do país. Mas via a Ursa Maior e a Estrela Polar e encontrou as Três Marias do Cinturão de Órion, o que, por sua vez, lhe permitiu encontrar Órion, que sempre lhe pareceu um homem correndo para chutar uma bola...

— Não — disse Zorya Polunochnaya. — O frio não me incomoda. Esta hora é a minha hora: a noite não poderia me incomodar, não mais do que as profundezas do mar poderiam incomodar um peixe.

— Você deve gostar da noite — comentou Shadow, constrangido por não ter falado nada mais sábio, mais profundo.

— Minhas irmãs têm horas próprias. Zorya Utrennyaya é da alvorada. No velho continente, ela acordava para abrir os portões e deixar que nosso pai conduzisse sua... hã, esqueci a palavra... É como um carro, mas com cavalos.

— Carruagem?

— Carruagem. Nossa pai a conduzia para fora. E Zorya Vechernyaya abria os portões no crepúsculo, quando ele voltava para nós.

— E você?

A mulher ficou em silêncio. Seus lábios eram carnudos, mas muito pálidos.

— Eu nunca vi nosso pai. Estava sempre dormindo.

— É um problema de saúde?

Ela não respondeu. O dar de ombros, se é que aconteceu, foi imperceptível.

— Então. Você queria saber o que eu estava olhando.

— A Ursa Maior.

Zorya Polunochnaya levantou um dos braços para indicar a constelação, e o vento pressionou a camisola contra seu corpo. Os mamilos momentaneamente visíveis, cada ponto arrepiado nas aréolas, escuras contra o algodão branco. Shadow estremeceu.

— A Carruagem de Odin, é assim que chamam. E a Ursa Maior. De onde viemos, acreditamos que tem uma... uma coisa, uma... não um deus, mas como um deus... uma coisa ruim acorrentada naquelas estrelas. Se essa coisa escapar,

come tudo de todas as coisas. E existem três irmãs que têm o dever de observar o céu, o dia inteiro, a noite inteira. Se ela escapar, essa coisa nas estrelas, o mundo acaba. *Puft!*, acabou.

— E as pessoas acreditam nisso?

— Elas acreditavam. Há muito tempo.

— E você estava olhando para tentar enxergar o monstro nas estrelas?

— Algo assim. É.

Shadow sorriu. Estava certo de que, não fosse pelo frio, teria pensado que estava sonhando. Tudo aquilo lembrava muito um sonho.

— Posso perguntar quantos anos você tem? Suas irmãs parecem muito mais velhas.

A mulher assentiu.

— Eu sou a mais nova. Zorya Utrennyaya nasceu de manhã e Zorya Vechernyaya nasceu ao anoitecer. E eu nasci à meia-noite. Sou a irmã da meia-noite: Zorya Polunochnaya. Você é casado?

— Minha esposa morreu. Na semana passada, em um acidente de carro. O velório foi ontem.

— Sinto muito.

— Ela veio me ver ontem à noite.

Não foi difícil falar daquilo ali, na penumbra sob o luar. Não era algo tão impensável quanto à luz do dia.

— Você perguntou o que ela queria?

— Não. Não perguntei.

— Talvez fosse bom perguntar. É a pergunta mais sábia a se fazer aos mortos. Às vezes, eles dizem. Zorya Vechernyaya contou que você jogou damas com Czernobog.

— Sim. Ele ganhou o direito de bater no meu crânio com uma marreta.

— Nos velhos tempos, levavam pessoas até o topo das montanhas. Até lugares bem altos. Esmagavam a parte de trás do crânio delas com uma pedra. Para Czernobog.

Shadow olhou ao redor. Sim, estavam sozinhos no terraço.

Zorya Polunochnaya riu.

— Seu bobo, ele não está aqui. E você venceu um jogo também. Ele só pode dar o golpe quando tudo estiver acabado. Czernobog disse isso. E você vai saber. Como as vacas que ele matava. Elas sempre sabiam, antes. Caso contrário, de que adianta?

— Eu sinto como se estivesse em um mundo com uma lógica própria. Com suas próprias regras. É como quando estamos em um sonho e sabemos que há regras que não devem ser quebradas, mas não sabemos quais são nem o que

significam. Não tenho a menor ideia do que estamos falando, nem do que aconteceu hoje, nem de quase nada do que aconteceu desde que saí da cadeia. Só estou seguindo o fluxo, sabe?

— Sei. — Ela segurou a mão de Shadow com sua mão gelada. — Você recebeu proteção uma vez, mas a perdeu. Você a deu para outra pessoa. Teve o sol nas suas mãos. E isso é como a própria vida. Só posso dar uma proteção muito mais fraca. A filha, não o pai. Mas qualquer ajuda vale. Não é?

O vento frio soprou o cabelo branco no rosto dela, e Shadow percebeu que era hora de voltar para dentro.

— Vou ter que brigar com você? Ou jogar damas?

— Você não precisa nem me beijar. Basta que pegue a lua.

— Como?

— Pegue a lua.

— Não entendo.

— Veja — disse Zorya Polunochnaya. Ela ergueu a mão esquerda e a posicionou diante da lua, de modo que o dedo indicador e o polegar parecessem segurá-la. Depois, com um movimento fluido, a puxou. Por um instante, parecia que a mulher tinha tirado a lua do céu, mas Shadow logo viu que ela ainda brilhava lá no alto. Zorya Polunochnaya abriu a mão e mostrou, entre o indicador e o polegar, uma moeda prateada de um dólar com a efígie da Estátua da Liberdade.

— Nossa, foi muito bem executado — comentou Shadow. — Nem vi você empalmar. E não sei como você fez essa última parte.

— Eu não empalmei — respondeu Zorya Polunochnaya. — Eu peguei. E agora a dou para você, para mantê-lo em segurança. Aqui. Não se desfaça desta.

A mulher colocou a moeda na mão direita de Shadow. O metal era frio ao toque. Zorya Polunochnaya se inclinou para a frente, fechou os olhos dele com os dedos e deu um beijo delicado em cada pálpebra.

Shadow acordou no sofá, todo vestido. Um feixe estreito de luz do sol entrava pela janela, fazendo os flocos de poeira dançarem no ar.

Saiu da cama e foi até a janela. A sala parecia muito menor à luz do dia.

A coisa que o incomodara na noite anterior entrou em foco quando ele olhou para fora, para baixo e para a calçada do outro lado da rua. Não havia escada de incêndio do lado de fora daquela janela: nenhuma varanda, nenhum degrau de metal enferrujado.

Ainda assim, na palma da mão bem fechada, reluzente e lustrosa como no dia

em que foi cunhada, havia uma moeda prateada de um dólar, datada de 1922 com a efígie da Estátua da Liberdade.

— Ah. Você acordou — comentou Wednesday, enfiando a cabeça para dentro da sala. — Ótimo. Quer café? Temos um banco para roubar.

VINDA À AMÉRICA

1721

O QUE É importante entender sobre a história americana, escreveu o sr. *Ibis*, em seu diário com capa de couro, é que ela é ficcional, rabiscos simplórios feitos com pedaços de carvão destinados a crianças ou aos que se enfastiam com facilidade. De maneira geral, ela carece de avaliação, de imaginação, de reflexão. É uma representação da coisa, não a coisa propriamente dita. É uma bela ficção, continuou ele, parando um instante para mergulhar a pena no vidro de tinta e organizar os pensamentos, a ideia de que os Estados Unidos foram fundados por peregrinos que buscavam liberdade para acreditar no que desejassem, de que eles vieram para o continente americano, espalharam-se, procriaram e preencheram a terra vazia.

Na realidade, as colônias americanas serviam tanto como área de desova quanto como área de fuga, um local de esquecimento. No tempo em que era permitido enforcar alguém em Londres na “árvore tripla” de Tyburn pelo roubo de doze *pence*, as Américas se tornaram um símbolo de clemência, de segundas chances. Mas as condições de transporte eram tais que, para alguns, era mais fácil pular do tronco desnudo e bailar no ar até a dança acabar. Era como eles chamavam: transporte — por cinco anos, por uma década, para sempre. Essa era a sentença.

O indivíduo era vendido a um capitão e cruzava o oceano no navio dele, que era tão abarrotado quanto um navio negreiro, rumo às colônias ou às Índias Ocidentais; depois, o capitão o revendia como servo para alguém disposto a aceitar o valor do suor desse indivíduo em trabalho durante os anos de vigência do contrato de servidão. Mas, pelo menos, o viajante não precisaria aguardar dentro de uma prisão inglesa até ser enforcado (pois, naqueles tempos, as prisões eram lugares em que as pessoas ficavam até serem libertadas, transportadas ou enforcadas: não havia penas por tempo determinado), e podia aproveitar ao

máximo o Novo Mundo. Também era possível subornar o capitão do navio para levá-lo de volta à Inglaterra antes do término do período estabelecido para o transporte. As pessoas faziam isso. E, se as autoridades inglesas o flagrassem voltando ao país — se um velho inimigo ou um velho amigo com alguma questão mal resolvida o visse e o denunciasse —, o indivíduo era enforcado em um piscar de olhos.

Eu me lembro, *continuou ele, após um breve intervalo, durante o qual reabasteceu o vidro de tinta na mesa com a garrafa de tinta ocre no armário, voltando a mergulhar a pena*, da vida de Essie Tregowan, que veio de um pequeno vilarejo gelado à beira de um penhasco da Cornualha, no sudeste da Inglaterra, onde sua família vivera por mais tempo do que a memória alcançava. O pai dela era pescador, e dizia-se que era um dos destroçadores — homens que penduravam lamparinas o mais alto que pudessem à beira de litorais perigosos açoitados por tempestades implacáveis, a fim de atrair os navios até as rochas e roubar as mercadorias a bordo. A mãe de Essie trabalhava como cozinheira na casa do senhor, e, com doze anos, ela começou a ajudá-la na cozinha. Era uma coisinha miúda, com grandes olhos castanhos e cabelo castanho-escuro; trabalhar não era muito o seu forte. A menina escapulia sempre que possível para escutar histórias, se conseguisse encontrar alguém que as contasse: histórias de *piskies* e *spiggans*, de cães negros dos pântanos e mulheres-foca do Canal da Mancha. E, embora o senhor achasse esse tipo de coisa uma tolice, a criadagem da cozinha sempre servia o mais cremoso dos leites num pires de porcelana à noite e o colocava na frente da porta da cozinha, para os *piskies*.

Passaram-se os anos, e Essie já não era uma coisinha miúda: agora exibia curvas e contornos como as ondas do mar verde, e seus olhos castanhos riam, e os cachos de seu cabelo castanho dançavam e se entrelaçavam. Os olhos de Essie se iluminaram quando ela se deparou com Bartholomew, o filho de dezoito anos do senhor, que havia chegado de Rugby. À noite, ela foi até a pedra na extremidade da floresta e depositou um resto de pão, que Bartholomew havia deixado no prato, enrolado em uma mecha do próprio cabelo. E, no dia seguinte, enquanto ela limpava a lareira do quarto do jovem, Bartholomew foi falar com Essie e a fitou com seus olhos azuis —, o azul perigoso de um céu antes da tempestade.

“Ele tinha olhos muito perigosos”, disse Essie Tregowan.

Pouco depois, Bartholomew foi para Oxford, e, quando a condição de Essie se tornou aparente, ela foi despedida. Mas o bebê nasceu morto, e, em solidariedade à mãe de Essie, que era uma excelente cozinheira, a esposa do senhor convenceu o marido a recontratar a filha da criada.

No entanto, o amor de Essie por Bartholomew se convertera em ódio pela

família dele. Ela se envolveu com um homem de um vilarejo vizinho, de má reputação, que respondia pelo nome de Josiah Horner. E, numa noite, enquanto a família dormia, Essie se levantou no escuro e destrancou a porta lateral, para que seu amante entrasse. Ele saqueou a casa enquanto a família repousava.

As suspeitas logo recaíram sobre os serviços, pois era perceptível que alguém havia aberto a porta (que a esposa do senhor tinha a distinta lembrança de haver trancado pessoalmente), e esse mesmo alguém decerto sabia onde o senhor guardava a prataria e qual era a gaveta onde guardava suas moedas e notas promissórias. No entanto, Essie, que negou tudo firmemente, não recebeu condenação alguma, até que o sr. Josiah Horner foi pego em um armazém de Exeter, tentando repassar uma das notas do senhor. O senhor a identificou, e Horner e Essie foram a julgamento.

Horner foi condenado no tribunal local e, no jargão cruel e casual da época, foi *desligado*, mas o juiz se compadeceu de Essie, devido à idade dela ou ao cabelo castanho, e a sentenciou ao transporte por sete anos. Ela seria transportada em um navio chamado *Netuno*, comandado por um tal capitão Clarke. E, assim, Essie foi às Carolinas; e, no caminho, ela concebeu uma aliança com o mesmíssimo capitão e o convenceu a trazê-la de volta à Inglaterra consigo, na condição de esposa, e a levá-la à casa da mãe dele em Londres, onde ninguém a conhecia. A viagem de retorno, com a carga humana tendo sido substituída por algodão e tabaco, foi um período de paz e felicidade para o capitão e sua noiva, dois pombinhos ou borboletas em cortejo, incapazes de se desgrudar ou de evitar presentinhos e carinhos.

Quando chegaram a Londres, o capitão Clarke deixou Essie aos cuidados da mãe, que em todos os aspectos a tratava como a nova esposa de seu filho. Oito semanas mais tarde, o *Netuno* voltou a zarpar, e a bela jovem de cabelo castanho se despediu do marido no cais. Depois, ela voltou à casa da sogra, onde, na ausência da velha, se serviu de um pedaço de seda, várias moedas de ouro e uma vasilha de prata onde a mãe do capitão guardava seus botões. Em posse desses objetos, Essie desapareceu pelos bordéis da cidade.

Nos dois anos que se seguiram, Essie se tornou uma ladra competente, e suas saias compridas ocultavam uma multiplicidade de pecados, contendo sobretudo rolos de seda e renda. Ela aproveitava a vida ao máximo. Por escapar de tantas vicissitudes, Essie agradecia a todas as criaturas sobre as quais havia ouvido histórias quando pequena, como os *piskies* (cuja influência, a mulher tinha certeza, estendia-se até Londres). Ela punha uma tigela de madeira com leite no peitoril da janela todas as noites, embora suas amigas rissem; mas ela riu por último, pois suas amigas contraíram varíola ou gonorreia, enquanto Essie permanecia cheia de saúde.

Faltava um ano para o vigésimo aniversário de Essie quando o destino lhe deu um golpe: ela estava no Crossed Forks Inn, na Fleet Street, em Bell Yard, quando viu um rapaz entrar e se acomodar perto da lareira, recém-saído da universidade. *Opa! Um pombo pronto para ser depenado*, pensa ela com seus botões, sentando-se ao lado dele, dizendo-lhe que é um rapaz muito charmoso, uma das mãos começando a acariciar-lhe o joelho, a outra, com mais cuidado, procurando o relógio de bolso dele. E, então, ele a encarou, e Essie sentiu o coração saltar e se apertar quando olhos de um azul perigoso como o céu de verão antes de uma tempestade fitaram os seus, e o sr. Bartholomew disse o nome dela.

Essie foi levada à prisão de Newgate e acusada de voltar do transporte antes do fim da pena. Ao ser considerada culpada, não foi surpresa para ninguém que ela tenha implorado por perdão em nome do filho que carregava na barriga. No entanto, as enfermeiras da cidade, que averiguavam tais alegações (normalmente inverídicas), se viram obrigadas a admitir que Essie estava, de fato, grávida; quem era o pai, Essie se negava a dizer.

A sentença de morte mais uma vez foi substituída por transporte, dessa vez vitalício.

Ela zarpou no *Donzela do Mar*. O navio levava duzentos passageiros, todos abarrotados no compartimento de carga como porcos gordos a caminho do abate. Casos de diarreia e febre eram constantes; mal havia espaço para se sentar, muito menos se deitar; uma mulher morreu durante o parto no fundo do compartimento de carga, mas era tanta gente aglomerada que foi impossível levar seu corpo até a frente, então ela e a criança foram jogadas por uma pequena escotilha, diretamente no mar cinzento agitado. Essie já estava com oito meses, e era um assombro ela não ter perdido o bebê, mas o fato é que não perdeu.

Por toda a vida ela teria pesadelos do tempo passado naquele compartimento e acordaria aos gritos com o sabor e o fedor do lugar na boca.

O *Donzela do Mar* atracou em Norfolk, na Virgínia, e o contrato de Essie foi adquirido por um “pequeno agricultor”, um plantador de tabaco chamado John Richardson, cuja esposa havia morrido uma semana após dar à luz sua filha, e ele precisava de uma ama de leite e de uma criada para a chácara.

E assim o bebê de Essie, um menino a quem ela dera o nome de Anthony, em homenagem, dissera ela, a seu falecido marido e pai da criança (ciente de que não havia ninguém que pudesse contradizê-la, e era possível que ela tivesse mesmo conhecido algum Anthony), mamou no peito de Essie junto com Phyllida Richardson. A filha de seu empregador sempre mamava primeiro, e assim se tornou uma criança saudável, alta e forte, enquanto o filho de Essie, alimentando-se das sobras, se tornou débil e frágil.

As crianças também cresceram se embebendo das histórias de Essie: ouviram sobre os *knockers* e os *bluecaps* que moram nas minas; sobre Bucca, o espírito mais malicioso sobre a face da Terra, muito mais perigoso que os *piskies* de cabelo vermelho e nariz pequeno, para quem o primeiro peixe pescado era sempre deixado na praia, e para quem um pão fresco era deixado no campo na época da ceifa, para garantir uma boa colheita; ela contou sobre os homens das macieiras — velhas macieiras que falavam quando bem entendiam e que precisavam ser aplacadas com a primeira sidra da colheita, que era despejada em suas raízes na virada do ano, para que a colheita do ano seguinte fosse boa. Ela explicou, com seu sotaque melódico característico da Cornualha, quais árvores deviam inspirar cuidados, entoando a velha cantiga:

O Olmo matuta
E o Carvalho dá medo,
Mas o homem-salgueiro sai à rua
Se você não dormir cedo.

Ela lhes contou tudo isso, e eles acreditaram, porque ela acreditava.

A fazenda prosperou, e Essie Tregowan agradeceu aos *piskies* pondo um pires de porcelana com leite na porta dos fundos todas as noites. E, depois de oito meses, John Richardson bateu discretamente à porta do quarto de Essie e lhe pediu os favores que uma mulher dá a um homem, e Essie expressou a dimensão de seu choque e de sua mágoa, uma pobre viúva, uma serva temporária em nada diferente de uma escrava, que é solicitada a se prostituir e a se deitar com um homem por quem nutria tamanho respeito — e uma serva temporária não podia se casar, então ela era incapaz de conceber como ele poderia sequer considerar atormentar uma donzela transportada presa a um contrato de trabalho —, e seus olhos cor de avelã se encheram de lágrimas, de tal modo que Richardson se viu pedindo desculpas a ela. O resultado foi que John Richardson acabou, naquele corredor, naquela noite quente de verão, ajoelhando-se diante de Essie Tregowan, propondo o fim do contrato e pedindo-lhe em casamento. Embora a mulher tivesse aceitado, ela não passou uma noite com ele antes que fosse legítimo, quando então ela se mudou do quartinho do sótão para o quarto principal na frente da casa; e, quando os amigos do fazendeiro Richardson e suas respectivas esposas cruzavam com ele na cidade, muitos julgavam que a nova sra. Richardson era uma mulher de extraordinária beleza, e que Johnnie Richardson tivera muita sorte.

Em menos de um ano, ela deu à luz mais uma criança, outro menino, louro como o pai e a meia-irmã, e eles o chamaram John, em homenagem ao

progenitor.

As três crianças frequentavam a igreja da cidade para ouvir o pastor itinerante nos domingos, e iam à escolinha para aprender as letras e os números junto com os filhos dos outros pequenos fazendeiros. Essie também fazia questão de que conhecessem os mistérios dos *piskies*, que eram os mistérios mais importantes que havia: homens de cabelo vermelho, com olhos e roupas verdes como um rio, com narizes empinados, homens vesgos e engraçados que podiam virar, torcer ou desorientar alguém se lhes desse na telha, a menos que se carregasse sal ou um pouco de pão no bolso. Quando as crianças iam para a escola, cada uma levava um punhado de sal num dos bolsos, um pouco de pão no outro, os velhos símbolos da vida e da terra, para que pudessem voltar para casa em segurança, e elas sempre voltavam.

As crianças cresceram nas verdejantes colinas da Virgínia. Eram altas e fortes (embora Anthony, seu primeiro filho, sempre fosse mais fraco, pálido e vulnerável a doenças e mal-estares), e os Richardson foram felizes; e Essie amou o marido como pôde. Eles tinham uma década de casados quando John Richardson sentiu uma dor de dente tão forte que caiu do cavalo. Foi levado à cidade mais próxima, onde o dente foi arrancado; mas era tarde demais, e o sangue envenenado o levou embora, com o rosto enegrecido e aos gemidos, e sua família o enterrou sob seu salgueiro preferido.

A viúva Richardson foi encarregada de administrar a fazenda até que os dois filhos de Richardson atingissem a maioridade: ela administrava os servos temporários e os escravos e fazia a colheita do tabaco, ano após ano; derramava sidra na raiz das macieiras na véspera do ano-novo e deixava um pão recém-assado nos campos na época da ceifa e sempre colocava um pires de leite na porta dos fundos. A fazenda prosperou, e a viúva Richardson conquistou uma reputação de negociante difícil, mas cuja produção era sempre boa, e que nunca vendia mercadorias de má qualidade como se fossem boas.

E assim tudo correu bem por mais dez anos; mas, depois, houve um ano ruim, pois Anthony, o primeiro filho de Essie, matou Johnnie, o meio-irmão, em uma briga furiosa pelo futuro da fazenda e pela mão de Phyllida; houve quem dissesse que ele não tivera a intenção de matá-lo, e que foi um golpe leviano que acabou acertando fundo demais, e houve quem dissesse o contrário. Anthony fugiu, e Essie enterrou o filho mais novo ao lado do pai. Houve também quem dissesse que Anthony fugiu para Boston, e houve quem dissesse que ele foi para o sul, para a Flórida, e sua mãe acreditava que ele havia embarcado para a Inglaterra, a fim de se alistar no exército do rei George e combater os rebeldes escoceses. Mas, sem os dois filhos, a fazenda era um lugar vazio e triste, e Phyllida chorava e sofria como se seu coração tivesse sido partido, e nada que

sua madrasta fizesse ou dissesse conseguia devolver-lhe um sorriso aos lábios.

Contudo, devastadas ou não, elas precisavam de um homem na fazenda, então Phyllida se casou com Harry Soames, um carpinteiro naval por formação que havia se cansado do mar e sonhava com uma vida na terra, em uma fazenda como a em que havia crescido, em Lincolnshire. E, embora a fazenda das Richardson pouco se parecesse com a de sua infância, Harry Soames encontrou semelhanças suficientes para ser feliz ali. Cinco filhos nasceram de Phyllida e Harry, dos quais três sobreviveram.

A viúva Richardson sentia saudades dos filhos e do marido, mas ele agora não era muito mais do que a lembrança de um homem bom que a tratara com gentileza. Os filhos de Phyllida corriam para ouvir as histórias de Essie, e ela lhes contava sobre o Cão Negro dos Pântanos, sobre o Cabeça Crua, sobre o Ossos Sangrentos e sobre Homem da Macieira, mas não era isso que os interessava; eles só queriam saber de histórias de João e o Pé de Feijão, ou de João, o Matador de Gigantes, ou de João, o Gato e o Rei. Ela amava aquelas crianças como se tivessem saído do próprio ventre, embora às vezes as chamassem pelo nome dos que havia muito estavam mortos.

Era maio, e ela levou a cadeira até a horta no quintal para colher ervilhas e descascá-las ao sol, pois até na temperatura agradável da Virgínia o frio havia penetrado seus ossos e a geada invadira seu cabelo, então um pouco de calor era sempre bem-vindo.

Conforme a viúva Richardson descascava ervilhas com suas mãos velhas, ela começou a pensar em como seria prazeroso caminhar mais uma vez pelos pântanos e pelos penhascos da sua Cornualha natal, e lembrou-se de quando se sentava nas pedras, esperando o barco do pai voltar dos mares cinzentos. Suas mãos enrijecidas e fracas empurravam as ervilhas em uma tigela de barro, despejando as cascas vazias no colo coberto pelo avental. Pouco depois, ela se viu recordando, como não fazia havia muito, de uma vida perdida: bolsas que ela surrupiara e sedas que ela havia roubado com seus dedos ágeis; veio a sua mente também a imagem do diretor da prisão de Newgate, que lhe dissera que levaria umas doze semanas até que o caso dela fosse levado à corte, e que ela poderia escapar da força se suplicasse em nome do filho que carregava, e como ela era bonita... e ela se virara para a parede e erguera a saia com bravura, odiando a si mesma, odiando-o, mas ciente de que ele tinha razão; e sentiu a vida movendo-se dentro de si, o que significava que ela poderia adiar a morte um pouco mais...

— Essie Tregowan? — disse um desconhecido.

A viúva Richardson levantou a cabeça e protegeu os olhos do sol de maio.

— Conheço o senhor? — perguntou ela. Não o ouvira se aproximar.

O homem vestia verde dos pés à cabeça: calças verdes poeirentas, blusa verde

e um casaco verde-escuro. O cabelo era de um vermelho cor de cenoura, e ele abriu um sorriso torto. O homem tinha algo que fazia com que ela ficasse feliz ao vê-lo, e também algo que sussurrava perigo.

— Acho que podemos dizer que você me conhece, sim — respondeu o homem.

Ele a encarou, e ela o encarou, procurando naquele rosto redondo uma pista de sua identidade. O homem parecia tão jovem quanto seus netos, mas a chamara por seu antigo nome, e sua voz tinha uma vibração que ela conhecia desde a infância, desde as pedras e os pântanos de seu lar.

— Você é da Cornualha? — perguntou ela.

— Acertou em cheio — respondeu o homem ruivo. — Bem, eu era, mas agora estou aqui neste mundo novo, onde ninguém deixa cerveja ou leite para um camarada honesto, nem um pedaço de pão nos tempos de colheita.

A mulher idosa equilibrou a tigela de ervilhas no colo.

— Se você é quem eu penso que é — disse —, não quero problemas.

Ouvia ao longe Phyllida resmungando com a governanta.

— Nem eu — respondeu o sujeito ruivo, com um pouco de tristeza —, embora tenha sido você que me trouxe para cá, você e alguns outros como você, nesta terra que não tem tempo para magia e não tem lugar para *piskies* e outros como eu.

— Você me trouxe muitas felicidades — falou ela.

— Felicidades e infelicidades — disse o desconhecido, com um olhar de soslaio. — Nós somos como o vento. Sopramos para os dois lados.

Essie assentiu.

— Aceita minha mão, Essie Tregowan?

Ele estendeu a mão para ela. Era sardenta, e, embora a visão de Essie já não fosse boa, ela conseguiu enxergar cada pelo laranja que havia nela, um brilho dourado à luz da tarde. Ela mordeu o lábio. E, hesitante, uniu sua mão calejada à dele.

Ela ainda estava quente quando a encontraram, embora a vida tivesse deixado seu corpo e apenas metade das ervilhas estivesse descascada.

CAPÍTULO

CINCO

*Dama Vida, flor em botão
O Fim, sempre a espreitar:
Ela, dona do salão,
Ele, o mal no limiar.*

W.E. Henley, “Madam Life’s a Piece in Bloom”

APENAS ZORYA UTRENNYAYA estava acordada para se despedir deles naquela manhã de sábado. Ela recebeu os quarenta e cinco dólares de Wednesday e insistiu em fazer um recibo — escreveu com uma letra grande e bem redonda no verso de um cupom vencido de refrigerantes. À luz da manhã, a mulher parecia uma boneca de porcelana, com a maquiagem aplicada com esmero no rosto enrugado e o cabelo dourado enrolado num coque no topo da cabeça.

Wednesday beijou a mão dela.

— Agradeço a hospitalidade, minha bela dama. A senhorita e suas adoráveis irmãs continuam radiantes como o céu.

— Você é um velho ruim — respondeu Zorya, apontando um dedo para Wednesday. Depois, o abraçou. — Cuide-se. Não vou gostar de ouvir que você se foi de vez.

— Eu ficaria igualmente abalado, minha querida.

A mulher apertou a mão de Shadow.

— Zorya Polunochnaya gosta muito de você. E eu também.

— Obrigado — respondeu Shadow. — E agradeço pelo jantar.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Você gostou? Tem que voltar mais vezes, então.

Wednesday e Shadow desceram a escada. Shadow enfiou as mãos nos bolsos do casaco. Sentiu a moeda de prata fria contra os dedos. Era maior e mais pesada do que todas as moedas que já manejara. Fez uma empalmada clássica e deixou a mão pender ao lado do corpo, então endireitou a mão, encaixando a moeda na palma, entre os dedos. Parecia que a moeda sempre estivera ali, presa entre o indicador e o mindinho.

— Muito bem executado — comentou Wednesday.

— Ainda estou aprendendo. Já sei um monte de técnicas. A parte mais difícil é fazer as pessoas olharem para a mão errada.

— É mesmo?

— É. É o que chamam de distração.

Shadow passou os dedos médio e anelar por cima da moeda, tentando fazer com que ela continuasse presa entre o mindinho e o indicador, mas agora nas costas da mão, e errou por poucos milímetros. A moeda caiu e saiu quicando por meio lance de escada. Wednesday se abaixou e a pegou.

— Você não pode se dar ao luxo de se descuidar dos presentes que recebe — repreendeu-o. — Precisa ter mais atenção com esse tipo de coisa. Não vá sair jogando moedas por aí. — Wednesday examinou o objeto, primeiro o lado com a águia, depois o rosto da Estátua da Liberdade. — Ah, a Lady Liberdade. Linda, não acha?

Ele jogou a moeda para Shadow, que a pegou no ar e simulou um desaparecimento lateral, aparentando soltá-la por entre os dedos da mão esquerda, mas segurando-a firme com a direita, fingindo então que a guardava no bolso esquerdo. A moeda repousava na palma de sua mão direita, bem à vista. Era uma sensação reconfortante.

— Lady Liberdade — repetiu Wednesday. — Assim como tantos dos deuses queridos pelos norte-americanos, é uma estrangeira. Ela, no caso, é francesa. Mas os franceses, em respeito às sensibilidades americanas, cobriram o busto magnífico da estátua com que presentearam Nova York. Lady Liberdade — repetiu, torcendo o nariz ao reparar numa camisinha usada no pé da escada e empurrando-a com a ponta do pé para o lado, com nojo. — Alguém podia escorregar nisso. Quebrar o pescoço — murmurou, interrompendo-se. — É como uma casca de banana, só que com uma dose de mau gosto e ironia.

Ele abriu a porta, e os dois foram atingidos pelo clarão do sol. O mundo lá fora estava mais frio do que parecia de dentro do prédio, e Shadow se perguntou se nevaria novamente.

— A Liberdade — bradou Wednesday, enquanto andavam até o carro — é uma meretriz com quem nos deitamos numa cama de cadáveres.

— Ah, é?

— É uma frase famosa. De um francês. É isso que retrata aquela estátua no porto de Nova York: uma puta que gostava de ser comida sobre os restos putrefatos da guilhotina. Pode erguer essa sua tocha o mais alto que quiser, minha cara, mas isso não vai impedir os ratos de subirem por seu vestido nem eliminar a porra fria escorrendo entre suas pernas.

Ele destrancou o carro e indicou o banco do carona para Shadow.

— Ela é bonita — comentou Shadow, examinando a moeda.

O rosto prateado de Lady Liberdade lembrava um pouco o de Zorya Polunochnaya.

— Essa é a eterna insensatez do homem — retrucou Wednesday, dando partida no carro. — Perseguir a doce carne, sem nunca perceber que é só uma cobertura bonitinha para os ossos. Comida de minhoca. À noite, você se esfrega em comida de minhoca. Sem querer ofender.

Era a primeira vez que Shadow via Wednesday tão falante. Concluiu que seu novo chefe passava por fases de extroversão intercaladas por períodos de profundo silêncio.

— Quer dizer que você não é dos Estados Unidos?

— Ninguém é — respondeu Wednesday. — Não de origem. É isso o que estou dizendo. — Ele conferiu o relógio. — Ainda temos algumas horas para matar até os bancos fecharem. Aliás, bom trabalho ontem, com Czernobog. Eu o convenceria mais cedo ou mais tarde, mas você o deixou mais motivado do que eu teria conseguido.

— Só porque ele vai poder me matar depois.

— Não necessariamente. Como você mesmo observou, com bastante perspicácia, Czernobog está velho, e o golpe letal pode acabar deixando você apenas... bem, paralítico. Para o resto da vida, sem esperança de recuperação. Então você ainda tem alguma chance, caso o senhor Czernobog sobreviva às dificuldades iminentes.

— E existe alguma dúvida quanto a isso? — perguntou Shadow, imitando o jeito de Wednesday falar e se odiando por isso.

— Uma porrada de dúvidas. — Wednesday entrou com o carro no estacionamento de um banco. — Este é o banco que vou roubar — anunciou. — Ainda vai levar algumas horas para fechar. Vamos entrar e cumprimentar os funcionários.

Ele gesticulou para Shadow, que, relutante, saiu do carro e o acompanhou. Se aquele velho ia fazer alguma idiotice, Shadow não via motivos para exibir o rosto para as câmeras. Mas a curiosidade o impeliu, e ele entrou no banco. Manteve o rosto baixo, os olhos fixos no chão, esfregando o nariz o tempo todo, fazendo o possível para esconder suas feições.

— Onde ficam as guias de depósito, senhora? — perguntou Wednesday, dirigindo-se à moça que estava sozinha no caixa.

— Ali.

— Excelente. E se eu precisar fazer um depósito noturno...?

— É a mesma guia. — A moça sorriu. — O senhor sabe onde fica o compartimento para depósitos noturnos? Na parede lá fora, à esquerda da porta.

— Muito obrigado.

Wednesday pegou várias guias. Despediu-se com um sorriso e, com Shadow a seu lado, saiu.

O homem ficou parado na calçada por um instante, coçando a barba, pensativo. Então foi até o caixa eletrônico e depois ao cofre noturno instalado na lateral da parede, examinando tudo. Levou Shadow ao supermercado do outro lado da rua, onde comprou um picolé de chocolate para si e uma caneca de chocolate quente para Shadow. Na entrada, havia um telefone público logo abaixo de um mural com anúncios de quartos para alugar e de filhotes de cachorro e de gato precisando de um lar. Wednesday anotou o número do telefone público. Os dois atravessaram a rua de novo.

— O que nós precisamos é de neve — declarou Wednesday, de repente. — Uma boa nevasca, forte e irritante. Pode pensar em “neve” para mim, por favor?

— Hein?

— Está vendo aquelas nuvens lá em cima, a oeste? Concentre-se em fazer com que fiquem maiores e mais escuras. Pense em céus cinzentos e ventos fortes vindos do ártico. Pense em neve.

— Acho que não vai adiantar.

— Besteira. No mínimo, vai ocupar sua mente — retrucou Wednesday, destrancando o carro. — Vamos para o Kinko’s. Depressa.

Neve, pensou Shadow, no banco do carona, bebendo seu chocolate quente. *Flocos de neve rodopiantes, montanhas de neve deslizando pelo ar, fragmentos brancos contrastando com o céu cor de ferro, a neve pousando na língua, cheia de frio e de inverno, beijando rostos com um toque hesitante antes de congelar até a morte. Trinta centímetros de neve branca e fofa como algodão-doce, transformando o mundo em um conto de fadas, enchendo tudo de uma beleza irreconhecível...*

Wednesday estava falando alguma coisa.

— Como? — indagou Shadow.

— Eu falei que a gente chegou. Você estava viajando.

— Estava pensando em neve — explicou Shadow.

No Kinko’s, Wednesday tirou cópias das guias de depósito do banco. Pediu ao atendente que imprimisse duas folhas com dez cartões de visita. Shadow começou a ficar com dor de cabeça, acompanhado de uma sensação incômoda nas costas, entre os ombros. Ele se perguntou se tinha dormido de mau jeito, se aquilo era um legado desagradável do sofá da noite anterior.

Wednesday se sentou diante do computador para escrever uma carta e, com a ajuda do atendente, criar alguns avisos grandes no formato A4.

Neve, pensou Shadow. *No alto da atmosfera, cristais minúsculos perfeitos que se formam em torno de um fragmento diminuto de poeira, cada renda congelada*

uma obra de arte fractal hexagonal. E os cristais de neve se aglomeram em flocos ao cair, cobrindo Chicago em sua vastidão branca, centímetro por centímetro...

— Toma — disse Wednesday. Entregou a Shadow um copo de café com uma massa parcialmente dissolvida de creme em pó sem lactose boiando em cima. — Acho que já chega, né?

— Chega de quê?

— De neve. Não queremos parar a cidade, queremos?

O céu tinha um tom cinza ameaçador e uniforme. Ia nevar. E muito.

— Fui eu quem fez isso? Quer dizer, não fui eu. Foi?

— Beba o café. É horrível, mas vai aliviar sua dor de cabeça — retrucou Wednesday. E acrescentou: — Bom trabalho.

Wednesday pagou ao atendente do Kinko's e levou os avisos, as cartas e os cartões para o carro. Abriu o porta-malas, guardou os papéis em uma caixa preta grande de metal, como as que os guardas usavam para transportar dinheiro, e depois o fechou. Então entregou um cartão de visitas a Shadow.

— Quem é A. Haddock, diretor de segurança, Serviços de Segurança A1? — indagou Shadow.

— Você.

— A. Haddock?

— Sim.

— O A é de quê?

— Alfredo? Alphonse? Augustine? Ambrose? Você decide.

— Ah. Entendi.

— Eu sou James O'Gorman. Jimmy, para os íntimos. Viu só? Também tenho um cartão.

Eles entraram no carro.

— Se você conseguir pensar em “A. Haddock” tão bem quanto pensou em “neve” — profetizou Wednesday —, conseguiremos uma bela quantia para partilhar vinho e comida com meus amigos hoje à noite.

— E se terminarmos o dia na cadeia?

— Nesse caso, meus amigos vão ter que que se virar sem a gente.

— Eu não vou voltar para lá.

— Não mesmo.

— Achei que tivéssemos concordado que eu não faria nada ilegal.

— E não vai. Talvez atue como cúmplice, com um pouquinho de formação de quadrilha, seguido, claro, de receptação de dinheiro roubado, mas pode acreditar: você vai sair dessa com a ficha limpa.

— Isso vai ser antes ou depois de o seu Charles Atlas esmagar meu

crânio com uma marreta?

— A visão dele está ruim — respondeu Wednesday, tentando tranquilizá-lo.
— Czernobog provavelmente vai errar. Bem, ainda temos um pouco de tempo, já que o banco só fecha ao meio-dia nos sábados. Quer almoçar?

— Sim. Estou morrendo de fome.

— Conheço um lugar ótimo.

Wednesday cantarolava enquanto dirigia, uma canção alegre que Shadow não conseguiu identificar. A neve começou a cair, os flocos despencando exatamente como Shadow imaginara, e ele sentiu um orgulho estranho. Sabia, racionalmente, que não tinha provocado nada daquilo, assim como sabia que a moeda prateada de um dólar em seu bolso não era, nem nunca fora, a lua. Mas ainda assim...

Pararam diante de um lugar que parecia um galpão. Uma placa anunciava que o bufê de almoço custava 4,99 dólares.

— Adoro este lugar.

— A comida é boa? — perguntou Shadow.

— Não muito. Mas a decoração é imperdível.

A decoração de que Wednesday tanto gostava, em que Shadow só reparou depois de comer — almoçara frango frito, e estava bem gostoso —, na verdade era parte do empreendimento que funcionava nos fundos do lugar. Uma bandeira pendurada no alto do salão, bem no meio, anunciava: “Depósito de Bens e Estoques Decorrentes de Falência — Promoção!”

Wednesday foi até o carro, de onde voltou com uma valise pequena, então entrou no banheiro masculino. Shadow imaginou que, querendo ou não, logo descobriria o que o outro estava tramando, então foi examinar as prateleiras de produtos à venda: caixas de café “para uso exclusivo em filtros de avião”, brinquedos das Tartarugas Ninja e miniaturas sensuais da Xena: A Princesa Guerreira; ursinhos de pelúcia que tocavam musiquinhas patrióticas em um xilofone quando ligados e ursinhos de pelúcia que reproduziam melodias natalinas em um xilofone quando ligados; latas de carne pré-cozida; galochas variadas; marshmallows; réplicas baratas do relógio de pulso de Bill Clinton, árvores de Natal artificiais em miniatura, saleiros e pimenteiros em formato de animais, partes do corpo, frutas e também de freiras; e o favorito de Shadow: um kit para fazer boneco de neve com olhos de carvão de plástico, um cachimbo de sabugo de milho e um chapéu de plástico — a caixa vinha com os dizeres: “Só falta a cenoura!”

Shadow pensou em como fazer a lua parecer sair do céu e virar uma moeda de prata e considerou o que faria uma mulher sair da cova e atravessar a cidade só para bater papo.

— Não é um lugar maravilhoso? — perguntou Wednesday, saindo do banheiro masculino. Enxugava as mãos molhadas com um lenço. — Não tem papel para secar as mãos.

Havia trocado de roupa. Usava um paletó azul-escuro, calças da mesma cor, uma gravata azul, suéter grosso também azul, camisa branca e sapatos pretos. Parecia um guarda, e foi exatamente isso o que Shadow falou.

— O que dizer diante dessa afirmação, meu jovem? — Wednesday pegou uma caixa de peixinhos flutuantes de plástico (“Nunca perdem as cores nem precisam ser alimentados!”). — Só posso louvá-lo pela perspicácia. O que acha de Arthur Haddock? Arthur é um bom nome.

— Mundano demais.

— Bom, você vai conseguir pensar em um. Pronto. Vamos voltar. Agora deve ser a hora ideal para o nosso roubo, daí terei um pouquinho de dinheiro no bolso.

— As pessoas em geral preferem sacar no caixa eletrônico.

— O que, por acaso, é meio que exatamente o que pretendo fazer.

Wednesday parou o carro no estacionamento do supermercado que ficava em frente ao banco. No porta-malas, pegou a caixa de metal e uma prancheta, além de um par de algemas. Prendeu uma das algemas em seu pulso esquerdo. Fechou a outra argola na alça da caixa de metal. A neve continuava a cair. Ele enfiou um quepe azul na cabeça e colou uma etiqueta com velcro no bolso do paletó. No quepe e na etiqueta estava escrito SEGURANÇA A1. Depois prendeu as guias de depósito na prancheta, e então curvou os ombros. Parecia um policial aposentado e, de alguma forma, ficara barrigudo.

— Agora vá comprar comida no mercado, depois fique perto do telefone. Se alguém perguntar, você está esperando um telefonema da sua namorada, porque o carro dela pifou.

— E por que ela ligaria para lá?

— Como é que eu vou saber?

Wednesday enfiou um par de protetores de orelha rosa-claro na cabeça e fechou o porta-malas. Flocos de neve pousavam no quepe azul-escuro e nos protetores de orelha.

— Como estou? — perguntou.

— Ridículo — respondeu Shadow.

— Ridículo?

— Ou meio pateta, talvez.

— Hum. Pateta e ridículo. Bom.

Wednesday abriu um sorriso. Os protetores de orelha o deixavam ao mesmo tempo com um ar reconfortante, divertido e, em última instância, adorável. Ele atravessou a rua e seguiu pela calçada até o banco, enquanto Shadow entrava no

supermercado e observava.

Wednesday colou um grande aviso vermelho de COM DEFEITO no caixa eletrônico. Passou uma fita vermelha por cima do compartimento de depósitos noturnos e colou outro aviso, xerocado. Shadow leu a mensagem, achando graça.

ESTAMOS TRABALHANDO PARA SUA CONVENIÊNCIA.
PEDIMOS DESCULPAS PELO TRANSTORNO TEMPORÁRIO.

Depois disso, Wednesday ficou parado ao lado do caixa eletrônico. Parecia um funcionário explorado e com frio.

Uma jovem chegou para usar o caixa eletrônico. Wednesday balançou a cabeça e explicou que não estava funcionando. A mulher soltou um palavrão, pediu desculpas pelo que disse e foi embora.

Um carro se aproximou, e de dentro saiu um homem com uma sacola cinza pequena e uma chave. Shadow viu Wednesday pedir desculpas ao homem e fazê-lo assinar a prancheta, depois verificou a guia de depósito do sujeito, preencheu lentamente um recibo, confundiu-se em relação a qual devia guardar e, por fim, abriu a caixa grande de metal e colocou a sacola do homem lá dentro.

O sujeito tremia de frio na neve, batendo os pés, esperando o velho guarda terminar com a ladainha burocrática para que pudesse largar os depósitos lá, sair do frio e ir embora — até que finalmente pegou o recibo, voltou para dentro do carro quentinho e partiu.

Wednesday atravessou a rua com a caixa de metal e comprou um café no supermercado.

— Boa tarde, meu jovem! — cumprimentou, soltando uma risada afetuosa ao passar por Shadow. — Está com frio aí?

Ele voltou para o outro lado da rua e recebeu sacolas cinza e envelopes de pessoas que chegavam para depositar seus rendimentos ou faturamentos naquela tarde de sábado; um guarda velho e gentil que usava protetores de orelha rosa engracados.

Shadow comprou algumas coisas para ler (*Turkey Hunting*, a *People* e, porque a foto do Pé-Grande na capa era muito simpática, o *Weekly World News*) e ficou observando pela janela.

— Posso ajudar? — perguntou um homem negro de meia-idade com bigode grisalho. Parecia ser o gerente.

— Obrigado, meu chapa, mas não. Estou esperando um telefonema. O carro da minha namorada pifou.

— Deve ter sido a bateria — sugeriu o homem. — As pessoas sempre esquecem que elas só duram três anos, no máximo quatro. E elas nem são muito

caras, não sei por que as pessoas adiam tanto a troca.

— Nem me fale.

— Aguente firme, grandão — disse o gerente, voltando para o interior do supermercado.

A neve transformara a paisagem em uma imagem perfeitamente detalhada do interior de um globo de neve.

Shadow observava, admirado. Como não conseguia ouvir as conversas do outro lado da rua, tinha a sensação de que estava assistindo a um excelente filme mudo, cheio de pantomimas e expressões: o guarda idoso era rabugento, sério e talvez um pouco desajeitado, mas cheio de boa vontade. Todos que lhe entregavam dinheiro iam embora um pouco mais felizes por tê-lo conhecido.

Então a polícia parou na frente do banco, e Shadow sentiu um aperto no peito. Wednesday os saudou erguendo o quepe de leve e foi até a viatura. Cumprimentou os guardas com apertos de mão pelo vidro aberto, depois assentiu e vasculhou os bolsos até achar um cartão de visitas e uma carta, que entregou às pessoas no veículo. E tomou um gole do café.

O telefone tocou. Shadow retirou o fone do gancho e se esforçou para soar entediado.

— Serviços de Segurança A1.

— Posso falar com A. Haddock? — falou o policial do outro lado da rua.

— Aqui quem fala é Andy Haddock — respondeu Shadow.

— Olá, sr. Haddock, aqui é a polícia — disse o guarda na viatura. — Vocês mandaram um homem para o First Illinois Bank, na esquina da Market com a Second?

— É, sim. Isso mesmo. Jimmy O’Gorman. Surgiu algum problema, senhor? Jim está se comportando? Ele não está bebendo, está?

— Problema nenhum, senhor. Seu funcionário está ótimo. Só queria conferir se estava tudo em ordem.

— Por favor, diga a Jim que, se eu o pegar bebendo de novo, ele vai ser demitido. Simples assim. Nada de trabalho. É direto para o olho da rua. Aqui na A1 temos uma política de tolerância zero.

— Acho que não vou precisar dizer isso a ele, senhor. Jimmy está fazendo um ótimo trabalho. Só estamos preocupados porque esse tipo de serviço na verdade deve ser feito por duas pessoas. É arriscado deixar um guarda desarmado sozinho lidando com quantias tão grandes.

— Nem me fale. Ou melhor, fale isso para aqueles muquiranas do First Illinois. São os meus homens que eu mando para a rua. Homens bons. Homens como o senhor. — Shadow percebeu que estava assimilando aquela identidade. Sentia que estava se tornando Andy Haddock, com um charuto barato mastigado

no cinzeiro, uma pilha de papelada para liberar naquela tarde de sábado, uma casa em Schaumburg e uma amante num pequeno apartamento na estrada Lake Shore. — Aliás, você parece ser um jovem inteligente, senhor...

— Myerson.

— Senhor Myerson. Se precisar de um bico de fim de semana ou se por acaso sair do emprego... qualquer coisa, é só me ligar. Estamos sempre precisando de homens bons. Está com o meu cartão?

— Sim, senhor.

— Fique com ele — disse Andy Haddock. — Pode me ligar.

A viatura foi embora, e Wednesday voltou pela calçada coberta de neve para tratar com a pequena fila de gente esperando para lhe dar dinheiro.

— Tudo bem com ela? — perguntou o gerente, enfiando a cabeça porta afora.

— Sua namorada?

— Era a bateria — respondeu Shadow. — Agora só preciso esperar.

— Mulheres... Tomara que a sua façã a espera valer a pena.

A escuridão do inverno se instalou, a tarde aos poucos se transformando em noite. Luzes se acenderam. Mais pessoas deram dinheiro a Wednesday. De repente, como se em resposta a um sinal que Shadow não tinha visto, Wednesday foi até a parede, tirou os avisos de COM DEFEITO e atravessou a rua suja de neve até o estacionamento. Shadow esperou um pouco e foi atrás.

Wednesday se sentou no banco de trás. Tinha aberto a caixa de metal e organizava todo o dinheiro recebido em pilhas simétricas no assento.

— Dirija. Vamos para o First Illinois Bank da State Street.

— Outro banco? — perguntou Shadow. — Não é abusar um pouco da sorte?

— Nada disso — respondeu Wednesday. — Vamos fazer uns depósitos.

Enquanto Shadow dirigia, Wednesday, no banco de trás, removia punhados de notas das sacolas, deixando cheques e boletos de cartão de crédito, tirando dinheiro de alguns envelopes, mas não de todos. Colocou as notas de volta dentro da caixa de metal. Shadow parou perto do banco, estacionando uns quarenta metros mais à frente, longe do alcance das câmeras. Wednesday saiu do carro e enfiou os envelopes no compartimento de depósitos noturnos. Depois, abriu o cofre noturno e depositou as sacolas cinza. Então fechou o cofre mais uma vez.

Ele entrou no carro e se sentou no banco do carona.

— Você vai pegar a I-90. Siga as placas na direção de Madison.

Shadow começou a dirigir.

Wednesday se virou e olhou para o banco.

— Aquilo, meu caro, vai confundir tudo — explicou, animado. — Agora, se quiser faturar de verdade, precisa fazer isso lá pelas quatro e meia da madrugada

de um domingo, quando as boates e os bares depositam o lucro das noites de sábado. Se escolher o banco certo, com o cara certo fazendo o depósito... Costumam mandar uns caras grandalhões bem honestos, e às vezes mandam uns seguranças junto, mas são só músculos, não são necessariamente espertos... Dá para tirar duzentos e cinquenta mil em uma noite.

— Se é tão fácil, por que todo mundo não faz?

— Não é uma atividade totalmente isenta de risco, ainda mais às quatro e meia da madrugada.

— Porque a polícia é mais desconfiada às quatro e meia da madrugada?

— Não. Mas os seguranças são. E o esquema pode desandar.

Wednesday folheou um maço de notas de cinquenta, acrescentou uma pilha menor de notas de vinte, sentiu o peso e as entregou para Shadow.

— Aqui. Seu pagamento pela primeira semana.

Shadow guardou o dinheiro sem nem contar.

— Então, é isso que você faz? — perguntou. — Para ganhar dinheiro?

— Raramente. Só quando preciso providenciar uma quantia considerável em pouco tempo. Em geral, ganho dinheiro com pessoas que nunca percebem que estão me pagando, e que nunca reclamam, e que, com frequência, fazem fila para pagar mais quando eu volto.

— Aquele tal Sweeney disse que você era um pilantra.

— E ele estava certo. Mas isso é uma parte ínfima do que eu faço. E uma parte ínfima dos motivos pelos quais preciso de você, Shadow.

A neve rodopiava sob o feixe dos faróis e batia no para-brisa enquanto o carro avançava escuridão adentro. O efeito era quase hipnótico.

— Este é o único país do mundo que se preocupa com o que é — comentou Wednesday, contemplando o nada.

— Como assim?

— Os outros países sabem o que são. Ninguém sai em busca do coração da Noruega. Ou da alma de Moçambique. Já se sabe o que são.

— E...?

— Eu só estava pensando alto.

— Você já viajou para muitos países?

Não houve resposta. Shadow deu uma olhada para o homem a seu lado.

— Não — disse Wednesday, suspirando. — Não. Nunca.

Pararam para abastecer, e Wednesday entrou no banheiro ainda usando a roupa de segurança e carregando sua maleta. Saiu de lá usando um terno claro

impecável, sapatos marrons e um sobretudo marrom até o joelho que parecia italiano.

— Então, o que eu faço quando chegarmos a Madison?

— Pegue a estrada 14 no sentido oeste para Spring Green. Vamos encontrar todo mundo em um lugar chamado House on the Rock. Já foi lá?

— Não. Mas vi as placas.

Dava para ver as placas divulgando o lugar por todos os lados daquela parte do mundo. Os anúncios confusos e ambíguos estavam espalhados por Illinois, Minnesota e Wisconsin, e Shadow desconfiava de que talvez aparecessem até em Iowa, todos comunicando a existência da House on the Rock. Shadow vira as placas e ficara curioso. Será que a Casa ficava equilibrada precariamente sobre a Rocha? O que a Rocha tinha de tão interessante? E a Casa? Pensara um pouco no assunto, mas acabara deixando pra lá. Shadow não tinha o hábito de visitar atrações de beira de estrada.

Passaram pelo domo do capitólio de Madison, outra cena perfeita de globo de neve, então pegaram a interestadual, de onde passaram a seguir por estradas secundárias. Depois de quase uma hora atravessando cidades com nomes como Black Earth, pegaram uma entrada estreita e passaram por imensos vasos de flores cobertos de neve, com entalhes de dragões reptilianos. O estacionamento arborizado estava quase vazio.

— Eles vão fechar daqui a pouco — comentou Wednesday.

— E o que este lugar tem, afinal? — perguntou Shadow, enquanto cruzavam o estacionamento na direção de uma casa de madeira nem um pouco impressionante.

— É uma atração de beira de estrada — explicou Wednesday. — Uma das melhores. O que significa que é um local de poder.

— Como assim?

— É perfeitamente simples, veja bem. Em outros países, ao longo dos anos, as pessoas iam reconhecendo os locais de poder. Às vezes era uma formação natural, ou então só um lugar que, por algum motivo, parecia especial. As pessoas sabiam que algo importante acontecia ali, que o lugar era uma espécie de ponto focal, um canal, uma janela para o Imanente. Então construíam templos e catedrais, erigiam círculos de pedra... bom, já deu para entender.

— Mas existem igrejas no país inteiro — comentou Shadow.

— Em todas as cidades — concordou Wednesday. — Às vezes, tem uma em cada quarteirão. E, nesse contexto, são tão relevantes quanto um consultório dentário. Mas, aqui nos Estados Unidos, as pessoas ainda recebem o chamado, pelo menos algumas delas, e se sentem atraídas pelo vazio transcendental. Em resposta a essa atração, usam garrafas de cerveja para construir uma maquete de

algum ponto do mundo que nunca viram, ou instalam abrigos para morcegos em lugares que os morcegos tradicionalmente evitam visitar. São as atrações de beira de estrada. As pessoas se sentem atraídas para lugares onde, em qualquer outra parte do mundo, seriam capazes de reconhecer aquela parte delas mesmas que é genuinamente transcendental, comprariam um cachorro-quente e dariam uma volta, sentindo-se satisfeitas em um nível que jamais conseguiram definir. E, em um nível imediatamente inferior, sentindo-se bastante insatisfeitas.

— Você tem umas teorias bem bizarras.

— O que eu falei não tem nada de teoria, meu jovem — retrucou Wednesday.

— A essa altura, você já devia ter percebido isso.

Apenas um guichê da bilheteria estava aberto.

— A venda de ingressos acaba daqui a meia hora — anunciou a atendente. —

O passeio leva pelo menos duas horas.

Wednesday pagou pelos ingressos em dinheiro.

— Cadê a rocha? — perguntou Shadow.

— Debaixo da casa — respondeu Wednesday.

— E cadê a casa?

Wednesday levou o indicador aos lábios, e os dois seguiram em frente. Mais adiante, uma pianola tocava o que deveria ser o “Bolero” de Ravel. O lugar parecia ter sido decorado por um solteirão galanteador da década de 1960, com paredes de pedra aparente, piso acarpetado e abajures magnânicos e horrorosos com cúpulas de vitral cujo formato lembrava um cogumelo inchado. No alto de uma escadaria em espiral, havia outro cômodo cheio de quinquilharias.

— Dizem que o lugar foi construído pelo gêmeo maligno do célebre Frank Lloyd Wright, o infame Frank Lloyd Wrong — comentou Wednesday, e riu da própria piada.

— Eu já li isso numa camiseta — comentou Shadow.

Subiram e desceram outras escadas, até chegarem a um salão muito, muito comprido, todo feito de vidro, projetando-se como uma agulha prateada por cima da paisagem rural preta e branca desfolhada, dezenas de metros abaixo. Shadow parou para observar a neve dançando e caindo ao vento.

— Esta é a House on the Rock? — perguntou, intrigado.

— Mais ou menos. Esta aqui é a Sala do Infinito, que faz parte da casa, embora tenha sido um acréscimo posterior. Mas não se precipite, meu caro, porque mal captamos um vislumbre do que a casa tem a oferecer.

— Então, de acordo com sua teoria — disse Shadow —, o Walt Disney World deve ser o lugar mais sagrado de todo o país.

Wednesday franziu a testa e acariciou a barba.

— Walt Disney só comprou uns laranjais no meio da Flórida e construiu uma

cidade turística. Não tem magia nenhuma ali. Se bem que acho que deve ter alguma coisa real na Disneylândia original. Pode ser que exista algum poder por lá, mesmo que um pouco deturpado e de difícil acesso. Definitivamente, não há nada de especial no Disney World. Embora algumas partes da Flórida sejam cheias de magia de verdade. Para ver, basta ficar atento. Ah, as sereias de Weeki Wachee... Vamos, é por aqui.

Uma melodia estridente e descoordenada, ligeiramente fora de ritmo e de compasso, parecia inundar o ambiente. Wednesday pegou uma nota de cinco dólares e a inseriu em uma máquina de troco, que expeliu um punhado de moedas cor de bronze. Ele jogou uma para Shadow, que a pegou e — reparando que um garotinho o observava — a segurou entre o indicador e o polegar e a fez desaparecer. O garotinho voltou correndo para a mãe, que examinava um dos Papais Noéis ubíquos — MAIS DE 6000 À MOSTRA, diziam as placas —, e puxou a barra do casaco dela, inquieto.

Shadow acompanhou Wednesday, que saiu brevemente para uma área externa e seguiu as placas que indicavam as Ruas do Passado.

— Quarenta anos atrás, Alex Jordan, cujo rosto está na moeda escondida na palma da sua mão direita, começou a construir uma casa sobre um enorme bloco de pedra em um terreno que não era dele, e nem ele saberia dizer por que estava fazendo aquilo. As pessoas vinham acompanhar a construção: os curiosos, e os intrigados, e os que não eram nem uma coisa nem outra e que não faziam a mínima ideia de por que vinham até aqui. E Alex Jordan fez o que qualquer americano sensato da geração dele faria: começou a cobrar ingressos, mas nada muito caro. Uns cinco centavos por cabeça. Talvez vinte e cinco. E ele não parou de construir, assim como as pessoas não pararam de vir.

“Então ele juntou aqueles centavos de dólar e criou algo ainda maior e mais estranho: construiu uns depósitos no terreno embaixo da casa e os encheu de objetos para expor ao público, e as pessoas começaram a aparecer para ver a exibição. Todo ano, milhões de pessoas visitam este lugar.”

— Por quê? — perguntou Shadow.

Wednesday se limitou a sorrir, e os dois seguiram o caminho ao lado da fileira de árvores das Ruas do Passado. Uma profusão de bonecas de porcelana vitorianas de lábios rubros perfeitos observava por trás de vitrines poeirentas, como se saídas de filmes de terror clássicos. Os dois notaram os paralelepípedos sob seus pés, a escuridão de um telhado muito acima de suas cabeças e a música mecânica estridente como som de fundo. Passaram por uma caixa de vidro com marionetes quebradas e por uma caixa de música dourada meio grande demais em um display de vidro. Passaram por um consultório dentário e por uma farmácia (RECUPERE SUA POTÊNCIA! USE O CINTO MAGNÉTICO DO O'LEARY!).

No fim da rua, uma enorme caixa de vidro abrigava um manequim feminino vestido de cigana.

— Muito bem — começou Wednesday, elevando a voz acima da música mecânica. — No início de qualquer missão ou jornada, convém consultar as Nornas. Portanto, vamos designar esta Sibila como nossa Urd, tudo bem?

Ele inseriu uma moeda de latão da House on the Rock na fenda da caixa de vidro. Com gestos mecânicos bruscos, a cigana levantou e baixou o braço. A máquina cuspiu um pedaço de papel.

Wednesday pegou o papel, leu, resmungou, dobrou-o e o guardou no bolso.

— Não vai me deixar ver? Eu mostro a minha para você!

— A sorte de um homem só diz respeito a ele — retrucou Wednesday, com rispidez. — Eu não pediria para ver a sua.

Shadow também inseriu uma moeda na fenda. Então pegou seu pedaço de papel e leu.

TODO FIM É UM NOVO COMEÇO.

SEU NÚMERO DA SORTE É NENHUM.

SUA COR DA SORTE É A MORTE.

LEMA: TAL PAI, TAL FILHO.

Shadow fez uma careta. Dobrou seu papelzinho e o guardou no bolso.

Os dois continuaram avançando, seguindo por um corredor vermelho, passando por cômodos cheios de cadeiras vazias sustentando violinos, violas e violoncelos que tocavam sozinhos — ou pareciam tocar — em troca de uma moeda. Teclas eram pressionadas pelo nada, pratos batiam, bocais sopravam ar comprimido em clarinetes e oboés. Shadow achou graça quando reparou que os arcos dos instrumentos de corda, todos tocados por braços mecânicos, não encostavam nas próprias cordas. Em muitos casos, elas estavam frouxas ou ausentes. Ele se perguntou se todos os sons que ouvia eram produzidos por sopro e percussão ou se também seriam gravações.

Andaram pelo que pareceram muitos quilômetros até chegarem a uma sala chamada “o Mikado”, com uma parede inteira ostentando um pesadelo pseudo-oriental do século XIX, onde bonecos mecânicos com sobrancelhas volumosas batiam pratos e tambores dentro de um covil incrustado de dragões. Naquele momento, os bonecos executavam uma tortura majestosa da “Danse Macabre” de Saint-Saëns.

Czernobog estava sentado em um banco encostado na parede em frente à máquina de Mikado, batendo os dedos no ritmo da música. Tubos sopravam, sinos repicavam.

Wednesday se sentou ao lado dele. Shadow decidiu continuar de pé. Czernobog estendeu a mão esquerda e cumprimentou os dois.

— Saudações — disse o velho. Em seguida, se recostou no banco, parecendo apreciar a música.

A “Danse Macabre” chegou ao fim tempestuoso e dissonante. Todos os instrumentos artificiais estavam ligeiramente desafinados, o que intensificava a estranheza daquele lugar. Outra melodia começou.

— Como foi o seu roubo? — perguntou Czernobog. — Foi bom?

Ele se levantou, relutante em deixar o Mikado e sua música metálica estrondosa.

— Correu tranquilo como um navio atravessando o Nilo — respondeu Wednesday.

— Eu recebo uma pensão do abatedouro — comentou o velho. — Não preciso de mais.

— Ela não é eterna — respondeu Wednesday. — Nada dura para sempre.

Mais corredores, mais máquinas musicais. Shadow reparou que não estavam acompanhando o trajeto clássico indicado para os turistas; pareciam ir de sala em sala seguindo uma rota inventada pelo próprio Wednesday. Desciam por uma rampa enquanto Shadow, confuso, tentava lembrar se já haviam passado por ali.

Czernobog agarrou o braço dele.

— Rápido, venha aqui — chamou, puxando-o até uma enorme caixa de vidro perto da parede. Dentro havia um diorama de um mendigo dormindo em um cemitério diante da porta de uma igreja. O SONHO DO BEBERRÃO, lia-se na etiqueta, que também explicava que aquela era uma máquina do século XIX que funcionava à base de moedas e pertencera a uma estação ferroviária inglesa. O receptor tinha sido modificado para aceitar as moedas da House on the Rock.

— Coloque o dinheiro — mandou Czernobog.

— Por quê? — perguntou Shadow.

— Você necessita ver. Eu mostro.

Shadow inseriu a moeda. O bêbado no cemitério levou a garrafa aos lábios. Uma das tumbas se abriu, revelando a mão de um cadáver que tentava sair da cova. Uma das lápides se virou, e as flores deram lugar a uma caveira soridente. Um fantasma apareceu à direita da igreja, e à esquerda surgiu, quase que do nada, a face pontiaguda e perturbadora de *alguma criatura* que lembrava um pássaro, um pesadelo pálido concebido por Bosch que deslizou suavemente para longe de uma lápide, até finalmente desaparecer nas sombras. Então a porta da igreja se abriu e um padre saiu de lá, e os fantasmas, as assombrações e os cadáveres desapareceram, e restaram apenas o padre e o bêbado no cemitério. O religioso encarou o bêbado com um olhar cheio de desdém e entrou de volta na

igreja — recuando pela porta aberta, que se fechou atrás dele —, deixando o bêbado sozinho no cemitério.

A historinha mecânica da máquina era profundamente perturbadora. Muito mais perturbadora, pensou Shadow, do que qualquer máquina tinha direito de ser.

— Sabe por que mostro isso para você? — perguntou Czernobog.

— Não.

— Aquilo é como o mundo. Aquilo é o mundo real. Está bem ali, naquela caixa.

Eles passaram por um salão cor de sangue cheio de antigos órgãos de cinema mudo com tubos imensos e o que pareciam gigantescos tanques de fermentação de cobre aposentados de alguma cervejaria.

— Aonde vamos? — perguntou Shadow.

— Para o carrossel — respondeu Czernobog.

— Mas já passamos por umas dez placas indicando o caminho do carrossel.

— Ele segue o caminho dele. Viajamos por uma espiral. Às vezes, o caminho mais rápido é o mais longo.

Os pés de Shadow estavam começando a doer, e ele achou a resposta de Czernobog extremamente improvável.

Um aparelho mecânico tocava “Octopus’s Garden” em um salão de muitos andares de altura, com a réplica de um gigantesco monstro preto que lembrava uma baleia ocupando todo o centro. Na imensa boca de fibra de vidro da criatura havia uma réplica de um barco. Dali, passaram para um Salão de Viagem, onde viram o carro coberto de azulejos, a máquina para galinhas de Rube Goldberg e, na parede, as placas enferrujadas de propaganda de espuma de barbear Burma Shave.

A Vida é Dura
Só labuta

Mantenha o rosto

Liso e batuta

Burma Shave

dizia uma, e

Decidido a dominar
Mas não muito diligente
Acabou, com seu azar,

Numa cova de indigente

Burma Shave

anunciava outra, até que chegaram ao fim da rampa, diante de uma sorveteria. Teoricamente, estava aberta, mas a atendente estava de cara fechada, então foram para a lanchonete e pizzaria, ocupada apenas por um negro idoso com um terno quadriculado chamativo e luvas amarelo-canário. Era um homem pequeno, o tipo de velhinho que parecia ter encolhido com a idade, e comia um sundae enorme junto com uma caneca exagerada de café. Uma cigarrilha preta queimava no cinzeiro à sua frente.

— Três cafés — disse Wednesday para Shadow. E foi ao banheiro.

Shadow comprou os cafés e os levou até Czernobog, que se sentara à mesa do negro idoso e fumava um cigarro disfarçadamente, como se temesse ser flagrado. O outro homem, remexendo o sundae muito feliz, praticamente ignorava a cigarrilha, mas, quando Shadow se aproximou, ele a pegou, deu uma tragada profunda e soprou dois aros de fumaça, um grande e outro menor, que passou por dentro do primeiro. O velho então sorriu, como se estivesse surpreso e satisfeito consigo mesmo.

— Shadow, este é o senhor Nancy — apresentou Czernobog.

O velho se levantou e estendeu a mão direita com a luva amarela para cumprimentá-lo.

— Prazer em conhecê-lo — declarou, com um sorriso cativante. — Já sei quem o senhor deve ser. Você trabalha para aquele canalha caolho, não é?

A voz tinha uma nasalidade sutil, um leve sotaque que bem podia ser das Índias Ocidentais.

— Isso, eu trabalho para o senhor Wednesday — confirmou Shadow. — Por favor, sente-se.

Czernobog tragou o cigarro e enunciou, melancólico:

— Acho que nossa gente... a gente gosta tanto de cigarro porque lembra as oferendas que as pessoas queimavam, a fumaça subindo quando rogavam nossa aprovação ou nosso apoio.

— Ninguém nunca me deu nada disso — respondeu Nancy. — O máximo que eu podia esperar era um punhado de frutas para comer, talvez cabra ao curry; um copo relaxante, frio e grande para beber; e uma mulher grande e peituda para me fazer companhia.

Ele abriu um sorriso de dentes muito brancos e deu uma piscadela para Shadow.

— Hoje em dia — continuou Czernobog, sem mudar de expressão —, não temos nada.

— Bem, eu ganho muito menos frutas do que nos velhos tempos —

concordou o sr. Nancy, com um brilho nos olhos. — Mas ainda não encontrei no mundo nada que supere uma boa mulher peituda. Tem quem diga que o mais importante é conferir a poupança, mas garanto a você que são os peitos que mantêm meu motor ligado numa manhã fria.

Nancy começou a rir, uma gargalhada gostosa, cheia de chiados e cacarejos, e Shadow descobriu que, sem o mínimo esforço, já gostava do velho.

Wednesday voltou do banheiro e apertou a mão de Nancy.

— Shadow, quer comer alguma coisa? Uma fatia de pizza? Um sanduíche?

— Não estou com fome.

— Veja bem — começou o sr. Nancy —, pode ser que passe muito tempo até comermos de novo. Quando alguém oferece comida, você aceita. Eu já não estou tão jovem quanto antes, mas posso afirmar: nunca se nega a oportunidade de mijar, comer ou tirar uma soneca de meia hora. Está me entendendo?

— Sim. Mas não estou com fome mesmo.

— Você é grandalhão — retrucou o sr. Nancy, encarando os olhos cinza-claros de Shadow com seus olhos velhos cor de mogno — e bem jeitoso, mas, preciso dizer, não parece muito esperto. Eu tenho um filho, e ele é burro como se tivesse comprado a burrice numa promoção de dois por um, e você me lembra ele.

— Se o senhor não se importa, vou considerar isso um elogio — respondeu Shadow.

— Por ser comparado a um homem que chegou atrasado no dia da distribuição de cérebros?

— Por ser comparado a um membro da sua família.

O sr. Nancy apagou a cigarrilha e limpou um fôco imaginário de cinzas das luvas amarelas.

— Pensando bem, talvez você não seja a pior coisa que esse velho caolho já arranjou. — Ele olhou para Wednesday. — Tem ideia de quantos de nós vão vir hoje?

— Deixe recado com todo mundo que consegui encontrar — respondeu Wednesday. — Claro que nem todos poderão comparecer. E alguns talvez não queiram vir — completou, lançando um olhar para Czernobog. — Mas acho que dá para esperar algumas dezenas. E a história vai circular.

Passaram por uma coleção de armaduras (“Falsificação vitoriana”, ia dizendo Wednesday, enquanto avançavam ao longo da vitrine de exposição, “falsificação contemporânea, um elmo do século XII em uma reprodução do século XVII, uma manopla esquerda do século XV...”), então ele abriu uma porta de saída e os conduziu ao redor do edifício, por fora (“Não posso ficar entrando e saindo sem parar”, reclamou Nancy, “já não sou tão jovem quanto antigamente, e venho de um clima mais quente.”), passando por uma passarela coberta, e depois por outra

porta de saída, só então chegando à sala do Carrossel.

Uma calíope tocava música, uma valsa de Strauss agitada e, por vezes, dissonante. Quando entraram, deram de cara com velhos cavalos de carrossel antigo pendurados, centenas, alguns precisando de uma demão de tinta, outros de uma boa espanada. Do teto pendiam dezenas de anjos alados nitidamente feitos de manequins femininos, alguns com os seios lisos expostos, outros que tinham perdido a peruca e fitavam a escuridão abaixo, cegos e carecas.

E lá estava o Carrossel.

Uma placa proclamava que era o maior do mundo, anunciando o quanto pesava e quantos milhares de lâmpadas compunham os candelabros que o revestiam, em uma profusão gótica, e proibia qualquer pessoa de entrar no carrossel ou montar nos animais.

E que animais! Shadow não conseguiu evitar o espanto ao admirar as centenas de criaturas em tamanho real dispostas na plataforma circular do carrossel. Criaturas reais, criaturas imaginárias e combinações de ambos, cada uma diferente da outra — viu sereia e tritão, centauro e unicórnio, elefantes (um imenso, outro minúsculo), buldogue, sapo e fênix, zebra, tigre, manticora e basilisco, cisnes puxando uma carruagem, um touro branco, uma raposa, um par de morsas idênticas e até uma serpente marinha — todos de cores vivas e mais do que reais: cada animal cavalgava pela plataforma, e a valsa acabou e recomeçou. O carrossel nem sequer diminuiu de velocidade.

— Para que ele serve? — perguntou Shadow. — Quer dizer, tudo bem, é o maior do mundo, centenas de animais, milhares de lâmpadas, e gira sem parar, mas ninguém anda nisso.

— O carrossel não existe para ser usado, ao menos não pelas pessoas — explicou Wednesday. — Ele existe para ser admirado. Existe para *ser*.

— Como uma roda de oração que gira e gira e gira — completou o sr. Nancy.
— Acumulando poder.

— E onde vamos encontrar todo mundo? — perguntou Shadow. — Achei que você tivesse dito que íamos encontrar os outros aqui. Mas o lugar está vazio.

Wednesday abriu seu sorriso assustador.

— Shadow, você está fazendo muitas perguntas. E é pago para não perguntar.

— Desculpe.

— Venha cá, nos ajude a subir — ordenou Wednesday.

Foi até um dos lados da plataforma, onde havia uma descrição do Carrossel e uma advertência de que ele não podia ser usado.

Shadow pensou em protestar, mas os ajudou a subir na plataforma, um de cada vez. Wednesday parecia pesado demais, enquanto Czernobog subiu sozinho, usando apenas o ombro de Shadow como apoio, e Nancy parecia não pesar nada.

Cada um dos velhos subiu na borda e, com um passo e um pulo, entrou na plataforma rotatória do Carrossel.

— E aí? — gritou Wednesday. — Você não vem?

Shadow — não sem alguma dose de hesitação e lançando um olhar rápido para os lados, em busca de algum funcionário da House on the Rock que pudesse estar vigiando — se içou para cima da borda da plataforma do Maior Carrossel do Mundo. Então percebeu, confuso, que se viu muito mais preocupado com a infração que estava prestes a cometer ao subir no Carrossel do que se preocupara em auxiliar no roubo daquela tarde.

Os três velhos escolheram suas montarias. Wednesday subiu em um lobo dourado. Czernobog montou um centauro de armadura com o rosto oculto por um elmo de metal. Nancy, rindo baixinho, escalou um leão enorme, esculpido bem na hora em que deu um rugido e ia dar o bote. Ele afagou a anca do leão. A valsa de Strauss os acompanhou, majestosa.

Wednesday sorria, e Nancy ria com prazer, soltando uma gargalhada de velho. Até o ranzinza Czernobog parecia estar se divertindo. Shadow sentiu como se, de repente, um peso saísse de seus ombros: três idosos estavam se divertindo, passeando no Maior Carrossel do Mundo. E daí que acabassem sendo expulsos? Valia o risco — valia qualquer risco —, para depois poder se gabar de ter andado no Maior Carrossel do Mundo, não valia? Não valia o risco só por poder montar em um daqueles monstros gloriosos?

Shadow examinou um buldogue, uma criatura marinha e um elefante ostentando um palanquim dourado nas costas, mas acabou subindo em uma criatura com cabeça de águia e corpo de tigre, segurando-se com firmeza.

O ritmo da valsa “Danúbio azul” ondulava e ressoava e entoava em sua cabeça, a luz de mil candelabros cintilava e coloria, e, durante um piscar de olhos, Shadow voltou a ser criança — e para ser feliz bastava andar no Carrossel. Ficou completamente imóvel, cavalgando seu tigre-águia no centro de tudo, e o mundo girou a sua volta.

Shadow ouviu a própria risada por cima da música. Estava feliz. Era como se as últimas trinta e seis horas não tivessem existido, como se os últimos três anos não tivessem existido, como se sua vida tivesse evaporado e se transformado nos devaneios de uma criança pequena andando no carrossel do Golden Gate Park de São Francisco na primeira vez que voltou aos Estados Unidos, depois de uma maratona de navio e carro, enquanto sua mãe o observava cheia de orgulho e ele chupava o picolé que derretia, segurando-se com firmeza, torcendo para que a música nunca acabasse, para que o carrossel nunca desacelerasse, para que o passeio nunca terminasse. Estava dando voltas e mais voltas e mais voltas...

Então as luzes se apagaram, e Shadow viu os deuses.

CAPÍTULO

SEIS

*Desprotegidos estão os nossos
portões,
E por eles passa uma turba em
caos.
Homens do Volga e da
Tartária.
Silhuetas indistintas do
Huang-Ho,
Malaios, citas, teutos, celtas,
eslavos,
Fogem do Velho Mundo, da
pobreza e da vergonha;
Uns trazem misteriosos deuses
e ritos,
Outros, paixões ferinas, que
vêm estender suas garras,
Em ruas e becos, que
estranghas línguas,
Sotaques de ameaça em nossos
ouvidos
Vozes que a Torre de Babel
conhecera.*

Thomas Bailey Aldrich,
“Unguarded Gates”, 1882

SHADOW GIRAVA E girava no Maior Carrossel do Mundo, segurando-se em seu tigre com cabeça de águia, e então as luzes vermelhas e brancas se alongaram, oscilaram e se apagaram, e ele se viu caindo em um mar de estrelas, a valsa mecânica sendo substituída por um concerto de batidas e estrondos, como se fossem pratos de percussão ou a arrebentação na costa de um oceano distante.

A única luz vinha dos corpos celestes, que jorravam uma claridade fria. Debaixo de Shadow, a criatura se espreguiçou e se agitou, e ele sentiu a pelagem

quente e as penas sob as mãos.

— É um bom passeio, não é? — perguntou uma voz atrás de Shadow, penetrando tanto em seus ouvidos quanto em sua mente.

Shadow se virou lentamente, vislumbrando imagens de si mesmo enquanto se movia, momentos paralisados, cada parte dele capturada por uma fração de segundo, cada movimento ínfimo se estendendo por uma eternidade. Aquelas imagens não faziam sentido: era como se ele enxergasse o mundo pelos olhos multifacetados e reluzentes de uma libélula, mas cada faceta percebesse algo completamente diferente, e ele não conseguisse combinar os fragmentos que estava enxergando, ou achava que estava enxergando, em um todo que fizesse sentido.

Ele observou o sr. Nancy, um homem negro e velho com bigode fino, de terno quadriculado e luvas amarelo-claras, num leão que subia e descia no ar; ao mesmo tempo, no mesmo lugar, se deparou com uma aranha do tamanho de um cavalo, toda empinada, olhando para ele de cima com olhos que pareciam esmeraldas opacas; viu também, montado em um leão dourado feroz, agarrando-se com duas das seis mãos na juba do animal, um homem incrivelmente alto com pele morena como madeira de teca e três pares de braços, além de um adereço esvoaçante feito de penas de avestruz na cabeça e faixas vermelhas pintadas no rosto; havia também um menino negro, vestido com trapos, e cujo pé esquerdo estava inchado e cercado de moscas pretas; e, por último, por trás de tudo isso, Shadow viu uma aranha-marrom minúscula, escondida atrás de uma folha ocre seca.

Shadow viu tudo isso e soube que eram todos um só.

— É melhor fechar a boca — disseram as muitas coisas que eram o sr. Nancy —, ou algo vai voar aí pra dentro.

Shadow fechou a boca e engoliu em seco, apreensivo.

A pouco mais de um quilômetro de distância, um salão de madeira despontava em uma colina. Shadow e os outros homens se dirigiam para lá em suas montarias, mas os cascos e as patas das criaturas não faziam barulho algum ao trotar na areia seca à beira-mar.

Czernobog se aproximou. Ele bateu de leve no braço humano do centauro que o carregava.

— Nada disso está acontecendo de verdade — disse para Shadow. Ele parecia infeliz. — Está tudo na sua cabeça. Melhor não pensar muito.

Diante dele, Shadow viu um imigrante grisalho do Leste Europeu usando um casaco velho e com dentes cor de ferro; isso era inegável. Mas percebeu também que, em volta dele, havia uma coisa preta atarracada mais escura que a escuridão, com olhos que pareciam carvões em brasa; e viu um príncipe, com

vasta cabeleira e longo bigode pretos, com as mãos e o rosto sujos de sangue e uma pele de urso cobrindo os ombros, cavalgando uma criatura que era meio homem, meio animal, e com redemoinhos e espirais azuis tatuadas no rosto e no torso.

— Quem são vocês? — perguntou Shadow. — O que são vocês?

As criaturas seguiram pela praia. As ondas implacáveis quebravam e batiam na areia banhada pelo luar.

Wednesday foi com seu lobo — agora um monstro gigantesco de olhos verdes e pelo escuro como carvão — até Shadow. A montaria dele recuou, assustada, mas Shadow afagou o pescoço do animal e disse que não precisava ter medo. A cauda de tigre se agitou, agressiva. Shadow teve a sensação de que havia outro lobo por ali, um igual ao que Wednesday cavalgava, acompanhando-os pelas dunas, fora de seu campo de visão.

— Você sabe quem eu sou, Shadow? — perguntou Wednesday. Ele estava montado no lobo, empertigado. Seu olho direito parecia brilhar, vivo, e o esquerdo era opaco. Ele trajava um manto, e um capuz cobria sua cabeça, ocultando seu rosto em meio às sombras. — Eu falei que lhe diria meus nomes. É assim que me chamam. Alegria da Guerra, Sombrio, Saqueador e Terceiro. Eu sou o Caolho. Sou chamado de O Mais Alto, e de o Adivinho. Sou Grímnir e o Encapuzado. Sou o Pai de Todos, e sou Gondlir, Portador da Varinha. Meus nomes são tantos quanto os ventos, meus títulos são tantos quanto as formas de morrer. Meus corvos são Hugin e Munin: Pensamento e Memória; meus lobos são Freki e Geri; meu cavalo é o cadasfalso.

Dois corvos cinzentos, fantasmagóricos como peles transparentes de pássaros, pousaram nos ombros de Wednesday, enfiaram o bico *dentro* de sua cabeça, como se degustando a mente dele, e depois voaram para o mundo.

Em que devo acreditar?, pensou Shadow, e a voz que o respondeu veio de algum lugar nas profundezas do mundo, um ribombo grave.

Acredite em tudo.

— Odin? — disse Shadow, e o vento arrancou a palavra de seus lábios.

— Odin — sussurrou Wednesday, e o estrondo da arrebentação na praia de crânios não foi alto o bastante para abafar o sussurro. — Odin — disse, saboreando o som da palavra. — Odin — repetiu Wednesday, em um grito de triunfo que ecoou de um horizonte a outro.

Seu nome inflou-se e cresceu e encheu o mundo como o sangue que Shadow sentia martelar dentro dos ouvidos.

E depois, como se num sonho, eles já não estavam mais cavalgando rumo a um salão distante. Eles já estavam lá, e as criaturas estavam presas no estábulo ao lado do salão.

O salão era imenso, mas primitivo. O teto era de palha; as paredes, de madeira. Havia uma fogueira acesa no centro, e a fumaça fez os olhos de Shadow arderem.

— A gente devia ter feito isto na minha mente, não na dele — murmurou o sr. Nancy para Shadow. — Teria sido mais quente.

— Estamos na mente dele?

— Mais ou menos. Estamos no Valaskjálf. É o antigo salão dele.

Shadow ficou aliviado ao ver que Nancy voltara a ser um senhor de luvas amarelas, embora sua sombra oscilasse, estremecesse e mudasse por causa das chamas da fogueira. Nem sempre ela se transformava em algo humano.

Havia bancos de madeira junto às paredes, e, sentadas ou de pé ao lado deles, deviam ter umas dez pessoas. Elas guardavam distância umas das outras: um grupo heterogêneo, incluindo uma mulher idosa de pele escura e sári vermelho, alguns executivos de aspecto meio acabado e outros que estavam perto demais da fogueira para Shadow distingui-los.

— Cadê eles? — sussurrou Wednesday para Nancy, furioso. — Hein? Cadê eles? Era para ter uma multidão aqui. Dezenas de pessoas!

— Foi você que ficou de convidar todo mundo — respondeu Nancy. — Só de você ter conseguido fazer essas pessoas aqui virem, já acho admirável. Que tal eu contar uma história, para começar?

Wednesday balançou a cabeça.

— De jeito nenhum.

— Eles não me parecem muito felizes com a reunião — explicou Nancy. — Uma história é uma boa maneira de conquistar a simpatia de alguém. E você não tem nenhum bardo para cantar para eles.

— Nada de histórias — disse Wednesday. — Agora não. Depois teremos tempo para histórias. Agora não.

— Nada de histórias. Certo. Vou só dar início aos trabalhos, então.

O sr. Nancy se aproximou da fogueira com um sorriso carismático.

— Eu sei o que vocês todos estão pensando — disse ele. — Devem estar se perguntando: o que Compé Anansi está fazendo aqui na frente, falando com vocês, quando foi o Pai de Todos que os chamou, assim como me chamou, para esta reunião? Bom, sabem, às vezes as pessoas precisam ser lembradas de algumas coisas. Quando entrei no salão, dei uma olhada e pensei: *Cadê o resto do pessoal?* Mas, depois, pensei: *Não é só porque somos poucos, e eles, muitos; nós, fracos, e eles, poderosos; que estamos perdidos.*

“Sabem, uma vez eu vi o Tigre no lago: os testículos dele eram maiores que os de qualquer outro animal, e as garras eram as mais afiadas, e dois dos dentes frontais eram grandes como facas e afiados como navalhas. E eu falei: ‘Irmão

Tigre, pode ir nadar, eu tomo conta das suas bolas.’ Ele tinha muito orgulho delas. Então ele entrou no lago, e eu peguei as bolas dele e deixei as minhas bolinhas de aranha no lugar. Depois, sabem o que eu fiz? Saí correndo, o mais rápido que minhas pernas aguentavam.

“Só parei na cidade seguinte. Lá, eu vi o Velho Macaco. ‘Você tá uma beleza, Anansi’, disse ele. E eu falei: ‘Sabe o que tá todo mundo cantando lá na outra cidade?’ ‘O que tá todo mundo cantando?’, perguntou ele. ‘Eles tão cantando uma música muito engraçada’, respondi. E aí eu dancei e cantei:

*As bolas do Tigre
As bolas do Tigre eu tracei
Agora ninguém me para, eu sei
Ninguém vai me botar no paredão, ei
Pois os bagos do Tigre eu tracei
As bolas do Tigre eu tracei.*

“O Velho Macaco se dobrou de rir, segurando a barriga e se sacudindo todo, e bateu o pé, e começou a cantar ‘As bolas do Tigre, as bolas do Tigre eu tracei’, e estalou os dedos, e rodopiou. ‘Essa música é ótima’, disse ele, ‘vou cantar para todos os meus amigos’. ‘Cante, sim’, falei, e depois voltei para o lago.

“O Tigre estava lá, andando de um lado para outro, balançando a cauda, e as orelhas estavam atentas a qualquer movimento, e o pelo da nuca estava eriçado até não dar mais, e ele avançava com os dentões de sabre enormes para cima de qualquer inseto que aparecesse, e os olhos estavam da cor do fogo. Ele parecia cruel, assustador, grande, mas entre as pernas dele balançam as bolinhas mais pretas e enrugadas que já se viram.

“Quando ele me viu, falou: ‘Ei, Anansi. Você ia tomar conta das minhas bolas enquanto eu estivesse nadando. Mas, quando saí da água, a única coisa que tinha no chão era esse par de bolinhas pretas murchas e inúteis de aranha que estou usando.’

“Eu repliquei: ‘Fiz o que pude para cuidar delas, mas aqueles macacos vieram e comeram suas bolas, e, quando fui enxotá-los, eles arrancaram minhas bolinhas. Fiquei com tanta vergonha que fugi.’

“‘Você é um mentiroso, Anansi’, disse o Tigre. ‘Vou comer o seu fígado.’ Mas aí ele escutou os macacos da cidade se aproximando. Uma dúzia de macacos felizes, saltitando pela trilha, estalando os dedos e cantando o mais alto que conseguiam.

As bolas do Tigre

*As bolas do Tigre eu tracei
Agora ninguém me para, eu sei
Ninguém vai me botar no paredão, ei
Pois os bagos do Tigre eu tracei
As bolas do Tigre eu tracei.*

“Aí o Tigre rosnou, rugiu e saiu correndo atrás deles pela floresta, os macacos gritando e disparando para as árvores mais altas. E eu cocei minhas novas e bonitas bolonas, e, nossa, como foi bom senti-las balançando entre minhas perninhos finas, e então voltei para casa. E até hoje o Tigre está correndo atrás dos macacos. Por isso, todos, lembrem-se: não é só porque vocês são pequenos que não têm poder.”

O sr. Nancy sorriu, fez uma reverência e abriu os braços, aceitando os aplausos e as risadas com elegância. Depois, voltou para onde estavam Shadow e Czernobog.

— Eu achei que tivesse deixado claro que não queria histórias — disse Wednesday.

— Você chama aquilo de história? — perguntou Nancy. — Eu mal falei. Só estava esquentando o público para você. Agora é a hora do show.

Wednesday então deu um passo à frente, banhado pela luz da fogueira, um homem idoso e grande com um olho de vidro, um terno marrom e um sobretudo Armani que já vira dias melhores. Ele ficou parado, encarando as pessoas nos bancos de madeira, e não disse nada por mais tempo do que Shadow achava possível alguém ficar à vontade sem dizer nada. Então, finalmente, se pronunciou.

— Vocês me conhecem — disse ele. — Vocês todos me conhecem. Alguns não têm por que me amar, e não os culpo por isso, mas, me amando ou não, vocês me conhecem.

Uma agitação, um farfalhar, emanou dos bancos.

— Estou aqui há mais tempo que a maioria de vocês. Como todos neste salão, também imaginei que poderíamos sobreviver com o que tínhamos. Não era o suficiente para sermos felizes, mas era o suficiente para existirmos. Porém, esse talvez não seja mais o caso. Uma tempestade se aproxima, e não é uma tempestade criada por nós.

Ele fez uma pausa. Deu mais um passo à frente e cruzou os braços.

— Quando as pessoas vieram para a América, nós viemos junto. Elas me trouxeram, e trouxeram Loki e Thor, Anansi e o Deus Leão, leprechauns e cluracans e banshees, Kubera e Frau Holle e Ashtaroth, e trouxeram vocês. Viemos na mente delas e fincamos raízes. Viajamos com os colonos até o Novo

Mundo do outro lado do oceano.

“A terra é vasta. Pouco tempo depois, nosso povo nos abandonou, passou a nos tratar apenas como criaturas do Velho Mundo, como algo que não os havia acompanhado até sua nova vida. Nossos verdadeiros fiéis morreram ou pararam de acreditar, e nós, perdidos, assustados e desamparados, fomos obrigados a sobreviver com qualquer resquício de adoração e fé que encontrássemos. E a sobreviver da melhor forma possível.

“E foi isso que fizemos; sobrevivemos, à margem de tudo, onde ninguém prestava muita atenção em nós.

“Sejamos sinceros: temos pouquíssima influência na vida deles. Nós nos aproveitamos deles, e pegamos o que é deles, e sobrevivemos; nós nos despimos, nos prostituímos e nos embebedamos demais; roubamos gasolina, furtamos, damos golpes, existimos à margem, alheios à sociedade. Velhos deuses, aqui nesta nova terra sem deuses.”

Wednesday se calou. Com um ar severo e solene, olhou para cada um dos presentes. Eles retribuíram o olhar com expressões impassíveis, máscaras que nada denunciavam. Wednesday pigarreou e deu uma cusparada poderosa na fogueira. Ela se inflamou e brilhou, iluminando o salão.

— Agora, como vocês todos devem ter tido uma fartura de motivos para descobrir por conta própria, deuses novos estão ganhando força nos Estados Unidos, agarrando-se a focos crescentes de fé: deuses do cartão de crédito e da rodovia, da internet e do telefone, do rádio, do hospital e da televisão, deuses do plástico e do bipe e do neon. Deuses orgulhosos, criaturas gordas e estúpidas, envaidecidas com a própria novidade e importância.

Odin continuou:

— Eles sabem que estamos aqui, e nos temem, e nos odeiam. Vocês se enganam se acreditam que não. Eles vão nos destruir, se puderem. É hora de nos unirmos. É hora de agirmos.

A mulher idosa de sári vermelho avançou em direção à luz. Uma pequena joia azul-escura brilhava em sua testa.

— Você nos chamou aqui para essa insensatez? — perguntou ela, bufando com uma mistura de deboche e irritação.

Wednesday franziu as sobrancelhas.

— Eu os chamei aqui, sim. Mas isto é mais do que sensato, Mama-ji, não tem nada de insensato. Até uma criança conseguiria entender.

— Então eu sou uma criança, é isso? — Ela apontou o dedo para ele, indignada. — Eu já era velha em Kalighat quando você não era nem um sonho, seu ignorante. E eu sou uma criança? Então *sou mesmo* uma criança, pois não há nada para ser entendido em sua fala ignorante.

Outra vez, Shadow se deparou com uma visão dupla: viu a mulher velha, o rosto escuro marcado pela idade e pela reprovação, mas, por trás, enxergou algo imenso, uma mulher nua com a pele da cor de uma jaqueta de couro preto nova, e com lábios e língua de um vermelho vivo como sangue arterial. O pescoço estava cercado por caveiras, e suas muitas mãos seguravam facas, espadas e cabeças decepadas.

— Não a chamei de criança, Mama-ji — disse Wednesday, em um tom pacificador. — Mas parece evidente...

— A única coisa que parece evidente — retrucou a velha, apontando o dedo novamente (ao mesmo tempo, por trás, através, acima dela, um dedo preto com uma garra afiada repetiu o movimento) — é seu próprio desejo por glória. Nós vivemos em paz neste país há muito tempo. Alguns deuses levam uma vida melhor que outros, concordo. Eu estou bem. Na Índia, uma encarnação minha vive muito melhor, mas paciência. Não tenho inveja. Já vi os mais novos ascenderem, e já os vi caírem. — Ela abaixou a mão. Shadow percebeu que os outros a observavam com uma mistura de expressões: respeito, humor, vergonha.

— Não faz muito tempo que eles idolatravam estradas de ferro aqui. E hoje os deuses de ferro são tão desprezados quanto os caçadores de esmeraldas...

— Diga aonde quer chegar, Mama-ji — pediu Wednesday.

— Aonde quero chegar? — As narinas dela se inflaram. Os cantos da boca se curvaram para baixo. — Eu, e *obviamente* sou apenas uma criança, proponho que esperemos. Não façamos nada. Não sabemos se eles querem nosso mal.

— E o que você vai fazer quando eles vierem no meio da noite e a matarem ou a capturarem? Ainda vai propor que tenhamos paciência?

Os lábios, as sobrancelhas e o nariz da mulher deixavam claro seu desdém e deboche.

— Se eles tentarem algo assim — disse ela —, vão descobrir que é difícil me pegar e ainda mais difícil me matar.

Um jovem atarracado sentado no banco atrás dela pigarreou para chamar a atenção e disse, com uma voz retumbante:

— Pai de Todos, meu povo está confortável dessa forma. Nós aproveitamos ao máximo o que temos. Se essa sua guerra der errado, podemos perder tudo.

— Vocês já perderam tudo — respondeu Wednesday. — Estou lhes oferecendo a chance de pegar algo de volta.

A fogueira queimava com intensidade, iluminando os rostos dos presentes.

Eu não acredito de verdade, pensou Shadow. Não acredito em nada disso. Talvez eu ainda tenha quinze anos. Minha mãe não morreu e eu ainda não conheci Laura. Tudo que aconteceu até agora foi um sonho especialmente vívido. No entanto, ele tampouco conseguia acreditar no que estava pensando. Só

podemos acreditar em nossos sentidos: os instrumentos que usamos para perceber o mundo, nossa visão, nosso toque, nossa memória. Se eles mentem para nós, nada será confiável. E, mesmo se não acreditarmos neles, não há como seguir nenhum outro caminho além da estrada que nossos sentidos nos revelam; e devemos percorrer essa estrada até o fim.

E, então, a fogueira se esgotou, e o Valaskjálf, o salão de Odin, mergulhou na escuridão.

— E agora? — sussurrou Shadow.

— Agora voltamos à sala do Carrossel — murmurou o sr. Nancy —, e o velho Caolho paga o nosso jantar, molha algumas mãos, beija alguns bebês, e ninguém mais fala a palavra com D.

— Palavra com D?

— Deuses. Onde você estava quando distribuíram cérebros, garoto?

— Alguém estava contando uma história sobre as bolas roubadas de um tigre, e eu tive que parar e descobrir como acabava.

O sr. Nancy riu.

— Mas nada ficou resolvido. Ninguém entrou em acordo — disse Shadow.

— Wednesday está indo devagar com eles. Vai conquistar um de cada vez. Você vai ver. Vão acabar cedendo.

Shadow sentiu uma corrente de ar saindo de algum lugar, agitando seu cabelo, tocando seu rosto, açoitando-o.

Agora eles estavam na sala do Maior Carrossel do Mundo, ouvindo “A valsa do imperador”.

Um grupo de pessoas, aparentemente turistas, estava conversando com Wednesday do outro lado do salão, perto da parede coberta com os cavalos de madeira do Carrossel: para cada pessoa, havia uma figura misteriosa no Salão de Wednesday.

— Por aqui! — gritou ele.

O velho os conduziu pela única saída, que havia sido construída para parecer a boca escancarada de um monstro gigantesco, com dentes a postos para destroçar qualquer um que se aproximasse. Ele circulava em meio às pessoas como um político, bajulando, incentivando, sorrindo, discordando delicadamente, tranquilizando.

— Aquilo aconteceu? — perguntou Shadow.

— Aquilo o quê, miolo de merda? — perguntou o sr. Nancy.

— O salão. A fogueira. Bolas de tigre. O passeio no Carrossel.

— Ora, ninguém pode andar no Carrossel. Você não viu as placas? Agora, calado.

A boca do monstro levava à Sala de Órgãos, e Shadow ficou ainda mais

confuso. Já não haviam passado por ali? O lugar continuava causando estranheza. Wednesday acompanhou todos por uma escada, passando por modelos em tamanho real dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse pendurados no teto, e o grupo seguiu as placas em direção à saída.

Shadow e Nancy eram os últimos da fila. Eles e os outros saíram da House on the Rock, passaram pela loja de souvenires e voltaram ao estacionamento.

— Que pena que tivemos que sair antes de acabar — disse o sr. Nancy. — Eu meio que estava com vontade de ver a maior orquestra artificial do mundo.

— Eu já vi — disse Czernobog. — Não é lá grande coisa.

O restaurante, uma estrutura grande que parecia um celeiro, ficava a dez minutos de distância. Wednesday havia garantido a todos os convidados que ia bancar a refeição daquela noite, além de ter providenciado o transporte até o restaurante para quem não pudesse ir por meios próprios.

Shadow se perguntou como todos haviam chegado à House on the Rock sem meios próprios de transporte e como eles iriam embora, mas falou a coisa mais esperta em que pensou: nada.

Deu carona a alguns dos convidados: a mulher de sári vermelho foi na frente com ele. Havia dois homens no banco traseiro: um jovem de aspecto peculiar cujo nome Shadow não havia entendido bem, mas que ele achava que se chamava Elvis, e outro homem, de terno escuro, de quem Shadow não conseguia se lembrar.

Shadow abrira e fechara a porta para o homem, e mesmo assim era incapaz de lembrar qualquer detalhe sobre ele. Ele se virou no banco do motorista e olhou para o convidado de Wednesday, reparando bem em seu rosto, seu cabelo, suas roupas, registrando tudo para reconhecê-lo caso voltasse a encontrá-lo, e se virou para a frente de novo para ligar o carro. O homem escapuliu de sua mente. Restou uma impressão de riqueza e nada mais.

Estou cansado, pensou. Shadow olhou para a direita e deu uma espiada na mulher Indiana. Reparou no colar minúsculo de caveiras em torno do pescoço, na pulseira de berloques com cabeças e mãos que tilintavam como sinetas quando ela se mexia. Havia uma joia azul-escura na testa. Ela tinha cheiro de especiarias, de cardamomo, noz-moscada e flores. O cabelo era grisalho, e ela sorriu ao perceber que estava sendo observada.

— Pode me chamar de Mama-ji — disse ela.

— Eu sou Shadow, Mama-ji.

— E o que acha dos planos de seu empregador, senhor Shadow?

Ele desacelerou, enquanto um grande caminhão preto os ultrapassava e lançava neles um respingo de neve suja.

— Eu não pergunto, ele não fala.

— Na minha opinião, ele quer um confronto final. Quer que a gente morra em meio às chamas da glória. É isso o que ele quer. E somos velhos o suficiente, ou idiotas o suficiente, para ao menos alguns de nós aceitarem essa ideia.

— Não é parte do meu trabalho fazer perguntas, Mama-ji — insistiu Shadow.

O interior do carro se encheu com a risada fina dela.

O homem no banco traseiro — não o jovem de aspecto peculiar, o outro — insistiu algo, e Shadow respondeu, mas no instante seguinte já não conseguiu lembrar de jeito nenhum o que havia sido discutido.

O jovem de aspecto peculiar não havia falado nada, mas começou a cantarolar, um murmúrio grave, melódico e baixo que fez o interior do carro vibrar, tremer, zumbir.

O jovem de aspecto peculiar tinha estatura mediana, mas era de um formato esquisito: Shadow já tinha ouvido falar de homens troncudos, mas nunca tivera uma imagem para associar à metáfora. Aquele homem era troncudo, e as pernas pareciam, sim, troncos de árvore, e as mãos pareciam, isso mesmo, joelhos de porco. Ele usava uma parca preta com capuz, vários suéteres, macacão grosso e, estranhamente, no inverno e com todas aquelas roupas, um par de tênis brancos, que tinham o mesmo tamanho e formato de caixas de sapato. Os dedos dele lembravam linguiças com pontas achatadas.

— Esse murmúrio... — disse Shadow no banco do motorista.

— Desculpe — disse o jovem peculiar, com uma voz muito grave, constrangido. E parou de murmurar.

— Não, eu gostei — respondeu Shadow. — Não precisa parar.

O jovem peculiar hesitou e voltou a murmurar, com a mesma voz grave e reverberante. Dessa vez, havia palavras entremeadas na melodia.

— *Down down down* — cantarolou ele num timbre tão grave que os vidros do carro tremeram. — *Down down down, down down, down down*.

Todas as casas e edifícios pelos quais passavam estavam decorados com piscas-piscas. Havia lâmpadas douradas discretas que brilhavam de leve e também cenários gigantescos com bonecos de neve, ursos de pelúcia e estrelas multicoloridas.

Shadow parou na frente do restaurante e acompanhou os passageiros até a porta, voltando logo depois para o carro. Queria deixar o automóvel em uma vaga bem afastada. Então andaria sozinho até o restaurante, no frio, para organizar as ideias.

Estacionou ao lado de um caminhão preto e imaginou se não seria o mesmo

que o havia ultrapassado antes.

Fechou a porta e ficou parado por um instante no estacionamento, vendo sua respiração se condensar no ar.

Pensou em Wednesday no restaurante, provavelmente já acomodando seus convidados em torno de uma mesa grande, preparando o ambiente. Ficou se perguntando se tinha sido mesmo Kali a seu lado no carro, e que divindade estivera no banco traseiro...

— Ei, camarada, tem fogo? — disse uma voz que parecia um pouco familiar.

Shadow se virou para pedir desculpas e dizer que não, não tinha fogo, mas a coronha da arma o acertou bem em cima do olho esquerdo, e ele começou a cair.

Levantou um dos braços para se equilibrar. Alguém pressionou algo macio em sua boca, para impedi-lo de gritar, e prendeu o objeto com fita adesiva: movimentos ágeis e treinados, como um açougueiro abatendo uma galinha.

Shadow tentou gritar, tentou alertar Wednesday, tentou alertar todo mundo, mas da sua boca só saiu um som abafado.

— Os alvos estão todos lá dentro — disse a voz familiar. — Todo mundo posicionado? — Era uma voz chiada, pouco audível, vinda de um rádio. — Vamos avançar e pegar todos eles.

— E o grandalhão? — perguntou outra voz.

— Embrulhe e leve esse daí — respondeu a primeira voz.

Cobriram a cabeça de Shadow com um saco de pano, amarraram seus pulsos e tornozelos com fita adesiva, enfiaram-no na traseira do caminhão e o levaram embora.

Não havia janelas na sala minúscula onde Shadow fora trancafiado. Tinha uma cadeira de plástico, uma mesa dobrável e um balde com tampa, que servia de privada improvisada. Havia também um pedaço de um metro e oitenta de espuma amarela no chão e um cobertor fino com uma mancha marrom velha no meio: sangue, merda ou comida, Shadow não sabia e não estava disposto a investigar. Tinha uma lâmpada atrás de uma grade de metal no alto da sala, mas ele não encontrou nenhum interruptor. A luz estava sempre acesa. Não havia maçaneta daquele lado da porta.

Ele estava com fome.

A primeira coisa que Shadow havia feito, depois que o jogaram naquela sala, depois que arrancaram a fita dos tornozelos, dos pulsos e da boca e o deixaram sozinho, fora andar pelo local e examiná-lo minuciosamente. Ele bateu nas paredes e ouviu um som metálico surdo. Havia uma pequena saída de ventilação

no alto. A porta estava trancada.

Saía sangue de um corte acima da sobrancelha esquerda. Sua cabeça doía.

O chão não tinha carpete. Shadow bateu nele também. Era feito do mesmo metal das paredes.

Ele tirou a tampa do balde, mijou dentro e voltou a cobri-lo. De acordo com seu relógio, haviam se passado apenas quatro horas desde a abordagem no estacionamento.

Sua carteira havia sumido, mas as moedas continuaram com ele.

Shadow se sentou diante da mesa de carteado, que estava coberta com um tecido verde com marcas de cigarro. Treinou truques que davam a impressão de que as moedas atravessavam a mesa, como se estivessem passando por dentro dela. Depois, pegou duas moedas de vinte e cinco centavos e inventou um Truque Inútil com Moedas.

Ele escondeu uma moeda na palma da mão direita e segurou a outra com a esquerda, entre o indicador e o polegar. Depois, fingiu que pegava a moeda da mão esquerda, mas, na verdade, deixou-a cair na palma esquerda. Em seguida, abriu a mão direita e exibiu a moeda que estava lá desde o começo.

Para manipular moedas, Shadow precisava estar completamente concentrado; ou seja, ele não conseguia fazer os truques se estivesse irritado ou aborrecido, então o ato de treinar uma ilusão, mesmo uma que não tivesse nenhum proveito por si só — ora, ele havia investido uma quantidade enorme de esforço e habilidade para fazer parecer que tinha passado uma moeda de uma mão para a outra, algo que não exigiria esforço algum se fosse feito de verdade —, o acalmava, afastava o medo e a perturbação.

Ele começou a fazer um truque ainda mais inútil: uma transformação de dólar em centavo, mas usando as duas moedas de vinte e cinco centavos. Conforme o truque avançava, as moedas ficavam ora visíveis, ora escondidas. Shadow começou com uma moeda visível, presa entre o dedo médio e o indicador, e com a outra oculta horizontalmente na dobra do polegar, uma empalmada Downs. Ele levou a mão até a boca e assoprou a moeda, deixando a visível cair na ponta do dedo anelar e depois fazendo uma empalmada clássica, enquanto pegava com o indicador e o dedo médio a moeda que estava escondida na empalmada Downs e a exibia. A impressão era de que ele mostrava uma moeda na mão, levava-a à boca, assoprava e voltava a abaixar a mão, exibindo a mesma moeda.

Fez esse truque várias vezes seguidas.

Shadow se perguntou se iam matá-lo, e suas mãos tremeram um pouco. Uma das moedas escorregou de seu dedo e caiu no tecido verde manchado da mesa.

Depois de um tempo, sem conseguir mais fazer truques, ele guardou as moedas e pegou a de um dólar com efígie da Estátua da Liberdade que Zorya

Polunochnaya lhe dera, segurou-a com força e esperou.

Às três da madrugada, de acordo com seu relógio, voltaram para interrogá-lo. Dois homens de terno escuro, com cabelo preto e sapatos pretos lustrosos. Agentes. Um tinha maxilar quadrado, ombros largos, cabelo incrível, parecia ter sido jogador de futebol americano na escola, tinha unhas muito roídas; o outro tinha entradas no cabelo, óculos de armação redonda prateada, unhas bem cuidadas. Embora os dois não fossem nem um pouco parecidos, Shadow começou a achar que, de alguma forma, talvez em um nível até genético, eles fossem idênticos. Os homens ficaram um de cada lado da mesa e baixaram os olhos para encarar Shadow.

— Há quanto tempo o senhor trabalha para Cargo? — perguntou um.

— Não sei quem é esse cara — respondeu Shadow.

— Ele chama a si mesmo de Wednesday. Grimm. Pai de Todos. O Cara Velho.

O senhor foi visto com ele.

— Trabalho para ele há três dias.

— Não minta para nós, senhor — disse o agente de óculos.

— Tudo bem — disse Shadow. — Não vou mentir. Mas estou com ele há três dias.

O agente de queixo quadrado se abaixou e torceu com força a orelha de Shadow. A dor foi intensa.

— Nós falamos para o senhor não mentir — disse ele, com um tom brando. Então, soltou a orelha de Shadow.

O volume sob o paletó indicava que os dois agentes carregavam armas. Shadow não revidou. Fingiu que estava de novo na cadeia. *Cumpra a própria pena*, pensou. *Não diga nada que eles já não saibam. Não faça perguntas.*

— Você está se metendo com um pessoal perigoso — disse o agente de óculos. — Seu depoimento seria um serviço ao país. — Ele deu um sorriso compassivo. *Eu sou o policial bonzinho*, disse o sorriso.

— Entendo — respondeu Shadow.

— Bem, se o senhor não quiser cooperar — disse o agente de queixo quadrado —, já sabe o que acontece quando não estamos felizes. — Ele deu um soco na barriga de Shadow.

Não era tortura, pensou Shadow, era só para pontuar: *Eu sou o policial malvado*. Ele se curvou de dor.

— Eu gostaria de deixar vocês felizes — disse Shadow, assim que conseguiu falar.

— Nós só queremos sua colaboração, senhor.

— Posso perguntar... — disse Shadow, engasgando (*Não faça perguntas*, pensou ele, mas era tarde demais, as palavras já haviam saído) — ... posso perguntar com quem vou colaborar?

— O senhor quer que digamos nossos nomes? — perguntou o agente de queixo quadrado. — Deve estar fora de si.

— Não, faz sentido — disse o agente de óculos. — Talvez assim seja mais fácil para ele se identificar conosco. — Ele olhou para Shadow e sorriu como um garoto-propaganda de pasta de dente. — Oi. Meu nome é senhor Stone. Meu colega é o senhor Wood.

— Na verdade — disse Shadow —, eu queria saber de que agência vocês são. CIA? FBI?

Stone balançou a cabeça.

— Ah, não é tão simples assim, não mais, senhor. Não é tão preto no branco.

— O setor privado, o setor público — disse Wood. — Sabe, tem muita mistura hoje em dia.

— Mas eu garanto — disse Stone, com outro de seus sorrisos saídos de uma propaganda —, nós *somos* os mocinhos. O senhor está com fome? — Ele enfiou a mão em um bolso do paletó e pegou um Snickers. — Aqui. Um presente.

— Obrigado — disse Shadow.

Ele abriu o chocolate e comeu.

— Você deve querer beber alguma coisa também. Café? Cerveja?

— Água, por favor — disse Shadow.

Stone foi até a porta e deu uma batidinha. Disse algo para o guarda do lado de fora, que assentiu e voltou no minuto seguinte com um copo de isopor com água gelada.

— CIA — disse Wood. Ele balançou a cabeça, cheio de pesar. — Idiotas. Ei, Stone. Ouvi uma piada nova sobre a CIA. Escuta só: como a gente pode ter certeza de que a CIA não teve nada a ver com o assassinato do Kennedy?

— Não sei — respondeu Stone. — *Como* a gente pode ter certeza?

— Ele está morto, não é mesmo? — disse Wood.

Os dois riram.

— O senhor está se sentindo melhor? — perguntou Stone.

— Acho que sim — respondeu Shadow.

— Então que tal nos contar o que aconteceu hoje à noite?

— Visitamos uns pontos turísticos. Fomos à House on the Rock. Saímos para comer. Vocês sabem o resto.

Stone bufou, sem paciência. Wood balançou a cabeça, como se estivesse decepcionado, e deu um chute no joelho de Shadow. A dor foi insuportável. Em

seguida, pressionou lentamente o punho nas costas de Shadow, logo acima do rim direito, e girou a mão. Dessa vez, a dor que Shadow sentiu foi pior do que a do joelho.

Eu sou maior que os dois, pensou. *Eu dou conta deles*. Mas eles estavam armados; e, mesmo se conseguisse, de alguma forma, matá-los ou dominá-los, continuaria trancado naquela sala. (Mas teria uma arma. Teria duas armas.) (Não.)

Wood fazia questão de não encostar no rosto de Shadow. Nenhuma marca. Nada permanente: só punhos e pés no tronco e nos joelhos. Doía, e Shadow segurou com força a moeda de um dólar na palma da mão, esperando que aquilo acabasse.

E, depois de um tempo longo demais, aquilo acabou.

— Veremos o senhor daqui a algumas horas — disse Stone. — Sabe, Wood realmente detestou ter que fazer isso. Nós somos pessoas sensatas. Como eu disse, somos os mocinhos. O senhor está do lado errado. Enquanto espera, que tal tentar dormir um pouco?

— É melhor começar a nos levar a sério — avisou Wood.

— Ele tem razão, senhor — disse Stone. — Pense nisso.

A porta bateu com um estrondo atrás deles. Shadow se perguntou se apagariam a luz, mas não apagaram, e o feixe que saía da lâmpada parecia espalhar uma onda de frio pela sala. Ele se arrastou pelo chão até o colchonete de espuma amarela, deitou-se nele e puxou o cobertor fino para se cobrir, fechou os olhos e se deixou levar pelo nada, se deixou levar pelos sonhos.

O tempo passou.

Ele tinha quinze anos de novo, e sua mãe estava morrendo, e ela tentava lhe dizer algo muito importante, mas ele não conseguia entender o quê. Shadow se mexeu enquanto dormia, e uma fisgada de dor fez com que ele passasse de um meio sono a uma meia vigília. Ele fez uma careta.

Shadow tremia debaixo do cobertor fino. O braço direito cobria os olhos contra a luz da lâmpada. Ficou se perguntando se Wednesday e os outros também haviam sido capturados, se ainda estavam vivos. Torceu para que estivessem.

A moeda de prata em sua mão esquerda continuava fria. Ali, deitado, ele a sentia, assim como durante a surra. Meio distraído, se perguntou por que ela não se aquecera em contato com a pele. Ainda um pouco adormecido e delirante, a moeda, e a noção de liberdade, e a lua, e Zorya Polunochnaya, tudo se entrelaçou em um raio de luz prateada que descia das profundezas celestiais, e ele subiu correndo pelo raio, para longe do luto e do medo, para longe da dor e, felizmente, de volta para os sonhos...

Shadow ouviu um barulho vindo de longe, mas era tarde demais para descobrir sua origem: ele agora pertencia ao mundo adormecido.

Um pensamento vago: esperava que não fosse alguém vindo acordá-lo, bater nele ou gritar em seu ouvido. Depois, percebeu, com satisfação, que realmente estava dormindo, e o frio foi embora.

Em algum lugar, alguém gritava por socorro, dentro ou fora do sonho.

Shadow se revirou no colchão de espuma, descobrindo novos lugares doloridos conforme se mexia, torcendo para que não tivesse despertado completamente e então aliviado ao perceber que o sono o abraçava uma vez mais.

Alguém sacudia seu ombro.

Ele tentou pedir que não o acordassem, que o deixassem dormir em paz, mas o que saiu foi um grunhido.

— Fofinho? — disse Laura. — Você precisa acordar. Por favor, acorde, querido.

Houve um instante de doce alívio. Ele tivera um sonho muito estranho envolvendo cadeias e golpistas e deuses decadentes, e agora Laura estava acordando-o para dizer que era hora de ir trabalhar, e talvez antes do trabalho desse tempo de tomar um café e roubar um beijo, ou mais do que um beijo; e ele estendeu a mão para tocá-la.

A pele estava gelada e pegajosa.

Shadow abriu os olhos.

— De onde saiu esse sangue todo? — perguntou.

— Das outras pessoas — respondeu ela. — Não é meu. Estou cheia de formol, misturado com glicerina e lanolina.

— Que outras pessoas?

— Os guardas — disse ela. — Está tudo bem. Eu os matei. É melhor você correr. Acho que não deixei ninguém vivo para soar o alarme. Pegue um casaco ali fora, ou você vai congelar.

— Você os matou?

Ela deu de ombros e abriu um meio sorriso constrangido. Parecia ter feito pinturas com os dedos, um quadro realizado exclusivamente com tons de vermelho, e havia manchas e gotas borrifadas no rosto e nas roupas (o mesmo terninho azul com que ela fora enterrada). Shadow pensou em Jackson Pollock, porque era menos problemático pensar em Jackson Pollock do que aceitar a alternativa.

— É mais fácil matar as pessoas depois que a gente morre — disse ela. — A gente não vê mais problema, sabe? Não fica com tanto preconceito.

— Mas eu ainda vejo problema — falou Shadow.

— Quer ficar aqui até o pessoal do turno da manhã chegar? — perguntou ela.

— Pode ficar, se quiser. Só achei que você gostaria de sair.

— Eles vão achar que fui eu — disse ele, sem pensar.

— Talvez — concordou ela. — Ponha um casaco, querido. Você vai congelar.

Ele saiu para o corredor. No final ficava a sala dos guardas, onde Shadow encontrou quatro homens mortos: três guardas e o agente que um dia havia se chamado Stone. O amigo dele não estava em lugar algum. Pelas manchas de sangue no chão, dois deles tinham sido arrastados para dentro da sala e largados no chão.

O casaco de Shadow estava pendurado em um gancho. Sua carteira continuava no bolso interno, aparentemente intacta. Laura abriu algumas caixas de papelão, cheias de barras de chocolate.

Agora que conseguia vê-los direito, Shadow percebeu que os guardas usavam uniformes de estampa camuflada escura, mas não havia nenhuma identificação oficial, nada que informasse para quem trabalhavam. Podiam ser caçadores de fim de semana, prontos para atirar no primeiro animal que passasse na frente deles.

Laura estendeu a mão fria e apertou a de Shadow. A moeda dourada que o marido lhe dera estava pendurada em uma corrente no pescoço.

— Ficou bonita — disse ele.

— Obrigada. — Ela abriu um sorriso gracioso.

— E os outros? — perguntou ele. — Wednesday e os demais? Onde estão?

Laura lhe entregou algumas barras de chocolate, e ele encheu os bolsos.

— Não tinha mais ninguém aqui. Um monte de celas vazias e uma com você dentro. Ah, e um dos homens tinha entrado numa cela lá embaixo com uma revista para bater punheta. Ele ficou bem assustado quando me viu.

— Você o matou enquanto ele se masturbava?

Ela deu de ombros.

— É — respondeu, pouco à vontade. — Eu fiquei com medo de estarem machucando você. Alguém precisa cuidar de você, e eu falei que faria isso, não foi? Aqui, pegue isto.

Eram aquecedores químicos para mãos e pés em pacotes finos. Quando o selo era rompido, eles se aqueciam até um pouco acima da temperatura do corpo e duravam horas. Shadow guardou-os nos bolsos.

— Cuidar de mim. Isso — disse ele —, você falou.

Ela tocou a testa dele, logo acima da sobrancelha esquerda.

— Você está machucado — comentou ela.

— Estou bem.

Shadow empurrou uma porta de metal na parede, que se abriu lentamente. Estava a pouco mais de um metro de altura do chão lá fora. Pulou para o que parecia cascalho e, depois, pegou Laura pela cintura e a desceu, como fazia antigamente, com facilidade, sem pensar duas vezes...

A lua apareceu de trás de uma nuvem pesada. Ela estava baixa no horizonte, prestes a se pôr, mas a luz que lançava na neve era suficiente para Shadow e Laura enxergarem.

Eles haviam saído do que se revelou um vagão preto de metal em um grande trem de carga, parado ou abandonado em um desvio ferroviário dentro de uma floresta. A fila de vagões ia até onde a vista alcançava, entre as árvores e além. Claro que ele estava em um trem. Devia ter imaginado.

— Como você me encontrou? — perguntou Shadow à esposa morta.

Ela balançou a cabeça devagar, com um sorriso divertido.

— Você brilha como um farol em um mundo tomado pela escuridão — respondeu ela. — Não foi tão difícil. Agora, você precisa ir embora. Vá logo. Vá até onde der, o mais rápido possível. E evite usar cartões de crédito.

— Para onde devo ir?

Ela passou a mão pelo cabelo embolado e o afastou dos olhos.

— A estrada é para lá — disse ela. — Faça o que tiver que fazer. Roube um carro, se necessário. Vá para o sul.

— Laura. — Ele hesitou. — Você sabe o que está acontecendo? Sabe quem são essas pessoas? Quem você matou?

— Sim, acho que sei.

— Estou em dúvida com você — disse Shadow. — Eu ainda estaria lá dentro se não fosse por você. Acho que eles não pretendiam fazer algo muito bom comigo.

— Não — respondeu ela. — Acho que não.

Os dois se afastaram dos vagões vazios. Shadow pensou nos outros trens que tinha visto, vagões de metal sem janelas que se estendiam por quilômetros e soavam seus apitos solitários noite adentro. Os dedos dele se fecharam na moeda de um dólar em seu bolso, e ele se lembrou de Zorya Polunochnaya e do jeito como ela o havia encarado ao luar. *Você perguntou o que ela queria? É a pergunta mais sábia a se fazer aos mortos. Às vezes, eles dizem.*

— Laura... O que você quer? — perguntou ele.

— Quer mesmo saber?

— Sim. Por favor.

Laura o encarou com olhos azuis mortos.

— Quero voltar a viver — respondeu ela. — Não esta meia vida. Quero estar viva *mesmo*. Quero voltar a sentir o coração batendo no peito. Quero sentir o sangue correndo pelo corpo, quente, salgado, concreto. É esquisito, a gente acha que não dá para sentir, sabe, o sangue, mas acredite, você percebe quando ele para de fluir. — Ela esfregou os olhos e sujou o rosto de vermelho com as mãos imundas. — Olhe, não sei por que isto aconteceu comigo. Mas é difícil. Sabe por que os mortos só saem à noite, fofinho? É porque é mais fácil se fazer passar por alguém de carne e osso no escuro. E eu não quero ter que fingir. Quero estar viva.

— Não entendo o que você quer que eu faça.

— Faça com que eu volte a viver, querido. Você vai dar um jeito. Sei que vai.

— Certo — disse ele. — Vou tentar. E, se eu der um jeito, como vou encontrar você?

Mas ela havia sumido, e não restava nada na floresta além de um cinza suave no céu para lhe indicar o leste e, na ventania inclemente de dezembro, um grito solitário, que podia ser o lamento da última ave noturna ou o chamado da primeira ave da alvorada.

Shadow se virou para o sul e começou a andar.

CAPÍTULO

SETE

Como os deuses hindus só são “imortais” em alguns aspectos muito específicos, já que nascem e morrem, eles também sofrem a maioria dos grandes dilemas humanos, e são poucas as trivialidades que os distinguem dos humanos — e dos demônios.

Contudo, os hindus os consideram parte de uma categoria de seres por definição completamente diferentes de quaisquer outros: são símbolos, de uma forma que nenhum ser humano, por mais “arquetípica” que seja a história de sua vida, poderia vir a ser. São atores que desempenham papéis reais apenas para nós; são máscaras, e por trás dessas máscaras vemos nosso próprio rosto.

Wendy Doniger O’Flaherty,
na introdução de *Hindu Myths*,
1975

SHADOW SEGUIU ANDANDO para o sul — ou para onde achava que era o sul, mais ou menos —, horas e horas avançando por uma estrada estreita e sem sinalização no meio de uma floresta que ele imaginava ficar no sul do Wisconsin. A certa altura, vários jipes pretos vieram pela estrada em sua direção, os faróis acesos, e

ele se embrenhou entre as árvores e ficou escondido até o comboio sumir de vista. A bruma da madrugada pairava até a cintura.

Meia hora depois, quando ouviu o barulho distante de helicópteros vindo do oeste, saiu da estrada de terra e seguiu pela floresta. Eram dois helicópteros, e Shadow se encolheu debaixo de uma árvore caída e ficou esperando eles passarem. Quando começaram a se afastar, ele se esgueirou para fora do esconderijo e olhou para cima, avaliando rapidamente o céu cinzento de inverno. Ficou satisfeito em observar que os helicópteros eram pintados de preto fosco. Esperou escondido debaixo da árvore até o barulho das hélices sumir de vez.

A neve que cobria o chão era um véu fino que estalava sob os pés de Shadow. Ele agradeceu por estar com os aquecedores de mãos e pés, que impediam que seus dedos congelassem. Fora isso, estava entorpecido: coração entorpecido, mente entorpecida, alma entorpecida. Então reparou em como aquele entorpecimento era muito profundo e antigo.

Então, o que eu quero?, perguntou-se. Não sabia a resposta, então simplesmente continuou andando, um passo de cada vez, sem sair da floresta. As árvores pareciam familiares, paisagens assim sempre provocavam déjà-vus. Será que estava andando em círculos? Talvez acabasse andando e andando e andando sem parar até que os aquecedores químicos e as barras de chocolate se esgotassem, então ele se sentaria e nunca mais se levantaria de novo.

Chegou a um córrego, que os moradores da região deviam chamar de *corgo*. Os córregos desembocavam em rios, e todos os rios desembocavam no Mississippi, e, se Shadow continuasse andando, ou roubasse um barco, ou constrísse uma jangada, em algum momento chegaria a Nova Orleans, onde era quente — uma ideia que parecia tão reconfortante quanto improvável.

Não viu mais nenhum helicóptero. Shadow suspeitava de que os que tinha visto passar no céu só estavam ali para checar a situação do desvio ferroviário, e não procuravam por ele, porque, se fosse esse o caso, teriam voltado, e haveria cães farejadores, sirenes e toda a parafernália típica das perseguições. Em vez disso tudo, nada acontecia.

O que *ele* queria? Não ser pego. Não ser responsabilizado pela morte dos homens no trem.

— Não fui eu — ouviu-se dizer em voz alta —, foi a minha esposa morta.

Já podia imaginar a expressão no rosto dos policiais. Daí começariam a debater se Shadow estava ou não maluco enquanto o encaminhavam para a cadeira elétrica...

Ele se perguntou se Wisconsin tinha pena de morte. Então se perguntou se isso importava. Queria entender o que estava acontecendo — e descobrir como aquilo tudo ia acabar. E, finalmente, com um sorriso meio irônico, percebeu que,

acima de tudo, queria que as coisas voltassem ao normal. Queria nunca ter sido preso, queria que Laura ainda estivesse viva, queria que nada daquilo tivesse acontecido.

Temo que essa não seja uma opção viável, meu filho, pensou consigo mesmo, na voz rouca de Wednesday, então assentiu, concordando. *Não é uma opção. Você fechou todas as portas. Então continue andando. Cumpra sua pena...*

Ao longe, um pica-pau começou a bicar um tronco podre.

De repente, Shadow reparou que havia olhos alheios fixos nele: um bando de cardeais vermelhos o encarava, empoleirados em um sabugueiro desfolhado, mas logo voltaram a bicar suas frutinhas pretas. Pareciam bastante com as ilustrações do calendário *Pássaros da América do Norte*. Ele ouviu a polifonia quase eletrônica de trinados, chiados e gorjeios enquanto caminhava pela margem do córrego. Com o tempo, o barulho cessou.

Havia um filhote morto de cervo em uma clareira ao pé de uma colina, e um pássaro preto, grande como um cachorrinho, investia contra o flanco do cadáver com um bico enorme e assustador, cortando e rasgando pedaços de carne vermelha. O cervo já não tinha olhos, mas a cabeça continuava intacta, e dava para ver pontinhos brancos no pelo. Shadow se perguntou como o animal havia morrido.

O pássaro preto inclinou a cabeça para o lado e chamou, com uma voz que lembrava pedras se chocando:

— Ô, mortal.

— É, eu sou mortal — concordou Shadow.

O pássaro pulou para o topo do cadáver, levantou a cabeça e eriçou as penas da crista e do pescoço. Era enorme, e seus olhos pareciam contas pretas. Um pássaro daquele tamanho, tão próximo, era uma visão um tanto intimidadora.

— Ele disse que vai encontrar você no Quai-rou — entoou o corvo.

Shadow tentou descobrir qual dos corvos de Odin era aquele: Hugin ou Munin; Memória ou Pensamento.

— Quai-rou? — repetiu Shadow.

— No Egito.

— E como eu vou para o Egito?

— Siga o Mississippi. Para o sul. Encontre o Chacal.

— Olha, eu não quero parecer... ah, veja bem... — Ele hesitou. Raciocinou um pouco. Estava com frio, no meio de uma floresta, conversando com um pássaro preto enorme que almoçava o Bambi. — Certo. Olha só. O que estou tentando dizer é que dispenso esses enigmas.

— Enigmas — repetiu o pássaro, prestativo.

— O que eu quero é uma explicação. Chacal no Quai-rou. Isso não me ajuda

em nada. Só parece ter saído de um romance de espionagem clichê.

— Chacal. Amigo. Crá. Quai-rou.

— Você já disse isso. Queria um pouquinho mais de informação.

O pássaro se virou ligeiramente e arrancou outro pedaço sanguinolento de carne crua das costelas do cervo. Então saiu voando por entre as árvores, o pedaço vermelho balançando em seu bico como uma minhoca comprida e sangrenta.

— Ei! Você pode pelo menos me indicar o caminho para uma estrada de verdade? — gritou Shadow.

O corvo voou mais alto e sumiu. Shadow observou o cadáver do filhote de cervo. Concluiu que, se fosse um daqueles lenhadores machões, cortaria um bife e o assaria em uma fogueira. Em vez disso, sentou-se em um tronco caído e comeu uma barra de chocolate, constatando que não levava muito jeito para ser um lenhador machão.

O corvo grasnou do outro lado da clareira.

— O que foi, quer que eu siga você? — perguntou Shadow. — Seu amiguinho caiu num poço, Lassie, foi isso?

A ave soltou outro grasnado, impaciente. Shadow andou na direção dela. O corvo esperou até ele se aproximar e bateu as asas enormes até outra árvore, mais ou menos à esquerda do caminho que Shadow estivera seguindo.

— Ei, Hugin, ou Munin, ou qualquer que seja o seu nome.

O pássaro se virou, inclinando a cabeça, desconfiado, e o encarou com os olinhos brilhantes.

— Diga “Nunca mais” — pediu Shadow.

— Vai se foder — respondeu o corvo. A ave não se pronunciou de novo durante o resto da travessia pela floresta, o corvo à frente, voando de árvore em árvore, o homem avançando a passos pesados pelo solo da mata, tentando acompanhar o ritmo.

O céu era de um cinza uniforme. Era quase meio-dia.

Em meia hora, chegaram a uma estrada asfaltada nos limites de uma cidade, e o corvo voou de volta para a floresta. Shadow viu uma placa da rede Culver's e, ao lado dela, um posto de gasolina. Entrou no Culver's, onde não havia nenhum freguês. Atrás do caixa estava um rapaz atencioso de cabeça raspada. Shadow pediu dois hambúrgueres e uma porção de batata frita e foi ao banheiro se limpar. Estava péssimo. Fez um inventário do conteúdo de seus bolsos: algumas moedas, incluindo a de um dólar gravada com o rosto da Estátua da Liberdade; um estojinho de viagem com escova e pasta de dentes; três barras de chocolate; cinco aquecedores químicos; uma carteira contendo apenas sua habilitação e um cartão de crédito — Shadow se perguntou quanto mais o limite do cartão

aguentaria —; e, no bolso interno do casaco, mil dólares em notas de cinquenta e de vinte, a parte que lhe cabia do roubo do dia anterior. Lavou o rosto e as mãos com água quente, ajeitou o cabelo escuro e voltou para o restaurante, onde comeu os hambúrgueres e as batatas e bebeu o café.

Então voltou ao caixa.

— Quer um pedaço de pudim? — perguntou o rapaz, atencioso.

— Não, obrigado. Tem algum lugar por aqui onde eu possa alugar um carro? O meu pifou lá atrás, na estrada.

O rapaz coçou a cabeça raspada.

— Por aqui não tem, não, senhor. Se seu carro pifou, é melhor ligar para o seguro. Ou ver se consegue um guincho no posto de gasolina aqui do lado.

— Ótima ideia. Obrigado.

Shadow andou pela neve já derretendo entre o estacionamento do Culver's e o posto de gasolina. Comprou barras de chocolate e pacotes de carne-seca e mais aquecedores químicos.

— Tem algum lugar por aqui onde eu possa alugar um carro? — perguntou à mulher no caixa. Ela era imensamente roliça, usava óculos e estava muito feliz de poder conversar com alguém.

— Vejamos... Aqui é meio isolado. Tem esse tipo de coisa lá em Madison. Para onde você está indo?

— Quai-rou — respondeu Shadow. — Seja lá onde isso for.

— Eu sei onde é. Pegue aquele mapa ali na prateleira.

Shadow apanhou um mapa plastificado de Illinois e o entregou à mulher. Ela o desdobrou e apontou, triunfante, para o canto inferior do estado.

— Aqui.

— Cairo?

— Essa é a do Egito. A de Little Egypt é chamada de *Quai-rou*. Tem até uma Thebes lá, a coisa toda. Minha cunhada é de Thebes. Perguntei a ela sobre a Tebas do Egito, e ela me olhou como se eu tivesse um parafuso solto.

A mulher deu uma risada que parecia água descendo pelo ralo.

— E tem alguma pirâmide?

A cidade ficava a oitocentos quilômetros dali, quase uma linha reta em direção ao sul.

— Nunca ouvi falar. Chamam o lugar de Little Egypt porque uns cem, cento e cinquenta anos atrás, a região inteira sofreu com a falta de alimentos. Todas as colheitas morreram. Menos as de lá. Aí todo mundo foi para a cidade comprar comida. Igualzinho na Bíblia. Já viu aquele musical, *José e o deslumbrante manto de mil cores*? “Nós vamos para o Egito, trá-lá-lá.”

— E o que você faria no meu lugar, se precisasse ir para lá? — perguntou

Shadow.

— Iria de carro.

— O meu pifou na estrada a alguns quilômetros daqui. A senhora me desculpe o linguajar, mas era uma lata-velha de merda.

— Uma LVM — sugeriu ela. — Sei. É assim que meu cunhado chama. Ele tem uma lojinha de compra e venda de carros usados. Volta e meia ele me liga e fala “Mattie, acabei de vender mais uma LVM”. Bem, talvez ele tenha interesse no seu carro velho. Para sucata ou algo do tipo.

— É do meu chefe — respondeu Shadow, surpreso com a fluência e a facilidade com que mentia. — Preciso ligar para que ele venha buscar o carro. — Então teve uma ideia. — E esse seu cunhado, ele mora por aqui?

— Ele é de Muscoda. Dez minutos para o sul. Perto do rio. Por quê?

— Bom, será que ele me venderia alguma dessas LVMs por umas quinhentas, seiscentas pratas?

A mulher abriu um sorriso gentil.

— Senhor, você conseguiria comprar qualquer carro daquele pátio por quinhentos dólares, e com o tanque cheio. Mas não vá falar que eu lhe disse isso.

— Você pode ligar para ele?

— É pra já — respondeu ela, pegando o telefone. — Oi, meu bem! É Mattie. Venha cá neste instante. Tem um homem aqui querendo comprar um carro.

A lata-velha de merda que Shadow escolheu era um Chevrolet Nova de 1983, que ele comprou, com o tanque cheio, por quatrocentos e cinquenta dólares. O carro tinha quase quatrocentos mil quilômetros rodados e exalava um vago aroma de uísque e tabaco junto com um cheiro mais forte, de algo que lembrava bananas. Não dava para dizer a cor exata da lataria debaixo de toda aquela sujeira e neve. Só que, de todos os veículos que encontrara no pátio do cunhado de Mattie, aquele era o único que parecia capaz de talvez percorrer oitocentos quilômetros.

A compra foi em dinheiro, e o cunhado de Mattie não perguntou seu nome nem pediu os documentos de Shadow, nem nada. Só quis o dinheiro.

Shadow dirigiu para o oeste e depois para o sul com quinhentos e cinquenta dólares no bolso, evitando a interestadual. A lata-velha tinha um rádio, mas nada aconteceu quando Shadow o ligou. Uma placa o informou de que ele tinha saído de Wisconsin e entrado em Illinois. Ele passou por um campo de mineração a céu aberto, todo iluminado por holofotes azuis imensos, brilhando sob o céu escuro daquela tarde de inverno.

Comeu em um lugar chamado Casa da Mamãe, entrando logo antes de pararem de servir o almoço. A comida era razoável.

Cada cidade por onde passava tinha uma placa ao lado do costumeiro aviso de que o motorista estava entrando na Cidade Tal (720 hab.). A segunda placa anunciava que o time Sub-14 da cidade era o terceiro colocado do Campeonato Interestadual de Corrida de Cem Metros ou que a cidade era o lar da semifinalista do Torneio Feminino Sub-16 de Luta Greco-Romana.

Shadow seguiu em frente, a cabeça cambaleando, sentindo-se mais esgotado e exausto a cada minuto. Furou um sinal vermelho e quase colidiu com uma mulher que dirigia um Dodge. Assim que chegou a uma área rural, desviou com o carro para uma estradinha de terra sem movimento e estacionou perto de um campo coberto de palha e neve, com uma vagarosa procissão de perus selvagens pretos e gordos avançando como uma fila de carpideiras. Desligou o motor, deitou-se no banco traseiro e dormiu.

Escuridão, sensação de queda — como se estivesse despencando por um buraco imenso, feito Alice. Shadow passou cem anos caindo pela escuridão. Rostos passavam depressa, emergindo do negrume, então se rasgavam de repente e sumiam, um a um, antes que ele tivesse a chance de tocá-los...

Abruptamente e sem qualquer transição, Shadow não estava mais caindo. Viu-se em uma caverna, e agora tinha companhia. Encarava olhos muito familiares: olhos pretos, enormes, líquidos. Os olhos piscaram.

Sob a terra. Sim. Shadow se lembrava daquele lugar. O fedor de vaca molhada. A luz de uma fogueira dançando nas paredes úmidas da caverna, iluminando a cabeça de búfalo, o corpo de homem, a pele cor de argila.

— Será que vocês não podem me deixar em paz? — perguntou Shadow. — Eu só quero dormir.

O homem-búfalo assentiu, bem devagar. Seus lábios não se moveram, mas uma voz dentro da cabeça de Shadow perguntou:

— Para onde você está indo, Shadow?

— Para Cairo.

— Por quê?

— Para onde mais eu iria? É para lá que Wednesday quer que eu vá. Eu bebi o hidromel dele.

No sonho de Shadow, com o poder da lógica dos sonhos, a obrigação parecia indiscutível: bebera o hidromel de Wednesday três vezes, selando o pacto. O que mais poderia fazer agora?

O homem com cabeça de búfalo estendeu uma das mãos para a fogueira e remexeu as brasas e os galhos partidos, avivando o fogo.

— A tempestade se aproxima — anunciou.

Tinha as mãos sujas de cinzas, e as esfregou no peito sem pelos, deixando manchas pretas de fuligem.

— Vocês não param de dizer isso. Posso fazer uma pergunta?

Houve uma pausa. Uma mosca pousou na testa peluda. O homem-búfalo a espantou.

— Faça.

— É verdade? Aquelas pessoas são mesmo deuses? É tudo tão... — Shadow hesitou, então completou: — Improvável.

Não era exatamente a palavra que estava procurando, mas parecia a melhor que conseguiu encontrar.

— O que são deuses? — perguntou o homem-búfalo.

— Não sei — respondeu Shadow.

Ouvia-se uma batida constante, abafada. Shadow ficou esperando o homem-búfalo dizer mais alguma coisa, explicar o que os deuses eram, explicar todo aquele pesadelo tortuoso em que a vida dele parecia ter se transformado. Estava com frio. A fogueira tinha se apagado.

Tec. Tec. Tec.

Shadow abriu os olhos, meio grogue, e se sentou. Fazia muito frio, e o céu lá fora estava daquele tom intenso de roxo luminoso que separa o crepúsculo da noite.

Tec. Tec.

— Ei, senhor — chamou alguém, e Shadow virou a cabeça.

A pessoa estava ao lado do carro, uma forma mais escura do que o escuro do céu. Shadow estendeu uma das mãos e baixou o vidro alguns centímetros. Fez os sons típicos de quem está despertando, então, por fim, disse:

— Oi.

— Tudo bem aí? Está passando mal? Bebeu? — A voz era aguda, de mulher ou de menino.

— Estou bem — respondeu Shadow. — Só um minuto.

Ele abriu a porta e saiu, esticando as pernas, os braços e o pescoço doloridos. Então esfregou as mãos para esquentá-las e fazer o sangue circular.

— Uau. Você é grandão.

— É o que dizem. Quem é você?

— Sam — disse a voz.

— É um Sam menino ou uma Sam menina?

— Uma Sam menina. Eu antes me chamava Sammi com i, daí fazia uma carinha feliz no pingo do i, mas então cansei, porque todo mundo começou a copiar, e tirei o i.

— Certo, Sam menina. Vá para lá e não tire os olhos da estrada.

— Por quê? Você é um assassino doido, ou coisa assim?

— Não — respondeu Shadow. — É que preciso dar uma mijada e queria um mínimo de privacidade.

— Ah. Sim. Claro. Pode deixar. Sem problema. Sou igualzinha. Sou incapaz de fazer xixi se tiver alguém na cabine do lado. Tenho a bexiga mais tímida da história.

— Vá logo, por favor.

A menina deu a volta no carro, e Shadow foi na direção do campo, abriu o zíper da calça e liberou um xixi bem demorado em uma estaca da cerca. Então voltou para o carro. Os últimos resquícios de luminosidade se converteram em noite.

— Você ainda está aí?

— Sim — respondeu a menina. — Nossa, sua bexiga deve ser do tamanho do lago Erie. Acho que impérios nasceram e ruíram no tempo que você levou para fazer xixi. E deu para ouvir tudo.

— Obrigado. O que você quer?

— Bom, eu queria ver se você estava bem. Quer dizer, eu teria chamado a polícia se você estivesse morto ou algo do tipo. Mas os vidros estavam meio embaçados, então achei que você ainda devia estar vivo.

— Você mora por aqui?

— Não. Sou de Madison, vim pegando carona por aí.

— Não parece muito seguro.

— Eu faço isso cinco vezes por ano há três anos. E ainda estou viva. Para onde você está indo?

— Vou até Cairo.

— Ah, obrigada — disse Sam. — Eu vou para El Paso. Quero passar o Natal com a minha tia.

— Não posso levar você até lá — avisou Shadow.

— Não, não a El Paso no Texas. A outra, em Illinois. Fica a algumas horas daqui, para o sul. Você não sabe onde está?

— Não. Não faço ideia. Em algum ponto da rodovia 52?

— A próxima cidade se chama Peru. Não é o país não, tá? É uma cidade mesmo, em Illinois. Quero sentir o seu hálito. Abaixa aí. — Shadow se inclinou, e a menina farejou o rosto dele. — Muito bem. Não tem cheiro de bebida. Você pode dirigir. Vamos.

— E por que eu daria carona para você?

— Porque eu sou uma donzela em perigo, e você é um cavaleiro do não sei o que brilhante. Com um carro muito sujo. Sabia que escreveram *Me Lave!* no vidro de trás?

Shadow entrou no veículo e abriu a porta do carona. A luz que sempre se acende dentro dos carros quando a porta dianteira é aberta não acendeu naquele.

— Não. Não sabia.

A menina entrou.

— Fui eu — confessou ela. — Eu que escrevi. Quando ainda tinha luz suficiente para enxergar.

Shadow deu a partida, ligou os faróis e voltou para a estrada.

— Esquerda — instruiu Sam, prestativa.

Shadow fez a curva para a esquerda e saiu dirigindo estrada afora. Depois de alguns minutos, o aquecedor começou a funcionar, e o carro foi preenchido por um calorzinho abençoado.

— Você não falou nada até agora — reclamou Sam. — Diga alguma coisa.

— Você é humana? — perguntou Shadow. — Um ser humano de verdade, que nasceu de um pai e de uma mãe?

— Claro.

— Tudo bem. Só para confirmar. Então, o que você quer que eu fale?

— Bem, acho que depois disso você podia dizer alguma coisa para me tranquilizar. De repente, me veio aquela sensação de *ai merda, entrei no carro errado com um cara doido*.

— É. Sei como é. E o que deixaria você mais tranquila?

— Só me diga que não está fugindo da cadeia nem matou um monte de gente nem nada do tipo.

Shadow pensou por um instante.

— É, não fiz nada disso mesmo.

— Você precisou pensar, é?

— Cumpri minha pena. E nunca matei ninguém.

— Ah.

Entraram em uma cidade pequena, iluminada por postes e decorações natalinas cintilantes, e Shadow deu uma olhadela para a direita. A menina era uma massa embolada de cabelo curto e escuro sobre um rosto que ele concluiu que era ao mesmo tempo bonito e vagamente masculino. Suas feições podiam ter sido esculpidas em pedra. Ela o encarava.

— Por que você foi preso?

— Machuquei muito algumas pessoas. Fiquei com raiva.

— Elas mereceram?

Shadow pensou por um instante.

— Na hora achei que sim.

— Você faria de novo?

— Nem pensar. Perdi três anos da minha vida.

— Hum. Você tem sangue indígena?

— Não que eu saiba.

— É que parece um pouco.

— Sinto muito por essa decepção.

— Tudo bem. Tá com fome?

Shadow assentiu.

— É, acho que eu poderia comer alguma coisa, sim.

— Tem um lugar bom depois do próximo sinal. Comida boa. E barata.

Shadow parou no estacionamento. Os dois saíram do carro. Ele não se deu ao trabalho de trancar as portas, mas guardou a chave no bolso. Separou algumas moedas para comprar um jornal.

— Você tem dinheiro para comer aqui?

— Sim — respondeu a menina, de cabeça erguida. — Posso pagar a minha parte.

Shadow assentiu. Então sugeriu:

— Vou fazer uma proposta: tiramos no cara ou coroa. Cara, você paga o meu jantar; coroa, eu pago o seu.

— Tudo bem, mas primeiro quero ver a moeda — respondeu a menina, desconfiada. — Um tio meu tinha uma moeda com duas caras.

Sam inspecionou a moeda e ficou satisfeita de ver que não havia nada de estranho no círculo de metal. Shadow colocou a moeda com a cara para cima no polegar e manipulou a jogada, fazendo-a oscilar de um jeito que dava a impressão de estar girando no ar. Ele agarrou a moeda que caía e a virou nas costas da mão esquerda, então a estendeu diante de Sam e revelou o resultado.

— Coroa — anunciou a menina, satisfeita. — Você paga.

— É. Bem, não dá para ganhar sempre.

Shadow pediu bolo de carne, e Sam pediu uma lasanha. Ele folheou o jornal, conferindo se havia alguma notícia sobre os homens mortos no trem de carga. Não encontrou nada. A única reportagem interessante estava na capa: uma quantidade nunca antes vista de corvos infestava a cidade. Os fazendeiros da região consideravam pendurar corvos mortos em edifícios públicos para assustar os invasores, enquanto ornitólogos explicavam que não adiantaria, pois os corvos vivos simplesmente se alimentariam dos mortos. A população local se mostrou irredutível: “Quando eles virem o cadáver de seus amigos”, disse um porta-voz, “vão saber que não são bem-vindos por aqui”.

A comida era boa, montanhas de comida em pratos fumegantes, mais do que qualquer pessoa conseguiria comer sozinha.

— E o que tem lá em Cairo? — perguntou Sam, de boca cheia.

— Não faço ideia. Meu chefe me mandou uma mensagem dizendo que precisa

que eu vá para lá.

— O que você faz?

— Uma coisa ou outra.

A menina sorriu.

— Bem, você com certeza não é da máfia, não com essa aparência e dirigindo aquela lata-velha. Aliás, por que o seu carro tem cheiro de banana?

Shadow deu de ombros e continuou comendo.

Sam estreitou os olhos.

— Talvez você trafeque bananas — sugeriu. — E você ainda não me perguntou o que eu faço.

— Imagino que ainda esteja na faculdade.

— Universidade de Wisconsin-Madison.

— Onde com certeza cursa história da arte e estudos de gênero e provavelmente faz esculturas em bronze. E deve trabalhar em um café, para ajudar a pagar o aluguel.

Sam largou o garfo no prato, as narinas dilatadas, os olhos arregalados.

— Cacete, como foi que você fez isso?

— O quê? Não, nessa hora você devia falar: “Olha, na verdade eu estudo línguas românicas e ornitologia.”

— Então vai me dizer que foi só um chute?

— O que foi um chute?

Ela o encarou com aqueles olhos escuros.

— Você é um cara peculiar, senhor... não sei o seu nome.

— Pode me chamar de Shadow.

Ela fez uma careta debochada, torcendo os lábios como se tivesse provado algo ruim. Parou de falar, baixou a cabeça e terminou sua lasanha.

— Você sabe por que chamam o lugar de Little Egypt? — perguntou Shadow, quando Sam acabou de comer.

— Lá para as bandas de Cairo? Sei. Porque fica no delta dos rios Ohio e Mississippi. Assim como o Cairo do Egito fica no delta do Nilo.

— Faz sentido.

A menina se recostou na cadeira, pediu café e torta de chocolate e ajeitou o cabelo preto.

— Você é casado, senhor Shadow? — Quando ele hesitou para responder, Sam acrescentou: — Vixe... Outra pergunta complicada, é?

— Ela foi enterrada na quinta-feira — respondeu Shadow, escolhendo as palavras com cuidado. — Morreu em um acidente de carro.

— Ah, meu Deus. Nossa. Sinto muito.

— Eu também.

Um silêncio constrangido.

— Minha meia-irmã perdeu o filho, meu sobrinho, no fim do ano passado. É bem difícil.

— É. É, sim. Ele morreu de quê?

Sam deu um gole no café.

— Não sabemos. Não temos nem certeza se ele morreu. O menino simplesmente sumiu. Tinha só treze anos. Foi no meio do inverno do ano passado. Minha irmã ficou arrasada.

— E vocês tinham alguma pista ou informação? — Soou como um detetive de algum seriado policial. Tentou de novo. — Houve algum suspeito, alguém que parecia ter más intenções? — Isso soou ainda pior.

— Desconfiaram do pai, meu cunhado babaca que não tem a guarda da criança. O sujeito é babaca o suficiente para ter sequestrado o filho. E provavelmente sequestrou. Mas isso aconteceu em uma cidadezinha em Northwoods. Uma gracinha de cidade, linda e simpática, um lugar onde ninguém tranca a porta de casa. — Ela suspirou e balançou a cabeça. Segurou a xícara de café com ambas as mãos. Então olhou bem para ele e mudou de assunto. — Como soube que eu fazia esculturas em bronze?

— Chutei. Só falei por falar.

— Tem certeza de que não tem ascendência indígena?

— Não que eu saiba. É possível. Nunca conheci meu pai. Mas acho que minha mãe teria falado se ele fosse de alguma tribo nativo-americana. Talvez.

Sam fez aquela mesma careta de antes. Ela desistiu no meio da torta de chocolate: a fatia tinha metade do tamanho de sua cabeça. A menina empurrou o prato, deslizando-o pela mesa até Shadow.

— Quer?

Ele sorriu.

— Pode ser. — E terminou a torta.

A garçonete entregou a conta, e Shadow pagou.

— Obrigada — disse Sam.

O tempo estava esfriando. O carro engasgou algumas vezes antes de pegar no tranco. Shadow voltou para a estrada e continuou indo para o sul.

— Você já leu alguma coisa de um cara chamado Heródoto? — perguntou ele.

— Eita. O quê?

— Heródoto. Já leu as *Histórias* dele?

— Sabe — confessou ela, com o olhar meio perdido —, eu não entendo. Não entendo esse seu jeito de falar, essas palavras que você usa e tal. Primeiro você é um grandalhão meio mané, depois lê minha mente, e agora a gente começa a falar de Heródoto. Enfim. Não. Nunca li Heródoto. Já ouvi falar dele. Talvez no

rádio. Não é ele que as pessoas chamam de pai das mentiras?

— Achei que esse fosse o diabo.

— É, também. Mas estavam contando que Heródoto dizia que existiam formigas gigantes e grifos protegendo umas minas de ouro, e que era tudo invenção dele.

— Acho que não. Ele escrevia o que lhe contavam. Assim, ele escreve esse monte de histórias. E a maioria é bem boa. Com um bocado de detalhezinhos esquisitos. Por exemplo: você sabia que, no Egito, se morresse uma menina particularmente bonita, ou a mulher de um lorde, ou qualquer coisa do tipo, esperavam três dias para mandar embalsamar? Deixavam o corpo apodrecer no calor primeiro.

— Por quê? Ah, espera. Ok, acho que entendi. Ai, que nojo.

— E ele fala de batalhas, de várias coisas normais. E também tem os deuses. Numa história tem um cara correndo para informar o resultado de uma batalha qualquer, e ele vai correndo e correndo e correndo, até que encontra Pã em uma clareira. E Pã vira para ele e fala: “Diga para construírem um templo para mim aqui.” E o homem concorda e continua a correr até chegar no tal lugar. Ele informa as notícias da batalha e então acrescenta: “Ah, por falar nisso, Pã quer que vocês construam um templo para ele.” É bem prosaico, sabe?

— Então ele escreveu histórias sobre os deuses. O que você está tentando me dizer? Que essas pessoas das histórias estavam tendo umas alucinações?

— Não. Não é isso.

Sam mordiscou uma das cutículas.

— Eu li alguns livros sobre o cérebro — comentou Sam. — Eram da minha colega de quarto, que vivia tagarelando sobre o assunto. O livro falava de como, uns cinco mil anos atrás, os lóbulos do cérebro se fundiram. E, antes disso, quando o lóbulo direito mandava alguma mensagem, as pessoas achavam que era a voz de algum deus mandando elas fazerem alguma coisa. Mas era só o cérebro.

— Eu prefiro a minha teoria — disse Shadow.

— Qual é a sua teoria?

— Que, antigamente, as pessoas volta e meia encontravam os deuses.

— Ah.

Silêncio: só se ouviam os ruídos do carro, o rugido do motor, o ronco do silenciador, que não parecia em boas condições. Então ela perguntou:

— Você acha que eles ainda estão por aí?

— Onde?

— Na Grécia. No Egito. Nas ilhas. Naqueles lugares. Você acha que, se alguém andasse por onde aquelas pessoas andavam, encontraria os deuses?

— Talvez. Mas acho que a pessoa não saberia o que encontrou.

— Aposto que é como os alienígenas. Hoje em dia, as pessoas veem alienígenas. Naquela época, viam deuses. Talvez eles venham do lado direito do cérebro também.

— Acho que os deuses não usavam sondas anais nos humanos — comentou Shadow. — E não se davam ao trabalho de mutilar o gado. Faziam os humanos mutilarem para eles.

Sam deu risada. Os dois continuaram em silêncio por alguns minutos, até que ela falou:

— Ei, isso me lembra a minha história favorita sobre um deus, que escutei na aula de religião I. Quer ouvir?

— Pode ser.

— Beleza. É sobre Odin. Aquele deus nórdico. Conhece? Tinha um rei viking num navio viking. Isso foi no tempo dos vikings, claro. E o navio ficou preso em uma calmaria, então esse rei anunciou que sacrificaria um de seus homens a Odin se o deus enviasse algum vento e eles conseguissem chegar em terra firme. Ok. O vento surgiu, e eles chegaram. E, quando chegaram, tiraram na sorte para decidir quem seria sacrificado, e acabou que o próprio rei foi o escolhido. Bem, ele não ficou muito satisfeito, mas os homens sugeriram fazer um enforcamento simbólico, sem machucar o rei. Pegaram intestino de bezerro e enrolaram meio frouxo em volta do pescoço do cara, daí prenderam a outra ponta num galho fino. E pegaram uma palha, em vez de uma lança, então espetaram o rei e falaram: “Pronto, beleza, você foi enforcado... quer dizer, sacrificado em nome de Odin.”

A estrada fazia uma curva, e havia mais placas: Outra Cidade Qualquer (300 hab.), lar do vice-campeão de patinação de velocidade no Campeonato Estadual Sub-12; além de duas funerárias enormes, uma de cada lado da estrada — e Shadow se perguntou se eram mesmo necessárias tantas funerárias em uma cidade de apenas trezentos habitantes...

— Então. Assim que eles falaram o nome de Odin, a palha virou uma lança e furou o corpo do cara, e o intestino de bezerro virou uma corda grossa, e o galho virou um tronco, e a árvore cresceu, e o chão cedeu, e o rei ficou lá pendurado até morrer, com uma ferida no corpo e o rosto ficando vermelho. Fim. Os brancos têm uns deuses bem doidos, senhor Shadow.

— Pois é. Você não é branca?

— Sou cheroqui — explicou ela.

— De pai e mãe?

— Não. Só metade. Minha mãe era branca. Meu pai morava em uma reserva e tudo. Ele veio para estas bandas e acabou se casando com a minha mãe, aí eu

nasci, e, quando eles se separaram, meu pai voltou para Oklahoma.

— Ele voltou para a reserva?

— Não. Pegou um empréstimo e abriu uma imitação do Taco Bell chamada Taco Bill. E está bem de vida. Não gosta de mim. Diz que sou mestiça.

— Sinto muito.

— Ele é um babaca. Tenho orgulho do meu sangue indígena. Ajuda a pagar a faculdade. E um dia provavelmente vai me ajudar a arrumar um emprego, se o negócio das esculturas não der certo.

— Pois é.

Shadow parou em El Paso, Illinois (2500 hab.) e deixou Sam em uma casa meio decadente na periferia. Havia uma rena de arame no jardim, toda coberta de piscas-piscas.

— Quer entrar? — ofereceu a moça. — Minha tia pode fazer um café.

— Não. Preciso continuar a viagem.

Sam sorriu e, de repente, pela primeira vez, pareceu vulnerável. Deu um tapinha no braço de Shadow.

— Você é bem doido, senhor. Mas é legal.

— Acredito que isso é o que chamam de condição humana — respondeu Shadow. — Obrigado pela companhia.

— Sem problema. Se você encontrar algum deus no caminho até Cairo, dê um oi a ele por mim.

A menina saiu do carro e foi até a porta da casa. Apertou a campainha e ficou lá, parada, sem olhar para trás. Shadow esperou até a porta se abrir e ela entrar, e só então meteu o pé no acelerador e voltou para a rodovia. Passou por Normal, Bloomington e Lawndale.

Às onze da noite, Shadow começou a tremer. Tinha acabado de entrar em Middletown. Decidiu que precisava dormir de novo, ou pelo menos parar de dirigir, então estacionou na frente de uma pousada, onde pagou trinta e cinco dólares adiantados por um quarto no térreo. Entrou no banheiro. Encontrou uma barata infeliz caída de costas no meio do chão de azulejo. Ele pegou uma toalha e limpou o interior da banheira, depois abriu a torneira. No quarto, tirou as roupas e deixou-as na cama. Os hematomas em todo o tronco estavam escuros e bem nítidos. Ele se sentou na banheira e ficou vendo a cor da água mudar. Depois, pelado, lavou as meias, a cueca e a camiseta na pia, torceu-as e as pendurou na corda de varal presa à parede que passava em cima da banheira. Deixou a barata no mesmo lugar, em respeito aos mortos.

Shadow deitou-se na cama. Pensou em assistir a um filme pornô, mas o equipamento de *pay-per-view* ao lado do telefone exigia cartão de crédito. Também não sabia muito bem se ficaria feliz em ver outras pessoas fazendo

sexo, e ele, não. Ligou a televisão para não se sentir tão sozinho e a programou para se desligar sozinha dali a quarenta e cinco minutos, quando imaginou que já estaria em um sono profundo. Faltavam quinze minutos para a meia-noite.

A imagem estava um pouco embaçada, como acontece em todos os hotéis de beira de estrada, e as cores oscilavam em diferentes pontos da tela. Shadow zapeou de um programa noturno para outro, navegando pela desolação televisiva sem conseguir se concentrar. Alguém estava demonstrando alguma coisa que cumpria alguma utilidade culinária e substituía uma dúzia de utensílios que Shadow não tinha. *Zap*. Um homem de terno explicava que aquele era o fim dos tempos e que Jesus — pronunciado com maior ou menor ênfase — faria os negócios de Shadow prosperarem caso enviasse dinheiro para o sujeito. *Zap*. Um episódio de *M*A*S*H* estava acabando, e um de *The Dick Van Dyke Show* estava prestes a começar.

Fazia anos que Shadow não via um episódio de *The Dick Van Dyke Show*, mas havia algo reconfortante naquele mundo preto e branco de 1965, então colocou o controle na mesinha de cabeceira e desligou o abajur. Ficou assistindo ao programa, e seus olhos foram se fechando lentamente, e ele sabia que tinha alguma coisa esquisita. Não assistira a muitos episódios de *The Dick Van Dyke Show*, então não era de admirar que não se lembrasse daquele. O que Shadow estranhou foi o tom.

O elenco todo estava preocupado com a bebedeira de Rob, que vinha faltando ao trabalho. Os personagens foram visitá-lo em casa: Rob tinha se trancado no quarto e precisou ser convencido a sair. Estava cambaleante de tão bêbado, mas continuava bem engraçado. Seus amigos, interpretados por Morey Amsterdam e Rose Marie, foram embora depois de soltar umas tiradas ótimas. Depois, quando sua esposa foi reclamar a respeito, Rob bateu nela, com força, no rosto. A mulher se sentou no chão e começou a chorar — não aquele lamento famoso de Mary Tyler Moore, mas soluços abafados, impotentes, abraçando a si mesma e sussurrando:

— Não me bata, por favor, eu faço qualquer coisa, só não me bata mais.
— Que porra é essa? — indagou Shadow, em voz alta.

A imagem se dissolveu em chuviscos. Quando voltou, o episódio de *The Dick Van Dyke Show* tinha, inexplicavelmente, se transformado em um de *I Love Lucy*. Lucy tentava convencer Ricky a deixá-la trocar o antigo refrigerador por uma geladeira moderna. Mas, quando Ricky saiu, Lucy foi até o sofá e se sentou, cruzando os tornozelos e apoiando as mãos no colo, então olhou para um ponto fora da tela, para Shadow, a imagem em preto e branco o encarando pacientemente, como se estivesse esperando por ele há muito anos.

— Shadow — chamou ela. — Precisamos conversar.

Ele não respondeu. Lucy abriu a bolsa, pegou um cigarro e acendeu-o com um isqueiro de prata caro que guardou logo em seguida.

— Estou falando com você — insistiu ela. — E então?

— Isso é loucura — disse Shadow.

— E o restante da sua vida é normal? Ah, me poupe.

— Mesmo assim. Lucille Ball conversando comigo pela tevê é muito mais esquisito do que tudo o que já aconteceu na minha vida até agora.

— Lucille Ball, não. Lucy Ricardo. Na verdade, não sou nem isso. É só uma fachada mais simples, considerando a situação. Só isso.

Ela se ajeitou no sofá, pouco à vontade.

— Quem é você? — perguntou Shadow.

— Certo. Boa pergunta. Eu sou a mãe dos idiotas. Sou a televisão. Sou o olho que tudo vê, sou o mundo do raio catódico. Sou a expositora de tetas. O pequeno altar em torno do qual a família se reúne para louvar.

— Você é a televisão? Ou é alguém dentro da televisão?

— A televisão é o altar. Eu sou a entidade para quem as pessoas fazem os sacrifícios.

— O que elas sacrificam?

— O tempo de vida, principalmente — respondeu Lucy. — Às vezes, umas às outras.

Ela levantou dois dedos e soprou fumaça de uma arma imaginária. Depois, deu uma piscadela, a velha piscadela de *I Love Lucy*.

— Você é uma deusa? — perguntou Shadow.

Lucy deu um sorriso debochado e tragou o cigarro como uma dama.

— Pode-se dizer que sim.

— Sam mandou um oi.

— O quê? Quem é Sam? Do que você está falando?

Shadow olhou para o relógio. Era meia-noite e vinte e cinco.

— Não importa. Então, Lucy-da-tevê, sobre o que devemos conversar? Tem muita gente precisando conversar comigo, ultimamente. No geral eu termino levando uma surra.

A câmera se aproximou em um close: Lucy parecia preocupada, os lábios comprimidos.

— Achei aquilo lamentável. Foi lamentável terem machucado você, Shadow. Eu jamais faria isso, meu querido. Não, eu quero contratá-lo.

— Para quê?

— Para trabalhar para mim. Sinto muito mesmo. Fiquei sabendo das coisas horrendas que aqueles agentes fizeram com você, mas achei impressionante a forma como você lidou com tudo. Eficiente, direto, eficaz. Quem diria que você

seria capaz disso? Eles estão putos da vida.

— É mesmo?

— Eles o subestimaram, meu querido. E eu não vou cometer esse erro. Quero você do meu lado. — Ela se levantou e foi até a câmera. — Você precisa entender meu ponto de vista, Shadow: nós somos a próxima moda. Somos shoppings, enquanto seus amigos são atrações fajutas de beira de estrada. Olha, somos até lojas virtuais, enquanto seus amigos estão sentados no acostamento vendendo frutas de pomar caseiro em uma carroça. Não, eles não chegam nem a vendedores de frutas. Eles vendem chicotes de cocheiros. Consertam corseletes de osso de baleia. Nós somos o agora e o amanhã. Seus amigos não são nem mais o ontem.

Era um discurso curiosamente familiar.

— Você conhece um garoto gordo que anda de limusine? — perguntou Shadow.

Lucy-da-tevê ergueu as mãos e revirou os olhos de um jeito cômico: a divertida Lucy Ricardo mostrando que lava as mãos diante de algum desastre.

— O garoto técnico? Você conheceu o garoto técnico? Olha, ele é uma boa pessoa. É um de nós. Só não é bom em lidar com gente que não conhece. Quando você estiver trabalhando para nós, vai ver como ele é incrível.

— E se eu não quiser trabalhar para você, madame I-Love-Lucy?

Alguém bateu à porta no apartamento de Lucy, e a voz de Ricky surgiu de fora da cena, perguntando a Lucy por que ela estava *demorando tanto*, eles tinham que ir para a casa noturna na cena seguinte. O rosto caricato de Lucy foi acometido por um brilho momentâneo de irritação.

— Que saco! — reclamou. — Olha, eu pago o dobro do que os velhos estão pagando. O triplo. Cem vezes mais. Posso oferecer muito mais do que eles estão pagando. — Ela sorriu, um sorriso travesso perfeito de Lucy Ricardo. — É só falar, querido. Do que você precisa? — E começou a desabotoar a blusa. — Já teve vontade de ver os peitos da Lucy?

A tela ficou preta. Como a função *Dormir* tinha sido ativada, o aparelho se desligou sozinho. Shadow conferiu o relógio: era meia-noite e meia.

— Não muito — respondeu.

Ele se virou na cama e fechou os olhos. Percebeu que gostava mais de Wednesday e do sr. Nancy do que da oposição por um simples motivo: os velhos deuses podiam ser pilantras fajutos, e a comida podia ser uma merda, mas pelo menos eles não entoavam clichês o tempo todo.

E ele preferia uma atração de beira de estrada, por mais fajuta, mais acabada, mais lamentável que fosse, a qualquer shopping.

Na manhã seguinte, Shadow estava de volta à estrada, atravessando ondulações suaves na paisagem marrom de vegetação invernal e árvores desfolhadas. Os últimos resquícios de neve tinham sumido. Ele encheu o tanque daquela lata-velha em uma cidade que era o lar da vice-campeã de Corrida Estadual Sub-16 Feminina de trezentos metros e, torcendo para que a sujeira não fosse a única coisa que impedisse o carro de cair aos pedaços, fez uma visita ao lava-jato do posto. Ficou admirado ao descobrir que, quando limpo, por mais incrível que fosse, o carro era branco e praticamente sem ferrugem. Ele seguiu viagem.

O céu era de uma tonalidade impossível de azul, e a fumaça branca que subia das chaminés industriais parecia imóvel, como em uma fotografia. Um gavião saiu voando de uma árvore morta e mergulhou em sua direção, agitando as asas sob a luz do sol, lembrando uma série de fotogramas passando em câmera lenta.

A certa altura, Shadow reparou que havia entrado em East St. Louis. Tentou evitar a cidade, mas acabou atravessando o que parecia a área de prostituição de uma zona industrial. Carretas enormes e caminhões gigantescos estavam estacionados diante de edifícios que pareciam armazéns temporários, onde havia anúncios como BOATE 24 HORAS e, em um dos casos, O MELHOR STRIPTEASE DA CIDADE. Shadow balançou a cabeça e seguiu viagem. Laura adorava dançar, com ou sem roupas (e, em muitas noites memoráveis, passando de um estágio para outro), e ele adorava vê-la dançando.

O almoço foi um sanduíche e uma lata de Coca-Cola comprados em uma cidade chamada Red Bud.

Passou por um vale cheio de carcaças amarelas de milhares de escavadeiras, tratores e outras máquinas pesadas. Shadow se perguntou se aquele seria um cemitério de tratores — o lugar para onde os tratores iam quando estavam prestes a morrer.

Passou pelo Pop-a-Top Lounge. Atravessou Chester (“Lar do Popeye”). Reparou que as casas tinham passado a ostentar colunas na fachada, e que até a casinha mais humilde e miúda exibia colunas brancas, declarando que, aos olhos do dono, era uma mansão. Shadow passou sobre um rio grande e lamacento e riu alto quando leu em uma placa dizendo que o seu nome era rio Grande e Lamacente. Uma cobertura de kudzu marrom se estendia por cima de três árvores desfolhadas pelo inverno, distorcendo-as em formatos estranhos, quase humanos: podiam ser três bruxas, três anciãs corcundas prontas para ler a sorte dele.

Shadow dirigiu ao longo do rio Mississippi. Nunca vira o Nilo, mas o sol daquela tarde ardendo acima do amplo rio de águas turvas o fez pensar nas águas

lamacentas do rio africano: não do Nilo atual, mas de como o rio era em um passado remoto, correndo como uma artéria entre as margens recobertas de papiros, abrigando cobras, chacais, vacas selvagens...

Uma placa indicava o caminho para Thebes.

A estrada fora construída cerca de quatro metros acima do terreno pantanoso, então ele foi dirigindo por cima do brejo. Pássaros voavam de um lado a outro, em bandos grandes e pequenos, pontos pretos no céu azul, deslocando-se em uma desesperada movimentação browniana.

No fim da tarde, o sol começou a descer, revestindo o mundo com uma luminosidade difusa, um tom amarelado denso e cálido que fazia tudo parecer extraterrestre e mais do que real — e foi nessa luz que Shadow passou por uma placa informando que estava “Entrando na região histórica de Cairo”. Passou por baixo de um viaduto e embrenhou-se por uma cidadezinha portuária. A estrutura imponente do fórum de Cairo e o edifício ainda mais imponente da alfândega pareciam biscoitos imensos que tinham acabado de sair do forno, cobertos com a calda dourada da luz do fim do dia.

Estacionou em uma rua lateral e foi andando até o dique na margem de um rio, sem saber se era o rio Ohio ou o Mississippi. Um pequeno gato pardo fuçava e circulava pelas latas de lixo nos fundos de um prédio, e a luz fazia até o lixo parecer mágico.

Uma gaivota solitária pairava ao longo da margem do rio, volta e meia batendo uma das asas para corrigir o próprio curso.

Shadow percebeu que não estava sozinho. Uma garotinha usando tênis velhos e um suéter de lã masculino como vestido estava a três metros dele, na calçada, encarando-o com a grave seriedade de uma criança de uns seis anos. Tinha cabelo preto, liso e comprido, e sua pele era marrom como aquele rio.

Ele abriu um sorriso. A menininha continuou a encará-lo, desafiadora.

Um guincho soou vindo do dique, seguido de um uivo, e o pequeno gato pardo saiu correndo de uma lata de lixo virada, fugindo de um cachorro preto de focinho comprido. O gato se enfiou embaixo de um carro.

— Ei — Shadow se virou para a menina —, você já ouviu falar de pó da invisibilidade?

A menina hesitou. Balançou a cabeça.

— Muito bem. Então veja só. — Shadow fisgou uma moeda do bolso com a mão esquerda e a exibiu virando-a de um lado para o outro, então fingiu jogá-la na mão direita, fechando-a com força para segurar aquela nada e estendendo-a para a menina. — Agora, vou pegar um pó da invisibilidade no meu bolso — ele enfiou a mão esquerda no bolso do casaco, soltando a moeda ali dentro — e polvilhar na mão que está segurando a moeda. — Shadow imitou um gesto de

polvilhar. — Então veja! Agora a moeda também está invisível.

Ele abriu a mão direita vazia e, com um olhar fingido de espanto, revelou a mão esquerda também vazia.

A menininha ficou só olhando, nada mais.

Shadow deu de ombros e enfiou as mãos nos bolsos de novo, tirando uma moeda com uma das mãos e usando a outra para pegar uma nota de cinco dólares dobrada. Ia fazer as duas aparecerem no ar e dar os cinco dólares para a menina: ela parecia precisar.

— Ei — comentou —, temos plateia.

O cachorro preto e o pequeno gato pardo também estavam observando, um de cada lado da menina, ambos olhando atentamente para ele. As enormes orelhas do cachorro estavam empinadas em uma expressão cômica de alerta. Um homem com cara de garça, usando óculos de armação dourada, vinha pela calçada na direção deles, olhando para os lados como se estivesse procurando alguma coisa. Shadow se perguntou se aquele homem era o dono do cachorro.

— O que você achou? — perguntou ao cachorro, tentando tranquilizar a menina. — Foi bacana?

O cachorro preto lambeu o focinho comprido. Então respondeu, com uma voz grave e seca:

— Olha, já vi uma apresentação de Harry Houdini, e, vai por mim, cara, você não é nenhum Houdini.

A menininha olhou para os animais, ergueu os olhos para Shadow e saiu correndo, os passos desesperados na calçada, como se estivesse sendo perseguida por todas as forças do inferno. Os dois animais ficaram observando enquanto ela fugia. O homem que parecia uma garça alcançara o cachorro. Ele se abaixou e o coçou entre as orelhas pontudas.

— Veja bem — começou o homem de óculos dourados, dirigindo-se ao cachorro —, era só um truque de moedas. Ele não estava tentando escapar de amarras debaixo d'água nem nada parecido.

— Ainda não — concordou o cachorro. — Mas vai.

A luz dourada desaparecera, e o cinza do crepúsculo cobria o céu.

Shadow guardou a moeda e a nota dobrada de volta no bolso.

— Muito bem. Qual de vocês é o Chacal?

— Use a cabeça — retrucou o cachorro preto de focinho comprido. — Por aqui.

Ele saiu andando pela calçada, ao lado do homem de óculos dourados, e, depois de hesitar por um instante, Shadow foi atrás. O gato tinha sumido. Chegaram a um edifício grande e antigo perto de várias casas abandonadas.

Na placa ao lado da porta de entrada lia-se ÍBIS E JACAL. EMPRESA FAMILIAR.

FUNERÁRIA. DESDE 1863.

— Eu sou o senhor Íbis — anunciou o homem de óculos dourados. — Acredito que seja de bom-tom lhe oferecer algo para comer. Receio que meu amigo aqui precise cuidar de outro assunto.

ALGUM LUGAR NOS ESTADOS UNIDOS

SALIM TEM MEDO de Nova York, por isso segura a maleta de amostras com ambas as mãos, protegendo-a junto ao peito. Tem medo dos negros, do jeito como eles o encaram, e tem medo dos judeus, os que usam roupas todas pretas, chapéus, barbas e cachinhos nas laterais da cabeça, que ele consegue identificar, e sabe-se lá quantos outros que não consegue; tem medo da quantidade de gente, pessoas de todos os formatos e tamanhos, que saem de edifícios enormes e sujos e inundam as calçadas; tem medo da cacofonia de buzinas e tem medo até do ar, que exala um cheiro ao mesmo tempo sujo e doce e é completamente diferente do de Omã.

Salim está em Nova York, nos Estados Unidos, há uma semana. Todos os dias, ele visita duas, às vezes três empresas, abre sua maleta de amostras, apresenta as bugigangas de cobre, os anéis, as garrafas, as minúsculas lanternas, as réplicas do Empire State, da Estátua da Liberdade e da Torre Eiffel, sempre reluzentes; todas as noites, ele manda um fax para o cunhado, Fuad, em Mascate, para dizer que não recebeu nenhuma encomenda, ou, em um dia bom, que havia recebido várias (mas, para a tristeza de Salim, isso não chegava nem a cobrir as despesas com a passagem de avião e a conta do hotel).

Por motivos que Salim não comprehende, os sócios de seu cunhado fizeram uma reserva para ele no hotel Paramount da 46th Street. Ele acha o lugar confuso, claustrofóbico, caro e estranho.

Fuad é o marido da irmã de Salim. Não é um homem rico, mas é sócio de uma pequena fábrica de bugigangas, que produz quinquilharias de cobre, broches, anéis, pulseiras, estátuas. Tudo é destinado à exportação, indo direto para outros países árabes, para a Europa, para a América.

Salim trabalha para Fuad há seis meses. Ele tem um pouco de medo do cunhado. O tom dos faxes de Fuad vem ficando cada vez mais áspero. À noite, Salim se senta no quarto do hotel, lê o Corão, diz para si mesmo que isto vai passar, que sua estadia neste mundo estranho é limitada e logo chegará ao fim.

Seu cunhado lhe deu mil dólares para gastos diversos durante a viagem, e o dinheiro, que parecia uma quantia imensa quando ele a recebeu, está evaporando a uma velocidade inacreditável. Quando o homem chegou à América, teve medo de ser visto como um árabe pão-duro e deu gorjeta para todo mundo, dólares

extras para qualquer um que lhe prestasse qualquer serviço; depois, chegou à conclusão de que estava sendo feito de trouxa, de que talvez estivesse sendo motivo de piada, e cortou as gorjetas de vez.

Em sua primeira e única viagem de metrô, ficou perdido e confuso e acabou perdendo a reunião; agora, ele só pega táxi quando precisa e, de resto, vai andando. Ele chega cambaleando aos escritórios abafados, suando por baixo do casaco, com o rosto dormente por causa do frio na rua e os sapatos imundos por causa da neve suja; e, quando o vento sopra pelas avenidas (sempre de norte a sul, enquanto as ruas vão de leste a oeste; é bem simples, e por isso Salim sempre sabe para que lado fica Meca), o frio é tão intenso que parece golpear a pele.

Ele nunca come no hotel (pois, embora a estadia seja bancada pelos sócios de Fuad, ele precisa pagar por tudo que consome); em vez disso, ele vai a barracas de falafel e a mercearias e leva comida escondido dentro do casaco até o quarto. Passou dias fazendo isso, até perceber que ninguém se importava. Mesmo assim, ele não gosta muito de ficar zanzando com sacolas de comida pelos elevadores e corredores mal iluminados (Salim sempre precisa se inclinar e forçar os olhos para achar o botão de seu andar) até o quarto branco e miúdo onde está hospedado.

Ele está aborrecido. O fax que o esperava quando acordou era ríspido, uma mensagem que expressava ao mesmo tempo censura, ameaça e descontentamento: Salim havia decepcionado todos — a irmã, Fuad, os sócios de Fuad, o sultanato de Omã, o mundo árabe inteiro. Se ele não conseguisse mais encomendas, Fuad não se veria mais na obrigação de manter o emprego de Salim. Eles dependiam de Salim. O hotel era caro demais. O que Salim estava fazendo com o dinheiro deles? Vivendo como um sultão na América? Salim leu o fax no quarto (que sempre era quente e abafado demais, então ontem à noite ele abriu uma janela, e agora estava frio demais) e ficou sentado por um tempo, com uma expressão de absoluta infelicidade estampada no rosto.

Depois, Salim foi ao centro, levando a maleta de amostras como se ali houvesse diamantes e rubis, lutando contra o frio por quarteirões e quarteirões até, na esquina da Broadway com a 19th Street, avistar um prédio pequeno acima de uma lavanderia e subir pela escada até o quarto andar, a sede da Panglobal Importações.

O escritório era meio chinfrim, mas ele sabia que a Panglobal é responsável por metade dos suvenires importados do Extremo Oriente e vendidos nos Estados Unidos. Uma encomenda de verdade, uma encomenda considerável da Panglobal faria a viagem de Salim ter valido a pena, seria a diferença entre o fracasso e o sucesso, então o homem se acomoda em uma cadeira desconfortável

na sala de espera, a maleta de amostras apoiada no colo, e observa a mulher de meia-idade e cabelo tingido com um tom forte demais de vermelho que está sentada atrás da mesa assoando o nariz em um lencinho atrás do outro. Depois, ela esfrega o nariz e joga o lenço no lixo.

Salim chegou às 10h30, meia hora antes do combinado. E agora está ali, corado e tremendo, se perguntando se está com febre. O tempo passa bem devagar.

Salim olha para o relógio de pulso. Pigarreia.

A mulher atrás da mesa olha para ele.

— Sim? — diz. Soou como *Dim*.

— São onze e trinta e cinco — diz Salim.

A mulher olha para o relógio na parede:

— Dim — repete ela. — Dão.

— Minha reunião estava marcada para as onze — diz Salim, com um sorriso apaziguador.

— O senhor Blanding sabe que o senhor está aqui — diz ela, em tom de censura. *O denhor Bladdig dabe gue o denhor edá agui*.

Salim pega um exemplar antigo do *The New York Post* na mesa. Ele fala inglês melhor do que lê; portanto, quebra a cabeça para entender as matérias, como se estivesse diante de um jogo de palavras cruzadas. Ele aguarda, um jovem gorducho com olhar de cachorro triste, e olha ora para o relógio de pulso, ora para o jornal, ora para o relógio na parede.

Ao meio-dia e meia, alguns homens saem da sala interna. Eles conversam em voz alta, tagarelando entre si em americano. Um deles, um senhor grande e barrigudo, está com um charuto apagado na boca. Ele olha para Salim ao sair. Diz para a mulher atrás da mesa tomar suco de limão com zinco, a irmã dele jura que zinco é bom para gripe, e vitamina C. Ela promete que vai tentar e lhe entrega vários envelopes. Ele os guarda no bolso e, junto com os outros homens, se encaminha para o corredor. O som da risada deles desaparece escada abaixo.

É uma da tarde. A mulher atrás da mesa abre uma gaveta e apanha uma sacola de papel, de onde retira alguns sanduíches, uma maçã e uma barrinha de chocolate. Ela pega também uma garrafinha de plástico com suco de laranja fresco.

— Com licença — diz Salim —, mas será que você poderia, por favor, avisar ao senhor Blanding que eu ainda estou esperando?

Ela o encara como se tivesse ficado surpresa aovê-lo ali, como se eles não tivessem passado duas horas e meia a um metro e meio de distância um do outro.

— Ele foi almoçar — responde ela. *Ede boi almodar*.

Salim sabe, bem lá no fundo, que Blanding era o homem com o charuto.

— Quando ele volta?

Ela dá de ombros e morde o sanduíche.

— Ele está ocupado até o fim do dia — diz ela. *Ede edá ogupado adé o dim do dia.*

— Ele vai poder me receber quando voltar? — pergunta Salim.

Ela dá de ombros e assoa o nariz.

Salim está com fome, que só faz aumentar, e sente-se frustrado e impotente.

Às três horas, a mulher olha para ele e diz:

— Ede dão bai boldar.

— Perdão?

— O denhor Bladdig. Ede dão bai boldar hoje.

— Posso remarcar a reunião para amanhã?

Ela esfrega o nariz.

— O denhor dem gue delebonar. Adendamendo dó bor delebone.

— Entendo — diz Salim.

E, então, ele sorri: antes de partir de Mascate, Fuad dissera muitas vezes que um vendedor não é nada na América sem seu sorriso.

— Vou telefonar amanhã, então.

Ele pega a maleta de amostras e desce os vários degraus até a rua, onde a chuva gelada está se transformando em granizo. Salim pensa na longa e fria caminhada até o hotel na 46th Street e no peso da maleta que carrega, então vai até o meio-fio e faz sinal para todos os táxis amarelos que se aproximam, quer estejam com a luz de cima acesa ou não, e todos passam direto.

Um chega a acelerar, passando em uma poça d'água e jogando uma lama gelada na calça e no casaco de Salim. Por um instante, ele contempla a ideia de se jogar na frente de um dos carros, mas logo se dá conta de que o cunhado ficaria mais preocupado com o destino trágico da maleta de amostras do que com o do próprio Salim, e de que a única pessoa que sofreria seria sua amada irmã, a esposa de Fuad (já que os pais de Salim o consideram um pequeno constrangimento, e seus relacionamentos amorosos sempre haviam sido, por necessidade, tanto breves quanto anônimos): além do mais, ele duvida que qualquer um daqueles carros esteja correndo rápido o suficiente para dar fim a sua vida.

Um táxi amarelo velho para, e, grato por poder abandonar aquela linha de raciocínio, Salim entra.

O assento traseiro está remendado com fita adesiva; a barreira de acrílico semiaberta entre o banco do motorista e o do passageiro está coberta de avisos anunciando que é proibido fumar e informando o preço da tarifa para os diversos aeroportos. Uma voz gravada de um famoso qualquer de quem ele nunca ouvira

falar diz para Salim se lembrar do cinto de segurança.

— Hotel Paramount, por favor — diz Salim.

O taxista resmunga algo e dá partida. Ele está com a barba por fazer e usa um suéter grosso cor de poeira e óculos escuros pretos de plástico. O dia está cinza, e a noite está chegando: Salim se pergunta se o homem tem algum problema nos olhos. Os limpadores do para-brisa transformam o mundo lá fora em um borrão de tons de cinza e manchas luminosas.

Um caminhão aparece do nada na frente deles, e o taxista xinga em árabe, pela barba do Profeta.

Salim olha para o nome no painel, mas, ali de trás, não consegue ler.

— Há quanto tempo você dirige táxis, meu amigo? — pergunta ele ao homem, em árabe.

— Dez anos — diz o taxista, na mesma língua. — De onde você é?

— Mascate — responde Salim. — Em Omã.

— Omã. Eu já estive lá. Foi há muito tempo. Já ouviu falar da cidade de Ubar? — pergunta o taxista.

— Sim — diz Salim. — A Cidade Perdida das Torres. Foi encontrada no meio do deserto uns cinco ou dez anos atrás, não lembro bem agora. Você fez parte da expedição de escavadores?

— Algo assim. Era uma boa cidade — diz o taxista. — Na maioria das noites, umas três ou quatro mil pessoas acampavam por lá: todo viajante descansava em Ubar, e a música tocava, e o vinho fluía como água, e a água fluía também, o que explicava por que a cidade existia.

— É, já ouvi falar disso — responde Salim. — E a cidade tinha desaparecido, o quê, há mil anos? Dois mil?

O taxista não diz nada. Eles estão parados em um sinal vermelho. O sinal abre, mas o taxista não anda, apesar da orquestra de buzinas retumbantes que começa a soar atrás deles. Hesitante, Salim enfia a mão pelo vão no acrílico e cutuca o ombro do taxista. O homem levanta a cabeça de repente, assustado, e pisa no acelerador, jogando-os no meio do cruzamento.

— Putamerdaputamerda — diz ele, em inglês.

— Você deve estar muito cansado, meu amigo — fala Salim.

— Estou dirigindo este táxi desgraçado e esquecido por Alá há trinta horas — diz o taxista. — Não aguento mais. Eu só dormi cinco horas, e isso depois de ter dirigido por catorze. Estamos com pouco pessoal, por causa do Natal e tudo o mais.

— Espero que você tenha conseguido bastante dinheiro.

O taxista suspira.

— Não muito. Hoje de manhã, levei um homem da 51th Street até o aeroporto

de Newark. Quando chegamos lá, ele saiu correndo do carro, e eu não consegui mais achá-lo. Perdi uma corrida de cinquenta dólares e ainda tive que pagar o pedágio na volta.

Salim assente.

— Eu fiquei o dia inteiro esperando para ver um homem que não quer me receber. Meu cunhado me odeia. Estou na América há uma semana, e meu dinheiro só vai embora. Não vendi nada.

— O que você vende?

— Porcaria — responde Salim. — Badulaques, cacarecos e tralhas inúteis de turistas. Porcarias horríveis, fajutas, idiotas e feias.

O taxista gira o volante para a direita, desvia de algo, segue em frente. Salim se pergunta como ele consegue enxergar um palmo à frente do nariz com a chuva, a escuridão e os óculos escuros.

— Você tenta vender porcaria?

— Sim — diz Salim, exultante e horrorizado por ter falado a verdade sobre as amostras do cunhado.

— E as pessoas não querem comprar?

— Não.

— Estranho. Se você olhar para as lojas daqui, só vai ver isso.

Salim dá um sorriso nervoso.

Um caminhão está bloqueando a rua: um policial estressado gesticula, grita e aponta para eles pegarem a rua mais próxima.

— Nós vamos pegar a Oitava Avenida e subir por ali, ok? — avisa o taxista.

Eles entram na rua, onde o trânsito está completamente parado. Há uma cacofonia de buzinas, mas os carros não andam.

O taxista balança no banco. A cabeça dele começa a pender para a frente, uma, duas, três vezes. Depois, suavemente, ele começa a roncar. Salim estende a mão para despertá-lo, na esperança de estar fazendo a coisa certa. Quando sacode o ombro do taxista, o homem se mexe, e a mão de Salim esbarra no rosto dele e derruba os óculos.

O taxista acorda, pega os óculos escuros e os coloca de volta no rosto, mas é tarde demais. Salim já viu os olhos do homem.

O carro se arrasta sob a chuva. Os números no taxímetro aumentam.

— Você vai me matar? — pergunta Salim.

O taxista comprime os lábios. Salim observa o rosto dele pelo retrovisor.

— Não — responde o taxista.

O carro para de novo, a chuva ainda salpicando o teto.

Salim começa a falar.

— Minha avó jurava ter visto um *ifrit*, ou talvez um *marid*, tarde da noite, na

extremidade do deserto. Nós falamos que era só uma tempestade de areia, um vento mais forte, mas ela disse que não, que ela viu o rosto e os olhos, e eram como os seus, chamas incandescentes.

O taxista sorri, mas seus olhos estão ocultos por trás dos óculos escuros, e Salim não sabe o que aquele sorriso significa.

— As avós vieram para cá também — diz ele.

— Existem muitos *jinn* em Nova York? — pergunta Salim.

— Não. Não somos muitos.

— Existem os anjos, e existem os homens, que Alá criou a partir do barro, e existe o povo do fogo, os *jinn* — diz Salim.

— As pessoas daqui não sabem nada sobre o meu povo — fala o taxista. — Elas acreditam que nós realizamos desejos. Se eu pudesse realizar desejos, acha que eu estaria dirigindo um táxi?

— Não entendo.

O taxista está com um ar meio soturno. Enquanto ele responde, Salim observa seu rosto pelo retrovisor, os lábios escuros do *ifrit*.

— Todo mundo acredita que nós realizamos desejos. De onde tiraram isso? Eu durmo num quarto fedorento no Brooklyn. Deixo entrar neste táxi qualquer maluco nojento que tiver dinheiro para pagar a corrida, e alguns que não têm nem mesmo isso. Levo os passageiros para onde eles precisam ir, e às vezes eles me dão gorjeta. Às vezes me pagam. — O lábio inferior dele começou a tremer. O *ifrit* parecia nervoso. — Uma vez alguém cagou no banco traseiro. Tive que limpar tudo antes de voltar a circular com o carro. Como é que ele pôde fazer isso? Eu tive que limpar a merda molhada do assento. Isso é certo?

Salim estende a mão e toca o ombro do *ifrit*. Sente carne e osso por baixo da lã do suéter. O *ifrit* tira a mão do volante e a apoia na de Salim por um instante.

Nesse momento, Salim pensa no deserto: um areal vermelho lança uma tempestade de poeira em seus pensamentos, e as sedas rubras das tendas em torno da cidade perdida de Ubar se sacodem e se inflam em sua mente.

Eles sobem a Oitava Avenida.

— Os velhos creem. Eles não mijam dentro de buracos, porque o Profeta lhes disse que os *jinn* moram em buracos. Eles sabem que os anjos jogam estrelas flamejantes em nós quando tentamos ouvir suas conversas. Mas até os velhos, quando vêm para este país, não ligam mais para a gente, não mesmo. Lá eu não precisava dirigir táxis.

— Sinto muito — diz Salim.

— Os tempos não estão bons — fala o taxista. — Uma tempestade se aproxima. Ela me dá medo. Eu faria qualquer coisa para escapar.

Os dois ficaram em silêncio durante o restante do trajeto até o hotel.

Quando Salim sai do carro, dá uma nota de vinte dólares ao *ifrit* e pede que ele fique com o troco. Então, em um ímpeto de coragem, fala o número do quarto em que está. O taxista não responde. Uma jovem entra pela porta de trás, e o táxi segue seu caminho em meio ao frio e à chuva.

Seis horas da noite. Salim ainda não mandou o fax para o cunhado. Ele encara a noite chuvosa para comprar seu kebab com batatas fritas. Faz apenas uma semana, mas ele sente que está ficando mais pesado, mais redondo, mais macio naquele país chamado Nova York.

Quando volta ao hotel, se surpreende ao ver o taxista parado no saguão, com as mãos enfiadas nos bolsos. Ele estava olhando para um mostruário de cartões-postais em preto e branco. Quando vê Salim, dá um sorriso tímido.

— Liguei para o seu quarto — diz ele —, mas ninguém atendeu. Então achei melhor esperar um pouco.

Salim também sorri e toca o braço do homem.

— Estou aqui.

Os dois entram juntos no elevador escuro de lâmpadas fluorescentes e vão até o quinto andar de mãos dadas. O *ifrit* pede para usar o banheiro.

— Estou me sentindo muito sujo — diz ele.

Salim assente. Ele se senta na cama, que ocupa a maior parte do quarto branco pequeno, e escuta o som do chuveiro. Tira os sapatos, as meias e o restante da roupa.

O taxista sai do chuveiro, molhado, com uma toalha enrolada na cintura. Ele está sem os óculos escuros, e, na penumbra do quarto, seus olhos ardem com chamas rubras.

Salim pisca para conter as lágrimas.

— Eu queria que você pudesse ver o que eu vejo — diz ele.

— Não realizo desejos — sussurra o *ifrit*, deixando a toalha cair e empurrando Salim com delicadeza, mas de forma irresistível, sobre o colchão.

Leva pelo menos uma hora até que o *ifrit* goze, para a frente e para trás dentro da boca de Salim. Nesse meio-tempo, Salim já gozou duas vezes. O sêmen do *jinn* tem um gosto estranho, flamejante, e faz a garganta de Salim arder.

Ele vai ao banheiro e lava a boca. Quando retorna ao quarto, o taxista já está dormindo na cama branca, roncando, em paz. Salim se acomoda ao lado dele, aninha-se junto ao corpo do *ifrit* e imagina o deserto em sua pele.

Quando começa a pegar no sono, ele se dá conta de que ainda não mandou o fax para Fuad e se sente culpado. No fundo, Salim se sente vazio e solitário: ele estende o braço, apoia a mão no pau intumescido do *ifrit* e, reconfortado, adormece.

Eles acordam de madrugada, mexendo-se um junto ao outro, e fazem amor de

novo. A certa altura, Salim percebe que está chorando, e o *ifrit* beija suas lágrimas com lábios ardentes.

— Qual é o seu nome? — pergunta Salim.

— Minha habilitação tem um nome, mas não é o meu — responde o *ifrit*.

Mais tarde, Salim não conseguia lembrar onde o sexo tinha acabado e o sonho, começado.

Quando Salim acorda, o sol frio se esgueira para dentro do quarto branco, e ele está sozinho.

Ele descobre também que a maleta de amostras desapareceu, todas as garrafas, todos os anéis, todas as lanternas de cobre em miniatura, tudo desapareceu junto com sua mala, o passaporte e a passagem de avião de volta para Omã.

Largados no chão, Salim encontra uma calça jeans, a camiseta e o suéter de lã cor de poeira. Embaixo das roupas, estão uma carteira de motorista no nome de Ibrahim bin Irem, uma licença de taxista no mesmo nome e um chaveiro preso a um pedaço de papel com um endereço anotado em inglês. As fotografias na habilitação e na licença não se parecem muito com Salim, mas também não se pareciam muito com o *ifrit*.

O telefone toca: é a recepção, avisando que Salim já fez o check-out e que o convidado dele precisa sair logo para que a equipe do hotel possa preparar o quarto para outro hóspede.

— Não realizo desejos — diz Salim, experimentando as palavras na boca.

Enquanto se veste, ele sente uma leveza curiosa.

Nova York é muito simples: as avenidas vão de norte a sul, as ruas vão de leste a oeste. Não deve ser muito difícil, ele diz a si mesmo.

Então joga as chaves para cima e as pega no ar. Depois, coloca os óculos escuros de plástico que achou no bolso, sai do quarto do hotel e vai procurar o táxi.

CAPÍTULO

OITO

*Falou que os mortos têm
almas, mas quando perguntei
Como poderiam — eu achava
que os mortos fossem almas
Ele interrompeu meu transe. E
isso não lhe faz suspeitar
Que os mortos escondam
alguma coisa?
Sim, os mortos escondem
alguma coisa.*

Robert Frost, “Two Witches”

DURANTE O JANTAR, Shadow descobriu que a semana que antecede o Natal costuma ser de pouco movimento nas casas funerárias.

— Os que estão quase indo para o outro lado tentam segurar as pontas para viver mais um Natal — explicou o sr. Íbis —, às vezes, duram até o ano-novo. Mas tem aqueles para quem as festividades e alegrias alheias acabam sendo dolorosas demais. Esses ainda não sucumbiram a mais uma reprise de *A felicidade não se compra*, ainda não sentiram cair a última gota, ou, melhor dizendo, o último *embrulho de espírito natalino*, que faz transbordar não o copo, mas o *trenó*.

O sr. Íbis fez um barulhinho que era meio deboche, meio resmungo, o que sugeria que acabara de pronunciar uma frase bem ensaiada da qual se orgulhava muito.

A Íbis e Jacal era uma funerária pequena: uma das últimas empresas familiares do ramo verdadeiramente independentes naquela região — ou pelo menos era o que o sr. Íbis afirmava.

— Grande parte do trabalho com mercantilização humana envolve a construção de uma marca que seja reconhecida em âmbito nacional — explicou.

O sr. Íbis sempre falava dando explicações — dava palestras tranquilas e sóbrias que lembravam um professor universitário que se exercitava na Muscle Farm, quando Shadow ainda trabalhava lá; um sujeito incapaz de falar, só de

discorrer, expor, explicar. Poucos instantes depois de conhecer o sr. Íbis, Shadow logo percebeu que sua função nessas conversas com o agente funerário seria falar o mínimo possível. Estavam acomodados em um restaurante pequeno, a dois quarteirões da funerária. O jantar de Shadow consistia em um café da manhã completo — com direito a *hushpuppies* —, que era servido o dia todo, enquanto o sr. Íbis bicava e espalhava migalhas de uma fatia de bolo de café.

— Isso se deve, creio eu, ao fato de que as pessoas gostam de saber de antemão o serviço que estão adquirindo — continuou. — É por isso que redes como McDonald's, Walmart e a saudosa F. W. Woolworth são um sucesso: marcas de longa data presentes no país inteiro. Aonde quer que você vá, há a garantia de receber um serviço que, apesar de pequenas variações regionais, é sempre o mesmo.

“O ramo das funerárias, entretanto, é forçosamente distinto. O contratante precisa sentir que está recebendo um tratamento pessoal digno de cidade pequena, de alguém com verdadeira vocação para o ofício. A pessoa quer receber, tanto para si quanto para seu ente querido, atenção personalizada diante de tamanha perda. Deseja saber que seu luto é uma circunstância local, não nacional. Contudo, em todos os segmentos da indústria, e a morte é uma indústria, meu jovem, não se engane, ganha-se dinheiro operando em atacado, comprando grandes volumes, centralizando as atividades. Não é um pensamento agradável, mas é a verdade. O problema é que ninguém quer saber que seu ente querido está sendo transportado em um caminhão refrigerado até algum armazém adaptado enorme, capaz de processar vinte, cinquenta, cem cadáveres por vez. Não, senhor. As pessoas querem pensar que estão lidando com um empreendimento familiar, um lugar que as tratará com o devido respeito, onde serão recebidas por alguém que as cumprimentará com um toque no chapéu, se as vir na rua.”

O sr. Íbis usava chapéu. Era um chapéu marrom e sóbrio, combinando com o blazer marrom e sóbrio e o rosto marrom e sóbrio. Um par de óculos pequenos de armação dourada repousava empoleirado no alto do nariz. Na cabeça de Shadow, o sr. Íbis era um homem baixo, mas, sempre que ficava de pé ao lado dele, Shadow redescobria, surpreso, que o homem tinha quase dois metros de altura, mesmo curvado daquele jeito, lembrando uma garça.

— Então, quando as grandes corporações dominam o mercado, adquirem o nome da empresa e pagam para que os agentes funerários continuem trabalhando naquela unidade. Cram a aparência de diversidade. E isso é só a ponta da lápide. Na realidade, são funerárias tão locais quanto o Burger King. Bem, por motivos próprios, nós *somos* de fato um negócio independente. Temos nosso próprio processo de embalsamação, que é o melhor do país, mas só nós sabemos disso. E

não trabalhamos com cremações. Ganharíamos até mais dinheiro se tivéssemos nosso próprio crematório, mas isso iria de encontro ao que fazemos de melhor. Meu sócio costuma dizer que, quando o Senhor nos dá um talento ou uma habilidade, é nossa obrigação usá-la da melhor forma possível. Você não concorda?

— Faz sentido — disse Shadow.

— O Senhor concedeu ao meu sócio o domínio sobre os mortos, assim como concedeu a mim o talento com as palavras. São umas belezas, as palavras. Escrevo livros de histórias, sabia? Nada sério. Apenas para minha própria apreciação. Relatos de vidas. — O sr. Íbis fez silêncio por um momento. Quando Shadow se deu conta de que deveria ter perguntado se poderia ler alguma das histórias, a oportunidade já tinha passado. — Enfim, o que proporcionamos aqui é continuidade: neste lugar, a Íbis e Jacal se mantém de portas abertas há quase duzentos anos. No entanto, nem sempre fomos agentes funerários. Antigamente, éramos agentes mortuários. E, antes disso, fomos coveiros.

— E antes disso?

— Veja bem — começou o sr. Íbis, com um sorriso vagamente orgulhoso —, nossa história é bastante antiga. Claro, foi só depois da Guerra entre os Estados que encontramos nosso nicho. Foi quando nos tornamos uma funerária voltada para as pessoas de cor da região. Antes, ninguém nos via como pessoas de cor. Estrangeiros, talvez, exóticos e mais escuros, mas não de cor. Quando a guerra acabou, não demorou até que ninguém mais se lembrasse de uma época em que não éramos considerados negros. Meu sócio sempre teve a pele mais escura que a minha. Foi uma transição fácil. Em geral, você é o que as pessoas acreditam que seja. Só é estranho quando as pessoas vêm com essa história de afro-americanos. Isso me remete aos povos de Punt, Ofir, Núbia... Nós nunca nos consideramos africanos, éramos o povo do Nilo.

— Então vocês eram egípcios.

O sr. Íbis ergueu o lábio inferior em um bico pensativo e adernou a cabeça de um lado para o outro, como se o pescoço fosse uma mola. Pesava os prós e contras, considerando os diferentes pontos de vista.

— Bem, sim e não. “Egípcios” me remete ao povo que vive lá hoje em dia. Que construiu suas cidades sobre nossos cemitérios e palácios. Acha que somos parecidos?

Shadow deu de ombros. Já vira homens negros que se pareciam com o sr. Íbis. E já vira homens brancos bronzeados que se pareciam com o sr. Íbis.

— Como estava o bolo? — perguntou a garçonete, reabastecendo as xícaras de café.

— Foi o melhor que já comi — respondeu o sr. Íbis. — Mande lembranças a

sua mãe.

— Mando, sim — respondeu a mulher, indo embora.

— Para agentes funerários, nunca é de bom-tom perguntar como vão as pessoas da família do interlocutor. Dá a entender que estamos sondando o mercado — comentou o sr. Íbis, em voz baixa. — Vamos ver se seu quarto já está pronto?

A respiração deles se condensava no ar noturno. Piscas-piscas tremeluziam nas vitrines das lojas ao longo do caminho.

— É muita gentileza sua me acolher — comentou Shadow. — Obrigado.

— Devemos alguns favores ao seu empregador. E o Senhor sabe muito bem que temos espaço. É uma casa grande e antiga. Havia mais de nós, entende? Agora somos só nós três. Você não vai atrapalhar.

— Alguma ideia de quanto tempo devo ficar com vocês?

O sr. Íbis balançou a cabeça.

— Ele não disse. Mas ficamos felizes por tê-lo aqui, podemos até lhe arranjar um trabalho. Se você não for melindroso. Se tratar os mortos com respeito.

— E por que vocês se instalaram aqui em Cairo? Foi só pelo nome?

— Não. De forma alguma. Na verdade, a região recebeu esse nome por nossa causa, embora as pessoas não façam ideia disso. Nos velhos tempos, aqui era um posto de troca.

— Nos tempos da expansão para o oeste?

— Pode-se dizer que sim — respondeu o sr. Íbis. — *Noite, senhorita Simmons! E um feliz Natal para a senhora também!* O povo que me trouxe para cá navegou pelo Mississippi muito tempo antes.

Shadow parou no meio da rua e olhou para ele.

— Você está me dizendo que os antigos egípcios vieram comercializar aqui cinco mil anos atrás?

O sr. Íbis não respondeu, soltando apenas uma risadinha estridente.

— Três mil quinhentos e trinta anos — corrigiu, por fim. — Mais ou menos.

— Certo. Tudo bem, vou acreditar. O que eles comercializavam?

— Pouca coisa. Peles. Alguns tipos de comida. Cobre das minas da Península Superior. A empreitada foi uma grande decepção. Não valeu o esforço. O povo permaneceu por tempo suficiente para acreditar em nós, para realizar sacrifícios em nosso nome, e para que alguns dos mercadores morressem de febre e fossem sepultados aqui, e então surgimos em seu encalço. — O sr. Íbis parou de repente no meio da calçada, virou-se devagar e abriu os braços. — Este país é uma espécie de Grand Central Station há pelo menos dez mil anos. E aí você me pergunta: onde Colombo entra nessa história?

— Claro — respondeu Shadow, obediente. — Onde ele entra nessa história?

— Colombo fez o que as pessoas já faziam havia milhares de anos. Não há nada de especial em vir à América. Eu volta e meia escrevo histórias sobre isso.

Os dois retomaram a caminhada.

— Histórias verídicas?

— Até certo ponto. Posso lhe deixar ler uma ou duas, se quiser. A verdade está aí para qualquer um que tenha olhos para ver. Pessoalmente, e digo isto na condição de assinante da *Scientific American*, sinto muita pena desses profissionais sempre que encontram mais um crânio de origem controversa, com um material genético correspondente ao povo errado, ou sempre que se deparam com estatuetas ou artefatos que confundem suas ideias sobre os povos originais. Eles sempre tratam das coisas extraordinárias, mas nunca das impossíveis, e é por isso que sinto pena: porque assim que algo é dado como impossível, perde qualquer possibilidade de se tornar crível, seja verdadeiro ou não. Sabe, aqui encontram um crânio que indica que os ainós, a raça indígena nativa do Japão, estiveram na América há nove mil anos. Ali, alguém acha um exemplar que indica a existência de polinésios na Califórnia, quase dois mil anos depois. E os cientistas só resmungam, quebram a cabeça tentando descobrir quem descendente de quem, e deixam de ver o óbvio. Não posso nem imaginar o que iria acontecer se encontrassem os túneis mitológicos por onde os hopis ascenderam do mundo inferior. Escreva o que eu digo, isso vai abalar algumas crenças.

“Então você questiona: os irlandeses vieram mesmo à América durante a Idade das Trevas? Claro que vieram, assim como os galeses e os vikings. Nessa época, os africanos da costa ocidental, que mais tarde foi chamada de Costa dos Escravos, ou Costa do Marfim, estabeleceram comércio com a América do Sul; e os chineses visitaram o Oregon algumas vezes, eles chamavam o lugar de Fu Sang. Os bascos estabeleceram, em segredo, áreas de pesca sagradas no litoral de Newfoundland, há mil e duzentos anos. Ora, imagino que você vá argumentar, dizendo: mas, senhor Íbis, esses povos eram primitivos, não tinham rádios, polivitamínicos, aviões a jato.

Shadow não se pronunciara nem pretendera fazê-lo, mas sentiu que devia, então falou:

— E não eram?

As últimas folhas mortas do outono, ressecadas pelo inverno, rachavam sob seus pés.

— O equívoco é pensar que os homens não percorriam grandes distâncias pelo mar antes dos tempos de Colombo. Pois a Nova Zelândia, o Taiti e inúmeras ilhas do Pacífico foram colonizadas por pessoas que chegaram em barcos, pessoas cujo domínio da navegação deixaria Colombo de joelhos. Além disso, a fortuna da África advinha do comércio, embora fosse sobretudo com o Oriente,

com a Índia e a China. No entanto, o meu povo, o povo do Nilo, descobriu cedo que, com um estoque grande o bastante de paciência e de água doce, um barco de junco é capaz de dar a volta ao mundo. Veja bem, nos velhos tempos, o maior problema de vir à América era o fato de que aqui não havia muito que interessasse ao comércio, além de a distância ser enorme.

Os dois tinham chegado a uma grande casa vitoriana, construída no estilo conhecido como Queen Anne. Shadow se perguntou quem teria sido essa tal de rainha Anne e por que ela gostava tanto de casas parecidas com as da Família Addams. Era o único imóvel do quarteirão sem janelas recobertas por tábuas. Passaram pelo portão e foram até os fundos do terreno.

Entraram por uma porta dupla grande, que o sr. Íbis destrancou com uma chave do molho que carregava consigo, e se viram dentro de um cômodo amplo e sem aquecimento ocupado por outras duas pessoas: um homem de pele escura e muito alto, segurando um grande bisturi de metal, e uma menina no fim da adolescência, morta, deitada sobre um comprido objeto de porcelana que parecia tanto uma mesa quanto uma pia.

Havia algumas fotografias da garota morta fixadas em um mural de cortiça na parede, logo acima do corpo. Ela sorria em uma das imagens, um retrato do anuário do colégio. Em outra, estava em uma fila com outras três meninas, todas usando o que deviam ser vestidos de gala, e o cabelo preto dela fora amarrado no alto da cabeça, em um penteado elaborado.

O corpo jazia frio na porcelana; o cabelo solto, caído ao redor dos ombros, estava sujo de sangue seco.

— Este é meu sócio, o senhor Jacal — explicou Íbis.

— Já nos conhecemos — comentou Jacal. — Peço desculpas por não poder apertar sua mão.

Shadow olhou para a menina na mesa.

— O que aconteceu com ela?

— Péssimo gosto para namorados — respondeu Jacal.

— Nem sempre é fatal — comentou o sr. Íbis, com um suspiro. — Desta vez, foi. Ele estava bêbado e tinha uma faca, e ela falou que talvez estivesse grávida. Ele não acreditou que fosse o pai.

— Ela foi esfaqueada... — começou o sr. Jacal, e se pôs a contar. Ouviu-se um clique quando ele pisou em um botão no chão, ligando um pequeno gravador em uma mesa próxima. — ... cinco vezes. Há três ferimentos de faca na parede torácica anterior esquerda. O primeiro localizado entre o quarto e o quinto espaço intercostal, na borda medial da mama esquerda, com 2,2 centímetros de comprimento. O segundo e o terceiro se sobrepõem, iniciando na região inferior do meio da mama esquerda até penetrar o sexto espaço intercostal, formando

uma ferida única de três centímetros. Há um ferimento de dois centímetros no segundo espaço intercostal da parede torácica anterior esquerda, e um ferimento de cinco centímetros e profundidade máxima de 1,6 centímetro no deltóide antero-medial esquerdo, devido a um corte, em vez de uma estocada. Todos os ferimentos no tórax são profundos. Não há mais ferimentos externos visíveis.

Jacal tirou o pé do botão no chão. Shadow reparou em um pequeno microfone que pendia de um cabo acima da mesa de embalsamamento.

— Então você trabalha também como legista?

— O trabalho de legista é um cargo político aqui na região — explicou o sr. Íbis. — A função dele é chutar o cadáver. Se o corpo não revidar, ele assina a certidão de óbito. Jacal é o que chamam de tanatólogo. Ele trabalha para o departamento de medicina legal do município. Realiza autópsias e coleta amostras de tecido para análise. E já tirou fotos dos ferimentos dessa jovem.

Jacal os ignorou. Pegou um bisturi grande e fez uma incisão longa e profunda em V, das clavículas até a base do esterno, e depois transformou o V em Y, com uma nova incisão profunda do esterno até o púbis. Apanhou um objeto semelhante a uma broca cromada pequena e bem pesada, com uma serra circular do tamanho de um medalhão. Ligou a serra e cortou as costelas dos dois lados do esterno.

A menina se abriu como uma bolsa.

Shadow de repente começou a sentir um cheiro pungente de carne — sutil, mas penetrante a ponto de ser desagradável.

— Eu achava que o cheiro seria pior — comentou.

— Ela está bem fresca — explicou Jacal. — E os intestinos não foram perfurados, então não tem cheiro de merda.

Shadow percebeu que desviava o olhar — não por repulsa, como se esperaria, mas por um desejo estranho de dar alguma privacidade à menina. Seria difícil encontrar nudez maior do que naquela coisa toda aberta.

Jacal prendeu as pontas do intestino brilhoso e serpentiforme dentro da barriga da menina, abaixo do estômago e bem fundo na pélvis. Passou o longo tubo de carne pelos dedos, metro a metro, descrevendo-o como “normal” ao microfone, e o depositou em um balde no chão. Sugou todo o sangue do tórax com a ajuda de um aspirador cirúrgico e mediu o volume. Depois, examinou o interior da caixa torácica.

— Há três lacerações no pericárdio — anunciou ao microfone —, que está cheio de sangue coagulado e liquefeito.

Jacal segurou o coração da menina, cortou-o na parte superior e o revirou na mão, analisando-o. Pisou no botão do chão e falou:

— Há duas lacerações no miocárdio. Uma com o comprimento de 1,5

centímetro no ventrículo direito, e uma laceração penetrante de 1,8 centímetro no ventrículo esquerdo.

Jacal removeu os dois pulmões. O esquerdo fora perfurado e estava meio murcho. Pesou ambos, assim como o coração, e tirou fotos dos ferimentos. Cortou um pedaço pequeno de cada órgão e depositou o tecido em potes.

— Formol — explicou o sr. Íbis, num sussurro prestativo.

Jacal continuou falando ao microfone, descrevendo o que fazia e o que observava conforme removia o fígado da menina, o estômago, o baço, o pâncreas, os dois rins, o útero e os ovários.

Ele pesou cada um dos órgãos e declarou que estavam normais e intactos. De cada um, cortou um pequeno pedaço e o colocou dentro de um pote com formol.

Do coração, do fígado e de um dos rins, cortou um segundo pedaço. Então os mastigou, lentamente, demorando-se para engolir, comendo enquanto trabalhava.

De alguma forma, aquilo parecia decente aos olhos de Shadow: um gesto respeitoso, não obsceno.

— Então você quer passar um tempo em nossa companhia? — perguntou Jacal, ainda mascando o pedaço do coração da menina.

— Se puderem me acolher.

— Com certeza o acolheremos — respondeu o sr. Íbis. — Não há motivos para não o fazermos, e há motivos de sobra para que o façamos. Você estará sob nossa proteção enquanto ficar aqui.

— Espero que não se incomode de dormir sob o mesmo teto que os mortos — comentou Jacal.

Shadow pensou no toque dos lábios de Laura, frios e áridos.

— Não — respondeu. — Quer dizer, desde que continuem mortos.

Jacal se virou para ele, encarando-o com olhos castanho-escuros tão curiosos e frios quanto os de um cachorro do deserto. Respondeu apenas:

— Aqui, eles permanecem mortos.

— É que me parece... — começou Shadow. — Me parece que, para os mortos, é bem fácil voltar.

— Não mesmo — retrucou Íbis. — Até os zumbis são feitos a partir dos vivos, sabia? Um pouco de pó, uns cânticos, uma pitada de força e pronto: um zumbi. Estão vivos, mas acreditam que estão mortos. Para trazer os mortos de volta à vida de verdade, no corpo deles... isso demanda poder. — Ele hesitou. — No velho continente, nos velhos tempos, era mais fácil.

— Dava para prender o *ka* de um homem ao corpo dele por cinco mil anos — concordou Jacal. — Prender ou soltar. Mas isso foi há muito tempo.

Ele reuniu todos os órgãos que removera e os colocou de volta, com respeito, dentro da cavidade aberta. Repôs os intestinos e o esterno e aproximou as bordas

da pele. Então pegou uma agulha grossa e um fio e, com gestos ágeis e habilidosos, costurou-a como se estivesse remendando uma bola de beisebol: o cadáver deixou de ser um pedaço de carne e voltou a se transformar em uma menina.

— Preciso de uma cerveja — anunciou Jacal. Ele retirou as luvas de látex e as jogou na lixeira. Colocou o macacão marrom-escuro dentro de um cesto. Pegou a bandeja de papelão com os potes cheios de pedacinhos de órgãos vermelhos, marrons e roxos. — Vocês não vêm?

Os três subiram a escada dos fundos até a cozinha. Era marrom e branca, um cômodo sóbrio e respeitável que Shadow imaginou ter sofrido alterações na decoração pela última vez em 1920. Uma geladeira enorme e velha vibrava sozinha perto de uma parede. Jacal abriu a porta da geladeira e guardou os potes de plástico com os pedaços de baço, rim, fígado e coração. Tirou três garrafas marrons de lá de dentro. Íbis abriu um armário com portas de vidro e pegou três copos altos. Então gesticulou, convidando Shadow a se sentar à mesa da cozinha.

Íbis serviu a cerveja e passou um copo para Shadow e outro para Jacal. Era uma cerveja ótima, amarga e escura.

— Cerveja boa — comentou Shadow.

— Produção da casa — explicou Íbis. — Nos velhos tempos, as mulheres faziam a cerveja. Elas eram melhores nisso. Mas agora somos só nós três aqui. Eu, ele e ela. — Íbis indicou a pequena gata marrom, dormindo em um cesto no canto da cozinha. — Éramos mais, no começo. Mas Set nos deixou para fazer algumas explorações... Isso faz quanto tempo, duzentos anos? Deve ser, a esta altura. Ele nos enviou um cartão-postal de São Francisco em 1905 ou 1906. Depois, mais nada. Já Hórus, coitado... — Ele se interrompeu, suspirou e balançou a cabeça.

— Ainda o vejo, às vezes — comentou Jacal. — Quando vou recolher algum corpo.

Ele tomou um gole da cerveja.

— Posso trabalhar em troca da hospedagem — sugeriu Shadow. — Enquanto fico aqui. Vocês me dizem o que precisa ser feito, e eu faço.

— Encontraremos um trabalho para você — concordou Jacal.

A gata marrom e pequena abriu os olhos, levantou-se e se espreguiçou, então saiu andando pelo chão da cozinha e deu leves cabeçadas na bota de Shadow. Ele abaixou a mão esquerda e deu uma coçadinho na testa da gata, atrás das orelhas, bem na nuca. A bichana se curvou em êxtase e pulou no colo dele, apoiou-se em seu peito e encostou o focinho frio em seu nariz. Depois, se enrolou em seu colo e voltou a dormir. Shadow abaixou a mão para acariciá-la: a gata agia como se

estivesse no lugar mais seguro do mundo, e ele se sentiu recomfortado.

A cerveja provocou um torpor agradável em sua cabeça.

— Seu quarto fica no alto da escada, perto do banheiro — informou Jacal. — Você encontrará suas roupas de trabalho penduradas no armário. Imagino que primeiro queira se lavar e fazer a barba.

Shadow queria. Tomou banho de chuveiro na banheira de ferro fundido e fez a barba, muito tenso, com uma navalha que Jacal lhe emprestou. Era absurdamente afiada, com cabo de madrepérola, e Shadow desconfiou de que fosse usada para barbear homens mortos pela última vez. Nunca usara uma navalha, mas não se cortou. Limpou o creme de barbear e examinou seu reflexo nu no espelho antigo do banheiro. Estava cheio de hematomas; havia manchas novas no tórax e nos braços, por cima dos hematomas causados por Mad Sweeney, que já estavam desaparecendo. Examinou o cabelo preto molhado e os olhos cinzentos escuros que o encararam do espelho com desconfiança; examinou as marcas em sua pele cor de café.

E então, como se outra pessoa segurasse sua mão, levantou a navalha e a pressionou, aberta, contra a garganta.

Seria uma saída, pensou. Uma saída fácil. E se existe alguém capaz de lidar tranquilamente com o resultado, de limpar a bagunça e seguir em frente, são aqueles dois caras sentados lá na cozinha, bebendo cerveja. Chega de preocupação. Chega de Laura. Chega de mistérios e conspirações. Chega de pesadelos. Só paz, silêncio e repouso, para sempre. Um corte simples, de orelha a orelha. E acabou.

Ficou ali, parado, a navalha encostada na garganta. Uma mancha miúda de sangue apareceu no lugar onde a lâmina tocava a pele. Nem sentira o corte. *Viu?* disse a si mesmo, e quase ouviu as palavras sussurradas em seu ouvido. *Nem dói. Está afiada demais para doer. Vai acabar antes mesmo de você perceber.*

A porta do banheiro se abriu, só alguns centímetros, o suficiente para que a gata marrom colocasse a cabeça para dentro e soltasse um “Mrr?”, curiosa.

— Ei — disse à gata. — Achei que eu tivesse trancado a porta.

Shadow fechou a navalha letal, deixou-a na beirada da pia e cobriu o pequeno corte com uma pontinha de papel higiênico. Depois, amarrou uma toalha na cintura e entrou no quarto ao lado do banheiro.

Seu quarto, assim como a cozinha, parecia ter sido decorado em algum momento da década de 1920. Ao lado da cômoda e do espelho havia uma cuba e uma jarra para ele se lavar. O quarto cheirava um pouco a bolor, como se não fosse arejado com muita frequência, e os lençóis na cama pareciam ligeiramente úmidos ao toque.

Alguém deixara roupas para ele na cama: um terno preto, camisa branca,

gravata preta, camiseta e cueca brancas, meias pretas. No tapete persa logo ao lado havia um par de sapatos pretos.

Shadow se vestiu. As roupas eram boas, mas não eram novas. Ele se perguntou quem teria sido o dono anterior. Estaria usando as meias de um homem morto? Calçando os sapatos de um homem morto? Terminou de se vestir e examinou o próprio reflexo no espelho. As roupas caíram perfeitamente bem: não ficaram nem apertadas no peito, nem curtas nos braços, como ele imaginou que ficariam. Shadow ajustou a gravata, e seu reflexo parecia sorrir com um ar sardônico. Coçou a lateral do nariz e ficou bastante aliviado em ver o reflexo fazer o mesmo.

Agora lhe parecia inconcebível que sequer tivesse pensado em cortar a própria garganta. Seu reflexo continuava sorrindo enquanto ele ajustava a gravata.

— Ei — indagou para o espelho —, você sabe algo que eu não sei?

Logo depois, sentiu-se um idiota.

A porta se abriu devagar, com um rangido, e a gata adentrou o cômodo, atravessou o aposento e subiu no peitoril da janela.

— Ei! Aquela porta eu fechei. Tenho certeza.

A gata o encarou, interessada. Seus olhos eram de um amarelo-escuro, cor de âmbar. Ela então pulou da janela para a cama, onde se enrolou em uma bola de pelo e voltou a dormir, um círculo felino sobre a colcha antiga.

Shadow deixou a porta aberta, tanto para que a gata pudesse sair quanto para arejar um pouco o ambiente, e desceu para o térreo. Os degraus rangiam e resmungavam conforme ele descia, reclamando do peso, como se quisessem apenas um pouco de paz.

— *Uau*, você ficou bem — comentou Jacal, que o esperava ao pé da escada, também de terno preto. — Já dirigiu um carro fúnebre?

— Não.

— Bem, para tudo tem uma primeira vez. Está estacionado lá na frente.

Uma mulher idosa tinha falecido. O nome dela era Lila Goodchild. Orientado pelo sr. Jacal, Shadow subiu a escada estreita carregando a maca de alumínio dobrada até o quarto da velha senhora e a abriu ao lado da cama. Estendeu uma capa mortuária translúcida de plástico azul na cama, ao lado do corpo, e abriu o zíper. A mulher usava camisola rosa e roupão bordado. Shadow a ergueu — era frágil e quase não pesava nada — e a envolveu em um cobertor, então a colocou dentro da capa. Fechou o zíper e depositou o corpo na maca. Enquanto ele fazia isso, Jacal conversava com um homem muito velho que fora casado com Lila

Goodchild quando ela era viva. Ou melhor: Jacal ouvia o homem falar. Enquanto Shadow levava a sra. Goodchild, o velho ia reclamando sobre como os filhos eram ingratos, e os netos também, embora não fosse culpa deles, e sim dos pais, já que filho de peixe peixinho é, mas ele achava que tinha dado uma educação melhor aos filhos.

Shadow e Jacal foram empurrando a maca com o corpo até a escada estreita. O velho os acompanhou, ainda falando — na maior parte do tempo sobre dinheiro, ganância e ingratidão. Estava de pantufas. Shadow levou o lado mais pesado da maca escada abaixo até a rua e a empurrou pela calçada coberta de gelo até o carro fúnebre. Jacal abriu a porta traseira do veículo. Shadow hesitou, então Jacal instruiu:

— É só empurrar para dentro. Os pés das rodinhas dobraram sozinhos.

Shadow empurrou, e os pés dobraram, as rodas giraram e a maca deslizou pelo chão do veículo. Jacal o ensinou como prendê-la bem firme, e Shadow fechou o carro fúnebre enquanto o deus dava atenção ao senhor que já fora casado com Lila Goodchild, um velho alheio ao frio, de chinelo e roupão na calçada, no meio do inverno, falando que os filhos eram abutres, meros abutres sobrevoando no céu, esperando para tomar o pouco que ele e Lila tinham conseguido juntar, contando como eles dois tinham fugido para St. Louis, Memphis, Miami, mas acabaram em Cairo, falando que estava muito aliviado por Lila não ter morrido em uma casa de repouso, e como temia que fosse justamente isso que o aguardasse.

Os dois acompanharam o velho até a casa e subiram a escada até o quarto. Uma televisão pequena tagarelava no canto do quarto do casal, exibindo o noticiário. Quando passou pelo aparelho, Shadow notou que o âncora sorriu e deu uma piscadela para ele. Conferiu se não tinha ninguém olhando em sua direção e mostrou o dedo do meio para a tela.

— Os Goodchild não têm dinheiro — comentou Jacal, quando voltaram ao carro. — O homem vai lá conversar com Íbis amanhã. Vai escolher o funeral mais barato. Imagino que os amigos dela vão convencer o homem a fazer justiça à esposa, a oferecer uma despedida apropriada no salão principal. Entretanto, ele vai reclamar. Não tem dinheiro. Ninguém daqui tem dinheiro hoje em dia. Mas, tudo bem, ele deve morrer em uns seis meses. Um ano, no máximo.

Flocos de neve despencavam, rodopiavam, diante dos faróis. A neve estava chegando ao Sul.

— Ele está doente? — perguntou Shadow.

— Não é isso. As mulheres sobrevivem aos maridos. Os homens, ou pelo menos os homens como ele, não vivem muito tempo depois que as esposas se vão. Você vai ver: ele vai começar a perambular por aí, tudo o que lhe era

familiar vai desaparecer junto com a esposa. O velho vai se cansar e se debilitar, aí vai desistir e partir. Talvez seja levado pela pneumonia, talvez pelo câncer, talvez o coração pare de bater. Já é velho e não tem mais energia. Aí ele morre.

Shadow pensou um pouco.

— Ei, Jacal.

— Diga.

— Você acredita em alma?

Não era bem a pergunta que pretendia fazer, e ficou surpreso de ouvi-la sair de sua boca. Queria ser menos direto, mas não havia maneira menos direta de perguntar algo assim.

— Depende. Na minha época, tudo já estava bem acertado. Você entrava em uma fila quando morria, respondia pelos atos ruins e pelas boas ações, e, se a parte ruim fosse mais pesada que uma pena, dávamos sua alma e seu coração para Ammit, a Devoradora de Almas.

— Ela deve ter comido muita gente.

— Menos do que se esperaria. Era uma pena muito pesada. Mandamos fazer sob encomenda. A pessoa tinha que ser bem maligna para virar a balança com aquela coisa. Pare aí, no posto de gasolina. Vamos abastecer um pouco.

As ruas estavam tranquilas, daquele jeito que só ficam quando cai a primeira neve.

— Vamos ter um Natal cheio de neve — comentou Shadow, enchendo o tanque.

— É. Merda. Aquele garoto foi um filho da virgem sortudo.

— Jesus?

— Carinha sortudo, muito sortudo. Podia cair dentro de uma fossa que sairia cheirando a rosas. E nem é mesmo o aniversário dele, sabia? A data foi roubada de Mitra. Já viu o Mitra? Chapéu vermelho. Garoto simpático.

— Acho que nunca cruzei com ele.

— Bem, eu nunca vi Mitra por aqui mesmo. Ele era um desses militares fanáticos. Deve estar relaxando lá pelo Oriente Médio. Se bem que provavelmente já desapareceu. Acontece. Um dia, todos os soldados do império têm que se banhar no sangue do touro em sacrifício a você. No dia seguinte, nem lembram quando é o seu aniversário.

Os limpadores do para-brisa foram de um lado para outro, empurrando a neve, soprando os flocos para longe ou juntando-os em montinhos de gelo limpo.

Um semáforo ficou amarelo por um instante, depois ficou vermelho, e Shadow pisou no freio. O carro derrapou e balançou pela rua vazia até parar.

O sinal ficou verde. Shadow saiu dirigindo a vinte quilômetros por hora, o que parecia o bastante para a pista escorregadia. O carro parecia perfeitamente

satisfeito de seguir na segunda marcha, e Shadow imaginou que o veículo já devia ter passado um bocado de tempo naquela velocidade, segurando o trânsito.

— Assim está bom — comentou Jacal. — Então, Jesus se deu muito bem aqui. Mas conheci um cara que disse que o viu pedindo carona em uma estrada no Afeganistão, e ninguém parava para ele. Tudo depende muito do lugar.

— Acho que uma baita tempestade vem por aí — comentou Shadow. Estava falando do clima.

Quando Jacal enfim se pronunciou, não estava se referindo ao clima:

— Pegue o meu caso e o de Íbis como exemplo. Nossa negócios vai fechar as portas daqui a alguns anos. Temos umas economias para os tempos de vacas magras, mas as vacas já estão magras faz algum tempo, e a cada ano que passa ficam mais. Hórus está doido, completamente pirado, passa o tempo todo como gavião, comendo bichos mortos na estrada. Que vida é essa? E você já viu a Bastet. E a *nossa* situação é melhor do que a da maioria. Pelo menos contamos com um pouco de fé para nos mantermos. A maioria desses coitados que vivem por aí mal tem isso. É que nem o ramo de funerárias: os grandes vão acabar comprando seu negócio algum dia, queira você ou não. Porque são maiores, mais eficientes e *dão certo*. Brigar não vai fazer a menor diferença. Perdemos essa batalha no momento exato em que viemos para esta terra verde, cem, mil, dez mil anos atrás. Nós chegamos, e a América nem ligou para a nossa chegada. Então nós nos vendemos, ou insistimos, ou demos no pé. E realmente. Você está certo. Vem tempestade por aí.

Shadow entrou na rua com todas as casas esquecidas menos uma, as janelas cegas cobertas de tábuas.

— Vá pelo beco de trás — instruiu Jacal.

Avançou de ré com o carro fúnebre até quase encostar nas portas duplas dos fundos da casa. Íbis abriu a porta traseira e as portas do necrotério, e Shadow soltou a maca e a puxou. Os pés com rodinhas giraram e se abriram assim que passaram pelo para-choques. Ele foi empurrando a maca até a mesa de embalsamamento. Pegou Lila Goodchild, erguendo-a dentro do saco opaco como uma criança adormecida, e a colocou com muito cuidado na mesa do necrotério frio, como se temesse despertá-la.

— Sabe, eu tenho uma prancha de transferência — comentou Jacal. — Não precisava carregá-la.

— Não tem problema — respondeu Shadow. Ele estava começando a soar mais como Jacal. — Eu sou grande. Não me incomoda.

Quando criança, Shadow fora pequeno para a idade, desengonçado. A única fotografia de sua infância que Laura tinha achado boa o bastante para colocar em uma moldura era de uma criança séria, com cabelo embolado e olhos escuros, de

pé ao lado de uma mesa cheia de bolos e biscoitos. Shadow achava que a foto tinha sido tirada em uma festa de Natal de alguma embaixada, já que estava usando gravata-borboleta e suas melhores roupas, parecendo até um boneco. Observava solenemente o mundo de adultos que o cercava.

Tinham se mudado vezes demais, Shadow e a mãe. Primeiro pela Europa, de embaixada em embaixada, onde a mãe trabalhava como comunicadora para o Serviço Exterior, transcrevendo e enviando telegramas confidenciais pelo mundo todo; e depois, quando Shadow tinha oito anos, pelos Estados Unidos, onde a mãe, doente com irregularidade demais para conseguir um emprego fixo, se mudara de cidade em cidade, um ano aqui, outro ali, arranjando trabalhos temporários sempre que se sentia bem. Eles nunca ficavam em um mesmo lugar por tempo suficiente para que Shadow fizesse amigos, se sentisse em casa, relaxasse. E Shadow fora uma criança pequena...

Tinha crescido rápido. Na primavera de seu décimo terceiro ano de vida, os garotos da cidade onde morava implicavam com ele, obrigando-o a entrar em brigas que sabiam que não tinham como perder. Depois, ele saía correndo para o vestiário masculino, morrendo de raiva e muitas vezes chorando, querendo limpar a lama e o sangue do rosto antes que alguém pudesse ver. Daí veio o verão, seu décimo terceiro verão, longo e mágico, que passou evitando os garotos maiores, nadando na piscina pública da cidade, lendo livros da biblioteca à beira da piscina. No começo do verão, Shadow mal sabia nadar. No fim de agosto, dava voltas e mais voltas na piscina com toda a tranquilidade, pulando da plataforma alta, desabrochando em um marrom escuro entranhado de sol e de água. Em setembro, voltara às aulas e descobrira que os meninos que haviam infernizado sua vida eram coisinhas pequenas e molengas, incapazes de continuar incomodando. Os dois que tentaram brigar com ele tiveram que aprender boas maneiras com uma dura, rápida e dolorosa lição. Foi quando Shadow percebeu que tinha se redefinido: não podia mais ser um garoto quieto, que fazia o possível para não aparecer e não atrapalhar. Era grande demais para isso, óbvio demais. No fim do ano, já fazia parte do time de natação e do time de levantamento de peso, e o técnico do time de triatlo começara a cortejá-lo. Shadow gostava de ser grande e forte. Aquilo lhe proporcionava uma identidade. Tinha sido uma criança tímida, não era de falar, lia muito, e isso fora muito doloroso. Agora era um cara grande e burro, e ninguém esperava que ele fosse capaz de nada além de levar um sofá de um cômodo para outro, sem nenhuma ajuda.

Pelo menos, ninguém até Laura.

O sr. Íbis preparara o jantar: arroz e verduras cozidas para ele e o sr. Jacal.

— Eu não como carne — explicou —, e Jacal ingere toda a carne de que precisa durante o horário de trabalho.

Ao lado do lugar de Shadow à mesa havia uma caixa do KFC com pedaços de frango e uma garrafa de cerveja.

Tinha mais frango do que Shadow conseguia comer, e ele dividiu as sobras com a gata, tirando a pele e a cobertura crocante e despedaçando a carne com os dedos antes de entregar à bichana.

— Na cadeia tinha um cara chamado Jackson — contou Shadow, enquanto comia. — Trabalhava na biblioteca do presídio. Ele me falou que mudaram o nome de Kentucky Fried Chicken para KFC porque a rede não serve mais frango de verdade. Só uma carne mutante geneticamente modificada; o bicho parece uma centopeia gigante sem cabeça, só um monte de coxas, peitos e asas. É alimentado por tubos. Esse Jackson falou que por isso o governo não permitiu que continuassem usando a palavra *chicken*.

O sr. Íbis ergueu as sobrancelhas.

— Você acredita nisso?

— Não. Meu antigo companheiro de cela, Low Key, falou que mudaram o nome porque a palavra *fried*, de frito, tinha ganhado conotação negativa. Talvez quisessem que as pessoas pensassem que o frango se cozinha sozinho.

Depois do jantar, Jacal pediu licença e desceu para o necrotério. Íbis foi para o escritório escrever. Shadow ficou mais um tempo sentado na cozinha, dando pedaços de peito de frango para a gatinha marrom e bebendo cerveja. Quando a cerveja e o frango acabaram, ele lavou a louça, pôs no escorredor e subiu.

Tomou um banho naquela banheira com garras no lugar de pés e escovou os dentes com o conjunto descartável de escova e pasta. Decidiu que, no dia seguinte, compraria uma escova nova.

Quando Shadow voltou ao quarto, a gatinha marrom estava dormindo outra vez no cantinho inferior da cama, enrolada em uma bolinha de pelos. Na gaveta do meio da cômoda, Shadow encontrou alguns conjuntos de pijama listrado de algodão. Pareciam ter uns setenta anos, mas cheiravam a roupa limpa, e ele pegou um conjunto que, tal qual o terno preto, cabia como se tivesse sido feito sob medida.

Uma pilha pequena de revistas *Seleções* estava disposta na mesinha de cabeceira, nenhuma posterior a março de 1960. Jackson, o cara da biblioteca — o mesmo que tinha jurado que a história das criaturas mutantes do Kentucky Fried Chicken era real e que contara que o governo usava trens de carga pretos para transportar prisioneiros políticos até campos de concentração secretos no norte da Califórnia, atravessando o país no meio da noite —, também lhe contara

que a CIA usava a *Seleções* como fachada para montar seus próprios escritórios pelo mundo. Jackson revelou que toda filial da *Seleções* de todos os países era, na verdade, da CIA.

“Escuta só”, anunciou o finado sr. Wood, na memória de Shadow. “Como a gente pode ter certeza de que a CIA não teve nada a ver com o assassinato do Kennedy?”

Shadow abriu a janela em alguns centímetros, só o bastante para entrar um pouco de ar fresco e para a gata poder sair para a varanda.

Ligou o abajur ao lado da cama, deitou-se e leu um pouco, tentando desligar o cérebro, tirar os últimos dias da cabeça, e para isso escolheu as matérias da *Seleções* que pareciam mais tediosas. Percebeu que estava caindo no sono no meio da leitura de “Eu sou o pâncreas de John”. Mal teve tempo de desligar o abajur e encostar a cabeça no travesseiro antes que seus olhos se fechassem.

Shadow nunca conseguia recordar a exata sequência e os detalhes daquele sonho: seus esforços em atiçar a memória resultariam apenas em um emaranhado de imagens escuras anuviadas pela câmara escura de sua mente. Tinha uma mulher. Shadow a encontrara em algum lugar, e os dois estavam caminhando por uma ponte, que cruzava um lago pequeno no meio de uma cidade. O vento encrespava a superfície do lago, criando ondas de cristas brancas, lembrando a Shadow mãos minúsculas tentando alcançá-lo.

— *Mais embaixo* — instruiu a mulher.

Ela usava uma saia com estampa de oncinha que se agitava ao vento e uma meia sete-oitavos, e a pele que aparecia até a barra da saia era sedosa e macia, e, no sonho, naquela ponte, diante de Deus e do mundo, Shadow se ajoelhou diante da mulher, enterrou o rosto em sua virilha e embriagou-se de seu cheiro feminino e selvagem. Estava consciente, no sonho, da ereção na vida real, uma monstruosidade rígida e latejante cuja dureza era tão dolorosa quanto as ereções que tivera quando garoto, irrompendo puberdade adentro sem fazer a menor ideia do que eram aquelas rigidezes inesperadas, tendo como única certeza o medo que sentia daquilo.

Shadow se afastou e olhou para cima, e ainda assim não conseguia ver o rosto da mulher. Mas sua boca procurou a dela, e os lábios eram macios contra os seus, e suas mãos agarravam aqueles seios, deslizavam pela suavidade da pele acetinada, adentrando e afastando as peles que ocultavam a cintura dela, escorregando para dentro da fissura maravilhosa que se aqueceu, umedeceu e alargou para ele, abrindo-se como uma flor diante de sua mão.

A mulher ronronou em êxtase, levando a mão à dureza dele e apertando-a. Shadow afastou os lençóis e girou, ficando por cima, afastando as coxas dela, a mão feminina guiando-o por entre suas pernas, onde um impulso, uma pressão mágica...

Estava de volta à antiga cela na cadeia, com ela, beijando-a intensamente. A mulher o abraçou bem forte e prendeu as pernas dele com as dela, segurando-o de modo que ele não conseguiria sair de dentro dela nem se quisesse.

Shadow nunca beijara lábios tão macios. Nem sabia que existiam lábios tão macios no mundo inteiro. Mas a língua dela parecia uma lixa, roçando na dele.

— *Quem é você?* — perguntou.

A mulher não respondeu. Limitou-se a fazê-lo se deitar de costas e, com um movimento ágil, montou em cima dele e começou a cavalgá-lo. Não, não era bem uma cavalgada: a mulher se insinuava por cima dele, em uma série de ondulações suaves como seda, cada uma mais potente que a anterior, carícias e batidas e ritmos numa maré que quebrava em sua mente e em seu corpo, com as ondas que o vento provoca em um lago, quebrando ao chegar à margem. As unhas dela eram afiadas como agulhas e se cravavam em seu corpo, arranhando-o, mas Shadow não sentia dor, só prazer, alguma mágica alquímica transformando tudo em momentos de absoluto deleite.

Shadow se esforçou para se encontrar, se esforçou para falar, a cabeça estava cheia de dunas de areia e ventos do deserto.

— *Quem é você?* — perguntou de novo, ofegante.

A mulher o encarou com olhos cor de âmbar-escuro; e se abaixou para beijá-lo na boca com tamanha paixão, tão completa e intensamente, que ali, na ponte sobre o lago, em sua cela da prisão, na cama do quarto na funerária de Cairo, Shadow quase gozou. Ele voejava ao sabor daquela sensação como uma pipa voando ao sabor de um furacão, tentando impedir-la de irromper, impedir-la de explodir, querendo que nunca acabasse. Conseguiu se controlar. Precisava alertá-la.

— *Minha esposa, Laura. Ela vai matar você.*

— *A mim, não* — retrucou a mulher.

Um pensamento destoante, sem relevância, brotou de algum buraco em sua mente: nos tempos medievais, diziam que a mulher que ficava por cima durante o coito conceberia um bispo. E era assim que chamavam a posição: tentar um bispo...

Shadow queria saber o nome da mulher, mas não se atrevia a perguntar pela terceira vez, e ela pressionou o peito contra o seu, e ele sentiu as pontas rígidas daqueles mamilos femininos em seu peitoral, e ela o apertava, de alguma forma, apertava lá embaixo, bem dentro dela, e dessa vez Shadow não conseguiu pairar,

dessa vez foi carregado e rodopiado e revirado, o corpo arqueado para cima, entrando nela o máximo que conseguia pensar em entrar, era como se os dois, em algum sentido, fossem parte de uma mesma criatura, saboreando, bebendo, segurando, querendo...

— *Deixe acontecer* — disse ela, a voz um rosnado felino rouco. — *Dê para mim. Deixe acontecer.*

E Shadow gozou, dissolvendo-se em espasmos, e os recônditos de sua mente se liquefizeram e se sublimaram, indo lentamente de um estado a outro.

Em algum lugar ali dentro, no fim de tudo, Shadow inspirou fundo, uma onda de ar fresco que sentiu até as profundezas dos pulmões, e percebeu que já fazia muito tempo que estava prendendo a respiração. Três anos, no mínimo. Talvez mais.

— *Agora descance* — ordenou ela, beijando-o nas pálpebras com seus lábios macios. — *Relaxe. Relaxe de tudo.*

O sono que se seguiu depois foi profundo, reconfortante e sem sonhos, e Shadow mergulhou fundo e se entregou.

A luz estava estranha. Eram — ele conferiu o relógio — seis e quarenta e cinco da manhã, ainda estava escuro lá fora, mas uma penumbra azul-clara iluminava o quarto. Saiu da cama. Tinha certeza de que fora dormir de pijama, mas estava pelado, e o ar estava frio. Foi até a janela e a fechou.

Tinha caído uma nevasca durante a noite: quinze centímetros de neve, talvez mais. O pouco da cidade que Shadow via da janela, uma parte suja e acabada, se transformara em um lugar limpo e diferente: aquelas casas não estavam abandonadas e esquecidas, e sim elegantemente cobertas de gelo. As ruas tinham desaparecido, perdidas sob um campo branco de neve.

Uma ideia flutuava nos limites de sua percepção. Algo a ver com *transitoriedade*. A ideia piscou e sumiu.

Via tão bem quanto se fosse dia.

No espelho, Shadow reparou em algo estranho. Aproximou-se do reflexo e ficou olhando, intrigado. Todos os hematomas tinham sumido. Encostou na lateral do corpo, apertando-se com força com a ponta dos dedos, tentando sentir alguma das dores agudas que lembrassem seu encontro com o sr. Stone e o sr. Wood, procurando as manchas esverdeadas das lesões com que Mad Sweeney lhe presenteara, mas não encontrou nada. O rosto estava limpo e sem marcas. As laterais do corpo e as costas (ele se virou para examiná-las), no entanto, estavam arranhadas com o que pareciam marcas de garras.

Não tinha sido um sonho, então. Não completamente.

Shadow abriu as gavetas e vestiu o que encontrou: uma calça jeans Levi's muito velha, uma camisa, um suéter azul grosso e um casaco preto de agente funerário que encontrou pendurado dentro do armário nos fundos do quarto. Perguntou-se, mais uma vez, quem teria sido o dono daquelas roupas.

Calçou os próprios sapatos surrados.

A casa ainda dormia. Shadow foi se esgueirando pelos cômodos, torcendo para o assoalho não ranger, e saiu (pela porta da frente, não pelo necrotério — não naquela manhã, não quando não precisava sair por ali), e caminhou, os pés deixando pegadas profundas na neve virgem, os passos esmagando a neve macia da calçada. O dia estava mais claro do que parecia quando observado de dentro, e o chão refletia a luz do céu.

Depois de quinze minutos de caminhada, Shadow chegou a uma ponte, onde uma placa grande alertava que estava saindo da região histórica de Cairo. Havia um homem embaixo da ponte, era alto e magrelo e sugava um cigarro e tremia sem parar. Shadow teve a impressão de que o conhecia, mas a luz da neve confundia seus olhos, e ele se aproximou para confirmar. O homem usava boné e uma jaqueta jeans remendada.

E então, debaixo da ponte, na escuridão do inverno, chegou perto o bastante para ver a mancha arroxeadas ao redor do olho do homem.

— Bom dia, Mad Sweeney — cumprimentou.

O mundo estava muito calmo. Nem mesmo carros perturbavam o silêncio envolto em neve.

— Oi, cara — cumprimentou Mad Sweeney, sem levantar o olhar.

Ele mesmo devia ter enrolado aquele cigarro. Shadow se perguntou se o homem estava fumando um baseado. Não, o cheiro era de tabaco.

— Se continuar passando muito tempo embaixo de pontes, Sweeney, as pessoas vão achar que você é um troll.

Dessa vez, Mad Sweeney levantou o rosto. Shadow viu o branco de seus olhos em volta das íris. O homem parecia assustado.

— Eu estava atrás de você — explicou. — Você tem que me ajudar, cara. Fiz uma merda colossal.

Ele deu um trago no cigarro e o tirou da boca. A seda ficou colada no beiço, e o cigarro se desmontou todo, despejando o conteúdo na barba ruiva e na camiseta imunda. Mad Sweeney se debateu feito doido, limpando a camisa com as mãos escuras, como se estivesse sendo atacado por um inseto perigoso.

— Meus recursos estão praticamente esgotados, Mad Sweeney — alertou Shadow. — Mas que tal me contar por que precisa de mim? Quer que eu arranje um pouco de café para você?

Mad Sweeney balançou a cabeça. Pegou uma bolsinha de tabaco e folhas de seda do bolso da jaqueta jeans e começou a enrolar outro cigarro. A barba ficava arrepiada, e a boca não parava de se mover enquanto ele fazia isso, mas nenhuma palavra foi dita. O irlandês lambeu o lado aderente da seda e a enrolou com os dedos. O resultado lembrava remotamente um cigarro.

— Não sou nenhum troll — disse, por fim. — Merda. Aqueles escrotos são *cruéis*.

— Eu sei que você não é um troll, Sweeney — respondeu Shadow, com delicadeza, na esperança de não soar condescendente. — Como posso ajudar?

Mad Sweeney abriu o Zippo, e um pedaço da ponta do cigarro pegou fogo, que logo foi minguando até virar cinzas.

— Você lembra quando eu mostrei como se faz para pegar uma moeda? Lembra?

— Sim. — Shadow viu a moeda de ouro em sua mente, observou quando ela caiu no caixão de Laura, percebeu o brilho em volta do pescoço da esposa morta.

— Eu lembro.

— Você pegou a moeda errada, cara.

Um carro se aproximou da penumbra embaixo da ponte, ofuscando-os com o farol. O veículo diminuiu a velocidade ao passar por eles e parou, e um dos vidros se abaixou.

— Tudo bem por aqui, senhores?

— Está tudo ótimo, seu guarda, obrigado — respondeu Shadow. — Só viemos dar uma caminhada matinal.

— Muito bem — disse o policial.

Ele não parecia ter acreditado que estava tudo bem. Ficou esperando. Shadow pôs a mão no ombro de Sweeney e o fez andar, para fora da cidade, para longe da viatura. Ouviu o zumbido do vidro subindo de novo, mas o carro continuou onde estava.

Shadow andou. Mad Sweeney o acompanhou e, por vezes, cambaleou. Passaram por uma placa que dizia CIDADE DO FUTURO. Shadow imaginou uma cidade cheia de espirais e torres desenhadas por Frank R. Paul, todas reluzentes em cores primárias suaves, com carros aéreos no formato de redomas transparentes voando de torre em torre como abelhas cintilantes. Essa era a cidade do futuro, e Shadow desconfiava de que o lugar jamais seria construído em Cairo.

A viatura passou por eles devagar, virou-se e voltou para a cidade, acelerando pela rua coberta de neve.

— Agora, que tal me contar qual é o problema?

— Eu fiz o que ele mandou. Fiz tudinho como ele mandou, mas dei a moeda

errada. Não era para ser aquela. Aquela é para a realeza. Entende? Eu nem devia ter conseguido pegar. Aquela é uma moeda que se daria de presente para o rei dos Estados Unidos. Não para um miserável desprezível como a gente. E agora estou com um problemão. Me devolve a moeda, cara. Se devolver, prometo que você nunca mais vai me ver, porra, juro-por-Bran. Juro pelos anos que passei na porra das árvores.

— Você fez o que quem mandou, Sweeney?

— Grímnir. O cara que você chama de Wednesday. Você sabe quem ele é? Sabe de verdade?

— Sim. Acho que sim.

Os olhos azuis insanos do irlandês tinham um brilho de pânico.

— Não era nada ruim. Nada que você... nada ruim. Ele só me disse para estar naquele bar e arrumar uma briga com você. Disse que queria ver qual era a sua.

— Ele mandou você fazer mais alguma coisa?

Sweeney tremeu e se contorceu. Por um instante, Shadow achou que fosse culpa do frio, mas depois reparou que já tinha visto aquele tipo de estremecimento. Na cadeia. Era uma tremedeira de viciado. Sweeney estava tendo uma crise de abstinência de alguma coisa, e Shadow podia apostar que era heroína. Um leprechaun viciado? Mad Sweeney arrancou a ponta incandescente do cigarro, jogou no chão e guardou o pedaço amarelado no bolso. Esfregou e bafejou os dedos imundos, tentando aquecê-los um pouco. Sua voz saiu como um gemido.

— Olha, cara, só me dê a porra da moeda. Para que você quer aquilo, hein? Sabe, tem muito mais de onde veio aquela. Posso dar outra, igualzinha. Olha, posso dar uma porrada delas.

Mad Sweeney tirou o boné imundo e, com a mão direita, alisou o ar e sacou uma moeda grande de ouro. Jogou-a dentro do boné. Pegou outra, tirando de um bafo de vapor de respiração, e outra, tirando moedas do ar estático da manhã até o boné estar cheio e precisar ser segurado com ambas as mãos.

Sweeney estendeu o boné carregado de ouro para Shadow.

— Pronto. Pode pegar, cara. Só me devolve aquela outra moeda.

Shadow olhou para o boné, tentando imaginar quanto aquilo tudo valeria.

— Onde é que eu gastaria essas moedas, Mad Sweeney? Por acaso tem um monte de lugar que converte esse seu ouro em dinheiro?

Por um instante, Shadow achou que o irlandês fosse bater nele, mas o instante passou, e Mad Sweeney continuou ali, parado, segurando o boné cheio de ouro com as mãos, como se fosse Oliver Twist. Então as lágrimas se acumularam em seus olhos azuis e começaram a descer pelo rosto. Ele colocou o boné — agora sem nada dentro além de uma faixa elástica enzebada —, cobrindo o cabelo ralo.

— Ah, cara, por favor — pediu. — Eu não mostrei como fazia? Eu mostrei para você como pegar moedas do cofre. Mostrei até onde o cofre fica. O tesouro do sol. Você só tem que me devolver aquela primeira moeda. Que não era nem minha.

— Eu não estou mais com ela.

As lágrimas de Mad Sweeney secaram, e manchas rubras foram surgindo em seu rosto.

— Seu, seu filha da puta... — começou, então as palavras o abandonaram, e a boca se abriu e se fechou sem fazer som algum.

— Estou falando a verdade — retrucou Shadow. — Sinto muito. Se ela estivesse comigo, eu devolveria. Mas dei de presente para outra pessoa.

As mãos imundas de Sweeney agarraram os ombros de Shadow, e os olhos azul-claros fitaram os dele. As lágrimas tinham traçado linhas de sujeira em seu rosto.

— Merda. — Shadow sentiu cheiro de tabaco, cerveja choca e suor. — Você está falando a verdade, seu filho da puta. Deu para outra pessoa de livre e espontânea vontade. Malditos sejam esses seus olhos escuros, você deu mesmo a moeda.

— Sinto muito.

Shadow se lembrou do baque quase surdo de quando a moeda caiu no caixão de Laura.

— Sentindo muito ou pouco, isso é o meu fim e a minha maldição. — As lágrimas voltaram a cair, e do nariz dele começou a escorrer um catarro incolor. As palavras se dissolveram em sílabas que não chegavam a se agrutinar em palavras. — Ba-ba-ba-ba — dizia ele. — Mu-mu-mu-mu-mu.

Mad Sweeney enxugou o nariz e os olhos com as mangas, deixando manchas estranhas de sujeira no rosto e espalhando catarro pela barba e pelo bigode.

Shadow apertou o braço dele em um gesto masculino e meio constrangido. *Conte comigo*, dizia o gesto.

— Eu não devia nem ter sido concebido, seria muito melhor — resmungou Mad Sweeney, por fim. Em seguida, olhou para Shadow. — O sujeito para quem você deu a moeda. Ele a devolveria?

— Foi para uma mulher. E eu não sei onde ela está. Mas, não, acho que ela não devolveria.

Sweeney soltou um suspiro de lamento.

— Quando eu era só um filhotinho, encontrei essa mulher sob as estrelas, e ela me deixou brincar com seus peitinhos e leu a minha sorte. Ela me falou que eu seria arruinado e abandonado a oeste do sol nascente, e que o badulaque de uma mulher morta selaria meu destino. E eu dei risada e servi mais cerveja e brinquei

mais um pouco com os peitinhos dela e beiei aquela boca bonita. Bons tempos... os primeiros monges cinzentos ainda não tinham vindo à terra nem atravessado o mar verde para o oeste. E agora... — Ele parou no meio da frase. Virou a cabeça e olhou para Shadow. — Você não pode confiar nele — declarou, em tom de censura.

— Em quem?

— Wednesday. Não confie nele.

— Eu não preciso confiar. Eu trabalho para ele.

— Você lembra como se faz?

— O quê?

Era como conversar com umas dez pessoas diferentes. O suposto leprechaun pipocava de persona em persona, de tema em tema, como se os resquícios de neurônios estivessem se ativando, entrando em combustão e se apagando de vez.

— As moedas, cara. As moedas. Eu mostrei, lembra?

Sweeney levou dois dedos ao rosto, olhou para eles e tirou uma moeda de ouro da boca. Então jogou a moeda para Shadow, que levantou uma das mãos para pegá-la, mas moeda nenhuma chegou até ele.

— Eu estava bêbado. Não lembro.

Sweeney atravessou a rua, cambaleante. O sol já tinha nascido completamente, e o mundo estava branco e cinza. Shadow o seguiu. Sweeney caminhava a passos largos, como se estivesse sempre caindo, mas as pernas apareciam para salvá-lo e então lançá-lo em mais uma queda. Quando chegaram à ponte, o leprechaun se apoiou na mureta com uma das mãos e se virou.

— Você tem um trocado? Não preciso de muito. Só o bastante para comprar uma passagem para fora daqui. Vinte pratas já servem. Tem vinte pratas? Só uma notinha de vinte?

— Onde você vai conseguir uma passagem de ônibus por vinte dólares?

— Posso dar o fora daqui. Posso dar o fora antes de cair a tempestade. Sair deste mundo onde o ópio se tornou a religião das massas. Sair deste... — Ele se interrompeu, esfregou o nariz com a mão e a enxugou na manga.

Shadow pegou uma nota de vinte no bolso e entregou a ele.

— Aqui.

Sweeney amassou a nota e a guardou bem fundo no bolso da jaqueta jeans manchada de óleo, embaixo do emblema costurado que mostrava dois abutres em um galho seco e, praticamente ilegível logo abaixo, as palavras: PACIÊNCIA É O CACETE! MEU NEGÓCIO É ASSASSINATO! Ele assentiu.

— Isso vai me ajudar a chegar aonde eu preciso ir.

O leprechaun se recostou no tijolo e revirou os bolsos até achar o pedaço de cigarro que tinha guardado antes. Acendeu-o com cuidado, tentando não queimar

os dedos ou a barba.

— Só digo isso — começou, como se não tivesse dito nada o dia todo. — Você está andando pelo cadasfalso, e tem uma corda de cânhamo no seu pescoço e um corvo em cada ombro, só esperando pelos seus olhos, e o tronco da força tem raízes profundas, porque a árvore vai do céu ao inferno, e o nosso mundo é só o galho de onde a corda balança. — Ele parou. — Vou descansar um pouquinho — disse, agachando-se, ainda apoiado nos tijolos pretos da mureta.

— Boa sorte — disse Shadow.

— Ah, eu estou muito fodido. Que seja. Obrigado.

Shadow voltou para a cidade. Eram oito da manhã, e Cairo despertava como um monstro cansado. Deu uma olhada de volta para a ponte e viu o irlandês, o rosto pálido manchado de lágrimas e sujeira assistindo à sua partida.

Foi a última vez que viu Mad Sweeney vivo.

Os poucos dias de inverno antes do Natal eram como momentos de luz entre escuridões invernais, e passaram rápido, quase fugidos, na casa dos mortos.

Era 23 de dezembro, e a Jacal e Íbis realizava o velório de Lila Goodchild. Mulheres enérgicas encheram a cozinha de vasilhas e panelas e frigideiras e potes, e a falecida jazia no caixão do salão principal cercada de flores cultivadas em estufa. Do outro lado do salão havia uma mesa cheia de salada de repolho, feijão, *hushpuppies* de fubá, frango, costela e feijão-fradinho. No meio da tarde, a casa já estava cheia de gente chorando e rindo e apertando a mão do pastor, tudo organizado e administrado discretamente pelos srs. Jacal e Íbis, com seus ternos sóbrios. O enterro seria no dia seguinte.

Quando o telefone do saguão tocou (era um modelo antigo preto, de baquelite, inclusive com um genuíno discador daqueles que giravam), o sr. Íbis atendeu. Chamou Shadow a um canto.

— Era a polícia. Você pode recolher um corpo?

— Claro.

— Seja discreto. Aqui. — O sr. Íbis anotou o endereço em um pedaço de papel e o entregou a Shadow, que leu as palavras naquela caligrafia elaborada perfeita, dobrou o papel e o guardou no bolso. Ele acrescentou: — Lá você vai encontrar uma viatura.

Shadow saiu pela porta dos fundos e pegou o carro fúnebre. Tanto o sr. Jacal quanto o sr. Íbis fizeram questão de explicar, cada um em uma ocasião diferente, que na verdade o carro fúnebre só devia ser usado em funerais, e que dirigiam um furgão para recolher corpos, mas o furgão estava na oficina já fazia três

semanas, então será que ele poderia tomar um cuidado redobrado com o carro fúnebre? Shadow dirigiu com muita cautela. A neve já tinha sido removida da pista, mas ele não se incomodava de dirigir devagar. Parecia apropriado ir devagar no controle de um carro fúnebre, e sustentava a opinião mesmo que mal conseguisse se lembrar da última vez em que vira um carro daqueles na rua. *A morte desapareceu das ruas dos Estados Unidos*, ponderou. Agora acontecia em quartos de hospital e em ambulâncias. *Não devemos assustar os vivos*, pensou Shadow. O sr. Íbis dissera que, em alguns hospitais, os mortos são transportados na parte inferior de macas cobertas e aparentemente vazias — os mortos tinham um caminho próprio, as próprias jornadas encobertas.

Uma viatura policial azul-escura estava estacionada em uma rua secundária, e Shadow parou o carro fúnebre logo atrás. Dois policiais estavam sentados na viatura, bebendo café em tampas de garrafas térmicas. O motor estava ligado para manter o aquecimento funcionando. Shadow bateu no vidro.

— Diga.

— Eu sou da funerária — explicou Shadow.

— Estamos esperando o legista — respondeu o policial.

Shadow se perguntou se aquele seria o mesmo homem que viera falar com ele embaixo da ponte. O policial que estava no banco do carona, um homem negro, saiu da viatura, deixando o colega lá dentro, e acompanhou Shadow até uma caçamba de lixo. Mad Sweeney estava sentado na neve, ao lado da caçamba. Uma garrafa verde jazia vazia em seu colo, e uma camada de neve e gelo lhe cobria o rosto, o boné e os ombros. Ele não piscava.

— Só mais um bêbado morto — constatou o policial.

— É o que parece — concordou Shadow.

— Não encoste em nada ainda. O legista deve chegar a qualquer momento. Na minha opinião, o cara bebeu até apagar e morreu congelado.

— Sim — concordou Shadow. — Parece mesmo que foi isso.

Ele se agachou e olhou para a garrafa no colo de Mad Sweeney. Uísque irlandês Jameson: sua passagem de vinte dólares para dar o fora dali. Um Nissan verde pequeno chegou e estacionou ali perto, e um sujeito de meia-idade, com aparência cansada e cabelo e bigode loiros, saiu de dentro do veículo e veio até eles. O sujeito tocou o pescoço do cadáver. *O trabalho dele é chutar o cadáver*, pensou Shadow. *Se o corpo não revidar...*

— Está morto — anunciou o legista. — Encontraram alguma identificação?

— Nada — respondeu o policial.

O legista olhou para Shadow e perguntou:

— Você trabalha para a Jacal e Íbis?

— Sim.

— Fale para Jacal que precisamos de registros da arcada dentária e de impressões digitais para identificar o corpo, e que é para ele tirar fotos do rosto, para o registro. Não precisa fazer autópsia. Ele só tem que tirar sangue para um exame toxicológico. Entendeu? Quer que eu escreva as orientações?

— Não, não precisa. Eu lembro.

O homem fez uma breve expressão contrariada, pegou um cartão de visita da carteira, rabiscou alguma coisa nele e o entregou a Shadow.

— Dê isto para Jacal — pediu. Em seguida, o legista desejou um feliz Natal a todos e foi embora. Os policiais guardaram a garrafa vazia.

Shadow assinou o documento de liberação do cadáver e o colocou na maca. O corpo estava bastante enrijecido, e não deu para tirá-lo da posição em que estivera sentado. Ele ficou mexendo um tempo na maca e descobriu que dava para levantar um dos lados. Prendeu o morto, sentado, à maca e o colocou na traseira do carro, virado para a frente. Não faria mal dar um bom passeio ao sujeito. Fechou as cortinas da janela traseira e dirigiu de volta para a funerária.

Shadow estava parado em um semáforo — o mesmo em que derrapara, algumas noites antes —, quando ouviu uma voz rouca.

— E vou querer um belo velório, com tudo do bom e do melhor, e mulheres lindas soltando uma torrente de lágrimas desesperadas e arrancando as roupas em agonia, e homens valentes lamentando e contando belas histórias sobre meus dias de glória.

— Você está morto, Mad Sweeney — respondeu Shadow. — Os mortos têm que aceitar o que vier.

— Sim, e eu vou aceitar — respondeu o homem morto, com um suspiro, sentado na traseira do carro fúnebre.

Aquele gemido de viciado na voz dele tinha desaparecido, dando lugar a um tom neutro resignado, como se as palavras estivessem sendo transmitidas de muito, muito longe — palavras mortas enviadas por uma frequência morta.

O sinal ficou verde, e Shadow pisou de leve no acelerador.

— Mas, mesmo assim, você precisa me dar um velório hoje à noite — declarou Mad Sweeney. — Separe um lugar para mim à mesa e me faça um velório bem regado a álcool, hoje à noite. Você me matou, Shadow, me deve pelo menos isso.

— Eu não matei você, Mad Sweeney — retrucou Shadow. *Preciso de vinte dólares*, pensou, *para comprar uma passagem para dar o fora daqui*. — Foram a bebida e o frio que mataram você, não eu.

Não houve resposta, e o silêncio reinou no carro durante o restante do caminho. Depois de estacionar nos fundos da casa, Shadow tirou a maca do carro e a empurrou até o necrotério. Depositou Mad Sweeney na mesa de

embalsamamento, lidando com o corpo como se fosse um pedaço de boi.

Cobriu o corpo sem identificação com um lençol e o deixou ali, com a papelada ao lado do corpo. Quando subiu pela escada dos fundos, pensou ouvir uma voz fraca e abafada, como se um rádio estivesse tocando em algum cômodo distante:

— E como a bebida ou o frio me matariam? Eu sou um leprechaun de sangue puro. Não, foi porque você perdeu aquele solzinho dourado que eu morri, Shadow. Foi isso que me matou, uma morte tão certa quanto a água é molhada, e os dias são longos, e uma amizade sempre acaba em decepção.

Shadow teve vontade de comentar que aquele era um pensamento um tanto amargurado, mas desconfiava de que a morte deixasse a pessoa amargurada mesmo.

Subiu para a área principal da casa, onde senhoras de meia-idade cobriam travessas de comida com papel-alumínio e tapavam potes de plástico contendo porções fritas de batata frita e macarrão com queijo.

O sr. Goodchild, marido da falecida, tinha encerralado o sr. Íbis e falava sobre sua convicção de que nenhum dos filhos viria prestar condolências à mãe. Filho de peixe peixinho é, dizia a quem quisesse ouvir. Filho de peixe peixinho é.

Naquela noite, Shadow preparou um lugar a mais à mesa. Deixou um copo diante de cada prato e, no meio de tudo, uma garrafa nova de Jameson Gold. O uísque irlandês mais caro que encontrou à venda na loja de bebidas. Depois de todos comerem (uma travessa grande de sobras que as senhoras de meia-idade tinham deixado), Shadow serviu uma dose generosa em cada copo — o dele, o de Íbis, o de Jacal e o de Mad Sweeney.

— E daí que ele está sentado em uma maca no porão, prestes a ser enterrado como indigente? — começou Shadow, enquanto servia o uísque. — Hoje à noite, brindaremos a ele, proporcionaremos o velório que ele queria.

Shadow ergueu o copo para o lugar vazio à mesa.

— Só vi Mad Sweeney vivo duas vezes — contou. — Na primeira, tive a impressão de que ele era um babaca de primeira com o diabo no corpo. Na segunda, minha impressão foi a de um pária sem eira nem beira, e lhe dei dinheiro para que pudesse se matar. Mad Sweeney me ensinou um truque de moedas que eu não lembro como fazer, me deixou com uns hematomas e me contou que era um leprechaun. Descanse em paz, Mad Sweeney.

Tomou um gole do uísque, deixando o toque levemente defumado evaporar dentro da boca. Os outros dois beberam junto, brindando à cadeira vazia.

O sr. Íbis enfiou a mão no bolso e tirou um caderno, que folheou até achar a página certa, então leu uma versão resumida da vida do irlandês.

Segundo o sr. Íbis, Mad Sweeney começara a vida como guardião de uma pedra sagrada numa pequena clareira da Irlanda, mais de três mil anos antes. O sr. Íbis contou sobre os casos amorosos dele, as inimizades, a loucura que era a fonte de seu poder (“ainda se conta uma versão posterior da história, embora a natureza sagrada — e a antiguidade — de grande parte dos versos tenha sido há muito esquecida”), o louvor e a adoração que lhe dedicavam em sua terra natal, que aos poucos se transmutou em um discreto respeito e, por fim, em diversão. O sr. Íbis contou a história da garota de Bantry que veio ao Novo Mundo e trouxe consigo a crença no leprechaun Mad Sweeney — não era verdade que ela o avistara certa noite, perto do lago, e que ele sorria para ela e a chamara por seu verdadeiro nome? A jovem viera como refugiada, no compartimento de carga de um navio cheio de gente que tinha visto suas batatas se transformarem em lama preta no chão, que tinha visto amigos e amados morrerem de fome, que tinha sonhado com uma terra de barrigas cheias. A menina da baía de Bantry sonhava especificamente com uma cidade onde desse para uma menina como ela ganhar dinheiro suficiente para levar a família toda ao Novo Mundo. Muitos dos irlandeses que vieram para a América na época se consideravam católicos, mesmo sem saber nada de catecismo, mesmo se de religião só conhecessem Bean Sidhe, a banshee que gritava nas paredes de uma casa que logo receberia a morte; e santa Brígida, que antes fora Brígida das duas irmãs (cada uma das três era uma Brígida, e cada uma era a mesma mulher); e histórias de Finn e de Oisín e de Conan, o Calvo. E até dos leprechauns, do povo pequeno (que era justamente a maior piada dos irlandeses, pois os leprechauns eram, à sua época, os mais altos do povo das colinas)...

O sr. Íbis lhes contou tudo isso, e muito mais, naquela noite na cozinha. Sua sombra na parede era comprida e lembrava um pássaro, e, à medida que o uísque fluía para dentro dele, Shadow começou a imaginar que a cabeça pertencia a uma ave aquática imensa, de bico longo e curvo, e foi em algum momento durante o segundo copo que o próprio Mad Sweeney começou a incluir detalhes e irrelevâncias na narrativa de Íbis (“... e que garota ela era, tinha peitos cor de creme cravejados de sardas, com bicos do rosa avermelhado intenso da alvorada de um dia em que vai chover a cântaros antes do meio-dia, mas que voltará a ser glorioso na hora do jantar...”), e aí Sweeney tentou, gesticulando com as duas mãos, explicar a história dos deuses na Irlanda, levas e mais levas oriundas da Gália e da Espanha e de todo canto, cada leva transformando os deuses anteriores em trolls e fadas, e todo tipo de criatura, até que a Santa Igreja em pessoa chegou e sem nem pedir licença transformou todos os deuses que havia

na Irlanda em fadas ou santos ou reis mortos...

O sr. Íbis limpou os óculos de armação dourada e explicou — articulando as palavras com ainda mais clareza e precisão do que o normal, um indicativo de que estava bêbado (as palavras e o suor que brotava na testa, dentro daquela casa fria, eram os únicos sinais) —, agitando o dedo indicador, explicou que ele era um artista, que suas histórias não deviam ser encaradas como constructos extremamente literais, mas como releituras criativas, mais verdadeiras que a própria verdade, e Mad Sweeney respondeu que ia “mostrar o que é uma releitura criativa quando o meu punho reler essa sua cara de merda com um tantão de criatividade”, e o sr. Jacal mostrou os dentes e rosnou para Sweeney, o rosnado de um cachorro enorme que não quer arrumar briga, mas que rasgaria a garganta de alguém para terminar uma, e Sweeney entendeu o recado e se sentou, servindo-se mais um copo de uísque.

— Já lembrou como eu fiz aquele truquezinho com a moeda? — perguntou Mad Sweeney, sorrindo para Shadow.

— Não, não lembrei.

— Se quiser tentar adivinhar como é, posso avisar quando estiver perto de descobrir — sugeriu Mad Sweeney, os lábios roxos, os olhos azuis enevoados.

— Não é com uma empalmada, né?

— Não, não é.

— É com algum dispositivo? Fica alguma coisa dentro da manga ou em algum outro lugar para jogar as moedas para cima e você poder pegar? Ou é uma moeda presa em um fio que fica balançando na frente e atrás da mão?

— Também não é isso. Alguém quer mais uísque?

— Eu li em um livro que tinha um jeito de fazer o Sonho do Avarento colando um pedaço de látex na palma da mão, para fazer uma bolsa cor de pele e esconder as moedas.

— Ah, como foi infeliz o velório do Grande Sweeney, que voou como um pássaro por toda a Irlanda e, em sua loucura, comeu uma erva venenosa pensando ser agrião, então morreu e foi velado só por um pássaro, um cachorro e um idiota. Não, não tem nada a ver com látex.

— Bom, não consigo pensar em mais nada — retrucou Shadow. — Você deve tirar essas moedas do nada. — Era para ser um comentário irônico, mas então notou a expressão no rosto de Sweeney. — É isso. Você realmente tira as moedas do nada.

— Olha, não é exatamente do nada — respondeu Mad Sweeney. — Mas você está começando a entender a ideia. Eu tiro as moedas do cofre.

— O cofre — disse Shadow, começando a se lembrar. — Sim.

— Você só precisa segurar bem o cofre, na mente, daí vai poder tirar o que

quiser. O tesouro do sol. Fica à vista nos momentos em que o mundo produz um arco-íris. Fica à vista no momento do eclipse e no momento da tempestade.

E Mad Sweeney mostrou a Shadow como fazer.

Dessa vez, Shadow entendeu.

A cabeça de Shadow doía e latejava, e a língua tinha gosto e textura de papel pega-moscas. Estreitou os olhos, protegendo-os do clarão da luz do dia. Tinha pegado no sono com a cabeça apoiada na mesa da cozinha. Ainda estava vestido, mas tirara a gravata preta em algum momento.

Desceu até o necrotério e ficou aliviado, mas não surpreso, ao ver que o corpo sem identificação continuava na mesa de embalsamamento. Shadow arrancou a garrafa vazia de Jameson Gold dos dedos do cadáver, enrijecidos pelo *rigor mortis*, e a jogou fora. Ouviu alguém circulando pela casa, mais acima.

Quando ele subiu a escada, viu o sr. Wednesday sentado à mesa da cozinha. Seu chefe estava comendo salada de batatas de um pote de plástico com uma colher descartável. Usava terno cinza-escuro, camisa branca e gravata cinza, e o sol matinal reluzia no prendedor de gravata prateado em forma de árvore. Wednesday sorriu para Shadow.

— Ah, Shadow, meu caro, que bom que você já está de pé. Achei que fosse dormir para sempre.

— Mad Sweeney morreu — anunciou Shadow.

— Eu soube. É uma pena. Claro que acontecerá com todos nós, no fim. — Ele puxou uma corda imaginária, mais ou menos na altura da orelha, então deitou o pescoço para o lado, pôs a língua para fora e arregalou os olhos. Em matéria de mímicas improvisadas, foi perturbador. Wednesday soltou a corda e deu o sorriso costumeiro. — Quer um pouco de salada de batata?

— Não, obrigado. — Shadow examinou a cozinha e olhou na direção do saguão. — Sabe onde estão Íbis e Jacal?

— Sei, sim. Estão enterrando a sra. Lila Goodchild, atividade em que provavelmente teriam apreciado a sua ajuda, mas pedi que o deixassem dormir. Você tem uma longa estrada pela frente.

— Estamos indo?

— Em uma hora.

— Preciso me despedir.

— As pessoas dão importância demais a despedidas. Você com certeza vai ver os dois de novo antes de essa história acabar.

Shadow reparou que, pela primeira vez desde aquela primeira noite, a gatinha

marrom estava enrolada no cesto. A gata abriu os olhos cor de âmbar indiferentes e o viu partir.

Foi assim que Shadow deixou a casa dos mortos. O gelo cobrira as árvores e os arbustos enegrecidos pelo inverno, como se tivessem sido isolados, transformados em sonhos. O chão estava escorregadio.

Wednesday foi até o Chevy Nova branco de Shadow, estacionado na rua. Tinha sido lavado havia pouco tempo, e placas de Minnesota ocupavam o lugar das de Wisconsin. A bagagem do chefe já estava alojada no banco de trás. Wednesday abriu o carro com cópias idênticas das chaves que estavam no bolso de Shadow.

— Eu dirijo — anunciou o deus. — Vai levar no mínimo uma hora para você estar em condições de fazer qualquer coisa.

Seguiram para o norte, mantendo o Mississippi à esquerda, um fluxo largo e prateado sob o céu cinzento. Shadow viu um gavião marrom e branco enorme, empoleirado em uma árvore seca e cinza na beira da estrada, encarando-os com olhos ensandecidos conforme se aproximavam, até que bateu asas e voou em círculos lentos e poderosos e, instantes depois, sumiu de vista.

Shadow percebeu que sua estada na casa dos mortos não passara de uma folga temporária, e tudo aquilo já começava a parecer que fora vivido por alguma outra pessoa, em um passado muito distante.

PARTE DOIS

AINSEL, EU MESMO

CAPÍTULO

NOVE

Isso sem falar de criaturas míticas no entulho...

Wendy Cope, “A Policeman’s Lot”

SHADOW SÓ QUEBROU o silêncio no fim daquela noite, quando estavam saindo de Illinois. Viu a placa de BEM-VINDO AO WISCONSIN e perguntou a Wednesday:

— Vem cá, quem eram aqueles caras que me sequestraram no estacionamento? O senhor Wood e o senhor Stone. Hein?

Os faróis do carro iluminavam a paisagem invernal. Wednesday anunciara que era melhor não pegarem rodovias, pois não sabia de que lado da guerra elas estavam, então Shadow seguiu por estradas secundárias. Não se importava. Não tinha como ter certeza de que o chefe era mesmo maluco.

Wednesday grunhiu.

— Só uns agentes. Membros da oposição. Vilões.

— Acho que eles acreditam que são os mocinhos — retrucou Shadow.

— É claro que acreditam. Nunca houve uma só guerra que não tenha sido travada entre dois grupos inteiramente convictos de que estão fazendo o que é certo. As pessoas perigosas de verdade são aquelas que acreditam que estão fazendo o que estão fazendo única e exclusivamente porque aquela é, sem a menor sombra de dúvida, a única coisa certa a se fazer. E é por isso que são tão perigosas.

— E você? Por que está fazendo tudo isso?

— Porque eu quero — respondeu Wednesday. E sorriu. — Aí não tem problema.

— Como vocês escaparam? Quer dizer, todo mundo conseguiu escapar?

— Aham. Mas foi por pouco. Se aqueles sujeitos não tivessem parado para cuidar de você, talvez tivessem conseguido nos pegar. Essa história toda serviu para convencer algumas pessoas que ainda estavam em cima do muro de que eu talvez não esteja assim tão doido.

— E como vocês escaparam?

Wednesday balançou a cabeça.

— Você não é pago para fazer perguntas. Já disse isso.

Shadow deu de ombros.

Eles passaram a noite em um hotel ao sul de La Crosse.

Depois dirigiram para norte e para leste, em pleno Natal. Os campos e fazendas foram dando lugar a florestas. As cidades pareciam cada vez mais afastadas umas das outras.

O almoço de Natal foi no final da tarde, em um enorme restaurante de comida caseira na parte norte do centro do Wisconsin. Desanimado, Shadow empurrava pelo prato os pedaços secos de peru e de batatas assadas duras como pedra, as bolotas vermelhas e doces do molho de cranberry e as ervilhas em lata de um tom verde agressivo. Pelo jeito como atacava o prato e lambia os beiços, Wednesday parecia apreciar a comida. Durante a refeição, ele foi se tornando cada vez mais expansivo: falava, brincava e, sempre que a garçonete se aproximava o bastante, flirtava com a menina loura e magra que parecia tão nova que muito provavelmente não tinha idade nem para ter abandonado a escola antes de terminar o ensino médio.

— Com licença, minha querida, mas poderia fazer a gentileza de me servir mais uma xícara desse chocolate quente delicioso? E espero que não me ache muito ousado por dizer que essa sua roupa é extraordinariamente arrebatadora e formosa. Festiva, mas elegante.

A garçonete, que usava uma saia vermelha e verde vistosa com festão prateado enrolado na barra, riu e corou e sorriu, então foi buscar mais uma caneca de chocolate quente para Wednesday.

— Arrebatadora — comentou o deus, pensativo, observando a jovem. — Formosa. — Shadow não achava que ele estava se referindo à roupa. Wednesday enfiou o último pedaço de peru na boca, limpou a barba com o guardanapo e empurrou o prato para longe. — Aaah. Delícia!

O deus olhou ao redor, examinando o restaurante. Uma fita de canções natalinas tocava ao fundo: *the little drummer boy had no gifts to bring, pārārārārā, pārārārā, pārārārā*.

— Algumas coisas podem até mudar — começou Wednesday, de repente —, mas as pessoas... as pessoas continuam iguaizinhas. Tem uns trambiques que nunca falham, enquanto outros logo se tornam impraticáveis, engolidos pelo tempo e pelo mundo. Já não posso mais fazer minha falcatura favorita. Mas, mesmo assim, ainda tem uma quantidade surpreendente de golpes que são atemporais... O Prisioneiro Espanhol, o Golpe do Paco, o Achado do Anel, que é igual ao Golpe do Paco, mas com um anel em vez de dinheiro, o Golpe do Violino...

— Nunca ouvi falar desse Golpe do Violino — comentou Shadow. — Mas

talvez eu conheça os outros. Acho que o meu ex-companheiro de cela já aplicou um Prisioneiro Espanhol, pelo que ele disse. O cara era um vigarista.

— Ah... — comentou Wednesday, o olho esquerdo brilhando. — O Golpe do Violino era excelente, maravilhoso. Começa como um golpe envolvendo duas pessoas. Ele é movido pela cobiça e pela ganância do próprio alvo, como todos os grandes golpes. É *claro* que é possível enganar um homem honesto, mas dá mais trabalho. Muito bem. O trambique acontece em um hotel, ou em uma pousada, ou em um restaurante chique. Um homem está apreciando sua refeição. O sujeito parece meio sem grana, mas ainda mantém um pouco a classe. Não está maltrapilho nem decadente, mas parece estar passando por dificuldades. Vamos chamá-lo de Abraham. Bem, a conta chega. E não é nada exagerada, veja bem, só uns cinquenta, setenta e cinco dólares. Mas, na hora de pagar... que vergonha! Cadê a carteira? Minha nossa, ele deve ter deixado na casa de um amigo, que não fica muito longe! Abraham precisa sair rapidinho para buscar o dinheiro. Ele pede ao gerente, que julga ser um senhor muito compreensivo, que fique com seu velho violino como garantia. Abraham explica que o violino é mesmo velho, como o gerente pode ver, mas é seu ganha-pão.

O sorriso de Wednesday, quando viu a garçonete se aproximar, foi enorme e predatório.

— Ah, meu chocolate quente! Trazido pelo meu anjo natalino! Minha querida, será que você consegue me trazer mais um pouco desse pão maravilhoso, quando puder?

A garçonete — Shadow tentava adivinhar quantos anos a menina devia ter: dezesseis, dezessete? — baixou os olhos, as bochechas corando. Ela deixou a caneca de chocolate quente na mesa, com as mãos trêmulas, e foi para o canto do salão, perto do mostruário giratório de tortas, onde parou e ficou olhando para Wednesday. Depois, esgueirou-se até a cozinha, para buscar o pão.

— Então. O violino, que é bem velho, sem sombra de dúvida, talvez até meio acabado, fica lá no restaurante, guardado no estojo, enquanto nosso Abraham, temporariamente depauperado, vai atrás da carteira. Um cavalheiro bem-vestido, e que só agora concluiu a própria refeição, acabou entreouvindo toda a conversa. Ele se aproxima do gerente: será que ele poderia examinar o violino que nosso Abraham, um sujeito tão honesto, deixou para trás?

Wednesday faz uma pausa, e então continua:

— Mas é claro que pode. O gerente entrega o instrumento, e o homem bem-vestido... digamos que o nome dele seja Barrington... Barrington fica completamente boquiaberto, mas logo repara na própria expressão abobalhada e se recompõe. Ele examina o violino com um ar de veneração, como um homem que recebeu permissão para adentrar um santuário sagrado e inspecionar a

ossada de um profeta. “Minha nossa”, comenta ele, “este aqui é... deve ser... não, não pode ser! Mas é, é mesmo... minha nossa! Mas isso é *inacreditável!*” Então Barrington indica a marca do fabricante, em um pedaço de papel amarelado dentro do violino. E explica que, mesmo se não tivesse visto a marca, teria percebido pela cor do verniz, pela voluta, pelo formato.

“Barrington pegar no bolso um cartão de visitas com impressão em relevo. O cartão o apresenta como negociante proeminente de instrumentos musicais raros e antigos. ‘Então esse violino é raro?’, pergunta nosso amigo gerente. ‘Isso mesmo’, responde Barrington, ainda admirando o instrumento, fascinado. ‘Vale mais de cem mil dólares, se não estou enganado. E, mesmo que estivesse, eu pagaria cinquenta... não, setenta e cinco mil dólares. E em dinheiro, uma quantia justa por uma peça tão excepcional. Sei de um homem na Costa Oeste que o compraria amanhã mesmo, sem nem ver, bastaria um telegrama. Ele pagaria o que eu pedisse.’ Então Barrington consulta o relógio, e parece desesperado. ‘Ah, meu trem! Preciso correr, tenho pouquíssimo tempo para pegar o trem! Meu bom senhor, pode, por favor, entregar meu cartão ao proprietário desse instrumento inestimável, quando ele voltar? Infelizmente, preciso ir.’ E, com isso, ele parte: um homem que sabe que o tempo e o trem não esperam por ninguém.

“Nosso amigo gerente examina o violino, a curiosidade se mesclando à cobiça que corre em suas veias, e um plano começa a brotar em sua mente. Mas os minutos passam, e Abraham não volta. Já está bem tarde quando nosso violinista entra pela porta, com sua aparência simples, mas cheio de orgulho. Nas mãos, traz uma carteira, uma carteira que já viu dias melhores, uma carteira que, mesmo no melhor dos melhores dias, nunca conteve mais de cem dólares de uma vez. De dentro, ele tira o dinheiro para pagar a refeição, ou a estadia, ou o que quer que seja, e pede para pegar o violino de volta.

“Nosso amigo gerente põe o instrumento no estojo em cima do balcão, e Abraham o recolhe como uma mãe aninhando o filho. ‘Me diga’, começa nosso amigo gerente, mantendo dentro do bolso do paletó, ardente, o cartão com impressão em relevo de um homem que pagaria cinquenta mil dólares pelo instrumento, e em dinheiro!, ‘quanto custa um violino desses? Minha sobrinha queria aprender a tocar, e o aniversário dela é daqui a mais ou menos uma semana’.

“Abraham parece ultrajado ao responder: ‘Vender o meu violino? Eu nunca faria uma coisa dessas. Ele me acompanha há vinte anos, já tocamos juntos pelo país inteiro. E, para falar a verdade, paguei bastante por ele na época: quinhentos dólares muito bem pagos.’

“Nosso amigo gerente se contém para não abrir um sorriso. ‘Você pagou quinhentos dólares por ele? E se eu lhe oferecer mil? Pago agora mesmo.’

“O violinista parece maravilhado... então faz uma expressão desolada e diz: ‘Mas, meu senhor, eu sou um violinista. É só o que eu sei fazer. Este violino me conhece e me ama, e meus dedos o conhecem tão bem que eu conseguiria tocar uma ária no escuro. Onde eu encontraria outro violino com um som tão bonito? Mil dólares é um bom dinheiro, claro, mas este instrumento é o meu ganha-pão. Nem por mil, nem por cinco mil.’

“Nosso amigo gerente vê o lucro minguar, mas negócios são negócios, e é preciso gastar para ganhar. ‘Oito mil dólares’, retruca ele. ‘O violino não vale isso tudo, mas acontece que gostei muito dele, e além disso amo minha sobrinha, adoro mimá-la.’

“Abraham parece à beira das lágrimas com a ideia de perder seu amado violino, mas como poderia recusar oito mil dólares? Ainda mais depois de o solidário gerente ir até o cofre na parede e voltar não com oito, mas com *nove* mil dólares em maços bem amarrados, prontos para entrarem no bolso esfarrapado do violinista. ‘Você é um bom homem’, diz o violinista ao gerente. ‘É um santo! Mas precisa jurar que vai cuidar bem do meu amigo!’ E, relutante, ele entrega o violino.”

— Mas e se o nosso amigo gerente simplesmente entregar o cartão de Barrington e dizer a Abraham que ele tirou a sorte grande? — perguntou Shadow.

— Então saímos no prejuízo pelo custo de duas refeições — respondeu Wednesday.

O deus limpou o resto de molho e de comida no prato com um pedaço de pão e o comeu, lambendo os beiços de deleite.

— Vamos ver se eu entendi. Então Abraham sai do restaurante, nove mil dólares mais rico, e encontra Barrington no estacionamento da estação de trem. Eles dividem o dinheiro, entram no Ford Modelo A de Barrington e partem para a próxima cidade. Imagino que no porta-malas do carro tenha uma caixa cheia de violinos de cem dólares.

— Pessoalmente, eu considero uma questão de honra nunca pagar mais de cinco dólares por um instrumento desses — comentou Wednesday. Em seguida, se virou para a garçonete, que pairava ali por perto. — Agora, minha cara, pode nos agraciar com a descrição das suntuosas sobremesas disponíveis para nós, neste dia de Natal do Nosso Senhor?

Wednesday a encarava, e seu olhar era quase malicioso, de um jeito que dava a impressão de que nada que a jovem pudesse oferecer seria mais suculento do que ela mesma. Shadow estava extremamente incomodado com aquilo: sentia-se vendo um lobo velho espreitar um cervo jovem demais para saber que, se não fugisse — se não fugisse imediatamente —, acabaria em uma clareira remota,

com o que restasse de carne em seus ossos sendo devorado por corvos.

A menina corou mais uma vez e disse que de sobremesa havia torta de maçã — torta de maçã à moda da casa, “vem com uma bola de sorvete de creme”, explicou —, bolo de frutas cristalizadas, bolo de frutas cristalizadas à moda da casa e mousse vermelha e verde. Wednesday a olhou bem nos olhos e disse que queria provar o bolo de frutas cristalizadas à moda da casa. Shadow não quis sobremesa.

— Agora, em matéria de golpe — começou Wednesday —, o do Violino deve ter uns trezentos anos ou mais. E, se você escolher bem o trouxa, conseguiria aplicá-lo amanhã mesmo em qualquer lugar do país.

— Achei que você tivesse dito que o seu trambique preferido já não funcionava mais — comentou Shadow.

— E é verdade. Apesar de eu gostar muito dele, o Golpe do Violino não é o meu preferido. Ele é interessante, divertido, mas não é meu preferido. Não, o meu preferido era um chamado Jogo do Bispo. Tinha de tudo: adrenalina, subterfúgio, praticidade, surpresa. Talvez, quem sabe de tempos em tempos, talvez com algumas adaptações, pode ser que... — Ele pensou por um instante e balançou a cabeça. — Não. O tempo dele acabou. Digamos que estamos em 1920, em uma cidade de médio ou grande porte. Pode ser Chicago, ou Nova York, ou Filadélfia. Entramos em uma joalheria. Um sujeito com roupas de homem de Deus, e não qualquer homem de Deus: um bispo, de batina roxa. Ele entra e escolhe um colar, uma peça linda e gloriosa, toda de pérolas e diamantes, e paga com uma dúzia de notas de cem dólares novinhas.

“A nota de cima do maço tem uma mancha de tinta verde, e, apesar de pedir desculpas, o dono da loja insiste em enviar um funcionário com as notas até o banco da esquina, para verificar a autenticidade delas. Pouco depois, o funcionário volta. O banco disse que nenhuma é falsa. O dono pede desculpas de novo, e o bispo é muito educado, comprehende perfeitamente a situação, sabe que hoje em dia existem tantos tipos sem lei e sem Deus, tanta imoralidade e tanta indecência à solta pelo mundo... sem falar nas mulheres sem-vergonha, e, agora que o submundo rastejou para fora da sarjeta e veio viver na tela dos cinematógrafos, o que mais se poderia esperar? O colar é guardado no estojo, e o dono da loja faz o possível para não ficar se perguntando por que um bispo da Igreja compraria um colar de diamantes de mil e duzentos dólares, ainda por cima usando dinheiro vivo.

“O bispo dá um adeus animado e vai embora, e então uma mão pesada aperta seu ombro. ‘Ora, Soapy, seu danado, veio dar mais um dos seus velhos golpes, é?’ Um guarda corpulento com um rosto de irlandês honesto leva o bispo de volta para a joalheria, então chega até o joalheiro e pergunta: ‘Com licença, por

acaso este homem comprou algo do senhor agora há pouco?’ O bispo não demora a responder: ‘Mas é claro que não!’, então se vira para o joalheiro e pede: ‘Diga a ele que eu não comprei nada.’ Mas o joalheiro responde: ‘Comprou, sim. Comprou um colar de diamantes e pérolas. E pagou em dinheiro.’ O guarda, por sua vez, retruca: ‘O senhor está com as notas à mão? Pode me mostrar?’

“O joalheiro pega as doze notas de cem dólares da caixa registradora e as entrega ao guarda, que as examina contra a luz e balança a cabeça, admirado. ‘Ah, Soapy! Meu caro, estas são as melhores que você já fez! Você é um baita de um artista mesmo!’

“O bispo abre um sorriso satisfeito, então diz: ‘Você não tem como provar nada. E o banco falou que são verdadeiras. Verdinhas genuínas.’ O guarda não se priva da resposta: ‘Claro que falou’, concorda, ‘mas duvido que o banco tenha sido alertado de que Soapy Sylvester estava na praça, ou mesmo da qualidade das falsificações que ele passou em Denver e em St. Louis.’ Com isso, o guarda enfia a mão no bolso da batina do bispo e pega o colar. ‘Ora, um colar de diamantes e pérolas de mil e duzentos dólares em troca de cinquenta centavos gastos em tinta e papel’, comenta o policial, um sujeito que obviamente tem alma de filósofo. ‘E ainda por cima se passando por homem de Deus. Você devia se envergonhar!’ Ele algema o bispo, que obviamente não é bispo coisa nenhuma, e o leva embora, mas não sem antes entregar um recibo pelo colar e pelos mil e duzentos em notas falsas. Afinal de contas, são evidências.”

— E eram mesmo falsas? — perguntou Shadow.

— Claro que não! Notas novinhas, recém-saídas do banco, só com uma impressão digital e uma mancha de tinta verde em algumas, para deixá-las um pouco mais interessantes.

Shadow bebeu o café. Era pior do que o café da cadeia.

— Então o guarda obviamente não era guarda. E o colar?

— Levado como evidência — lembrou Wednesday. Ele abriu a tampa do saleiro e despejou um montinho de sal na mesa. — Mas o joalheiro fica com um recibo e a garantia de que o colar será devolvido assim que Soapy for sentenciado. Ele é parabenizado por ser um bom cidadão e fica lá parado, olhando, cheio de orgulho e já pensando na história que vai contar na reunião dos Oddfellows, na noite seguinte, enquanto o policial leva o homem que fingia ser bispo, com mil e duzentos dólares em um bolso e um colar de diamantes de mil e duzentos dólares no outro, a caminho de uma delegacia que nunca vai ver nem o cheiro dos dois.

A garçonete tinha voltado para limpar a mesa.

— Diga, minha querida — começou Wednesday. — Você é casada?

A menina balançou a cabeça.

— Fico espantado em saber que uma jovem tão linda ainda não foi fisiada.

Wednesday rabiscava com a unha no sal espalhado sobre a mesa, fazendo traços grosseiros e largos que lembravam runas. A garçonete estava parada a seu lado, impassível, lembrando a Shadow menos um cervo e mais um jovem coelho capturado pelo farol de uma carreta, paralisado pelo medo e pela indecisão.

Wednesday baixou tanto a voz que Shadow, do outro lado da mesa, mal conseguiu escutar:

— A que horas você sai do trabalho?

— Às nove — respondeu a menina, engolindo em seco. — Nove e meia, no máximo.

— E qual é o melhor hotel da região?

— Tem o Hotel 6 — respondeu ela. — Mas não é grande coisa.

Wednesday encostou na mão dela de leve, com a ponta dos dedos, deixando grãos de sal em sua pele. A garota não fez a menor menção de limpá-los.

— Para nós — retrucou ele, em um murmúrio quase inaudível —, será um palácio de prazer.

A garçonete o encarou. Mordeu os lábios finos, hesitou, mas por fim assentiu e saiu correndo para a cozinha.

— Ah, qual é? — protestou Shadow. — Ela não deve nem ser maior de idade.

— Eu nunca me preocupei muito com legalidade e essas coisas — retrucou Wednesday. — Desde que eu consiga o que quero. As noites às vezes podem ser longas e frias. E eu preciso dela, não porque a quero especificamente, mas porque preciso despertar um pouco. Até o rei Davi sabia da receita mais comum para fazer o sangue quente voltar a fluir por um corpo velho: tome uma virgem e, se não melhorar, procure um médico na manhã seguinte.

Shadow se perguntou se a recepcionista do turno da noite no hotel de Eagle Point era virgem.

— Você não tem medo de pegar alguma doença? — perguntou. — E se você engravidar a menina? E se ela tiver um irmão?

— Não. Eu não ligo para doenças. Não pego essas coisas. Pessoas como eu não se misturam com elas. Infelizmente, pessoas como eu também costumam ser estéreis, então não dá para ter muita miscigenação. Acontecia mais nos velhos tempos. Hoje em dia é até possível, mas tão improvável que chega a ser quase inconcebível. Então não tem risco nenhum. E muitas meninas têm irmãos e pais. Algumas têm até maridos. Não é problema meu. Em noventa e nove por cento dos casos, eu não fico tempo o bastante na cidade.

— Então vamos passar a noite aqui?

Wednesday esfregou o queixo.

— Vou ficar no Hotel 6 — reembrou. Em seguida, enfiou a mão no bolso do casaco. Tirou uma chave bronze com um cartãozinho de papelão onde se lia um endereço: NORTHRIDGE RD, 502, APTO. 3. — Tem um apartamento à sua espera em uma cidade meio longe daqui. — Wednesday fechou os olhos por um instante, então os abriu: eram cinzentos, reluzentes e levemente desiguais. Continuou: — Vai passar um ônibus de viagem nesta cidade em vinte minutos. E vai fazer uma parada no posto de gasolina. Aqui está a passagem.

Ele retirou uma passagem de ônibus dobrada do bolso e a empurrou pela mesa. Shadow a pegou e a examinou.

— Quem é Mike Ainsel? — perguntou. Era o nome na passagem.

— Você. Feliz Natal.

— E onde é Lakeside?

— Seu lar, doce lar pelos próximos meses que temos pela frente. E, agora, já que as coisas boas sempre vêm em grupos de três...

Ele tirou um pequeno embrulho do bolso e o colocou na mesa, ao lado do pote de ketchup com manchas escuras de molho endurecido na tampa. Shadow não fez menção de pegá-lo.

— E aí?

Relutante, ele rasgou o papel de presente vermelho, revelando uma carteira marrom-clara de couro de novilho, mas velha. Com certeza pertencia a outra pessoa. Dentro havia uma carteira de motorista com uma foto de Shadow e o nome Michael Ainsel, junto com um endereço em Milwaukee; um MasterCard do sr. M. Ainsel; e vinte notas novas de cinquenta dólares. Shadow fechou a carteira e a guardou no bolso interno do casaco.

— Obrigado.

— Considere isso um bônus de Natal. Agora permita-me acompanhá-lo até o ônibus. Estarei lá para saudá-lo quando você sair cavalgando o cão cinzento rumo ao norte.

Os dois foram embora. Shadow mal acreditava em como a temperatura caíra nas últimas horas. Já parecia frio demais até para nevar. Um frio agressivo. Aquele seria um inverno ruim.

— Ei. Wednesday. Os dois golpes que você explicou, o do violino e o do bispo... do bispo com o guarda... — Ele hesitou, tentando organizar as ideias, formular o pensamento.

— O que tem eles?

Finalmente conseguiu:

— Eram golpes para duplas, certo? Um cara de cada lado. Você tinha um parceiro?

Sua respiração se condensava no ar. Shadow prometeu a si mesmo que,

quando chegasse a Lakeside, gastaria parte do bônus de Natal no casaco mais quente e grosso que o dinheiro pudesse comprar.

— Sim — respondeu Wednesday. — É verdade. Eu tinha um parceiro. Um sócio mais jovem. E é triste, mas esse tempo não volta mais. Olha, *ali* está o posto de gasolina, e *ali*, a menos que minha visão esteja me pregando peças, está o ônibus. — O deus já tinha ligado a seta, sinalizando que entraria no estacionamento. — Seu endereço está na chave. Se alguém perguntar, eu sou seu tio. Estou por aí aproveitando a vida sob o nome improvável de Emerson Borson. Acomode-se em Lakeside, Ainsel, meu sobrinho querido. Busco você daqui a uma semana. Vamos viajar juntos. Visitar umas pessoas que preciso visitar. Enquanto isso, mantenha a cabeça baixa e tente não se meter em problemas.

— E o meu carro...?

— Vou cuidar direitinho dele. Aproveite Lakeside.

Wednesday estendeu a mão, e Shadow a apertou. A mão do deus era mais fria do que a de um cadáver.

— Nossa, você está gelado — comentou Shadow.

— Então, quanto antes eu fizer a velha recriação do monstro de duas costas com a deliciinha lá do restaurante no quarto mais isolado do Hotel 6, melhor.

O deus levantou a outra mão e apertou o ombro de seu funcionário.

Por um momento atordoante, Shadow teve uma visão dupla: via o homem grisalho que o encarava e apertava o seu ombro, mas também algo mais: muitos invernos, centenas e centenas de invernos, e um homem cinzento com chapéu de abas largas apoиando-se em um cajado, indo de aldeia em aldeia, olhando pelas janelas para a luz de lareiras, para alegrias e vidas incandescentes que ele jamais poderia tocar, jamais poderia sentir...

— Vá — disse Wednesday, num rugido reconfortante. — Está tudo bem, e tudo está bem, e tudo vai ficar bem.

Shadow apresentou a passagem à motorista.

— Que dia para viajar, hein? — comentou ela. Depois acrescentou, com uma satisfação um tanto cínica: — Feliz Natal.

O ônibus estava quase vazio.

— Quanto tempo até Lakeside? — perguntou Shadow.

— Duas horas. Talvez um pouco mais — respondeu. — Estão dizendo que vem frente fria por aí.

Ela apertou um botão, e as portas chiaram e se fecharam com um baque.

Shadow andou até o meio do ônibus, reclinou o encosto o máximo possível e começou a pensar. O balanço do ônibus e o calor do ambiente se uniram para niná-lo, e, sem se dar conta de que sequer estava ficando com sono, ele dormiu.

Dentro da terra e debaixo da terra. As marcas na parede tinham o tom vermelho de argila úmida: marcas de mãos, marcas de dedos e, aqui e ali, representações grosseiras de animais e pessoas e aves.

A fogueira ainda ardia, e o homem-búfalo continuava sentado do outro lado da fogueira, fitando Shadow com aqueles olhos enormes, olhos que pareciam poços de lama escura. Os lábios de búfalo, envoltos por uma pelagem marrom densa, não se moveram quando a voz de búfalo perguntou:

— E então, Shadow? Já acredita?

— Não sei — respondeu Shadow. E reparou que a própria boca também não tinha se mexido. As palavras que os dois trocavam não estavam sendo faladas, ao menos não segundo a ideia de fala que ele conhecia. — Você é real?

— Acredite — insistiu o homem-búfalo.

— Você é... — Shadow hesitou e, por fim, perguntou: — Você também é um deus?

O homem-búfalo passou uma das mãos em meio às chamas e tirou dali um ferrete incandescente. Ele segurou o ferrete bem pelo meio. Labaredas azuis e amarelas acariciavam sua mão vermelha, mas não o queimavam.

— Esta não é uma terra de deuses — declarou o homem-búfalo.

Mas Shadow sabia, no sonho, que já não era o homem-búfalo quem falava: era o fogo, eram os estalos e o calor da própria chama que se dirigiam a ele, naquele lugar escuro sob a terra.

— Esta terra, um mergulhador a ergueu das profundezas do oceano — disseram as chamas. — Uma aranha a teceu a partir da própria essência da terra. Um corvo a defecou. Esta terra é o corpo tombado de um pai, seus ossos são montanhas, seus olhos são lagos.

A voz das chamas fez uma pausa, então completou:

— Esta é uma terra de sonhos e de fogo.

O homem-búfalo devolveu o ferrete à fogueira.

— Por que você está me contando isso? — perguntou Shadow. — Eu não sou importante. Não sou nada. Eu até que era um preparador físico razoável, além de um péssimo criminoso de primeira viagem, e talvez não tenha sido um marido tão bom quanto imaginava...

Ele se perdeu em pensamentos e parou de falar.

— Como posso ajudar Laura? — perguntou ao homem-búfalo, depois de um tempo. — Ela quer viver outra vez. E eu falei que ajudaria. Devo isso a ela.

O homem-búfalo não respondeu. Ele ergueu a mão, a palma suja de fuligem voltada para Shadow, e com o dedo indicador apontou para o teto da caverna.

Shadow acompanhou o gesto com os olhos. No alto, uma abertura minúscula e distante deixava passar uma luminosidade débil e fria.

— Para cima? — perguntou Shadow, em busca de respostas para algumas das suas perguntas. — Tenho que ir lá para cima?

Então o sonho o levou, a ideia se tornando a própria coisa acontecendo, e Shadow foi jogado para dentro da rocha e da terra. Ele era uma toupeira tentando atravessar a terra, era um texugo escavando a terra, era uma marmota afastando a terra do caminho, era um urso... mas a terra estava dura demais, densa demais, e era difícil respirar, e em pouco tempo não conseguia avançar mais, não conseguia escavar e subir mais, e foi naquele momento que soube que morreria bem ali, em algum lugar nas profundezas do mundo.

Sua própria força não bastava. Seus esforços se debilitaram. Shadow sabia que, embora seu corpo estivesse dentro de um ônibus quente, cruzando florestas geladas, se ele parasse de respirar ali, debaixo do mundo, também pararia de respirar lá, e sua respiração ia saindo cada vez mais ofegante.

Ele se debatia, tinha cada vez menos força, e cada movimento consumia seu precioso ar. Estava preso: não podia avançar mais, e não podia voltar por onde tinha vindo.

— É hora de negociar — anunciou uma voz em sua mente. Talvez tenha sido sua própria voz. Ele não sabia dizer.

— Mas o que eu tenho a oferecer numa negociação? — perguntou Shadow. — Não tenho nada.

Sentia o gosto de argila, pesada e lamacenta; sentia o sabor mineral marcante das rochas que o cercavam.

E, por fim, Shadow disse:

— Só a mim mesmo. Eu tenho a mim mesmo, não é?

Parecia que tudo tinha prendido a respiração — não apenas Shadow, mas todo aquele mundo subterrâneo, cada minhoca, cada fenda, cada caverna.

— Ofereço a mim mesmo — declarou.

A reação foi imediata. As rochas e a terra que o cercavam começaram a pressionar seu corpo, apertando-o com tanta força que arrancaram o que restava de ar em seus pulmões. A pressão virou dor, empurmando-o por todos os lados, e Shadow sentiu uma pressão intensa e esmagadora, uma samambaia transformando-se em carvão. Atingiu o auge da dor e assim ficou, ciente de que não aguentaria mais, de que ninguém conseguiria aguentar mais do que aquilo — e, naquele momento, o espasmo cedeu e Shadow voltou a respirar. A luz acima dele só aumentava.

Estava sendo empurrado para a superfície.

Quando veio outro espasmo de terra, Shadow tentou acompanhá-lo. Dessa

vez, sentiu que era empurrado para cima, empurrado pela pressão da terra, expelido, sendo levado para mais perto da luz. Então parou um instante para tomar fôlego.

Os espasmos o levavam, o sacudiam, e eram cada vez mais fortes, cada vez mais dolorosos.

Shadow girava e se revirava, e seu rosto estava sendo empurrado por uma abertura, um vão na rocha que era pouco maior do que sua mão e que deixava passar uma luz cinzenta e fraca e um pouco de ar, um ar abençoado.

A dor dessa última contração terrível foi absolutamente inacreditável, e ele se sentiu sendo espremido, esmagado e empurrado por aquela fenda rígida na rocha, e seus ossos se destroçaram, e sua carne ficou disforme e serpentina, e, quando a boca e a cabeça devastada passaram pelo buraco, ele começou a gritar de medo e dor.

Shadow se perguntou, enquanto gritava, se no mundo real também estaria gritando — se estava gritando enquanto dormia no fundo daquele ônibus escuro.

E, quando o último espasmo terminou, Shadow estava no chão, agarrando a terra vermelha, cheio de gratidão por a dor ter acabado e ele ter conseguido voltar a respirar, sorvendo profundamente bocados de ar quente do entardecer.

Ele se sentou, limpou a terra do rosto com a mão e olhou para o céu. Viu um crepúsculo extenso e roxo, as estrelas surgindo, uma a uma — estrelas muito mais luminosas e vívidas do que qualquer outra que ele já tinha visto ou imaginado.

A voz estalada das chamas se pronunciou, por trás de Shadow:

— Falta pouco para elas caírem. Vão cair, e o povo das estrelas vai encontrar o povo da terra. Haverá heróis entre eles, além de homens que aniquilarão monstros e trarão conhecimento, mas nenhum deles será um deus. Este lugar é ruim para os deuses.

Uma lufada de um ar surpreendentemente frio tocou o rosto de Shadow. Era como mergulhar em água gelada. Ouviu a voz da motorista dizendo que tinham chegado a Pinewood, e que, se alguém precisar fumar ou quiser esticar as pernas, iam fazer uma parada de dez minutos antes de voltar para a estrada.

Shadow saiu do ônibus aos tropeços. Tinham parado em mais um posto de gasolina, quase idêntico àquele onde embarcara. A motorista guardava as malas de duas adolescentes no compartimento de bagagem.

— Ei — chamou a motorista, ao ver Shadow. — Você vai saltar em Lakeside, não vai?

Ainda sonolento, ele confirmou.

— Nossa, aquela cidade é ótima — disse ela. — Acho que, um dia, se eu decidisse largar tudo, eu me mudaria para Lakeside. É a cidade mais bonita que

eu já vi. Você mora lá faz tempo?

— É minha primeira vez lá.

— Então, coma uma *pasty* na Mabel's por mim, ok?

Shadow decidiu não perguntar por quê.

— Ei, por acaso eu falei enquanto dormia? — perguntou ele.

— Se falou, eu não escutei. — A mulher olhou para o relógio. — Vamos voltar para o ônibus. Eu aviso quando chegarmos a Lakeside.

As duas meninas — Shadow duvidava que tivessem mais de catorze anos — que haviam embarcado em Pinewood estavam no banco na frente do dele. Ouvindo a conversa sem querer, concluiu que as duas eram amigas, não irmãs. Uma não sabia quase nada sobre sexo, mas sabia muito sobre animais e ajudava ou passava muito tempo em algum abrigo, enquanto a outra não tinha o menor interesse por animais, mas, munida de uma miríade de informações obtidas em buscas na internet e na programação diária da TV, achava que era uma grande conhcedora da sexualidade humana. Shadow escutou com um fascínio horrorizado e divertido enquanto a menina que se achava entendida descrevia em detalhes como tabletas de efervescente podiam aprimorar o sexo oral.

Ficou ouvindo enquanto as duas — a menina que gostava de animais e a que sabia por que o efervescente Alka-Seltzer era melhor para fazer sexo oral do que, sei lá, Altoids — falavam mal da então Miss Lakeside, que, tipo, todo mundo sabia que só tinha colocado aquelas mãos nojentas na coroa e na faixa porque deu mole para os jurados.

Shadow passou a ignorá-las, se desligando de tudo que não fosse o barulho da estrada, e apenas fragmentos da conversa chegavam, de vez em quando.

Sabe, o Goldie é um cachorro muito bonzinho, e ele era meio que um retriever puro, e eu queria que meu pai deixasse, porque, tipo, ele balança o rabo sempre que me vê.

É Natal, ele vai ter que me deixar usar a motoneve.

Aí você escreve o seu nome com a língua na lateral do negócio dele.

Sinto saudade do Sandy.

É, eu também.

Anunciaram quinze centímetros para hoje à noite, mas eles só inventam. Ficam inventando as previsões e ninguém fala nada...

Os freios do ônibus guincharam, a motorista gritou “Lakeside!”, e as portas se abriram. Shadow desceu com as meninas no que imaginou que servisse de parada de ônibus intermunicipais na cidade, o estacionamento bem iluminado de uma videolocadora que também funcionava como salão de bronzeamento artificial. O ar estava terrivelmente frio, mas era um frio revigorante. Isso acordou Shadow. Ele olhou para as luzes da cidade a sul e a oeste e para a

amplidão pálida de um lago congelado a leste.

As meninas estavam paradas no estacionamento, agitando as pernas e soprando as mãos de forma exagerada. Uma delas, a mais nova, deu uma olhada de esgueirinha para Shadow e sorriu sem graça quando percebeu que ele a viu fazendo aquilo.

— Feliz Natal — disse Shadow. Parecia um comentário seguro.

— É — disse a outra menina, cerca de um ano mais velha —, feliz Natal para você também.

A mais velha tinha cabelo ruivo alaranjado e nariz curto coberto por umas cem mil sardas.

— Cidade legal, essa de vocês — comentou Shadow.

— A gente gosta — respondeu a mais nova. Era a que gostava de animais. Ela deu um sorriso tímido, revelando um aparelho com elásticos azuis nos dentes da frente. — Você me lembra alguém — comentou, pensativa. — Você é irmão de alguém, ou filho de alguém, ou algo do tipo?

— Como você é tonta, Alison — interveio a outra. — Todo mundo é filho, ou irmão, ou *algo* de alguém.

— Não foi isso o que eu quis dizer — retrucou Alison.

Por um instante branco e luminoso, os três foram banhados por luzes de farol. Por trás dos faróis estava uma minivan dirigida por uma mãe, que levou embora as meninas e suas malas em questão de segundos, deixando Shadow sozinho no estacionamento.

— Rapaz? Posso ajudar em alguma coisa? — O velho estava fechando a videolocadora. Ele guardou as chaves. — A loja não abre no Natal — explicou a Shadow, animado. — Mas eu venho na hora do ônibus. Para ver se está tudo bem. Ia me sentir péssimo se algum pobre coitado se perdesse em pleno Natal e eu não estivesse aqui para ajudar.

Estava perto o bastante para que Shadow visse o rosto dele. Um rosto velho mas satisfeito: o rosto de um homem que havia comido o pão que o diabo amassou e descoberto que, no fim das contas, era um croissant, e dos bons.

— Bom, você poderia me dar o telefone de uma cooperativa de táxi daqui — sugeriu Shadow.

— Eu *poderia* — respondeu o velho, incerto —, mas Tom já deve estar na cama a esta hora da noite, e, mesmo que você conseguisse acordá-lo, não adiantaria muito. Eu o vi no bar hoje mais cedo, e ele estava muito alegrinho. Muito mesmo. Aonde você quer ir?

Shadow lhe mostrou o endereço preso à chave.

— Olha, fica a uns dez, vinte minutos de caminhada daqui, passando pela ponte e depois dando a volta. Mas não tem graça andar com este frio, e já

reparou que sempre parece mais longe quando você não sabe para onde está indo? A primeira vez leva uma eternidade, mas nas outras você chega rapidinho.

— É — concordou Shadow. — Nunca tinha visto por esse ângulo. Mas acho que você tem razão.

O velho assentiu. O rosto se abriu em um sorriso rachado.

— Ora, é Natal. Eu e Tessie podemos levar você lá.

— Tessie? — perguntou Shadow, e logo depois acrescentou: — Quer dizer, obrigado.

— De nada.

Shadow seguiu o velho até a rua, onde um conversível antigo enorme estava estacionado. Parecia o tipo de carro que gângsteres teriam orgulho de dirigir, nos Loucos Anos 1920, com estribos de ferro e tudo o mais. Sob as lâmpadas de sódio, a cor da lataria escura poderia ser tanto vermelho quanto verde.

— Esta é a Tessie — anunciou o velho. — Não é uma beleza?

Ele deu um tapinha possessivo na parte onde o capô se encurvava acima do pneu dianteiro direito.

— Que modelo é? — perguntou Shadow.

— É um Wendt Phoenix. A Wendt faliu em 1931, e a Chrysler comprou a marca, mas nunca mais fabricou nenhum carro desse modelo. O fundador da empresa, Harvey Wendt, era daqui da região. Ele se mudou para a Califórnia e se matou em... hã, 1941, 1942. Uma tragédia.

O carro tinha cheiro de couro e um aroma mais antigo de fumaça de cigarro — não era um cheiro novo; era como se, ao longo dos anos, tantas pessoas tivessem fumado tantos cigarros e charutos dentro do carro que o cheiro de tabaco queimado se transformara em parte da essência do veículo. O velho virou a chave na ignição, e Tessie pegou de primeira.

— Amanhã ela vai para a garagem — comentou o velho. — Vou cobrir minha menina com uma capa, e ela vai ficar lá até a primavera. Para falar a verdade, eu nem devia estar com ela na rua, tem muita neve no chão.

— Ela não anda bem na neve?

— Ah, anda, sim. O problema é o sal que colocam na rua, para derreter a neve. Deixa essas belezinhas antigas enferrujadas muito mais rápido do que você imagina. Vamos direto, ou você quer um tour completo pela cidade sob o luar?

— Não quero incomodar...

— Não é incômodo nenhum. Na minha idade, a gente tem que agradecer quando consegue tirar um cochilo que seja. Hoje em dia, fico feliz se conseguir dormir cinco horas por noite... É só acordar que a minha cabeça começa a trabalhar e não para mais. Nossa, mas eu nem me apresentei! Assim parece que minha mãe não me deu educação! Meu nome é Hinzelmann. Eu até diria que

você pode me chamar de Richie, mas o pessoal daqui dessas bandas me chama só de Hinzelmann mesmo. Eu apertaria a sua mão, mas preciso das duas para dirigir a Tessie. Ela fica chateada quando não lhe dou atenção.

— Mike Ainsel — apresentou-se Shadow. — É um prazer, Hinzelmann.

— Muito bem, vamos contornar o lago. Tour completo!

A principal via da cidade, onde os dois homens estavam, era uma rua bonita, mesmo de noite, e tinha um ar antigo — mas no melhor sentido da palavra, como se tivesse sido importante para os moradores durante muito tempo, e ninguém ali estivesse com muita pressa de perder algo tão estimado.

Hinzelmann lhe indicou os dois restaurantes da cidade quando passaram em frente a eles (um de comida alemã e um cuja comida ele descreveu como “grega, norueguesa, um pouco de tudo... e vem um *popover* em todos os pratos”), e também a padaria e a livraria (“Eu sempre achei que não tem como uma cidade ser uma cidade de verdade se não tiver uma livraria. Pode até levar o título de cidade, mas, se não tiver uma livraria, ela sabe muito bem que não engana ninguém”). Ele desacelerou a Tessie quando passaram na frente da biblioteca, para Shadow dar uma olhada. Antigas lâmpadas a gás bruxuleavam acima do batente da porta, e Hinzelmann as indicou, muito orgulhoso.

— A biblioteca foi construída em 1870 por um sujeito chamado John Henning, um magnata da região, do ramo madeireiro. Queria que o lugar fosse chamado de Henning Memorial Library, mas, depois que ele morreu, o pessoal daqui começou a chamar a biblioteca de Lakeside Library, e acho que vai ser esse nome até o fim dos tempos. Não é uma maravilha?

Ele não conseguiria sentir mais orgulho da biblioteca, nem se ele mesmo a tivesse construído. Shadow achou que o prédio parecia um castelo, e foi o que disse.

— Isso mesmo! — concordou Hinzelmann. — Tem até torretas. Foi intencional. Henning queria que a construção fosse assim por fora. Lá dentro ainda tem as estantes originais de pinho. Miriam Shultz quer arrancar tudo lá de dentro e modernizar as instalações, mas o lugar é tombado, então não tem nada que ela possa fazer.

Foram contornando o lado sul do lago. A cidade se estendia ao seu redor, uns dez metros abaixo do nível da rua. Shadow via blocos de gelo branco pela superfície, e em alguns pontos um pedaço brilhante de água refletia as luzes da cidade.

— Ih, parece que a água está congelando — comentou.

— Já faz um mês que o lago congelou — respondeu Hinzelmann. — As partes mais opacas são montinhos de neve, e os pontos brilhantes são gelo. Congelou logo depois do Dia de Ação de Graças. Foi uma noite fria, e ficou uma

camada de gelo lisa feito vidro. Você pesca no gelo, senhor Ainsel?

— Nunca pesquei.

— Ah, é a melhor coisa para um homem. Nem tanto pelo peixe, mas pela paz de espírito que a gente leva para casa no fim do dia.

— Ah, vou me lembrar disso. — Shadow ficou observando o lago pela janela da Tessie. — Será que já dá para andar em cima?

— Dá para andar em cima. Dá para dirigir também, mas eu não arriscaria, não. Faz seis semanas que está fazendo frio aqui em cima. Se bem que temos que levar em conta que as coisas congelam mais e mais rápido aqui no norte do Wisconsin do que em muitos lugares. Eu saí para caçar uma vez, tinha ido caçar cervos... isso há uns trinta, quarenta anos... então eu atirei em um veado e errei, e ele saiu em disparada pela floresta. Foi lá do lado norte do lago, perto de onde você vai ficar, Mike. Nossa, era o bicho mais bonito que eu já vi, tinha uma galhada enorme, de vinte pontas, e era do tamanho de um cavalo pequeno, juro. Na época, eu era mais novo e mais corajoso do que agora, e, apesar de ter começado a nevar antes do Dia das Bruxas naquele ano, era Dia de Ação de Graças, e o chão estava cheio de neve fresca, recém-caída, então dava para ver as pegadas do bicho. Parecia que o grandalhão estava fugindo para o lago, apavorado.

“Bem, só um idiota iria atrás de um cervo, mas lá fui eu, o idiota, correndo atrás dele, e lá estava o bicho, parado no meio do lago, uns vinte centímetros de água cobrindo as patas, e ele estava olhando bem para mim. E, naquele instante, o sol se escondeu atrás de uma nuvem, e o gelo chegou. A temperatura deve ter caído uns quinze graus em dez minutos, sem brincadeira. E aquele cervo velho se preparou para sair correndo, mas não conseguiu nem sair do lugar. Ficou paralisado no meio do gelo.

“E eu só fui andando até ele, bem devagar. Dava para ver que o bicho queria correr, mas não tinha a menor condição, com os pés congelados daquele jeito. Só que eu não tenho coragem de matar um animal indefeso, não se ele não tiver como escapar. Que tipo de homem faz uma coisa dessas, hein? Então eu peguei minha espingarda e disparei um cartucho inteiro para o alto.

“Bem, o barulho foi ensurdecedor, e o susto foi tão grande que o bicho correu até do próprio couro. E foi exatamente isso que aconteceu, já que ele estava com as patas presas no gelo. O grandalhão deixou o couro e a galhada para trás, presos no gelo, e saiu correndo para a floresta, todo rosa como um bebê de rato, tremendo sem parar.

“Fiquei me sentindo tão mal que convenci o Clube de Tricô da Terceira Idade a tricotar uma roupa bem quentinha para ele usar no inverno, e elas fizeram um negócio de lã enorme de uma peça, para o veado não morrer de frio. E claro que

foi a gente quem levou a pior, porque elas fizeram o negócio todo de lã laranja berrante, para nenhum caçador atirar nele. Os caçadores daqui usam roupa laranja na temporada de caça — acrescentou, prestativo. — E, se você duvidar de qualquer parte da história, posso provar que é tudo verdade. Tenho a galhada até hoje exposta na minha sala de estar.”

Shadow deu risada, e o velho abriu o sorriso satisfeito de um grande artífice. Pararam diante de um prédio de tijolinhos, com uma varanda enorme de madeira, onde lâmpadas natalinas douradas piscavam, convidativas.

— Esse é o cinco-zero-dois — disse Hinzelmann. — O apartamento três fica no último andar, do outro lado, com vista para o lago. Você está entregue, Mike.

— Obrigado, senhor Hinzelmann. Posso ajudar com a gasolina?

— É só Hinzelmann. E você não me deve nem um centavo. Eu e Tessie lhe desejamos um feliz Natal.

— Tem certeza de que não posso oferecer nada?

O velho coçou o queixo.

— Vamos fazer o seguinte: um dia desses, lá pela semana que vem, venho aqui fazer uma visita e vender uns números. Da rifa. É para a caridade. Por enquanto, meu jovem, pode ir para cama.

Shadow abriu um sorriso.

— Feliz Natal, Hinzelmann.

O velho cumprimentou Shadow com sua mão dura e calejada como um ramo de carvalho, os nós dos dedos avermelhados.

— Ande com cuidado até o prédio, ouviu? O chão está escorregadio. Dá para ver a porta do seu apartamento daqui. Fica ali do lado, está vendo? Vou esperar aqui no carro até você entrar. Só me faça um sinal de positivo se chegar bem, que aí eu vou embora.

Ele deixou o Wendt em ponto morto até Shadow subir a escada de madeira na lateral do edifício e abrir a porta do apartamento. Shadow fez um sinal de positivo, e o velho deu a partida no Wendt — *na Tessie*, pensou Shadow, e a ideia de um carro com nome o fez sorrir outra vez —, e os dois manobraram e voltaram pela ponte.

Shadow fechou a porta. O lugar estava gelado. Cheirava a gente que partira para viver outras vidas e a tudo que essas pessoas tinham comido e sonhado. Encontrou o termostato e o girou até programá-lo para vinte graus. Entrou na cozinha minúscula, conferiu as gavetas e abriu a geladeira cor de abacate, mas ela estava vazia. O que não foi nenhuma surpresa. Pelo menos não cheirava a mofo e parecia limpa.

Encontrou um colchão sem lençóis em um quartinho ao lado da cozinha, junto de um banheiro ainda menor, quase todo ocupado por um boxe de chuveiro.

Uma velha guimba de cigarro boiava dentro do vaso, e a água estava turva. Shadow deu a descarga.

Achou um jogo de lençóis e cobertores dentro de um armário e fez a cama. Então tirou os sapatos, o casaco e o relógio e se deitou ainda vestido, ponderando quanto tempo levaria até conseguir se esquentar.

As luzes estavam apagadas, e o silêncio era quase total, exceto pela vibração da geladeira e por um rádio tocando em algum lugar do prédio. Shadow ficou ali, deitado, no escuro, sem saber se tinha perdido o sono depois do cochilo no ônibus, e se a fome e o frio e a cama nova e a loucura das últimas semanas teriam se aliado para mantê-lo acordado.

No silêncio, escutou um estalo — parecia um tiro. Achou que fosse um galho quebrando ou o gelo. Fazia muito frio.

Shadow se perguntou quanto tempo teria que esperar até Wednesday vir buscá-lo. Um dia? Uma semana? Não importava quando seria, ele sabia que precisava se concentrar em alguma coisa até lá. Decidiu que voltaria a malhar e a treinar os truques e as empalmadas com moedas até conseguir fazê-los de olhos fechados (*Treine todos os truques*, cochichou alguém dentro de sua mente, uma voz que não era a dele. *Todos, menos um: não treine o truque que aquele pobre coitado do falecido Mad Sweeney lhe ensinou. Mad Sweeney, que morreu por causa das intempéries e do frio, por ter caído no esquecimento e por não ter mais qualquer função — aquele truque não. Ah, aquele não*).

Mas era uma boa cidade. Shadow podia sentir.

Pensou no sonho — se é que tinha sido um sonho — que teve naquela primeira noite em Cairo. Pensou em Zorya... como era mesmo o nome dela? A irmã da meia-noite. E então pensou em Laura...

Foi como se pensar nela tivesse aberto uma janela em sua mente. Podiavê-la. De alguma forma, podia ver sua falecida esposa.

Laura estava em Eagle Point, no quintal da enorme casa da mãe.

Estava parada, de pé, no frio que não sentia mais — ou que sentia o tempo todo —, atrás da casa que a mãe comprara em 1989 com o dinheiro que recebera do seguro depois que o pai de Laura, Harvey McCabe, faleceu — um ataque cardíaco fulminante enquanto fazia força na privada —, e Laura olhava lá para dentro, as mãos frias apoiadas no vidro que seu hálito não embaçava, vendo a mãe e a irmã e os filhos e o marido da irmã, que tinham vindo do Texas para o Natal. Na escuridão do lado de fora, era lá que Laura estava, incapaz de desviar o olhar.

Shadow sentiu as lágrimas brotando nos olhos e se virou na cama.

Wednesday, pensou, e, apenas com isso, outra janela se abriu, e agora ele estava em um canto do quarto no Hotel 6, observando duas figuras girando e se

contorcendo no ambiente quase às escusas.

Sentiu-se bisbilhotando, então afastou seus pensamentos, obrigando-os a voltar para si. Foi imaginando imensas asas pretas voando pela noite em sua direção, viu o lago se abrir abaixo de si, enquanto o vento que soprava do Ártico inundava a terra com seu frio, obrigando tudo que ainda estava líquido a se tornar sólido com o toque de seus dedos gélidos, cem vezes mais frios do que os de qualquer cadáver.

Sua respiração aos poucos desacelerou, e ele não sentia mais frio. Ouviu o vento cada vez mais forte, então um grito angustiado no edifício e, por um instante, pensou ter escutado palavras ao vento.

Se era para estar em algum lugar, podia muito bem ser ali mesmo, pensou. Então dormiu.

ENQUANTO ISSO. UMA CONVERSA.

DING DONG.

— Senhorita Crow?

— Eu.

— Samantha Black Crow?

— Isso.

— A senhorita se incomodaria se fizéssemos algumas perguntas?

— Na verdade, sim. Eu me incomodaria, sim.

— Não há necessidade de agir assim, moça.

— Vocês são da polícia? O que vocês são?

— Meu nome é Town. Meu colega aqui é o senhor Road. Estamos investigando o desaparecimento de dois dos nossos companheiros.

— E como eles se chamavam?

— O quê?

— Me diga o nome deles. Quero saber como eles se chamavam. Seus companheiros. Diga o nome deles, aí quem sabe eu ajudo vocês.

— Certo. Eles se chamavam senhor Stone e senhor Wood. Então, a senhorita pode responder algumas perguntas?

— Nossa, vocês olham para a primeira coisa que veem e decidem que vai ser o seu nome? “Ah, você vai ser o senhor Street e ele é o senhor Carpet. Agora cumprimentem o senhor Airplane”?

— Muito engraçado, mocinha. Primeira pergunta: precisamos saber se a senhorita viu este sujeito. Pode pegar a foto.

— Uau. Foto de frente e de perfil, com números embaixo... e grande. Mas ele é bonitinho. O que ele fez?

— Ele se envolveu em um assalto a banco em uma cidade pequena, alguns anos atrás. Era o motorista. Seus dois comparsas decidiram ficar com a pilhagem e o deixaram para trás. Ele ficou bravo. Encontrou os dois. Quase matou os ex-comparsas com as próprias mãos. O governo fez um acordo com os homens que ele feriu: os dois prestaram depoimento e receberam suspensão condicional da pena, e nosso Shadow aqui foi condenado a seis anos de prisão. Cumpriu três. Na minha opinião, a gente devia trancar esses tipos e jogar a chave fora.

— Nossa, eu nunca tinha ouvido ninguém falar isso na vida real. Pelo menos não em voz alta.

— Falar o quê, senhorita Crow?

— *Pilhagem*. Não é uma palavra que a gente escuta por aí. Talvez ainda se use nos filmes. Mas não na vida real.

— Isto não é um filme, senhorita Crow.

— Black Crow. Senhorita Black Crow. Meus amigos me chamam de Sam.

— Entendi, Sam. Muito bem, e quanto a este homem...

— Mas vocês não são meus amigos. Então podem me chamar de senhorita Black Crow.

— Olha aqui, sua metidinha de...

— Calma, senhor Road. A Sam... sinto muito. A senhorita Black Crow só quer ajudar. Ela é uma cidadã de bem.

— Moça, já sabemos que a senhorita ajudou Shadow. A senhorita foi vista com ele em um Chevy Nova branco. Pegando carona. E ele pagou o seu jantar. Sabe se ele disse alguma coisa que possa nos ajudar nessa investigação? Dois de nossos melhores homens estão desaparecidos.

— Eu não conheço esse cara.

— Conhece, sim. Por favor, não cometa o erro de achar que somos idiotas. Nós não somos idiotas.

— Entendi. Olha, eu conheço muita gente. Talvez tenha conhecido esse cara e

não lembre mais.

— Sabe, mocinha, seria bom se a senhorita colaborasse.

— Caso contrário vocês vão ter que me apresentar aos seus amigos, o senhor Gun e o senhor Knife?

— Olha, a senhorita não está facilitando para o seu lado.

— Nossa! Foi mal. Bem, tem algo mais que eu possa fazer? Porque estou querendo dar um tchauzinho e fechar a porta, daí imagino que vocês dois vão entrar lá no senhor Car e ir embora.

— Sua falta de colaboração foi registrada, senhorita.

— Tchauzinho.

Clique.

CAPÍTULO

DEZ

*Vou contar todos os meus
segredos
Mas sempre minto sobre o meu
passado
Então pode me mandar para
cama para sempre*

Tom Waits, “Tango Till
They’re Sore”

UMA VIDA INTEIRA na escuridão, cercado de imundice. Foi com isso que Shadow sonhou naquela primeira noite em Lakeside. A vida de uma criança num tempo muito longínquo e num lugar muito distante, uma terra do outro lado do oceano, bem onde o sol se levanta. Mas não havia amanhecer algum naquela vida, só penumbra durante os dias e cegueira quando chegavam as noites.

Ninguém falava com ele. Ouvia vozes humanas vindas de fora, mas o que compreendia da fala humana não era muito mais do que aquilo que compreendia dos pios das corujas ou dos ganidos dos cachorros. Lembrou-se, ou achou que se lembrou, de uma noite há quase metade de uma vida antes, quando uma daquelas pessoas grandes entrou ali, em silêncio — não bateu nele nem o alimentou: pegou-o nos braços e o levou ao peito. A pessoa tinha um cheiro bom. Fez sons de ninar. Gotas de água quente caíram em seu rosto, escorrendo dos olhos dela. Ele sentiu medo, e, imerso em medo, berrou.

A pessoa o deitou de volta no palheiro, às pressas, e saiu da barraca, fechando a porta atrás de si.

Ele se lembrava daquele momento sempre com certo carinho, assim como se lembrava da doçura do repolho, do gosto ácido da ameixa, da crocância da maçã, das maravilhosas nuances gordurosas do peixe assado.

E agora ele via os rostos no brilho das chamas, todos assistindo enquanto ele era levado para fora da cabana pela primeira vez — a única vez. Então as pessoas eram daquele jeito. Criado em meio à escuridão, ele nunca tinha visto rostos. Tudo era muito novo. Muito estranho. A luz do fogo incomodava os olhos. As pessoas o puxaram pela corda enrolada em seu pescoço e o

conduziram até o espaço entre as duas fogueiras, onde o homem o aguardava.

A primeira lâmina foi erguida sob a luz das chamas, um grito se ergueu da multidão em polvorosa, e a criança vinda da escuridão começou a rir junto, e como ria, de puro deleite e liberdade.

Então a lâmina desceu.

Shadow abriu os olhos e reparou em como estava com fome e com frio, dentro de um apartamento onde uma fina camada de gelo embaçava o vidro da janela. Achou que aquilo fosse resultado do congelamento de sua respiração. Saiu da cama, satisfeito por não precisar se vestir. Ao passar, raspou uma janela com a unha e sentiu o gelo acumular no dedo e virar água.

Tentou se lembrar do sonho, mas só se recordava de mistério e escuridão.

Calçou os sapatos. Pensou em andar até o centro — teria que atravessar a ponte na parte norte do lago, se bem lembrava a geografia da cidade. Vestiu o casaco fino, pensando na promessa que fizera a si mesmo de comprar um casaco bem quente de inverno, abriu a porta do apartamento e saiu para a varanda de madeira. O frio era de tirar o fôlego. Shadow inspirou, sentindo cada pelo das narinas congelar. A varanda oferecia uma bela vista do lago, as manchas cinza irregulares cercadas por uma imensidão branca.

Shadow tentou adivinhar a temperatura. A frente fria havia chegado, sem sombra de dúvida. Devia estar abaixo de zero, e a caminhada não seria agradável, mas Shadow tinha certeza de que conseguiria chegar ao centro sem grandes problemas. O que foi que Hinzelmann tinha dito mesmo? Dez minutos de caminhada? E Shadow era grande. Poderia andar a passos largos e se manter aquecido.

Saiu para o sul, na direção da ponte.

Em pouco tempo começou a tossir: uma tosse seca e curta, que aumentava à medida que o ar gélido chegava a seus pulmões. Em pouco tempo, as orelhas, o rosto e os lábios começaram a doer, logo seguidos pelos pés. Shadow enfiou as mãos sem luvas nos bolsos do casaco e as fechou bem apertado, tentando produzir algum calor. Ele se lembrou das histórias absurdas que Low Key Lyesmith contava sobre os invernos de Minnesota — sobretudo daquela envolvendo um caçador que precisou subir em uma árvore para escapar de um urso, num dia em que a temperatura estava bem abaixo de zero, e, para descer, pôs o pinto para fora e soltou um jato amarelo de urina fumegante, que congelou na mesma hora, e foi deslizando pelo poste firme de urina congelada até chegar ao chão. Shadow esboçou um sorriso com a lembrança e soltou mais uma tossida seca e dolorosa.

Um passo, e outro, e outro. Ele olhou para trás. O prédio não estava tão longe quanto tinha imaginado.

Viu que aquela caminhada tinha sido um erro. Mas já estava a três ou quatro minutos do apartamento, e já podia ver a ponte do lago. Tanto fazia seguir em frente ou voltar para casa (e depois? Pedir um táxi pelo telefone mudo? Esperar a primavera chegar? Lembrou a si mesmo que não havia comida no apartamento).

Continuou andando, revendo as próprias estimativas da temperatura. -20°C? -30°C? Quem sabe -40°C, aquele ponto estranho no termômetro em que as escalas Celsius e Fahrenheit indicavam o mesmo número. Provavelmente não estava assim tão frio. Mas ainda tinha a sensação térmica do vento, que estava firme e forte e constante, soprando do lago, atravessando o Canadá em sua descida do Ártico.

Shadow se lembrou com amargura dos aquecedores químicos para mãos e pés que pegara dos homens no trem preto. Queria ainda tê-los.

Depois do que achava que tinham sido mais dez minutos de caminhada, a ponte ainda não parecia mais próxima. Ele sentia frio demais para tremer. Os olhos doíam. Não era frio puro e simples: era coisa de ficção científica. Um conto ambientado no lado oculto de Mercúrio, na época em que as pessoas achavam que Mercúrio tinha um lado oculto. Estava em algum lugar no rochoso Plutão, onde o sol era apenas mais uma estrela, só um pouco mais brilhante do que as outras, em meio à escuridão. Ali não devia ser muito longe dos lugares que de tão gelados o ar ficava denso, a ponto de poder ser carregado em baldes e derramado como cerveja.

Volta e meia passava um carro por ele, mas todos pareciam saídos de uma fantasia — eram naves espaciais, pequenos embrulhos congelados a vácuo habitados por pessoas com roupas mais quentes que as dele. Uma música antiga que sua mãe adorava, “Winter Wonderland”, começou a tocar em sua cabeça, e Shadow foi cantarolando de boca fechada e andando no ritmo da canção.

Perdera toda a sensibilidade nos pés. Olhou para os sapatos de couro preto e para as meias finas de algodão e ficou seriamente preocupado com a possibilidade de acabar com feridas por causa do frio.

Estava na hora de aquela brincadeira acabar. Já superara o nível da burrice, cruzara a fronteira e adentrara o território cem por cento genuíno do putamerda-o-que-foi-que-eu-fiz. Era como se suas roupas fossem de renda e poliéster: o vento passava direto, congelava os ossos e o tutano dentro deles, congelava os cílios, congelava o espaço quente embaixo do saco, que já se retraíra para dentro da cavidade pélvica.

Continue andando, disse a si mesmo. *Continue andando. Posso parar e tomar um pouco de ar quando chegar em casa.* Uma canção dos Beatles começou a tocar em sua cabeça, e ele ajustou os passos para seguir o ritmo. Foi só quando chegou ao refrão que ele percebeu que a música era “Help!”.

Estava quase na ponte. Ainda precisaria atravessá-la, então faltariam mais dez minutos, talvez até um pouco mais, para chegar às lojas no lado oeste do lago...

Um carro escuro passou por ele e parou, então deu a ré em meio a uma nuvem de fumaça do escapamento e parou a seu lado. O vidro baixou, e o vapor e o calor vindos de dentro do veículo se misturaram à fumaça do escapamento, formando uma baforada, um sopro de dragão que envolveu o carro.

— Tudo bem por aí? — perguntou um policial, de dentro do automóvel.

O primeiro instinto de Shadow, sua resposta automática, foi dizer: *Sim, tudo tranquilo, obrigado, senhor, não está rolando nada de mais. Pode ir embora. Não tem problema nenhum.* Mas era tarde demais para isso, e ele começou a dizer:

— Acho que estou congelando. Eu planejava andar até o centro para comprar comida e roupas de frio, mas subestimei a distância da caminhada... — Ele pensou que dissera isso tudo, e de fato dissera mentalmente, mas então se deu conta de que a única coisa que tinha saído de seus lábios foi um “C-C-Congelando” e o bater de dentes. Então completou: — D-Desculpe. Frio. Desculpe.

O guarda abriu a porta traseira e disse:

— É melhor você entrar aqui agora mesmo e se esquentar um pouco, está bem?

Shadow obedeceu, agradecido, e se acomodou no banco traseiro, esfregando as mãos e tentando não se preocupar com o estado dos dedos dos pés. O guarda se endireitou no banco do motorista. Shadow olhou para ele através da grade de metal. Tentou não pensar na última vez em que sentara no banco de trás de uma viatura, não reparar que as portas traseiras não tinham maçaneta por dentro; tentou se concentrar em esfregar as mãos para recuperar o tato. O rosto doía, os dedos das mãos, vermelhos, doíam, e, com o calor, os dedos dos pés estavam começando a doer de novo. Shadow achou que aquilo devia ser um bom sinal.

O policial engrenou o carro e voltou a dirigir.

— Olha, se me desculpa a franqueza — começou o sujeito, sem se virar para Shadow, apenas falando um pouco mais alto —, essa foi uma tremenda de uma burrice. Você não ouviu os alertas sobre o clima? Está fazendo -30°C. E só Deus sabe a sensação térmica, deve ser -50, -55°C. Mas acho que, quando a temperatura chega a -30°C, a sensação térmica é o menor dos problemas.

— Obrigado — disse Shadow. — Obrigado por parar. Muito, muito obrigado.

— Hoje de manhã, uma mulher de Rhinelander saiu para encher o comedouro de pássaros só de roupão e chinelo e congelou na calçada, congelou literalmente. Foi parar no hospital em estado grave. Deu no rádio mais cedo. Você é novo aqui na cidade. — Soava quase uma pergunta, mas o homem já sabia a resposta.

— Cheguei de ônibus noite passada. Tinha pensado em sair para arranjar comida, roupas quentes e um carro. Eu não estava esperando esse frio todo.

— É, o frio também me pegou de surpresa — concordou o policial. — Eu estava ocupado demais me preocupando com o aquecimento global. Meu nome é Chad Mulligan. Sou o delegado daqui de Lakeside.

— Eu me chamo Mike Ainsel.

— Prazer, Mike. Já está melhor?

— Um pouquinho.

— Então, aonde quer ir primeiro?

Shadow aproximou as mãos da saída de ar quente, mas os dedos doeram. Ele se recostou no banco — era melhor esperar o calor se espalhar naturalmente.

— Você pode me deixar no centro da cidade?

— Mas nem pensar. Olha, desde que você não precise da minha ajuda para fugir depois de roubar um banco, posso levar você para qualquer lugar, com todo o prazer. Considere isto um presente de boas-vindas da comunidade.

— Então por onde você sugere começar?

— Você chegou ontem à noite.

— Isso mesmo.

— Já tomou café da manhã?

— Ainda não.

— Bom, então esse me parece um ótimo ponto de partida — retrucou Mulligan.

Eles cruzaram a ponte e entraram na parte noroeste da cidade.

— Esta é a rua principal, a Main Street — indicou Mulligan —, e esta — continuou, atravessando a Main Street e virando à direita — é a praça.

Mesmo no inverno, a praça era impressionante, e Shadow sabia que era um lugar feito para ser visto no verão: haveria uma revolução de cores, com papoulas e íris e flores de todo tipo, com um aglomerado de bétulas em um dos cantos formando um recanto de verdes e pratas. No momento era um lugar incolor, belo de um jeito meio esquelético, o coreto vazio, o chafariz desativado, a fachada de tijolinhos do prédio da prefeitura toda coberta de neve bem branca.

— ... e aqui é a Mabel's — concluiu Chad Mulligan, estacionando na frente de um edifício antigo com vitrine alta, no lado esquerdo da praça.

Ele saiu do carro e abriu a porta traseira para Shadow. Os dois homens se curvaram para encarar o frio e o vento e atravessaram a calçada correndo, entrando em um salão aquecido, cheio de aromas de pão fresco, massa e sopa e bacon.

O lugar estava quase vazio. Mulligan sentou-se a uma mesa, e Shadow se acomodou na frente dele. Desconfiava que o sujeito estivesse fazendo aquilo

para conhecer melhor o forasteiro. Por outro lado, o delegado talvez simplesmente fosse o que parecia ser: um homem gente boa, simpático e prestativo.

Uma mulher veio depressa até a mesa. Não era gorda, mas era *grande*: uma mulher grande de sessenta e poucos anos, o cabelo em um tom de bronze meio envelhecido.

— Bom dia, Chad — cumprimentou. — Já sei, vai querer um chocolate quente enquanto decide o que vai pedir.

Ela entregou cardápios plastificados aos dois.

— Mas sem chantili — concordou o delegado. Então se virou para Shadow:

— A Mabel me conhece bem demais. Bem, e aí, o que você vai pedir, meu chapa?

— Chocolate quente parece ótimo — respondeu Shadow. — Mas eu quero com chantili.

— Isso mesmo, meu bem. Temos que viver perigosamente — disse Mabel. — E aí, Chad, não vai me apresentar? Ele é um policial novo?

— Ainda não — respondeu Chad Mulligan, oferecendo um breve vislumbre de seus dentes brancos. — Este é Mike Ainsel. Ele se mudou para Lakeside ontem à noite. Bem, eu já volto, se me dão licença.

O delegado se levantou, foi até os fundos do salão e entrou por uma porta com uma placa onde se lia: DE PÉ. Ficava ao lado de uma porta com uma placa onde se lia: SENTADAS.

— Ah, você é o novo morador daquele apartamento na Northridge Road. A antiga casa dos Pilsen. Ah, sim! — Ela parecia contente. — Já sei *exatamente* quem você é. Hinzelmann passou aqui mais cedo, atrás de sua *pasty* matinal. Ele já me contou tudo. Vocês dois só vão tomar chocolate quente, ou querem dar uma olhada no cardápio de café da manhã?

— Eu quero café da manhã — respondeu Shadow. — O que tem de bom?

— Tudo aqui é bom — retrucou Mabel. — Eu mesma faço. Mas aqui é o lugar mais longe da península que serve *pasties*, e olha, são muito boas. Esquentam o corpo e enchem bastante. É minha especialidade.

Shadow não fazia ideia do que era uma *pasty*, mas disse que adoraria experimentar. Pouco depois, Mabel voltou com um prato de algo que parecia uma empanada. A metade de baixo estava enrolada em um guardanapo. Shadow deu uma mordida: a comida era quente e recheada de carne, batata, cenoura, cebola.

— É a primeira vez que como uma dessas — comentou. — Bem gostosa.

— É típica lá da península — explicou a mulher. — Fora daqui, você só vê isso de Ironwood para cima. Foi trazida para cá pelo pessoal da Cornualha, que

veio trabalhar nas minas de ferro.

— Que península é essa?

— A Península Superior. É um pedacinho na parte nordeste do Michigan.

O delegado voltou do banheiro, pegou o chocolate quente e deu um gole, fazendo um barulhinho de sucção.

— Mabel, você obrigou nosso jovem amigo a comer uma *pasty*?

— Achei bem gostosa — interveio Shadow. E era mesmo: uma delícia saborosa envolvida em massa quente.

— E vai direto para a barriga — comentou Chad Mulligan, apalpando a própria barriga. — Quem avisa amigo é. Muito bem. Então você precisa de um carro, é isso?

Sem a pesada parca de inverno, o delegado se revelou um homem magrelo e desengonçado, mas com uma pança enorme e redonda. Parecia exausto e muito competente, estava mais para engenheiro do que para policial.

Shadow assentiu, de boca cheia.

— Muito bem. Dei uns telefonemas. O jipe do Justin Liebowitz está à venda, ele pediu quatro mil dólares, mas sei que aceita três. Os Gunther estão tentando vender um Hilux SW4 faz uns oito meses. É feio como o cão, mas eles devem estar quase pagando para tirar aquilo da garagem. Se você não ligar para aparências, é um ótimo negócio. Liguei lá do banheiro e deixei uma mensagem para Missy Gunther, na Lakeside Realty. Ela ainda não tinha chegado, deve estar fazendo o cabelo no Sheila's.

A *pasty* continuou gostosa até o fim. Para a surpresa de Shadow, enchia bastante mesmo. “Comida que dá sustança”, teria dito sua mãe. “Que faz você crescer para os lados.”

O delegado limpou a espuma do chocolate quente da boca e falou:

— Bem, pensei em fazermos uma parada lá na Henning's para comprar umas roupas de inverno de verdade para você; depois damos uma passada no Dave's, para você abastecer a despensa; daí depois eu deixo você lá na Lakeside Realty para ver o carro. Os Gunther vão ficar felizes se você puder dar mil à vista, mas acho que também concordariam com quinhentos por mês, durante quatro meses. Não é um carro muito bonito, como eu já falei, mas, se o filho deles não tivesse pintado de roxo, valeria uns dez mil. E é um bom carro, não vai deixar você na mão, e, se quer mesmo saber, é melhor ter uma máquina boa para circular durante um inverno desses.

— Nossa, fico muito agradecido — disse Shadow. — Mas você não devia estar prendendo uns bandidos, em vez de ajudar turistas? Não que eu esteja reclamando, claro.

Mabel deu risada e concordou:

— A gente sempre fala a mesma coisa.

Mulligan deu de ombros.

— É uma cidade tranquila — respondeu, simplesmente. — Não tem muito problema. Sempre tem alguém andando acima do limite de velocidade, mas isso é bom, já que são as multas que pagam o meu salário. Nas noites de sexta e sábado tem os idiotas que enchem a cara e batem na mulher, e o inverso também acontece, juro. Homens e mulheres. Eu fui da polícia de Green Bay, e lá descobri que, nas cidades grandes, é melhor atender um chamado de assalto a banco do que de violência doméstica. Mas as coisas são tranquilas por aqui. Só me chamam quando alguém tranca o carro com a chave dentro. Ou para reclamar de latidos de cachorro. E todo ano pegam uma garotada do secundário fumando maconha atrás das arquibancadas. O mais grave que já aconteceu por essas bandas nos últimos cinco anos foi quando Dan Schwartz ficou bêbado, atirou no próprio trailer e fugiu de cadeira de rodas pela Main Street, sacudindo a espingarda feito um doido varrido e berrando que ia atirar em quem se metesse no caminho, que ninguém podia impedi-lo de chegar à rodovia interestadual. Acho que queria ir até Washington matar o presidente. Ainda hoje dou risada quando me lembro de Dan indo para a interestadual naquela cadeira de rodas com um adesivo na parte de trás. MEU FILHO DELINQUENTE COME SUA ALUNA MODELO. Lembra, Mabel?

A mulher assentiu, comprimindo os lábios. Não parecia achar tanta graça.

— E o que você fez? — perguntou Shadow.

— Conversei com ele. Dan me entregou a espingarda e ficou dormindo na delegacia até passar a bebedeira. Ele não é má pessoa, só estava bêbado e chateado.

Shadow pagou pelo café da manhã e, apesar do protesto pouco veemente de Chad Mulligan, pelos dois chocolates quentes.

A Henning's era um prédio enorme na parte sul da cidade e vendia de tudo, de tratores a brinquedos (os brinquedos, assim como os enfeites natalinos, já estavam em liquidação). A loja estava cheia daqueles compradores que esperam as promoções pós-Natal. Shadow cruzou novamente com uma das meninas que conhecera no ônibus. A que passou por ele era a mais nova, e estava com os pais, andando logo atrás deles. Shadow acenou para ela, e a menina respondeu com um sorriso hesitante, ornado pelo aparelho com elástico azul. Ele ficou imaginando, distraído, como ela seria dali a uns dez anos.

Provavelmente tão bonita quanto a jovem caixa da Henning's, que registrou suas compras com um leitor de código de barras portátil e barulhento — Shadow não tinha a menor dúvida de que a menina registraria um trator com a mesma naturalidade, caso passassem dirigindo um na frente do caixa.

— Dez ceroulas? Está estocando, é? — brincou a menina. Ela parecia uma estrela mirim do cinema.

Shadow se sentiu de volta aos catorze anos, tímido e desajeitado. Ficou quieto enquanto a jovem registrava as botas térmicas, as luvas, os suéters e o casaco forrado com penas de ganso.

Nem passou por sua cabeça testar o cartão de crédito que Wednesday lhe dera, não com o delegado prestativo parado ali a seu lado, então pagou tudo em dinheiro. Depois levou as sacolas para o banheiro masculino, de onde saiu usando várias das aquisições.

— Ficou bonito, hein, grandalhão — comentou Mulligan.

— Finalmente não estou morrendo de frio — retrucou Shadow.

E, apesar de o vento gelado fazer seu rosto arder, quando chegou do lado de fora, pelo menos o resto do corpo estava aquecido. Por sugestão de Mulligan, guardou as sacolas de compras no banco traseiro da viatura e se sentou no carona, na frente.

— Então, senhor Ainsel, o que você faz? — perguntou o delegado. — Um cara grandão como você... No que você trabalha? Veio para Lakeside a trabalho?

Shadow sentiu o coração dar um salto, mas a voz saiu firme:

— Eu trabalho para o meu tio. Ele compra e vende coisas pelo país inteiro. Eu carrego o peso.

— Ele paga bem?

— Bom, eu sou da família. Ele sabe que não vou passar a perna nele nem nada, e aí também aproveito para aprender um pouco sobre o negócio. Pelo menos até eu decidir o que quero fazer da vida.

A mentira saía fácil, com convicção e naturalidade. Naquele momento, sabia tudo sobre o grandalhão Mike Ainsel, e gostava do sujeito. Mike Ainsel não tinha nenhum dos problemas de Shadow. Mike Ainsel nunca fora casado. Nunca fora interrogado a bordo de um trem de carga pelo sr. Wood e pelo sr. Stone. Mike Ainsel não conversava com a televisão (*Quer ver os peitos de Lucy?*, repetiu uma voz na cabeça dele). Mike Ainsel não tinha pesadelos, nem acreditava que vinha uma tempestade por aí.

Shadow encheu a cesta de compras no supermercado, pegando tudo o que parecia conveniente: leite, ovos, pão, maçãs, queijo, biscoito. Só um pouco de comida. Faria compras de verdade depois. Enquanto ele circulava pelo estabelecimento, Chad Mulligan cumprimentava outras pessoas e o apresentava aos moradores locais.

— Este é Mike Ainsel, que vai passar um tempo naquele apartamento vazio dos Pilsen. Nos fundos.

Shadow desistiu de tentar memorizar os nomes. Só foi apertando as mãos das

pessoas e sorrindo, um pouco suado, incomodado com as camadas de isolamento térmico dentro da loja aquecida.

Chad Mulligan o levou até a Lakeside Realty, do outro lado da rua. Missy Gunther, com o cabelo arrumado e cheio de laquê de quem acabou de sair do salão, não precisou que Shadow lhe fosse apresentado: ela sabia exatamente quem era Mike Ainsel. Ora, o senhor Emerson Borson, tio de Mike, era um doce, pura simpatia. O homem tinha passado lá fazia o quê, umas seis, oito semanas? E tinha alugado o antigo apartamento dos Pilsen, a vista não era de matar? Ora, querido, espere só até a primavera, nós temos muita sorte por aqui, porque vários lagos da região ficam muito verdes no verão por causa das algas, é de revirar o estômago, mas o nosso lago, ah... chega o feriado de Quatro de Julho e ainda dá para praticamente *beber* aquela água; e por sorte o senhor Borson já tinha deixado um ano inteiro de aluguel pago, e, quanto ao carro... ora, ela não conseguia acreditar que Chad ainda se lembrava, mas, sim, ela adoraria se livrar daquele trambolho. Para falar a verdade, já estava quase conformada com a ideia de dar o carro para Hinzelmann como sucata do ano e deduzir do imposto de renda... não que o carro fosse uma *sucata*, longe disso... não, era o carro do filho dela, antes de o garoto ir estudar em Green Bay, mas um dia ele pintou o negócio inteiro de roxo, ha-ha-ha, ela esperava que Mike Ainsel gostasse de roxo, era só isso que tinha a dizer. Mas não podia culpar o coitado se ele não gostasse...

O delegado pediu licença e foi embora mais ou menos no meio dessa ladinha.

— Parece que estão precisando de mim lá na delegacia. Foi um prazer, Mike — disse ele, passando as sacolas de compras de Shadow para a traseira do carro de Missy Gunther.

Missy foi com Shadow de carro até sua casa, onde encontraram a velha SUV parada na garagem. O vento jogara um pouco de neve em cima, cobrindo um dos lados do veículo com um branco ofuscante, mas o resto exibia a pintura de um tom de roxo tão berrante que só uma pessoa que passa muito tempo chapada conseguiria achar minimamente atraente.

Mas o carro pegou de primeira, e o aquecedor funcionava bem, embora tenha levado quase dez minutos na potência máxima para a temperatura interior começar a mudar do frio gélido insuportável para apenas um pouco frio. Enquanto o aquecedor do carro fazia seu trabalho, Missy Gunther levou Shadow para a cozinha da casa — desculpe a bagunça, mas essas crianças largam os brinquedos espalhados por tudo o que é canto depois do Natal, mas quem pode culpá-las, aceita um pouco de peru que sobrou da ceia? No ano passado serviram ganso, mas naquele ano foi um peru grande e velho, ah, então um café: fica pronto num instantinho —, e Shadow tirou um enorme carrinho de brinquedo de cima de um banco perto da janela e se sentou, enquanto Missy Gunther

perguntava se ele já tinha conhecido os vizinhos, o que ele teve que admitir que ainda não acontecera.

Enquanto o café passava aos pingos, Shadow foi informado de que havia mais quatro moradores no prédio — quando o lugar era dos Pilsen, eles moravam no térreo e alugavam os dois apartamentos de cima, mas o apartamento deles, o do térreo, foi ocupado por um casal de rapazes, o sr. Holtz e o sr. Neiman — e eles são mesmo um casal, e quando ela dizia *casal*, sr. Ainsel, nossa senhora... temos todo tipo de gente aqui, sabe, tem mais de um tipo de árvore na floresta, se bem que a maioria das pessoas desse tipo acaba indo para Madison ou Minneapolis, mas, sendo sincera, ninguém na cidade se importa. Foram passar o inverno em Key West, só voltam em abril, aí você vai poder conhecer os dois. Sabe, Lakeside é uma cidade ótima. A vizinha de porta do sr. Ainsel se chama Marguerite Olsen, mora com o filho pequeno — é uma moça muito, muito, muito doce, mas teve uma vida difícil, só que continua doce feito mel, trabalha lá no *Lakeside News*. Não é o melhor jornal do mundo, mas, para ser sincera, Missy Gunther achava que a maioria das pessoas dali preferia que fosse assim mesmo.

E, ah, completou ela, servindo o café, adoraria que o sr. Ainsel pudesse ver a cidade no verão ou no fim da primavera, quando desabrochavam os lilases e as flores de macieira e de cerejeira, olha, na opinião dela não existia nada mais lindo, não se encontrava nada parecido no mundo inteiro.

Shadow pagou quinhentos dólares de entrada, foi para o carro e engatou a ré, tirando-o do quintal e levando-o até a entrada da garagem propriamente dita. Missy Gunther bateu no vidro do motorista.

— Isto aqui é para você — anunciou, entregando um envelope pardo. — Eu quase me esqueci. É meio que uma brincadeira. Mandamos imprimir há alguns anos. Não precisa ver agora.

Shadow agradeceu e dirigiu com cuidado de volta para a cidade. Pegou a rua que contornava o lago. Desejou poder ver o lugar na primavera ou no verão ou no outono: com certeza seria lindo demais.

Chegou em casa em dez minutos.

Estacionou na rua mesmo e subiu a escada externa até o apartamento frio. Esvaziou as sacolas, guardou a comida nos armários e na geladeira e abriu o envelope de Missy Gunther.

Continha um passaporte. Era azul, com capa plastificada, e dentro havia uma declaração de que *Michael Ainsel* (o nome estava escrito na caligrafia cuidadosa de Missy Gunther) era cidadão de Lakeside. Na página seguinte havia um mapa da cidade. O resto estava cheio de cupons de desconto para várias lojas locais.

— Acho que vou gostar deste lugar — comentou Shadow, em voz alta. Olhou

pela janela, para o lago congelado. — Isso se esquentar algum dia.

Por volta das duas da tarde, alguém bateu à porta. Shadow estava treinando o truque do Sumiço Surpresa com uma moeda de vinte e cinco centavos, jogando-a de uma mão para a outra em um movimento imperceptível. As mãos estavam geladas e descoordenadas, deixando a moeda cair na mesa de novo e de novo — a batida na porta a fez cair outra vez.

Ele foi até a porta e a abriu.

Um momento de puro terror: o homem do outro lado usava uma máscara preta cobrindo a parte inferior do rosto. O tipo de máscara que um ladrão de bancos usaria, na televisão, ou que algum assassino em série de um filme ruim usaria para assustar as vítimas. A parte de cima da cabeça estava coberta por um gorro de lã preto.

Mas o homem era menor e mais magro do que Shadow e não parecia armado. E usava um casaco xadrez bem colorido, do tipo que assassinos em série costumam evitar.

— É o *hihelhan* — anunciou o visitante.

— Hein?

O homem baixou a máscara, revelando o rosto sorridente de Hinzemann.

— É o Hinzemann. Olha, não sei como a gente vivia antes de inventarem essas máscaras. Bem, eu me lembro de como a gente vivia. Usava uns gorros grossos que cobriam o rosto todo, junto com cachecóis e nem queira saber mais o quê. É um milagre o tipo de coisa que fazem hoje em dia. Eu posso ser velho, mas não vou ficar resmungando e falando mal do progresso, não mesmo.

Ele terminou o discurso entregando a Shadow uma cesta cheia de artigos da região — queijos, potes, vidros e vários salames pequenos que se proclamavam feitos de carne de cervo —, então entrou no apartamento.

— Feliz dia seguinte ao Natal. — Com ou sem máscara, seus nariz, orelhas e bochechas estavam vermelhos como framboesas. — Fiquei sabendo que você já comeu uma *pasty* inteira lá na Mabel's. Trouxe umas coisinhas.

— Nossa, muito obrigado — disse Shadow.

— Deixa disso, filho. Vou cobrar semana que vem, com a rifa. A associação de comerciantes é responsável pelos bilhetes, e eu sou responsável pela associação de comerciantes. Ano passado, arrecadamos quase dezessete mil dólares para a ala infantil do Hospital de Lakeside.

— E por que não me deixa comprar um número agora mesmo?

— Só começa a vender no dia em que a sucata vai para o gelo — explicou o velho. Ele olhou pela janela de Shadow para o lago. — Está frio lá fora. A temperatura deve ter caído uns vinte e cinco graus noite passada.

— É, o tempo mudou bem rápido — concordou Shadow.

— Antigamente a gente rezava para fazer um frio desses — comentou Hinzelmann. — Meu pai me contou. Quando os colonizadores começaram a chegar por estas bandas, os fazendeiros e lenhadores, isso muito antes de os mineiros chegarem, se bem que as minas nunca deram muito certo por aqui, mas podiam ter dado, porque tem bastante ferro aqui embaixo...

— As pessoas rezavam por dias assim? — interrompeu Shadow.

— Ah, é, era o único jeito de os colonizadores sobreviverem naquela época. Não tinha comida para todo mundo, e antigamente não dava para simplesmente ir até o Dave's e encher o carrinho, ah, não, senhor. Então meu vô teve uma ideia, e quando vinha um dia muito frio, que nem hoje, ele pegava minha vó e os filhos, meu tio e minha tia e meu pai, que era o caçula, e também a criada e os empregados, juntava todo mundo e levava o pessoal até o riacho, e lá ele dava um pouquinho de rum com ervas para eles beberem, uma receita que meu vô aprendeu ainda no velho mundo, então jogava água do riacho em todo mundo. Claro que as pessoas congelavam em segundos, ficavam azuizinhas, duras feito picolé. Aí meu vô arrastava todos eles até uma vala, que a família toda já tinha cavado e enchido de palha, e empilhava todo mundo ali, um de cada vez, que nem lenha, então enfiava palha em volta deles e cobria a vala com umas pranchas de madeira, para manter os bichos longe, porque naqueles tempos tinha lobo, urso e todo tipo de bicho que não se vê mais hoje em dia, mas aqui não tinha nenhum *hodag*, não, esse *hodag* é só história, e eu nunca abusaria da sua credulidade com essas histórias, ah, não, senhor. Mas meu avô cobria a vala com as pranchas e, quando vinha a nevasca seguinte, ela ficava completamente escondida, só com uma bandeira que ele cravava para marcar o lugar.

“Então meu vô passava um inverno confortável, sem nunca se preocupar com falta de comida ou de combustível. E, quando via que a primavera estava chegando para valer, ia até a bandeira, escavava a neve, tirava as pranchas, puxava todo mundo dali de dentro, um de cada vez, e colocava a família na frente da fogueira, para descongelar. Ninguém ligava, só um dos empregados, que perdeu metade da orelha para uma família de ratos, que comeu um pedaço numa vez que meu vô não fechou as pranchas direito. Claro que naquela época tinha invernos *de verdade*. Dava para fazer esse tipo de coisa. Esses invernos frouxos de hoje em dia não são frios o suficiente.”

— Ah, não? — perguntou Shadow, tentando se manter sério, dando corda para Hinzelmann e adorando o falatório.

— Não faz frio de verdade desde o inverno de 1949, e você é jovem demais para lembrar. *Aquilo, sim*, foi um inverno. Eu vi que você comprou um carro.

— Comprei mesmo. O que achou?

— Para ser sincero, eu nunca gostei daquele garoto dos Gunther. Eu cuidava

de um riacho de trutas lá na floresta, nos fundos do meu terreno, bem no limite... bem, para falar a verdade, o terreno era da cidade, mas eu colocava pedras no rio e fazia umas barragens e uns lugares onde as trutas gostavam de ficar. Pegava umas belezinhas... uma das que eu peguei devia ter quase oitenta centímetros, então aquele moleque derrubou todas as barragens e ameaçou me denunciar para o Departamento de Recursos Naturais. Ele foi lá para Green Bay, mas daqui a pouco volta para cá. Se ainda houvesse justiça no mundo, o moleque teria sumido do mapa, que nem esses fugitivos do inverno... mas não: ele fica grudado na cidade, feito carrapicho nas roupas de lã. — O velho começou a organizar o conteúdo da cesta de boas-vindas, colocando tudo sobre a pia. — Esta aqui é a geleia de maçã silvestre da Katherine Powdermaker. Ela me dá um vidro de presente todo Natal, desde antes de você nascer, e a verdade é que eu nunca abri nenhum. Ainda tenho todos no porão, uns quarenta, cinquenta vidros. Talvez um dia eu resolva abrir um e descubra que gosto. Enquanto isso não acontece, trouxe um para você. Talvez você goste.

Shadow guardou o vidro de geleia na geladeira, junto com os outros presentes que Hinzelmann trouxera.

— O que é isto? — perguntou, mostrando uma garrafa comprida e sem rótulo, cheia de uma substância oleosa esverdeada.

— Azeite de oliva. Fica assim nesse frio. Não se preocupe, funciona do mesmo jeito para cozinhar.

— Ah, sim. Que história é essa de fugitivos do inverno?

— Hum. — O velho levantou um pouco o gorro e esfregou a têmpora com um dedo indicador rosado. — Bom, não é algo que acontece só aqui em Lakeside. A cidade é ótima, melhor que muitas por aí, mas não é perfeita. Em alguns invernos... bem, às vezes um jovem ou outro fica meio doido quando o frio é tão grande que não dá nem para sair de casa, e ainda por cima tem aquela neve tão seca que esfarela a ponto de não dar nem para fazer uma bolinha...

— Aí eles fogem?

O velho assentiu, muito sério.

— Eu acho que a culpa é da televisão, que não para de mostrar para as crianças coisas que elas nunca vão ter... Esses *Dallas*, *Dinastia*, *Barrados no Baile*, *Hawaii Five-O*... essas porcarias todas. Eu não tenho televisão nenhuma desde o outono de 1983, só um aparelho preto e branco que deixo guardado no armário e só tiro se chega uma visita de fora e tem algum jogo importante passando.

— Quer beber alguma coisa, Hinzelmann?

— Nada de café. Me dá azia. Só quero água mesmo. — O velho balançou a cabeça. — O grande problema desta parte do mundo é a pobreza. Não a pobreza

que existia na época da Depressão, é uma coisa mais... como é que se diz, quando a coisa se esgueira pelas beiradas, que nem as baratas?

— *Traiçoeiro*?

— É. Traiçoeiro. O negócio das madeireiras acabou. A mineração acabou. Os turistas não passam de Dells, a não ser por alguns caçadores e uma garotada que gosta de acampar pelos lagos... e eles não gastam muito dinheiro nas cidades.

— Mas Lakeside me parece próspera.

O velho piscou os olhos azuis.

— É, mas dá muito trabalho, pode acreditar. Trabalho pesado. Mas é uma boa cidade, e todo o trabalho que as pessoas investem aqui vale a pena. Não que minha família não tenha sido pobre, quando a gente era criança. Pode me perguntar se a gente era muito pobre.

Shadow manteve-se muito sério e perguntou:

— Vocês eram muito pobres, senhor Hinzelmann?

— É só Hinzelmann, Mike. Minha família era tão pobre que não tinha nem como acender o fogo. Na véspera do ano-novo, meu pai mastigava uma pimenta bem ardida, e a gente ficava em volta, com as mãos estendidas, curtindo o calor.

Shadow bufou, irônico, diante da piada infame. Hinzelmann cobriu o rosto com a máscara, fechou o enorme casaco xadrez, tirou a chave do carro do bolso e, por fim, colocou as luvas imensas.

— Se começar a morrer de tédio aqui sozinho, passe lá na loja para me visitar. Vou lhe mostrar minha coleção de iscas feitas à mão. Vai ser tão chato que você vai ficar doido para voltar para este tédio aqui. — Sua voz soava abafada, mas audível.

— Combinado — respondeu Shadow, sorrindo. — E como vai a Tessie?

— Hibernando. Só acorda na primavera. Cuide-se, senhor Ainsel.

O velho fechou a porta ao sair.

O apartamento ficou ainda mais frio.

Shadow vestiu o casaco e colocou as luvas e as botas. Quase não dava mais para ver através das janelas, com os cristais de gelo que se formavam no vidro transformando a paisagem do lago em uma imagem abstrata.

Sua respiração se condensava, enevoando o ar em volta.

Ele saiu do apartamento e bateu à porta da vizinha. Ouviu uma mulher gritando para alguém *calar a boca pelo amor de Deus e abaixar o volume da tevê*. Achou que estivesse falando com alguma criança, já que adultos não gritam desse jeito com outros adultos, não naquele tom. A porta se abriu, e uma mulher cansada de cabelo muito comprido e muito preto o encarou, desconfiada.

— Pois não?

— Muito prazer, senhora. Meu nome é Mike Ainsel. Sou seu novo vizinho.

A expressão da mulher não se alterou nem um milímetro.

— Pois não?

— Minha senhora, o meu apartamento está um gelo. Até sai um pouco de ar quente do radiador, mas não é nem de longe o suficiente para aquecer o lugar.

A mulher o olhou de cima a baixo, então a sombra de um sorriso passou pelos cantos de sua boca.

— Então entre de uma vez, senão aqui dentro também vai ficar um gelo.

Shadow entrou no apartamento. Brinquedos de plástico multicoloridos estavam espalhados pelo chão. Montinhos de papel de presente rasgado jaziam perto da parede. Um menininho estava sentado a centímetros da televisão, assistindo a *Hércules*, da Disney, onde um sátiro batia os pés e gritava do outro lado da tela. Shadow manteve-se de costas para a tevê.

— Vamos lá — começou a mulher. — Vou lhe dizer o que fazer. Primeiro você precisa vedar as janelas. Dá para comprar o material lá na Henning's, parece um filme de PVC, mas para janelas. É só colar o negócio no vidro, e, se quiser dar uma caprichada, use um secador de cabelo para jogar um pouco de ar quente em cima, aí vai ficar colado o inverno todo. Isso não vai deixar o calor escapar. Daí você compra um ou dois aquecedores portáteis. A fornalha desse prédio é bem velha e não dá conta quando fica frio para valer. Nossos últimos invernos até que foram tranquilos, então acho que devíamos agradecer. — Ela estendeu a mão. — Sou Marguerite Olsen.

— É um prazer — respondeu Shadow, tirando uma das luvas e apertando a mão dela. — Na minha cabeça, todos os Olsen eram louros.

— Meu ex-marido tinha o cabelo quase branco de tão loiro. E era bem branquelo. Não ficava bronzeado nem por um decreto.

— Missy Gunther me contou que você trabalha para o jornal local.

— A mulher conta tudo para todo mundo. Nem sei por que precisamos de um jornal aqui na cidade, já que temos Missy Gunther à disposição. — Ela assentiu.

— Sim. Escrevo umas matérias aqui e ali, mas meu editor faz a maior parte do trabalho. Eu só mantendo a coluna de natureza, a de jardinagem e uma coluna dominical de opinião. E também tem as “Notícias da Comunidade”, que relatam, com abundância de detalhes, quem convidou a quem para jantar em um raio de vinte e cinco quilômetros. Ou será que é sem o *a*, só “quem convidou quem”?

— Convidou *quem* — deixou escapar Shadow. — O verbo é transitivo direto.

A mulher o encarou com seus olhos pretos, e Shadow experimentou um momento de puro déjà-vu. *Eu já estive aqui*, pensou.

Não, ela me lembra alguém.

— Enfim, é isso que você precisa fazer para aquecer o apartamento — concluiu ela.

— Obrigado — respondeu Shadow. — Quando já estiver mais quente, você e o seu garoto têm que aparecer por lá.

— O nome dele é Leon. Foi um prazer, senhor... desculpe...

— Ainsel. Mike Ainsel.

— E que nome é esse, Ainsel?

Shadow não fazia a menor ideia, então respondeu:

— É só o meu nome. Nunca me interessei muito pela história da minha família.

— Talvez seja norueguês?

— Minha família nunca foi muito próxima — declarou, como desculpa. Então se lembrou do tio Emerson Borson e acrescentou: — Não esse lado da família.

Quando o sr. Wednesday chegou, Shadow já cobrira todas as janelas com filme plástico transparente e ligara um aquecedor portátil na sala e um no quarto nos fundos. Estava quase aconchegante.

— Que porra de lata-velha roxa é aquela que você está dirigindo? — perguntou Wednesday, sua forma de dizer “oi”.

— Bem, você sumiu com a minha lata-velha branca. Aliás, cadê ela?

— Vendi em Duluth — respondeu Wednesday. — Cuidado nunca é demais. Não se preocupe, você vai receber sua parte no fim dessa história toda.

— E estou aqui para quê? — perguntou Shadow. — Em Lakeside, sabe. Não no mundo.

Wednesday abriu aquele sorriso, o que fazia Shadow ter vontade de lhe dar um soco.

— Você veio morar aqui porque é o último lugar onde pensariam em procurá-lo. Aqui, eu consigo manter você escondido.

— Dos vilões?

— Isso. Infelizmente, a House on the Rock está fora de questão. Isso dificulta um pouco as coisas, mas ainda dá para contornar. Agora só nos resta bater os pés, agitar as bandeiras, dar a meia-volta e andar por aí até a ação começar... o que vai demorar um pouco mais do que qualquer um esperava. Acho que vão segurar até a primavera. Não tem como acontecer nada muito grande até lá.

— Por que não?

— Porque eles podem até vir com esse papo de micromilissegundos e mundos virtuais e mudanças de paradigma e o que for, mas ainda habitam este planeta e ainda estão presos ao ciclo do ano. Estamos nos meses mortos. Uma vitória conquistada nestes meses é uma vitória morta.

— Não faço ideia do que você está falando — retrucou Shadow. Não era bem verdade. Tinha uma vaga noção, mas torcia para estar enganado.

— Este vai ser um inverno ruim, e nós dois vamos aproveitar o tempo que temos com muita sabedoria. Vamos reunir as tropas e escolher o campo de batalha.

— Tudo bem — respondeu Shadow. Sabia que Wednesday estava falando a verdade, ao menos em parte. Estavam se encaminhando para uma guerra. Não, não era isso: a guerra já tinha começado. Estavam se encaminhando para uma batalha. — Mad Sweeney disse que estava trabalhando para você quando o encontramos naquela primeira noite. Ele me falou isso antes de morrer.

— E eu por acaso ia contratar alguém que não conseguisse nem vencer um pobre coitado daqueles numa briga de bar? Mas não se preocupe: você já recompensou minha confiança mais vezes do que posso contar. Já foi a Vegas?

— Las Vegas?

— Isso mesmo.

— Não.

— Vamos para Madison hoje à noite, num voo noturno para cavalheiros, um avião fretado para grandes apostadores. Eu os convenci de que devíamos embarcar.

— Você nunca se cansa de mentir? — perguntou Shadow. Falou com delicadeza, genuinamente curioso.

— Nem um pouco. Mas nesse caso estou dizendo a verdade mesmo. Estamos fazendo a maior aposta de todas. Só vai levar algumas horas daqui até Madison, as estradas estão livres. Então tranque a porta e desligue os aquecedores. Seria terrível se a casa pegasse fogo enquanto você estivesse fora.

— E quem vamos encontrar em Las Vegas?

Wednesday respondeu.

Shadow desligou os aquecedores, enfiou algumas mudas de roupa em uma bolsa de viagem e se virou para Wednesday.

— Nossa, eu me sinto meio burro. Sei que você acabou de me dizer quem vamos encontrar, mas, sei lá... Acho que me deu branco. Esqueci. Quem era mesmo?

Wednesday repetiu.

Dessa vez, Shadow quase guardou o nome. Estava ali, na ponta da língua. Desejou ter prestado mais atenção na resposta de Wednesday. Deixou para lá.

— Quem vai dirigir? — perguntou.

— Você.

Saíram do apartamento, desceram a escada de madeira e percorreram o caminho gelado até um Lincoln preto estacionado.

Shadow dirigiu.

Ao entrarmos em um cassino, somos atacados por convites de todos os lados — convites que só poderiam ser recusados por um homem de pedra, sem coração, sem cérebro e curiosamente desprovido de cobiça. Escute só o estardalhaço das moedas de prata sendo despejadas na bandeja de um caça-níquel, transbordando para carpetes bordados com monogramas, logo substituído pelo canto de sereia esbravejante das máquinas, o coro de apitos metálicos e luzes piscantes engolido pelo salão colossal, que chega até as mesas de carteado abafado em um ruído de fundo baixo e reconfortante, sons distantes no volume ideal para manter a adrenalina correndo nas veias dos apostadores.

Todos os cassinos guardam um mesmo segredo, um segredo que protegem, preservam e valorizam, seu mistério mais sagrado. É que a maioria das pessoas não apostam para ganhar dinheiro, afinal de contas, mesmo sendo isso que anunciam, compram, vendem, alegam e sonham. Esse sonho é só a saída fácil que permite que os apostadores continuem mentindo para si mesmos, a grande mentira que os conduz por aquelas portas enormes e acolhedoras, sempre abertas.

Eis o segredo: as pessoas apostam para perder dinheiro. Todos vêm aos cassinos em busca do momento em que se sentem vivos, querendo girar a roleta e virar as cartas e se perder junto com as moedas nos caça-níqueis. Querendo a certeza de que ainda têm alguma importância. Até podem se gabar das noites em que ganharam, do dinheiro que conseguiram arrancar do cassino, mas, bem lá no fundo, estimam as vezes em que perderam. É uma espécie de sacrifício.

O dinheiro flui pelo cassino em uma correnteza ininterrupta de verde e prata, correndo de mão em mão, de apostador para crupiê, para caixa, para gerente, para segurança... até acabar no mais sagrado dos santuários, um altar escondido: a Sala de Contagem. E é ali que nos vemos: na sala de contagem daquele cassino, ali onde as verdinhas são separadas, empilhadas, indexadas — naquele espaço que aos poucos vai se tornando dispensável, com o dinheiro fluindo mais e mais pelo imaginário, uma sequência elétrica de zeros e uns, fluindo pelas linhas telefônicas.

Três homens contam dinheiro na Sala de Contagem, todos sob supervisão do olhar vítreo das câmeras que conseguem ver e dos olhos ínfimos das câmeras minúsculas, que não conseguem ver. Durante apenas um de seus turnos, cada homem conta mais dinheiro do que verá em todos os contracheques de sua vida somados. Em seu sono, cada um daqueles homens sonha com o contar do

dinheiro, com maços e elásticos e números que aumentam inexoravelmente para então serem organizados e perdidos. E cada um dos três homens já pensou — pelo menos uma vez por semana — em como burlar os sistemas de segurança do cassino e fugir com o máximo de dinheiro que conseguir carregar — e, com relutância, cada um daqueles três homens já analisou o devaneio e concluiu que não era possível e se contentou com o salário constante, evitando os fantasmas gêmeos da cadeia e das covas anônimas.

E ali, no sanctum sanctorum, estão os três homens que contam o dinheiro, estão os guardas que os vigiam e que trazem mais dinheiro e que levam o dinheiro embora, e também outra pessoa. Ele usa um terno cinza-grafite imaculado, tem cabelo escuro e barba feita, e seu rosto e sua postura, tudo nele é, em todos os sentidos, completamente imemorável. Nenhum dos outros ali já reparou em sua presença — e, se reparou, esqueceu no mesmo instante.

Quando acaba o turno, as portas se abrem, e o homem de terno grafite sai da sala e acompanha os guardas em sua caminhada pelos corredores, todos deslizando os pés pelos carpetes decorados com monogramas. O dinheiro, dentro de malotes e cofres, é conduzido para uma área de carga e descarga interna, onde é transferido para carros-fortes. Quando as portas das rampas se abrem, liberando o carro-forte para a madrugada de Las Vegas, o homem de terno grafite, sem nunca ser notado, sai andando pela porta e sobe a rampa num passo tranquilo até chegar à calçada. Ele nem sequer ergue os olhos para a imitação de Nova York à sua esquerda.

Las Vegas se tornou uma ilustração de cidade de sonhos de livro ilustrado infantil — aqui um castelo de contos de fadas, ali uma pirâmide preta, ao lado de uma esfinge que lança um raio de luz branca em direção ao céu escuro, como se fosse um sinalizador de pouso para óvnis, e oráculos de neon e telas giratórias espalhados por toda parte, prevendo felicidade e boa sorte, anunciando cantores e comediantes e mágicos da casa ou convidados, e as luzes sempre brilham e convidam e clamam. De hora em hora, um vulcão explode em luz e chamas. De hora em hora, um navio pirata afunda uma belonave.

O homem de terno grafite passeia tranquilamente pela calçada, sentindo o fluxo do dinheiro pela cidade. No verão, as ruas são escaldantes, e cada porta de loja pela qual ele passa sopra uma brisa gélida de ar-condicionado para o calor fervilhante, refrescando o suor em seu rosto. Agora, no inverno do deserto, faz um frio seco e muito apreciado. Ele vê, em sua mente, o deslocamento de dinheiro formando uma bela treliça, uma cama de gato tridimensional de luzes e movimento. E o que ele vê de beleza nessa cidade do deserto é a velocidade do movimento, a forma como o dinheiro vai de um lugar a outro, de mão em mão — é uma droga empolgante, uma onda de adrenalina, um fluxo de sensações que o

atraem para a rua, um vício.

Um táxi o segue lentamente pela rua, mantendo distância. O homem não percebe — nem mesmo pensa em perceber: é tão raro sua existência ser notada que ele acha praticamente inconcebível o conceito de alguém o seguir.

São quatro da manhã, e ele é atraído para um hotel e cassino que saiu de moda trinta anos atrás, mas que se mantém ativo — talvez até amanhã ou daqui a seis meses, quando será demolido e substituído por um palácio de prazer e esquecido para sempre. Ninguém conhece o homem, ninguém se lembra dele, mas o bar do saguão é um ambiente cafona e silencioso, o ar azulado pela fumaça antiga de cigarros, e alguém está prestes a apostar milhões de dólares em uma mesa de pôquer, em uma sala privada de algum andar superior. O homem de terno grafite se acomoda no bar, vários andares abaixo do jogo, e é ignorado pela garçonete. Uma versão instrumental genérica de “Why Can’t He Be You”, comum a todos os estabelecimentos comerciais e seus elevadores, toca baixinho, em um nível quase subliminar. Cinco sósias de Elvis Presley, cada um com um macacão de cor diferente, assistem a uma reprise de algum jogo de futebol americano na televisão do bar.

Um homem grandalhão de terno cinza-claro se senta à mesa do homem de terno grafite, e, reparando nele — ainda sem reparar no homem de terno grafite —, a garçonete magra demais para ser bonita, vítima de uma anorexia óbvia demais para trabalhar no Luxor ou no Tropicana e contando os minutos para o fim do turno, se aproxima com um sorriso. O grandalhão abre um sorriso ainda maior.

— Mas você está linda demais hoje, minha querida, uma visão e tanto para estes olhos velhos e cansados — diz o homem.

Já sentindo o cheiro da enorme gorjeta, a mulher responde com um sorriso largo.

O homem de terno cinza-claro pede um Jack Daniel’s para si e um Laphroaig com água para o homem de terno grafite sentado a seu lado.

— Sabe — diz o homem de terno cinza-claro, quando a bebida chega —, o melhor verso de poesia já criado em toda a história deste maldito país veio de Canada Bill Jones, em 1853, lá no Baton Rouge, enquanto lhe passavam a perna em um jogo de cartas. George Devol, que assim como Canada Bill não era homem de negar um golpe em algum trouxa, chamou Bill para um canto e perguntou se ele não tinha reparado que o jogo era roubado. E Canada Bill suspirou, deu de ombros e falou: “Eu sei. Mas é o único jogo rolando na cidade.” E voltou a jogar.

Olhos escuros observam o grandalhão de terno cinza-claro com desconfiança. O homem de terno grafite diz algo em resposta. O sujeito de terno claro, de

barba ruiva grisalha, balança a cabeça e responde:

— Olha, sinto muito pelo que aconteceu no Wisconsin. Mas tirei todo mundo de lá em segurança, não foi? Ninguém saiu ferido.

O homem de terno escuro toma um gole do Laphroaig com água, saboreando o gosto pantanoso, as nuances de cadáver-no-brejo do uísque. Ele faz uma pergunta.

— Não sei. As coisas estão indo mais rápido do que eu esperava. Está todo mundo doido atrás do garoto que eu contratei para cuidar de coisas genéricas. Ele está lá fora no táxi, esperando. Você ainda topa?

O homem de terno escuro responde.

O homem barbado balança a cabeça.

— Ninguém a vê há uns duzentos anos. Se ainda não morreu, então decidiu sair de cena.

Algo mais é dito.

— Que tal assim... — propõe o homem barbado, terminando o Jack Daniel's.

— Você vem, aparece quando a gente precisar, e eu resolvo o seu lado. O que você quer? Soma? Posso arranjar uma garrafa. Soma legítimo.

O homem de terno escuro o encara. Então assente, relutante, e faz um comentário.

— É claro que eu sei — retruca o barbado, com um sorriso afiado como uma navalha. — O que você esperava? Mas veja por este lado: é o único jogo rolando na cidade.

Ele estende a mão enorme e aperta a mão bem cuidada do homem de terno grafite. Então vai embora.

A garçonete magrela volta, confusa: só tem um homem na mesa do canto, um homem bem-vestido, de cabelo escuro e terno grafite.

— Tudo bem por aqui? — pergunta ela. — Seu amigo vai voltar?

O sujeito de cabelo escuro suspira e explica que não, seu amigo não vai voltar, e que, portanto, ela não será paga pelo tempo ou pelo incômodo. Então, vendo a mágoa nos olhos da mulher e se compadecendo, examina as tramas douradas com a mente, observa a matriz, segue o dinheiro até encontrar um nódulo e diz a ela que, se estiver do lado de fora do Treasure Island às seis da manhã, meia hora depois de sair do bar, ela vai conhecer um oncologista de Denver que terá acabado de ganhar quarenta mil dólares em uma mesa de dados e precisará de alguém para orientá-lo, lhe fazer companhia — alguém para ajudá-lo a se desfazer do dinheiro todo em quarenta e oito horas, antes de pegar o avião de volta para casa.

As palavras evaporam na mente da garçonete, mas a deixam feliz. Ela suspira, reparando que os caras da mesa do canto foram embora sem pagar

nem deixar gorjeta. Então decide que, em vez de voltar direto para casa quando seu turno acabar, vai até o Treasure Island. Mas, se alguém perguntasse, ela não saberia dizer por que tomou aquela decisão.

— Então, quem era aquele cara que você foi ver? — perguntou Shadow, enquanto caminhavam pelo terminal do aeroporto de Las Vegas. Até no aeroporto havia caça-níqueis. E até àquela hora da manhã havia gente diante deles, inserindo moedas. Shadow se perguntou se aquelas pessoas chegavam a sair do aeroporto, ou se simplesmente desembarcavam do avião, percorriam a pista até o terminal e paravam ali, presas pelo rodopio de imagens e pelo piscar de luzes, se ficavam no aeroporto até terem colocado a última moeda no caçaníquel, então davam a meia-volta e pegavam um avião para casa.

Achava que isso devia ser bem comum. Desconfiava que, de um jeito ou de outro, não devia haver muito que Las Vegas já não tivesse presenciado. E os Estados Unidos eram um país tão grande, com tanta gente, que sempre existiria alguém disposto a fazer o que fosse.

Foi quando Shadow reparou que estivera tão distraído que não ouvira a resposta de Wednesday, contando quem era o homem de terno escuro que tinham seguido de táxi.

— Então ele está dentro — concluiu Wednesday. — Mas vai me custar uma garrafa de Soma.

— O que é Soma?

— Uma bebida.

Os dois embarcaram no avião fretado, ocupado apenas por eles e um trio de executivos gastadores que precisavam voltar para Chicago antes do começo do dia próximo útil.

Wednesday se acomodou e pediu um Jack Daniel's.

— Pessoas como eu veem pessoas como você... — Ele hesitou. — É o mesmo que acontece com as abelhas e o mel. Cada abelha produz só uma gotinha minúscula. Milhares, talvez milhões, trabalham juntas para produzir o pote de mel que você coloca na sua mesa, no café da manhã. Agora imagine que a única coisa que você pode comer é mel. É assim para pessoas como eu... nós nos alimentamos de crença, orações, amor. Precisamos de muita gente acreditando um pouquinho para nos sustentar. É disso que precisamos, em vez de comida. Crença.

— E Soma é...

— Estendendo a analogia, Soma é aguardente de vinho. Hidromel. — Ele deu

uma risada. — É uma bebida. Um concentrado de oração e crença destilado até virar uma bebida bem forte.

Estavam em algum ponto acima do Nebraska, diante de um café da manhã pouco interessante, quando Shadow disse:

— Minha esposa.

— A que está morta.

— Laura. Ela não quer mais estar morta. Foi o que me falou. Depois que me ajudou a fugir dos caras no trem.

— Uma atitude digna de uma grande esposa. Livrá-lo dos dissabores do cativeiro e assassinar aqueles que desejavam feri-lo. Você deveria apreciá-la, sobrinho Ainsel.

— Ela quer estar viva de verdade. Não como uma morta-viva, ou seja lá o que ela for agora. Laura quer viver de novo. Dá para fazer isso? É possível?

Wednesday não deu um pio por tanto tempo que Shadow começou a achar que ele não tinha ouvido a pergunta, ou que, talvez, tivesse dormido de olhos abertos. Por fim, o deus declarou, olhando fixo para a frente:

— Conheço um encanto capaz de curar dor e doença, de desfazer o sofrimento no coração de um sofredor.

“Conheço um encanto que cura com um toque.

“Conheço outro encanto que desvia as armas do inimigo.

“Conheço mais outro encanto, que me liberta de qualquer amarra ou tranca.

“E um quinto encanto: posso pegar uma bala em pleno ar sem me ferir.”

As palavras saíam num tom baixo, urgente. O tom intimidador sumira, o sorriso sarcástico desaparecera. Wednesday falava como se recitasse as palavras de um ritual sagrado, como se enunciasse algo sombrio e doloroso.

— Um sexto: faz feitiços com intenção de me ferir ferirem apenas seu criador.

“Um sétimo encanto que eu conheço: posso aplacar uma chama só com o olhar.

“Mais um oitavo: se algum homem me odiar, posso conquistar sua amizade.

“E um nono: posso ninar o vento com uma canção e acalmar uma tempestade por tempo suficiente para um navio chegar à costa.

“Esses foram os nove primeiros encantos que eu aprendi. Por nove noites pendia da árvore nua, o corpo rasgado pela ponta de uma lança. Fiquei balançando e pairando ao sabor dos ventos frios e dos ventos quentes, sem comida nem água, um sacrifício meu para mim mesmo, e os mundos se abriram para mim.

“Com um décimo encanto, aprendi a afastar bruxas, a fazê-las rodopiar pelos céus até não conseguirem mais encontrar o caminho de volta para casa.

“E um décimo primeiro: se eu cantar no ardor de uma batalha, posso fazer os

guerreiros atravessarem o tumulto intocados e ilesos e trazê-los em segurança de volta para seus lares e lareiras.

“Um décimo segundo encanto que eu conheço: se vir um homem enforcado, posso tirá-lo da força e fazê-lo sussurrar tudo o que ele lembra.

“Um décimo terceiro: se eu espirrar água na cabeça de uma criança, essa criança não cairá em batalha.

“E um décimo quarto: sei o nome de todos os deuses. Cada um deles.

“Um décimo quinto: tenho um sonho de poder, de glória e de sabedoria e posso fazer as pessoas acreditarem nos meus sonhos.”

Wednesday falava com uma voz tão baixa que Shadow precisou se esforçar para ouvir por cima do barulho dos motores do avião.

— Um décimo sexto encanto que eu sei: se precisar de amor, posso redirecionar a mente e o coração de qualquer mulher.

“E um décimo sétimo, um encanto para que nenhuma mulher que eu desejar passe a querer outra pessoa.

“E conheço um décimo oitavo encanto, que é o maior de todos, e não posso contar a homem algum. Porque um segredo que ninguém mais sabe além de você mesmo é o segredo mais poderoso que existe.”

Ele suspirou e parou de falar.

Shadow sentia a pele se arrepiando. Foi como se tivesse acabado de ver uma porta aberta para outro lugar, a mundos de distância, onde homens enforcados balançavam ao vento em cada encruzilhada, onde bruxas gritavam voando pelo céu noturno.

— Laura — foi só o que disse.

Wednesday virou a cabeça e encarou os olhos cinza-claros de Shadow.

— Eu não tenho como fazê-la viver de novo — disse. — E não sei por que ela não está tão morta quanto devia.

— Acho que fui eu que fiz isso — comentou Shadow. — Foi culpa minha.

Wednesday levantou uma sobrancelha.

— Mad Sweeney me deu uma moeda de ouro quando me ensinou a fazer aquele truque. Pelo que ele disse, acabei ficando com a moeda errada. A que ele me deu era mais poderosa do que a que achou que estava dando. E eu dei a moeda para Laura.

Wednesday grunhiu, baixou a cabeça, encostando o queixo no peito, e franziu a testa. Depois, recostou-se.

— Pode ser isso. E, não, não tenho como ajudar. Mas é claro que o que você faz no seu tempo livre é problema seu.

— O que isso quer dizer? — perguntou Shadow.

— Quer dizer que não posso impedir-lo de ir atrás de pedras de águia e

pássaros do trovão. Mas preferiria mil vezes que você passasse seus dias acomodado na tranquilidade de Lakeside, escondido e, espero, esquecido. Quando as coisas ficarem complicadas, vamos precisar da ajuda de todos que estiverem disponíveis.

Ele parecia muito velho dizendo aquilo, e parecia muito frágil, e sua pele dava a impressão de ser quase transparente, e a carne por baixo era cinzenta.

Shadow quis — quis muito — tocar na mão grisalha de Wednesday. Quis dizer que ia ficar bem tudo — coisa na qual ele próprio não acreditava, mas sabia que precisava ser dita. Lá fora, homens viajavam em trens pretos. Um garoto gordo andava de limusine, e algumas pessoas na televisão queriam o mal deles.

Não encostou em Wednesday. Não falou nada.

Mais tarde, Shadow se perguntaria se aquilo teria deixado as coisas diferentes, se aquele gesto teria adiantado, se poderia ter evitado parte dos males que viriam. E disse a si mesmo que não. Sabia que não teria adiantado. Mas, ainda assim, mais tarde, desejou, só por um instante, naquele longo voo de volta para casa, ter tocado a mão de Wednesday.

A breve luz dos dias de inverno já estava sumindo quando Wednesday deixou Shadow na frente do apartamento. Ao abrir a porta do carro, a temperatura congelante pareceu ainda mais digna de ficção científica quando comparada a seu tempo em Las Vegas.

— Não vá arranjar problemas — alertou Wednesday. — Mantenha a cabeça baixa. Não agite as águas.

— Tudo ao mesmo tempo?

— E não venha dar uma de espertinho comigo, filho. Você pode ficar escondido aqui em Lakeside. Tive que cobrar um favor enorme para deixar você aqui, são e salvo. Se estivesse em uma cidade grande, você seria encontrado em questão de minutos.

— Vou ficar na minha e não vou arrumar confusão — disse Shadow, com franqueza. Tinha encarado problemas o suficiente para uma vida inteira e estava disposto a se distanciar deles para sempre. — Quando você volta?

— Logo — respondeu Wednesday.

O deus acelerou o motor do Lincoln, fechou a janela do carro e saiu dirigindo pela noite frígida.

CAPÍTULO

ONZE

*Três podem guardar um
segredo, se dois estiverem
mortos.*

Ben Franklin, *Almanaque do
Pobre Ricardo*

TRÊS DIAS FRIOS se passaram. O termômetro não marcou nenhuma temperatura acima de zero, nem ao meio-dia. Shadow não entendia como as pessoas tinham conseguido sobreviver àquele clima nos tempos em que não havia eletricidade, máscaras térmicas e roupas de baixo térmicas leves, ou as facilidades de locomoção.

O estabelecimento em que ele estava era uma mistura de videolocadora, oficina de curtimento, central de reboque e loja de artigos de pesca, e Hinzelmann lhe mostrava suas iscas de truta feitas à mão. Eram mais interessantes do que ele havia imaginado: réplicas coloridas de vida, feitas de pena e linha, cada uma com um anzol por dentro.

Shadow levou sua questão a Hinzelmann.

— Sério? — perguntou o homem mais velho.

— Sério — respondeu Shadow.

— Bom. Às vezes elas não sobreviviam, simplesmente morriam. Chaminés com vazamento e fornos com problema de ventilação matavam tanto quanto o frio. Mas aquela época era difícil... as pessoas passavam o verão e o outono juntando comida e lenha para o inverno. O pior mesmo era a loucura. Eu ouvi no rádio que tinha a ver com a luz do sol, que não tinha luz suficiente durante o inverno. Meu pai, ele dizia que as pessoas piravam. Chamavam isso de loucura de inverno. Lakeside sempre teve sorte, mas algumas cidades daqui das redondezas penavam. Quando eu era pequeno, ainda corria um ditado: se a criada não tentasse matá-lo até fevereiro, ela era uma frouxa.

“Os livros de contos de fadas eram puro ouro, e qualquer coisa que desse para ler era precioso, já que a cidade não contava com uma biblioteca. Quando o irmão do meu avô mandou um livro de histórias lá da Baviera, todos os alemães daqui se reuniram na prefeitura para ouvir meu avô lendo, e os finlandeses e

irlandeses e todos os outros fizeram os alemães contarem as histórias para eles.

“A trinta quilômetros ao sul daqui, lá em Jibway, encontraram uma mulher andando pela neve como veio ao mundo, carregando um bebê morto nos braços, sem deixar ninguém encostar na criança.”

Ele balançou a cabeça, perdido em pensamentos, e fechou o armário de iscas com um clique.

— Foi feio. Quer uma carteira de sócio daqui da locadora? Vão acabar abrindo uma Blockbuster aqui também, então estaremos com os dias contados. Mas, por enquanto, temos uma seleção bem razoável.

Shadow lembrou a Hinzelmann que não tinha televisão nem videocassete. Gostava da companhia do velho, com suas reminiscências, suas histórias de pescador, seu sorriso malicioso. Talvez as coisas ficassem estranhas entre os dois se Shadow admitisse que não gostava muito de ver tevê, principalmente depois que ela dera para falar com ele.

Hinzelmann abriu uma gaveta e pegou uma caixa de lata. Pelo jeito, a caixa já fora uma daquelas latas de bombons ou de biscoitos natalinos — na tampa, abrindo um sorriso enorme, estava estampado um Papai Noel já meio apagado, segurando uma bandeja de garrafas de Coca-Cola. Com um pouco de empenho, Hinzelmann conseguiu tirar a tampa de metal da caixa, revelando um caderno e talões em branco.

— Quantos você quer comprar? — perguntou.

— Quantos o quê?

— Bilhetes da sucata. Ela vai para o gelo hoje, então já começamos a vender os números da rifa. Cada bilhete custa dez dólares, cinco saem por quarenta, e dez, por setenta e cinco. Cada número corresponde a um intervalo de cinco minutos. Claro que não temos como garantir que ela vai afundar durante os seus cinco minutos, mas quem chegar mais perto de acertar ganha quinhentos dólares. Mil, se a sucata afundar nos seus cinco minutos. Quanto antes você comprar, mais opções de tempo tem para escolher. Quer ver a ficha de informações?

— Claro.

Hinzelmann entregou uma cópia da ficha para Shadow. A sucata era um carro velho sem motor nem tanque, e seria deixada em cima do gelo do lago durante o inverno. Em algum momento da primavera, o gelo derreteria e, quando ficasse fino demais para sustentar o peso de todo aquele metal, o carro seria engolido pelo lago. O mais cedo que a sucata afundou fora no dia 27 de fevereiro (“No inverno de 1998. Acho que nem dá para chamar aquilo de inverno”), e o mais tarde, em primeiro de maio (“Foi em 1950. Naquele ano, parecia que o reinado do inverno só teria fim se alguém cravasse uma estaca em seu coração”). O começo de abril parecia a época mais comum para o carro afundar — em geral

no meio da tarde.

Todos os horários do meio de tarde de abril já tinham sido reservados, riscados no caderno pautado de Hinzelmann. Shadow comprou um período de vinte e cinco minutos na manhã de 23 de março, entre 9h e 9h25. Entregou quarenta dólares a Hinzelmann.

— Quem me dera fosse assim tão fácil vender para as outras pessoas da cidade — comentou o velho.

— É para agradecer por aquele passeio na minha primeira noite na cidade.

— Nada disso, Mike — respondeu Hinzelmann. — É pelas crianças. — Ele pareceu muito sério de repente, sem qualquer sinal de malícia no rosto idoso enrugado. — Apareça lá hoje à tarde, você pode nos dar uma ajudinha para empurrar a sucata até o lago.

Ele entregou cinco cartões azuis para Shadow, cada um com uma data e um horário anotados na letra antiquada de Hinzelmann, e registrou os detalhes de cada cartão no caderno.

— Hinzelmann, você já ouviu falar de pedras de águia?

— Acho que já, não fica ao norte daqui? Ah, não, isso é o Águas de Águias, um riozinho. Acho que nunca ouvi falar nisso, não.

— E em pássaros do trovão?

— Bem, já vi uma exposição sobre tribos indígenas da América do Norte e lá tinham umas esculturas de pássaros do trovão, mas faz um tempo. Não estou ajudando em nada, não é?

— Não.

— Olha, que tal você pesquisar na biblioteca? O pessoal que trabalha lá é gente boa, talvez só estejam meio distraídos com a feira de livros desta semana. Eu mostrei onde fica a biblioteca, não mostrei?

Shadow assentiu, então se despediu. Queria ele mesmo ter pensado em ir à biblioteca. Entrou no Toyota roxo e dirigiu pela Main Street, contornando o lago até o ponto mais ao sul. Chegou ao edifício que lembrava um castelo e que abrigava a biblioteca da cidade. Entrou. Uma placa indicava o caminho que dava para o porão: FEIRA DE LIVROS. A biblioteca em si ficava no térreo, então ele bateu a neve das botas e foi até lá.

Uma mulher rabugenta, comprimindo os lábios pintados de vermelho, perguntou se poderia ajudá-lo. Seu tom não era muito amigável.

— Não sei se preciso de um cadastro para alugar livros — respondeu Shadow.

— Quero saber tudo que der sobre a captura de pássaros do trovão.

A mulher o mandou preencher uma ficha e explicou que levaria uma semana para o cartão da biblioteca chegar. Shadow ficou imaginando se passariam aquela semana consultando as outras bibliotecas do país para saber se ele não era

procurado por não devolver algum livro.

Quando estava na cadeia, conheceu um homem que tinha sido preso por roubar livros de bibliotecas.

— Acho que pegaram pesado na sua pena — comentara Shadow, quando o sujeito lhe contou por que estava lá dentro.

— Meio milhão de dólares em livros — informara o homem, orgulhoso. Seu nome era Gary McGuire. — A maioria eram livros raros e antigos de bibliotecas e universidades. Encontraram um depósito cheio de livros, do chão ao teto. Caso fácil.

— E por que você roubou esses livros? — perguntara Shadow.

— Eu queria que fossem meus — respondera Gary.

— Nossa. Meio milhão de dólares em livros.

Gary abrira um sorriso e, baixinho, dissera:

— Isso só no depósito que eles *acharam*. Ninguém encontrou a garagem em San Clemente, onde guardo as coisas *realmente* valiosas.

Gary morreu na cadeia quando o que a enfermaria classificara como corpo mole e preguiça se revelou uma ruptura de apêndice. E, ao entrar ali, na biblioteca de Lakeside, Shadow se pegou pensando na garagem em San Clemente, com caixas e mais caixas de livros raros, estranhos e lindos apodrecendo ao léu, todos amarelando, murchando, sendo devorados por insetos e bolor na escuridão, à espera de alguém que nunca viria libertá-los.

Crenças e Tradições dos Índios Americanos ocupava uma única estante posicionada em uma das torretas do castelo. Shadow pegou alguns livros e se sentou perto da janela. Em poucos minutos, descobriu que pássaros do trovão eram aves míticas gigantescas que viviam no topo das montanhas, que invocavam os relâmpagos e produziam os trovões com o bater de suas asas. Leu que algumas tribos acreditavam que o mundo tinha sido criado por aqueles pássaros. Mais meia hora de leitura e nenhuma informação nova, nenhuma referência a pedras de águia nos índices remissivos.

Shadow estava guardando o último livro que pegara na estante quando percebeu que alguém o observava. Alguém pequeno e muito sério o espiava por trás das enormes estantes. Quando ele se virou para olhar, o rosto sumiu. Ficou de costas para o menino, então espiou por cima do ombro e reparou que ele tinha voltado a olhar.

De seu bolso, Shadow pegou a moeda de um dólar com a efígie da Estátua da Liberdade. Ergueu a mão direita, segurando-a de modo que o menino conseguisse ver o brilho prateado. Fez uma empalmada, prendendo-a nos dedos da mão esquerda e mostrando as duas mãos vazias, então levou a mão esquerda até a boca e tossiu uma vez, fazendo a moeda cair para a mão direita.

O menino o encarou de olhos arregalados e saiu correndo. Voltou pouco depois arrastando Marguerite Olsen, que o encarou desconfiada, sem sorrir, e disse:

— Olá, senhor Ainsel. Leon me disse que você fez uma mágica para ele ver.

— Só um pouco de prestidigitação, senhora.

— Por favor, não faça mais.

— Sinto muito. Só estava tentando distrair o garoto.

Ela balançou a cabeça com firmeza. *Não discuta*. Shadow não discutiu.

— Nunca agradeci pelas suas dicas para aquecer o apartamento — comentou.

— Agora está bem quentinho.

— Que bom. — A expressão gélida dela nem sequer começou a derreter.

— Que biblioteca linda.

— O prédio é bem bonito. Mas a cidade precisa de algo mais eficiente e menos bonito. Você vai à feira de livros lá embaixo?

— Não pretendia ir, não.

— Bom, mas devia. É por uma boa causa. Rende dinheiro para comprar novos livros e libera prateleiras, mas o objetivo principal é angariar fundos para instalar computadores na seção infantil. Ainda assim, quanto antes construirmos uma nova biblioteca, melhor.

— Com certeza vou dar uma passada.

— É só seguir até a entrada do prédio e descer a escada. Foi um prazer, senhor Ainsel.

— Pode me chamar de Mike.

A mulher não respondeu, só pegou a mão de Leon e o levou para a seção infantil.

— Mas, mãe. — Shadow escutou Leon dizer — ... não era *presti ação*. *Não era*. Eu vi a moeda sumir e depois cair do *nariz* dele. Eu vi.

Um retrato a óleo de Abraham Lincoln o encarava da parede. Shadow desceu os degraus de mármore e carvalho até o porão da biblioteca, passando por uma porta que dava para um salão grande e cheio de mesas, cada uma coberta de livros de todos os tipos, distribuídos indiscriminadamente e organizados com certa promiscuidade: capas flexíveis e capas duras, ficção e não ficção, periódicos e enciclopédias, tudo lado a lado nas mesas, as lombadas para cima ou para fora.

Shadow perambulou até o fundo do salão, onde encontrou uma mesa coberta de livros de aspecto antigo, todos com encadernação de couro e o número de catalogação da biblioteca pintado em branco na lombada.

— Você é a primeira pessoa no dia que vai aí para esse canto — comentou o homem que estava sentado perto da pilha de caixas e sacolas vazias e da

caixinha de metal aberta, esperando o dinheiro. — A maioria só quer levar os *thrillers*, os livros infantis e os romances da Harlequin. Jenny Kerton, Danielle Steel, esse tipo de coisa. — O homem estava lendo *O assassinato de Roger Ackroyd*, de Agatha Christie. — Todos os livros das mesas custam cinquenta centavos cada, mas você pode levar três por um dólar.

Shadow agradeceu e continuou a examinar os volumes. Encontrou um exemplar das *Histórias* de Heródoto com capa de couro marrom descascando. O livro o fez se lembrar do exemplar que tinha deixado na cadeia. Encontrou um volume intitulado *Ilusionismos intrigantes*, que pelo jeito talvez ensinasse alguns truques com moedas. Levou os dois livros até o homem com a caixinha de dinheiro.

— Se você comprar mais um, vai continuar pagando só um dólar — disse o homem. — E também vai estar nos fazendo um favor. Precisamos liberar espaço nas prateleiras.

Shadow voltou até a mesa com livros velhos encadernados em couro. Decidiu que apanharia o livro que tivesse menos chances de ser comprado, mas ficou na dúvida entre *Moléstias comuns do trato urinário — com aquarelas de um médico* e uma compilação das *Minutas da Câmara Municipal de Lakeside 1872-1884*. Examinou as ilustrações do livro de medicina e concluiu que, em algum lugar da cidade, algum adolescente poderia usar o livro para provocar os amigos. Foi com as *Minutas* até o homem perto da porta, que recebeu seu dólar e guardou todos os livros em uma sacola de papel pardo do Dave's.

Shadow saiu da biblioteca. Dali dava para ver bem o lago, inclusive até o canto mais a nordeste. Dava até para ver o prédio onde morava, um caixote marrom perto da margem, depois da ponte. E viu alguns homens no gelo perto da ponte, quatro ou cinco, empurrando um carro verde-escuro para o meio do lago branco.

— Vinte e três de março — sussurrou para o lago. — Entre 9h e 9h25.

Ficou imaginando se o lago ou a sucata poderiam ouvi-lo — e, caso ouvissem, se lhe obedeceriam. Duvidava muito. Em seu mundo, a boa sorte era reservada às outras pessoas.

O vento batia em seu rosto, implacável.

Ao voltar para o apartamento, Shadow encontrou o policial Chad Mulligan esperando na frente do prédio. Sentiu o coração martelar quando viu a viatura, mas relaxou um pouco ao reparar que o policial estava só preenchendo alguma papelada no banco do motorista.

Foi até o carro, levando sua sacola de papel com os livros.

Mulligan baixou o vidro do carro.

— Feira de livros? — perguntou.

— É.

— Comprei um box de livros do Robert Ludlum lá, faz uns dois ou três anos. Ainda não consegui sentar para ler. Minha prima jura que esse cara é bom. Acho que eu só teria tempo de ler tudo se me largassem numa ilha deserta com a minha caixa de livros do Robert Ludlum.

— Delegado, posso ajudar em alguma coisa?

— Nem um pouco, meu caro. Só quis dar uma passada aqui para ver como estão as coisas. Conhece aquele ditado chinês, “Você se torna eternamente responsável pela vida do homem que salva”? Bom, não estou dizendo que salvei a sua vida semana passada. Mas mesmo assim quis ver como você estava. Como vai o Roxomóvel dos Gunther?

— Bem — respondeu Shadow. — Vai bem. Anda que é uma beleza.

— Bom saber.

— Vi minha vizinha de porta na biblioteca — comentou Shadow. — A senhorita Olsen. Fiquei me perguntando...

— Quantos limões estragados ela chupou para ficar daquele jeito?

— Algo assim.

— É uma longa história. Vamos dar uma voltinha, aí eu conto tudo.

Shadow considerou a ideia.

— Vamos lá — respondeu.

Ele entrou no carro, sentando-se no banco do carona. Mulligan dirigiu para a área norte da cidade. Depois de um tempo, desligou os faróis e estacionou na beira da estrada.

— Darren Olsen conheceu Marge no campus da Universidade de Wisconsin em Stevens Point e a trouxe aqui para Lakeside. Marge estava estudando jornalismo. E o Darren... não sei, acho que era hotelaria, qualquer merda assim. Isso foi há uns, sei lá, treze, catorze anos. Ela era linda demais... tinha um cabelão preto...

Ele fez uma pausa.

— Darren era gerente do Hotel América, lá em Camden, a uns trinta quilômetros a oeste daqui. Só que ninguém nunca queria parar lá em Camden, e o hotel acabou fechando. Eles tiveram dois meninos. Sandy tinha onze anos na época. E o mais novo... Leon, não é? Ainda era um bebê.

“Darren não era muito corajoso. Até era bom em futebol americano, mas foi a única época em que realmente esteve no topo. Enfim. Darren não teve coragem de contar para Margie que tinha perdido o emprego. Ele passou um mês, talvez dois, saindo bem cedo e voltando só bem tarde para casa, sempre reclamando do dia difícil no hotel.”

— E o que ele ficava fazendo?

— Hum. Não sei muito bem. Acho que ia de carro até Ironwood, ou talvez até Green Bay. Acho que a ideia inicial era procurar trabalho, mas não demorou para começar a passar o dia bebendo, ficando doidão e muito provavelmente requisitando os serviços de alguma garota trabalhadora em busca de um pouquinho de satisfação imediata. Talvez estivesse apostando dinheiro. A única coisa que eu sei com certeza é que ele limpou a conta conjunta dos dois em no máximo dez semanas. Foi só questão de tempo até Margie descobrir... Ahá! Lá vamos nós!

Um carro com placas de Iowa vinha descendo a ladeira a cento e dez por hora, e Chad entrou com o carro na estrada e ligou a sirene e as luzes, quase matando o motorista baixinho de susto.

Depois de multar o homenzinho afobado, Mulligan voltou à história.

— Onde eu estava? Ah, sim. Então Margie expulsou Darren de casa e pediu o divórcio. Enfrentou uma batalha terrível pela guarda das crianças. É assim que chamam essas coisas na *People*. Batalha Terrível pela Guarda das Crianças. Eu sempre imagino os advogados com facas, metralhadoras, socos-ingleses... Bem, Margie ganhou a guarda. Darren podia visitar as crianças, e acho que quase mais nada. E, olha, Leon era bem pequenininho na época. Sandy já era maior, um bom garoto, daqueles que idolatram o pai, sabe? Não deixava Margie falar mal dele. Eles perderam a casa, um lugar bem bacana lá na Daniels Road. Margie foi com as crianças para o apartamento. Darren saiu da cidade, e voltava de tantos em tantos meses para infernizar a vida de todo mundo.

“E isso durou alguns anos. Darren voltava, gastava uma grana com os meninos, ia embora e deixava Margie chorando. Um monte de gente daqui começou a querer que ele não voltasse nunca mais. A mãe e o pai dele tinham se mudado para a Flórida depois de se aposentarem, diziam que não tinham como aguentar mais um inverno do Wisconsin. No ano passado ele reapareceu, disse que queria levar os meninos para passar o Natal na Flórida. Margie disse que de jeito nenhum isso ia acontecer e mandou Darren dar o fora. A coisa ficou bem feia. Eu até tive que ir lá. Briga doméstica. Quando cheguei, Darren estava parado na frente do prédio, berrando, com os meninos praticamente em estado de choque, e Margie não parava de chorar.

“Falei para Darren que ele estava pedindo para passar a noite atrás das grades. Achei que fosse apanhar, mas ele estava sóbrio o bastante para não tentar me bater. Fui com ele lá para o acampamento de trailers, no sul da cidade, e disse que ele precisava tomar jeito. Que ele já tinha machucado a Margie demais... No dia seguinte, Darren saiu da cidade.

“Duas semanas depois, Sandy desapareceu. Não chegou nem a pegar o ônibus da escola. Falou para o melhor amigo que ia ver o pai, que Darren ia trazer um

presente especialmente legal para ele por não terem passado o Natal na Flórida. Ninguém nunca mais viu o garoto. Os sequestros por pais sem direito de guarda são os mais difíceis de resolver. Não é fácil achar um garoto que não quer ser encontrado, entende?”

Shadow disse que entendia. E também entendeu outra coisa: Chad Mulligan estava apaixonado por Marguerite Olsen. Ele se perguntou se o delegado percebia como isso era óbvio.

Mulligan entrou outra vez com o carro na estrada, as luzes brilhando, e parou uns adolescentes que iam a cem por hora. Nenhuma multa, “foi só para dar um susto”.

Mais tarde naquela noite, Shadow se sentou à mesa da cozinha e tentou entender como transformar uma moeda prateada de um dólar em uma moeda de um centavo. Tinha encontrado o truque em *Ilusionismos intrigantes*, mas as instruções eram confusas e vagas, além de extremamente irritantes. Volta e meia o livro sugeria algo como “então faça a moeda desaparecer da maneira usual”. Shadow não conseguia entender que “maneira usual” era aquela. Torniquete? Enfiando na manga? Gritando “Meu Deus, olha aquele bicho!” e guardando a moeda no bolso enquanto a plateia estava distraída?

Ele jogou a moeda prateada para o alto e a pegou, lembrando-se da lua e da mulher que lhe dera aquela moeda. Tentou mais uma vez o truque do livro. Não dava certo. Foi até o banheiro e tentou na frente do espelho, o que só confirmou suas suspeitas: do jeito que estava no livro, não tinha como fazer aquele truque. Shadow soltou um suspiro, guardou as moedas no bolso e se sentou no sofá. Estendeu a manta fajuta sobre as pernas e abriu as *Minutas da Câmara Municipal de Lakeside 1872-1884*. O texto diagramado em duas colunas tinha uma letra tão minúscula que chegava a ser quase ilegível. Shadow folheou o livro, examinando as reproduções das fotografias da época e as figuras que compunham o conselho municipal de Lakeside: costeletas compridas e cachimbos de barro e chapéus amassados e chapéus lustrosos, tudo isso em rostos que, em muitos casos, pareciam curiosamente familiares. Não ficou surpreso em ver que o rotundo secretário da câmara de 1882 se chamava Patrick Mulligan: se o sujeito fizesse a barba e perdesse uns dez quilos, seria um clone de Chad Mulligan, seu... tataraneto? Ficou procurando o avô pioneiro de Hinzelmann nas fotografias, mas pelo jeito o sujeito não tinha feito parte da câmara municipal. Shadow pensou ter visto alguma referência a um Hinzelmann no texto enquanto passava de foto em foto, mas não conseguiu encontrar aquele

ponto de novo quando voltou as páginas, e as letras minúsculas estavam dando dor de cabeça.

Apoiou o livro no peito e reparou que sua cabeça pendulava, perigosamente próxima do sono. Decidiu, cheio de razão, que seria besteira dormir no sofá. O quarto estava a poucos metros de distância. Por outro lado, o quarto e a cama continuariam no mesmo lugar dali a cinco minutos, e ele não ia dormir de verdade, só queria fechar os olhos por um instante...

A escuridão rugia.

Estava em uma vasta planície. A seu lado, via o lugar de onde ele emergira, de onde a terra o expelira. As estrelas ainda caíam do céu, e cada estrela que tocava a terra vermelha virava um homem ou uma mulher. Os homens tinham cabelo preto e maçãs do rosto salientes. Todas as mulheres pareciam Marguerite Olsen. Eram o povo das estrelas.

Eles o encararam com olhos escuros e orgulhosos.

— Me contem sobre os pássaros do trovão — pediu Shadow. — Por favor. Não quero saber por mim. Estou perguntando pela minha esposa.

Um a um, todos os seres das estrelas lhe deram as costas — quando Shadow perdia seus rostos de vista, as pessoas desapareciam, passavam a fazer parte da paisagem. Mas restou uma mulher, seu cabelo era cinza-escuro, um pouco grisalho, e ela apontou para cima antes de se virar, apontou para o céu cor de vinho e falou:

— Pergunte a eles.

Uma tempestade de relâmpagos estourou de repente no céu, e, por um instante, o mundo ficou iluminado de um horizonte a outro.

Shadow viu as rochas enormes ali perto, picos e pilares de arenito, então começou a escalar a mais próxima. O pilar tinha cor de marfim antigo. Segurou-se num ponto de apoio e sentiu que a pedra cortava sua mão. É osso, pensou. Não é pedra. É osso seco e velho.

Mas era um sonho, e, nos sonhos, muitas vezes não existe escolha — ou não há decisões a tomar, ou o que deve ser feito já foi decidido muito antes de o sonho começar. Shadow continuou escalando, forçando o corpo a subir. As mãos doíam. Ossos estalavam e se quebravam e se esmigalhavam sob seus pés descalços, abrindo cortes dolorosos. O vento tentava derrubá-lo, então Shadow se encolheu contra o pilar e continuou a subir.

Percebeu que o pilar era feito de um só tipo de osso, vários e vários ossos iguais, todos secos e esféricos. Por um instante, até tinha pensado que talvez fossem cascas amareladas antigas ou ovos de algum pássaro terrível. Então outro clarão dos relâmpagos o corrigiu: os ossos tinham os buracos para os olhos e os dentes estavam expostos em um sorriso sem humor.

Ouvia pássaros em algum lugar ao longe. A chuva molhava seu rosto.

Estava a centenas de metros do chão, agarrado à lateral da torre de crânios enquanto clarões de relâmpago ardiam nas asas dos pássaros obscuros que circulavam o pilar — pássaros pretos enormes cujo corpo lembrava o de um condor, um colar de penas brancas em cada pescoço. Os pássaros eram imensos, graciosos, terríveis, e o bater de suas asas soava como trovões estourando na noite.

Estavam circulando o pilar.

Devem ter uma envergadura de cinco ou seis metros, pensou Shadow.

Então o primeiro dos pássaros, que pairavam ao redor do pilar, se desviou e foi na direção dele, relâmpagos azulados saindo das asas. Shadow se enfiou em uma fresta de crânios — as órbitas vazias o encaravam, os dentes brancos como marfim sorriam para ele —, mas continuou escalando, arrastando o corpo pela montanha de crânios enquanto cada saliência pontuda rasgava sua pele, sentindo nojo, terror e espanto.

Outro pássaro veio em sua direção, e uma garra do tamanho de uma mão foi cravada em seu braço.

Shadow estendeu o braço, tentando pegar uma pena daquela asa enorme. Cairia em desgraça se voltasse à tribo sem uma pena de pássaro do trovão, jamais seria homem — mas o pássaro voou para o alto, e ele não conseguiu agarrar nem uma única pena. O pássaro do trovão o soltou e voltou a pairar ao vento. Shadow continuou a escalada.

Deve ter milhares de caveiras aqui, pensou Shadow. Milhares de milhares. E nem todas são humanas. Ele por fim se ergueu no topo do pilar, e aqueles pássaros enormes, os pássaros do trovão, pairavam devagar a sua volta, navegando os ventos da tempestade com movimentos ínfimos das asas.

Shadow ouviu uma voz, a voz do homem-búfalo, chamando-o no vento, contando a quem pertenciam as caveiras...

A torre começou a desmoronar, e o maior dos pássaros, os olhos emitindo o brilho branco azulado cegante de relâmpagos gêmeos, mergulhou em sua direção em uma explosão trovejante, e Shadow começou a cair, despencando da torre de crânios...

O telefone esbravejava. Shadow nem sabia que o aparelho ainda funcionava. Grogue e abalado, atendeu a ligação.

— Caralho! — berrou Wednesday, e Shadow nunca ouvira tanta raiva em sua voz. — Mas que merda você pensa que está fazendo, porra?

— Eu estava dormindo — respondeu Shadow, meio tonto.

— De que adianta eu enfiar você num esconderijo no fim do mundo se você vai fazer um escândalo tão grande que nem um morto conseguaria não notar?

— Eu sonhei com pássaros do trovão... — comentou Shadow. — E uma torre. Tinha uns crânios...

Parecia muito importante contar o sonho.

— Eu já sei com o que você sonhou. O mundo inteiro sabe com que porra você estava sonhando. Meu Deus do céu. De que adianta ficar escondido se você vai começar a anunciar aos céus onde está?

Shadow não respondeu.

Wednesday fez uma pausa no outro lado da linha.

— Chego aí amanhã — disse o deus. Parecia menos irritado. — Vamos para São Francisco.

A linha ficou muda.

Shadow largou o telefone no carpete e se sentou, sentindo o corpo rígido. Eram seis da manhã, e do lado de fora ainda estava escuro. Levantou-se do sofá, tremendo de frio. Ouvia o vento gritando ao passar por cima do lago congelado. E ouvia alguém chorando ali perto, só a largura da parede o separando das lamúrias. Tinha certeza de que era Marguerite Olsen, e os soluços eram insistentes e baixos, de partir o coração.

Shadow foi até o banheiro e mijou, então entrou no quarto e fechou a porta, abafando o choro da mulher. Do lado de fora, o vento uivava e urrava como se também procurasse um filho perdido, e ele não dormiu mais naquela noite.

Fazia um calor fora de época em São Francisco naquele mês de janeiro, calor suficiente para Shadow sentir o suor escorrendo pela nuca. Wednesday usava um terno azul-escuro e óculos de armação dourada que o faziam parecer um advogado do ramo do entretenimento.

Caminhavam pela Haight Street. Os moradores de rua, os ambulantes e os trombadinhos ficaram olhando eles passarem, e ninguém estendeu um copo de esmolas em sua direção — ninguém lhes pediu absolutamente nada.

Wednesday estava com o maxilar tenso. Naquela manhã, quando o Lincoln estacionou diante do prédio, Shadow não demorou a perceber que o deus ainda estava irritado, de forma que não fez nenhuma pergunta ao embarcar. Os dois não tinham conversado no caminho até o aeroporto. E Shadow ficou aliviado quando soube que Wednesday iria na primeira classe, e ele, na econômica.

Era fim de tarde. Shadow, que não ia a São Francisco desde pequeno e desde então só vira a cidade nos filmes, ficou chocado ao descobrir como o lugar era familiar, como as casas de madeira eram coloridas e peculiares, como as ladeiras eram íngremes, como a cidade não se parecia com nenhum outro lugar.

— Quase não dá para acreditar que ainda estamos no mesmo país de Lakeside — comentou.

Wednesday olhou feio para ele.

— Não estamos — respondeu, por fim. — São Francisco não fica no mesmo país que Lakeside, assim como Nova Orleans não fica no mesmo país que Nova York e Miami não fica no mesmo país que Minneapolis.

— É mesmo? — perguntou Shadow, sem alterar o tom de voz.

— As cidades até podem partilhar certos significantes culturais, como dinheiro, o governo federal, entretenimento... É a mesma *terra*, claro. Mas os únicos elementos que dão a ilusão de que se trata de um mesmo país são a moeda, o *Tonight Show* e o McDonald's. — Chegaram a um parque no fim da rua. — Seja educado com a senhora que vamos visitar. Mas não demais.

— Pode deixar.

Os dois pisaram na grama.

Uma menina de no máximo catorze anos, com cabelo tingido de verde, laranja e rosa, ficou olhando enquanto passavam. Ela estava ao lado de um cachorro vira-lata com um pedaço de corda servindo como coleira. A menina parecia ainda mais faminta que o cachorro. O bicho latiu para eles e abanou o rabo.

Shadow deu um dólar para a menina. Ela olhou para a nota como se não soubesse bem o que era aquilo.

— Use para comprar ração — sugeriu Shadow.

Ela assentiu e abriu um sorriso.

— Olha, vou ser bem franco — insistiu Wednesday. — Você precisa tomar muito cuidado quando falar com essa senhora que vamos visitar. Ela pode gostar de você, o que seria ruim.

— Ela é sua namorada ou coisa parecida?

— Nem por todos os brinquedos de plástico da China — respondeu Wednesday, já sem o mau humor.

A raiva parecia ter se dissipado, ou talvez sido reservada para o futuro. Shadow suspeitava que fosse justamente a raiva o mecanismo que mantinha Wednesday funcionando.

Viram uma mulher sentada na grama, debaixo de uma árvore. Uma toalha descartável fora estendida à frente dela, amparando diversos potes de plástico.

A mulher era... não era gorda, não, nada disso. A melhor palavra era uma que Shadow nunca vira motivos para usar até aquele momento: curvilínea. O cabelo era tão claro que chegava a ser branco, o tipo de cabeleira loira platinada que poderia ter pertencido a uma celebridade do cinema morta muitos anos antes; os lábios estavam pintados de carmesim; e ela parecia ter qualquer idade entre vinte e cinco e cinquenta anos.

Os dois se aproximaram enquanto ela escolhia um dos ovos apimentados de uma bandeja. Quando Wednesday se aproximou, a mulher ergueu os olhos, largou o ovo que tinha escolhido e limpou a mão.

— Olá, sua fraude velha — cumprimentou, mas com um sorriso.

Wednesday fez uma reverência profunda, tomou a mão oferecida e a levou aos lábios.

— Você está divina — comentou.

— E como mais eu poderia estar? — retrucou a mulher, com a voz doce. — Enfim, você é um mentiroso. E Nova Orleans foi um *grande* erro, hein? Engordei uns sete quilos lá, juro. Eu reparei que precisava ir embora quando comecei a andar pendendo de um lado para o outro. Acredita que agora minhas coxas roçam umas nas outras quando eu ando? — Essa última frase foi para Shadow, que não fazia a menor ideia de como responder e sentiu um calor se espalhar pelo rosto. A mulher riu, deliciada. — Ele está *vermelho!* Wednesday, querido, você me trouxe um garoto *tímido*. Isso é maravilhoso da sua parte. Como ele se chama?

— Este é o Shadow — apresentou Wednesday, parecendo se divertir com o desconforto dele. — Shadow, esta é a Easter.

Shadow cumprimentou a mulher com alguma coisa parecida com um “Olá”, e a mulher abriu outro sorriso. Ele se sentia como um bicho no meio da estrada, iluminado pelos faróis de um carro — aqueles faróis potentes que os caçadores usam para paralisar os cervos antes de atirar. Dali de onde estava, sentia o perfume da mulher sentada mais adiante, uma mistura inebriante de jasmim e madressilva, de leite doce e pele feminina.

— E aí, como vão as coisas? — perguntou Wednesday.

A mulher, Easter, soltou uma risada grave e profunda, sonora e satisfeita. Como não gostar de alguém que ria daquele jeito?

— Vai tudo bem — respondeu ela. — E você, seu lobo velho?

— Queria muito poder contar com o seu apoio.

— Pois perdeu seu tempo vindo até aqui.

— Pelo menos escute o que eu tenho a dizer, antes de descartar a possibilidade.

— E para quê? Nem tente.

Então ela se voltou para Shadow.

— Por favor, venha se sentar e comer um pouco. Aqui, pegue um prato, querovê-lo bem cheio. Tudo está gostoso. Tem ovos, frango assado, frango ao curry, salada de frango... e aqui tem *lapin*... bem, na verdade é coelho, mas coelho frio é uma delícia, e naquela tigela ali tem guisado de lebre... Bem, que tal eu fazer um prato para você? — E foi o que fez: pegou um prato de plástico, serviu uma

montanha de comida e o entregou a Shadow. Então se virou para Wednesday: — Você vai comer?

— Estou às suas ordens, minha cara — retrucou o deus.

— Você é tão cara de pau que fico impressionada toda vez que seus olhos se mexem. — E entregou um prato vazio a Wednesday. — Sirva-se.

O sol da tarde brilhando atrás dela fazia uma aura de platina reluzir em seu cabelo.

— Shadow — começou Easter, mordendo uma coxa de frango, deliciada. — Mas que belo nome. Sombra. Por que o chamam assim?

Shadow umedeceu os lábios.

— Quando eu era pequeno, morava com a minha mãe, e a gente era... quer dizer, ela era... bem, era tipo uma secretária de algumas embaixadas americanas, e a gente viajava de cidade em cidade por todo o norte da Europa. Mas aí ela ficou doente e teve que se aposentar cedo, então voltamos para os Estados Unidos. Eu nunca tinha nada para conversar com as outras crianças, então ficava sempre atrás de algum adulto, sem falar nada, feito uma sombra. Acho que eu só precisava de companhia. Não sei. Eu era bem pequeno e magrinho.

— Você cresceu — comentou ela.

— É. Cresci.

Easter se virou para Wednesday, que atacava uma tigela com o que parecia *gumbo* frio.

— Este é o rapazinho que deixou todo mundo agitado?

— Você ficou sabendo?

— Eu sei de tudo — respondeu a mulher. Então se virou para Shadow: — Fique fora do caminho. Existem sociedades secretas demais, e nenhuma é leal a nada. As comerciais, as independentes, as governamentais... estão todas no mesmo barco. E variam de quase competentes até extremamente perigosas. Ei, seu lobo velho, outro dia ouvi uma piada, acho que você vai gostar. Como a gente pode ter certeza de que a CIA não teve nada a ver com o assassinato do Kennedy?

— Já ouvi — respondeu Wednesday.

— Que pena. — Ela se voltou outra vez para Shadow. — Mas toda aquela performance que fizeram para você... Aquilo vai além. Aquela corporação existe porque todo mundo sabe que eles precisam existir. — Ela bebeu o resto do que parecia vinho branco de um copo de papel e se levantou. — Shadow é um bom nome. Vamos. Quero um *moccaccino*.

A mulher começou a se afastar.

— E a comida? — perguntou Wednesday. — Você não pode largar isso aqui.

Easter sorriu para ele, então apontou para a menina sentada ao lado do

cachorro e abriu os braços, num gesto grandioso que abrangia o parque e o mundo.

— Que isso os alimente — respondeu a mulher.

E saiu andando, seguida por Wednesday e Shadow.

— Você precisa ter em mente — começou, falando com Wednesday enquanto andavam — que *eu* sou rica. Estou maravilhosamente bem. Por que eu o ajudaria?

— Você é uma de nós — respondeu o deus. — Está tão esquecida, ignorada e desprezada quanto nós. Acho que é bem óbvio de que lado você devia estar.

Chegaram a um café cujas mesas se estendiam pela calçada e entraram. Lá dentro havia apenas uma garçonete, que ostentava o piercing de sobrancelha como uma identificação de casta, e uma mulher atrás do balcão, fazendo café. A garçonete partiu para cima deles com um sorriso automático, acomodou o grupo numa mesa e anotou os pedidos.

Easter apoiou a mão magra na de Wednesday, grossa e grisalha.

— Já disse, eu estou ótima. Meus dias de festividade ainda são celebrados com ovos e coelhos, doces e carne, para representar renascimento e copulação. As pessoas prendem flores nos chapéus e dão flores umas às outras. E fazem isso em meu nome. Mais e mais a cada ano. Em *meu nome*, seu lobo velho.

— E você se rejubila, só engordando e enriquecendo com esse monte de adoração e amor? — perguntou Wednesday, ríspido.

— Não seja babaca.

Easter de repente parecia muito cansada. Ela bebericou o *moccaccino*.

— É uma pergunta séria, minha cara. É óbvio que eu não posso discordar do fato de que milhões e milhões de pessoas trocam presentinhos em seu nome, que ainda praticam todos os ritos do seu festival, até mesmo a caça de ovos. Mas quantas dessas pessoas sabem quem você é? Hein? Com licença, senhorita? — A última frase foi para a garçonete.

A jovem se virou e perguntou:

— Você quer mais um *espresso*?

— Não, não, minha querida. Só queria saber se você pode nos ajudar em uma pequena discussão sobre a Páscoa. Minha amiga aqui e eu não conseguimos concordar quanto ao significado da palavra Easter. Você sabe nos dizer?

A jovem encarou Wednesday como se sapos verdes tivessem começado a pular da boca do deus.

— Não sei nada dessas coisas cristãs. Eu sou pagã.

— Acho que é latim para “ascensão de Cristo”, ou coisa parecida — sugeriu a mulher atrás do balcão.

— É mesmo? — indagou Wednesday.

— É, sim — insistiu a mulher. — Easter, de *east*, leste, sabe? O leste é onde o sol se levanta, ou ascende aos céus.

— Ah, sim, a ascensão do astro-rei. Claro, uma suposição muito lógica. — A mulher sorriu e voltou a trabalhar no moedor de café. Wednesday olhou para a garçonete. — Acho que vou querer mais um *espresso*, se você não se importa. Mas diga: como pagã, quem é que você *adora*?

— Quem eu adoro?

— Isso. Você deve ter uma gama bem grande de deuses à sua disposição. Então, para quem você dedica o altar de sua casa? Para quem você se curva? Para quem você reza ao amanhecer e ao pôr do sol?

Os lábios da garçonete se contorceram em vários formatos, mas nenhum som saiu. Até que ela enfim respondeu:

— O princípio feminino. É uma questão de empoderamento, entende?

— Claro. E esse seu princípio feminino, ela tem algum nome?

— Ela é a deusa dentro de todas nós — explicou a garota com piercing na sobrancelha, começando a corar. — Não precisa de nome.

— Ah — disse Wednesday, abrindo um sorriso enorme —, então você dedica bacanais homéricas em honra dela? Bebe vinho de sangue sob a lua cheia, com velas escarlate ardendo em castiçais de prata? Entra nua na espuma do mar, cantando em êxtase para sua deusa sem nome enquanto as ondas banham suas pernas, lambendo suas coxas como a língua de mil leopardos?

— Isso é brincadeira, né? A gente não faz nada disso que você está falando.

— A garçonete respirou fundo. Shadow desconfiou que a mulher estivesse contando até dez. — Alguém mais aqui quer café? Mais um *moccaccino* para você, senhora?

O sorriso em seu rosto estava muito parecido com o que ela os recebera, quando entraram. Os três balançaram a cabeça, e a garçonete se virou para atender outro cliente.

— Aí está um exemplo dessas que, como disse Chesterton, “não têm a fé nem querem o prazer”. Pagã, sei. Então. Que tal irmos lá fora repetir o exercício, minha cara Easter? Vamos descobrir quantas pessoas sabem que os festejos de Páscoa homenageiam a Eostre da Alvorada? Que tal... Já sei. Vamos perguntar a cem pessoas. Para cada uma que souber a verdade, você pode arrancar um dos meus dedos das mãos. E quando os dedos das mãos acabarem, pode cortar os dos pés. Mas, para cada vinte que não souberem, teremos uma noite de amor. E olha que você com certeza está em vantagem, afinal, estamos em São Francisco. Essas ruas íngremes estão cheias de infiéis bárbaros, pagãos e wiccanos.

Os olhos verdes de Easter se cravaram em Wednesday. Shadow observou que tinham exatamente a mesma cor de uma folha de primavera trespassada pela luz

do sol. Ela não respondeu.

— Sabe, até *poderíamos* tentar — continuou Wednesday —, mas eu acabaria com os dez dedos das mãos e dos pés e cinco noites na sua cama. Então não venha me dizer que as pessoas adoram você e que celebram seu dia de festividade. Até pronunciam seu nome, mas a palavra não significa nada para elas. Absolutamente nada.

Os olhos da mulher se encheram de lágrimas.

— Eu sei — disse ela, baixinho. — Não sou idiota.

— Não — concordou Wednesday —, não é.

Ele forçou demais a barra, pensou Shadow.

Wednesday baixou os olhos, envergonhado.

— Sinto muito — disse. Shadow ouviu sinceridade genuína na voz do deus.

— A gente *precisa* de você. Da sua energia. Do seu poder. Quando a tempestade vier, você vai lutar ao nosso lado?

Easter hesitou. Tinha uma coroa de não-me-esqueças azuis tatuadas em volta do pulso esquerdo.

— Sim — respondeu, depois de um tempo. — Acho que vou.

Wednesday beijou o dedo e o encostou na bochecha da mulher. Então chamou a garçonete e pagou os cafés, contando bem o dinheiro, dobrando-o junto com a conta e entregando tudo à moça.

Quando a garçonete ia se afastando, Shadow a chamou:

— Moça? Com licença? Acho que você deixou esta cair.

Shadow pegou uma nota de dez dólares no chão.

— Não deihei — respondeu ela, olhando para as notas enroladas na mão.

— Eu vi cair, moça — retrucou Shadow, com educação. — É melhor você contar.

A garçonete contou o dinheiro e, confusa, disse:

— Nossa. Você tem razão. Desculpe.

Ela pegou a nota de dez dólares de Shadow e se afastou.

Easter saiu para a calçada com eles. A luz estava começando a sumir. A deusa assentiu para Wednesday, então tocou a mão de Shadow e disse:

— Com o que você sonhou ontem à noite?

— Pássaros do trovão. Uma montanha de crânios.

A mulher assentiu.

— E você sabe de quem eram aqueles crânios?

— Tinha uma voz. No meu sonho. Ela me disse.

Easter assentiu e esperou.

— A voz disse que eram meus — continuou Shadow. — Antigos crânios meus. Milhares e milhares.

Easter se voltou para Wednesday:

— Acho que este aqui vale ouro.

Ela abriu aquele sorriso simpático. Então deu um tapinha no braço de Shadow e foi embora. Shadow ficou olhando a mulher se afastar, tentando — sem sucesso — não pensar nas coxas se esfregando enquanto ela caminhava.

No táxi a caminho do aeroporto, Wednesday se virou para Shadow.

— O que foi aquela palhaçada com os dez dólares?

— Você pagou a menos. Descontam do salário dela, se não tiver o dinheiro todo.

— E por que você se importa?

Wednesday parecia realmente furioso.

Shadow pensou por um instante.

— Bom, eu não ia gostar que fizessem isso comigo. A garçonete não tinha feito nada de errado.

— Não? — Wednesday olhou para o nada e disse: — Aos sete anos, ela trancou um filhote de gato no armário. Ficou ouvindo o bichano miar por vários dias. Quando o gato parou de miar, ela tirou o corpinho do armário, colocou dentro de uma caixa de sapato e enterrou no quintal. Ela só queria enterrar alguma coisa. Ela rouba de todos os lugares onde trabalha. Quase sempre pouca coisa. Ano passado, ela visitou a avó na casa de repouso onde a velha fora confinada. Pegou um relógio de ouro antigo na mesa de cabeceira da avó e se esgueirou para outros quartos, roubando pequenas quantias e objetos daquelas pessoas nos anos dourados do ocaso da vida. Quando voltou para casa, não sabia o que fazer com os espólios e ficou com medo de que alguém fosse atrás dela, então jogou tudo fora, menos o dinheiro.

— Já entendi — disse Shadow.

— E ela tem gonorreia assintomática — continuou Wednesday. — Acha que pode estar infectada, mas não toma nenhuma providência. Quando o último namorado disse que tinha pegado a doença dela, ela ficou magoada e ofendida e se recusou a ver o rapaz de novo.

— Isso é desnecessário — interrompeu Shadow. — Eu já falei que entendi. Você poderia fazer isso com qualquer um, não é? Falar coisas ruins sobre a vida da pessoa.

— Claro — concordou Wednesday. — Todo mundo faz as mesmas coisas. As pessoas até podem achar seus pecados originais, mas, na maioria das vezes, são só atos mesquinhos e repetitivos.

— E por isso não tem problema você roubar dez dólares do salário dela?

Wednesday pagou o táxi, e os dois entraram no aeroporto e foram andando até o portão de embarque, que ainda não havia sido liberado.

— E o que mais eu posso fazer? Ninguém sacrifica carneiros ou touros em meu nome. Não me mandam a alma de algum assassino ou escravo, pendurado na forca e devorado pelos corvos. *Essas pessoas* me criaram. E *essas mesmas pessoas* me esqueceram. Agora dou o troco tirando um pouco delas. Não parece justo?

— Minha mãe sempre dizia que “a vida não é justa” — respondeu Shadow.

— Claro que dizia. É o tipo de coisa que as mães dizem, assim como: “Se todos os seus amigos pulassem de um precipício, você também pularia?”

— Você roubou dez pratas daquela garota, e eu dei dez pratas para ela — insistiu Shadow, com teimosia. — Era a coisa certa a fazer, e eu fiz.

Alguém anunciou que o embarque tinha começado. Wednesday se levantou.

— Que suas escolhas sejam sempre assim tão claras — desejou, e, mais uma vez, parecia totalmente sincero.

O ditado é mesmo verdade, pensou Shadow. *Quem consegue fingir sinceridade consegue qualquer coisa.*

A frente fria já estava arrefecendo quando Wednesday deixou Shadow no apartamento, no começo da madrugada. Ainda fazia um frio obsceno em Lakeside, mas já não era mais um frio surreal. O letreiro luminoso na lateral do banco M&I alternava entre 3h30 e -20°C quando dirigiram pela cidade.

Eram nove e meia quando o delegado Chad Mulligan bateu à porta do apartamento e perguntou se Shadow conhecia uma menina chamada Alison McGovern.

— Acho que não — respondeu Shadow, sonolento.

— Aqui está uma foto dela — disse Mulligan.

Era uma daquelas fotos-padrão para o anuário da escola. Shadow reconheceu o rosto assim que o viu: era a menina de aparelho com elásticos azuis, a que estava sendo instruída pela amiga sobre as muitas utilidades orais de efervescente Alka-Seltzer.

— Ah, sim. Conheço. Ela estava no mesmo ônibus que eu quando cheguei a Lakeside.

— Onde você estava ontem, senhor Ainsel?

Shadow sentiu o mundo girar a seu redor. Sabia que não tinha motivos para se preocupar (*Você está violando os termos da liberdade condicional e usando nome falso*, sussurrou uma vozinha tranquila em sua cabeça. *Não é o suficiente?*).

— Em São Francisco. Na Califórnia. Fui ajudar o meu tio a transportar uma

cama com dossier.

— E você tem como provar? Está com o canhoto da passagem? Alguma coisa do tipo?

— Claro. — Os cartões de embarque usados estavam no bolso de trás da calça, e Shadow os pegou. — O que aconteceu?

Chad Mulligan examinou os cartões.

— Alison McGovern desapareceu. Ela era voluntária no abrigo de animais daqui de Lakeside. Dava comida, passeava com os cachorros. Passava algumas horas lá depois da aula. Uma dessas meninas que adora bicho. Enfim. Dolly Knopf, a administradora do abrigo, sempre dava uma carona para ela no fim do dia. Ontem, Alison não apareceu lá.

— Ela desapareceu.

— É. Os pais ligaram ontem à noite. Garota boba, sempre ia para a beira da estrada pegar carona para o abrigo. Fica na County W, é bem longe de tudo. Os pais sempre diziam para ela não pegar carona, mas Lakeside não é o tipo de lugar onde essas coisas acontecem... as pessoas aqui não trancam a porta de casa, sabe? E a garotada não dá ouvidos. Bem, dê mais uma olhada na foto.

Alison McGovern estava sorrindo. Na foto, os elásticos nos dentes eram vermelhos, não azuis.

— Você pode afirmar, honestamente, que não sequestrou, estuprou nem matou essa garota, nem nada do gênero?

— Eu estava em São Francisco. E nunca faria uma merda dessas.

— Foi o que eu imaginei, meu amigo. Quer ajudar a procurar a menina?

— Eu?

— Sim, você mesmo. Despachamos o pessoal da unidade canina hoje cedo, mas até agora nada. — Ele soltou um suspiro. — Droga, Mike. Tomara que encontrem a menina em Minneapolis com algum namorado idiota.

— Acha provável?

— Acho possível. Não quer se juntar à equipe de busca?

Shadow se lembrou da menina na Henning's, do breve sorriso tímido de elásticos azuis, de como ele sabia que um dia ela seria bonita.

— Quero.

Cerca de vinte homens e mulheres aguardavam no saguão do corpo de bombeiros. Shadow reconheceu Hinzelmann, e vários outros rostos pareciam familiares. Havia alguns policiais, todos de uniforme azul, além de funcionários da delegacia de Lumber, com seus uniformes marrons.

Chad explicou a todos os detalhes da roupa que Alison estava usando quando desapareceu (macacão vermelho, luvas verdes, gorro de lã azul debaixo do capuz do macacão) e dividiu os voluntários em grupos de três. Shadow, Hinzelmann e

um sujeito chamado Brogan ficaram em um grupo. Todos foram lembrados de como escurecia cedo e avisados de que se, Deus nos livre, encontrassem o corpo de Alison, ninguém — repito: ninguém — podia mexer em nada, era só pedir ajuda pelo rádio, mas que se a menina estivesse viva era para tentar mantê-la aquecida até a ajuda chegar.

Todos foram levados até a County W.

Hinzelmann, Brogan e Shadow caminharam ao longo da margem de um córrego congelado. Cada trio tinha recebido um pequeno walkie-talkie portátil antes de sair.

As nuvens estavam baixas no céu, e o mundo era cinza. Não tinha nevado nas últimas trinta e seis horas. As pegadas se destacavam na camada cintilante de neve seca.

Brogan parecia um coronel reformado com um bigode fino e cabelo já branco nas têmporas. Ele guiava o carro, e contou a Shadow que era um diretor de escola aposentado.

— Eu me aposentei cedo, assim que vi que não estava ficando mais jovem. Ainda dou algumas aulas, dirijo as peças de fim de ano, que sempre foram o ponto alto do ano letivo mesmo, mas agora caço um pouco e cuido de uma cabana lá perto do lago Pike, por isso passo bastante tempo lá. — Começaram a busca, e Brogan comentou: — Por um lado, espero que a menina seja encontrada. Por outro, ficaria muito feliz se, caso ela seja mesmo encontrada, que seja por outro grupo, e não o nosso. Entende?

Shadow entendia perfeitamente.

Os três não conversaram muito. Andaram, de olhos atentos a qualquer macacão vermelho, par de luvas verdes, gorro azul ou corpo branco. De vez em quando, Brogan, que estava com o walkie-talkie, mantinha Chad Mulligan a par da situação.

Na hora do almoço, foram com o restante da equipe de busca para dentro de um ônibus escolar cedido para uso da polícia e comeram cachorro-quente e sopa. Alguém apontou para uma árvore sem folhas, onde repousava um búteo-de-cauda-vermelha, e outra pessoa disse que parecia mais um falcão, mas a ave saiu voando e a discussão foi encerrada.

Hinzelmann contou uma história sobre o trompete de seu avô, sobre quando o homem foi tentar tocar no meio de uma frente fria, mas estava tão frio perto do celeiro, onde ele queria praticar, que não saiu som algum.

— Quando meu avô voltou para dentro de casa, colocou o trompete perto do forno a lenha, para descongelar. Aí, quando a família estava toda na cama, naquela noite, as notas congeladas começaram a sair do trompete de repente. Minha avó levou um susto tão grande que quase teve um treco.

A tarde foi interminável, infrutífera e deprimente. A luz do dia foi sumindo aos poucos, as distâncias ruíram, o mundo ficou índigo e o vento estava frio o bastante para queimar o rosto. Quando ficou escuro demais para continuar, Mulligan ordenou pelo rádio que todo mundo encerrasse os trabalhos daquela noite, e as equipes foram recolhidas e levadas de volta à sede do corpo de bombeiros.

Na quadra ao lado ficava o Buck Stops Here, a taverna da cidade, e a maioria das pessoas da equipe de busca acabou indo para lá. Estavam todos exaustos e desanimados, conversando sobre a águia-de-cabeça-branca que tinham visto no céu, sobre como estava frio, sobre como era muito provável que Alison aparecesse dali a um ou dois dias, sem ideia de como tinha deixado todo mundo desesperado.

— Não vá ficar com uma ideia ruim da cidade por causa disso — pediu Brogan. — Esta é uma cidade boa.

— Lakeside é a melhor cidade nos Northwoods — declarou uma mulher esbelta cujo nome Shadow não lembrava, se é que haviam sido apresentados. — Sabe quantas pessoas daqui estão desempregadas?

— Não — respondeu Shadow.

— Menos de vinte. Tem mais de cinco mil moradores aqui na cidade e nos arredores. Podemos até não ser ricos, mas todo mundo tem emprego. É bem diferente das cidades de mineração lá no Nordeste... A maioria já virou cidade-fantasma. Cidades rurais foram aniquiladas pela queda do custo do leite ou pela baixa no preço dos porcos. Sabe qual é a principal causa de morte entre os fazendeiros do Meio-Oeste?

— Suicídio? — arriscou Shadow.

A mulher pareceu quase decepcionada.

— É. Isso mesmo. Eles se matam. — Ela balançou a cabeça, então continuou:

— Aqui na região existem muitas cidades que só vivem para receber os caçadores e turistas de férias, cidades que só pegam o dinheiro dessas pessoas e as mandam para casa com troféus e picadas de mosquito. E existem as cidades corporativas, onde tudo é uma maravilha, até que a Walmart decide transferir o centro de distribuição para outro lugar, ou que a 3M pare de fabricar caixas de CD ou o que quer que seja, aí de repente um bando de gente fica sem ter como pagar a hipoteca. Ih, me desculpe, não lembro o seu nome.

— Ainsel — respondeu Shadow. — Mike Ainsel.

A cerveja era de produção local, feita com água de fonte natural. Era boa.

— Meu nome é Callie Knopf — anunciou a mulher. — Sou irmã da Dolly. — Seu rosto ainda estava corado por causa do frio. — Então, o que eu quero dizer é que Lakeside é uma cidade de sorte. Tem um pouco de tudo por aqui: fazendas,

pequenas indústrias, turismo, artesanato... boas escolas.

Shadow encarava a mulher, intrigado. Todas as palavras dela pareciam carregar uma espécie de vazio. Era como ouvir um bom vendedor que acreditava que seu produto era bom, mas cujo objetivo era só convencê-lo a comprar todas as escovas ou a coleção completa de encyclopédias. Talvez a mulher tenha decifrado a expressão confusa de Shadow.

— Ah, me desculpe. Quando você ama muito uma coisa, não consegue parar de falar nela. O que você faz, senhor Ainsel?

— Carrego peso — respondeu Shadow. — Meu tio compra e vende antiguidades pelo país. Ele me usa para transportar coisas grandes e pesadas. Sem danificar muito. É um trabalho bom, mas não tem muita regularidade.

Um gato preto, o mascote do bar, se contorceu entre as pernas de Shadow e esfregou a cabeça em sua bota. Então pulou para o lado dele no banco e dormiu.

— Pelo menos você viaja — comentou Brogan. — Faz mais alguma coisa?

— Você por acaso tem oito moedas de vinte e cinco centavos? — perguntou Shadow.

Brogan procurou nos bolsos. Achou cinco moedas e as empurrou para Shadow. A mulher ofereceu outras três.

Shadow dispôs as moedas em duas fileiras de quatro. Depois, com movimentos quase impecáveis, fez o truque das Moedas através da Mesa, dando a impressão de que fazia metade das moedas atravessar a madeira, caindo da mão esquerda para a direita.

Então pegou as oito moedas com a mão direita, um copo d'água vazio na esquerda, cobriu o copo com um guardanapo e fingiu fazer as moedas sumirem da mão direita, uma a uma, e caírem no copo coberto fazendo barulho. Por fim, abriu a mão direita para mostrar que estava vazia e tirou o guardanapo, mostrando as moedas dentro do copo.

Devolveu as moedas — três para Callie, cinco para Brogan — e pegou uma de volta da mão de Brogan, deixando quatro moedas com o sujeito. Assoprou bem forte a moeda, que virou uma de um centavo, e a devolveu para Brogan, que contou o que tinha na mão e ficou chocado ao perceber que todas as cinco moedas de vinte e cinco centavos estavam ali.

— Você é quase um Houdini! — exclamou Hinzelmann, soltando uma risada deliciada. — Um ilusionista de primeira!

— Não passo de um amador — respondeu Shadow. — Ainda tenho muito a aprender.

Ainda assim, sentiu uma pontinha de orgulho. Aquela tinha sido sua primeira plateia de adultos.

Parou na mercearia para comprar uma caixa de leite. A ruiva do caixa parecia

familiar, e seus olhos estavam vermelhos. Tinha o rosto tomado por sardas.

— Eu conheço você — comentou Shadow. — Você é... — Estava prestes a dizer “a menina do Alka-Seltzer”, mas se conteve a tempo. — Você é a amiga da Alison. Do ônibus. Espero que esteja tudo bem com ela.

A menina fungou e assentiu.

— Eu também.

Ela assoou o nariz em um lenço e o enfiou de volta na manga da blusa.

A menina usava um crachá que dizia OLÁ! MEU NOME É SOPHIE! PERCA 14 KG EM 30 DIAS, PERGUNTE-ME COMO!

— Passei o dia procurando por ela. Ainda não tivemos sorte.

Sophie assentiu e conteve as lágrimas. Ela balançou a caixa de leite na frente do leitor de código de barras, e a máquina exibiu o preço. Shadow pagou dois dólares.

— Vou embora dessa cidade de merda — anunciou a menina, de repente, com a voz embargada. — Vou morar com a minha mãe em Ashland. Alison sumiu. No ano passado foi o Sandy Olsen. E ano retrasado foi a Jo Ming. E se ano que vem for eu?

— Achei que Sandy Olsen tivesse sido levado pelo pai.

— É — retrucou ela, amarga. — Claro que foi. E Jo Ming fugiu para a Califórnia, e Sarah Lindquist se perdeu em uma caminhada pela floresta e nunca mais foi encontrada. Ah, que se dane. Quero ir para Ashland.

Ela respirou fundo e prendeu o ar por um tempo. Então sorriu para Shadow. Não havia nada de falso naquele sorriso. Era só o sorriso de alguém que sabia que era parte do trabalho sorrir quando devolvia o troco a alguém — e, quando entregou a nota fiscal, a menina lhe desejou um bom dia. Então virou-se para a mulher atrás de Shadow, que tinha o carrinho cheio, e começou a descarregar e registrar tudo. Um menino que devia ter a mesma idade de Sophie se aproximou para ensacar as compras.

Shadow pegou o leite e foi embora, passou pelo posto de gasolina e pela sucata no gelo, cruzou a ponte e chegou em casa.

VINDA À AMÉRICA

1778

HAVIA UMA MENINA, e seu tio a vendeu, escreveu o sr. *Íbis* em sua caligrafia elaborada e perfeita.

A história é essa; o resto é detalhe.

Existem histórias verídicas, em que a trajetória de cada indivíduo é exclusiva e trágica, mas o pior da tragédia é que já a ouvimos antes, então não nos permitimos senti-la em toda a sua intensidade. Criamos uma carapaça em torno dela, como uma ostra que lida com uma partícula invasora dolorosa, revestindo-a com suaves camadas de pérola para processá-la. É assim que andamos e conversamos e agimos, dia sim, dia não, imunes à perda e à dor dos outros. Se deixássemos que isso nos tocasse, seríamos derrubados ou transformados em santos; mas, na maior parte das vezes, não encosta em nós. Não permitimos que o faça.

Hoje à noite, quando você estiver comendo, tente refletir: existem crianças no mundo que passam fome, milhares delas, uma quantidade maior do que a mente humana é capaz de assimilar, em que um erro de um milhão para mais ou para menos pode ser perdoado. Talvez lhe cause desconforto refletir sobre isso, ou talvez não, mas, ainda assim, você comerá.

Existem relatos de que, se deixarmos esses sentimentos adentrarem nosso coração, eles nos infligirão cortes profundos. Veja: ali está um bom homem, bom a seus próprios olhos e aos olhos de seus amigos: ele é fiel e leal a sua esposa, adora seus filhos pequenos e cuida deles com todo o carinho, ama seu país, se dedica a seu trabalho, sempre fazendo o melhor que pode. Então, com eficiência e benevolência, ele extermina judeus: ele aprecia a música que soa ao fundo para deixá-los mais calmos; aconselha os judeus a não se esquecerem do número de identificação ao entrarem nas duchas — avisa que muitas pessoas esquecem o próprio número e pegam a roupa errada ao saírem do banho. Isso tranquiliza os

judeus: eles dizem a si mesmos que haverá vida após as duchas. Mas eles se enganam. Nossa homem supervisiona a equipe que leva os corpos até os fornos; e, se ele se sente mal, é porque ainda permite que o extermínio das pragas o afete. Ele sabe que, se fosse um bom homem de verdade, sentiria apenas alegria conforme a terra é purificada da infestação.

Deixe-o aí; causa-nos um corte profundo demais. Ele está próximo demais, e isso dói.

Havia uma menina, e seu tio a vendeu. Dito dessa forma, parece muito simples.

Nenhum homem, proclamou Donne, é uma ilha, e ele estava enganado. Se não fôssemos ilhas, estariámos perdidos, afogados nas tragédias uns dos outros. Nós nos insulamos (uma palavra que significa, literalmente, lembre-se, *transformado em ilha*) diante da tragédia alheia, devido a nossa natureza de ilha, e devido ao aspecto repetitivo das histórias. Conhecemos o formato dessas histórias, e ele nunca muda. Houve um ser humano que nasceu, viveu e, de alguma forma, morreu. Pronto. Você pode preencher os detalhes a partir de sua própria experiência. Uma história tão pouco original quanto qualquer outra, uma vida tão singular quanto qualquer outra. As vidas são como flocos de neve: únicos em cada detalhe e capazes de formar padrões já vistos antes, mas tão semelhantes uns aos outros quanto ervilhas dentro de uma vagem (e você já olhou para ervilhas dentro de uma vagem? Digo, já olhou *mesmo* para elas? Após um minuto de exame atento, não há como não enxergar as diferenças entre elas).

Precisamos de histórias individuais. Sem os indivíduos, vemos apenas números: mil mortos, cem mil mortos, “as baixas podem chegar a um milhão”. Com histórias individuais, as estatísticas se transformam em pessoas — mas até isso é uma mentira, pois as pessoas continuam a sofrer em quantidades que também entorpecem e carecem de sentido. *Olhe*, veja a barriga inchada do menino, e as moscas que andam pelos olhos dele, os membros esqueléticos: seria mais fácil se você soubesse o nome dele, sua idade, seus sonhos, seus medos? Se o visse por dentro? E, se fosse, não seria um desserviço à irmã dele, que repousa na terra ardente a seu lado, uma figura distorcida e estirada, uma caricatura de criança humana? E, agora que nos solidarizamos com a dor dessas crianças, elas são mais importantes para nós do que outras mil crianças atingidas pela mesma fome, mil outras vidas jovens que logo se tornarão comida para as crianças contorcidas de fome das próprias moscas, as larvas?

Traçamos nossos limites em torno desses momentos de dor e permanecemos em nossas ilhas, e assim eles não são capazes de nos ferir. São então cobertos por uma camada suave, segura, lustrosa, para que assim eles possam cair, como pérolas, de nossa alma sem causar dor genuína.

A ficção permite que nos esgueiremos para dentro dessas outras cabeças, desses outros lugares, e olhemos por outros olhos. E então, na história, paramos antes de morrer, ou morremos ilesos na pele de terceiros, e no mundo além da história viramos a página ou fechamos o livro e continuamos com nossa vida.

Uma vida que é, como todas as outras, diferente de todas as outras.

E a verdade pura e simples é esta: *havia uma menina, e seu tio a vendeu*.

Era isto que diziam no lugar de onde a menina veio: nunca dá para ter certeza de quem é o pai de uma criança, mas a mãe, ah, disso se podia ter certeza. A linhagem e a propriedade eram transferidas pela matrilinearidade, mas o poder permanecia nas mãos dos homens: um homem detinha posse total dos filhos de sua irmã.

Houve uma guerra naquele lugar, uma guerra pequena, nada além de uma rusga entre os homens de dois povoados rivais. Foi quase uma discussão. Um povoado venceu a discussão, um povoado perdeu.

A vida como *commodity*, pessoas como propriedades. Por milhares de anos a escravidão havia feito parte da cultura daquela região. Os escravagistas árabes tinham destruído o último dos grandes reinos da África Oriental, e as nações da África Ocidental tinham destruído umas às outras.

Não havia nada condenável ou incomum no fato de o tio vender os gêmeos, embora gêmeos fossem considerados seres mágicos e o tio os temesse, o bastante para não lhes dizer que seriam vendidos, para que eles não ferissem sua sombra e o matassem. Os gêmeos tinham doze anos. Ela se chamava Wututu, a ave mensageira; ele, Agasu, o nome de um rei morto. Eram crianças saudáveis, e, por serem gêmeas, menino e menina, disseram-lhes muitas coisas sobre os deuses, e, por serem gêmeas, elas ouviram o que lhes disseram e se lembraram.

O tio delas era um homem gordo e preguiçoso. Se possuísse mais cabeças de gado, talvez tivesse aberto mão de um animal, e não das crianças, mas ele não possuía. Vendeu os gêmeos. Deixemos o tio de lado: ele não prosseguirá conosco nesta narrativa. Sigamos os gêmeos.

Eles foram obrigados a marchar, junto com outros escravos capturados ou vendidos na guerra, por dezenove quilômetros até um pequeno posto avançado. Ali, os gêmeos, e outros treze, foram comprados por seis homens com lanças e facas que os fizeram rumar para o oeste, na direção do mar, e depois por muitos quilômetros ao longo da costa. Agora eram quinze escravos ao todo, as mãos restritas com amarras frouxas, presos um ao outro pelo pescoço.

Wututu perguntou ao irmão o que aconteceria com eles.

— Não sei — respondeu ele.

Agasu era um menino que sorria com frequência: seus dentes eram brancos e perfeitos, e ele os exibia ao sorrir, e seus sorrisos felizes deixavam Wututu feliz

também. Mas agora ele não estava sorrindo. Tentou mostrar coragem para a irmã, mantendo a cabeça erguida e os ombros firmes, orgulhoso, ameaçador e cômico como um filhote de cachorro com o pelo das costas eriçado.

O homem atrás de Wututu na fila, com uma cicatriz no rosto, disse:

— Eles nos venderão para os diabos brancos, que vão nos levar para a terra deles do outro lado da água.

— E o que vão fazer com a gente lá? — perguntou Wututu.

O homem não falou nada.

— Hein? — insistiu Wututu.

Agasu tentou alertar a irmã com o olhar. Eles não tinham permissão para conversar ou cantar enquanto andavam.

— É possível que eles nos comam — disse o homem. — Foi o que me contaram. É por isso que precisam de tantos escravos. Estão sempre com fome.

Wututu começou a chorar.

— Não chore, irmã — disse Agasu. — Eles não vão comer você. Eu protejo você. Nossos deuses também.

Mas Wututu continuou chorando, o coração cada vez mais pesado, sentindo dor e raiva e medo de um modo que só uma criança é capaz de sentir: pura e absolutamente. Ela não conseguiu dizer a Agasu que não tinha medo de ser devorada pelos diabos brancos. Tinha certeza de que sobreviveria. Ela chorava porque o irmão talvez tivesse o mesmo destino, e não sabia se conseguiria protegê-lo.

Eles chegaram a um posto avançado e foram mantidos lá por dez dias. Na manhã do décimo dia, foram retirados da cabana onde haviam sido aprisionados (nos últimos dias, o espaço ficara muito abarrotado, conforme homens chegavam de muito longe, alguns tendo percorrido centenas de quilômetros, trazendo suas próprias correias ou fileiras de escravos). Eles foram conduzidos até o porto, e Wututu avistou o barco que os levaria embora.

Seu primeiro pensamento foi que a embarcação era imensa, e o segundo, que ela era pequena demais para comportar todos eles. Parecia pairar sobre a água. O bote do navio ia e vinha, levando os cativos até o navio, onde eram agrilhoados e distribuídos nos conveses inferiores por marinheiros, alguns dos quais tinham pele bronzeada ou vermelha como tijolo, com narizes pontudos e barbas estranhas que os faziam parecer monstros. Alguns dos marinheiros lembravam pessoas do povo dela, lembravam os homens que a haviam feito marchar pela costa. Os homens, as mulheres e as crianças foram separados, empurrados para áreas diferentes no convés. Era impossível abrigar devidamente todos os escravos, eram muitos, então mais uma dúzia de homens foi acorrentada no convés superior, embaixo dos pontos onde a tripulação prendia suas redes.

Wututu foi deixada junto com as crianças, não com as mulheres; e não foi acorrentada, apenas trancada. Agasu foi obrigado a ficar com os homens, em correntes, espremido como uma sardinha. Fedia debaixo do convés, embora a tripulação o tivesse lavado após remover a carga anterior. O odor havia se entranhado na madeira: o cheiro de medo e bálsamo e diarreia e morte, de febre e loucura e ódio. Wututu se sentou no espaço quente com as outras crianças, seu suor se misturando ao delas. Uma onda fez um menino cair em cima da menina, e ele pediu desculpas em uma língua que Wututu não reconheceu. Ela tentou sorrir para ele na penumbra.

O navio zarpou, navegando vigorosamente pela água.

Wututu se perguntou sobre o lugar de onde vinham os homens brancos (embora nenhum deles fosse branco de verdade: tinham a pele escura, queimada pelo mar e pelo sol). Será que a comida na terra deles era tão escassa que precisavam ir até a dela para buscar gente para comer? Ou seria ela uma iguaria, uma guloseima rara, para um povo que comia tantas coisas que só mesmo carne de pele negra nas panelas conseguia fazê-los salivar?

No segundo dia da viagem, o navio enfrentou uma tormenta, não muito forte, mas os conveses do navio chegaram a pular e a tombar, e o cheiro de vômito se uniu à mistura de cheiros de urina e fezes líquidas e suor. A chuva jorrava pelas fendas de ventilação no teto do convés dos escravos.

Depois de uma semana de viagem, e bem distante da terra, os escravos foram liberados dos grilhões. Avisaram-lhes que qualquer ato de desobediência, qualquer confusão que arranjassem receberia uma punição mais severa do que eles jamais haviam imaginado.

Pela manhã, os cativos comiam feijão e biscoito de água e sal com um pouco de suco de limão azedo o bastante para fazê-los contorcer o rosto, tossir e engasgar, e alguns gemiam e grunhiam quando o suco era servido. Mas eles não podiam cuspir: se fossem flagrados cuspindo ou fingindo beber, recebiam chicotadas ou surras.

No jantar, comiam carne salgada. O sabor era desagradável, e a superfície cinzenta da carne exibia um brilho colorido como um arco-íris. Isso foi no começo. Conforme a viagem prosseguia, a carne piorava.

Sempre que podiam, Wututu e Agasu se reuniam e, encolhidos num canto, conversavam sobre a mãe, a terra natal, os amigos. Às vezes, Wututu contava ao irmão as histórias que a mãe lhes contara, como as de Elegba, o mais ardiloso dos deuses, que era os olhos e os ouvidos da Grande Mawu no mundo, que levava mensagens a Mawu e trazia suas respostas.

À noite, para fugirem da monotonia do longo trajeto, os marinheiros faziam os escravos cantarem e dançarem as músicas de suas terras nativas.

Wututu deu sorte de ter sido colocada com as crianças. Elas ficavam abarrotadas e eram constantemente ignoradas, mas o que esperava as mulheres era bem pior. Em alguns navios negreiros, as escravas eram estupradas repetidas vezes pela tripulação, apenas um direito implícito da jornada. Aquele navio não era assim, o que não significava que não aconteciam estupros.

Cem homens, mulheres e crianças morreram na viagem e foram jogados ao mar; alguns deles nem mortos estavam ainda, mas o frio verde do oceano os despertou da febre final, e eles afundaram, se debatendo, se afogando, perdidos.

Wututu e Agasu estavam em um navio holandês, mas eles não sabiam disso, e tanto faria se tivesse sido inglês, português, espanhol ou francês.

Os tripulantes negros do navio, de pele ainda mais escura que a de Wututu, diziam aos cativos aonde ir, o que fazer, quando dançar. Certa manhã, a menina percebeu que um dos guardas negros a encarava. Ela estava comendo, quando o homem se aproximou e ficou olhando para ela, sem falar nada.

— Por que você faz isso? — perguntou ela ao homem. — Por que você serve aos diabos brancos?

Ele abriu um sorriso, como se aquela pergunta fosse a coisa mais engraçada que já tivesse ouvido. Então se abaixou um pouco, seus lábios quase roçando a orelha da menina, e o hálito quente imediatamente deixou Wututu enjoada.

— Se você fosse mais velha — disse ele —, eu a faria gritar de alegria com o meu pênis. Talvez eu faça hoje à noite. Já vi como você dança bem.

Ela o encarou com seus olhos castanhos e respondeu, sem alterar o tom de voz, até sorrindo, na verdade:

— Se você puser isso dentro de mim, eu vou arrancar com meus dentes lá de baixo. Sou uma bruxa e tenho dentes muito afiados.

Ela ficou satisfeita quando viu a expressão do homem mudar. Ele não falou mais nada e se afastou.

As palavras haviam saído de sua boca, mas não foram palavras dela: Wututu não pensara nelas, nem as criara. Não; ela percebeu que as palavras eram de Elegba, o ardiloso. Mawu criara o mundo e depois, graças aos ardis de Elegba, perdera o interesse nele. A esperteza e a ereção dura como ferro de Elegba é que haviam falado pela menina, que a haviam possuído por um instante, e naquela noite, antes de dormir, ela agradeceu ao deus.

Alguns cativos se recusaram a comer. Eles foram açoitados até engolirem a comida colocada em sua boca, embora os golpes tenham sido severos o bastante para matar dois dos homens. Ainda assim, ninguém mais no navio tentou se libertar através da fome. Um homem e uma mulher tentaram se matar pulando na água. A mulher conseguiu. O homem foi resgatado e amarrado ao mastro, e então chicoteado durante quase um dia, até suas costas se banharem em sangue,

e foi deixado lá, o dia dando lugar à noite. Não recebeu nada para comer, e nada para beber além da própria urina. No terceiro dia, ele delirava, e sua cabeça ficara inchada e macia como um melão velho. Quando os desvairos chegaram ao fim, ele foi jogado ao mar. E pelos cinco dias seguintes à tentativa de fuga, os cativos voltaram às correntes e aos grilhões.

Foi uma longa viagem, ruim para os cativos e pouco agradável para os tripulantes, que haviam aprendido a endurecer o coração e a fingir que aquele trabalho era igual a qualquer outro, apenas fazendeiros conduzindo gado.

Eles aportaram em um dia bonito e quente em Bridgetown, Barbados, e os cativos foram levados do navio para a praia em botes pequenos saídos do cais e depois conduzidos até a praça do mercado, onde, mediante certa dose de gritos e golpes de porrete, foram organizados em fileiras. Um apito soou, e a praça se encheu de homens de rosto vermelho, que cutucavam, apertavam, gritavam, examinavam, chamavam, avaliavam, resmungavam.

E foi naquele momento que Wututu e Agasu se separaram. Foi muito rápido: um homem abriu a boca de Agasu, olhou seus dentes, sentiu os músculos dos braços, assentiu, e então outros dois homens levaram o menino embora. Ele não ofereceu resistência. Olhou para Wututu e gritou:

— Tenha coragem.

Ela fez que sim com a cabeça, aos prantos, sua visão sendo manchada pelas lágrimas. Juntos, eles eram gêmeos, mágicos, poderosos. Separados, eram duas crianças marcadas pela dor.

Ela só veria o irmão uma única vez depois daquele dia, e nunca em vida.

Eis o que aconteceu com Agasu. Primeiro, eles o levaram para uma fazenda de especiarias, onde o chicoteavam diariamente pelas coisas que fazia e pelas que não fazia; também lhe ensinaram um mínimo de inglês e lhe deram o nome de Inky Jack, Jack Carvão, por causa da escuridão de sua pele. Quando ele fugia, os homens o caçavam com cachorros e o traziam de volta, e lhe cortavam um dedo do pé com uma talhadeira para lhe ensinar uma lição que ele jamais esqueceria. Ele tentou passar fome, mas, quando se recusou a comer, quebraram seus dentes da frente e lhe empurraram um mingau ralo goela abaixo, e suas únicas opções eram engolir a comida ou sufocar.

Mesmo naqueles tempos, os senhores preferiam escravos nascidos em cativeiro aos trazidos da África. Os que haviam nascido em liberdade sempre tentavam fugir, ou morrer, e, de uma forma ou de outra, lá se iam os lucros.

Com dezesseis anos, Inky Jack foi vendido, junto com outros escravos, para uma *plantation* de cana em St. Domingue. Chamaram-no de Hyacinth, Jacinto, o escravo grande de dentes quebrados. Lá, o jovem conheceu uma velha de seu antigo povoado. A mulher havia sido uma escrava doméstica antes de seus dedos

ficarem retorcidos e rígidos demais por causa da artrite. Ela lhe disse que os brancos separavam os cativos que viessem da mesma cidade, do mesmo povoado, da mesma região, para evitar insurreições. Eles não gostavam quando os escravos conversavam em sua própria língua.

Hyacinth aprendeu um pouco de francês e alguns ensinamentos da Igreja Católica. Todos os dias, ele cortava cana desde muito antes de o sol nascer até depois de o sol se pôr.

Gerou muitas crianças. Junto com outros escravos, se embrenhava pela floresta em plena madrugada, ainda que fosse proibido, para dançar a calinda, para cantar para Damballa-Wedo, o deus-serpente, que surgia na forma de uma serpente negra. Ele cantou para Elegba, para Ogum, Shangô Zaka e muitos outros, todos os deuses que os cativos haviam levado à ilha, escondidos na mente e no coração.

Os escravos nas *plantations* de açúcar de St. Domingue raramente viviam mais de uma década. O tempo livre que lhes era concedido — duas horas no calor do meio-dia e cinco horas na escuridão da noite (das onze às quatro) — era também o único momento que eles tinham para plantar e preparar a própria comida (pois eles não eram alimentados pelos senhores, apenas recebiam pequenos pedaços de terra para cultivar e obter seu alimento), e era também o momento que eles tinham para dormir e sonhar. Ainda assim, eles aproveitavam esse tempo para se reunir e dançar, e cantar, e louvar. O solo de St. Domingue era fértil, e os deuses de Daomé, do Congo e do Níger fincaram ali raízes vigorosas e cresceram, exuberantes e imensos e profundos, e prometeram liberdade àqueles que os louvassem à noite nas florestas.

Hyacinth tinha vinte e cinco anos de idade quando uma aranha mordeu sua mão direita. O local da mordida infecionou, e a carne das costas da mão necrosou: em pouco tempo, o braço inteiro estava inchado e roxo, e a mão fedia, latejava e ardia.

Fizeram-no beber rum fajuto e aqueceram a lâmina de um facão no fogo até ela brilhar, vermelha e branca. Cortaram fora o braço dele na altura no ombro, com uma serra, e o cauterizaram com a lâmina ardente. Ele passou uma semana caído de febre. Depois, voltou ao trabalho.

O escravo de um braço só chamado Hyacinth participou da revolta dos escravos de 1791.

O próprio Elegba se apossou de Hyacinth na floresta, cavalgando-o como um homem branco cavalgava um cavalo, e falou através dele. Hyacinth não se lembrava muito do que fora dito, mas os outros que o acompanharam disseram que ele lhes havia prometido a liberdade. Ele se lembrava apenas da ereção, rígida e dolorosa, e de erguer as duas mãos — a que ele tinha e a que não possuía

mais — para a lua.

Um porco foi morto, e os homens e as mulheres da *plantation* beberam o sangue quente do animal, jurando lealdade e criando uma irmandade. Eles se declararam um exército de libertação e fizeram mais votos aos deuses de todas as terras de onde haviam sido roubados.

— Se morrermos em batalha contra os brancos — disseram uns aos outros —, renasceremos na África, em nossos lares, em nossas tribos.

Havia outro Hyacinth no grupo, então passaram a chamar Agasu de Grande Braço. Ele combateu, louvou, sacrificou, planejou. Viu seus amigos e suas amadas morrerem e continuou combatendo.

Eles combateram por doze anos, uma luta enlouquecida e sangrenta contra os senhores de terra, contra as forças trazidas da França. Eles combateram, e continuaram combatendo, e o impossível aconteceu, e eles venceram.

Em primeiro de janeiro de 1804, foi declarada a independência de St. Domingue, que logo viria a ser conhecido pelo mundo como República do Haiti. Grande Braço não viveu para ver a independência se concretizar. Ele morreu em agosto de 1802, pela baioneta de um soldado francês.

No momento exato da morte de Grande Braço (que antes fora chamado Hyacinth, e antes disso, Inky Jack, e que no coração sempre fora Agasu), sua irmã — que ele havia conhecido como Wututu, que fora chamada Mary na primeira *plantation* nas Carolinas, e Daisy quando se tornara escrava doméstica, e Sukey quando a venderam à família Lavere mais abaixo, em Nova Orleans — sentiu a baioneta fria penetrar por entre as costelas e começou a gritar e a chorar descontroladamente. Suas filhas gêmeas, ainda bebês, acordaram e começaram a chorar também. Elas eram cor de café com creme, ao contrário dos filhos negros que ela havia parido na *plantation*, quando ela própria era pouco mais que uma criança — filhos que ela não via desde que eles tinham quinze e dez anos. A menina do meio havia morrido um ano antes, quando foi vendida para longe.

Sukey fora açoitada muitas vezes desde que eles haviam desembarcado — em uma ocasião, esfregaram sal em suas feridas, e em outra ela apanhou com tanta força e por tanto tempo que, durante dias, ela não conseguiu se sentar nem permitir que nada tocasse suas costas. Ela fora estuprada várias vezes quando era mais nova: por homens negros que haviam sido obrigados a partilhar o estrado de madeira com ela e por homens brancos. Ela havia sido acorrentada. Mas não chorara. Desde que seu irmão fora tirado dela, Sukey havia chorado apenas uma vez. Foi na Carolina do Norte, quando vira a comida para as crianças escravas e para os cachorros ser despejada no mesmo comedouro, e vira seus filhos pequenos disputarem os restos com os cachorros. Ela viu isso acontecer um dia — e havia visto antes, todos os dias naquela *plantation*, e voltaria a ver muitas

vezes mais antes de ir embora —, ela viu isso naquele dia, e isso lhe partiu o coração.

Ela fora bonita por um tempo. Mas os anos de dor haviam cobrado seu preço, e ela já não era mais bonita. Seu rosto era enrugado, e havia sofrimento demais naqueles olhos castanhos.

Onze anos antes, quando ela tinha vinte e cinco, seu braço direito se atrofiara. Nenhum dos brancos soubera dizer o que havia acontecido. A carne pareceu escorregar dos ossos, e agora seu braço direito pendia ao lado do corpo, nada mais do que um braço esquelético coberto de pele, e quase imóvel. Depois disso, ela se tornou uma escrava doméstica.

A família Casterton, proprietária daquela *plantation*, ficou impressionada com as habilidades dela na cozinha e no cuidado com a casa, mas o braço atrofiado da criada incomodava a sra. Casterton, então ela foi vendida para a família Lavere, que estava passando um ano fora da Louisiana: o sr. Lavere era um homem gordo e alegre que precisava de uma cozinheira e de uma criada para serviços gerais e que não sentia nem um pouco de repulsa pelo braço atrofiado da escrava Daisy. Quando, um ano depois, eles voltaram à Louisiana, a escrava Sukey foi junto.

Em Nova Orleans, as mulheres iam até ela, e também os homens, atrás de curas e encantos de amor e pequenos amuletos; pessoas negras, sim, claro, mas também as brancas. A família Lavere fazia vista grossa. Talvez eles gostassesem do prestígio de ter uma escrava que fosse temida e respeitada. Porém, não lhe venderiam a liberdade.

Sukey ia ao *bayou* tarde da noite, e dançava a calinda e a bamboula. Como os dançarinos em St. Domingue e os dançarinos em sua terra natal, os dançarinos no *bayou* usavam uma cobra preta como *voudon*; mesmo assim, os deuses da terra natal dela e os de outras nações africanas não possuíram aquelas pessoas como haviam possuído o irmão dela e as pessoas de St. Domingue. Mas ela continuava a invocá-los e a chamar seus nomes, a suplicar favores.

Ela ouviu quando os brancos falaram sobre a revolta em St. Domingo (como eles diziam), e sobre como aquilo estava fadado ao fracasso — “Imagine só! Uma terra de canibais!” —, e depois reparou quando eles pararam de falar no assunto.

A impressão era de que os brancos fingiam que nunca havia existido um lugar chamado St. Domingue, muito menos um com o nome de Haiti, palavra que jamais era mencionada. Era como se toda a nação americana tivesse decidido que, se acreditasse bastante, faria com que uma ilha caribenha inteira deixasse de existir, por pura e simples força de vontade.

Uma geração de filhos dos Lavere cresceu sob o olhar atento de Sukey. O

mais novo, incapaz de dizer “Sukey” na infância, chamara-a de Mama Zouzou, e o nome pegou. Agora o ano era 1821, e Sukey estava com cinquenta e poucos anos. Parecia muito mais velha.

Ela conhecia mais segredos do que a velha Sanité Dédé, que vendia doces na frente do Cabildo, mais do que Marie Saloppé, que chamava a si mesma de rainha vodu: as duas eram mulheres de cor livres, enquanto Mama Zouzou era uma escrava, e morreria escrava, ou era o que seu mestre havia anunciado.

A jovem que veio até ela para descobrir o que havia acontecido com seu marido se apresentara como Viúva Paris. Tinha seios firmes, juventude, orgulho. Seu corpo tinha sangue africano, e sangue europeu, e sangue indígena. Sua pele era avermelhada e seu cabelo era de um preto lustroso. Seus olhos eram pretos e arrogantes. Seu marido, Jacques Paris, talvez estivesse morto. Ele era três quartos branco, de acordo com o cálculo que se fazia dessas coisas, e era o filho bastardo de uma família que já tivera prestígio no passado, um dos muitos imigrantes que haviam fugido de St. Domingue, e um homem tão livre quanto sua bela e jovem esposa.

— Meu Jacques. Ele morreu? — perguntou a Viúva Paris.

Ela era uma cabeleireira que ia de casa em casa fazer penteados nas damas elegantes de Nova Orleans antes de seus compromissos sociais tão estressantes.

Mama Zouzou consultou os ossos e balançou a cabeça.

— Ele está com uma mulher branca, em algum lugar ao norte daqui — disse ela. — Uma mulher branca de cabelo dourado. Ele está vivo.

Não havia mágica alguma naquela descoberta. Todo mundo em Nova Orleans sabia com quem exatamente Jacques Paris havia fugido, e qual era a cor do cabelo dela.

Mama Zouzou ficou surpresa ao constatar que a Viúva Paris ainda não sabia que Jacques estava enfiando seu pintinho mulato em uma menina rosada lá em Colfax todas as noites. Bom, pelo menos nas noites em que ele não estava tão bêbado que só conseguia usá-lo para mijar. Talvez ela soubesse. Talvez tivesse vindo por outro motivo.

A Viúva Paris visitava a velha escrava uma ou duas vezes por semana. Depois de um mês, ela passou a trazer presentes para a velha: laços de cabelo, um bolo de semente de alcaravia, um galo preto.

— Mama Zouzou — disse a moça —, é hora de você me ensinar tudo o que sabe.

— Sim — respondeu Mama Zouzou, que sabia como o mundo funcionava.

Além do mais, a Viúva Paris confessara que tinha nascido com os dedos dos pés colados, o que significava que ela era gêmea e havia matado a irmã no útero. Que escolha Mama Zouzou tinha?

Ela ensinou à moça que duas nozes-moscadas presas em um barbante em volta do pescoço até o barbante se romper curam sopros cardíacos, e que um pombo que nunca voou, se for aberto e colocado na cabeça do paciente, aplacará uma febre. Ela lhe mostrou como fazer uma bolsa de desejos — uma bolsinha de couro contendo treze moedas de um centavo, nove sementes de algodão e pelos de um porco preto —, e mostrou como esfregar a bolsa para fazer com que os desejos se realizassem.

A Viúva Paris aprendeu tudo o que Mama Zouzou lhe ensinou, mas ela não se interessava muito pelos deuses. Nem um pouco. Ela preferia se ater às questões práticas. Ficou maravilhada ao descobrir que, se mergulhasse uma rã viva em mel e a colocasse em um formigueiro, depois, quando os ossos estivessem limpos e brancos, um olhar mais atento encontraria um osso achatado em forma de coração e outro com um gancho: o osso com o gancho deve ser preso à roupa da pessoa cujo amor é desejado, enquanto o osso com forma de coração deve ser guardado em segurança (pois, se for perdido, a pessoa amada se voltará contra você como um cão raivoso). Isso feito, pronto, a pessoa amada será conquistada.

Ela descobriu que pó de cobra ressecada, se colocado no pó facial de uma inimiga, causará cegueira, e que é possível fazer uma inimiga se afogar obtendo-se uma roupa de baixo dela, virando-a do avesso e enterrando-a à meia-noite sob um tijolo.

Mama Zouzou mostrou à Viúva Paris a Raiz Maravilhosa do Mundo, as grandes e as pequenas raízes de John the Conqueror, e também um pouco de sangue de dragão, e erva-gato, e potentilha. Ela a ensinou a preparar chá de definhar, e água de me siga, e água faire-Shingo.

Tudo isso e mais um pouco Mama Zouzou ensinou à Viúva Paris. Ainda assim, no final foi uma decepção para a velha. Ela fez o possível para transmitir as verdades ocultas, o conhecimento profundo, para contar de Elegba, de Mawu, de Aido-Hwedo, da serpente *voudon*, e do resto, mas a Viúva Paris (agora lhe direi o nome com que ela nasceu, o nome que mais tarde se tornou famoso: era Marie Laveau. Mas essa não era a grande Marie Laveau, da qual você já ouviu falar; era sua mãe, que com o tempo viria a ser a Viúva Glapion) não tinha interesse algum nos deuses da terra do outro lado do oceano. Se St. Domingue havia sido uma terra negra exuberante para o crescimento dos deuses africanos, aquela terra, com o milho e os melões, as lagostas e o algodão, era estéril e infértil.

— Ela não liga — reclamou Mama Zouzou para Clémentine, sua confidente, que trabalhava de lavadeira para muitas das casas naquele distrito, lavando cortinas e colchas. Clémentine tinha um jardim de queimaduras no rosto, e um de seus filhos havia morrido escaldado quando um caldeirão de cobre tombou.

— Então não ensine — disse Clémentine.

— Eu ensino, mas ela não vê o que é precioso. Ela só vê o que pode ser feito com os ensinamentos. Eu dou diamantes, mas ela só se importa com o vidro bonito. Eu dou uma *demi-bouteille* do melhor vinho clarete, e ela bebe água de rio. Eu dou codorna, e ela só deseja comer rato.

— Então por que você persiste? — perguntou Clémentine.

Mama Zouzou deu de ombros, e seu braço atrofiado tremeu.

Ela não tinha a resposta. Poderia dizer que ensinava por estar grata por continuar viva, e ela estava: já vira muitos morrerem. Poderia dizer que sonhava com o dia em que os escravos se levantariam, tal como se levantaram (e foram derrotados) em LaPlace, mas ela sabia, no íntimo, que sem os deuses da África eles jamais superariam seus captores brancos, jamais voltariam à terra natal.

Quando ela acordou naquela noite terrível quase vinte anos antes e sentiu o aço frio entre as costelas, foi aí que a vida de Mama Zouzou acabou. Agora ela era alguém que não vivia, que apenas odiava. Se você lhe perguntasse sobre o ódio, ela jamais mencionaria a menina de doze anos em um navio fétido: isso havia sido encoberto em sua mente — foram açoites e surras demais, noites demais em grilhões, despedidas demais, dor demais. Mas ela poderia falar sobre o filho, e sobre quando arrancaram o polegar dele quando o mestre descobriu que o menino sabia ler e escrever. Ela poderia falar da filha, com doze anos e já grávida de oito meses de um capataz, e do buraco que cavaram na terra vermelha para acomodar a barriga grávida de sua filha, e depois a açoitaram até fazer as costas dela sangrarem. Apesar do buraco cavado cuidadosamente, sua filha havia perdido o bebê e a vida em uma manhã de domingo, quando todos os brancos estavam na igreja...

Dor demais.

— Louve-os — disse Mama Zouzou à jovem Viúva Paris no *bayou*, uma hora após a meia-noite. As duas estavam com o peito desnudo e suavam no ar úmido da noite, e a pele delas se realçava ao luar.

O marido da Viúva Paris, Jacques (cuja morte, três anos mais tarde, apresentaria diversas características notáveis), contara a Marie um pouco sobre os deuses de St. Domingue, mas ela não se importava. O poder vinha dos rituais, não dos deuses.

Juntas, Mama Zouzou e a Viúva Paris entoavam e batiam os pés e gemiam no pântano. Elas cantavam para as serpentes negras, a mulher de cor livre e a escrava com o braço atrofiado.

— Isto é muito maior do que a sua prosperidade e o fracasso dos seus inimigos — disse Mama Zouzou.

Muitas palavras das cerimônias, palavras que no passado ela conhecia,

palavras que seu irmão também conhecera, essas palavras haviam fugido de sua memória. Ela disse à bela Marie Laveau que as palavras não importavam, apenas as melodias e as batidas, e ali, cantando e batendo nas serpentes negras, no pântano, ela teve uma visão estranha. Ela viu o ritmo das canções, o ritmo da calinda, o ritmo da bamboula, todos os ritmos da África equatorial, disseminando-se lentamente por aquela terra da meia-noite, até todo o país tremer e se mover ao ritmo dos velhos deuses de cujo reino ela havia saído. E compreendeu, de alguma forma, ali no pântano, que nem mesmo isso seria suficiente.

Ela se virou para a bela Marie e viu a si mesma pelos olhos da jovem, uma mulher velha de pele negra, rosto enrugado, um braço magro caído inerte ao lado do corpo, os olhos de uma pessoa que viu seus filhos brigarem pela comida do comedouro com os cachorros. Viu a si mesma e percebeu, pela primeira vez, a repulsa e o medo que a outra mulher sentia por ela.

E então ela riu, e se abaixou, e pegou com a mão boa uma cobra comprida como um galho de árvore e grossa como uma corda de navio.

— Aqui — disse ela. — Isto será nosso *voudon*.

Ela soltou a cobra sem resistência dentro de um cesto que a pálida Marie havia levado.

E então, ao luar, a segunda visão a possuiu uma última vez, e ela viu o irmão Agasu, não o menino de doze anos que ela vira no mercado de Bridgetown tanto tempo antes, mas um homem imenso, careca e soridente, com dentes quebrados e as costas marcadas por cicatrizes profundas. Na mão, ele segurava um facão. O braço direito era apenas um cotoco.

Ela estendeu a mão esquerda, a mão boa.

— Fique, fique mais um pouco — sussurrou ela. — Irei aí. Irei até você logo, logo.

E Marie Paris achou que a velha estivesse falando com ela.

CAPÍTULO

DOZE

O povo dos Estados Unidos investiu sua religião, bem como sua moralidade, em títulos seguros e com rentabilidade garantida. Adotou a posição indevassável de nação que é abençoada porque merece ser, e seus filhos, quaisquer que sejam as teologias por eles adotadas ou desconsideradas, assumem essa crença nacional sem reservas.

Agnes Repplier, *Times and Tendencies*

SHADOW DIRIGIA A oeste, atravessando Wisconsin e Minnesota até entrar em Dakota do Norte, onde as colinas cobertas de neve pareciam imensos búfalos adormecidos, e ele e Wednesday não viam nada além de um grande nada, que se estendia por quilômetros e quilômetros. Seguiram para o sul, até Dakota do Sul, até a reserva indígena.

Wednesday tinha trocado o Lincoln, que Shadow gostava de dirigir, por um trailer Winnebago pesado e muito ancestral, com um cheiro incrustado e inconfundível — ainda que leve — de gato, um carro que ele não gostava nem um pouco de dirigir.

Quando passaram pela primeira placa anunciando o Monte Rushmore, ainda a centenas de quilômetros de distância, Wednesday grunhiu.

— Isso sim é que é um lugar sagrado.

Shadow pensou que Wednesday estivesse dormindo.

— Eu sei que era sagrado para os índios — comentou.

— É um lugar sagrado — repetiu Wednesday. — É o jeito americano: eles precisam de uma desculpa para as pessoas poderem louvar. Hoje em dia, não se

pode só ir visitar uma montanha. Por isso que tem esses enormes rostos presidenciais, obra do senhor Gutzon Borglum. Depois que eles foram esculpidos, foi como se agora sim as pessoas tivessem permissão para ir até lá, aos montes, e ver ao vivo algo que já viram em mil cartões-postais.

— Tinha um cara que fazia musculação lá na academia onde eu trabalhava. Isso faz uns anos. Ele me disse que os jovens da tribo dos índios Dakota escalaram a montanha e desafiam a morte formando uma corrente humana por cima das cabeças, só para o cara na ponta conseguir mijar no nariz do presidente.

Wednesday deu uma gargalhada.

— Ah, que maravilha! Fenomenal! E algum presidente específico é alvo da ira dos jovens índios?

Shadow deu de ombros.

— Ele não me falou.

Quilômetros foram deixados para trás abaixo dos pneus do trailer. Shadow começou a imaginar que estavam parados enquanto a paisagem dos Estados Unidos se deslocava a uma velocidade constante de cento e sete quilômetros por hora. Uma neblina de inverno obscurecia o horizonte.

Era meio-dia do segundo dia de viagem, e estavam quase chegando. Depois de um tempo pensativo, Shadow comentou: — Uma menina lá de Lakeside desapareceu, semana passada. Quando estávamos em São Francisco.

— Hum? — Wednesday parecia quase indiferente.

— Uma garota chamada Alison McGovern. Não é a primeira criança a desaparecer por lá. Já aconteceu com outras. Elas sempre somem no inverno.

Wednesday franziu a testa.

— É uma tragédia, não é? As carinhas nas caixas de leite... se bem que não me lembro da última vez em que vi uma foto de criança desaparecida numa caixa de leite ou em paradas de ônibus. *Procura-se*, logo acima das fotos. Na melhor das hipóteses, uma recomendação profundamente existencial. *Procura-se*. Pegue a próxima saída.

Shadow teve a impressão de ouvir um helicóptero passar voando, mas as nuvens estavam muito densas, não dava para ver nada.

— Por que você escolheu Lakeside?

— Eu já disse. É um lugar tranquilo, bom para você se esconder. Lá, você fica fora do tabuleiro, longe do radar.

— *Por quê?*

— Porque é assim que as coisas são. Agora pegue a esquerda — mandou Wednesday.

Shadow virou à esquerda.

— Tem algo errado — comentou o deus. — Cacete. Meu Deus do céu

santíssimo. Diminua, mas não pare.

— Não vai explicar o que aconteceu?

— Um problema. Conhece alguma rota alternativa?

— Para falar a verdade, não. É a primeira vez que passo por Dakota do Sul. E também não sei para onde estamos indo.

Do outro lado da ladeira, os dois viram um brilho vermelho borrado pela neblina.

— Bloqueio na estrada — anunciou Wednesday.

Ele enfiou a mão bem fundo num bolso do paletó, depois em outro, em busca de alguma coisa.

— Posso parar e dar a meia-volta. Eu poderia sair da estrada, se tivéssemos um jipe, mas esse trailer vai acabar tombando quando eu tentar passar por aquela vala.

— Não podemos voltar. Também tem gente atrás — explicou Wednesday. — Diminua a velocidade para uns vinte, vinte e cinco quilômetros.

Shadow olhou pelo retrovisor. Viu faróis mais atrás, a cerca de um quilômetro.

— Tem certeza?

Wednesday bufou.

— Claro que tenho certeza, assim como tenho certeza de que todo ovo é um ovo, como disse o célebre criador de perus, quando fez chocar o ovo de sua primeira tartaruga. Ahá, achei!

Do fundo de um bolso, o deus tirou um pequeno pedaço de giz branco.

Wednesday começou a riscar o painel do trailer, fazendo marcas de giz como se estivesse resolvendo uma equação matemática — ou talvez, pensou Shadow, como se fosse um mendigo, rabiscando longas mensagens complexas para outros mendigos, usando um código só deles: *cachorro mau aqui, cidade perigosa, mulher legal, cadeia tranquila de passar a noite...*

— Certo. Acelere para cinquenta por hora. E não diminua.

Um dos carros atrás acendeu as luzes, ligou a sirene e acelerou na direção deles.

— Não diminua — repetiu Wednesday. — Eles só querem que a gente diminua antes de chegar ao bloqueio.

Risca. Risca. Risca.

Chegaram ao topo da ladeira. O bloqueio estava a menos de quinhentos metros. Shadow viu doze carros dispostos no meio da estrada, além de viaturas e alguns utilitários pretos grandes no acostamento.

— Pronto.

Wednesday guardou o giz. O painel do trailer estava coberto de rabiscos que pareciam runas.

O carro com a sirene ligada estava logo atrás. Tinha diminuído a velocidade, e uma voz amplificada gritava: — Parem e encostem!

Shadow olhou para Wednesday.

— Vire à direita — instruiu o deus. — Saia da estrada.

— Não posso sair da estrada com essa lata-velha. O carro vai virar.

— Vai dar tudo certo. Vire à direita! Agora!

Shadow obedeceu, e o Winnebago sacudiu e balançou. Por um instante, achou que estivesse certo, que o trailer fosse mesmo tombar, então o mundo do outro lado do para-brisa se desfez e tremelicou, como o reflexo em um lago límpido quando o vento perturba a superfície, e então as Dakotas se esticaram e mudaram.

As nuvens e a neblina e a neve e o dia tinham desaparecido.

Havia estrelas no céu, pairando como lanças de luz imóveis no ar, perfurando o céu noturno.

— Estacione aqui — instruiu Wednesday. — Vamos andar o resto do caminho.

Shadow desligou o trailer. Foi para os fundos e pegou o casaco, as botas de inverno e as luvas. Então saiu do veículo e esperou.

— Pronto. Vamos lá — declarou.

Wednesday o encarou com um ar divertido e de algo mais... irritação, talvez. Ou orgulho.

— Por que você nunca discute? — perguntou o deus. — Por que não grita que isso é impossível? Por que você só faz o que eu mando e leva tudo nessa calma do caralho?

— Porque você não me paga para fazer perguntas — respondeu Shadow. Então acrescentou, dando-se conta da verdade das palavras que saíram de sua boca: — De qualquer forma, nada me surpreende muito depois do que aconteceu com Laura.

— Depois que ela voltou dos mortos?

— Depois que eu descobri que ela estava dando para o Robbie. Doeu demais. O resto é o resto. Para onde vamos?

Wednesday apontou o caminho, e os dois começaram a andar. O chão sob seus pés era de algum tipo de rocha lisa e vulcânica, vítreo em alguns pontos. O ar estava frio, mas não era um frio de inverno. Desceram meio sem jeito por uma colina enorme, chegaram a uma trilha grosseira e continuaram descendo. Shadow olhou lá para baixo e percebeu que o que via era impossível.

— Que porra é aquela? — perguntou, mas o deus levou o dedo aos lábios e balançou a cabeça com firmeza. Silêncio.

Parecia uma aranha mecânica de metal azul com luzes de LED cintilantes, do

tamanho de um trator. Estava agachada ao pé da colina. Atrás dela havia uma variedade de ossos, cada um junto de uma chama bruxuleante, pouco maior que uma vela.

Wednesday gesticulou para que Shadow ficasse longe daquilo. Ele deu mais um passo para o lado, o que foi um erro naquela trilha vítreia: torceu o tornozelo e caiu colina abaixo como se tivesse sido jogado: rolando, derrapando, quicando. Agarrou-se a uma pedra, e o pedaço de obsidiana rasgou a luva de couro como se fosse papel.

Acabou caindo no sopé da ladeira, entre a aranha mecânica e os ossos.

Apoiou uma das mãos no chão para se levantar, mas viu que tinha encostado no que parecia um fêmur, e...

... era dia, e ele estava de pé no meio da estrada, fumando um cigarro e olhando o relógio. Estava cercado de carros, alguns vazios, outros, não. Queria não ter tomado aquele último copo de café: precisava mijar, e a vontade de se aliviar estava começando a incomodar.

Um dos oficiais da lei locais veio até ele, um grandalhão com o bigode de morsa pontilhado de pequenos cristais de respiração congelada. Já tinha até esquecido o nome do sujeito.

— Não entendo como eles conseguiram escapar — comenta o Oficial da Lei Local, constrangido e confuso.

Ele dá a resposta-padrão:

— Foi uma ilusão de ótica. Acontece quando o clima está doido assim. Essa neblina. Foi uma miragem. Eles estavam dirigindo por alguma outra estrada. Mas parecia que era nesta.

O Oficial da Lei Local parece decepcionado.

— Ah. Achei que talvez fosse um negócio meio *Arquivos X*.

— Infelizmente não é nada tão empolgante.

Ele sofre de inflamações ocasionais na hemorroïda, e a bunda acabou de começar a coçar daquele jeito que indica que problemas estão a caminho. Quer voltar para a capital. Queria que tivesse uma árvore ali por perto: a vontade de mijar está cada vez maior. Ele larga o cigarro e pisa para apagar a brasa.

O Oficial da Lei Local vai até uma das viaturas e fala com o motorista. Os dois balançam a cabeça.

Ele se pergunta se devia apenas travar os dentes, tentar se imaginar em Maui, completamente só, e mijar no pneu traseiro do carro. Queria não ter tantos problemas para fazer xixi em público, e até acha que conseguiria segurar por mais um tempo, mas de repente se lembra de uma reportagem de algum jornal que alguém pregou no mural da república da faculdade, trinta anos atrás: a história de um velho que fez uma viagem muito longa num ônibus cujo banheiro

estava interditado e que foi segurando a vontade até não aguentar mais, e quando foi tentar mijar no final da viagem, precisaram inserir um cateter para ele conseguir se aliviar...

Aquilo é ridículo. Ele não é tão velho assim. Vai comemorar seu aniversário de cinquenta anos em abril, e o encanamento está em ordem. Está tudo em ordem.

Ele pega o telefone, abre a agenda, desce um pouco e encontra o endereço identificado como “Lavanderia”, o que tinha achado muito engraçado quando gravou o contato: uma referência ao seriado *O agente da UNCLE* — mas, quando olha para o endereço, repara que não era nada daquilo: era uma *alfaiataria*, ele estava pensando em *Agente 86*. Ainda se sente estranho e um pouco constrangido mesmo depois de tantos anos, por não ter percebido quando criança que era um filme de comédia, e queria um sapatofone mais do que tudo na vida...

Uma voz de mulher ao telefone.

— Sim?

— Aqui é o senhor Town, para o senhor World.

— Aguarde, por favor. Verei se ele pode atendê-lo.

Silêncio. Town cruza as pernas, puxa o cinto mais para cima da barriga — precisa perder esses últimos quatro quilos —, para longe da bexiga. Depois, uma voz formal diz: — Olá, senhor Town.

— Nós os perdemos.

Ele sente um embrulho de frustração na boca do estômago: eram os desgraçados, os filhos da puta nojentos que mataram Woody e Stone, tenha dó. Bons homens. Bons homens. Está louco para comer a sra. Wood, mas sabe que ainda é cedo demais para dar em cima dela, então a leva para jantar de vez em quando, um investimento para o futuro, e a viúva de Woody fica feliz com a atenção...

— Como?

— Não sei. Montamos um bloqueio na estrada, não tinha por onde fugir, mas mesmo assim eles deram um jeito.

— Só mais um dos pequenos mistérios da vida. Não se preocupe. Você acalmou os locais?

— Falei que foi ilusão de ótica.

— Eles acreditaram?

— Provavelmente.

A voz do sr. World parecia muito familiar... o que era algo estranho de se pensar; já fazia dois anos que trabalhava diretamente com o sr. World, falando com ele todo dia, é claro que a voz dele parecia familiar.

— Eles já devem estar longe.

— Mandamos alguém até a reserva para interceptar os dois?

— Não vale a pena o esforço. Muitos problemas de jurisdição, e tem um limite de quantos pauzinhos conseguimos mexer em uma única manhã. Temos bastante tempo. Volte para cá. Estou muito ocupado tentando organizar a reunião sobre a política da corporação.

— Problemas?

— É uma queda de braço. Propus que fosse aqui. Os técnicos querem em Austin, talvez em San José, os artistas querem em Hollywood, os intangíveis querem em Wall Street. Todo mundo quer fazer no seu próprio território. Ninguém quer ceder.

— Quer que eu faça alguma coisa?

— Não ainda. Vou rosnar para alguns, acariciar outros. Sabe como é.

— Sim, senhor.

— Prossiga, Town.

A ligação foi interrompida.

Town acha que devia ter mandado uma equipe da SWAT explodir a porra daquele trailer, ou coberto a estrada de minas, ou usado algum dispositivo nuclear tático; isso teria mostrado para aqueles babacas que estavam falando sério. Como o sr. World tinha falado uma vez: *Estamos escrevendo o futuro com Letras de Fogo*, e o sr. Town acha que, Deus do céu, se não mijar neste instante vai perder um rim, vai explodir, e é que nem seu pai dizia quando faziam viagens longas; quando Town era criança, na rodovia interestadual, seu pai sempre dizia: “Meus molares já estão boiando”, e o sr. Town consegue ouvir a voz dele, aquele sotaque ianque forte, dizendo “Preciso me aliviar, meus molares já estão boiando”...

... e foi aí que Shadow sentiu uma mão abrindo a sua, forçando os dedos um de cada vez a soltar o fêmur que estavam segurando. Não precisava mais mijar: aquilo tinha sido outra pessoa. Estava de pé sob as estrelas, em uma planície de rocha vítreia, e o osso estava no chão em meio a outros ossos.

Wednesday fez outra vez aquele gesto pedindo silêncio. Então começou a andar, e Shadow o seguiu.

A aranha mecânica soltou um rangido, e Wednesday ficou imóvel. Shadow parou e esperou também. Aglomerados de luzes verdes piscantes estavam dispostos ao longo da lateral daquele corpo imenso. Shadow tentou respirar sem fazer muito barulho.

Pensou no que tinha acabado de acontecer. Fora como olhar por uma janela para dentro da mente de outra pessoa. Então pensou: *Senhor World. Fui eu quem achou que a voz era familiar. O pensamento foi meu, não de Town. Foi por isso*

que pareceu tão estranho. Tentou identificar a voz na memória, ligá-la à pessoa certa, mas não conseguiu.

Alguma hora eu vou lembrar, pensou. *Mais cedo ou mais tarde.*

As luzes verdes ficaram azuis, depois vermelhas, depois diminuíram de intensidade para um vermelho fraco, e a aranha se endireitou nas patas metálicas. Wednesday avançou, uma figura solitária ao luar, usando um chapéu de aba larga, o manto escuro desgastado tremulando sem direção ao vento que vinha de lugar nenhum, o cajado batendo no solo rochoso e vítreo.

Quando a aranha metálica já não passava de um brilho distante, muito longe na planície, Wednesday constatou: — Agora acho que já podemos falar.

— Onde estamos?

— Nos bastidores.

— Como assim?

— Imagine que é como estar nos bastidores. Como se fosse um teatro, ou coisa parecida. Acabei de nos tirar da plateia, agora estamos caminhando pelos bastidores. É um atalho.

— Quando encostei naquele osso... Eu entrei na cabeça de um cara chamado Town. Ele faz parte daquele grupinho de agentes. Ele nos odeia.

— Sim.

— Ele tem um chefe chamado senhor World. A voz dele me lembra a de alguém, só não sei de quem. Eu estava olhando para dentro da mente desse Town, ou talvez estivesse dentro da cabeça dele. Não tenho certeza.

— Eles sabem para onde estamos indo?

— Acho que deixaram pra lá, por enquanto. Não queriam nos seguir para dentro da reserva. Nós vamos para uma reserva?

— Talvez.

Wednesday se apoiou no cajado por um instante, então retomou a caminhada.

— O que era aquela aranha?

— Uma manifestação de padrões. Um dispositivo de busca.

— Ela é perigosa?

— Só se chega à minha idade pensando no pior.

Shadow sorriu.

— E que idade é essa?

— Velha como a minha língua — respondeu Wednesday. — E alguns meses mais velha que meus dentes.

— Você é tão bom em esconder o jogo que eu não sei nem que jogo é esse.

Wednesday se limitou a grunhir em resposta.

Cada colina a que chegavam era mais difícil de escalar.

Shadow começou a sentir uma leve dor de cabeça. A luz das estrelas era, de

certa forma, latejante, e parecia que estava em sintonia com a pulsação que sentia nas têmporas e no peito. Na base da colina seguinte, ele tropeçou, abriu a boca para dizer alguma coisa e, sem aviso, vomitou.

Wednesday enfiou a mão em um bolso interno e pegou um pequeno cantil.

— Tome um gole disto — instruiu. — Só um gole.

O líquido era pungente e evaporou na boca, como um bom conhaque, mas não tinha gosto de álcool. Wednesday pegou o cantil de volta e o guardou.

— Não é bom para a plateia ficar perambulando pelos bastidores. É por isso que você está passando mal. Precisamos tirar você daqui o mais rápido possível.

Começaram a andar mais rápido — Wednesday num passo firme, Shadow tropeçando de vez em quando, mas sentindo-se melhor graças à bebida, que deixara na boca um gosto de casca de laranja, óleo de alecrim, hortelã e cravo.

Wednesday segurou o braço de Shadow.

— Ali — anunciou, apontando para dois montinhos de vidro rochoso congelado à esquerda. — Ande entre aqueles dois montes. Fique ao meu lado.

Os dois andaram, e o ar frio e a luz forte do dia golpearam o rosto de Shadow a um só tempo. Ele parou e fechou os olhos, tonto e ofuscado; então, protegendo-os com a mão, abriu-os de novo.

Estavam parados no meio de uma colina não muito íngreme. A neblina tinha se dissipado, o dia estava frio e ensolarado, o céu era de um azul perfeito. Na base da colina havia uma estrada de cascalho, e uma perua vermelha se balançava por ela como um carrinho de controle remoto. Uma lufada de fumaça atingiu o rosto de Shadow, fazendo seus olhos lacrimejarem. Vinha de uma construção ali perto — parecia um trailer largado ao lado da colina, uns trinta anos antes. Havia muitos sinais de conserto, remendos e, em alguns lugares, acréscimos: Shadow tinha certeza de que a chaminé de estanho galvanizado, de onde saía a fumaça, não fazia parte da estrutura original.

Quando se aproximaram da porta, alguém a abriu. Um homem de meia-idade, com pele escura, olhos atentos e uma boca que parecia ter sido cortada com uma faca olhou para eles e disse: — Eia! Soube que dois homens brancos estavam vindo me ver. Dois brancos em um trailer Winnebago. E soube que os dois tinham se perdido, assim como todos os homens brancos, quando ainda não espalharam suas placas para tudo que é lado. E agora veja só essas duas criaturas miseráveis na minha porta. Vocês sabem que estão em território Lakota?

O cabelo do homem era grisalho e comprido.

— Desde quando você é Lakota, sua farsa velha? — retrucou Wednesday. Estava usando casaco e gorro cobrindo as orelhas, e Shadow já achava improvável que, pouco antes, o deus estivesse usando um chapéu de abas largas e um manto esfarrapado. — Então, Whiskey Jack. Seu desgraçado. Estou

morrendo de fome, e meu amigo aqui acabou de vomitar o café da manhã. Não vai nos convidar para entrar?

Whiskey Jack coçou a axila. Usava calça jeans azul, uma camiseta tão cinza quanto o cabelo e mocassins. Parecia não estar nem aí para o frio. Por fim, respondeu: — Eu gosto daqui. Entrem, homens brancos que perderam o Winnebago.

O ar dentro do trailer estava ainda mais carregado de fumaça. Lá encontraram outro homem, sentado a uma mesa. Ele usava uma roupa de couro típica dos índios norte-americanos, com a frente manchada, e estava descalço. Sua pele tinha cor de casca de árvore.

Wednesday parecia extasiado.

— Ora, parece que nosso atraso foi muito fortuito. Whiskey Jack e Apple Johnny. Dois coelhos com uma cajadada só.

O homem à mesa, Apple Johnny, encarou Wednesday e levou a mão à virilha:

— Errou de novo — comentou o homem. — Acabei de conferir, e meu cajado tá bem aqui, no lugar dele. — Ele olhou para Shadow e ergueu a mão espalmada.

— Eu sou John Chapman. Não escute nada do que seu chefe falar de mim. Ele é um babaca. Sempre foi um babaca. Sempre vai ser um babaca. Tem gente que simplesmente é babaca, não tem jeito.

— Mike Ainsel — disse Shadow.

Chapman coçou o queixo com barba por fazer.

— Ainsel. Isso não é nome. Mas dá para o gasto, num aperto. Como é que o chamam?

— Shadow.

— Vou usar Shadow, então. Ei, Whiskey Jack — mas Shadow percebeu que não foi bem Whiskey Jack o que ele falou: foram sílabas demais —, como está indo a comida?

Whiskey Jack pegou uma colher de pau e abriu uma panela de ferro preta em cima de um fogão a lenha, expondo o conteúdo borbulhante.

— Pronta para ser comida.

O homem pegou quatro cumbucas de plástico, transferiu colheradas da panela para cada uma delas, então as botou na mesa. Em seguida abriu a porta, saiu e tirou uma jarra de plástico do meio de um monte de neve. Trouxe a jarra para dentro, encheu quatro copos grandes com um líquido marrom-claro turvo e pôs um copo ao lado de cada cumbuca. Por último, providenciou quatro colheres. Então sentou-se à mesa com os outros homens.

Wednesday ergueu o copo com um ar desconfiado.

— Parece mijão — comentou.

— Você ainda bebe aquele negócio? — perguntou Whiskey Jack. — Vocês,

brancos, são uns doidos. Isto aqui é melhor. — Então se virou para Shadow: — A maior parte do guisado é de peru silvestre. Nossa John aqui trouxe o *applejack*.

— É sidra de maçã sem álcool — disse John Chapman. — Nunca gostei de bebidas alcoólicas. Elas enlouquecem os homens.

O guisado estava delicioso, e a sidra era muito boa. Shadow se obrigou a comer devagar, a mastigar direito, a não engolir de uma vez, mas estava com mais fome do que imaginava. Serviu-se de mais uma porção de guisado e de um segundo copo de suco.

— Madame Rumores disse que você tem falado com todo tipo de gente, oferecendo todo tipo de coisa. Disse que você está levando o pessoal das antigas para a guerra — comentou John Chapman.

Shadow e Whiskey Jack estavam arrumando a louça e passando as sobras do guisado para potes de plástico. Whiskey Jack os guardou sob os montes de neve do lado de fora, colocando por cima um engradado de leite, para marcar o lugar.

— Acho que isso resume os acontecimentos de forma justa e judiciosa — respondeu Wednesday.

— Eles vão vencer — interveio Whiskey Jack, tranqilo. — Já venceram. Vocês já perderam. Assim como com os homens brancos e o meu povo. Eles venceram. E, nas coisas em que perderam, fizeram tratados. Então romperam os tratados. E venceram de novo. Eu não vou lutar por mais uma causa perdida.

— E nem adianta olhar pra mim — completou John Chapman. — Mesmo se eu lutasse por você, coisa que não vou fazer, não tenho como ajudar em nada. Os desgraçados me largaram e me esqueceram. — Ele se calou. Depois disse: — Paul Bunyan. — Balançou a cabeça devagar e repetiu: — *Paul Bunyan*.

Shadow nunca ouvira duas palavras tão inofensivas soarem tão terríveis.

— Paul Bunyan? — repetiu Shadow. — O que foi que ele fez?

— Bom, ele existe — respondeu Whiskey Jack. Então pediu um cigarro a Wednesday, e os dois começaram a fumar.

— É como aqueles idiotas que acham que os beija-flores se preocupam com o peso ou com a deterioração dos dentes ou com alguma dessas idiotices... talvez só queiram poupar os beija-flores dos males do açúcar — explicou Wednesday. — Então enchem a porra dos bebedouros de pássaro com adoçante. Os pássaros vão lá e bebem. Daí morrem, mesmo de barriguinha cheia, porque a bebida não tem calorias. Paul Bunyan é isso. Ninguém nunca contou histórias sobre Paul Bunyan. Ninguém nunca acreditou em Paul Bunyan. Ele saiu aos trancos e barrancos de uma agência de publicidade em Nova York, em 1910, e encheu o estômago mitológico da nação com calorias vazias.

— Eu gosto do Paul Bunyan — interveio Whiskey Jack. — Andei no

brinquedo dele, lá no Mall of America, uns anos atrás. Dá para ver o velho Paul Bunyan no alto, quando a gente mergulha. *Splash*. Gosto dele. Não me incomoda saber que ele nunca existiu. Isso só quer dizer que ele nunca derrubou nenhuma árvore. É claro que seria melhor se ele tivesse plantado árvores. Bem melhor.

— Você falou um bocado — comentou Johnny Chapman.

Wednesday soltou um anel de fumaça, que ficou pairando no ar como se tivesse saído de um desenho animado, dissipando-se lentamente em fiapos e espirais.

— Droga, Whiskey Jack, essa não é a questão, você sabe disso.

— Eu não vou ajudar — retrucou Whiskey Jack. — Quando você levar uma surra, pode voltar aqui, e, se eu ainda estiver por essas bandas, vou lhe dar comida mais uma vez. A comida é melhor no outono.

— Todas as alternativas são piores — declarou Wednesday.

— Você nem sabe quais são as alternativas — retorcou Whiskey Jack. Então olhou para Shadow. — Você está caçando — declarou, com uma voz rouca de fumante que ressoou naquele espaço enfumaçado pela lenha e pelos cigarros.

— Estou trabalhando — disse Shadow.

Whiskey Jack balançou a cabeça.

— E também está caçando alguma coisa. Você quer quitar uma dívida.

Shadow pensou nos lábios azulados de Laura, no sangue nas mãos dela, e assentiu.

— Escute só. A Raposa chegou primeiro, e o irmão dela era o Lobo. A Raposa disse: “As pessoas vão viver para sempre e, se morrerem, não vão ficar mortas por muito tempo.” E o Lobo disse: “Não, as pessoas vão morrer, elas precisam morrer, tudo que vive precisa morrer, senão elas vão se espalhar e cobrir o mundo e vão comer todos os salmões, caribus e búfalos e vão comer todas as abóboras e todo o milho.” Aí um dia o Lobo morreu, e falou para a Raposa: “Rápido, me ressuscite.” E a Raposa respondeu: “Não, os mortos precisam continuar mortos. Você me convenceu.” E ela chorou ao dizer isso. Mas disse, e foi definitivo. Agora o Lobo governa o mundo dos mortos, e a Raposa vive para sempre sob o sol e a lua e ainda chora pelo irmão.

— Se você não vai topar, não vai topar — declarou Wednesday. — Vamos em frente.

Whiskey Jack estava impassível.

— Minha conversa é com este rapaz aqui. Você não tem mais jeito. Ele tem.

— Então se voltou para Shadow de novo: — Sabia que vocês não têm como chegar aqui sem que eu queira?

Shadow se deu conta de que sabia.

— Sim.

— Me conte o seu sonho — pediu Whiskey Jack.

— Eu estava escalando uma torre de crânios. Pássaros gigantes voavam em volta dela. Saíam raios das asas deles. Os pássaros me atacaram. A torre caiu.

— Todo mundo sonha — interveio Wednesday. — Podemos pegar a estrada?

— Nem todo mundo sonha com os Wakinyau, os pássaros do trovão — retrucou Whiskey Jack. — Sentimos o eco aqui.

— Eu *falei* — reclamou Wednesday. — Pelo amor de Deus.

— Tem um bando de pássaros do trovão na Virginia Ocidental — comentou Chapman, distraído. — Pelo menos algumas fêmeas e um macho velho. E também um casal reprodutor no interior, num lugar que costumavam chamar de Terra de Franklin, mas o velho Benjamin nunca teve terras por lá. Fica entre o Kentucky e o Tennessee. Claro que nunca foram muitos de uma vez, nem nas melhores épocas.

Whiskey Jack estendeu uma das mãos cor de argila vermelha e tocou delicadamente o rosto de Shadow. O homem tinha a íris de um tom castanho-claro com a borda castanho-escura, e, naquele rosto, os olhos pareciam luminosos.

— Eia. É verdade. Se você caçar o pássaro do trovão, pode trazer sua esposa de volta. Mas ela pertence ao lobo, aos lugares mortos, não deve andar pela terra.

— Como você *sabe*? — perguntou Shadow.

Os lábios de Whiskey Jack não se moveram.

— O que o Búfalo falou para você?

— Para eu acreditar.

— Um bom conselho. Você vai seguir?

— Acho que sim. Não sei.

Estavam conversando sem palavras, sem a boca, sem som. Shadow se perguntou se, para os outros dois no cômodo, eles pareciam parados, imóveis, por um piscar de olhos — ou uma fração de piscar de olhos.

— Quando você encontrar sua tribo, venha me ver de novo — instruiu Whiskey Jack. — Eu posso ajudar.

— Pode deixar.

Whiskey Jack abaixou a mão. E se voltou para Wednesday.

— Você vai buscar seu Ho Chunk?

— Meu o quê?

— *Ho Chunk*. É assim que os Winnebago chamam uns aos outros.

Wednesday balançou a cabeça.

— É muito arriscado. Recuperar o trailer pode ser problemático. Eles devem estar procurando pelo veículo.

— É roubado?

Wednesday parecia ofendido.

— Nem um pedacinho. Os documentos estão no porta-luvas.

— E a chave?

— Está comigo — disse Shadow.

— Meu sobrinho, Harry Bluejay, tem um Buick de 1981. Que tal me dar a chave do trailer? Pode levar o carro dele.

Wednesday se empertigou.

— Que troca é essa?

Whiskey Jack deu de ombros.

— Tem ideia de como vai ser difícil tirar o trailer de onde ficou largado? Estou lhe fazendo um favor. É pegar ou largar. Eu não me importo. — Ele fechou a boca, um corte de faca.

Wednesday parecia furioso, depois a raiva virou remorso.

— Shadow, dê a chave do Winnebago a ele.

Shadow entregou a chave do carro.

— Johnny, pode levar estes senhores até Harry Bluejay? — pediu Whiskey Jack. — Avise que é para entregar o carro.

— Com todo o prazer — respondeu John Chapman.

Ele se levantou e foi até a porta, pegou um saco de estopa ao lado dela, abriu a porta e saiu. Shadow e Wednesday foram atrás. Whiskey Jack parou no batente.

— Ei — disse, para Wednesday. — Não volte aqui. Não é bem-vindo.

Wednesday estendeu o dedo do meio para o céu.

— Senta aqui — respondeu, num tom simpático.

Desceram o barranco, abrindo caminho pela neve. Chapman ia na frente, amassando a neve endurecida com os pés vermelhos descalços.

— Você não sente frio? — perguntou Shadow.

— Minha esposa era Choctaw — explicou Chapman.

— E você aprendeu com ela algum jeito místico de repelir o frio?

— Não. Ela me achava doido — respondeu Chapman. — Ela sempre dizia: “Johnny, por que você não calça umas botas?” — A colina ficou mais íngreme, e eles foram obrigados a parar. Os três derraparam pela neve, usando os troncos de bétula ao longo da trilha como apoio. Quando o solo ficou ligeiramente menos inclinado, Chapman continuou: — Ela já morreu, claro. Quando ela se foi, devo ter ficado mesmo um pouquinho doido. Pode acontecer com qualquer um. Pode acontecer com você. — Ele deu um tapinha no braço de Shadow. — Meu Jesus e meu Jeosafá, como você é grande.

— É o que dizem — retrucou Shadow.

Continuaram descendo por mais meia hora, até chegarem à estrada de cascalho que contornava a base da colina, então começaram a caminhar por ela

na direção do conjunto de construções que tinham visto do alto.

Um carro diminuiu a velocidade e parou. A mulher ao volante se curvou por cima do banco do passageiro e abaixou o vidro.

— E aí, manés, querem carona?

— É muita gentileza, madame — respondeu Wednesday. — Estamos procurando o senhor Harry Bluejay.

— Ele deve estar no salão de jogos — disse a mulher. Shadow achou que devia ter uns quarenta anos. — Entrem.

Eles entraram. Wednesday se sentou no banco do carona, e John Chapman e Shadow ficaram no de trás. As pernas de Shadow eram grandes demais, não dava para ficar muito confortável ali, mas ele se acomodou o melhor que pôde. O carro deu um tranco e saiu pela estrada de cascalho.

— Então, de onde vocês três vieram? — perguntou a motorista.

— Estávamos visitando um amigo — respondeu Wednesday.

— Ele mora na colina ali atrás — explicou Shadow.

— Que colina? — perguntou a mulher.

Shadow olhou para trás pelo vidro empoeirado, mas não viu colina nenhuma, não havia nada além de nuvens e planícies.

— Whiskey Jack — explicou.

— Ah. Aqui a gente o chama de Inktomi. Acho que é o mesmo cara. Meu avô contava umas histórias bem boas sobre o sujeito. Claro que as melhores eram pura baixaria. — Passaram em um buraco na estrada, e a mulher soltou um palavrão. — Tudo bem aí atrás?

— Sim, senhora — respondeu Johnny Chapman. Estava se segurando ao assento com ambas as mãos.

— Estrada de reserva — desculpou-se a mulher. — A gente se acostuma.

— São todas assim? — perguntou Shadow.

— Praticamente. Todas as da região. E nem adianta perguntar sobre aquele dinheiro todo dos cassinos, porque quem em sã consciência vai querer vir até aqui só por causa de um cassino? A gente não vê nem sombra desse dinheiro por aqui.

— Sinto muito.

— Não se preocupe. — Ela passou a marcha com um estalo e um rangido. — Sabia que a população de brancos daqui da região está diminuindo? Dá para ver umas cidades-fantasmas por aí. Como é que eles poderiam continuar na fazenda depois de ver o mundo pela tela da televisão? E, de qualquer forma, não vale a pena cultivar o Deserto. Eles pegaram nossas terras, se instalaram aqui, e agora estão indo embora. Vão para o sul. Vão para o oeste. Talvez, se a gente esperar a maioria dessa gente daqui sair para Nova York, Miami e Los Angeles, vamos

poder recuperar o centro todo sem briga.

— Boa sorte — desejou Shadow.

Encontraram Harry Bluejay no salão de jogos, na mesa de sinuca, fazendo jogadas difíceis para impressionar um grupo de garotas. Tinha um bluejay, um pássaro conhecido como gaio-azul, tatuado nas costas da mão direita e vários piercings na orelha direita.

— *Ho hoka*, Harry Bluejay — cumprimentou John Chapman.

— Vá se foder, seu fantasma branquelo doido sem sapatos — respondeu Harry Bluejay, numa voz tranquila. — Você me dá calafrios.

Alguns homens mais velhos estavam nos fundos do salão, jogando baralho ou conversando. E outros homens, mais novos, mais ou menos da idade de Harry Bluejay, esperavam a vez na mesa de sinuca. Era uma mesa grande, e um remendo de *silver tape* fora feito num rasgo em um dos lados do tecido verde.

— Trouxe um recado do seu tio — disse Chapman, imperturbável. — Ele mandou você dar seu carro para estes dois.

Devia ter umas trinta, talvez até quarenta pessoas naquele salão, e todas examinavam atentamente as cartas, os pés ou as unhas, fazendo o possível para fingir que não ouviam a conversa.

— Ele não é meu tio.

Uma nuvem de fumaça de cigarro pairava no salão. Chapman abriu um sorriso largo, exibindo o pior conjunto de dentes que Shadow já tinha visto numa boca humana.

— Quer ir dizer isso para ele? Seu tio sempre diz que é só por sua causa que ele continua com os Lakota.

— Whiskey Jack sempre diz um monte de coisa — respondeu Harry Bluejay, petulante.

Mas ele também não tinha dito “Whiskey Jack”. Aos ouvidos de Shadow, parecia quase a mesma coisa, mas não exatamente. *Wisakedjak*, pensou. Era isso. Nada de Whiskey Jack.

— É — interveio Shadow. — E uma das coisas que ele disse foi que vamos trocar nosso Winnebago pelo seu Buick.

— Não estou vendendo nenhum Winnebago.

— Ele vai trazer aqui — respondeu John Chapman. — Você sabe que vai.

Harry Bluejay tentou uma jogada difícil e errou. A mão não estava firme o bastante.

— Eu não sou o sobrinho daquela raposa velha — disse Harry Bluejay. — Queria que ele parasse de espalhar isso por aí.

— Bem, melhor uma raposa viva que um lobo morto — retrucou Wednesday, em uma voz tão baixa que foi quase um rosnado. — E aí, vai nos passar seu

carro?

Harry Bluejay tremeu, visível e violentamente.

— Tudo bem. Tudo bem. Eu só estava brincando. Sou muito brincalhão. — Ele colocou o taco de sinuca na mesa e pegou um casaco pesado, pendurado entre um monte de casacos semelhantes nos ganchos perto da porta. — Só me deixem tirar minhas tralhas do carro.

Ele não parava de olhar de esguelha para Wednesday, como se achasse que o homem mais velho estava prestes a explodir.

O carro de Harry Bluejay estava estacionado a uns cem metros dali. No caminho, passaram por uma igrejinha católica pequena com paredes cobertas de cal, e um homem loiro de colarinho clerical os olhava da porta. Ele sugava um cigarro, como se não estivesse gostando de fumá-lo.

— Bom dia, padre! — gritou John Chapman, mas o homem com a coleira divina não respondeu, só esmagou o cigarro com o calcanhar, pegou a guimba e a jogou na lixeira ao lado da porta, então entrou na igreja.

— Eu falei pra você não entregar aqueles folhetos para ele — reclamou Harry Bluejay.

— Ele é o errado da história, não eu — respondeu Chapman. — Se ele tivesse lido o Swedenborg que eu dei, saberia disso. Estaria vivendo uma vida iluminada.

O carro de Harry Bluejay estava sem os retrovisores laterais, e Shadow nunca tinha visto pneus tão carecas: a borracha preta estava perfeitamente lisa. Harry Bluejay disse que o carro bebia muito óleo, mas, se não parassem de botar óleo nele, o negócio andaria para sempre — a menos que parasse de andar.

Harry Bluejay encheu um saco de lixo preto com as tralhas que guardava no carro — garrafas de cerveja barata pela metade, com tampa de rosca; um punhado de haxixe embrulhado em papel-alumínio, meio escondido no cinzeiro; um rabo de gambá; vinte fitas de música country; e um exemplar desgastado e amarelado de *Um estranho numa terra estranha*.

— Desculpe pela brincadeira mais cedo — falou para Wednesday, entregando a chave do carro. — Sabe quando vou pegar o Winnebago?

— Pergunte ao seu tio. Ele é que é a porra do vendedor de carros usados aqui — grunhiu Wednesday.

— Wisakedjak *não é* meu tio — retrucou Harry Bluejay, então pegou o saco preto de lixo, entrou na casa mais próxima e fechou a porta.

Deixaram John Chapman em Sioux Falls, na frente de um mercado de orgânicos.

Wednesday não falou durante a viagem. Estava sorumbático.

Em um restaurantezinho na entrada de St. Paul, Shadow pegou um jornal que

outra pessoa tinha deixado na mesa. Olhou uma vez, depois outra, então mostrou o jornal a Wednesday, que estava com o mesmo péssimo humor de quando saíram da casa de Whiskey Jack.

— Olhe só isto aqui — disse Shadow.

Wednesday deu um suspiro e olhou para o jornal, parecendo infeliz, como se o ato de abaixar a cabeça causasse um sofrimento indescritível.

— Me alegra o coração saber que a disputa dos controladores de tráfego aéreo tenha se resolvido sem necessidade de recorrer a greves.

— Não é isso — retrucou Shadow. — Olha só. Aqui diz que é 14 de fevereiro.

— Feliz Dia dos Namorados.

— Nós saímos de Lakeside em que dia de janeiro? 20, 21? Eu não tinha reparado bem, mas foi na terceira semana de janeiro. Passamos três dias na estrada. Então como hoje é 14 de fevereiro?

— É porque andamos por quase um mês — explicou Wednesday. — No Deserto. Bastidores.

— Mas que belo atalho — reparou Shadow.

Wednesday empurrou o jornal para longe.

— O desgraçado do Johnny Appleseed sempre vem com aquela porra de história de Paul Bunyan. Na vida real, Chapman tinha catorze pomares de macieiras. Lavava milhares de metros quadrados de terra. Sim, ele acompanhou a expansão para o oeste, mas não existe uma única história sobre ele minimamente verdadeira, nenhuma gota de verdade, exceto o fato de que ele ficou meio doido uma vez. Mas isso não importa. É como diziam os jornais de antigamente: se a verdade não é grande o bastante, publique a lenda. Este país precisa de lendas. E nem as lendas acreditam mais nisso.

— Mas você entende a situação como um todo.

— Mas eu não importo mais. Quem é que dá a mínima para mim?

— Você é um deus — respondeu Shadow, baixinho.

Wednesday olhou irritado para ele. Pareceu prestes a dizer alguma coisa, mas se recostou de novo no assento, olhou para o cardápio e disse: — E daí?

— É bom ser um deus.

— É?

Dessa vez foi Shadow quem desviou o olhar.

Em um posto de gasolina a quarenta quilômetros de Lakeside, na parede ao lado dos banheiros, estava pregada uma cópia de um anúncio escrito à mão, uma foto em preto e branco de Alison McGovern, com *Procura-se* em cima. A mesma foto de antes: um sorriso confiante, a menina de aparelho com elásticos nos dentes que quer trabalhar com animais quando crescer. *Procura-se*.

Shadow comprou uma barra de chocolate, uma garrafa de água e um exemplar

do *Lakeside News*. A matéria de capa era de Marguerite Olsen, nossa repórter de Lakeside, e exibia a fotografia de um menino ao lado de um homem mais velho na frente do lago congelado, os dois parados perto de um barraco para pesca no gelo que parecia um banheiro externo, segurando um peixe enorme. Estavam sorrindo. *Pai e filho pegam lúcio de tamanho recorde. Leia a reportagem completa.*

Wednesday dirigia.

— Leia alguma coisa interessante aí do jornal — pediu o deus.

Shadow procurou atentamente, virando as páginas devagar, mas não encontrou nada.

Wednesday o deixou na frente do apartamento. Um gato cor de fumaça olhou para Shadow da entrada da garagem, mas fugiu quando ele se abaixou para cumprimentá-lo.

Shadow parou na varanda de madeira e olhou para o lago — aqui e ali se viam barracos verdes e marrons para pesca no gelo, com carros estacionados ao lado de vários deles. No gelo perto da ponte estava a velha sucata verde, igual à foto do jornal.

— Vinte e três de março — disse Shadow, tentando incentivar a lata-velha. — Por volta das nove e quinze da manhã. Você consegue.

— De jeito nenhum — retrucou uma voz de mulher. — Três de abril. Seis da tarde. O dia vai esquentar o gelo.

Shadow sorriu. Marguerite Olsen usava um macacão de esqui. Estava na outra ponta da varanda, reabastecendo o comedouro para pássaros com blocos brancos de sebo.

— Li sua reportagem sobre o lúcio recordista da cidade, no *Lakeside News*.

— Empolgante, né?

— Bem... instrutivo, talvez.

— Achei que você não fosse voltar nunca mais — comentou ela. — Ficou um bom tempo fora, não é?

— Meu tio precisou de mim — explicou Shadow. — A gente meio que perdeu a noção do tempo.

Ela colocou o último pedaço de sebo no comedouro e começou a encher uma daquelas meias cheias de furinhos com sementes de cardo armazenadas em um garrafão de leite. Vários pintassilgos vestidos com a plumagem de inverno cor de oliva piavam impacientes em um abeto ali perto.

— Não vi nada sobre Alison McGovern.

— Porque não há nada para ser noticiado. Ela continua desaparecida. Correu um boato de que alguém tinha visto a menina em Detroit, mas era alarme falso.

— Coitada.

Marguerite Olsen fechou o garrafão de leite.

— Espero que ela esteja morta — comentou, num tom neutro.

Shadow ficou chocado.

— Por quê?

— Porque as alternativas são piores.

Os pintassilgos pulavam freneticamente de galho em galho no abeto, ansiosos para as pessoas irem embora. Também apareceu um pica-pau.

Você não está pensando em Alison, refletiu Shadow. *Está pensando no seu filho. Está pensando em Sandy.*

Lembrou-se de ouvir alguém dizer que *sentia saudade de Sandy*. Quem tinha sido?

— Foi bom conversar com você.

— É — respondeu Marguerite. — Digo o mesmo.

Fevereiro passou em uma sucessão de dias curtos e cinzentos. Em alguns dias caía neve, mas na maioria, não. O tempo esquentou, e nos dias bons a temperatura não era congelante. Shadow ficou enfurnado no apartamento até o lugar começar a parecer uma cela de cadeia, então, nos dias em que Wednesday não precisava dele, passou a caminhar.

Passava boa parte do dia perambulando, em grandes passeios para fora da cidade. Ia sozinho até a floresta nacional, a norte e a oeste, ou aos milhares e aos pastos ao sul. Seguia a Trilha Selvagem do Condado de Lumber, seguia ao longo da antiga estrada de ferro e também pelas estradas vicinais. Em algumas ocasiões, até deu a volta no lago congelado, de norte a sul. Às vezes via gente da cidade, turistas de inverno, ou pessoas se exercitando, então acenava para elas e as cumprimentava. Em geral, não via ninguém, só corvos e tentilhões e, algumas vezes, um gavião se banqueteando às custas de algum gambá ou guaxinim atropelado. Em uma ocasião memorável, viu uma águia apanhar um peixe prateado no meio do rio White Pine, cujas águas estavam congeladas perto das margens, mas ainda corriam no meio. O peixe se retorceu e revirou nas garras da águia, brilhando ao sol do meio-dia. Shadow sorriu, imaginando o peixe se libertando e nadando pelo céu.

Ele descobriu que, quando caminhava, não precisava pensar — e ele gostava que fosse assim. Quando pensava, a mente se voltava para coisas que não tinha como controlar, que o deixavam incomodado. A exaustão era melhor. Quando estava exausto, seus pensamentos não vagavam até Laura, nem se voltavam para os sonhos estranhos ou as coisas que não existiam nem tinham como existir.

Podia voltar para casa depois das caminhadas e dormir um sono fácil e sem sonhos.

Encontrou o delegado Chad Mulligan na barbearia. Shadow sempre tinha grandes expectativas quando ia cortar o cabelo, mas o resultado nunca era satisfatório. Ficava parecendo mais ou menos igual, só que com o cabelo mais curto. Chad, sentado na cadeira ao lado, exibia uma preocupação surpreendente quanto à própria aparência. Quando o barbeiro terminou, o delegado olhou para o espelho muito sério, como se estivesse se preparando para multar o próprio reflexo.

— Ficou bom — comentou Shadow.

— Você acharia bonito se fosse uma mulher?

— Acho que sim.

Foram juntos à Mabel's, do outro lado da praça, e pediram chocolate quente.

— Ei, Mike, você já pensou em trabalhar para a polícia?

Shadow deu de ombros.

— Nunca. Tem que saber muita coisa.

Chad balançou a cabeça.

— Sabe qual é a maior parte do trabalho de um policial, em um lugar como este? Manter a cabeça fria. Alguma coisa acontece, e alguém começa a gritar com você, completamente histérico... e você só precisa dizer que com certeza foi um engano e que tudo vai se esclarecer se a pessoa for com você lá fora um pouquinho, mantendo a calma. E você precisa conseguir falar bem sério.

— E daí você esclarece tudo?

— Normalmente é aí que eu boto as algemas. Mas, é, temos que fazer o possível para esclarecer tudo. Me avise se quiser um emprego. Estamos contratando. E você é o tipo de cara que a gente quer.

— Vou pensar nisso, se esse trabalho com meu tio não der certo.

Eles bebericaram o chocolate quente.

— Ei, Mike, o que você faria se tivesse uma prima? Tipo uma viúva. E se ela começasse a ligar para você?

— Ligar como?

— Pelo telefone. Interurbano. Ela mora em outro estado. — Chad ficou vermelho. — A última vez que eu a vi foi em um casamento da família, em Oregon. Ela era casada na época, mas... quer dizer, o marido dela ainda era vivo, e ela é parente. Não é prima de primeiro grau. Bem distante.

— Você gosta dela?

Ele corou.

— Sei lá.

— Bom, vamos mudar um pouco a pergunta. Ela gosta de você?

— Bom, ela me disse umas coisas quando ligou. É uma mulher muito bonita.

— Então, o que você vai fazer?

— Eu poderia convidá-la para vir aqui. Poderia, né? Ela meio que disse que gostaria de vir.

— Vocês são adultos. Acho que você devia mandar ver.

Chad assentiu, corou e assentiu de novo.

O telefone do apartamento de Shadow estava mudo e inútil. Pensou em mandar ativar a linha, mas não conseguia pensar em ninguém para quem gostaria de ligar. Certa noite, bem tarde, tirou o aparelho do gancho e ficou escutando — estava convencido de que conseguia ouvir o vento soprando e uma conversa distante entre algumas pessoas cujas vozes eram baixas demais para ele entender qualquer coisa. Disse “Alô?” e “Quem é?”, mas não houve resposta, só um silêncio súbito e, em seguida, um som remoto de risada, tão sutil que ele não sabia dizer com certeza se estava imaginando coisas ou não.

Nas semanas seguintes, Shadow saiu em mais viagens com Wednesday.

Ficou esperando na cozinha de uma cabana de Rhode Island, ouvindo Wednesday discutir com uma mulher dentro de um quarto escuro — ela se recusava a sair da cama e a permitir que tanto o deus quanto Shadow vissem seu rosto. Na geladeira tinha um saco plástico cheio de grilos e outro com filhotes de rato mortos.

Em uma boate de rock de Seattle, viu Wednesday cumprimentar aos berros, por cima do barulho da banda, uma jovem de cabelo ruivo curto e tatuagens de espirais azuis. A conversa deve ter ido bem, porque o deus voltou com um sorriso animado.

Cinco dias depois, Shadow estava esperando dentro do carro alugado quando um Wednesday carrancudo saiu do saguão de um prédio comercial em Dallas. O deus bateu a porta do carro depois de entrar e ficou quieto, vermelho de raiva.

— Dirija — mandou. Depois acrescentou: — Esses albaneses de merda. Que se fodam.

Três dias depois, pegaram um avião até Boulder, onde tiveram um almoço agradável com cinco japonesas. Foi uma refeição de gentilezas e educação, e Shadow saiu sem saber muito bem se algo fora combinado ou decidido. Mas Wednesday parecia feliz.

Shadow não via a hora de voltar para Lakeside. Gostava daquele ambiente pacífico e acolhedor.

Todo dia de manhã, quando não estava trabalhando para Wednesday, cruzava

a ponte e ia até a praça da cidade. Comprava duas *pasties* na Mabel's e comia uma lá mesmo enquanto bebia café. Se alguém tivesse deixado um jornal para trás, até lia as reportagens, mas nunca achava as notícias interessantes a ponto de comprar um novo.

Guardava a segunda *pasty* embrulhada em um saco de papel para comer no almoço.

Um dia, enquanto lia o *USA Today*, Mabel o chamou:

— Ei, Mike. Aonde você vai hoje?

O céu estava azul. A neblina da manhã deixara as árvores cobertas de geada.

— Não sei. Talvez eu vá passear pela trilha.

Ela serviu mais uma dose de café.

— Você já foi para o leste, na County Q? É bonito. É a estradinha que começa na frente da loja de tapetes da Twentieth Avenue.

— Não. Nunca fui.

— É bonito lá.

Era bonito até demais. Shadow estacionou nos arredores da cidade e foi caminhando pela beira da estrada, uma via rural sinuosa que contornava as colinas ao leste de Lakeside. Cada uma das colinas estava coberta de bordos desfolhados e bétulas brancas esqueléticas e abetos e pinheiros escuros. Não havia acostamento, e Shadow caminhou pelo meio da estrada, afastando-se sempre que ouvia um carro.

A certa altura, um gato escuro e pequeno começou a acompanhá-lo pela estrada. Tinha cor de terra e pelo branco nas patas dianteiras. Shadow se aproximou. O gato não fugiu. Shadow o cumprimentou.

— Oi, gato.

O gato inclinou a cabeça e o encarou com olhos cor de esmeralda. Então chiou, não para Shadow, mas para alguma coisa do outro lado da estrada, algo que ele não conseguia ver.

— Calma — disse Shadow.

O gato se esgueirou para o outro lado da estrada e sumiu para dentro de um milharal ainda com espigas nos pés.

Depois da curva seguinte, Shadow encontrou um cemitério minúsculo. As lápides estavam desgastadas, mas em algumas havia caules de flores frescas. O cemitério não tinha muro nem cerca, só amoreiras plantadas nas beiradas e recurvadas pelo gelo e pela idade. Shadow passou por cima do amontoado de gelo e lama na beira da estrada. Dois postes de pedra marcavam a entrada do cemitério, mas não havia cancela.

Ele perambulou pelo lugar, examinando as lápides. Nenhuma data era posterior a 1969. Limpou a neve de cima de um anjo de granito maciço e se

recostou.

Pegou o saco de papel do bolso e tirou a *pasty* de lá de dentro. Quebrou a parte de cima da massa: um fio de vapor saiu para o ar do inverno. O cheiro estava muito bom. Ele mordeu.

Algo se mexeu atrás dele. Por um instante, pensou que fosse o gato, mas sentiu o aroma de algum perfume e, por baixo do perfume, cheiro de podre.

— Por favor, não olhe para mim — disse ela, atrás de Shadow.

— Oi, Laura.

Achou que a voz dela parecia hesitante, talvez até um pouco assustada.

— Oi, fofinho.

Shadow partiu um pedaço da *pasty*.

— Quer um pouco?

Laura estava parada logo atrás dele.

— Não. Pode comer. Eu não como mais comida.

Shadow comeu a *pasty*. Era gostoso.

— Quero olhar para você.

— Você não vai gostar do que vai ver.

— Por favor?

Ela contornou o anjo de pedra. Shadow a viu à luz do dia. Algumas coisas estavam diferentes, algumas estavam iguais. Os olhos não tinham mudado, nem o aspecto esperançoso e torto do sorriso. E era bem óbvio que ela estava bem morta. Shadow terminou a *pasty*. Endireitou-se, jogou fora as migalhas dentro do saco de papel, dobrou-o e o guardou no bolso.

De alguma forma, com o tempo que passara na funerária de Cairo, era mais fácil olhar para Laura agora. Shadow não sabia o que dizer.

A esposa estendeu a mão e pediu a dele, que a apertou com delicadeza. Shadow sentiu o próprio coração batendo no peito. Estava assustado, e o mais assustador era a normalidade daquele momento. Sentia-se tão à vontade com Laura que estaria disposto a ficar ali para sempre.

— Sinto saudade — admitiu.

— Estou aqui.

— É nessas horas que eu sinto mais saudade. Quando você está aqui. Quando você não está, quando é só um fantasma do passado ou um sonho de alguma outra vida, é mais fácil.

Laura apertou a mão dele.

— Então, como vai a morte? — perguntou Shadow.

— Difícil. Ela não para.

A mulher apoiou a cabeça no ombro dele, e Shadow quase desabou.

— Quer andar um pouco? — perguntou.

— Pode ser.

Laura sorriu: um sorriso torto e nervoso em um rosto morto.

Saíram do pequeno cemitério e voltaram pela estrada, na direção da cidade, de mãos dadas.

— Onde você estava? — perguntou Laura.

— Aqui. Quase sempre.

— Desde o Natal, eu meio que perdi você de vista. Às vezes eu sabia onde você estava por algumas horas, alguns dias. Você aparecia por todo lado. Depois sumia de novo.

— Estou morando em Lakeside. É uma cidadezinha boa.

— Ah.

Laura não usava mais o traje azul de quando foi enterrada. Estava com alguns suéteres, uma saia longa escura e botas cor de vinho. Shadow fez um comentário sobre as botas.

Laura abaixou a cabeça. Sorriu.

— Elas não são ótimas? Achei em uma sapataria incrível lá em Chicago.

— Por que você saiu de lá?

— Ah, já faz tempo que não estou mais em Chicago, fofinho. Estou indo para o sul. O frio estava me incomodando. Seria de imaginar que eu ia achar agradável. Mas deve ter algo a ver com estar morta. A gente não sente o frio como frio. Sente meio que um *nada*, e quando a gente morre acho que a única coisa que dá medo é o nada. Eu estava indo para o Texas. Ia passar o inverno em Galveston. Acho que eu passava o inverno lá quando era criança.

— Acho que não. Você nunca mencionou isso.

— Não? Talvez tenha sido outra pessoa, então. Não sei. Eu me lembro de gaivotas... de jogar pão para o alto para as gaivotas pegarem, centenas delas, um céu inteiro de gaivotas batendo as asas para pegar o pão no ar. — Ela hesitou. — Se eu não vi isso, deve ter sido outra pessoa.

Um carro apareceu na curva. O motorista acenou para eles. Shadow acenou de volta. Parecia normal e maravilhoso caminhar ao lado da esposa.

— Isso é tão bom — comentou Laura, como se lendo a mente dele.

— É, sim.

— Fico feliz que você também ache. Quando eu recebi o chamado, tive que voltar correndo. Tinha acabado de chegar ao Texas.

— Chamado?

Ela olhou para Shadow. Em volta de seu pescoço, a moeda de ouro reluziu.

— A sensação foi de um chamado — explicou. — Eu comecei a pensar em você, em como seria muito mais legal ficar com você do que em Galveston. Em como eu precisava ver você. Parecia uma fome.

— Então você sabia que eu estava *aqui*?

— Sim. — Ela parou. Franziu o cenho, e os dentes de cima apertaram o lábio inferior azulado e o morderam de leve. Ela inclinou a cabeça para o lado e disse:

— Eu soube. De repente, eu soube. Achei que você estivesse me chamando, mas não foi você, foi?

— Não.

— Você não queria me ver.

— Não é isso. — Ele hesitou. — Não. Eu não queria ver você. Dói demais.

A neve estalava aos pés deles, cintilando como diamantes à luz do sol.

— Deve ser difícil não estar vivo — comentou Laura.

— Quer dizer que acha difícil estar morta? Olhe, ainda vou descobrir um jeito de trazer você de volta, pra valer. Acho que estou no caminho certo...

— Não — interrompeu ela. — Quer dizer, eu agradeço. E espero que consiga, mesmo. Eu fiz muita coisa ruim... — Ela balançou a cabeça. — Mas estava falando de você.

— Eu estou vivo. Não morri. Lembra?

— Você não morreu. Mas também não sei se está vivo. Não muito.

Não é assim que esta conversa tem que ser, pensou Shadow. *Não é assim que nada tem que ser*.

— Eu amo você — disse ela, sem emoção. — Você é meu fofinho. Mas, quando a gente morre de verdade, consegue ver tudo com mais clareza. É como se não tivesse ninguém aí, sabe? Você parece um buraco enorme em forma de homem aberto no mundo. — Ela franziu o cenho. — Até quando a gente estava junto. Eu amava estar com você porque você me adorava, fazia tudo por mim. Mas às vezes eu entrava em um cômodo e achava que não tinha ninguém lá dentro. Aí eu acendia a luz, ou apagava a luz, e me dava conta de que você estava lá, sentado sozinho, sem ler, sem ver tevê, sem fazer nada.

Ela o abraçou, como se quisesse atenuar a dor de suas palavras.

— A melhor coisa do Robbie era que ele era *algum* — explicou. — Ele às vezes era um cretino, e podia ser bem ridículo, e adorava que tivesse espelhos em volta quando a gente fazia amor, para que pudesse se ver me comendo, mas ele estava vivo, fofinho. Ele *queria* coisas. Ocupava o espaço. — Laura parou, olhou para Shadow, inclinou a cabeça um pouco para o lado. — Desculpe. Eu magoei você?

Ele não confiava na própria voz, então só balançou a cabeça.

— Que bom. Isso é bom — respondeu ela.

Estavam se aproximando do ponto onde Shadow tinha estacionado. Sentiu que precisava dizer alguma coisa: *eu amo você*, ou *por favor, não vá embora*, ou *sinto muito*. Palavras usadas para consertar uma conversa que havia escorregado,

sem previsão, para lugares mais sombrios. Mas o que ele disse foi: — Eu não estou morto.

— Talvez não — respondeu Laura. — Mas tem certeza de que está vivo?

— Olhe para mim.

— Isso não é resposta — disse a esposa morta. — Você vai saber quando estiver.

— E agora? — perguntou Shadow.

— Bom, já vi você. Vou voltar para o sul.

— Para o Texas?

— Para algum lugar quente. Tanto faz.

— Preciso esperar aqui. Até meu chefe precisar de mim.

— Isso não é viver.

Ela suspirou, depois sorriu — o mesmo sorriso que antes tocava o coração de Shadow, não importava quantas vezes o visse. Cada vez que ela sorria era como a primeira vez.

— Vou ver você de novo?

Laura olhou para ele e parou de sorrir.

— Acho que sim. No fim. Não acabou ainda, não é?

— Não. Não acabou.

Fez menção de passar o braço em volta da esposa, mas ela balançou a cabeça e se afastou. Laura se sentou na beirada de uma mesa de piquenique coberta de neve e ficou olhando enquanto ele ia embora.

INTERLÚDIO

A GUERRA HAVIA começado, mas ninguém viu. A tempestade estava se aproximando, mas ninguém sabia.

Guerras são travadas o tempo todo, e o mundo exterior ignora a existência delas: a guerra contra o crime, a guerra contra a pobreza, a guerra contra as drogas. Esta guerra era menor do que as outras, e mais vasta, e mais seletiva, mas era tão real quanto qualquer outra.

Uma viga caiu em Manhattan e interditou uma rua por dois dias. Matou dois pedestres, um taxista árabe e o passageiro do táxi.

Um caminhoneiro de Denver foi encontrado morto em casa. O instrumento do assassinato, um martelo de unha com cabo embrorchado, foi deixado no chão ao lado do corpo. O rosto da vítima estava ileso, mas a parte de trás da cabeça fora completamente destruída, e havia algumas palavras em outro idioma escritas no espelho do banheiro com um batom marrom.

Em um centro de distribuição postal em Phoenix, no Arizona, um homem surtou e matou — ou *despachou*, como foi informado nos noticiários da tarde — Terry “Troll” Evensen, um sujeito introvertido e morbidamente obeso que morava sozinho em um trailer. Outras pessoas no centro de distribuição foram atingidas pelos disparos, mas só Evensen morreu. O homem que atirou — suspeitou-se, inicialmente, que fosse algum funcionário insatisfeito dos correios — não foi capturado nem identificado.

— Para falar a verdade — comentou o supervisor de Terry “Troll” Evensen para o *Jornal das Cinco* —, a gente sempre pensou que, se alguém aqui fosse surtar, seria o Troll. Trabalhava direito, mas era um cara meio estranho. Quer dizer, nunca se sabe, né?

A entrevista foi cortada quando reproduziram a matéria à noite.

Uma comunidade de nove anacoretas em Montana foi encontrada morta. A imprensa local considerou a hipótese de suicídio em massa, mas logo descobriram que a causa da morte foi intoxicação por monóxido de carbono

oriundo de uma fornalha velha.

Um tanque de lagostas foi destruído no saguão de um restaurante de frutos do mar em Atlanta.

Uma cripta do cemitério de Key West foi profanada.

Um trem colidiu com um caminhão da UPS em Idaho, matando o motorista do caminhão. Nenhum passageiro sofreu ferimentos graves.

A essa altura, ainda era uma guerra fria, uma guerra de mentira, nada que pudesse ser realmente vencido ou perdido.

O vento agitava os galhos da árvore. Faíscas saltavam das chamas. A tempestade estava chegando.

A Rainha de Sabá, que diziam ter herdado sangue de demônio da família do pai, era bruxa, sábia e rainha — governara quando Sabá era a terra mais rica de todas, quando suas especiarias e gemas e madeiras perfumadas eram transportadas por barcos e camelos até os recantos do mundo, mulher idolatrada mesmo em vida, considerada uma deusa viva pelo mais sábio dos reis. Ela espera na calçada da Sunset Boulevard às duas da madrugada, o olhar perdido observando o trânsito, uma espécie de noiva meio devassa em cima de um bolo de casamento preto e neon. Aguarda como se fossem suas a calçada onde ela está e a noite que a cerca.

Quando alguém olha para ela, seus lábios se movem, como se ela estivesse falando sozinha. Quando homens passam de carro, ela faz contato visual e sorri. Ignora os homens que passam por ela na calçada (acontece, as pessoas caminham por todas as partes, até em West Hollywood); ela os ignora, esforça-se ao máximo para fingir que não estão lá.

Está sendo uma longa noite.

Está sendo uma longa semana, e longos quatro mil anos.

Ela se orgulha de não dever nada a ninguém. As outras garotas da rua têm cafetões, hábitos, filhos, pessoas que pegam parte do que faturam. Ela, não.

Não resta nada de sagrado em sua profissão. Não mais.

A chuva chegou há uma semana em Los Angeles, transformando ruas em cenários escorregadios para acidentes, desintegrando a lama das colinas e derrubando casas do alto de vales, levando o mundo para dentro de bueiros e escoadouros, afogando mendigos e moradores de rua acampados no canal de concreto ao longo do rio. Quando a chuva chega a Los Angeles, sempre pega as pessoas de surpresa.

Bilquis passou a última semana sem botar o pé para fora de casa. Incapaz de

esperar na calçada, ficou encolhida na cama, em seu quarto cor de fígado cru, ouvindo a chuva bater no ar-condicionado e publicando anúncios na internet. Criou um endereço de e-mail anônimo e se inscreveu em vários sites de acompanhantes. Sentia-se orgulhosa por negociar naqueles territórios novos, mas continuava nervosa — passou muito tempo evitando qualquer coisa que pudesse deixar rastros. Ela nem sequer publicou um anúncio nos classificados do *LA Weekly*, preferindo escolher seus clientes pessoalmente, encontrando pelos olhos, pelo cheiro, pelo toque aqueles que irão idolatrá-la do jeito que ela precisa ser idolatrada, aqueles que irão permitir que ela os leve até o fim...

E agora lhe ocorre, parada e tremendo na esquina (pois as chuvas do fim de fevereiro tinham acabado, mas o frio que elas trouxeram persistia), que ela tem um hábito tão ruim quanto o das putas que trocam sexo por heroína e crack, e isso a perturba, e sua boca começa a se mover de novo. Alguém que se aproximasse o bastante de seus lábios vermelhos como rubis a ouviriam dizer:

— *Levantar-me-ei, pois, e rodearei a cidade; pelas ruas e pelas praças buscarei aquele a quem ama a minha alma* — sussurra ela. — *Eu sou do meu amado, e o meu amado é meu. Ele disse: A tua estatura é semelhante à palmeira, e os teus peitos, aos cachos de uvas. Ele disse que viria a mim. Eu sou do meu amado, e ele me tem afeição.*

Bilquis espera que a trégua das chuvas traga os clientes de volta. Na maior parte do ano, ela caminha pelas duas ou três quadras da Sunset, saboreando as noites frescas de Los Angeles. Uma vez por mês, suborna um homem chamado Sabbah, da polícia de Los Angeles, que substituiu o outro policial que ela subornava, que desaparecera. Ele se chamava Jerry LeBec, e seu paradeiro era um mistério para a polícia. O homem estava obcecado por Bilquis, e começara a segui-la. Um dia, no meio da tarde, ela acordou com um barulho, e, ao abrir a porta do apartamento, encontrou LeBec com trajes civis, de joelhos no carpete gasto, encarando o chão, a sua espera. O barulho que escutara era o da cabeça dele, que batia na porta conforme ele se balançava para a frente e para trás.

Bilquis acariciou seu cabelo e lhe disse para entrar, e depois enfiou as roupas dele em um saco de lixo preto e jogou em uma caçamba atrás de um hotel a algumas quadras dali. Pôs a arma e a carteira dentro de uma sacola de mercado. Jogou borra de café e lixo orgânico em cima, fechou a sacola e a jogou na lixeira de um ponto de ônibus.

Não guardava suvenires.

A oeste, em algum lugar do oceano, relâmpagos distantes rasgam o céu alaranjado da noite, e Bilquis sabe que a chuva logo retornará. Ela suspira. Não quer ser abordada na chuva. Decide que vai voltar para o apartamento, tomar um banho, depilar as pernas — parece que ela está sempre depilando as pernas — e

dormir.

— *De noite busquei em minha cama aquele a quem ama a minha alma — sussurra. — Beije-me ele com os beijos de sua boca. O meu amado é meu, e eu sou dele.*

Bilquis entra em uma rua lateral e anda até onde o carro está estacionado, na ladeira.

Faróis se acendem logo atrás dela, reduzindo a velocidade ao se aproximarem, e ela se vira e sorri, mas logo é tomada pelo desânimo, porque vê que o carro é uma limusine branca. Homens em limusines querem trepar dentro de limusines, não na privacidade de seu altar. Ainda assim, talvez seja um investimento. Algo para o futuro.

Um vidro escuro se abaixa, e Bilquis vai até a limusine, jogando charme.

— Oi, docinho. Procurando alguma coisa?

— Amor gostoso — responde uma voz no fundo da limusine.

Ela tenta ver quem está dentro do carro. Conhece uma garota que entrou em uma limusine com cinco jogadores de futebol bêbados e saiu de lá toda machucada, mas Bilquis só vê um cliente ali, que aparenta ser bem jovem. Não leva muito jeito para ser um adorador, mas dinheiro, dinheiro bom, passado da mão dele para a dela, isso também é energia — *baraka*, é como chamavam, em outros tempos —, que vai ser bem útil. E, francamente, hoje em dia, qualquer trocado já ajuda.

— Quanto? — pergunta o sujeito.

— Depende do que você quer e por quanto tempo. E se tem como pagar.

Ela sente um cheiro de fumaça escapando pela janela. Parece fio queimado e placas de circuito superaquecidas. A porta do carro se abre.

— Posso pagar por tudo o que eu quiser — diz o cliente.

Ela se inclina para dentro do carro e dá uma olhada. Não tem mais ninguém ali, só o cliente, um garoto de cara inchada que não parece ter idade nem para beber. Mais ninguém, então ela entra.

— Garotinho rico, né?

— Mais do que rico — responde o garoto, aproximando-se pelo banco de couro.

Ele é desajeitado. Ela sorri.

— Hum. Isso me excita, docinho — diz ela. — Você deve ser um daqueles geniozinhos da internet de que eu já ouvi falar?

O garoto se empertiga todo, inchando feito um sapo-boi.

— É. Entre outras coisas. Eu sou um garoto técnico.

O carro anda.

— Então — diz ele. — Diga-me, Bilquis, quanto você cobra só para chupar o

meu pau?

— Do que você me chamou?

— Bilquis — repete ele. Então ele canta, com uma voz que não foi feita para cantar: — “*You are a immaterial girl living in a material world...*”

As palavras pareciam ensaiadas, como se ele tivesse treinado a conversa na frente do espelho.

Ela para de sorrir, e seu rosto muda, fica mais sábio, mais atento, mais duro.

— O que você quer?

— Já falei. Amor gostoso.

— Eu dou o que você quiser.

Precisa sair daquela limusine. Sabe que o carro está andando rápido demais para abrir a porta e se jogar na rua, mas é isso que vai fazer se não conseguir chegar a um acordo com o garoto. Não gosta do que está acontecendo ali, o que quer que seja.

— O que eu quiser. Sim. — Ele se cala. Passa a língua nos lábios. — Quero um mundo limpo. Quero possuir o amanhã. Quero evolução, devolução, revolução. Quero remover nosso povo das margens da história e levá-lo para o topo do *mainstream*. Vocês são *underground*. Isso está errado. Nós precisamos tomar os holofotes e brilhar. Bem no centro. Vocês são *underground* há tanto tempo que perderam a capacidade de enxergar.

— Meu nome é Ayesha — diz ela. — Não sei do que você está falando. Tem outra garota naquela esquina, e ela se chama Bilquis. Podemos voltar para a Sunset e pegá-la também, você pode ficar com as duas...

— Ah, Bilquis — retruca o garoto, soltando um suspiro dramático e exagerado. — A fé tem limites. Eles estão chegando ao limite do que podem nos dar. A lacuna de credibilidade. — E então cantarola de novo, com uma voz nasalada monótona: — *Você é uma garota analógica, vivendo num mundo digital.*

A limusine faz uma curva abrupta, e o garoto cai em cima dela no banco. Não dá para ver o motorista através do vidro escuro. Bilquis é tomada por uma convicção irracional de que ninguém está guiando o carro, como se a limusine branca fosse uma espécie de Herbie, o fusca turbinado, correndo por Beverly Hills por conta própria.

E então o cliente estende a mão e bate no vidro escurecido.

O carro diminui a velocidade, e antes de ele parar de vez Bilquis já está abrindo a porta e se jogando no asfalto. Estão em uma colina. À esquerda, um barranco íngreme, à direita, um penhasco. Ela começa a correr pela estrada.

A limusine fica lá, parada.

Começa a chover, e o salto alto dela escorrega e faz seus pés torcerem. Ela tira

os sapatos e corre, encharcada, procurando alguma forma de sair da estrada. Está com medo. Ela tem poder, é claro, mas seu poder emana da magia da fome, da magia da boceta. Isso a manteve viva nesta terra por muito tempo, é verdade, mas para tudo que está além de sobreviver ela usa seus olhos atentos e sua mente, sua estatura e sua presença.

Há uma mureta de metal a sua direita, na altura do joelho, que serve para impedir que carros caiam no penhasco, e agora a chuva corre pela estrada como um rio, e sai sangue da sola de seus pés.

As luzes de Los Angeles se descontinam a sua frente, um mapa elétrico cintilante de um reino imaginário, o paraíso criado bem aqui na Terra, e ela sabe que só precisa sair daquela estrada para ficar em segurança.

Eu sou morena, porém formosa, murmura ela para a noite e para a chuva. Eu sou a rosa de Sarom, o lírio dos vales. Sustentai-me com passas, confortai-me com maçãs, porque desfaleço de amor.

Um relâmpago esverdeado arde no céu noturno. Ela perde o equilíbrio, escorrega por alguns metros, arranha a perna e o cotovelo, e está se levantando quando vê as luzes do carro descendo a colina em sua direção. A limusine vem rápido demais, e ela não sabe se é melhor se jogar para a direita, onde o carro poderia esmagá-la contra a colina, ou para a esquerda, onde ela poderia rolar penhasco abaixo, então ela corre pela estrada, pensando em escalar a terra molhada, quando a limusine branca aparece derrapando pelo asfalto escorregadio — deve estar vindo a cento e trinta por hora, talvez até deslizando pela superfície da estrada —, e ela enfia as mãos no mato e na terra, e vai conseguir subir e fugir, tem certeza, quando a terra molhada se desagrega e ela cai de volta para a estrada.

O carro a acerta com um impacto que amassa a grade e arremessa Bilquis para o alto como se fosse uma boneca de pano. Ela vai parar atrás do veículo, e o impacto destrói sua pélvis e fratura seu crânio. A água fria da chuva lava seu rosto.

Ela amaldiçoa o assassino: amaldiçoa-o em silêncio, já que não consegue mover os lábios. Amaldiçoa sua vigília e seu sono, sua vida e sua morte. Amaldiçoa-o como só alguém que herdou sangue de demônio por parte de pai sabe amaldiçoar.

Uma porta de carro se abre. Alguém se aproxima.

— Você é uma garota analógica — cantarola o garoto de novo, sem entonação —, vivendo num mundo digital. — Então, diz: — Vocês são umas porradas de umas Madonnas. São todas umas porradas de umas Madonnas.

Ele se afasta.

A porta do carro se fecha.

A limusine dá a ré e passa por cima dela, devagar. Seus ossos se esmagam debaixo dos pneus. Depois, a limusine avança em sua direção novamente.

Quando finalmente vai embora, deixa para trás apenas a carne vermelha destroçada de algo morto, praticamente irreconhecível como ser humano, e logo até isso será lavado pela chuva.

INTERLÚDIO 2

— OI, SAMANTHA.

— Mags? É você?

— E quem seria? Leon disse que a tia Sammy ligou quando eu estava no banho.

— Conversamos um pouco. Ele é um amor.

— É. Não é de se jogar fora.

Um momento incômodo paira entre as duas, só um vestígio de sussurro atravessando a linha telefônica. Então: — Sammy, como vai a faculdade?

— Fomos liberados, uma semana em casa. Problema com as fornalhas. Como vai tudo aí na sua parte de Northwoods?

— Ah, tem um vizinho novo aqui no prédio. Ele faz truques com moedas, essas coisas. Está rolando um debate bem intenso na seção de cartas dos leitores do *Lakeside News* sobre o possível rezoneamento do terreno perto do antigo cemitério na margem sudeste do lago, e esta que vos fala tem que escrever um editorial ferino expondo a opinião do jornal sobre o assunto sem ofender ninguém e muito menos dar algum indício de qual é nossa opinião.

— Parece divertido.

— Não é. Alison McGovern desapareceu semana passada... a filha mais velha de Jilly e Stan McGovern. Acho que você não conheceu. Menina boazinha, sabe? Cuidou do Leon algumas vezes para mim.

A boca se abre para dizer algo, e volta a se fechar, e o que ia ser dito não foi, e em vez disso Samantha diz: — Que horrível.

— É.

— E... — E não há nada para dizer depois disso que não seja doloroso, então ela fala: — Ele é bonito?

— Quem?

— O vizinho.

— O nome dele é Ainsel. Mike Ainsel. Não é feio, mas é muito novo para

mim. É um cara grandão, parece... como é a palavra? Começa com M.

— Mau? Mal-humorado? Magnífico? Marido?

Uma risada curta.

— É, acho que ele tem cara de marido mesmo. Quer dizer, se existe uma cara típica de homens casados, é a dele. Mas a palavra em que eu estava pensando era *melancólico*. Ele parece melancólico.

— E misterioso?

— Não muito. Quando ele se mudou para cá, parecia meio sem rumo, perdido... nem sabia como fazer isolamento térmico nas janelas. Já passou um tempo, e ele ainda não parece saber o que está fazendo aqui. Quando ele está aqui... ele está aqui, daí some de novo. Já o vi saindo para caminhar de vez em quando. Mas ele é tranquilo, não arruma confusão nem nada.

— Talvez ele seja um ladrão de bancos.

— Aham. Exatamente o que eu estava pensando.

— Não estava, não. Foi ideia minha. Mas, Mags, vem cá, como é que *você* está? Você está bem?

— Estou.

— Mesmo?

— Não.

Uma pausa demorada.

— Vou aí fazer uma visita.

— Sammy, não.

— Olha, posso ir logo depois do fim de semana, antes de as fornalhas voltarem a funcionar e a faculdade reabrir. Vai ser legal. Eu durmo no sofá. E você também pode convidar o vizinho misterioso para jantar.

— Sam, sem essa de bancar o cupido.

— Quem está bancando o cupido? Depois daquela vaca da Claudine, talvez eu esteja pronta para voltar a ficar com meninos por um tempo. Conheci um cara estranho e legal quando fui de carona até El Paso no Natal.

— Ah. Olha, Sam, você precisa parar de viajar de carona.

— Como é que você acha que eu vou chegar em Lakeside?

— Alison McGovern também ficava pegando carona por aí. Até em uma cidade como esta, não é seguro. Eu mando dinheiro para você. Aí você vem de ônibus.

— Não precisa.

— *Sammy*.

— Tudo bem, Mags. Mande o dinheiro, se isso for deixar você mais tranquila assim.

— Você sabe que vai.

— Tudo bem, irmã mais velha mandona. Dê um abraço no Leon por mim e diga que a tia Sammy está vindo e que dessa vez ele não vai poder esconder os brinquedos na cama dela.

— Vou falar. Mas não sei se vai adiantar. Então, quando você acha que chega?

— Amanhã à noite. Mas não precisa me buscar na rodoviária. Vou pedir para o Hinzelmann me levar na Tessie.

— Tarde demais. A Tessie está mergulhada na naftalina para passar o inverno. Mas Hinzelmann vai mesmo assim. Ele gosta de você. Você escuta as histórias dele.

— Talvez você devesse pedir para o Hinzelmann escrever o editorial no seu lugar. Vejamos. *A respeito do Rezoneamento do Terreno perto do Antigo Cemitério, por acaso, no inverno de zero três meu avô atirou em um cervo lá no antigo cemitério perto do lago. Ele estava sem balas, então usou um caroço de cereja da marmita que minha avó tinha preparado. O tiro passou raspando no crânio do cervo, e ele saiu correndo desesperado. Dois anos depois, meu avô passou por ali e viu um veado enorme com uma cerejeira crescendo entre os chifres. Bem, ele abateu o bicho, e minha avó fez tanta torta de cereja que a gente comeu até o Quatro de Julho...*

E as duas riram.

INTERLÚDIO 3

Jacksonville, Flórida, 2h — A PLACA DIZ “Contrata-se”.

- Estamos sempre atrás de gente nova.
- Só posso trabalhar no turno da noite. Isso seria um problema?
- Acho que não. Posso lhe dar um formulário. Você já trabalhou em um posto de gasolina?
- Não, nunca. Mas não deve ser muito complicado, né?
- Realmente, não tem mistério.
- Eu sou nova aqui. Não tenho telefone. Estou esperando instalarem.
- Sei muito bem como é. Sei, sim. Eles só fazem você esperar porque podem. Sabe, senhora, sem ofensa, mas a senhora não me parece muito bem.
- É, eu sei. É um problema de saúde. Parece pior do que é. Não é nada grave.
- Tudo bem. Eu cuido do formulário, então. Estamos com pouco pessoal no turno da noite. Aqui a gente chama de turno dos zumbis. Quem fica muito tempo nele começa a se sentir assim. Bom... é *Larna*?
- Laura.
- Laura. Certo. Bom, espero que você não se incomode com gente esquisita. Porque eles sempre aparecem à noite.
- Já imaginava. Eu dou conta.

CAPÍTULO

TREZE

*Ei, velho amigo.
O que me conta, velho amigo?
Vê se desponta, velho amigo,
Quebra o galho, camarada.
Qual é o problema? A gente é
pra sempre.
Você, eu, ele — vidas demais
na parada.*

Stephen Sondheim, “Old Friends”

SÁBADO DE MANHÃ. Shadow atendeu a porta.

Era Marguerite Olsen. Ela não entrou, só ficou ali, debaixo do sol, com uma expressão séria.

— Senhor Ainsel...?

— Mike, por favor — respondeu Shadow.

— Ah, sim. Mike, você gostaria de jantar lá em casa hoje à noite? Lá pelas seis? Não vai ser nada de mais, só macarrão com almôndegas.

— Sem problema. Eu gosto de macarrão com almôndegas.

— Claro que, se você já tiver compromisso...

— Não tenho, não.

— Seis horas.

— Levo flores?

— Se quiser, tudo bem. Mas é só um jantar entre amigos, não tem nada de romântico.

Ela foi embora.

Shadow tomou banho. Colocou um casaco e saiu para uma caminhada rápida, só até a ponte. O sol era uma moeda sem brilho no céu, e, quando ele voltou para casa, estava suando. Com certeza a temperatura estava acima de zero. Foi de carro até o mercado e comprou uma garrafa de vinho. Era um vinho de vinte dólares, e Shadow achou que isso garantia alguma qualidade. Não entendia nada de vinhos, mas, por vinte pratas, devia ser bom. Comprou um Cabernet da

Califórnia, porque uma vez viu um adesivo de para-choque que dizia A VIDA É UM CABERNET, e na época — quando era mais novo e as pessoas ainda colavam adesivos no para-choque — achou engraçado.

Comprou um vaso de planta, um presente para a anfitriã. Folhas verdes, sem flores. Nada remotamente romântico.

Comprou uma caixa de leite que nunca beberia e algumas frutas que nunca comeria.

Depois, foi até a Mabel's e comprou uma única *pasty* para o almoço. O rosto de Mabel se iluminou quando o viu.

— Hinzelmann já encontrou você?

— Não sabia que ele estava atrás de mim.

— Pois é. Quer porque quer levar você para pescar no gelo. Chad Mulligan também me perguntou do seu paradeiro. A prima dele, de outro estado, chegou. É viúva. Prima de segundo grau, que a gente antigamente dizia que podia beijar. Um amor. Você vai adorar a moça.

Ela pôs a *pasty* em um saco de papel e dobrou a pontinha para mantê-la quente.

Shadow voltou para casa pelo caminho mais longo, uma das mãos no volante e a outra segurando a *pasty* fumegante, as migalhas caindo na calça e no chão do carro. Passou pela biblioteca na margem sul do lago e observou a cidade em preto e branco sob o gelo e a neve. A primavera parecia estar a uma distância inimaginável: a lata-velha ficaria para sempre no gelo, assim como perdurariam os abrigos para os pescadores, as picapes, os rastros das motoneves.

Shadow chegou ao apartamento, estacionou, subiu a escada de madeira até sua porta. Os pintassilgos e as trepadeiras-azuis no comedouro praticamente o ignoraram. Entrou em casa. Molhou a planta e ficou em dúvida se colocava ou não o vinho na geladeira.

Faltava bastante para as seis.

Shadow queria poder ver televisão à vontade de novo. Queria ser entretido e não ter que pensar em nada, só ficar sentado e se deixar banhar pelos sons e pela luz. *Quer ver os peitos da Lucy?*, sussurrou, em sua memória, uma voz que se assemelhava à de Lucy. Ele balançou a cabeça, negando, embora ninguém estivesse esperando resposta.

Ele se deu conta de que estava nervoso. Aquela seria sua primeira interação social de verdade desde que tinha sido preso, mais de três anos antes. Em poucas horas, estaria conversando com outras pessoas — pessoas normais, não outros presos, não deuses ou heróis mitológicos ou seres que habitavam seus sonhos. Mike Ainsel teria que pensar em algo interessante para falar. Shadow olhou o relógio. Eram duas e meia. Marguerite Olsen tinha pedido que chegassem às seis.

Ela quis dizer seis *em ponto*? Será que devia chegar um pouco mais cedo? Um pouco mais tarde? Acabou decidindo que bateria na porta dela às seis e cinco.

O telefone tocou.

— Oi.

— Isso não é jeito de atender o telefone — resmungou Wednesday.

— Quando meu telefone for instalado, eu começo a atender com educação — respondeu Shadow. — Está precisando de mim?

— Não sei — disse Wednesday. Um momento de silêncio. Depois: — Organizar deuses é mais difícil do que fazer gatos formarem uma fila. Eles não são muito obedientes.

A voz de Wednesday parecia sem vida e exausta, de um jeito que Shadow nunca havia escutado antes.

— Qual é o problema?

— É difícil. Difícil pra cacete. Não sei se vai dar certo. Talvez seja melhor a gente cortar a garganta logo de uma vez.

— Não fala assim.

— É. Sei.

— Bom, se você acabar cortando a própria garganta — disse Shadow, tentando animar Wednesday e afastá-lo daquela conversa sombria —, talvez nem doa.

— Vai doer. Até para gente como eu, a dor ainda machuca. Se você anda e age no mundo material, o mundo material age em você. A dor machuca, assim como a ganância embriaga e a luxúria arde. Podemos até não morrer com facilidade, e com toda a certeza não vamos morrer de uma forma boa, mas podemos morrer. Se ainda formos amados e lembrados, outra coisa bem parecida com a gente surge no nosso lugar, e começa tudo de novo. E, se formos esquecidos, já era.

Shadow não sabia o que dizer.

— Então você está ligando de onde? — perguntou.

— Não é da sua conta.

— Você está bêbado?

— Ainda não. Só fico pensando em Thor. Vocês não chegaram a se conhecer. Grandão que nem você. Bom coração. Não era muito esperto, mas daria a própria camisa se lhe pedissem. E ele se matou. Botou uma arma na boca e estourou os miolos em 1932, na Filadélfia. Como é que um deus morre desse jeito?

— Sinto muito.

— Você não está nem aí, meu filho. Ele era muito parecido com você. Grande e burro.

Wednesday parou de falar e tossiu.

— Qual é o problema? — perguntou Shadow, pela segunda vez.

— Eles entraram em contato.

— Quem?

— A oposição.

— E?

— Querem discutir uma trégua. Negociações de paz. Viver e deixar viver, essas merdas.

— Então, o que acontece agora?

— Agora eu vou tomar um café ruim com os babacas modernos em um clube maçônico de Kansas City.

— Tudo bem. Você vem me buscar ou marcamos de nos encontrar em algum lugar?

— Continue aí e fique na sua. Não se meta em confusão. Ouviu?

— Mas...

Ele ouviu um clique, e o telefone ficou mudo e não voltou mais a funcionar. Bem, nunca tinha realmente funcionado.

Nada além de tempo para matar. A conversa com Wednesday o deixara inquieto. Ele se levantou, cogitando sair para uma caminhada, mas já não estava tão claro, então se sentou de novo.

Shadow pegou as *Minutas da Câmara Municipal de Lakeside 1872-1884* e folheou as páginas, passando os olhos pelas letras minúsculas sem de fato ler nada, parando de vez em quando para olhar algo que tivesse chamado sua atenção.

Descobriu que, em julho de 1874, a câmara municipal estava preocupada com a quantidade de lenhadores imigrantes chegando à cidade. A prefeitura decidiu construir uma ópera na esquina da Third Street com a Broadway. Esperava-se que os transtornos decorrentes da construção da barragem nova do rio Mill se amenizassem quando o reservatório se transformasse em um lago. A câmara autorizou o pagamento de setenta dólares ao sr. Samuel Samuels e de oitenta e cinco dólares ao sr. Heikki Salminen como indenização por seus terrenos e pelos gastos decorrentes de sua realocação para fora da área que seria inundada.

Nunca havia ocorrido a Shadow que o lago era artificial. Por que chamar uma cidade de Lakeside se o lago era um reservatório artificial? Continuou lendo e descobriu que um sr. Hinzelmann, natural de Hüdemuhlen, em Brunsrique, fora encarregado do projeto de construção do lago, e que a câmara municipal lhe dera a quantia de trezentos e setenta dólares para executar o projeto, e qualquer excedente deveria ser bancado por doações dos moradores da cidade. Shadow rasgou um pedaço de papel-toalha e usou como marcador de página. Imaginou o prazer de Hinzelmann ao ver a referência ao avô. Shadow se perguntou se o

velho sabia do papel fundamental que sua família havia tido na construção do lago. Folheou o livro mais um pouco, procurando outras referências ao projeto.

A inauguração havia ocorrido em uma cerimônia na primavera de 1876, uma prévia de como seriam as comemorações do centenário de independência na cidade. A câmara fez um agradecimento ao sr. Hinzelmann.

Shadow conferiu o relógio. Eram cinco e meia. Entrou no banheiro, fez a barba e penteou o cabelo. Trocou de roupa. Os últimos quinze minutos passaram, afinal. Pegou o vinho e a planta e foi para o apartamento vizinho.

A porta se abriu assim que ele bateu. Marguerite Olsen parecia quase tão nervosa quanto ele. A mulher pegou o vinho e o vaso de planta e agradeceu. Na televisão passava uma cena de *O mágico de Oz*. Ainda estava em sépia, e Dorothy ainda estava no Kansas, sentada com os olhos fechados na carroça do professor Marvel enquanto aquela velha fraude fingia ler sua mente, e o tornado que a arrancaria de sua vida se aproximava. Leon estava sentado em frente à tela, brincando com um caminhãozinho de bombeiro. Quando viu Shadow, seu rosto se iluminou de alegria. O menino se levantou e foi correndo, tropeçando de tanta empolgação, até um quarto nos fundos, de onde saiu logo depois, triunfante, com uma moeda na mão.

— Olha, Mike Ainsel! — gritou. Em seguida, fechou as mãos, fingiu pegar a moeda na mão direita e a abriu. — Sumiu! Eu que fiz, Mike Ainsel!

— Fez mesmo — concordou Shadow. — Depois do jantar, se sua mãe deixar, eu ensino você a fazer isso de um jeito ainda mais legal.

— Pode fazer agora, se quiser — disse Marguerite. — A Samantha ainda não chegou. Ela foi buscar *sour cream* para mim. Não sei por que está demorando tanto.

E, como se tivesse sido combinado, eles ouviram passos na varanda de madeira, e alguém empurrou a porta da frente com o ombro. Shadow não a reconheceu de primeira, mas aí ela disse: — Eu não sabia se você queria o que tinha calorias ou o que tinha gosto de cola, então escolhi o que tinha calorias.

E no mesmo instante ele se lembrou: era a garota que encontrou a caminho de Cairo.

— Tudo bem — disse Marguerite. — Sam, este é o meu vizinho, Mike Ainsel. Mike, esta é Samantha Black Crow, minha irmã.

Eu não conheço você, pensou Shadow, aflito. *Você nunca me viu. Somos completos desconhecidos.* Tentou se lembrar da vez em que havia pensado em *neve*, que tinha sido muito fácil e natural: agora, fazia um apelo desesperado. Estendeu a mão e disse: — Prazer.

Samantha olhou bem para ele. Um momento de confusão, e então o reconhecimento invadiu seus olhos e fez os cantos da boca se curvarem em um

sorriso.

— Oi — respondeu ela.

— Vou dar uma olhada na comida — disse Marguerite, com a voz tensa de alguém que queima algo na cozinha se deixa de prestar atenção por um segundo.

Sam tirou o casaco volumoso e o chapéu.

— Então você é o vizinho melancólico e misterioso. Quem diria... — comentou, baixinho.

— E você é a Sam. Podemos deixar essa conversa para mais tarde?

— Só se prometer que vai me contar o que está acontecendo.

— Combinado.

Leon puxou a perna da calça de Shadow.

— Você me mostra agora? — perguntou, mostrando a moeda.

— Tudo bem — concordou Shadow. — Mas, se eu mostrar, você precisa lembrar que um grande mágico nunca revela seus truques para ninguém.

— Não vou revelar, prometo — disse Leon, com seriedade.

Shadow pegou a moeda com a mão esquerda, então pegou a mão direita de Leon na sua mão direita, que era enorme em comparação, e mostrou como fingir colocar a moeda na mão direita, mas, na verdade, mantê-la na esquerda. Depois, pôs a moeda na mão esquerda de Leon e pediu que ele repetisse os movimentos sozinho.

Depois de algumas tentativas, o menino dominou os gestos.

— Agora você chegou na metade do caminho — disse Shadow. — Os movimentos são só metade do truque. A outra metade é o seguinte: preste atenção ao lugar onde a moeda *devia* estar, se concentre no lugar para onde ela tem que ir. Siga com o olhar. Se você agir como se a moeda estivesse na mão direita, ninguém vai nem se lembrar de olhar a sua mão esquerda, por mais desajeitado que você seja.

Sam observou a cena com a cabeça ligeiramente inclinada, sem falar nada.

— O jantar está pronto! — gritou Marguerite, carregando uma travessa fumegante de macarrão. — Leon, vá lavar as mãos.

A comida estava boa: pão de alho crocante, molho ao sugo encorpado, almôndegas saborosas e picantes. Shadow elogiou o trabalho de Marguerite.

— Receita antiga — disse ela —, do lado cônscio da família.

— Achei que vocês fossem descendentes de indígenas.

— Nossa pai é cheroqui — explicou Sam. — O pai da mãe de Mag veio da Córsega. — Sam era a única bebendo o Cabernet. — Papai saiu da casa dela quando Mag tinha dez anos e foi morar do outro lado da cidade. Seis meses depois, eu nasci. Ele e minha mãe se casaram quando o divórcio do primeiro casamento saiu, e acho que tentaram se entender por um tempo, mas ele foi

embora quando eu tinha dez anos. Acho que nada prende a atenção dele por mais de dez anos.

— Bom, faz dez anos que ele está em Oklahoma — disse Marguerite.

— Agora, a família da *minha* mãe era judia, veio da Europa — continuou Sam —, de um daqueles lugares que eram comunistas e agora são só um caos. Acho que ela gostava da ideia de estar casada com um cheroqui. Pão frito e fígado picado.

Sam bebeu mais um pouco do vinho.

— A mãe dela é uma figura — disse Marguerite, com um ar de admiração.

— Sabe onde ela está agora? — perguntou Sam. Shadow balançou a cabeça.

— Na Austrália. Ela conheceu uma cara na internet que morava em Hobart, uma cidade lá da Tasmânia. Quando eles se conheceram pessoalmente, ela achou o cara meio esquisito. Mas gostou muito da Tasmânia. Então está morando lá, com um grupo de mulheres, ensinando-as a fazer estampas de *batik* e outras coisas assim. Não é legal? Uma mulher da idade dela fazendo essas coisas?

Shadow concordou e pegou mais almôndegas. Sam explicou que todos os nativos aborígenes da Tasmânia tinham sido dizimados pelos ingleses, e falou da corrente humana que eles fizeram pela ilha para impedir uma fuga generalizada, mas que só capturou um velho e um menino doente. Também falou dos tigres-da-tasmânia, que haviam sido mortos por fazendeiros que queriam proteger suas ovelhas, e dos políticos dos anos 1930, que só perceberam que os tigres-da-tasmânia deviam ser protegidos depois que o último morreu. Ela terminou a segunda taça de vinho e serviu a terceira.

— Então, Mike — disse Sam, de repente, corando um pouco —, fale um pouco da sua família. Como são os Ainsel?

Ela sorria, e era um sorriso travesso.

— Nós somos bem sem graça — disse Shadow. — Nunca nem passamos perto da Tasmânia. Você estuda em Madison, não é isso? O que é que você faz?

— Ah, você *sabe* — respondeu ela. — Estou cursando história da arte, estudos de gênero, e também faço algumas esculturas em bronze.

— Quando eu crescer — disse Leon —, vou fazer mágica. Puf. Você me ensina, Mike Ainsel?

— Claro — disse Shadow. — Se sua mãe deixar.

Marguerite deu de ombros.

— Mags, depois que acabarmos aqui — disse Sam — e você for colocar Leon para dormir, acho que vou passar uma horinha com o Mike no bar.

Marguerite não deu de ombros. Só inclinou um pouco a cabeça, uma sobrancelha levemente arqueada.

— Ele é interessante — disse Sam. — E temos muito assunto.

Marguerite olhou para Shadow, que tratou de limpar uma mancha imaginária de molho no queixo com um guardanapo.

— Bom, vocês são adultos — disse ela, em um tom que fazia o possível para sugerir que não eram e que, mesmo que fossem, não deviam ser.

Depois do jantar, Shadow ajudou Sam a lavar a louça (ele enxugou) e fez um truque para Leon, contando moedas de um centavo que estavam na palma do menino: cada vez que o menino abria a mão e contava, havia uma moeda a menos do que tinha antes de fechar. E, na última moeda — “Está apertando? Com força?” —, quando Leon abriu a mão, viu que ela havia se transformado em uma moeda de dez centavos. As súplicas agoniadas de Leon (“Como você fez isso? Mamãe, como ele fez aquilo?”) o acompanharam até a porta.

Sam pegou o casaco de Shadow e o entregou a ele.

— Vamos — chamou. Seu rosto estava enrubescido por causa do vinho.

Fazia frio do lado de fora.

Shadow passou em seu apartamento, colocou as *Minutas da Câmara Municipal de Lakeside* dentro de um saco plástico e o levou consigo. Hinzelmann talvez estivesse no bar, e ele queria mostrar a parte que falava do avô dele.

Os dois andaram lado a lado pela calçada.

Shadow abriu a porta da garagem, e Sam começou a rir.

— Meu Deus — disse ela, ao ver o automóvel. — O carro do Paul Gunther.

Você comprou o carro do Paul Gunther. Meu Deus.

Shadow abriu a porta para ela.

— Você conhece o carro?

— Aham. Vim aqui há uns dois ou três anos para ficar com Mags e conheci essa beleza. Fui eu que convenci o Paul a pintar de roxo.

— Ah. Agora pelo menos tenho alguém para culpar.

Ele deu a partida e parou na rua. Saiu do carro, fechou a porta da garagem e depois voltou. Sam o olhava de um jeito estranho, como se sua autoconfiança tivesse começado a minguar. Shadow colocava o cinto de segurança, quando ela disse: — Estou com medo. Isso foi uma idiotice, não foi? Entrar no carro de um assassino psicopata?

— Correu tudo bem da outra vez.

— Você matou dois homens — continuou ela. — Está sendo procurado pela polícia. E agora eu descubro que você está usando um nome falso e morando do lado da minha irmã. Ou Mike Ainsel é seu nome de verdade?

— Não — respondeu Shadow, e soltou um suspiro. — Não é.

Detestou dizer aquilo. Foi como se tivesse desistido de algo importante, como se estivesse abandonando Mike Ainsel ao negar sua existência, como se

estivesse se despedindo de um amigo.

— Você matou aqueles homens?

— Não.

— Uns caras vieram até a minha casa e disseram que a gente foi visto juntos. E um deles me mostrou umas fotos suas. Qual era o nome dele... senhor Hat? Não. Senhor Town. Foi esse. Foi uma coisa meio *O fugitivo*. Mas eu falei que não tinha visto você.

— Obrigado.

— Então... — começou ela. — O que é que está acontecendo? Eu guardo os seus segredos se você guardar os meus.

— Eu não sei nenhum segredo seu — disse Shadow.

— Bom, você sabe que foi ideia minha pintar este negócio de roxo, obrigando Paul Gunther a se tornar motivo de chacota e deboche aqui pelas redondezas, tanto que ele teve que sair da cidade. A gente estava meio chapado — admitiu.

— Duvido que essa parte seja um grande segredo. Todo mundo em Lakeside deve ter imaginado. Só alguém muito chapado para pintar um carro dessa cor.

Muito baixo e muito rápido, ela disse:

— Olha, se você vai me matar, só não me machuca, por favor. Eu não devia ter vindo com você. Sou muito burra mesmo. Burra pra caralho. Eu devia ter fugido ou chamado a polícia assim que vi você. Eu sei quem você é. Meu Deus. Eu sou tão burra.

Shadow suspirou.

— Eu nunca matei ninguém. Juro. E agora vou levar você ao bar. Ou, se você quiser, dou a meia-volta e deixo você em casa. Posso pagar uma bebida para você, se tiver idade para beber, ou um refrigerante, se não tiver. Depois, deixo você sã e salva na casa da sua irmã e torço para não me dedurar para a polícia.

Eles atravessaram a ponte em silêncio.

— Quem matou aqueles homens? — perguntou ela.

— Você não acreditaria se eu contasse.

— *Claro* que acreditaria.

Ela parecia brava. Shadow se perguntou se tinha sido uma boa ideia comprar aquele vinho. Naquele momento, com certeza, a vida não era um Cabernet.

— É um pouco difícil de acreditar.

— Eu sou capaz de acreditar em qualquer coisa. Você *não faz ideia* das coisas em que eu sou capaz de acreditar.

— Sério?

— Eu sou capaz de acreditar em coisas que são verdade e em coisas que não são verdade, e em coisas que ninguém sabe se são verdade ou não. Posso acreditar no Papai Noel e no Coelhinho da Páscoa e na Marilyn Monroe e nos

Beatles e em Elvis e no Mister Ed. Olha, eu acredito que as pessoas podem sempre se aperfeiçoar, que o conhecimento é infinito, que o mundo é controlado por cartéis secretos formados por bancos poderosos e que alienígenas vêm para cá com regularidade, uns bonzinhos que parecem lêmures enrugados e uns malvados que mutilam animais e querem roubar nossa água e nossas mulheres. Acredito que o futuro vai ser uma porcaria e que o futuro vai ser o máximo e que um dia a Mulher Búfalo Branco vai voltar e destruir todo mundo. Acredito que todos os homens são só garotinhos grandes com muita dificuldade para se comunicar e que o declínio do sexo bom neste país coincide com o declínio dos cinemas *drive-in*. Acredito que todos os políticos são bandidos sem princípios e, ainda assim, acredito que eles são melhores do que qualquer outra alternativa. Acredito que a Califórnia vai ser engolida pelo mar no Grande Terremoto e que a Flórida vai se dissolver em loucura e jacarés e lixo tóxico. Acredito que os sabonetes bactericidas estão destruindo nossa resistência à sujeira e às doenças e que um dia vamos todos ser dizimados por um resfriado, que nem os marcianos em *A guerra dos mundos*. Acredito que os maiores poetas do último século foram Edith Sitwell e Don Marquis, que pedra de jade é esperma de dragão ressecado e que, milhares de anos atrás, em outra vida, eu fui um xamã siberiano com um braço só. Acredito que o destino da humanidade está nas estrelas. Acredito que os doces eram realmente mais gostosos quando eu era pequena, que é aerodinamicamente impossível uma abelha voar, que a luz é uma onda e uma partícula, que em algum lugar existe um gato dentro de uma caixa que está ao mesmo tempo vivo e morto (se bem que, se nunca abrirem a caixa para dar comida, ele vai estar morto de dois jeitos diferentes) e que o universo tem estrelas que são bilhões de anos mais antigas que o próprio universo. Acredito em um Deus particular que me ama e se preocupa comigo e observa tudo o que eu faço. Acredito em um Deus impersonal que botou o universo para funcionar e foi embora para ficar com as namoradas dele e nem sabe que eu existo. Acredito em um universo vazio e sem Deus algum, cheio de causalidade caótica, ruído de fundo e pura sorte. Acredito que qualquer pessoa que diga que sexo é superestimado não fez sexo direito. Acredito que qualquer pessoa que tem certeza do que está acontecendo também vai mentir sobre coisas pequenas. Acredito em honestidade absoluta e em mentiras sociais sensatas. Acredito no direito de escolha das mulheres, no direito à vida dos bebês, e que, embora toda vida humana seja sagrada, a pena de morte é completamente justificável, se a gente puder confiar implicitamente no sistema judiciário, e que só idiotas confiariam no sistema judiciário. Acredito que a vida é um jogo, a vida é uma piada de mau gosto e a vida é o que acontece quando a gente está vivo e que o melhor é relaxar e aproveitar.

Ela parou de falar, ofegante.

Shadow quase tirou as mãos do volante para bater palmas.

— Tudo bem — disse ele. — Então, se eu falar o que descobri, você não vai achar que eu sou maluco.

— Talvez. Vamos ver.

— Você acreditaria se eu dissesse que todos os deuses já imaginados pelas pessoas ainda existem?

— ... talvez.

— E que também existem deuses novos, deuses dos computadores e dos telefones e sei lá o que mais, e que parece que eles acham que só existe lugar para um tipo de deus no mundo? E que por isso é bem provável que aconteça uma guerra?

— E foram esses deuses que mataram aqueles dois homens?

— Não, isso foi obra da minha esposa.

— Achei que você tivesse dito que sua esposa morreu.

— Ela morreu.

— Ela matou os caras antes de morrer, então?

— Depois. É complicado.

Sam levantou uma das mãos e afastou o cabelo da testa.

Eles viraram na Main Street e pararam na frente do Buck Stops Here. A placa em cima da janela exibia um cervo de pé nas patas traseiras com uma cara de surpresa e segurando uma caneca de cerveja. Shadow pegou o saco com o livro e saiu do carro.

— E por que esses deuses começariam uma guerra? — perguntou Sam. — Parece meio desnecessário. O que eles ganhariam com isso?

— Não sei — admitiu Shadow.

— É mais fácil acreditar em alienígenas do que em deuses — disse Sam. — Talvez o senhor Town e o senhor Sei Lá o Quê sejam como os Homens de Preto, só que alienígenas.

— É, talvez.

Estavam em frente ao bar, quando Sam parou e olhou para Shadow, sua respiração flutuando pelo ar da noite como uma nuvem desvanecendo.

— Só me diga que você é um dos mocinhos — pediu.

— Não posso — respondeu Shadow. — Queria poder. Mas estou me esforçando para ser um.

Ela o encarou e mordeu o lábio inferior. Depois assentiu.

— Ok, isso serve. Não vou denunciar você. Pode me pagar uma cerveja.

Shadow abriu a porta para ela, e os dois foram atingidos por uma onda de calor e música, envolvidos por uma nuvem de animação que cheirava a cerveja e

hambúrgueres. Eles entraram.

Sam acenou para alguns amigos. Shadow fez um gesto com a cabeça para cumprimentar uma ou outra pessoa cujo rosto — mas não o nome — ele se lembrava de ter visto no dia da busca por Alison McGovern, ou que conhecera em alguma manhã na Mabel's. Chad Mulligan estava no bar, com o braço em volta dos ombros de uma mulher ruiva baixa. Shadow imaginou que fosse a tal prima que morava em outro estado. Ficou curioso para saber como ela era, mas a mulher estava de costas. Chad levantou a mão fingindo bater continência ao vélo, e Shadow sorriu e acenou para ele. Procurou Hinzelmann, mas nem sinal do velho. Viu uma mesa vazia nos fundos e foi até lá.

Então alguém começou a gritar.

Foi um grito ruim, do fundo do pulmão, histérico, um grito de quem tinha visto um fantasma, e todas as conversas se calaram. Shadow olhou para os lados, certo de que alguém estava sendo assassinado, e se deu conta de que todos os rostos do bar estavam virados em sua direção. Até o gato preto, que dormia na janela durante o dia, estava de pé em cima do jukebox, com o rabo para cima e as costas arqueadas, olhando para Shadow.

O tempo desacelerou.

— Segurem esse homem! — berrou uma voz de mulher à beira da histeria. — Pelo amor de Deus, alguém o segure! Não o deixem fugir! Por favor!

Shadow conhecia aquela voz.

Ninguém se mexeu. Todo mundo olhou para Shadow. Ele olhou para todo mundo.

Chad Mulligan se aproximou, abrindo caminho pela multidão. A mulher baixa veio logo atrás dele, desconfiada, de olhos arregalados, pronta para gritar de novo. Shadow a conhecia. Claro que conhecia.

Chad colocou em uma mesa o copo de cerveja que segurava.

— Mike — disse ele.

— Chad — disse Shadow.

Audrey Burton se aproximou. Estava pálida, com os olhos cheios de lágrimas. Fora dela o grito.

— Shadow — disse ela. — Seu miserável. Seu assassino cruel e miserável.

— Tem certeza de que conhece esse homem, querida? — disse Chad.

Ele parecia pouco à vontade com aquela situação. Era óbvio que tinha esperança de que aquilo, o que quer que fosse, tivesse sido apenas uma confusão da qual ririam um dia.

Audrey Burton o encarou, incrédula.

— Você ficou *maluco*, Chad? Ele trabalhou para Robbie durante *anos*. A vadia da mulher dele era minha *melhor amiga*. Ele é procurado por *assassinato*. Eu fui

interrogada. Ele *fugiu* da cadeia.

Audrey estava completamente descontrolada, falando com uma voz trêmula de histeria contida, despejando palavras como se fosse uma atriz tentando ganhar um Oscar. *Primos...,* pensou Shadow, nada impressionado.

Todos no bar continuaram calados. Chad Mulligan olhou para Shadow.

— Deve ser algum engano, garoto. Com certeza a gente vai conseguir esclarecer tudo — disse o delegado, com tranquilidade. Depois, se virou para o bar: — Está tudo bem, pessoal. Não precisam se preocupar. Vamos esclarecer tudo. Está tudo bem. — Depois, para Shadow: — Vamos lá para fora, Mike.

Competência e serenidade. Shadow estava impressionado.

— Claro — concordou.

Sentiu uma mão tocar a sua e, quando se virou, viu Sam. Shadow deu o sorriso mais reconfortante que conseguiu.

Sam encarou Shadow e, depois, os rostos no bar que assistiam a tudo.

— Eu não sei quem você é — disse, para Audrey Burton. — Mas. Você. É. Uma. Vaca.

Então ficou na ponta dos pés, puxou Shadow e o beijou intensamente, pressionando os lábios nos dele durante o que Shadow teve a impressão de serem vários minutos, mas que provavelmente foram apenas cinco segundos no relógio.

Enquanto os lábios de Sam estavam colados aos dele, Shadow se deu conta de que aquele beijo era estranho: seu alvo não era ele, e sim as outras pessoas do bar, uma forma de mostrar a todo mundo que ela escolhera um lado. Era um beijo só para causar impacto. Durante o beijo, Shadow teve certeza de que Sam nem gostava dele — bom, não nesse sentido.

Ainda assim, lembrava-se de ter ouvido uma história, muito tempo atrás, quando era pequeno: era sobre um viajante que tinha caído de um precipício. Havia tigres famintos no seu rastro e uma queda mortal a sua espera, mas ele conseguiu se segurar no meio do penhasco e não morrer. Ao lado dele havia alguns morangueiros, e a morte era certa tanto acima quanto abaixo. A pergunta era: *O que ele devia fazer?* E a resposta: *Comer os morangos.*

Quando ele era pequeno, essa história nunca tinha feito muito sentido. Agora fazia.

Então, Shadow fechou os olhos, se entregou ao beijo e se permitiu sentir apenas os lábios de Sam e a suavidade de sua pele, doce como um morango silvestre.

— Vamos lá, Mike — disse Chad Mulligan, com firmeza. — Por favor. Vamos lá para fora.

Sam se afastou. Ela passou a língua nos lábios e sorriu, um sorriso que quase

chegava aos olhos.

— Nada mal — comentou. — Você beija bem para um menino. Tudo bem, vão brincar lá fora. — Então se virou para Audrey Burton. — Mas você ainda é uma vaca.

Shadow jogou a chave do carro para Sam, que a pegou com uma mão só. Ele atravessou o bar e saiu com Chad Mulligan. Tinha começado a cair uma neve suave, e os flocos rodopiavam na luz da placa de neon do bar.

— Quer conversar sobre o que aconteceu? — perguntou Chad.

— Estou preso? — perguntou Shadow.

Audrey foi atrás deles. Parecia prestes a fazer outro escândalo.

— Ele matou dois homens, Chad — anunciou, com a voz trêmula. — O FBI veio falar comigo. Ele é um psicopata. Eu posso ir até a delegacia, se você quiser.

— Olha, a senhora já causou bastante problema por hoje — disse Shadow. Até ele achou que soava cansado. — Por favor, vá embora.

— Chad? Você ouviu isso? Ele me ameaçou!

— Volte lá para dentro, Audrey — retrucou Chad Mulligan.

Tudo indicava que ela não acataria o pedido do delegado, mas, em vez disso, a mulher apertou os lábios com força, deixando-os quase brancos, e voltou para o bar.

— Tem alguma coisa a dizer sobre essas acusações? — perguntou Chad.

— Eu nunca matei ninguém — respondeu Shadow.

O delegado assentiu.

— Eu acredito. Vai ser fácil esclarecer tudo, tenho certeza. Provavelmente não é nada. Mas eu preciso fazer isso. Você não vai me causar problemas, não é, Mike?

— Claro que não. Isso tudo é um engano.

— Com certeza. Então vamos logo para a delegacia resolver essa história, que tal?

— Estou preso? — perguntou Shadow, pela segunda vez.

— Não. A menos que você queira. Acho que podemos ir juntos lá para a delegacia, você vem na condição de cidadão responsável, e nós fazemos o possível para dar um fim a essa confusão.

Chad revistou Shadow e não encontrou nenhuma arma. Eles entraram no carro de Mulligan. Shadow se sentou no banco traseiro de novo, observando o mundo pela grade de metal. *SOS. Socorro. Ajuda*, pensou. Tentou manipular Mulligan com a mente, da mesma forma como havia feito com um policial em Chicago. É Mike Ainsel, seu velho amigo. Você salvou a vida dele. Não está vendo que isto é uma besteira? Que tal esquecer esta história de uma vez?

— Achei melhor tirar você dali de dentro — comentou Chad. — Era só algum linguarudo decretar que você era o assassino de Alison McGovern, e aquilo ia virar uma turba enfurecida indo atrás de você.

— Verdade.

— Tem certeza de que não quer me falar nada?

— Não tenho nada para dizer.

Fizeram o restante do trajeto até a delegacia de Lakeside em silêncio. Quando chegaram, Chad explicou que o edifício, na verdade, era da polícia distrital. A polícia da cidade usava apenas algumas salas. Não ia demorar até o município construir algo moderno. Por enquanto, precisavam se virar com o que tinham.

Os dois entraram.

— Preciso ligar para um advogado? — perguntou Shadow.

— Você não foi acusado de nada — disse Mulligan. — Você é que sabe. — Passaram por portas vaivém. — Sente-se ali.

Shadow se sentou na cadeira de madeira com marcas de cigarro na lateral. Sentia-se burro e entorpecido. No mural de cortiça da sala, ao lado de uma placa grande de PROIBIDO FUMAR, havia um pequeno cartaz em que se lia: VULNERÁVEL DESAPARECIDA. A fotografia era de Alison McGovern.

Em cima de uma mesa de madeira havia edições antigas da *Sports Illustrated* e da *Newsweek*, com a parte que vinha com a etiqueta do endereço recortada. A iluminação do lugar era fraca. As paredes estavam amareladas, mas talvez tivessem sido brancas um dia.

Depois de uns dez minutos, Chad lhe trouxe um copo de chocolate quente aguado de máquina.

— O que tem nesse saco? — perguntou.

Foi só nesse momento que Shadow se deu conta de que ainda segurava o saco plástico com as *Minutas da Câmara Municipal de Lakeside*.

— Um livro velho. Tem uma foto do seu avô aqui. Ou talvez do seu bisavô.

— Ah, é?

Shadow folheou o livro até achar uma fotografia dos membros da Câmara Municipal e apontou para o homem chamado Mulligan. Chad deu uma risada.

— Ora, veja só — comentou.

Minutos e horas se passaram naquela sala. Shadow leu duas *Sports Illustrated* e começou a *Newsweek*. De vez em quando, Chad entrava, perguntava se ele precisava ir ao banheiro, e chegou a lhe oferecer um salgado de presunto e um pacote pequeno de batatas fritas, que Shadow aceitou.

— Obrigado — disse. — Estou preso?

Chad suspirou.

— Bom, só vamos saber daqui a pouco. Parece que na sua certidão de

nascimento não consta o nome Mike Ainsel. Mas isso não quer dizer muita coisa, porque você pode se chamar do que quiser aqui neste estado, se não for para fins fraudulentos. Fique calmo.

— Posso fazer uma ligação?

— É para um número local?

— Interurbano.

— É melhor usar o meu cartão para telefone fixo, então, para economizar, senão você vai perder dez dólares em moedas naquela coisa ali no corredor.

Claro, pensou Shadow. E assim você vai saber para que número eu disquei, e provavelmente vai escutar a conversa pela extensão.

— Perfeito — disse Shadow.

Foram para uma sala vazia ao lado da de Chad. A iluminação ali era ligeiramente melhor. O número que Shadow deu para o policial discar era de uma funerária em Cairo, Illinois. Chad discou e entregou o fone para Shadow.

— Vou deixar você aqui — disse ele, saindo da sala.

O telefone chamou algumas vezes, até que alguém atendeu.

— Jacal e Íbis. Posso ajudar?

— Oi. Senhor Íbis, aqui é Mike Ainsel. Eu dei uma ajuda aí durante alguns dias no Natal.

Um momento de hesitação.

— Claro. Mike. Como vai?

— Não muito bem, senhor Íbis. Estou com um problema. Prestes a ser preso. Liguei para saber se por acaso você viu meu tio por aí, ou se talvez conseguiria mandar uma mensagem para ele.

— Sem dúvida eu posso tentar encontrá-lo. Hum, aguarde um instante, Mike. Tem uma pessoa aqui que deseja falar com você.

O telefone foi passado para alguém, e uma voz feminina sensual disse:

— Oi, docinho. Estou com saudade.

Shadow tinha certeza de que nunca ouvira aquela voz. Mas a conhecia. Sabia que conhecia...

Relaxe, sussurrou a voz sensual em sua mente, em um sonho. Relaxe de tudo.

— Quem era aquela garota que você beijou, docinho? Quer me deixar com ciúmes?

— Nós somos só amigos — respondeu Shadow. — Acho que ela só estava tentando ajudar. Como você sabe que ela me beijou?

— Meus olhos sempre estão onde vaga meu povo. Tome cuidado, docinho...

Um momento de silêncio, e então o sr. Íbis voltou para a linha.

— Mike?

— Sim.

— Estamos com certa dificuldade para entrar em contato com o seu tio. Ao que parece, ele está meio enrolado. Mas vou tentar mandar uma mensagem para sua tia Nancy. Boa sorte.

E desligou.

Shadow se sentou e esperou Chad voltar. Estava confinado em uma sala vazia, lamentando não ter nada com que se distrair. Com relutância, pegou as *Minutas* de novo, abriu mais ou menos no meio do livro e começou a ler.

Em dezembro de 1876, foi proposta e aprovada, por oito votos a quatro, uma lei que proibia expectoração ou descarte de qualquer forma de tabaco em calçadas ou no piso de edifícios do governo.

Lemmi Hautala tinha doze anos e “temia-se que tivesse se perdido em um caso de delírio repentino” no dia 13 de dezembro de 1876. “Foi conduzida uma operação de busca imediatamente, impossibilitada pela neve intensa.” A câmara havia decidido, por unanimidade, enviar condolências à família Hautala.

O incêndio no estábulo dos Olsen na semana seguinte foi apagado, e ninguém, humano ou equino, se feriu ou morreu.

Shadow explorou atentamente as colunas de texto. Não encontrou mais nenhuma referência a Lemmi Hautala.

Depois, movido por pouco mais do que um capricho, virou as páginas até o inverno de 1877. Achou o que estava procurando em um aparte das minutas de janeiro: Jessie Lovat, idade não informada, “uma criança negra”, havia desaparecido na noite de 28 de dezembro. Acreditava-se que ela tivesse sido “sequestrada por supostos caixeiros-viajantes, expulsos da cidade na semana anterior após a descoberta de que haviam se envolvido em certos furtos. Dizia-se que pretendiam ir a St. Paul”. Foram enviados telegramas a St. Paul, mas não havia registro de resposta. A família Lovat não recebeu condolências.

Shadow estava lendo as minutas do inverno de 1878 quando Chad Mulligan deu uma batidinha na porta e entrou. Ele parecia envergonhado, como uma criança que chegava em casa com um boletim ruim.

— Senhor Ainsel — começou. — Mike. Sinto muito por tudo isso. Obrigado por ter lidado tão bem com a situação. Pessoalmente, eu gosto de você. Mas isso não muda nada, entende?

Shadow disse que entendia.

— Não tenho escolha — prosseguiu Chad. — Preciso prendê-lo por violar os termos da sua condicional.

O delegado Chad Mulligan leu os direitos de Shadow. Preencheu a papelada. Tirou as digitais dele. Conduziu-o até a carceragem, que ficava na outra extremidade do edifício.

O lugar abrigava um balcão comprido e algumas portas de um lado e duas

celas e uma porta do outro. Uma das celas estava ocupada — um homem dormia em uma cama de concreto com um cobertor fino. A outra estava vazia.

Atrás do balcão, uma mulher de uniforme marrom e com cara de sono via Jay Leno em uma televisão portátil branca. Ela verificou os papéis que Chad lhe entregou e assinou a entrada de Shadow. O policial preencheu mais alguns documentos. A mulher saiu de trás do balcão, revistou Shadow, pegou tudo o que ele tinha — carteira, moedas, chave de casa, livro, relógio de pulso — e colocou em cima do balcão, depois lhe deu um saco plástico com roupas laranja e disse para ele entrar na cela aberta e se trocar. Não precisaria trocar a cueca e as meias. Shadow entrou e pôs a roupa laranja e o calçado de borracha. Ali dentro o fedor era cruel. A camiseta laranja que colocou tinha CARCERAGEM DE LUMBER escrito nas costas, em letras pretas e grandes.

O vaso sanitário de metal da cela estava entupido e cheio até a borda com uma mistura marrom pastosa de fezes líquidas e urina velha de cerveja.

Shadow saiu da cela e entregou as roupas para a mulher, que guardou tudo no saco plástico junto com seus outros objetos pessoais. Ela o mandou assinar um documento. Shadow escreveu Mike Ainsel, mas percebeu que já pensava nele como alguém de quem havia gostado no passado, mas que não voltaria a ver no futuro. Mexeu na carteira antes de entregá-la.

— Cuide bem dela — pediu à mulher. — Minha vida inteira está aqui.

A mulher pegou a carteira e garantiu que a guardaria em segurança. Ela perguntou a Chad se não estava falando a verdade, e Chad, erguendo os olhos do último documento necessário, disse que Liz tinha razão, que nunca haviam perdido os objetos pessoais de um prisioneiro.

Shadow havia enfiado nas meias as quatro notas de cem dólares que tirara escondido da carteira, quando estava trocando de roupa, e a moeda de prata de um dólar com a efígie da Estátua da Liberdade, que empalmara ao esvaziar os bolsos.

— Teria problema se eu ficasse com o livro? — perguntou Shadow, ao sair da cela. — Não terminei de ler.

— Sinto muito, Mike. São as regras — disse Chad.

Liz guardou os pertences de Shadow em uma sacola no depósito. Chad disse que ia deixá-lo aos cuidados da policial Bute, sempre muito competente. Liz parecia cansada e indiferente. Chad saiu. O telefone tocou, e Liz — a policial Bute — atendeu.

— Certo — falou. — Certo. Sem problema. Certo. Sem problema. Certo.

Ela pôs o fone no gancho e fez uma careta.

— Algum problema? — perguntou Shadow.

— Sim. Não muito. Mais ou menos. Vão mandar alguém de Milwaukee para

buscá-lo. Você tem algum histórico de problemas de saúde, diabetes, alguma coisa assim?

— Não. Nada disso. Por que isso é um problema?

— Porque eu preciso manter você aqui por três horas. E aquela cela ali — ela apontou para a cela perto da porta, onde o homem estava dormindo — está ocupada. Ele é um suicida em potencial. Não posso colocar você lá. Só que não vale a pena o trabalho de assinar sua entrada no sistema e logo depois assinar sua saída. — Ela balançou a cabeça. — E você não quer entrar ali — ela apontou para a cela vazia onde ele tinha trocado de roupa —, porque a privada está entupida. Está insuportável, não está?

— Sim. Estava bem nojento.

— É uma questão de bom senso, simples. Quando antes mudarmos para o prédio novo, melhor. Uma das mulheres que detivemos aqui ontem deve ter jogado um absorvente no vaso. Eu falo para não fazerem isso. Temos lixeiras, sabe? Isso entope o encanamento. Cada absorvente na privada custa ao município cem dólares só com encanador. Então, posso deixar você aqui fora, algemado. Ou você pode ficar na cela. — Ela olhou para Shadow. — Você decide.

— Não sou muito fã, mas prefiro as algemas.

A policial tirou um par de algemas do cinto e, com a outra mão, tocou na semiautomática que estava no coldre, como se quisesse lembrá-lo de que a arma estava logo ali.

— Mão para trás — ordenou.

As algemas ficaram apertadas: os pulsos de Shadow eram grossos. A mulher acorrentou os tornozelos dele e o fez se sentar em um banco do outro lado do balcão.

— É isso — disse ela. — Você não me incomoda, e eu não incomodo você.

Ela virou a televisão para que Shadow pudesse ver.

— Obrigado — disse ele.

— Quando a nova delegacia ficar pronta, não vamos mais ter que passar por isso.

Acabou o *Tonight Show*. Jay e seus convidados deram um boa-noite sorridente ao mundo. Começou um episódio de *Cheers*. Shadow só assistira a um episódio da série — aquele em que a filha de Ernie vai ao bar —, mas o vira algumas vezes. Tinha percebido que, se alguém não acompanhava certo programa, de tantos em tantos anos vai se deparar com uma reprise dos poucos episódios de que se lembra. Devia ser algum tipo de lei cósmica.

A policial Liz Bute se recostou na cadeira. Não dava para dizer que ela estava dormindo, mas definitivamente não estava acordada, então não percebeu quando

o pessoal na tevê parou de falar e soltar piadinhas e olhou para Shadow.

Diane, a garçonete loira que se achava intelectual, foi a primeira a falar.

— Shadow. Ficamos *muito preocupados*. Você desapareceu. É maravilhoso nos vermos de novo, embora nessa estética composta por grilhões e laranja.

— Na minha opinião, o negócio é o seguinte — disse Cliff, plantado no bar.

— Tem que fugir durante a temporada de caça, já que todo mundo vai estar de laranja mesmo.

Shadow não respondeu.

— Ah, entendi, o gato comeu sua língua, não foi? — interveio Diane. — Bom, você nos deu um baita de um trabalho!

Shadow desviou o olhar. A policial Liz tinha começado a roncar de leve.

— Ei, seu imbecil! — esbravejou Carla, a garçonete miúda. — A gente interrompeu esta transmissão para mostrar uma coisa que vai fazer você se mijar todo. Está pronto?

A tela piscou e se apagou. As palavras “AO VIVO” pulsavam em branco no canto inferior esquerdo. Então, uma voz feminina suave disse: — Certamente não é tarde demais para ir para o lado que está *ganhando*. Mas, sabe, você também tem o direito de ficar *exatamente* onde está. Isso é que é ser *americano*. Esse é o milagre da América. Afinal, liberdade de credo significa liberdade para acreditar no que é errado. Assim como liberdade de expressão lhe dá o direito de ficar calado.

A tela exibiu uma rua. A câmera avançou de repente, daquele jeito que fazem em documentários.

O plano foi preenchido por um homem de cabelo ralo, pele bronzeada e uma expressão ligeiramente abatida. Estava parado junto a um muro, bebendo café num copo de plástico. Ele olhou para a câmera e disse: — É fácil demais espalhar a palavra *terrorismo* por aí. Significa, pura e simplesmente, que os terroristas de verdade se escondem por trás de termos ambíguos, como *revolucionário*, quando na verdade o que estão fazendo é assassinar uns vagabundos. Não facilita o nosso trabalho, mas pelo menos sabemos que estamos fazendo alguma diferença. Estamos arriscando a vida para fazer alguma diferença.

Shadow reconheceu a voz. Já estivera dentro da cabeça do homem. O sr. Town soava diferente por dentro — a voz era mais grave, mais ressonante —, mas não havia dúvidas de que era ele.

As câmeras recuaram para mostrar que o sr. Town estava diante de um prédio com fachada de tijolos em uma rua qualquer dos Estados Unidos. Em cima da porta havia uma letra G cercada por um esquadro e um compasso.

— Em posição — disse alguém fora do enquadramento.

— Vamos ver se as câmeras *dentro* da loja funcionam — disse a voz da narradora.

Era o tipo de voz confiável usada em comerciais para tentar vender coisas que só pessoas *espertas* como a gente vão aproveitar a oportunidade para comprar.

As palavras AO VIVO continuavam piscando no canto inferior esquerdo da tela. Agora a imagem exibia o interior de um salão pequeno e mal iluminado. Dois homens estavam sentados a uma mesa no fundo do salão. Um deles estava de costas para a câmera. A imagem se aproximou deles em movimentos irregulares, bruscos. Por um instante, os dois ficaram desfocados, mas depois voltaram a ficar nítidos. O homem de frente para a câmera se levantou e começou a andar de um lado para o outro, como um urso acorrentado. Era Wednesday. Parecia que, de alguma forma, estava gostando daquela situação. Quando a câmera focalizou neles, o som começou com um estalo.

O homem de costas para a tela dizia:

— ... estamos oferecendo a chance de acabar tudo isto, aqui e agora, acabar com o derramamento de sangue, acabar com a violência, com a dor, com as vidas perdidas. Não vale a pena ceder um pouco por isso?

Wednesday parou de andar e se virou. Suas narinas estavam dilatadas.

— Em primeiro lugar — rosnou —, você tem que entender que está me pedindo para falar por todos nós, em nome de cada indivíduo que está na mesma posição que eu neste país. O que é um absurdo gritante. Eles vão fazer o que quiserem, e minha opinião não importa. Em segundo lugar, de onde você tirou a ideia de que eu acredito que vocês vão cumprir a palavra?

O homem de costas para a câmera mexeu a cabeça.

— Você está se subestimando — disse ele. — É óbvio que vocês não têm líderes. Mas é a você que eles dão ouvidos. Eles prestam atenção no que você diz, senhor Cargo. E, quanto à minha palavra, bom, estas conversas preliminares estão sendo filmadas e transmitidas ao vivo. — O homem fez um gesto na direção da câmera. — Algumas pessoas do seu lado estão assistindo. Outras vão ver gravações. Outras serão informadas por alguém em quem elas confiam. A câmera não mente.

— Todo mundo mente — disse Wednesday.

Shadow reconheceu a voz do homem de costas para a câmera. Era o sr. World, o que havia falado com Town pelo celular quando Shadow estava na cabeça de Town.

— Você acha que não vamos cumprir a nossa palavra? — perguntou o sr. World.

— Acho que suas promessas foram feitas para serem quebradas e que seus juramentos foram feitos para serem abjurados. Mas *eu* vou cumprir a *minha*

palavra.

— Um salvo-conduto é um salvo-conduto — disse o sr. World —, e o acordado foi uma trégua. A propósito, preciso lhe dizer que seu jovem protegido está novamente em nosso poder.

Wednesday bufou.

— Não. Não está.

— Nós conversávamos sobre modos de lidar com a mudança iminente de paradigma. Não *precisamos* ser inimigos. Precisamos?

Wednesday ainda parecia desconcertado.

— Farei tudo o que estiver ao meu alcance...

Shadow reparou em algo estranho na imagem de Wednesday na televisão. Um brilho vermelho cintilou em seu olho esquerdo, o de vidro. Ele ardia com uma luz escarlate. O brilho se deslocou e deixou para trás uma mancha fosfórica. Wednesday parecia não ter percebido.

— Este país é grande — disse Wednesday, organizando os pensamentos. Ele mexeu a cabeça, e a fagulha borrada escarlate caiu para a bochecha, um ponto de laser vermelho. Depois, voltou lentamente para o olho de vidro. — Tem espaço para...

Ouviu-se um estouro, abafado pelas caixas de som da televisão, e a lateral da cabeça de Wednesday explodiu. Seu corpo caiu para trás.

O sr. World se levantou, ainda de costas para a câmera, e saiu do quadro.

— Vamos ver de novo, em câmera lenta — anunciou a voz tranquilizadora da narradora.

As palavras AO VIVO foram substituídas por REPLAY. O ponto vermelho de laser se deslocou lentamente até o olho de vidro de Wednesday, e mais uma vez a lateral do rosto dele se dissolveu em uma nuvem de sangue. A imagem congelou.

— Sim, ainda é mesmo a Terra de Deus — disse a narradora, uma repórter anunciando seu bordão final. — A única questão é: de que deuses?

Outra voz — Shadow achou que fosse a do sr. World, que tinha aquele jeito meio familiar — disse: — Agora voltamos à nossa programação normal.

Em *Cheers*, Ernie dizia à filha que ela era realmente bonita, assim como a mãe.

O telefone tocou, e a policial Liz acordou com um susto. Ela atendeu.

— Tudo bem — respondeu. — Tudo bem. Sim. Certo, já vou.

Ela desligou o telefone e saiu de trás do balcão.

— Sinto muito — disse para Shadow. — Vou ter que colocar você dentro da cela. Não use a privada. Se precisar, aperte a campainha perto da porta, e eu volto assim que puder e levo você ao banheiro lá dos fundos. O pessoal da

polícia de Lafayette deve chegar daqui a pouco para buscar você.

Ela tirou as algemas e a corrente e o trancou na cela. Com a porta fechada, o cheiro estava pior.

Shadow se sentou na cama de concreto, tirou a moeda com a efígie da Estátua da Liberdade da meia e começou a movê-la dos dedos para a palma, de posição em posição, de mão em mão, e seu único objetivo era evitar que a moeda fosse vista por alguém que por acaso olhasse para dentro da cela. Estava só passando o tempo. Estava entorpecido.

E então sentiu uma saudade súbita, intensa, de Wednesday. Sentiu saudade da confiança do homem, da postura. Da convicção.

Abriu a mão e olhou para a Lady Liberdade, um perfil em prata. Fechou os dedos em volta da moeda. Ele se perguntou se seria um daqueles caras condenados à prisão perpétua por um crime que não havia cometido. Se é que chegaria a tanto. Pelo que vira do sr. World e do sr. Town, não seria muito difícil para eles dar um sumiço em Shadow. Talvez acontecesse um trágico acidente no caminho até o centro de detenção seguinte. Talvez ele fosse baleado durante uma tentativa de fuga. Não parecia nada improvável.

Ouviu-se um burburinho do lado de fora. A policial Liz voltou. Ela apertou um botão, uma porta que Shadow não via se abriu, e um delegado negro de uniforme marrom entrou e andou a passos firmes até o balcão.

Shadow colocou a moeda de volta na meia.

O novo delegado entregou alguns documentos, que Liz leu e assinou. Chad Mulligan apareceu, disse algumas palavras para o recém-chegado, destrancou a porta da cela e entrou.

— Está fedendo aqui dentro.

— Nem me fale.

— Certo. O pessoal veio buscar você. Parece que você é questão de segurança nacional. Sabia?

— Vai ser uma bela matéria de capa para o *Lakeside News* — comentou Shadow.

Chad olhou para ele, confuso.

— Que um andarilho foi preso por violar os termos da condicional? Não é grande coisa.

— Então é isso?

— Foi o que me falaram — respondeu Chad Mulligan.

Dessa vez, Shadow pôs as mãos na frente do corpo, e Chad o algemou. Ele prendeu as correntes nos tornozelos e colocou um bastão entre as algemas e as correntes.

Eles vão me levar lá para fora, pensou Shadow. Talvez eu possa tentar fugir,

de algum jeito, com as correntes e as algemas e as roupas leves cor de laranja, no meio da neve, e assim que pensou isso, deu-se conta de que era uma ideia idiota e inútil.

Chad o acompanhou para fora da cela. Liz desligara a televisão. O delegado negro examinou Shadow, olhando-o da cabeça aos pés.

— Ele é grande — comentou com Chad.

Liz entregou ao delegado negro a sacola de papel com os objetos pessoais de Shadow, e ele assinou mais um documento.

Chad olhou para Shadow e para o outro homem. Em voz baixa, mas alta o bastante para Shadow ouvir, ele disse ao delegado: — Olha, eu só queria dizer que não gosto do jeito como isso está sendo feito.

O outro delegado assentiu. Sua voz era grave e meticulosa: a voz de um homem tranquilamente capaz de organizar uma coletiva de imprensa ou um massacre.

— O senhor vai ter que levar a questão às autoridades competentes. Nossa trabalho é apenas recolher o prisioneiro.

Chad, com uma expressão contrariada, se virou para Shadow.

— Certo. Aquela porta ali vai dar no pátio.

— O quê?

— O pátio. Onde o carro está.

Liz destrancou as portas.

— Por favor, mandem o uniforme laranja de volta para cá — pediu ao delegado. — Da última vez que um detento nosso foi levado para Lafayette, nunca mais vimos o uniforme. Eles custam dinheiro ao município.

Eles saíram para o pátio, onde um carro os aguardava. Não era uma viatura da delegacia. Era um sedã preto. Outro delegado, um cara branco grisalho de bigode, estava encostado no carro, fumando um cigarro. Ele o apagou com o pé quando os outros dois se aproximaram e abriu a porta traseira para o prisioneiro.

Shadow se sentou, desengonçado, atrapalhado pelas algemas e pela corrente. Não havia grade entre a parte de trás e os bancos da frente.

Os dois delegados se sentaram na frente. O negro ligou o motor. Eles esperaram o portão do pátio se abrir.

— Vai, vai — disse o delegado negro, batendo os dedos no volante.

Chad Mulligan deu uma batidinha na janela do carona. O delegado branco olhou para o motorista e abaixou o vidro.

— Isto está errado — disse Chad. — Que isso fique bem claro.

— Suas observações foram registradas e serão encaminhadas às autoridades competentes — respondeu o motorista.

O portão para o mundo exterior se abriu. Ainda nevava, flocos rodopiantes à

luz dos faróis do carro. O motorista pisou no acelerador, e eles saíram da delegacia e pegaram a Main Street.

— Ficou sabendo de Wednesday? — perguntou o motorista. Sua voz parecia diferente, mais velha, familiar. — Ele morreu.

— É, eu sei — respondeu Shadow. — Passou na tevê.

— Aqueles putos — disse o policial branco. Foi a primeira coisa que falou, e sua voz era rouca e com sotaque, e, como a do motorista, era uma voz que Shadow conhecia. — Estou dizendo, aqueles putos são uns putos.

— Obrigado por virem me buscar — disse Shadow.

— Não se preocupe — respondeu o motorista. Iluminado pelo farol de um carro que vinha na direção contrária, o rosto dele já parecia mais velho. E o homem parecia menor também. A última vez que Shadow o vira, ele estava com luvas amarelo-canário e terno quadriculado. — Estábamos em Milwaukee. Tivemos que dirigir feito loucos quando Íbis ligou.

— Você acha mesmo que a gente ia deixar trancarem você e fritarem você todo, quando eu ainda estou esperando para quebrar sua cabeça com a minha marreta? — perguntou o delegado branco, melancólico, procurando um maço de cigarros no bolso. Seu sotaque era do Leste Europeu.

— A merda vai bater no ventilador em menos de uma hora — comentou o sr. Nancy, parecendo-se consigo mesmo mais e mais a cada minuto —, quando eles chegarem *de verdade* para buscar você. Vamos fazer uma parada antes de chegarmos à Rodovia 53, para tirar essas algemas e você vestir as suas roupas.

Czernobog mostrou uma chave e sorriu.

— Gostei do bigode — disse Shadow. — Caiu bem.

Czernobog o afagou com um dedo amarelado.

— Obrigado.

— Wednesday... Ele morreu mesmo? Isso não é nenhum truque, né?

Percebeu que tinha se aferrado a uma esperança, por mais inútil que fosse. Mas o rosto de Nancy disse tudo o que ele precisava saber, e a esperança morreu.

VINDA À AMÉRICA

14000 a.C.

ESTAVA FRIO E escuro quando a visão a alcançou, pois no norte distante a luz era uma penumbra cinzenta no meio do dia que vinha, e ia, e vinha outra vez: um interlúdio entre escuridões.

Não era uma tribo grande pela medida da época: nômades das planícies do norte. Tinham um deus, que era uma caveira de mamute e um couro de mamute transformado em manto grosseiro. Nunyunnini era como o chamavam. Quando não estavam viajando, ele repousava em uma estrutura de madeira da altura de um homem.

Ela era a mulher sagrada da tribo, protetora dos segredos, e seu nome era Atsula, a raposa. Atsula caminhava à frente dos dois homens que carregavam o deus da tribo em grandes estacas, oculto por peles de urso, para que não fosse visto por olhos profanos — não nos momentos em que ele não fosse sagrado.

Vagavam pela tundra com suas tendas. A melhor das tendas era feita de couro de caribu, e a tenda era sagrada, e havia quatro pessoas lá dentro: Atsula, a sacerdotisa, Gugwei, o ancião da tribo, Yanu, o líder guerreiro, e Kalanu, a exploradora. Ela os convocou um dia depois de receber a visão.

Atsula raspou um pouco de líquen para dentro do fogo e com a mão esquerda murcha jogou folhas secas nas chamas: elas liberaram uma fumaça cinzenta que fazia os olhos arderem e exalavam um odor pungente e estranho. Em seguida, ela pegou um copo de madeira da plataforma de madeira e entregou a Gugwei. O copo estava até a metade com um líquido amarelo-escuro.

Atsula havia encontrado os cogumelos *pungh* — cada um com sete pontos, e só uma mulher verdadeiramente sagrada conseguia encontrar um cogumelo de sete pontos — e os colhera na lua escura, e os ressecara em uma corda de cartilagem de cervo.

No dia anterior, antes de dormir, havia comido três chapéus de cogumelo seco. Seus sonhos foram confusos e temerosos, luzes intensas que se moviam

depressa, montanhas rochosas cheias de luzes que se atiravam para cima como pingentes de gelo. No meio da noite, acordara suada, com vontade de desaguar. Agachou-se em cima do copo de madeira e o encheu com sua urina. Depois, colocou o copo para fora da tenda, dentro da neve, e voltou a dormir.

Quando acordou, tirou os pedaços de gelo de dentro do copo de madeira, como a mãe havia ensinado, e o que restou foi um líquido mais escuro e concentrado.

Foi esse líquido que a mulher passou pela tenda de couro, primeiro para Gugwei, depois para Yanu e Kalanu. Cada um tomou um gole grande, e Atsula bebeu por último. Ela engoliu e despejou o que sobrara no copo no chão, diante do deus, uma libação para Nunyunnini.

Dentro da tenda esfumaçada, esperaram o deus se pronunciar. Do lado de fora, na escuridão, o vento uivava e pulsava.

Kalanu, a exploradora, era uma mulher que andava e se vestia como homem: ela até desposara Dalani, uma donzela de catorze anos. Kalanu piscou com força, levantou-se e foi até a caveira de mamute. Cobriu-se com o manto de couro de mamute e pôs a cabeça para dentro da caveira.

— Existe um mal no mundo — disse Nunyunnini. — Um mal tão grande que, se vocês continuarem aqui, na terra de suas mães e das mães de suas mães, todos perecerão.

Os três ouvintes grunhiram.

— São os senhores de escravos? Ou os grandes lobos? — perguntou Gugwei, que tinha um cabelo longo e branco e cujo rosto era enrugado como uma árvore cheia de espinhos.

— Não são os senhores — retrucou Nunyunnini, o velho couro duro. — Não são os grandes lobos.

— É uma fome? Enfrentaremos uma fome? — perguntou Gugwei.

Nunyunnini não respondeu. Kalanu saiu de baixo da caveira e esperou com os outros.

Gugwei vestiu o manto de couro de mamute e pôs a cabeça dentro da caveira.

— Não é uma fome como a que vocês conhecem — anunciou Nunyunnini, pela boca de Gugwei —, mas uma fome virá em seguida.

— Então o que é? — perguntou Yanu. — Eu não tenho medo. Vou enfrentar o que for. Nós temos lanças, e temos pedras para arremessar. Mesmo que cem guerreiros poderosos nos ataquem, venceremos. Nós os empurraremos para os pântanos e racharemos seus crânios com nossas pedras.

— Não é algo dos homens — disse Nunyunnini, com a voz idosa de Gugwei.

— Virá dos céus, e nenhuma de suas lanças ou pedras os protegerá.

— Como vamos nos proteger? — perguntou Atsula. — Eu vi chamas nos

céus. Ouvi um barulho mais forte do que dez trovões. Vi florestas arrasadas e rios escaldantes.

— Ai... — disse Nunyunnini, e não falou mais nada.

Gugwei saiu de baixo da caveira, curvando-se com dificuldade, com as articulações das mãos inchadas e calejadas.

Silêncio. Atsula jogou mais folhas no fogo, e a fumaça fez os olhos de todos lacrimejarem.

Depois, Yanu foi até a cabeça de mamute, cobriu os ombros largos com o manto e pôs a cabeça dentro da caveira. Sua voz ressoou.

— Vocês devem partir em uma jornada — disse Nunyunnini. — Devem viajar na direção do sol. Onde o sol nasce, vocês encontrarão uma nova terra, onde estarão em segurança. Será uma longa jornada: a lua crescerá e esvaziará, morrerá e viverá, duas vezes, e vocês encontrarão senhores de escravos e bestas, mas eu os guiarei e os protegerei, se viajarem na direção do sol nascente.

Atsula cuspiu na lama do chão:

— Não — retrucou. Sentiu o deus a encarando. — Não — repetiu. — Você é um deus ruim por nos dizer isso. Nós vamos morrer. Vamos todos morrer, e aí quem restará para carregá-lo de um lugar alto para outro, para erguer sua tenda, para untar suas grandes presas com gordura?

O deus não respondeu. Atsula e Yanu trocaram de lugar. O rosto de Atsula surgiu por trás do osso amarelado de mamute.

— Atsula não tem fé — disse Nunyunnini. — Atsula morrerá antes de o resto da tribo entrar na nova terra, mas o resto sobreviverá. Confiem em mim: existe uma terra ao leste onde não existem homens. Essa terra será a sua terra e a terra de seus filhos e dos filhos de seus filhos, por sete gerações, e por sete setes. Não fosse a falta de fé de Atsula, a terra seria de vocês para sempre. De manhã, desmontem suas tendas, recolham seus objetos e caminhem na direção do sol nascente.

E Gugwei e Yanu e Kalanu abaixaram a cabeça e exclamaram diante do poder e da sabedoria de Nunyunnini.

A lua cresceu e minguou e cresceu e minguou de novo. As pessoas da tribo andaram para o leste, na direção do amanhecer, atravessando os ventos gélidos que embotavam a pele exposta. Nunyunnini cumprira sua promessa: a tribo não perdeu ninguém na viagem, exceto uma mulher durante um parto, e mulheres durante o parto pertencem à lua, não a Nunyunnini.

Cruzaram a ponte de terra.

Kalanu havia saído ao despontar da manhã para explorar o caminho. O céu já estava escuro, e Kalanu ainda não tinha voltado, mas o céu noturno estava rico de luzes, brancas e verdes e violeta e vermelhas, agrupando-se e piscando e se

retorcendo, fluidez e pulsação. Atsula e seu povo já haviam visto a aurora boreal, mas ainda a temiam, e jamais haviam visto uma ocorrência como aquela.

Kalanu voltou enquanto as luzes no céu se formavam e dançavam.

— Às vezes — disse ela a Atsula —, tenho a sensação de que vou abrir os braços e me lançar para o céu.

— Isso é porque você é uma exploradora — respondeu Atsula, a sacerdotisa.

— Quando você morrer, será lançada ao céu e se transformará em uma estrela, para nos guiar como nos guiou em vida.

— Tem penhascos de gelo ao leste, penhascos elevados — comentou Kalanu. Seu cabelo negro tal qual um corvo era longo, como o de um homem. — Podemos escalar, mas levaremos muitos dias.

— Você nos guiará em segurança — disse Atsula. — Eu morrerei na base do penhasco, e esse será o sacrifício que os levará às novas terras.

A oeste, nas terras de onde tinham vindo, onde o sol havia repousado horas antes, uma luz amarela doentia brilhou com mais intensidade do que um relâmpago, com mais intensidade do que o dia: uma explosão de brilho absoluto que fez as pessoas na ponte de terra cobrirem os olhos e cuspirem e gritarem. As crianças começaram a chorar.

— Aquela é a destruição que Nunyunnini nos avisou que viria — comentou o velho Gugwei. — Ele sem dúvida é um deus sábio e poderoso.

— Ele é o melhor de todos os deuses — disse Kalanu. — Em nossa nova terra, vamos erguê-lo às alturas, e poliremos suas presas e sua caveira com óleo de peixe e gordura animal, e diremos aos nossos filhos, e aos filhos de nossos filhos, e aos filhos de nossos sétimos filhos, que Nunyunnini é o mais poderoso dos deuses e jamais será esquecido.

— Os deuses são grandiosos — concordou Atsula, hesitante, como se compreendesse um grande segredo. — Mas o coração é ainda mais grandioso. Pois é de nossos corações que eles nascem, e aos nossos corações hão de voltar...

E não se sabe até onde ela levaria essa blasfêmia se não tivesse sido interrompida por algo que não admitia contestação.

O rugido que veio do oeste foi tão forte que ouvidos sangraram, e eles ficaram algum tempo sem ouvir nada, temporariamente cegos e surdos, mas vivos, cientes de que tinham mais sorte do que as tribos a oeste.

— É bom — disse Atsula, mas não escutou as palavras dentro de sua cabeça.

Atsula morreu na base do penhasco, quando o sol de primavera brilhava alto no céu. Não viveu para ver o Novo Mundo, e a tribo entrou naquelas terras sem sua mulher sagrada.

Eles escalaram o penhasco e seguiram para o sul e depois para o oeste, até encontrarem um vale com água doce, e rios carregados de peixes prateados, e

cervos que jamais haviam conhecido o homem e que, de tão mansos, era preciso cuspir e pedir desculpas a seu espírito antes de matá-los.

Dalani deu à luz três meninos, e houve quem dissesse que Kalanu tinha realizado a magia definitiva e conseguido fazer o ato de homem com sua noiva — e também teve quem dissesse que o velho Gugwei não estava velho demais para fazer companhia a uma noiva jovem enquanto sua esposa estava ausente. E, de fato, depois que Gugwei morreu, Dalani não teve mais filhos.

E a época de gelo veio, e a época de gelo se foi, e o povo se espalhou pela terra e formou novas tribos e adotou novos totens: corvos e raposas e preguiças-gigantes e gatos e búfalos enormes, cada animal um tabu que marcava a identidade da tribo, cada animal um deus.

Os mamutes das novas terras eram maiores, mais lentos, mais ingênuos que os mamutes das planícies siberianas, e os cogumelos *pungh*, com seus sete pontos, aparentemente não existiam nas novas terras, e Nunyunnini nunca mais falou com a tribo.

E, nos dias dos netos dos netos de Dalani e Kalanu, um grupo de guerreiros, que faziam parte de uma tribo grande e próspera, voltou de uma expedição para capturar escravos ao norte do lar deles, que ficava ao sul, e encontrou o vale do Primeiro Povo: eles mataram a maioria dos homens e capturaram as mulheres e muitas crianças.

Uma das crianças, na esperança de ser poupada, levou-os a uma caverna na montanha, onde encontraram uma caveira de mamute, os restos esfarrapados de um manto de pele de mamute, um copo de madeira e a cabeça preservada de Atsula, o oráculo.

Alguns guerreiros da nova tribo queriam levar os objetos sagrados, roubar os deuses do Primeiro Povo e se apropriar de seu poder, mas outros recomendaram o contrário, dizendo que isso atrairia apenas infortúnios e a crueldade de seu próprio deus (pois aquelas pessoas vinham de uma tribo do corvo, e os corvos são deuses ciumentos).

Então jogaram os objetos nas profundezas de um vale e levaram consigo os sobreviventes do Primeiro Povo, que os acompanharam pela longa viagem até o sul. E as tribos do corvo, e as tribos da raposa, ficaram mais e mais poderosas, e logo Nunyunnini foi completamente esquecido.

PARTE TRÊS

O MOMENTO DA TEMPESTADE

CAPÍTULO

CATORZE

*As pessoas estão no escuro,
sem saber o que fazer.
Eu até tinha um lampião, mas
a chama, cadê?
Estendo a mão para tocá-la,
com as mãos eu posso ver.
Só quero ficar no escuro com
você.*

Greg Brown, “In the Dark with You”

ELES TROCARAM DE carro às cinco da manhã, em Minneapolis, no estacionamento do aeroporto. Foram até o último nível do edifício-garagem, onde as vagas eram ao ar livre.

Shadow colocou o uniforme laranja, as algemas e as correntes para as pernas dentro da sacola de papel pardo que antes guardara seus objetos pessoais, dobrou o pacote e o jogou em uma lixeira. Fazia dez minutos que estavam esperando quando um jovem robusto surgiu por uma porta do aeroporto e se aproximou. Comia batatas fritas do Burger King. Shadow o reconheceu imediatamente: era o cara no banco traseiro do carro, depois da House on the Rock, aquele que tinha cantarolado num timbre tão grave que fizera o carro vibrar. Ele agora exibia uma barba grisalha, que não estava em seu rosto quando Shadow o conhecera. A barba o fazia parecer mais velho.

O sujeito limpou no suéter a gordura das mãos imensas e estendeu uma delas para Shadow.

— Fiquei sabendo da morte do Pai de Todos. Eles vão pagar, e caro.

— Wednesday era seu pai? — perguntou Shadow.

— Ele era o Pai de Todos — respondeu o homem. Sua voz grave ficou embargada. — Pode avisar, avise a todos que meu povo vai ajudar, quando formos chamados.

Czernobog cuspiu na lama congelada um fiapo de tabaco que estava preso nos dentes.

— E quantos vocês são? Dez? Vinte?

A barba do sujeito de tronco largo se eriçou.

— E dez nossos não valem por cem deles? Quem poderia enfrentar sequer um do meu povo em batalha? Mas nos arredores das cidades somos mais do que isso. E tem alguns nas montanhas, até nas Catskill, e alguns vivem nos parques itinerantes da Flórida. Eles vão afiar os machados. E virão se eu chamar.

— Isso mesmo, Elvis — retrucou o sr. Nancy. Pelo menos foi o que Shadow achou que ele tinha falado: Elvis. Mas não dava para ter certeza. Nancy trocara o uniforme de delegado por um grosso cardigã marrom, calças cotelê e mocassins marrons. — Pode chamar seu pessoal. É o que aquele velho cretino iria querer.

— Eles o traíram. Eles o mataram. Eu ri de Wednesday, mas estava errado. Nenhum de nós está seguro agora — declarou o homem que talvez se chamasse Elvis. — Mas podem contar com meu pessoal.

O homem deu um leve tapinha nas costas de Shadow e quase o jogou no chão. Foi como receber um leve tapinha de uma bola de demolição.

Czernobog olhava em volta, distraído.

— Desculpe perguntar, mas nosso veículo novo, qual é?

O rapaz de tronco largo apontou.

— Ali está.

Czernobog bufou.

— Aquilo?

Era uma Kombi VW modelo 1970. O para-brisa traseiro tinha um adesivo de arco-íris.

— É uma beleza de carro. E é a última coisa que eles imaginariam vocês dirigindo.

Czernobog contornou a Kombi. Começou a tossir — uma tosse rimbombante nos pulmões cansados, tosse de velho fumante às cinco da madrugada. Então pigarreou com força, cuspiu e massageou o peito, tentando aliviar a dor.

— Sim. Nunca vão suspeitar. E o que acontece quando a polícia parar os três hippies com erva aqui? Hein? Não queremos dirigir esse ônibus mágico. Queremos não ser percebidos.

O rapaz de barba grisalha destrancou a porta da Kombi.

— Eles vão olhar para a cara de vocês, ver que não são hippies e tchau, tchau. É o disfarce perfeito. E foi o que eu consegui arranjar, tão em cima da hora.

Czernobog parecia disposto a continuar discutindo, mas o sr. Nancy interveio delicadamente:

— Elvis, você nos ajudou. Somos muito gratos. Muito bem, este carro aqui precisa voltar para Chicago.

— Vamos deixar o carro em Bloomington — respondeu o barbudo. — Os

lobos vão cuidar disso. Não se preocupem. — Ele se virou para Shadow. — Mais uma vez, meus pêsames. Sinto sua dor. Boa sorte. E, se o tributo couber a você, tem minha admiração e meus sentimentos. — Solidário e amistoso, o homem apertou a mão de Shadow com a sua, que era do tamanho de uma luva de beisebol. Doeu. — Quando o vir, pode dizer ao cadáver. Diga que Alvíss, filho de Vindalf, manterá a fé.

A Kombi cheirava a patchuli, incenso velho e folhas de tabaco. O piso e as paredes estavam forrados com um carpete rosa desbotado.

— Quem era aquele? — perguntou Shadow, dirigindo a Kombi rampa abaixo, botando o motor para trabalhar.

— Exatamente quem ele disse que era: Alvíss, filho de Vindalf. O rei dos anões. O maior, mais alto e mais poderoso deles.

— Mas ele não é anão — observou Shadow. — Ele tem, sei lá, um e setenta, um e setenta e cinco?

— O que faz dele um gigante entre os anões — explicou Czernobog, atrás de Shadow. — O anão mais alto da América.

— E o que ele quis dizer com tributo?

Os dois velhos não responderam. Shadow olhou para a direita. O sr. Nancy encarava a janela.

— Hein? Ele falou de tributo. Vocês ouviram.

Foi Czernobog que respondeu, do banco de trás:

— Você não vai precisar fazer.

— Fazer o quê?

— O tributo. Ele fala demais. Os anões são assim: falam, falam, falam. E cantam. O tempo todo: cantam, cantam, cantam. Não é nada que precise de sua atenção. Melhor você esquecer, até.

Viajaram para o sul, evitando as rodovias (“Precisamos presumir que elas estejam em mãos inimigas”, dissera o sr. Nancy, “ou que talvez *sejam* as mãos inimigas”). Viajar para o sul era como avançar no tempo. A neve foi sumindo aos poucos, até desaparecer completamente na manhã seguinte, quando a Kombi chegou ao Kentucky. O inverno já havia acabado por lá, e a primavera estava se instalando. Shadow começou a imaginar se havia alguma equação que explicasse aquilo — talvez cada oitenta quilômetros de viagem para o sul equivalessesem a um dia de viagem para o futuro.

Até teria comentado isso com os passageiros, mas o sr. Nancy estava dormindo no banco do carona e Czernobog não parava de roncar no banco de

trás.

Naquele momento, o tempo parecia um conceito flexível, uma ilusão que surgia de sua imaginação conforme ia dirigindo. Percebeu que começava a ficar dolorosamente consciente dos pássaros e dos outros animais: via corvos na beira da estrada e na faixa seletiva, comendo animais mortos na pista; viu bandos de aves voando pelo céu em diagramas que quase faziam sentido; viu gatos o observando dos jardins das casas ou de cima de cercas.

Czernobog fez um barulho e acordou, se endireitando.

— Sonhei um sonho estranho — comentou. — Sonhei que na verdade eu sou Bielebog. Que o mundo acha sempre que somos dois, o deus da luz e o das sombras, mas que, agora que estamos velhos, eu descubro que sempre foi só eu, dando presentes e tomando meus presentes de volta.

Ele arrancou o filtro de um Lucky Strike, enfiou o cigarro entre os lábios e o acendeu com o isqueiro. Shadow abriu o vidro.

— Você não tem medo de ter câncer de pulmão?

— Eu *sou* o câncer — respondeu Czernobog. — Não tenho medo de mim mesmo. — Ele riu, e a risada virou um silvo, e o silvo virou uma tosse.

— Gente como a gente não pega câncer — explicou Nancy. — A gente não tem arteriosclerose, nem mal de Parkinson, nem sífilis. Somos meio difíceis de matar.

— Mas mataram Wednesday — retrucou Shadow.

Ele parou para abastecer e estacionou ao lado de um restaurante, para tomarem café da manhã. Quando entraram, o telefone público perto da porta começou a tocar. Passaram direto, sem atender, e o toque parou.

Fizeram o pedido para uma mulher idosa com um sorriso preocupado, que antes de eles chegarem estava lendo uma edição barata de *O que meu coração queria dizer*, de Jenny Kerton. O telefone voltou a tocar. A mulher suspirou e foi até o aparelho.

— Pois não. — Ela olhou para o interior do restaurante e respondeu: — Sim. Parece que estão, sim. Aguarde na linha.

E foi até o sr. Nancy.

— É para você.

— Certo. Mas, minha senhora, faça o favor de pedir as batatas fritas *bem crocantes*. Lembrando carvão.

Então foi até o telefone.

— É ele — disse o sr. Nancy. — ... E você acha que eu sou idiota de confiar em você? — perguntou. — ... Eu consigo achar — retrucou. — Sei onde é... Sim — disse. — Queremos. Você sabe disso. E eu sei que você quer se livrar disso. Então não me venha com palhaçada.

Ele desligou e voltou à mesa.

— Quem era? — perguntou Shadow.

— Não falaram.

— O que eles queriam?

— Estavam oferecendo uma trégua para nos entregarem o corpo.

— Eles mentem — declarou Czernobog. — Querem nos fisgar, aí vão nos matar. O mesmo que fizeram com Wednesday. É o que eu sempre fazia — acrescentou, com um orgulho melancólico. — Prometa o que quiserem, mas faça o que você quiser.

— É em território neutro — retrucou Nancy. — Neutro de verdade.

Czernobog deu risada. O som lembrava uma bola metálica chacoalhando dentro de uma caveira seca.

— Eu dizia isso também. Venha a um lugar neutro, eu falava, e daí, à noite, saímos das camas e matávamos todos. Bons tempos.

O sr. Nancy deu de ombros. Então se curvou por cima das batatas frias e marrons e sorriu em aprovação.

— Ah, sim. Muito bem fritas.

— Não podemos confiar naquela gente — disse Shadow.

— Olha só, eu sou mais velho do que você e mais esperto do que você e mais bonito do que você — retrucou o sr. Nancy, batendo na base do pote de ketchup, espalhando seu conteúdo por cima das batatas fritas queimadas. — Eu pego mais mulher em uma tarde do que você arranja em um ano. Eu danço como um anjo, luto como um urso encurrulado, faço planos melhor que uma raposa, canto como um rouxinol...

— E isso quer dizer que...?

Os olhos castanhos de Nancy fitaram os de Shadow.

— E isso quer dizer que eles precisam se livrar do corpo tanto quanto nós precisamos recuperá-lo.

— Não existe nenhum lugar neutro — interveio Czernobog.

— Existe um — retrucou o sr. Nancy. — É o centro.

Czernobog balançou a cabeça de repente.

— Não. Eles não aceitariam nos encontrar lá. Lá eles não podem fazer nada contra a gente. É um lugar ruim para todo mundo.

— E é por isso que eles sugeriram que a entrega fosse feita lá.

Czernobog pareceu refletir por um tempo. Então disse:

— Pode ser.

— Quando voltarmos para a estrada, vocês podem dirigir — sugeriu Shadow.

— Eu preciso dormir.

Determinar o centro exato de qualquer coisa é, na melhor das hipóteses, problemático. Quando a coisa é viva — como pessoas, por exemplo, ou continentes —, o problema é de ordem inimaginável: qual é o centro de um ser humano? Qual é o centro de um sonho? E, no caso dos Estados Unidos, é preciso considerar o Alasca na tentativa de localização do centro? Ou o Havaí?

No começo do século XX, criaram uma maquete enorme dos Estados Unidos, todos os quarenta e oito estados do bloco continental feitos de papelão, e, para descobrir o centro, apoiaram o modelo sobre um alfinete até acharem o ponto exato onde ele se equilibrava.

Pelo que quase todo mundo concluiu, o centro exato do bloco continental dos Estados Unidos ficava a alguns quilômetros de Lebanon, em Smith, um município do Kansas, na fazenda de porcos de Johnny Grib. Na década de 1930, o povo de Lebanon decidiu instalar um monumento no meio da fazenda, mas Johnny Grib falou que não queria milhões de turistas vindo zonear tudo e incomodar os animais, e o pessoal da cidade compreendeu, então o monumento foi erguido no centro geográfico dos Estados Unidos, três quilômetros ao norte da cidade. Fizeram um parque e ergueram um monumento de pedra em que puseram uma placa de latão, informando ao visitante que ele estava olhando para o centro geográfico exato dos Estados Unidos da América. Asfaltaram a estrada da cidade até o pequeno parque e, confiantes de que haveria uma onda de turistas ansiosos para ir até Lebanon, construíram um hotel ali perto. Também transportaram até lá uma pequena capela móvel, da qual retiraram as rodas. Então esperaram a chegada dos turistas e dos veranistas, todas as pessoas que poderiam querer dizer ao mundo que tinham conhecido o centro da América e se maravilhado e rezado.

Os turistas não apareceram. Ninguém apareceu.

O lugar virou um parquinho deprimente, com uma capela móvel pouco maior do que um barraco para pesca no gelo, que não conseguia abrigar nem um velório pequeno, e um hotel cujas janelas pareciam olhos mortos.

— E é por isso — concluiu o sr. Nancy, dirigindo por Humansville, Missouri (1084 hab.) — que o centro exato da América é um parquinho acabado, uma igreja vazia, um amontoado de pedras e um hotel decadente.

— Fazenda de porcos — interveio Czernobog. — Você acabou de dizer que o verdadeiro centro da América é uma fazenda de porcos.

— A questão não é o que é — retrucou o sr. Nancy. — A questão é o que as pessoas *acham* que é. De todo modo, é tudo imaginário. Por isso que é importante. As pessoas só brigam por coisas imaginárias.

— Pessoas como eu? — intrometeu-se Shadow. — Ou pessoas como vocês?

Nancy não respondeu. Czernobog fez um barulho que podia ser tanto de divertimento quanto de impaciência.

Shadow tentou se acomodar no fundo da Kombi. Tinha dormido um pouco, mas só um pouco. Estava com um mau pressentimento, um incômodo bem na boca do estômago. Pior do que a sensação que teve quando Laura tinha vindo com a ideia do assalto. Era coisa ruim. Sentiu um arrepio na nuca e um mal-estar, e algumas vezes, em ondas, também medo.

O sr. Nancy fez uma parada em Humansville, onde estacionou na frente de um supermercado. Ele entrou, e Shadow foi junto. Czernobog ficou esperando no estacionamento, esticando as pernas, fumando seu cigarro.

Um jovem de cabelo claro, quase um menino, estava reabastecendo as prateleiras de cereais matinais.

— Oi — cumprimentou o sr. Nancy.

— Oi — cumprimentou o rapaz. — É verdade, não é? Mataram ele?

— Sim — respondeu o sr. Nancy. — Mataram.

O rapaz jogou algumas caixas na prateleira com força.

— Eles acham que podem nos esmagar como se a gente fosse um bando de baratas — reclamou. Tinha uma espinha na bochecha e outra na testa. Usava um bracelete de prata no antebraço, perto do cotovelo. — Mas não é fácil nos esmagar, não é?

— Não — concordou o sr. Nancy. — Não é.

— Estarei lá, senhor — disse o rapaz, os olhos azul-claros reluzindo.

— Eu sei que estará, Gwydion — respondeu o sr. Nancy.

O sr. Nancy comprou algumas garrafas grandes de RC Cola, um pacote de papel higiênico com seis rolos, um maço de cigarrilhas pretas de aparência tenebrosa, um cacho de bananas e uma caixa de chicletes de menta.

— Ele é um bom garoto. Chegou no século VII. Galês — comentou.

Seguiram na Kombi para o oeste, depois para o norte. A primavera retrocedeu e deu lugar ao gelo do pior inverno. O Kansas era uma massa cinzenta e sem vida, com nuvens solitárias, janelas vazias e corações perdidos. Shadow tinha ficado bom em encontrar estações de rádio, conduzindo as negociações entre o sr. Nancy, que gostava de programas de entrevista e *dance*, e Czernobog, que preferia música clássica, quanto mais desanimada melhor, entremeada pelas estações evangélicas mais extremas. Já ele próprio gostava das estações que tocavam músicas antigas.

No final da tarde, pararam nos arredores de Cherryvale, Kansas (2464 hab.), a pedido de Czernobog. O velho os levou para uma campina fora da cidade. Ainda havia traços de neve na sombra das árvores, e o mato tinha cor de terra.

— Esperem aqui — mandou Czernobog.

Ele foi sozinho até o meio da campina. Ficou parado ali por algum tempo, sob os ventos do fim de fevereiro. No começo, mantinha a cabeça baixa, então começou a gesticular.

— Parece que ele está conversando com alguém — comentou Shadow.

— Fantasmas — respondeu o sr. Nancy. — Ele era idolatrado aqui, mais de cem anos atrás. Faziam sacrifícios de sangue em seu nome, libações derramadas com a marreta. Depois de um tempo, o povo da cidade acabou descobrindo por que tantos desconhecidos que passavam pela cidade nunca mais voltavam. Foi aqui que esconderam alguns dos corpos.

Czernobog voltou do meio da campina. Seu bigode parecia mais escuro, e havia mechas pretas em seu cabelo grisalho. Ele sorriu, exibindo o dente de ferro.

— Agora me sinto bem. Ahhh! Algumas coisas persistem, e o sangue é o que persiste por mais tempo.

Voltaram pela campina até a Kombi. Czernobog acendeu um cigarro, mas não tossiu.

— Eles usavam a marreta — comentou. — Grímnir sempre falava de forcas e de lanças, mas, para mim, é uma questão...

Ele estendeu um dedo com manchas de nicotina e cutucou o meio da testa de Shadow com força.

— Por favor, não faça isso — pediu Shadow, com educação.

— *Por favor, não faça isso* — imitou Czernobog. — Um dia vou pegar minha marreta e fazer coisa muito pior com você, meu amigo, lembra?

— Sim. Mas se você cutucar minha cabeça de novo, vou quebrar sua mão.

Czernobog bufou.

— Ah, elas deviam agradecer, as pessoas daqui — comentou. — Reuniram tanto poder. Mesmo depois de trinta anos obrigando meu povo a se esconder, este lugar, este mesmíssimo lugar, nos deu a maior estrela do cinema de todos os tempos. Ela foi a maior de toda a história.

— Judy Garland? — perguntou Shadow.

Czernobog balançou a cabeça com rispidez.

— Ele está falando de Louise Brooks — explicou o sr. Nancy.

Shadow achou melhor não perguntar quem era Louise Brooks, apenas disse:

— Então, vejam bem, quando Wednesday foi conversar com eles, foi no meio de uma trégua.

— Sim.

— E agora estamos indo buscar o corpo de Wednesday com eles, e isso também no meio de uma trégua.

— Sim.

— E sabemos que eles me querem morto ou pelo menos fora do caminho.

— Eles querem todos nós mortos — retrucou Nancy.

— Certo. E o que eu não entendo é: por que a gente está agindo como se eles fossem respeitar a trégua agora, se não respeitaram com Wednesday?

— É justamente por isso — começou Czernobog, exagerando cada palavra, como se estivesse falando com uma criança estrangeira, surda e idiota — que vamos nos encontrar no centro. É... — Ele franziu a testa. — Como é a palavra? O contrário de sagrado?

— Profano — respondeu Shadow, sem pensar.

— Não — retrucou Czernobog. — Estou falando de quando o lugar é menos sagrado do que qualquer outro lugar. Quando a sacralidade é negativa. Lugares onde nenhum templo pode ser construído. Lugares aonde as pessoas não vão, de onde elas saem o mais rápido possível. Lugares por onde os deuses só andam se forem obrigados.

— Não sei. Acho que não existe nenhuma palavra para isso.

— A América toda tem um pouco disso — explicou Czernobog. — É o motivo de não sermos bem-vindos aqui. Mas o centro... O centro é o pior. É um campo minado. Temos que andar com muito cuidado e não podemos nos atrever a romper a trégua.

— Eu já falei isso tudo — constatou o sr. Nancy.

— Tanto faz — reclamou Shadow.

Estavam de volta à Kombi. Czernobog deu um tapinha no braço de Shadow.

— Não se preocupe — disse, com uma confiança sombria. — Ninguém mais vai matar você. Só eu.

Shadow chegou ao centro dos Estados Unidos no fim daquele mesmo dia, antes de escurecer de vez. Ficava em uma colina baixa ao noroeste de Lebanon. Contornou a Kombi, o parquinho na colina, passou pela capela móvel minúscula e pelo monumento de pedra e, quando viu o hotel de um único andar, estilo anos 1950, sentiu um aperto no coração. Um carro preto enorme estava estacionado na frente do edifício — um veículo militar, que mais parecia o reflexo de um jipe na casa de espelhos de um parque de diversões: atarracado e despropositado, e feio como os carros blindados. Nenhuma luz dentro do edifício estava acesa.

Estacionaram perto do hotel e, quando pararam, um homem de uniforme e quepe de chofer saiu do prédio e foi iluminado pelos faróis da Kombi. O homem

tocou o quepe, em um cumprimento cortês, depois entrou no veículo e foi embora.

— Carro grande, pinto pequeno — comentou o sr. Nancy.

— Acham que aí dentro tem alguma cama? — perguntou Shadow. — Faz dias que não durmo em uma cama. Esse prédio parece só estar esperando a ordem de demolição.

— O hotel é de uns caçadores do Texas — explicou o sr. Nancy. — Eles vêm aqui uma vez por ano. Não faço ideia do que caçam. É por isso que ainda não foi destruído.

Os três saíram da Kombi. Uma mulher que Shadow não reconheceu esperava por eles na frente do hotel. Estava perfeitamente maquiada e penteada. Lembrava todas as apresentadoras de televisão que Shadow já vira em programas matinais, sentadas em estúdios que não pareciam muito uma sala de estar, sorrindo para o bom e velho público matinal.

— Que bomvê-los — disse a mulher. — Ora, você deve ser Czernobog. Já ouvi falar muito do senhor. E você é Anansi, sempre com suas travessuras, não é mesmo? Um velho *alegre*. E você... ah, você deve ser Shadow. Você nos deu bastante trabalho, *não deu*? — Uma mão segurou a dele, apertou-a com força, os olhos o encarando de perto. — Eu me chamo Media. É um prazer. Espero que possamos concluir os assuntos desta noite da forma mais *agradável* possível.

As portas do hotel se abriram.

— Não sei por quê, Totó — comentou o garoto gordo que Shadow já vira sentado dentro de uma limusine —, mas acho que não estamos mais no Kansas.

— Mas estamos no Kansas — retrucou o sr. Nancy. — Acho que atravessamos a maior parte dele hoje. Caramba, como este país é plano.

— Aqui não tem luz, não tem energia, não tem água quente — reclamou o garoto gordo. — E, sem ofensa, vocês estão precisando muito de água quente. Pelo cheiro, parece que passaram uma semana dentro daquela Kombi.

— Acho que não há *a menor* necessidade de mencionar isso — interveio a mulher, delicadamente. — Somos todos amigos. Vamos entrar. Vamos acompanhá-los até os quartos. Nós escolhemos os quatro primeiros. Seu falecido amigo está no quinto. Todos os outros depois do quinto estão vagos, podem escolher. Receio que não seja nenhum *Four Seasons*, mas o que mais *poderia* ser?

Media abriu a porta do saguão do hotel para eles. Cheirava a mofo e umidade e poeira e podridão.

Um homem estava sentado, envolto na penumbra.

— Estão com fome? — perguntou o sujeito.

— Eu sempre aceito comida — respondeu o sr. Nancy.

— O motorista saiu para comprar hambúrgueres — explicou ele. — Daqui a pouco volta. — Ele ergueu os olhos. Estava escuro demais para distinguir os rostos, mas o homem comentou: — Grandão. Você é o Shadow, não é? O babaca que matou o Woody e o Stone?

— Não — respondeu Shadow. — Quem matou foi outra pessoa. E eu sei quem você é. — E sabia mesmo. Tinha estado dentro da cabeça do sujeito. — Você se chama Town. Já dormiu com a viúva do Wood?

O sr. Town caiu da cadeira. Em um filme, teria sido engraçado, mas na vida real só parecia digno de pena. Ele se levantou depressa e foi até Shadow, que o olhou de cima e falou:

— Não comece nada que não esteja preparado para terminar.

O sr. Nancy pôs a mão no braço de Shadow.

— Trégua, lembra? — disse. — Estamos no centro.

O sr. Town se virou, inclinou-se por cima do balcão e pegou três chaves.

— Vocês vão ficar no final do corredor — declarou. — Aqui.

Ele entregou as chaves ao sr. Nancy e se embrenhou nas sombras do corredor. Ouviram a porta de um quarto se abrir e depois bater com força.

O sr. Nancy entregou uma chave para Shadow e outra para Czernobog.

— Tem alguma lanterna na Kombi? — perguntou Shadow.

— Não — respondeu o sr. Nancy. — Mas só está escuro. Não se deve ter medo do escuro.

— Não tenho. Tenho medo das pessoas no escuro.

— Escuro é bom — interveio Czernobog. Parecia não ter a menor dificuldade para ver o caminho, conduzindo-os pelo corredor, inserindo as chaves nas fechaduras sem hesitar. — Eu vou ficar no quarto dez — anunciou. — Media. Acho que já ouvi falar dela. Não foi ela que matou os filhos?

— Outra mulher — respondeu o sr. Nancy. — Mesma história.

O sr. Nancy ficou no quarto oito, e Shadow escolheu o que ficava na frente dos dois, o quarto nove. O cômodo cheirava a umidade, poeira e vazio. Tinha uma cama, mas sem lençol. Um pouco de luz do crepúsculo entrava pela janela. Shadow se sentou no colchão, tirou os sapatos e se esticou. Tinha dirigido demais nos últimos dias.

Talvez tenha dormido.

Estava andando.

Suas roupas drapejavam ao vento frio. Os minúsculos flocos de neve eram pouco mais do que poeira cristalina agitando-se e dançando ao vento.

Viu árvores desfolhadas pelo inverno. Viu morros altos por todos os lados. Era um fim de tarde de inverno, e o céu e a neve tinham adquirido a mesma tonalidade escura de roxo. Em algum lugar mais adiante — naquela luz, era impossível avaliar distâncias —, as chamas de uma fogueira bruxuleavam, amarelas e alaranjadas.

Um lobo atravessava a neve a sua frente.

Shadow parou. O lobo também parou e se virou e esperou. Um de seus olhos emitia um brilho verde amarelado. Shadow deu de ombros e avançou na direção das chamas, e o lobo caminhou adiante.

A fogueira ardia no meio de um arvoredo. Deviam ser umas cem árvores, plantadas em duas fileiras. Formas pendiam delas. No fim das fileiras, Shadow viu uma construção que lembrava um barco virado. Era de madeira escavada e estava coberta de criaturas de madeira e rostos de madeira — dragões, grifos, trolls e javalis —, todos dançando contra a luz bruxuleante do fogo.

A fogueira era tão alta e ardia com tanta intensidade que Shadow mal conseguia se aproximar. O lobo, imperturbável, começou a dar a volta na fogueira crepitante.

Shadow esperou o animal aparecer de novo, mas, em vez do lobo, o que viu do outro lado da fogueira foi um homem. Ele se apoiava em um bastão comprido.

— Você está em Uppsala, na Suécia — anunciou o sujeito, com uma voz rouca bem familiar. — Mais ou menos mil anos no passado.

— Wednesday? — perguntou Shadow.

O homem que talvez tivesse sido Wednesday continuou falando, como se Shadow não estivesse lá.

— No começo era todo ano; depois, mais tarde, quando o declínio se fez inevitável e eles se tornaram negligentes, era a cada nove anos que faziam um sacrifício aqui. Um sacrifício de noves. A cada dia, durante nove dias, penduravam nove animais nos galhos do arvoredo. Um dos animais era sempre um homem.

Wednesday foi para longe da luz do fogo, na direção das árvores, e Shadow o seguiu. Conforme se aproximavam, as formas penduradas ficaram nítidas: pernas e olhos e línguas e cabeças. Shadow balançou a cabeça: havia algo de mórbido e triste em ver um touro pendurado em uma árvore pelo pescoço, mas aquilo era ao mesmo tempo tão surreal que era quase engraçado. Passou por um cervo pendurado, por um cão, por um urso-pardo e por um cavalo castanho de crina branca, pouco maior que um pônei. O cachorro ainda estava vivo, e de vez em quando ainda se debatia em espasmos, soltando ganidos sufocados pela corda da qual pendia.

O homem que ele seguia pegou o bastão comprido — com o movimento, Shadow percebeu que era uma lança — e rasgou a barriga do cachorro: um único corte, de cima para baixo. Tripas fumegantes caíram na neve.

— Dedico esta morte a Odin — anunciou o homem, com formalidade. Depois, virando-se para Shadow: — É só um gesto. Mas gestos são tudo. A morte de um cachorro simboliza a morte de todos os cachorros. Eram nove homens que me ofertavam, mas representavam todos os homens, todo o sangue, todo o poder. Ainda assim, não foi suficiente. Um dia, o sangue parou de fluir. A crença sem sangue nunca vai muito longe. O sangue precisa fluir.

— Eu vi você morrer — disse Shadow.

— No ramo dos deuses — respondeu a silhueta, e agora Shadow tinha certeza de que era Wednesday, porque ninguém mais falava com aquela aspereza, aquela alegria tão cínica —, não é a morte que importa. É a oportunidade de ressurreição. E, quando o sangue flui... — Ele gesticulou, indicando os animais, as pessoas penduradas nas árvores.

Shadow não conseguia decidir o que o chocava mais, os seres humanos mortos ou os animais. Pelo menos os homens tinham consciência do destino que os aguardava. As figuras humanas exalavam um cheiro forte de álcool, o que sugeria que tiveram permissão de se anestesiariam a caminho da morte, enquanto os animais deviam ter sido simplesmente enforcados, içados ainda vivos, completamente apavorados. O rosto dos homens parecia bem jovem: nenhum tinha mais de vinte anos.

— Quem sou eu? — perguntou Shadow.

— Você é uma distração — respondeu o homem. — Você era uma oportunidade. Você deu um ar de credibilidade à história que eu não teria conseguido criar sozinho, não com a mesma facilidade. Se bem que ambos estamos tão dedicados a essa coisa toda que poderíamos morrer por ela, não é verdade?

— Quem é você? — perguntou Shadow.

— A parte mais difícil é simplesmente sobreviver — continuou o homem.

A fogueira — e Shadow percebeu, estranhamente horrorizado, que as chamas não queimavam madeira, e sim ossos: costelas e crânios de olhos flamejantes que o fitavam e iam despontando e se projetando, despejando fachos de cores elementares na noite, verdes e amarelos e azuis — a fogueira brilhava e crepitava e queimava intensamente.

— Três dias na árvore, três dias no submundo, três dias para voltar — completou o homem.

As chamas estalaram e brilharam a ponto de Shadow não poder mais olhar diretamente para o fogo. Ele se voltou para a escuridão sob as árvores.

Não havia fogo nem neve. Não havia árvores nem corpos pendurados nem lança sangrenta.

Uma batida na porta. O luar entrava pela janela. Shadow teve um sobressalto e se sentou.

— O jantar está na mesa — anunciou a voz de Media.

Shadow calçou os sapatos e saiu. Alguém tinha encontrado velas, e uma fraca luz amarelada iluminava o saguão. O motorista do veículo militar entrou pelas portas vaivém trazendo uma bandeja de papelão e uma sacola de papel. Usava um casaco preto comprido e um quepe de chofer.

— Desculpem a demora — pediu o homem, com uma voz rouca. — Trouxe igual para todo mundo: dois hambúrgueres, batata frita grande, Coca-Cola grande e torta de maçã. Vou comer os meus no carro.

Ele deixou a comida na mesa e saiu. O cheiro de fast-food encheu o salão. Shadow pegou a sacola de papel e distribuiu a comida, os guardanapos e os sachês de ketchup.

Comeram em silêncio, em meio à luz bruxuleante das velas e ao chiado da cera derretendo.

Shadow percebeu que Town o encarava. Virou um pouco a cadeira, ficando de costas para a parede. Media comia o hambúrguer mantendo sempre um guardanapo perto dos lábios, para espanar as migalhas.

— Ah, que ótimo. Os hambúrgueres estão meio frios — reclamou o garoto gordo.

Ele ainda estava de óculos escuros, o que Shadow achou inútil e ridículo, considerando a escuridão ali dentro.

— Sinto muito. O cara teve que ir bem longe para comprar isso — explicou Town. — O McDonald's mais próximo fica no Nebraska.

Terminaram os hambúrgueres mornos e as batatas fritas frias. O garoto gordo mordeu a tortinha de maçã, e o recheio escorreu pelo queixo. Surpreendentemente, ainda estava quente.

— Ai! — reclamou o garoto gordo. Ele limpou o queixo com a mão e lambeu os dedos. — Isso queima! Essas tortas estão só esperando uma porrada de um processo coletivo.

Shadow percebeu que queria muito dar um soco naquele menino. Queria fazer isso desde o dia em que o garoto mandou os capangas baterem nele, na limusine, depois do enterro de Laura. Sabia que não era uma boa coisa para se pensar, não ali, não naquele momento.

— A gente não pode pegar logo o corpo do Wednesday e dar o fora? — perguntou.

— Meia-noite — responderam o sr. Nancy e o garoto gordo, ao mesmo tempo.

— Esse tipo de coisa tem que ser feita conforme as regras — explicou Czernobog. — Tudo tem regra.

— É — respondeu Shadow. — Mas ninguém me fala quais são. Vocês só ficam tagarelando sobre essas regras malditas, e eu não sei nem que jogo é esse que vocês estão jogando.

— Pense nisso como uma pré-venda — sugeriu Media, com simpatia. — Antes do lançamento oficial, sabe?

— Eu acho que isso tudo é uma idiotice sem tamanho — interveio Town. — Mas, se eles ficam felizes com suas regras, minha agência também fica, aí todo mundo fica feliz. — Ele bebeu a Coca-Cola ruidosamente. — Daqui a pouco vai dar meia-noite. Aí vocês pegam o corpo e vão embora. E a gente se despede com dois beijinhos. Então vamos poder continuar caçando vocês, os ratinhos nervosos.

— Ei — o garoto gordo se virou para Shadow —, isso me lembra que eu mandei você falar para o seu chefe que ele já era. Você falou?

— Falei — respondeu Shadow. — E sabe o que ele respondeu? Ele me mandou dizer ao pirralhinho, isso se eu algum dia o visse de novo, que o mané não podia esquecer que o futuro de hoje é o passado de amanhã.

Wednesday nunca tinha dito isso, mas Shadow falou como se tivesse. Aquelas pessoas pareciam gostar de clichês. Os óculos escuros do garoto refletiam as chamas bruxuleantes das velas como se fossem olhos.

— Este lugar é uma pocilga — reclamou o garoto gordo. — Não tem energia. Não tem sinal. Sabe, se precisa de um fio, você já está na Idade da Pedra.

Ele sugou o canudo, bebendo o restinho da Coca-Cola, largou o copo em cima da mesa e saiu para o corredor.

Shadow se esticou, pegou o lixo do garoto gordo e o colocou na sacola de papel.

— Vou ver o centro da América — anunciou.

Ele se levantou e saiu para a noite. O sr. Nancy o acompanhou. Os dois caminharam juntos pelo pequeno parque e não falaram nada até chegarem ao monumento de pedra. O vento soprava inconstante, ora vindo de uma direção, ora de outra.

— Então — começou Shadow. — E agora?

A meia-lua pálida pairava no céu escuro.

— Agora você devia voltar para o seu quarto — respondeu Nancy. — Tranque a porta. Tente dormir mais um pouco. À meia-noite, eles vão entregar o corpo.

Aí vamos dar o fora daqui. O centro não é um lugar estável para ninguém.

— Se você está dizendo...

O sr. Nancy puxou o ar pela cigarrilha.

— Isso nunca devia ter acontecido. Nada disso devia ter acontecido. Nossa gente, nós somos... — ele balançou a mão com a cigarrilha, como se a usasse para caçar uma palavra, sacudindo-a para a frente — ... exclusivos. Não somos seres sociais. Nem mesmo eu. Nem mesmo o Baco. Pelo menos, não por muito tempo. Andamos sozinhos ou ficamos com nossos grupinhos. Não nos damos muito bem com os outros. Gostamos de ser adorados, respeitados, louvados... Eu, por exemplo, gosto que contem histórias sobre mim, histórias sobre minha esperteza. É um defeito, eu sei, mas eu sou assim mesmo. Nós gostamos de ser grandes. Hoje em dia, nestes tempos de vacas magras, estamos pequenos. Os novos deuses se erguem e caem e se erguem de novo. Mas este país não tolera deuses por muito tempo. Brahma cria, Vishnu preserva, Shiva destrói, aí o terreno volta a ficar limpo para Brahma criar.

— O que está tentando dizer? — perguntou Shadow. — Que a luta acabou? A batalha acabou?

O sr. Nancy bufou.

— Ficou doido? Eles mataram Wednesday. Mataram e ainda ficam se gabando. Saíram contando por aí. Passaram em todos os canais, para todos que tinham olhos para ver. Não, Shadow. Acabou de começar, isso sim.

Ele se agachou na base do monumento de pedra, apagou a cigarrilha na terra e deixou a bituca ali, como uma oferenda.

— Antes, você não parava de contar piadas — comentou Shadow. — Agora parou.

— Hoje em dia é difícil chegar nas piadas. Wednesday morreu. Você vai entrar?

— Daqui a pouco.

Nancy se afastou, de volta para o hotel. Shadow estendeu a mão e encostou nas pedras do monumento. Passou os dedos grandes pela placa fria de latão. Então se virou e foi até a igrejinha branca e adentrou a escuridão pela porta aberta. Sentou-se no banco mais próximo, fechou os olhos e abaixou a cabeça. Pensou em Laura e em Wednesday e em como era estar vivo.

Ouviu um clique atrás de si, seguido de um sapato arrastando na terra. Shadow se endireitou no banco e se virou. Alguém estava diante do umbral da porta aberta, uma forma escura contra as estrelas. O luar refletiu algo metálico.

— Você vai atirar em mim? — perguntou Shadow.

— Nossa... quem me dera — respondeu o sr. Town. — Isso aqui é só para defesa pessoal. Rezando, é? Quer dizer que eles fizeram você acreditar que são

mesmo deuses? Não são.

— Eu não estava rezando. Só pensando.

— Na minha opinião, eles são mutantes. Experimentos da evolução. Um pouco de habilidade hipnótica, um pouco de feitiçaria e pronto: conseguem convencer as pessoas de qualquer coisa. Banalidades. Só isso. Eles morrem como qualquer pessoa, no fim das contas.

— Sempre foi assim — retrucou Shadow. Ele se levantou, e Town deu um passo para trás. Ele saiu da capelinha, e o agente manteve distância. — Ei. Já ouviu falar de Louise Brooks?

— Era amiga sua?

— Não. Foi uma estrela de cinema que nasceu ao sul daqui.

Town hesitou.

— Talvez ela tenha mudado de nome e virado Liz Taylor ou Sharon Stone ou coisa do tipo — sugeriu, prestativo.

— Talvez.

Shadow começou a andar de volta para o hotel. Town o acompanhou.

— Você devia voltar para a cadeia — disse o agente. — Devia ir para a porra do corredor da morte.

— Eu não matei seus colegas. Mas vou lhe dizer uma coisa que um cara me disse uma vez, quando eu estava preso. Nunca mais esqueci.

— E o que é?

— Na Bíblia inteira, Jesus só prometeu um lugar no paraíso para um único cara, pelo menos pessoalmente. Não foi Pedro nem Paulo, nenhum daqueles homens. Era um ladrão condenado, bem na hora da execução. Então não despreze as pessoas que estão no corredor da morte. Talvez elas saibam de algo que você não sabe.

O motorista estava ao lado do veículo militar.

— Boa noite, senhores — cumprimentou, quando eles passaram.

— Boa noite — respondeu o sr. Town. Para Shadow, disse: — Para ser franco, estou cagando para isso. Eu faço o que o sr. World manda. É mais fácil.

Shadow seguiu pelo corredor até o quarto nove.

Destrancou a porta e entrou.

— Me desculpe, achei que esse fosse o meu quarto.

— É, sim — respondeu Media. — Eu estava a sua espera.

Dava para ver o cabelo dela à luz do luar, o rosto pálido. A mulher estava sentada na cama, as costas eretas.

— Vou para outro.

— Não vou demorar. Só achei que seria um momento adequado para lhe fazer uma *proposta*.

— Tudo bem. Pode fazer.

— Ah, relaxe — retrucou ela. Dava para ouvir um sorriso em sua voz. — Você é *tão* rabugento. Olha só, o Wednesday *morreu*. Você não deve nada a ninguém. Junte-se a nós. É hora de ir para o Time que Está Ganhando.

Shadow não respondeu.

— Podemos fazer de você alguém *famoso*, Shadow. Podemos lhe dar poder para controlar o que as pessoas acreditam, dizem, usam e sonham. Não quer ser o próximo Cary Grant? Podemos fazer isso *acontecer*. Podemos transformar você no próximo Beatles.

— Acho que eu preferia quando você me oferecia os peitos da Lucy — respondeu Shadow. — Se é que aquilo era você.

— Ah.

— Preciso do meu quarto. Boa noite.

— É claro que podemos fazer o contrário também — disse ela, sem se mexer, como se ele não tivesse falado nada. — Podemos fazer com que a coisa fique *feia* para o seu lado. Você pode virar só mais uma piada ruim, Shadow, para sempre. Ou ser lembrado como um monstro. Você pode ficar eternamente na memória das pessoas, mas como um Manson, um Hitler... *que tal*?

— Olha, minha senhora, vou ter que lhe pedir desculpas, mas estou um pouco cansado. Eu lhe agradeço se você puder sair agora.

— Eu lhe ofereci o mundo — retrucou Media. — Quero que se *lembre* disso quando estiver morrendo na sarjeta.

— Pode deixar.

O perfume continuava lá, mesmo depois de ela sair. Shadow se deitou no colchão sem lençol e pensou em Laura, mas, qualquer que fosse a lembrança — Laura jogando frisbee, Laura tomando vaca-preta sem colher, Laura rindo, exibindo a lingerie exótica que tinha comprado em um congresso para agentes de viagem, em Anaheim —, a imagem mental sempre se transformava em Laura chupando o pau de Robbie enquanto um caminhão os jogava para fora da estrada, rumo à inexistência. E depois ouvia as palavras dela, que magoavam toda vez.

Você não morreu, dizia Laura dentro de sua cabeça, com aquela voz baixa. *Mas também não sei se está vivo*.

Bateram à porta. Shadow se levantou e a abriu. Era o garoto gordo.

— Aqueles hambúrgueres estavam uma porcaria — reclamou o garoto. — Oitenta quilômetros até o McDonald's mais próximo. Dá pra acreditar? Nunca imaginei que existisse um lugar *no mundo* a oitenta quilômetros de qualquer McDonald's.

— Este quarto está virando a Grand Central Station — comentou Shadow. —

Tudo bem, já sei, você veio me oferecer as maravilhas da internet se eu pular para o seu lado. Acertei?

O garoto tremia.

— Não. Você já era. Você... Você é uma porra de um manuscrito com aquelas letras góticas e cheio de iluminuras. Não conseguiria virar um hipertexto nem se quisesse. Eu sou sináptico, e... e você é sinóptico...

Shadow reparou que o garoto tinha um cheiro estranho. Havia um cara na cela do outro lado do corredor, Shadow nunca soube o nome do sujeito; um dia, ele tirou a roupa toda e anunciou para todo mundo que tinha sido enviado para levar todos embora, todos os verdadeiramente bons, como ele, numa nave espacial prateada. Iam para um lugar perfeito. Depois disso, nunca mais viu o sujeito. E o garoto gordo tinha o mesmo cheiro.

— Você veio aqui por algum motivo específico?

— Só queria conversar. — A voz do garoto soava um pouco manhosa. — Meu quarto é meio aterrador. Só isso. É *aterrador*. Oitenta quilômetros até o McDonald's mais próximo, dá pra acreditar? Pensei em ficar aqui com você.

— E os seus amigos da limusine? Os que bateram em mim? Por que não pede para eles ficarem com você?

— As crianças não iam funcionar aqui. Estamos numa zona morta.

— Ainda falta um bocado para a meia-noite, e mais ainda para o amanhecer — disse Shadow. — Acho que você precisa descansar. Eu preciso, pelo menos.

O garoto gordo ficou quieto por um instante, assentiu e saiu do quarto.

Shadow fechou a porta e a trancou. Deitou-se no colchão.

Pouco depois, o barulho começou. Shadow levou alguns instantes para entender o que devia ser, então destrancou a porta e foi até o corredor. Era o garoto gordo, já de volta ao próprio quarto. Parecia que alguma coisa enorme estava sendo jogada na parede. Pelo barulho, Shadow achou que ele estivesse jogando *a si mesmo* na parede.

— Sou só eu — dizia ele, soluçando.

Ou talvez fosse “Essa doeu”. Shadow não tinha certeza.

— Fica quieto! — bradou um urro do quarto de Czernobog, mais adiante no corredor.

Shadow foi até o saguão e saiu do hotel. Estava cansado.

O motorista continuava ao lado do veículo militar, uma forma escura de quepe.

— O senhor não conseguiu dormir? — perguntou o homem.

— Não — respondeu Shadow.

— Quer um cigarro, senhor?

— Não, obrigado.

— O senhor se incomoda se eu fumar?

— Fique à vontade.

O motorista usou um isqueiro Bic descartável, e foi na luz amarela daquela chama que Shadow conseguiu ver o rosto do homem pela primeira vez — e o reconheceu, e começou a entender.

Shadow conhecia aquele rosto magro. Sabia que por baixo do quepe preto de chofer havia um cabelo alaranjado bem curto, a cabeça coberta de uma camada rente de carvões em brasa. Sabia que, quando os lábios do homem sorrissem, se abririam em uma rede de cicatrizes grosseiras.

— Que boa pinta, hein, grandalhão — comentou o motorista.

— Low Key?

Apreensivo, Shadow encarou o antigo companheiro de cela.

É bom fazer amizades na cadeia: ajuda a superar os momentos e os pensamentos ruins. Mas essas amizades acabam nos portões da cadeia, e o reaparecimento de um amigo de cadeia é, na melhor das hipóteses, um encontro incerto.

— Nossa. Low Key Lyesmith — continuou Shadow, então ouviu as próprias palavras e entendeu. — Loki. Loki Lie-Smith.

— Você é meio devagar, mas sempre acaba chegando lá — comentou Loki.

Seus lábios se curvaram em um sorriso torto, e brasas dançaram nas sombras de seus olhos.

Estavam no quarto de Shadow no hotel abandonado, sentados em lados opostos do colchão. O barulho vindo do quarto do garoto gordo tinha praticamente parado.

— Você mentiu para mim — reclamou Shadow.

— É um dos meus inúmeros talentos. Mas você teve sorte de termos nos conhecido. Você nunca teria sobrevivido ao primeiro ano sem a minha ajuda.

— Você não podia ter saído, se quisesse?

— É mais fácil cumprir a pena. Você precisa entender essa coisa de deus. Não se trata de magia. Não exatamente. É uma questão de concentração. É preciso ser você mesmo, mas o você em que as pessoas acreditam. É ser uma essência concentrada e ampliada de si mesmo. É se tornar o trovão ou a força de um cavalo de corrida ou a sabedoria. Você pega toda a crença, todas as orações, e isso tudo se torna uma espécie de certeza, algo que o deixa maior, melhor, mais do que humano. Você cristaliza. — Ele fez uma pausa. — Aí, um dia, as pessoas se esquecem de você, não acreditam mais, não fazem sacrifícios, não se

importam... e aí, quando você vê, está armando um esquema na esquina da Broadway com a 43rd Street.

— Por que você estava na minha cela?

— Coincidência. Pura e simples. Foi lá que me puseram. Não acredita? É verdade.

— E agora você é motorista?

— Também faço outras coisas.

— Dirige para a oposição.

— Se é assim que você quer chamar... Depende do ponto de vista. A meu ver, estou dirigindo para o lado vencedor.

— Mas você e Wednesday, vocês são do mesmo... Vocês dois são...

— Do panteão nórdico. Nós dois somos do panteão nórdico. É isso o que está tentando dizer?

— É.

— E daí?

Shadow hesitou.

— Vocês já devem ter sido amigos. Em algum momento.

— Não. Nunca fomos. Não estou triste com a morte dele. Wednesday só estava impedindo o avanço de todos. Sem ele, os outros vão conseguir encarar os fatos: é mudar ou morrer, evoluir ou perecer. Eu sou completamente a favor da evolução... é o velho jogo do mudar ou morrer. Ele morreu. A guerra acabou.

Shadow o encarou, confuso.

— Você não é tão idiota assim — retrucou. — Você sempre foi muito esperto. A morte de Wednesday não vai terminar nada. Só fez cair a ficha de todo mundo que estava em cima do muro.

— Misturar metáforas, Shadow. Um péssimo hábito.

— Que seja. Não deixa de ser verdade. Nossa. A morte dele fez em um instante o que Wednesday tinha passado os últimos meses tentando. Uniu todos. Deu a eles algo em que acreditar.

— Talvez. — Loki deu de ombros. — Até onde eu sei, a ideia do lado de cá do muro era de que, quando o sujeito problemático sumisse, o problema iria junto. Mas não é da minha conta. Eu só dirijo.

— Então me diga: por que é que todo mundo está atrás de mim? Todos agem como se eu fosse importante. Que importa o que eu faço?

— Você é um investimento. Você era importante para nós porque era importante para Wednesday. Já quanto ao motivo... acho que ninguém desse lado nunca descobriu. Ele sabia. Ele morreu. Só mais um dos mistérios da vida.

— Estou cansado de mistérios.

— É? Eu acho que os mistérios dão certa graça ao mundo. Que nem o sal num

ensopado.

— Então você é o motorista. Você dirige para todos eles?

— Só para quem precisar de mim. É um ganha-pão.

Ele aproximou o relógio de pulso do rosto e apertou um botão: o mostrador se acendeu com um brilho azul suave que iluminou seu rosto, conferindo um aspecto assombroso e assombrado a suas feições.

— Cinco para a meia-noite. É hora. É hora de acender as velas. Falar algumas palavras sobre o falecido. Cumprir as formalidades. Você vem?

Shadow respirou fundo.

— Vou.

Avançaram pelo corredor escuro do hotel.

— Comprei algumas velas para este momento, mas já tinha um monte de velas velhas aqui — comentou Loki. — Cotocos e pedaços e pontas de vela nos quartos e numa caixa em um dos armários. Acho que não esqueci nenhuma. E trouxe uma caixa de fósforos. Se a gente tenta acender com um isqueiro, a ponta da vela fica quente demais.

Chegaram ao quarto cinco.

— Quer entrar?

Shadow não queria entrar naquele quarto.

— Vamos lá — respondeu.

Entraram.

Loki tirou uma caixa de fósforos do bolso e riscou um palito. O brilho momentâneo incomodou os olhos de Shadow. Um pavio tremeluziu e começou a queimar. E outro. Loki riscou outro fósforo e continuou acendendo velas: estavam espalhadas pelo parapeito da janela e pela cabeceira da cama e pela pia no canto, iluminando o quarto.

A cama tinha sido arrastada do lugar junto à parede para o meio do quarto, deixando um bom espaço até as paredes de cada lado. Estava coberta com lençóis de hotel velhos, manchados e com buracos de traça que Loki devia ter encontrado em algum armário. Em cima dos lençóis repousava Wednesday, completamente imóvel.

Estava vestido com o terno claro que usava quando foi baleado. O lado direito do rosto estava intacto, perfeito, intocado pelo sangue. O esquerdo era uma ruína, e o ombro esquerdo e a frente do paletó estavam respingados e manchados com alguma coisa escura, uma loucura do pontilhismo. As mãos repousavam uma de cada lado do corpo. A expressão naquele rosto destruído não tinha nada de pacífica: parecia ofendida — como se tivesse sofrido uma ofensa à alma, uma ofensa muito profunda —, cheia de ódio e raiva e loucura absoluta. E, de certa forma, parecia satisfeita.

Shadow imaginou as mãos treinadas do sr. Jacal atenuando aquele ódio e aquela dor, usando cera e maquiagem para reconstruir o rosto de Wednesday, proporcionando um fim com a paz e a dignidade de que até a morte o privara.

Ainda assim, seu corpo não parecia menor com a morte. Não encolhera. E ainda tinha um leve cheiro de Jack Daniel's.

O vento da planície estava ganhando força, Shadow ouvia seus uivos vagando pelo velho hotel no centro exato imaginário da América. As velas no parapeito da janela tremeluziram e fraquejaram.

Ouviu passos no corredor. Alguém bateu a uma porta e gritou:

— Vamos logo, por favor, está na hora.

Todos começaram a entrar, de cabeça baixa.

Town veio primeiro, seguido por Media, por Czernobog e pelo sr. Nancy. O último a entrar foi o garoto gordo: estava com hematomas vermelhos recentes no rosto e mexia os lábios sem parar, como se estivesse recitando algum mantra para si mesmo, mas sem fazer som algum. Shadow reparou que sentia pena dele.

Na mais completa informalidade, sem que nada fosse dito, todos assumiram um lugar ao redor do corpo, todos a alguns palmos de distância uns dos outros. O clima no quarto era religioso — profundamente religioso, de um jeito que Shadow jamais presenciara. Só se ouviam os uivos do vento e o crepitante das velas.

— Aqui nos reunimos, neste lugar sem divindade — começou Loki —, para entregar o corpo deste indivíduo àqueles que lhe darão um fim adequado de acordo com os ritos. Se alguém tiver algo a falar, que fale agora.

— Eu não — respondeu Town. — Nunca nem conheci o cara direito. E isso tudo me deixa desconfortável.

— Estas ações terão consequência — interveio Czernobog. — Sabiam? Isto só pode ser o começo de tudo.

O garoto gordo começou a rir, um riso agudo e feminino.

— Muito bem, muito bem — anunciou. — Eu cuido disso.

Então, sem mudar de tom, recitou:

“Rodando em giro cada vez mais largo,

O falcão não escuta o falcoídeo;

Tudo esboroa; o centro não segura...”

Então parou, franzindo o cenho.

— Merda. Eu sabia o poema todo. — Ele massageou as têmporas, fez uma careta e se calou.

Todos olharam para Shadow. O uivo do vento era um berro. Ele não sabia o

que dizer.

— Isso tudo é lamentável — começou. — Metade dos aqui presentes foi responsável pela morte de Wednesday, ou teve alguma participação. E agora estão nos entregando o corpo. Ótimo. Ele era um velho irascível e babaca, mas bebi seu hidromel e ainda trabalho para ele. Só isso.

Media se pronunciou:

— Em um mundo onde morre gente todos os dias, acho que o *importante* a lembrar é que, para cada momento de tristeza de quando alguém *deixa* este mundo, existe um momento correspondente de *alegria*, quando um bebê chega ao mundo. Aquele primeiro choro é... bom, é *mágico*, não é? Talvez isto seja *difícil* de dizer, mas alegria e tristeza são como leite e biscoitos. Simplesmente combinam bem *demais*. Acho que devemos todos parar um instante para refletir sobre isso.

E o sr. Nancy pigarreou e falou:

— Então. Eu tenho que dizer isto, porque ninguém mais quer. Estamos no centro deste lugar, desta terra que não tem tempo para os deuses, e aqui, no centro, ela tem ainda menos tempo do que em qualquer outro lugar. É uma terra de ninguém, um lugar de trégua, e aqui cumprimos nossas tréguas. Não temos escolha. Muito bem. Vocês estão nos entregando o corpo do nosso amigo. Nós o aceitamos. Vocês vão pagar por isso, vida por vida, sangue por sangue.

— Dane-se — retrucou Town. — Vocês podiam poupar um bocado de tempo e energia se simplesmente voltassem para casa e dessem um tiro na própria cabeça. Não precisa terceirizar.

— Vai se foder — interveio Czernobog. — Foda-se você, e foda-se a sua mãe, e foda-se a porra do cavalo que você cavalgou. Você não vai nem mesmo morrer em batalha. Nenhum guerreiro vai provar o seu sangue. Nenhum ser vivo vai tirar a sua vida. Você vai morrer uma morte macia e pobre. Vai morrer com um beijo nos lábios e uma mentira no coração.

— Nem tente, velhote — retorceu Town.

— *Maré escura de sangue avança* — disse o garoto gordo. — Acho que é isso que vem depois.

O vento uivava.

— Muito bem. Ele é seu — anunciou Loki. — Acabamos. Levem esse velho cretino daqui.

Ele fez um gesto com os dedos, e Town, Media e o garoto gordo saíram do quarto. Loki sorriu para Shadow.

— Não há como acusar homem algum de ser feliz, não é, meu rapaz? — disse. Depois, também saiu.

— E agora? — perguntou Shadow.

— Agora vamos embalar o corpo — respondeu Anansi. — E tirá-lo daqui.

Envolveram Wednesday com os lençóis do hotel, embrulhando-o bem na mortalha improvisada, de modo que o corpo ficasse oculto e que desse para carregar. Os dois velhos se colocaram um em cada extremidade do corpo, mas Shadow pediu:

— Quero ver se consigo.

Ele se ajoelhou, passou os braços em volta da figura enrolada em branco e a ergueu nos ombros. Endireitou os joelhos até ficar de pé, sem muita dificuldade.

— Certo. Peguei. Vamos colocá-lo na traseira do carro.

Czernobog parecia prestes a discutir, mas fechou a boca. Cuspiu no indicador e no polegar e começou a apagar as velas com os dedos. Saindo do quarto escuro, Shadow ouvia os chiados dos pavios.

Wednesday era pesado, mas ele conseguia aguentar, se andasse firme e ereto. Não tinha escolha. As palavras de Wednesday soavam em sua cabeça a cada passo pelo corredor, e ele sentia o gosto amargo e adocicado do hidromel no fundo da garganta. *Você trabalha para mim. Você me protege. Você me ajuda. Você me transporta de um lugar a outro. De vez em quando, você investiga... vai a alguns lugares e faz perguntas por mim. Compra suprimentos. Em uma emergência, mas só em uma emergência, você machuca pessoas que precisam ser machucadas. No caso improvável de eu vir a morrer, você prestará tributo a mim...*

Acordo era acordo, e aquele estava gravado em seu sangue e em seus ossos.

O sr. Nancy abriu a porta do saguão do hotel para ele e se adiantou para abrir a porta traseira da Kombi. Os outros quatro já estavam parados junto ao veículo militar, olhando a cena como se mal pudesse esperar para ir embora. Loki usava o quepe de chofer. O vento frio sacudia os lençóis, empurrando Shadow conforme caminhava.

Depositou Wednesday na traseira da Kombi com todo o cuidado.

Alguém tocou seu ombro. Ele se virou. Town estava atrás dele, a mão estendida. Segurava alguma coisa.

— Aqui — disse o agente —, o senhor World queria dar isto a vocês. — Era um olho de vidro. No meio havia uma rachadura minúscula, e na frente faltava uma lasca. — Achamos na loja maçônica, quando fizemos a limpeza. Guardem para dar sorte. Deus sabe que vocês vão precisar.

Shadow pegou o olho. Queria ter alguma resposta boa e sarcástica e inteligente, mas Town já tinha voltado para junto dos outros e entrado no carro, e ele ainda não tinha conseguido pensar em nenhuma resposta boa.

Czernobog foi o último a deixar o hotel. Enquanto trancava o edifício, observou o veículo militar sair do parque e ir embora pela estrada asfaltada. Guardou a chave do hotel embaixo de uma pedra perto da porta do saguão e balançou a cabeça.

— Eu devia ter comido o coração do maldito — comentou com Shadow, casualmente. — E não só amaldiçoado sua morte. O garoto precisa aprender um pouco de respeito.

Czernobog se acomodou no banco de trás da Kombi.

— Você vai na frente — disse o sr. Nancy para Shadow. — Eu dirijo por um tempo.

O sr. Nancy seguiu para o leste.

Quando amanheceu, estavam em Princeton, Missouri. Shadow ainda não dormira.

— Quer que a gente deixe você em algum lugar específico? — perguntou Nancy. — Eu, no seu lugar, arrumaria uns documentos falsos e iria para o Canadá. Ou para o México.

— Vou ficar com vocês — respondeu Shadow. — É o que Wednesday ia querer.

— Você não trabalha mais para ele. Wednesday morreu. Depois que a gente despachar o corpo, você pode ir para onde quiser.

— E fazer o quê?

— Ficar fora do caminho, pelo menos enquanto a guerra estiver rolando. Como eu disse, você devia sair do país.

O sr. Nancy ligou a seta e fez uma curva para a esquerda.

— Fique escondido por um tempo — sugeriu Czernobog. — Depois, quando tudo acabar, você vai voltar para mim, e eu vou acabar com essa história toda. Com a minha marreta.

— Para onde vamos levar o corpo? — perguntou Shadow.

— Virgínia. Tem uma árvore lá — explicou Nancy.

— Uma Árvore do Mundo — completou Czernobog, com uma satisfação sombria. — Tinha uma lá no meu cantinho do mundo. Mas a nossa cresceu por baixo, não por cima.

— Vamos colocar o corpo ao pé da árvore — continuou Nancy. — E deixar lá. Aí você vai embora. E nós vamos para o sul. A batalha começa. Sangue é derramado. Muitos morrem. O mundo muda um pouco.

— Vocês não querem que eu vá para essa tal batalha? Eu sou bem grandão. E

sou bom de briga.

Nancy se virou para Shadow e abriu um sorriso — o primeiro sorriso genuíno que Shadow via no rosto do velho desde que fora resgatado da cadeia de Lumber.

— A maior parte dessa batalha vai ser travada em um lugar aonde você não tem como ir.

— No coração e na mente das pessoas — explicou Czernobog. — Como naquele gira-gira grande.

— Hein?

— O carrossel — esclareceu o sr. Nancy.

— Ah. Nos Bastidores. Entendi. É como no Deserto, com todos aqueles ossos.

O sr. Nancy levantou a cabeça.

— Bastidores. Sim. Sempre que eu penso que você não tem como entender, já que é burro feito uma porta, você vem e me surpreende. Isso mesmo. Bastidores. É lá que vai acontecer a batalha de verdade. O resto vai ser só relâmpago e trovão.

— Quero saber sobre o tributo — pediu Shadow.

— Alguém precisa ficar com o corpo. É uma tradição. Um dos nossos vai fazer isso.

— Wednesday queria que fosse eu.

— Não — retrucou Czernobog. — Isso vai matar você. Péssima, péssima, péssima ideia.

— Hã? Ficar com o corpo? Isso vai me matar?

— É o que acontece quando o Pai de Todos morre — explicou o sr. Nancy. — Não aconteceria se fosse eu. Quando eu morrer, só quero que me plantem em algum lugar quente. E aí, quando as mulheres bonitas passarem em cima do meu túmulo, vou agarrar o tornozelo delas, que nem naquele filme.

— Nunca vi esse filme — disse Czernobog.

— Claro que viu. É bem no fim. Aquele filme com uma escola. As crianças vão todas para o baile.

Czernobog balançou a cabeça.

— O filme se chama *Carrie, a estranha*, senhor Czernobog. Muito bem, quero que um de vocês me conte mais sobre o tributo.

— Conte para ele — pediu Nancy. — Estou dirigindo.

— Eu nunca ouvi falar de nenhum filme chamado *Carrie, a estranha*. Conte você.

— A pessoa prestando o tributo é amarrada à árvore — explicou Nancy. — Que nem Wednesday foi amarrado. E aí ela fica pendurada lá por nove dias e nove noites. Sem comida, sem água. Sozinha. Depois alguém corta as cordas

para soltar a pessoa, e se ela ainda estiver viva... bom, é possível. Então o tributo a Wednesday terá sido prestado.

— Talvez Alvíss possa nos mandar alguém do povo dele — sugeriu Czernobog. — Um anão sobreviveria.

— Eu quero ir — disse Shadow.

— Ah, não — respondeu o sr. Nancy.

— Ah, sim — insistiu Shadow.

Os dois velhos ficaram quietos.

— Por quê? — perguntou Nancy, por fim.

— Porque é o tipo de coisa que teria que ser feita por uma pessoa viva — respondeu Shadow.

— Você está ensandecido — disse Czernobog.

— Talvez. Mas vou prestar tributo a Wednesday.

Quando pararam para abastecer, Czernobog anunciou que estava enjoado e que queria ir para o banco da frente. Shadow não se incomodou em trocar de lugar, assim poderia se esticar melhor e dormir.

Seguiram viagem em silêncio. Shadow teve a sensação de que fizera algo muito grande e muito estranho, mas não sabia bem o quê.

— Ei. Czernobog — chamou o sr. Nancy, depois de um tempo. — Você reparou no garoto técnico lá no hotel? Ele não parecia muito feliz. Parece que estava mexendo com alguma coisa que também mexeu com ele. Esse é o problema da garotada mais nova... eles acham que sabem de tudo, e não tem como ensinar: só aprendem do jeito difícil.

— Ótimo — disse Czernobog.

Shadow estava todo esticado no banco de trás. Sentia que era duas pessoas diferentes, talvez mais de duas. Uma parte dele estava levemente empolgada: tinha *feito* alguma coisa. Acabara de se mover. Não teria tido importância nenhuma se não quisesse viver, mas queria, e isso fazia toda a diferença. Tocia para sobreviver àquilo, mas estava disposto a morrer, se esse fosse o preço de estar vivo. E, por um momento, achou que a situação era muito engraçada, a piada mais hilária do mundo — e se perguntou se Laura gostaria de ouvi-la.

Outra parte dele — talvez fosse Mike Ainsel, desfeito no éter com o apertar de um botão no Departamento de Polícia de Lakeside — ainda tentava entender o que estava acontecendo, tentando apreender o quadro geral.

— Índios escondidos — disse em voz alta.

— O quê? — perguntou a voz rouca e irritada de Czernobog, no banco do carona.

— Aqueles desenhos de colorir, de quando a gente é criança. “Você consegue encontrar todos os índios escondidos neste desenho?” “Este desenho tem dez

índios ocultos, você consegue encontrar todos?” No começo, só dá para ver uma cachoeira com pedras e árvores, mas aí você começa a perceber que, se virar o papel um pouco de lado, aquela sombra se torna um índio... — E deu um bocejo.

— Durma — sugeriu Czernobog.

— Mas o principal era o quadro geral — disse Shadow.

Ele dormiu, e sonhou com índios escondidos.

A árvore ficava na Virgínia. Era bem longe de tudo, nos fundos de uma velha fazenda. Para chegar à fazenda, precisaram dirigir durante quase uma hora ao sul de Blacksburg, por estradas com nomes como Pennywinkle Branch e Rooster Spur. Tiveram que pegar um retorno duas vezes, e tanto o sr. Nancy quanto Czernobog perderam a paciência com Shadow e um com o outro.

Pararam para pedir informação em uma merceariazinha minúscula, ao pé de um morro bem onde a estrada fazia uma bifurcação. Um velho saiu dos fundos da mercearia e olhou para eles: usava um macacão jeans e mais nada, nem mesmo sapatos. Czernobog comprou um pé de porco em conserva do enorme pote de pés de porco que havia no balcão e saiu para comer na varanda, enquanto Nancy e o homem de macacão se alternavam desenhando mapas um para o outro no verso de guardanapos, marcando curvas e pontos de referência locais.

Seguiram viagem de novo, com o sr. Nancy ao volante, e chegaram em dez minutos. Havia um portão com uma placa que dizia FREIXO.

Shadow saiu e abriu a cancela. A Kombi passou chacoalhando pela estrada de terra. Shadow fechou a cancela. Foi andando um pouco atrás da Kombi, esticando as pernas, correndo quando o carro se distanciava demais. Aproveitando a sensação de movimentar o corpo.

Perdera completamente a noção de tempo da viagem desde o Kansas. Tinham passado dois dias na estrada? Três? Não sabia.

O corpo na traseira da Kombi não parecia estar apodrecendo. Shadow sentia o cheiro — um leve odor de Jack Daniel's, sobreposto por algo que talvez fosse mel estragado. Mas o cheiro não era desagradável. De tempos em tempos, tirava o olho de vidro do bolso e o examinava: bem no centro estava quebrado, resultado do que Shadow imaginava que fosse o impacto de uma bala, mas, fora uma lasquinha em um dos lados da íris, a superfície permanecia intacta. Shadow passava o olho de uma mão para a outra, empalmando, girando, fazendo-o dançar entre os dedos. Era um suvenir mórbido, mas curiosamente reconfortante — e ele desconfiava de que Wednesday teria achado graça, se soubesse que seu olho acabaria no bolso de Shadow.

A sede da fazenda estava escura e fechada. A pastagem coberta de mato alto parecia abandonada. Nos fundos da casa, o teto tinha desabado, e estava coberto por um plástico preto. Sacolejaram ao passar por uma vala, e Shadow viu a árvore.

Era de um tom de cinza prateado, mais alta do que a casa. Era a árvore mais linda que já vira na vida, fantasmagórica e, ao mesmo tempo, absolutamente real, com uma simetria quase perfeita. Assim que a viu, ela pareceu familiar, e Shadow se perguntou se já sonhara com aquilo — até que se deu conta de que não era o caso: já vira aquela árvore muitas vezes, ou pelo menos uma representação dela. Era o prendedor de gravata prateado de Wednesday.

A Kombi seguiu sacolejando pelo mato e parou a uns seis metros da árvore.

Três mulheres estavam ali perto. À primeira vista, Shadow achou que fossem as Zoryas, mas logo percebeu que estava enganado. Eram três mulheres que ele não conhecia. Pareciam cansadas e entediadas, como se tivessem passado muito tempo ali paradas. Cada uma segurava uma escada de madeira. A maior das três também carregava um saco marrom. Pareciam um conjunto de bonecas russas: uma alta, da mesma altura de Shadow, talvez maior, uma de tamanho mediano e uma tão baixinha e encurvada que, a princípio, Shadow teve a impressão, equivocada, de que era uma criança. Ainda assim, as três eram tão parecidas — algum detalhe na testa, ou nos olhos, ou algo na posição do queixo — que Shadow teve certeza de que eram irmãs.

A menor fez uma medida quando a Kombi se aproximou. As outras duas ficaram só olhando. As três compartilhavam um cigarro, e o fumaram até o filtro, então uma delas o apagou em uma raiz.

Czernobog abriu a traseira da Kombi, e a mulher mais alta o empurrou para o lado e, com a facilidade de quem pega um saco de farinha, tirou o corpo de Wednesday lá de dentro e o levou até a árvore. A mulher o deitou na frente do tronco, a uns três metros da árvore. Ela e as irmãs desenrolaram o corpo: parecia pior à luz do dia do que quando estava cercado de velas no quarto do hotel, e, depois de um breve relance, Shadow desviou o olhar. As mulheres arrumaram a roupa dele, alisaram o terno e o colocaram no canto do lençol, então o enrolaram de volta.

Por fim, as três foram até Shadow.

— *É você?* — perguntou a maior.

— *O que vai velar o pai de todos?* — perguntou a de tamanho mediano.

— *É sua escolha prestar o tributo?* — perguntou a menor.

Shadow assentiu. Mais tarde, não conseguia se lembrar de ter de fato ouvido a voz delas. Talvez tivesse apenas compreendido, pelo olhar, o que elas queriam dizer.

O sr. Nancy, que fora até a casa principal para usar o banheiro, veio caminhando de volta até a árvore. Fumava uma cigarrilha. Parecia pensativo.

— Shadow — chamou o velho deus. — Você realmente não precisa fazer isso. Podemos achar uma pessoa mais adequada. Você não está pronto.

— Vou fazer — respondeu Shadow, sem rodeios.

— Não precisa — retrucou o sr. Nancy. — Você não sabe no que está se metendo.

— Não importa — retorquiu Shadow.

— E se você morrer? — indagou o sr. Nancy. — E se isso acabar matando você?

— Então eu terei morrido.

O sr. Nancy jogou a cigarrilha no meio do mato, irritado.

— Eu disse que você tinha miolos de merda, e não mudou nada nessa sua cabeça de merda. Não percebe quando alguém está tentando ajudar?

— Sinto muito — respondeu Shadow. E não falou mais.

Nancy voltou para a Kombi.

Czernobog foi até Shadow. Não parecia muito satisfeito.

— Você precisa sobreviver a isso — declarou. — Supere essa por mim. — Então bateu de leve com o dedo na testa de Shadow. — Pá!

O deus apertou o ombro de Shadow, deu um tapa em seu braço e voltou para a Kombi.

A mulher maior, que parecia se chamar Urtha ou Urder — Shadow não conseguia pronunciar de uma forma que parecesse deixá-la satisfeita — mandou que ele tirasse a roupa, gesticulando de forma dramática.

— Tudo?

Ela deu de ombros. Shadow ficou só de cueca e camiseta. As três apoiaram as escadas na árvore. Indicaram uma para ele. Era pintada à mão, com florezinhas e folhas enroladas nos degraus.

Shadow subiu os nove degraus. Depois, a pedido delas, passou para um galho mais baixo.

A mulher de tamanho mediano jogou o conteúdo do saco no mato a seus pés. Era um emaranhado de cordas finas, escurecidas pelo tempo e pela sujeira, e a mulher começou a separá-las e a dispô-las no chão ao lado do corpo de Wednesday.

Elas subiram nas próprias escadas e começaram a amarrar as cordas com nós intrincados e elegantes — prenderam as cordas primeiro na árvore, depois em Shadow. Sem qualquer constrangimento, como se fossem parteiras ou enfermeiras ou pessoas acostumadas a manipular cadáveres, tiraram a camiseta e a cueca de Shadow e o amarraram — não com força, mas com firmeza e de

forma irreversível. Ele ficou impressionado com o conforto com que as cordas e os nós sustentavam seu peso. As cordas passavam por baixo dos braços, entre as pernas, em volta da cintura, dos tornozelos e do peito, prendendo-o à árvore.

A última corda foi amarrada, frouxa, no pescoço. No início, estava desconfortável, mas o peso de seu corpo estava bem distribuído, e nenhuma das cordas machucava a pele.

Seus pés estavam a um metro e meio do chão. A árvore era imensa e sem folhas, os galhos pretos contra o céu cinzento, a casca de um cinza prateado liso.

As mulheres afastaram as escadas. Houve um momento de pânico quando Shadow deslizou alguns centímetros para baixo, quando seu peso passou a ser todo sustentado pelas cordas. Ele não emitiu nenhum som.

Estava completamente nu.

As mulheres puseram o corpo, ainda embrulhado na mortalha de lençóis, ao pé da árvore e o deixaram lá.

Deixaram-no sozinho.

CAPÍTULO

QUINZE

*Na força, na força, morto eu
vou estar,
Na força, na força, morto eu
vou estar,
Não ligo para a força, já me
fui há tempo demais,
Já me deitei na cova há tempo
demais.*

Canção antiga

No PRIMEIRO DIA preso à árvore, Shadow se sentiu apenas desconfortável, e aos poucos essa sensação foi dando lugar à dor e ao medo e, vez ou outra, a uma emoção que ficava mais ou menos entre o tédio e a apatia: uma aceitação débil, uma expectativa.

Estava pendurado.

O vento não soprava.

Após algumas horas, sua visão começou a explodir em rompantes efêmeros de cor, brotos de carmesim e ouro, pulsando e palpitando com vida própria.

A dor nos braços e nas pernas se tornou, com o passar das horas, insuportável. Se ele relaxasse o corpo, se mexesse muito os membros, se tombasse para a frente, a corda no pescoço apertava e o mundo começava a rodopiar e a se anuviar. Então ele tentava se apoiar no tronco da árvore. Sentia o coração trabalhando a toda no peito, uma batida rítmica pesada que bombeava o sangue pelo corpo...

Esmeraldas e safiras e rubis se cristalizavam e surgiam diante de seus olhos. Sua respiração vinha em breves intervalos. A casca da árvore era áspera e arranhava suas costas. O frio da tarde em sua pele nua o fazia tremer e arrepiava os pelos de seu corpo.

É fácil, disse alguém nos recônditos de sua mente. *Tem um macete. Ou você faz, ou você morre.*

Shadow apreciou a sabedoria daquele pensamento, e o repetiu várias vezes para si mesmo, em parte um mantra, em parte uma cantiga de ninar,

acompanhando as batucadas do coração.

É fácil, tem um macete. Ou você faz, ou você morre.

É fácil, tem um macete. Ou você faz, ou você morre.

É fácil, tem um macete. Ou você faz, ou você morre.

É fácil, tem um macete. Ou você faz, ou você morre.

O tempo passou. A cantoria continuou. Ele ouvia. Alguém repetia suas palavras, e se interrompeu apenas quando Shadow começou a sentir a boca seca, quando a língua ficou áspera dentro da boca. Ele usou os pés para tomar impulso para cima e para longe da árvore, tentando sustentar o peso do corpo de um jeito que ainda lhe permitisse encher os pulmões de ar.

Respirou até não conseguir mais manter o corpo erguido e voltou a repousar nas amarras, pendurado.

Quando o barulho começou — um ruído raivoso e agudo de risada —, Shadow fechou a boca, com medo de que fosse ele fazendo aquilo; mas a risada continuou. *É o mundo rindo de mim*, pensou. Sua cabeça tombou para o lado. Alguma coisa desceu correndo pelo tronco e parou ao lado da cabeça dele. A coisa chilreou bem no ouvido de Shadow, alto, uma palavra que parecia muito “ratatosk”. Shadow tentou pronunciá-la, mas a língua ficou colada no céu da boca. Ele se virou devagar e deu de cara com a face marrom e cinzenta e as orelhas pontudas de um esquilo.

Descobriu que, de perto, um esquilo é bem menos bonitinho do que de longe. A criatura parecia um rato, e, além de perigosa, não tinha nada de delicada e encantadora. E seus dentes pareciam muito afiados. Shadow torceu para que ele não o considerasse uma ameaça, ou comida. Achava que esquilos não eram carnívoros... mas, por outro lado, tantas coisas que ele achava que não eram acabaram sendo...

Shadow dormiu.

A dor o despertou algumas vezes nas horas seguintes. Ela o arrancou de um sonho sombrio em que crianças mortas se levantavam e vinham até ele, com olhos que eram grandes pérolas descamadas, e o recriminavam por ter fracassado, e o arrancou de outro sonho, em que ele olhava para um mamute, peludo e escuro, que saía das brumas e caminhava lentamente em sua direção, mas — *desperto por um instante, uma aranha se arrastando por seu rosto, e ele balançou a cabeça, afastando-a ou assustando-a* — agora o mamute era um homem barrigudo com cabeça de elefante e apenas uma presa, e ele vinha até Shadow, cavalgando no dorso de um rato imenso. O homem com cabeça de elefante torceu a tromba para Shadow e disse:

— Se você tivesse me invocado antes de sair nessa jornada, talvez pudesse ter evitado alguns problemas.

Depois, o elefante pegou o rato, que, de alguma forma que Shadow não percebeu, tinha ficado minúsculo sem mudar de tamanho, e o passou de uma das mãos para a outra e para a outra, cobrindo-o com os dedos conforme a criaturinha marrom corria de palma em palma, e Shadow não ficou nem um pouco surpreso quando o deus com cabeça de elefante finalmente abriu as quatro mãos e revelou que estavam completamente vazias. Ele agitou um braço e outro e outro em um movimento fluido peculiar e olhou para Shadow com uma expressão indecifrável.

— Na presa — disse Shadow para o homem-elefante, porque vira a cauda irrequieta do rato desaparecer.

O homem-elefante assentiu com a cabeça imensa.

— Sim — disse. — Presa. Você se esquecerá de muitas coisas. Você cederá muitas coisas. Você perderá muitas coisas. Mas não perca isto.

E aí a chuva começou a cair, e Shadow acordou mais uma vez. Encharcado e tremendo de frio, em questão de instantes ele ia do sono pesado para a completa vigília. A tremedeira se intensificou e começou a assustá-lo: ele jamais imaginara que seria possível tremer com tanta violência, uma série de espasmos convulsivos que ficavam cada vez mais fortes. Tentou se obrigar a parar de tremer, mas não adiantava, e seus dentes batiam, e seus braços e pernas se retorciam e sacudiam sem controle. Sentia uma dor genuína também, uma dor profunda, penetrante, que cobria seu corpo de ferimentos minúsculos, invisíveis, íntimos e insuportáveis.

Shadow abriu a boca para beber um pouco da chuva, que umedecia seus lábios rachados e sua língua seca e molhava as cordas que o prendiam ao tronco da árvore. Um relâmpago brilhou com tanta força que ofuscou momentaneamente sua visão, transformando o mundo em um panorama intenso de imagem e borrão. Depois, o trovão, um estalo, um estrondo e um tremor, e, em meio ao eco do trovão, o temporal ficou ainda mais forte. Sob a chuva e a noite, os tremores amainaram; as lâminas que cortavam sua pele foram removidas. Shadow não sentia mais o frio, ou melhor, sentia apenas o frio, mas agora o frio se tornara parte dele, pertencia a Shadow, e Shadow pertencia ao frio.

Relâmpagos cortantes se espalhavam pelo céu, acima da árvore, e os trovões se dispersavam em uma vibração onipresente, estouros e rugidos ocasionais explodindo como bombas distantes ao longo da noite, e o vento puxava Shadow,

tentava arrancá-lo da árvore, açoitando a pele, penetrando na carne; e, no auge da tempestade — e Shadow sabia, no fundo da alma, que a tempestade havia começado de fato, a verdadeira tempestade, e que agora que ela havia chegado não restava nada a fazer além de aguentar firme: todos eles, velhos deuses e novos, espíritos, potências, mulheres e homens...

Naquele momento, Shadow sentiu uma estranha alegria e começou a rir, enquanto a chuva lavava sua pele, e os raios ardiam e os trovões urravam tão alto que ele mal conseguia ouvir a própria voz. Ele riu e exultou.

Estava vivo. Nunca havia sentido aquilo antes. Nunca.

Se realmente morresse, pensou, se morresse naquele instante, naquela árvore, teria valido a pena por aquele único momento perfeito e enlouquecido.

— Ei! — gritou ele para a tempestade. — Ei! Sou eu! Estou aqui!

Ele acumulou um pouco de água entre o ombro e o tronco da árvore e virou um pouco a cabeça para bebê-la, sugando e engolindo, e bebeu mais e riu, riu com alegria e deleite, não loucura, até não conseguir mais, até se deixar cair, exausto demais para se mexer.

Ao pé da árvore, no chão, a chuva tinha deixado o lençol um pouco transparente e o levantado em alguns pontos, e agora Shadow via a mão morta de Wednesday, pálida e flácida, e o formato de sua cabeça, e pensou no Santo Sudário, e se lembrou da menina morta na mesa de Jacal em Cairo, e então, como se para desdenhar do frio, percebeu que se sentia aquecido e confortável, e o tronco da árvore parecia macio, e Shadow voltou a dormir, e, se teve algum sonho na escuridão, não se lembrou de nenhum.

Na manhã seguinte, a dor era onipresente. Já não era localizada, nem confinada aos lugares onde as cordas feriam sua carne, nem onde o tronco arranhava sua pele. A dor estava por todos os lados.

E ele estava com fome, com pontadas de dor no fundo do estômago vazio. A cabeça latejava. Às vezes, ele imaginava que havia parado de respirar, que o coração havia parado de bater. Então prendia a respiração até escutar o coração bater como o mar nos ouvidos e ele ser obrigado a sugar o ar como um mergulhador emergindo das profundezas.

Tinha a impressão de que a árvore se estendia do céu ao inferno e de que sempre estivera preso lá. Um gavião marrom voou em círculos acima, pousou em um galho quebrado perto dele e voltou a voar, seguindo para o oeste.

A tempestade, que havia amainado ao amanhecer, voltou a engrossar ao longo do dia. Nuvens escuras e turbulentas cobriam o céu de um horizonte a outro;

uma garoa leve começou a cair. O corpo ao pé da árvore parecia menor, enrolado no lençol do hotel, ruindo como um bolinho se desfazendo na chuva.

Às vezes Shadow ardia, às vezes congelava.

Quando os trovões voltaram a estourar, ele imaginou ouvir tambores rufando, timbales sendo tocados no ritmo dos trovões e das marteladas do coração, dentro ou fora da cabeça, não fazia diferença.

Percebia a dor em cores: o vermelho de um letreiro de bar neon, o verde de um sinal de trânsito em uma noite chuvosa, o azul de uma tela sem sinal.

O esquilo desceu do tronco para o ombro de Shadow, e garras afiadas se cravaram em sua pele.

— Ratatosk! — chilreou ele. A ponta do focinho tocou os lábios de Shadow.

— Ratatosk. — E correu de volta para a árvore.

A pele de Shadow ardia, como se alfinetes e agulhas a perfurassem, sentia um formigamento que se espalhava pelo corpo inteiro. A sensação era intolerável.

Sua vida apareceu disposta abaixo dele, na mortalha de lençol; estava literalmente disposta, com elementos de um piquenique dadaísta, um tablado surrealista: ele via o olhar confuso da mãe, a embaixada americana na Noruega, os olhos de Laura no dia do casamento...

Seus lábios secos abriram um sorriso.

— Qual é a graça, fofinho? — perguntou Laura.

— O dia do nosso casamento. Você subornou o cara que tocava órgão para ele ignorar a “Marcha nupcial” e tocar a música de *Scooby-Doo* quando você entrasse na igreja. Lembra?

— É claro que eu lembro, querido. E eu teria conseguido, se não fossem aquelas crianças intrometidas.

— Eu amava tanto você — disse Shadow.

Ele sentiu os lábios de Laura nos seus, e eram quentes e úmidos e vivos, não frios e mortos, então ele sabia que era só mais uma alucinação.

— Você não está aqui, está?

— Não — respondeu ela. — Mas você está me chamando, pela última vez. E estou indo.

Estava mais difícil respirar. As cordas que cortavam sua pele eram um conceito abstrato, como o livre-arbítrio ou a eternidade.

— Durma, fofinho — disse ela, embora Shadow achasse que talvez estivesse ouvindo a própria voz, e ele dormiu.

O sol era uma moeda de peltre contra um céu de chumbo. Lentamente, Shadow

se deu conta de que estava acordado e com frio. Mas a parte dele que compreendia essas sensações parecia muito distante das outras partes. Em algum lugar remoto, sabia que a boca e a garganta estavam ardendo, doloridas e secas. Às vezes, durante o dia, via estrelas caindo; às vezes, via pássaros imensos, do tamanho de caminhões, voando em sua direção. Nada o alcançava; nada o atingia.

— Ratatosk. Ratatosk. — O chilreio tinha se tornado uma crítica.

O esquilo pousou com suas garras afiadas no ombro de Shadow e o encarou. O homem se perguntou se estava alucinando: o animal segurava nas patas dianteiras uma casca de noz como se fosse um copinho de brinquedo. O animal aproximou a casca dos lábios de Shadow. Ele sentiu a água e, em um ato involuntário, sugou-a, bebendo do copo diminuto. Molhou os lábios rachados e a língua seca. Molhou a boca e engoliu o pouco que sobrou.

O esquilo pulou de volta para a árvore e correu para baixo, até as raízes. Depois de alguns segundos, ou minutos, ou horas, Shadow não sabia (todos os relógios dentro de sua mente estavam quebrados, e as engrenagens e rodas e molas eram um todo caótico ali no mato retorcido), o esquilo voltou com o copo de casca de noz, subindo cuidadosamente, e Shadow bebeu a água que ele trouxe.

O sabor de lama e ferro da água dominou sua boca e refrescou a garganta seca, aliviou a fadiga e a loucura.

Depois da terceira casca de noz, ele não estava mais com sede.

Shadow então começou a se debater, a puxar as cordas, a sacudir o corpo, tentando descer, se libertar, sair. Ele gemeu.

Os nós eram bons. As cordas eram fortes, e resistiram, e logo Shadow estava exausto de novo.

Em seu delírio, Shadow se tornou a árvore. Suas raízes iam até as profundezas do solo argiloso, as profundezas do tempo, até as fontes ocultas. Ele sentiu a presença da fonte de uma mulher chamada Urd, que significa *Passado*. Ela era imensa, uma giganta, uma montanha subterrânea, e as águas que ela protegia eram as águas do tempo. Outras raízes levavam a outros lugares. Alguns eram secretos. Agora, quando sentia sede, ele sugava a água de suas raízes, ele as extraía para alimentar o próprio ser.

Ele tinha cem braços, que se dividiam em mil dedos, e todos os dedos se estendiam até o céu, que pesava em seus ombros.

O desconforto não havia diminuído, mas agora a dor pertencia à figura que

pendia da árvore, não à própria árvore, e Shadow, em sua loucura, era muito mais do que o homem na árvore. Ele era a árvore, e era o vento que agitava os galhos desfolhados da Árvore do Mundo; era o céu cinzento e as nuvens cerradas; era Ratatosk, o esquilo, correndo desde as raízes mais profundas até os galhos mais altos; era o gavião enlouquecido que repousava em um galho quebrado no topo da árvore para observar o mundo; era a minhoca no coração da árvore.

As estrelas rodopiaram, e Shadow passou suas cem mãos pelas estrelas cintilantes, empalmando-as, deslocando-as, fazendo-as desaparecer...

Um momento de clareza em meio à dor e à loucura: Shadow se sentiu vindo à tona. Sabia que não duraria. O sol da manhã o ofuscava. Fechou os olhos e quis poder cobri-los.

Não faltava muito. Ele sabia disso também.

Quando abriu os olhos, Shadow percebeu que havia um jovem na árvore com ele.

Sua pele era de um tom escuro de marrom. A testa era grande, e o cabelo escuro formava cachos pequenos. Ele estava sentado em um galho muito acima da cabeça de Shadow. Se inclinasse a cabeça, dava para vê-lo perfeitamente. E o homem estava louco. Shadow percebeu de cara.

— Você está pelado — confidenciou o louco, com uma voz áspera. — Eu também.

— Estou vendo — grunhiu Shadow.

O louco olhou para ele e assentiu com a cabeça e mexeu o pescoço para baixo e para os lados, como se tentasse se livrar de um torcicolo.

— Você me conhece? — perguntou ele, depois de um tempo.

— Não — respondeu Shadow.

— Eu conheço você. Vi você em Cairo. Vi você depois. Minha irmã gosta de você.

— Você é... — O nome lhe fugiu. *Come bichos mortos na estrada. Isso.* — Você é Hórus.

O louco assentiu.

— Hórus — confirmou ele. — Eu sou o falcão da manhã, o gavião da tarde. Eu sou o sol. Assim como você é o sol. E eu sei o nome verdadeiro de Rá. Minha mãe me contou.

— Que ótimo — respondeu Shadow, com educação.

O louco encarou fixamente o chão e não falou mais nada. Depois, pulou da

árvore.

Um gavião caiu feito pedra na direção do solo, recuperou-se do mergulho em um rasante e bateu as asas com força para voltar à árvore, com um filhote de coelho preso nas garras. A ave pousou em um galho mais próximo de Shadow.

— Está com fome? — perguntou o louco.

— Não — respondeu Shadow. — Acho que devia estar, mas não estou.

— Eu estou com fome — disse o louco.

Ele comeu o coelho depressa, destrocando-o, chupando, rasgando, cortando. À medida que comia, ia jogando os ossos e a pele no chão. Andou pelo galho até ficar a poucos palmos de Shadow. Observou-o sem constrangimento, analisando-o com atenção e cuidado, dos pés à cabeça. O queixo e o peito do homem estavam sujos de sangue de coelho, e ele se limpou com as costas da mão.

Shadow ficou com a sensação de que precisava dizer algo.

— Ei.

— Ei — respondeu o louco.

Ele ficou de pé no galho, virou-se e soltou um jato de urina escura no mato. Isso se prolongou por um bom tempo. Quando terminou, voltou a se agachar no galho.

— Como é que chamam você? — perguntou Hórus.

— Shadow.

O louco assentiu.

— Você é a sombra. Eu sou a luz — respondeu ele. — Tudo o que existe produz uma sombra. — E acrescentou: — Eles lutarão em breve. Eu estava observando quando eles começaram a chegar. Estava voando alto, e ninguém me viu, embora alguns tenham olhos atentos. — Então o louco falou: — Você está morrendo, não está?

Mas Shadow já não conseguia mais falar. Tudo estava muito longe. Um gavião levantou voo e subiu lentamente em círculos, elevando-se nas correntes de ar da manhã.

Luar.

Uma tosse fez o corpo de Shadow sacudir, uma tosse dolorosa e convulsiva que lhe queimou o peito e a garganta. Ele lutou para respirar.

— Ei, fofinho — chamou uma voz conhecida.

Shadow olhou para baixo.

O luar iluminava a árvore, claro como o dia, iluminando a mulher parada próxima às raízes, seu rosto uma forma oval pálida. O vento agitou os galhos.

— Oi, fofinho — cumprimentou ela.

Ele tentou falar, mas só tossiu, uma tosse profunda, por bastante tempo.

— Sabe — disse ela, prestativa —, isso aí não parece bom.

— Oi, Laura — grunhiu ele.

Ela o observou com olhos mortos e sorriu.

— Como você me encontrou? — perguntou Shadow.

Ela ficou em silêncio por um tempo.

— Por mim, você é o que mais se parece com uma vida — respondeu ela, enfim. — Você é tudo o que me resta, é a única coisa que não está desolada, nula e sem cor. Mesmo se meus olhos estivessem vendados e eu fosse jogada no oceano mais profundo, eu saberia onde encontrar você. Mesmo se eu estivesse enterrada cem quilômetros abaixo da terra, eu saberia como ir até você.

Ele olhou para a esposa, e seus olhos arderam com lágrimas.

— Vou tirar você daí — disse ela, depois de um tempo. — Eu passo tempo demais resgatando você, não é?

Ele tossiu outra vez.

— Não — respondeu ele —, me deixe aqui. Eu preciso fazer isso.

Ela o encarou e balançou a cabeça.

— Você está maluco. Está morrendo aí. Ou vai ficar aleijado, se já não estiver.

— Talvez — respondeu ele. — Mas estou vivo.

— Sim — disse ela, depois de um momento. — Acho que está.

— Você me falou. No cemitério.

— Parece que foi há tanto tempo, fofinho — disse ela. — Eu me sinto melhor aqui. Não dói tanto. Você me entende? Mas estou muito seca.

O vento diminuiu, e Shadow sentiu o cheiro dela: um fedor de carne podre e doença e decadência, penetrante e desagradável.

— Perdi o emprego — disse ela. — Era um trabalho noturno, mas falaram que as pessoas haviam reclamado. Eu falei que estava doente, e disseram que não se importavam. Estou com muita sede.

— As mulheres — respondeu Shadow. — Elas têm água. Na casa.

— Fofinho... — Ela parecia assustada.

— Diga... Diga a elas que eu pedi para lhe darem água...

O rosto branco o encarou.

— É melhor eu ir — disse Laura.

Ela tossiu, fez uma careta e cuspiu uma massa branca, que se desfez ao bater no chão e se dispersou rastejando.

Estava quase impossível respirar. Shadow sentia o peito pesado e a cabeça cada vez mais oscilante.

— Fique — disse ele, em uma voz que foi quase um sussurro, e não dava para

saber se Laura havia escutado. — Por favor, não vá embora. — Ele começou a tossir. — Passe a noite aqui.

— Vou ficar um pouco — disse ela. Depois, como uma mãe tranquilizando o filho: — Nada vai machucar você enquanto eu estiver aqui. Sabia?

Shadow tossiu de novo. Fechou os olhos. Só por um instante, pensou ele, mas, quando voltou a abri-los, a lua havia se posto e ele estava sozinho.

A cabeça latejava e pulsava, uma dor que ia além de uma enxaqueca, que ia além de qualquer dor. Tudo se dissolia em borboletas minúsculas, que rodopiavam ao seu redor como uma tempestade de areia multicolorida e depois evaporavam pela noite.

O lençol branco envolvendo o corpo ao pé da árvore fazia barulho ao ser sacudido pelo vento.

A pulsação diminuiu. Tudo ficou mais lento. Não havia nada mais que o fizesse continuar respirando. Seu coração parou de bater.

A escuridão em que ele mergulhou agora era profunda, e iluminada por uma única estrela, e definitiva.

CAPÍTULO

DEZESSEIS

Eu sei que é roubado. Mas é o único jogo na cidade.

Canada Bill Jones

A ÁRVORE TINHA sumido, e o mundo tinha sumido, e o céu cinzento da manhã tinha sumido. O céu estava cor de meia-noite. Uma única estrela brilhava no alto, uma luz intensa e inconstante, e mais nada. Shadow deu um passo à frente e quase caiu.

Olhou para baixo. Viu degraus escavados na rocha, descendo, degraus tão imensos que Shadow só podia imaginar que tinham sido escavados e percorridos por gigantes, muito tempo antes.

Avançou com dificuldade, meio que pulando e meio que caindo de degrau em degrau. O corpo doía, mas era a dor da falta de uso, não a dor torturante de um corpo que ficou pendurado em uma árvore até morrer.

Reparou, sem qualquer surpresa, que já estava vestido, usava calça jeans e camiseta branca. Descalço. Sentiu um intenso déjà-vu: era a mesma roupa de quando passou a noite no apartamento de Czernobog e Zorya Polunochnaya veiovê-lo e contou sobre a constelação chamada Carruagem de Odin. Zorya pegara a lua do céu para ele.

De repente, Shadow soube o que aconteceria em seguida. Zorya Polunochnaya apareceria.

A mulher o aguardava na base da escada. Não havia lua no céu, mas ela mesmo assim estava iluminada pelo luar — seu cabelo branco era pálido como a lua, e ela usava a mesma camisola de algodão e renda daquela noite em Chicago.

Zorya Polunochnaya sorriu aovê-lo e desviou o olhar, como se momentaneamente envergonhada.

— Olá — cumprimentou.

— Oi — respondeu Shadow.

— Como vai?

— Não sei. Devo estar em outro sonho estranho na árvore. Tenho tido esses sonhos doidos desde que saí da cadeia.

O rosto de Zorya Polunochnaya estava prateado (mas não havia lua no céu cor

de ameixa, e ali, na base da escada, até a estrela solitária tinha desaparecido de vista), e ela parecia ao mesmo tempo solene e vulnerável.

— Todas as suas perguntas podem ter resposta, se é isso o que você quer. Mas, depois que se descobre as respostas, não há como deixar de saber quais são. Você precisa compreender isso.

— Entendo — respondeu ele.

Atrás dela, a trilha se dividia. Shadow sabia que precisaria decidir qual caminho escolher. Mas, antes, precisava fazer uma coisa. Enfiou a mão no bolso da calça e ficou aliviado ao sentir o peso familiar da moeda. Pegou-a, segurando-a entre o indicador e o polegar: uma moeda de um dólar de 1922, com a efígie da Estátua da Liberdade.

— Isso é seu — declarou.

Shadow então lembrou que suas roupas, na verdade, estavam debaixo da árvore. As mulheres tinham guardado tudo no saco de pano de onde tiraram as cordas, e a maior das três colocara uma pedra em cima do saco, para o vento não levar. Então Shadow sabia que, na realidade, a moeda de um dólar estava em um bolso dentro daquele saco, debaixo da pedra. Mas, ainda assim, o metal pesava em sua mão, na entrada do submundo.

Zorya Polunochnaya pegou a moeda das mãos dele com seus dedos finos.

— Obrigada. Por duas vezes, ela pagou pela sua liberdade. Agora, vai iluminar seu caminho pelos lugares escuros.

A mulher fechou a mão em volta do círculo de metal e levantou o braço o mais alto possível. E soltou a moeda. Naquele mesmo instante, Shadow soube que aquilo era outro sonho: em vez de cair, a moeda flutuou para cima até ficar pairando a cerca de trinta centímetros de sua cabeça. Mas já não era uma moeda de prata. A Lady Liberdade, com seu diadema de espiões, tinha desaparecido. O que ele viu gravado no metal foi o rosto indefinido da lua no céu de verão, um rosto que só era visível quando não se olhava direto para ele — então se tornava uma série de formas e mares escuros na superfície coberta de crateras da Lua, os traços do rosto substituídos por sombras de pura aleatoriedade e acaso.

Shadow não conseguia decidir se o que via era uma lua do tamanho de uma moeda a centímetros de sua cabeça, ou uma lua do tamanho do oceano Pacífico a milhares de quilômetros de distância. Não sabia nem se havia diferença entre essas duas. Talvez fosse apenas questão de perspectiva. Talvez fosse só questão de ponto de vista.

Olhou para a trilha bifurcada à frente.

— Que caminho devo seguir? — perguntou. — Qual é seguro?

— Depois de escolher um, você não pode escolher o outro — respondeu a Zorya. — Mas nenhum é seguro. Que caminho você deseja seguir: o das

verdades difíceis ou o das belas mentiras?

Shadow hesitou.

— Verdades — respondeu. — Já cheguei longe demais para ter apenas mais mentiras.

A mulher parecia triste.

— Haverá um preço — alertou.

— Eu pago. Qual é o preço?

— Seu nome. Seu nome verdadeiro. Você vai ter que me entregar seu nome.

— Como?

— Assim.

Zorya estendeu a mão na direção da cabeça de Shadow. Ele sentiu os dedos roçarem na pele, penetrando na pele, no crânio, entrando fundo na cabeça. Algo formigou dentro de seu crânio, descendo por toda a coluna. A mulher afastou a mão. Uma chama, similar à de uma vela, mas que ardia com uma luminosidade branca e límpida de magnésio, dançava na ponta do indicador.

— Este é o meu nome?

Zorya fechou a mão, e a luz se apagou.

— Era. — Ela estendeu a mão e apontou para o caminho da direita. — Por ali. Por enquanto.

Sem nome, Shadow seguiu adiante sob o luar. Quando se virou para agradecer, viu apenas escuridão. Parecia que estava muito abaixo da terra, mas, quando olhava para o breu acima, ainda via a lua diminuta.

Fez uma curva.

Pensou que, se aquilo era o além, parecia muito com a House on the Rock: uma parte feita de bonecos, outra de pesadelos.

Via a si mesmo com o uniforme azul da cadeia, na sala do diretor, enquanto o diretor lhe dizia que Laura morrera em um acidente de carro. Viu a expressão no próprio rosto: parecia um homem que havia sido abandonado pelo mundo. Foi doloroso ver aquilo, a nudez e o medo. Shadow se apressou, saiu da sala cinzenta do diretor do presídio e se viu diante da loja de consertos de videocassetes, na periferia de Eagle Point. Três anos antes. Sim.

Sabia que, dentro da loja, estava arrebentando a cara de Larry Powers e B.J. West, machucando os próprios punhos: pouco depois, sairia dali com uma sacola de papel cheia de notas de vinte dólares. Um dinheiro que nunca conseguiram provar que ele tinha levado. Sua parte do saque e um pouco mais, porque os dois não deveriam ter tentado passar a perna nele e em Laura. Shadow era só o motorista, mas tinha cumprido sua parte, feito tudo o que ela pedira...

No julgamento, ninguém mencionou o assalto ao banco — mas Shadow tinha certeza de que todo mundo queria levantar a questão. Não tinham como provar

nada, desde que ninguém mencionasse. E ninguém mencionou. O promotor acabou sendo obrigado a persistir na acusação de agressão física que Shadow infligira a Powers e West. Ele mostrou fotos dos dois homens quando chegaram ao hospital da cidade. Shadow mal se defendeu no tribunal; era mais fácil daquele jeito. Ao que parecia, nem Powers nem West se lembravam do motivo da briga, mas os dois admitiram que Shadow tinha sido o agressor.

Ninguém falou do dinheiro.

Ninguém sequer mencionou Laura, e isso era só o que Shadow queria.

Shadow se perguntou se o caminho das mentiras reconfortantes teria sido mais agradável. Afastou-se daquele lugar e seguiu por uma trilha de pedras até o que parecia um quarto de hospital, de um hospital público de Chicago, e sentiu a bile subir até a garganta. Parou. Não queria olhar. Não queria continuar andando.

No leito do hospital, a mãe estava morrendo de novo — como morrera quando Shadow tinha dezesseis anos —, e, sim, ali estava ele, um garoto de dezesseis anos grande e desajeitado, com espinhas na pele cor de café com leite, sentado ao lado da cama, incapaz de olhar para a mãe, lendo um livro barato e grosso. Shadow ficou curioso com o título do livro e contornou o leito para ver melhor. Parou entre a cama e a cadeira, e seus olhos se alternaram entre os dois, enquanto o garoto grandalhão, curvado na cadeira, mergulhava em *O arco-íris da gravidade*, tentando escapar da morte da mãe fugindo para a Londres da Blitz — e a loucura fictícia do livro não servia nem de fuga nem de desculpa.

Os olhos da mãe estavam fechados pela paz da morfina, e o que ela imaginara que fosse só mais uma crise de célula falciforme, mais uma onda de dor a ser suportada, acabara se revelando — tarde demais — um linfoma. Sua pele exibia uma tonalidade cinzenta meio amarelada. Tinha trinta e poucos anos, mas parecia muito mais velha.

Shadow queria sacudir aquele seu eu, o menino introvertido que tinha sido, fazê-lo segurar a mão da mãe, falar com ela, fazer *alguma coisa* antes que ela se fosse — pois sabia que iria. Mas não conseguia encostar em si mesmo, e o garoto continuou a ler. E sua mãe morreu enquanto ele lia um livro bem grosso na cadeira ao lado.

Depois disso, Shadow meio que perdeu o hábito de ler. Não dava para confiar na ficção. De que serviam os livros, se não ofereciam nenhuma proteção contra uma coisa daquelas?

Shadow saiu do quarto de hospital e desceu por um corredor em espiral, se embrenhando nas profundezas da terra.

Primeiro vê a mãe, e não consegue acreditar em como ela é nova — não deve ter mais de vinte e cinco anos. Ela ainda não havia adoecido. Eles estão no apartamento onde moravam, no norte da Europa, alugado pela embaixada — e

Shadow procura alguma pista, e ele é só um garotinho mirrado de grandes olhos cinzentos e cabelo escuro liso. Os dois estão discutindo. Mesmo sem ouvir as palavras, Shadow sabe qual é a discussão: afinal, era só sobre isso que brigavam.

— *Me conta sobre o meu pai.*

— *Ele morreu. Não faça perguntas.*

— *Mas quem ele era?*

— *Esqueça. Ele está morto e enterrado, e você não perdeu nada.*

— *Quero ver uma foto dele.*

— *Não tenho foto* — respondia ela, e a voz ficava baixa e brava, e Shadow sabia que, se continuasse perguntando, a mãe ia gritar, ou até bater nele. E sabia que não podia parar de perguntar. Ele se virou e avançou pelo túnel.

O caminho que seguiu dava voltas e mais voltas, lembrava couro de cobra e intestinos e raízes muito, muito profundas. Viu um lago à esquerda, ouviu o *ping, ping* de água caindo no lago, em algum ponto mais atrás no túnel, e a água mal perturbava a superfície. Shadow se ajoelhou e bebeu, levando água à boca com as mãos em concha. Então andou até se ver parado em meio aos pontos de luz flutuantes de um globo espelhado de discoteca. Era como estar exatamente no centro do universo, cercado por todas as estrelas e todos os planetas, e não ouvia nada — nenhuma música, nem conversas aos gritos por cima da música —, e olhava para uma mulher que parecia igual ao que sua mãe nunca tinha sido em todos os anos em que a conheceu, pouco mais do que uma criança...

E ela está dançando.

Shadow não ficou nem um pouco surpreso ao reconhecer o homem dançando com a mãe. O sujeito não tinha mudado muito em trinta e três anos.

A mãe está bêbada, Shadow notou logo de cara. Não muito, mas não está acostumada a beber, e dali a mais ou menos uma semana vai embarcar em um navio para a Noruega. Os dois beberam margaritas, e tem sal grudado nos lábios e nas costas da mão dela.

Wednesday não está de terno e gravata, mas o broche em forma de árvore prateada, preso acima do bolso da camisa, brilha quando capta o reflexo da luz do globo espelhado. Ele não dança mal, e os dois formam um casal bonito, considerando a diferença de idade. O deus se movimenta com uma graça lupina.

Uma dança lenta. Wednesday a puxa para si, e sua mão enorme recobre a parte de trás da saia da mãe em um gesto possessivo, trazendo-a para perto. A outra mão segura o queixo dela, levanta-o para mais próximo de seu rosto, e os dois se beijam ali mesmo, no salão, com as luzes do globo espelhado cercando os três no centro do universo.

Pouco depois, eles vão embora. A mãe, cambaleante, se recosta em Wednesday, que a conduz para fora do salão. Shadow tapa os olhos e não os

segue, incapaz — ou sem disposição — de testemunhar a própria concepção.

As luzes do globo espelhado tinham sumido, e a única iluminação vinha da lua minúscula que ardia nas alturas.

Shadow seguiu em frente. Quando o caminho fez uma curva, ele parou para recuperar o fôlego.

Então sentiu alguém acariciar suas costas, dedos delicados afagando o cabelo da nuca.

— Oi, querido — sussurrou em seu ombro uma voz feminina sensual.

— Oi — respondeu Shadow, virando-se para ela.

A mulher tinha cabelo castanho, pele morena e olhos dourados como o âmbar de um bom mel. Suas pupilas eram fendas verticais.

— Nós nos conhecemos? — perguntou Shadow, confuso.

— Intimamente — respondeu ela, com um sorriso. — Eu dormia na sua cama. E o meu povo tem ficado de olho em você por mim. — Ela se virou para o caminho à frente de Shadow e apontou para as três opções. — Muito bem. Um dos caminhos vai deixá-lo sábio. Outro vai fazê-lo completo. E outro, morto.

— Acho que já estou morto — disse Shadow. — Morri na árvore.

A mulher fez beicinho.

— Olha — começou ela —, dá para estar morto, e também dá para estar morto, e também dá para estar morto. É muita relatividade. — Ela sorriu outra vez. — Daria até para fazer uma piada, sabia? Um trocadilho com a idade relativa.

— Não. Não precisa.

— Então. Para que lado você quer ir?

— Não sei — admitiu Shadow.

A mulher inclinou a cabeça para o lado, um gesto perfeitamente felino. De repente, Shadow soube muito bem quem ela era e de onde a conhecia. Sentiu que corava.

— Bem, se você confiar em mim, posso escolher por você — sugeriu Bastet.

— Eu confio — respondeu ele, sem hesitar.

— Quer saber o que vai lhe custar?

— Já perdi meu nome.

— Nomes vêm e nomes vão. Valeu a pena?

— Sim. Talvez. Não foi fácil. Em matéria de revelações, foi meio pessoal.

— Todas as revelações são pessoais — retrucou ela. — É por isso que todas as revelações são suspeitas.

— Não entendo.

— Não, não entende. Vou pegar seu coração. Precisaremos dele mais tarde.

Bastet enfiou a mão bem fundo no peito dele e puxou uma coisa pulsante cor

de rubi. Tinha cor de sangue de pombo e era feito de pura luz. Presa entre as unhas afiadas, a coisa se expandia e se contraía de forma ritmada.

A deusa fechou a mão, e a coisa desapareceu.

— Vá pelo caminho do meio — orientou.

Shadow hesitou.

— Você está mesmo aqui? — perguntou.

A mulher inclinou a cabeça para o lado e o examinou com uma expressão séria, sem dizer absolutamente nada.

— O que você é? O que vocês são?

Bastet bocejou, exibindo uma perfeita língua rosa-escura.

— Pense em nós como uma espécie de símbolo. Somos o sonho que a humanidade cria para dar sentido às sombras na parede da caverna. Muito bem, agora vá em frente. Seu corpo já está esfriando. Os tolos estão se reunindo na montanha. O tempo não para.

Shadow assentiu e seguiu em frente.

O caminho estava começando a ficar escorregadio. Uma camada de gelo cobria a rocha. Shadow tropeçou e escorregou, descendo a trilha rochosa até o ponto onde ela se dividia, e seus dedos rasparam em um pedaço de pedra saliente. Avançou o mais lentamente possível. A lua no alto brilhava através dos cristais de gelo no ar, envolta por uma auréola, um arco-íris lunar que deixava a luz difusa. Era bonito, mas dificultava a caminhada. A trilha não parecia muito bem definida.

Chegou ao ponto onde o caminho se dividia.

Olhou para a primeira trilha com uma sensação de reconhecimento. O caminho se abria para uma câmara imensa, ou um conjunto de câmaras, como um museu escuro. Já conhecia aquele lugar. Já estivera lá, mas levou um tempo para se lembrar de onde ou quando. Ouvia longos ecos de vozes fracas. Ouvia o barulho que a poeira faz ao baixar.

Era o lugar com que tinha sonhado naquela primeira noite em que Laura fora visitá-lo no hotel, havia tanto tempo, o salão memorial infinito reservado aos deuses esquecidos e aos deuses cuja própria existência se perdera.

Shadow deu um passo para trás.

Foi até a trilha do outro lado e olhou para a frente. O corredor tinha um aspecto que lembrava a Disneylândia, ostentando paredes de acrílico preto com luzes neon embutidas. Os conjuntos de lâmpadas coloridas piscavam e reluziam sem nenhum motivo aparente, numa ilusão de ordem, como as luzes do painel de uma nave espacial na televisão.

Também ouvia um barulho vindo dali: uma vibração grave e profunda, que ele sentia bem na boca do estômago.

Shadow parou e olhou em volta. Nenhum dos dois caminhos parecia certo. Não mais. Não queria mais saber de caminhos. Sua trilha era a do meio, a que a mulher-gato mandara tomar. Shadow foi até lá.

A lua começava a sumir, as margens ficando rosadas e entrando em eclipse. A entrada da trilha era emoldurada por um portal imenso.

Não havia mais negociações a fazer, nenhum acordo. Só lhe restava entrar. Então Shadow cruzou o portal e adentrou a escuridão. O ar era quente e cheirava a poeira úmida, como uma rua depois da primeira chuva do verão.

Não estava com medo.

Não mais. O medo tinha morrido na árvore, junto com Shadow. Não restava mais medo, nem ódio, nem dor. Restava apenas a essência.

Ouvia, ao longe, o barulho fraco de alguma coisa grande entrando na água, e o barulho ecoava pela imensidão. Forçou os olhos, mas não conseguia ver nada. Estava escuro demais. Então uma luz singela cintilou, vindo da direção do barulho, e o mundo tomou forma: Shadow estava dentro de uma caverna e via, à frente, a superfície lisa e espelhada da água.

O barulho foi chegando mais perto, e a luz ficou mais forte, e Shadow esperou na margem. Pouco depois surgiu um barco baixo e achatado, com um lampião na proa elevada emitindo uma luz branca bruxuleante, refletida na água negra límpida mais abaixo. O barco era conduzido por uma figura alta, e o barulho que ele escutara era o som da vara sendo erguida e impulsionada para fazer o barco avançar pelas águas do lago subterrâneo.

— Olá! — gritou Shadow.

Viu-se de repente cercado pelo eco da própria voz: era como se um coral inteiro o recebesse e o chamasse, e todos os cantores tivessem a voz dele.

A pessoa que conduzia o barco não respondeu.

O condutor era alto e muito magro. Ele — se é que era ele — usava um manto branco sem enfeites, e a cabeça pálida que despontava acima do tecido era tão completamente inumana que Shadow teve certeza de que era uma máscara. Era uma cabeça de pássaro bem pequena sobre um pescoço comprido, com um bico curto e alto. Shadow tinha certeza de que já vira aquela figura fantasmagórica que parecia um pássaro. Vasculhou a memória e, decepcionado, percebeu que estava pensando na máquina na qual colocara uma moeda, na House on the Rock, na figura pálida meio oculta que lembrava um pássaro — a figura que deslizara por trás da cripta para buscar a alma do bêbado.

As gotas de água que pingavam da vara e da proa faziam barulhos que ecoavam pela caverna, e o barco, feito de juncos amarrados, fazia ondular a superfície lisa da água.

Shadow se aproximou da margem. O condutor se apoiou na vara e virou a

cabeça bem lentamente, até ficar de frente para ele.

— Olá — cumprimentou o condutor, sem mexer o bico longo. A voz era masculina e, como tudo o mais na vida de Shadow no além-mundo até então, familiar. — Suba a bordo. Receio que terá que molhar os pés, mas não há o que fazer quanto a isso. Estes barcos são antigos, e, se eu chegar mais perto, pode rasgar o fundo.

Shadow tirou os sapatos que não tinha reparado que estava usando e entrou na água. Batia na metade das panturrilhas e, passado o choque inicial da umidade, era surpreendentemente morna. Shadow foi até o barco, e o condutor estendeu a mão e o puxou para cima. O barco de juncos balançou um pouco e deixou entrar água pelas laterais baixas, mas por fim se estabilizou.

O condutor empurrou o barco para longe da margem. Shadow ficou olhando, sua calça gotejando.

— Eu conheço você — disse para a criatura na proa.

— De fato — respondeu o barqueiro. O lampião a óleo pendurado na frente do barco ardia com uma chama tremeluzente, e a fumaça fez Shadow tossir. — Você trabalhou para mim. Receio que tivemos que sepultar Lila Goodchild sem sua ajuda. — A voz era afetada e calculada.

A fumaça fez arder os olhos de Shadow. Ele passou a mão para limpar as lágrimas e, em meio à névoa, pensou ter visto um homem alto de terno e óculos de armação dourada. A fumaça se dissipou, e o barqueiro voltou a ser uma criatura semi-humana com cabeça de pássaro aquático.

— Senhor Íbis?

— É bomvê-lo, Shadow — disse a criatura, com a voz do sr. Íbis. — Você sabe o que é um *psicopompo*?

Shadow achou que conhecia a palavra, mas fazia muito tempo. Balançou a cabeça.

— É um sinônimo rebuscado de acompanhante — explicou o deus. — Todos nós temos muitas funções, muitas formas de existir. Quando penso em mim mesmo, eu me vejo como um erudito que leva uma vida pacata e compõe historietas e sonha com um passado que pode ou não jamais ter existido. E isso é verdade, de certa forma. Mas também sou, em uma de minhas atribuições, como muitos dos outros com quem você optou por se relacionar, um psicopompo. Acompanho os vivos até o mundo dos mortos.

— Achei que este fosse o mundo dos mortos.

— Não. Não exatamente. É mais um mundo preliminar.

O barco deslizou pela superfície espelhada do lago subterrâneo. A cabeça de pássaro da criatura na proa olhava para a frente. Então o sr. Íbis disse, sem mexer o bico:

— Vocês falam dos vivos e dos mortos como duas categorias mutuamente excludentes. Como se um rio não pudesse ser também uma estrada, ou uma canção não pudesse ser também uma cor.

— Mas não podem — retrucou Shadow. — Podem?

Do outro lado do lago, os ecos sussurraram suas palavras de volta.

— Você não pode esquecer — respondeu o sr. Íbis, com impaciência — que a vida e a morte são lados diferentes da mesma moeda. Como cara e coroa.

— E se eu tivesse uma moeda com duas caras?

— Você não tem. Essas só cabem aos tolos e aos deuses.

Aquilo causou um *frisson* em Shadow, bem naquele momento, enquanto cruzavam a água escura. Imaginou que via rostos de crianças olhando para ele com censura por baixo da superfície lisa da água: rostos encharcados e amaciados, os olhos cegos e enevoados. Nenhum vento naquela caverna subterrânea perturbava a superfície negra do lago.

— Então estou morto — comentou. Estava se acostumando com a ideia. — Ou estarei morto.

— Estamos a caminho do Salão dos Mortos. Solicitei que fosse eu o designado para conduzi-lo.

— Por quê?

— Sou um psicopompo. Gosto de você. Você era um bom funcionário. Por que não?

— Porque... — Shadow organizou os pensamentos. — Porque nunca acreditei em vocês. Porque não conheço muito de mitologia egípcia. Porque eu não esperava por isto. O que aconteceu com São Pedro e os portões de pérola?

A cabeça branca com bico comprido balançou de um lado a outro, muito séria.

— Não importa que você não acreditasse em nós. Nós ainda acreditávamos em você.

O barco tocou o fundo do lago. O sr. Íbis saiu pela lateral, entrando na água, e mandou Shadow fazer o mesmo. O sr. Íbis pegou uma corda da proa e lhe entregou o lampião. Tinha forma de meia-lua. Os dois andaram até a margem, e o sr. Íbis amarrou o barco em um aro de metal preso no solo rochoso. Depois pegou o lampião de volta e foi para a frente, andando a passos rápidos, mantendo a luz elevada, lançando sombras imensas no solo rochoso e nas grandes paredes de pedra.

— Está com medo? — perguntou o sr. Íbis.

— Não muito.

— Bem, tente cultivar emoções de espanto genuíno e terror espiritual enquanto avançamos. Esses são os sentimentos adequados para a presente situação.

Shadow não sentia medo. Estava interessado e apreensivo, mas não mais do que isso. Não tinha medo da escuridão inquieta, nem de estar morto, nem sequer da criatura com cabeça de cachorro e do tamanho de um silo de grãos que os observava enquanto se aproximavam. A criatura rosou, um som gutural, e Shadow sentiu um arrepio na nuca.

— Shadow. Esta é a hora do julgamento — anunciou a criatura.

Shadow olhou para o ser com cabeça de cão.

— Senhor Jacal?

Anúbis baixou as mãos, mãos imensas e escuras, pegou Shadow e o ergueu.

A cabeça de chacal o examinou com olhos atentos e luminosos, analisando-o com a mesma frieza com que o sr. Jacal examinara a menina morta na mesa. Shadow sabia que todos os seus defeitos, todas as suas falhas, todas as suas fraquezas estavam sendo retiradas e pesadas e medidas — que estava, de certa forma, sendo dissecado e cortado e provado.

Nem sempre nos lembramos dos atos que não nos concedem honras. Nós os justificamos, os cobrimos com belas mentiras ou com a densa poeira do esquecimento. Todos os atos dos quais Shadow não se orgulhava, tudo o que queria ter feito diferente ou deixado de fazer, despontaram em um turbilhão de culpa e remorso e vergonha, e ele não tinha onde se esconder. Estava nu, aberto como um cadáver em uma mesa, e o negro deus-chacal Anúbis o autopsiava, autuava, atormentava.

— Por favor — pediu Shadow. — Por favor, pare.

Mas o exame não parou. Cada mentira que ele contara, cada objeto que roubara, cada dor que infligira a outra pessoa, todos os pequenos crimes e minúsculos assassinatos do dia a dia, tudo e mais um pouco foi extraído e levado à luz pelas mãos do juiz dos mortos com cabeça de chacal.

Shadow começou a chorar em soluços dolorosos na palma da mão do deus negro. Era outra vez um garotinho, impotente e desamparado como sempre fora.

Então, sem aviso, acabou. Shadow arfava e soluçava, e seu nariz escorria livremente. Ainda se sentia desamparado, mas as mãos o colocaram com todo o cuidado, quase com carinho, de volta no chão rochoso.

— Quem traz o coração dele? — grunhiu Anúbis.

— Eu — ronronou uma voz de mulher.

Shadow olhou para cima. Bastet estava ali, ao lado da coisa que não era mais o sr. Íbis, e segurava o coração de Shadow na mão direita. O órgão iluminava o rosto felino com sua luz cor de rubi.

— Entregue-o a mim — pediu Tot, o deus com cabeça de íbis, e pegou o coração com as mãos que não eram humanas e deslizou para a frente.

Anúbis dispôs uma balança dourada diante do deus-pássaro.

— Então é aqui que descobrimos meu destino? — sussurrou Shadow para Bastet. — Céu? Inferno? Purgatório?

— Se a pena se equilibrar, você vai poder escolher seu próprio destino — respondeu ela.

— E se não se equilibrar?

A deusa deu de ombros, como se o assunto a deixasse incomodada.

— Se não — respondeu, por fim —, daremos seu coração e sua alma para Ammet, a Devoradora de Almas...

— Talvez — interveio Shadow. — Talvez eu consiga um final feliz.

— Não só não existem finais felizes — retrucou a deusa —, como tampouco existem finais.

Em um dos pratos da balança, com cuidado e reverência, Anúbis colocou uma pena.

O coração de Shadow foi depositado no outro prato. Algo se moveu nas sombras abaixo da balança, algo que Shadow não se sentiu à vontade para examinar muito atentamente.

A pena era pesada, mas o coração de Shadow também, e os pratos oscilaram de um jeito enervante.

Mas no fim se equilibraram, e a criatura nas sombras recuou, insatisfeita.

— Então pronto — anunciou Bastet, com um leve tom de pesar. — Só mais uma caveira para a pilha. Que pena. Eu tinha esperança de que você fosse fazer algum bem, tendo em vista a atual circunstância. É como assistir a um acidente de carro em câmera lenta e não ter poder algum para impedir.

— Você não vai estar lá?

Ela balançou a cabeça.

— Não gosto de lutar batalhas que os outros escolheram.

Fez-se silêncio na vastidão do salão da morte, e o silêncio ecoou na água e na escuridão.

— Então agora eu posso escolher para onde vou? — perguntou Shadow.

— Escolha — respondeu Tot. — Ou podemos escolher por você.

— Não. Tudo bem. A escolha é minha.

— Então? — rugiu Anúbis.

— Quero descansar — disse Shadow. — É isso o que eu quero. Não quero nada. Nem céu, nem inferno, nada. Só quero que acabe.

— Tem certeza? — perguntou Tot.

— Sim.

O sr. Jacal abriu a última porta para Shadow, e atrás dessa porta não havia nada. Nem escuridão. Nem esquecimento. Apenas nada.

Shadow aceitou aquele destino, completamente e sem hesitação, e passou pela

porta rumo ao nada com uma alegria estranha e feroz.

CAPÍTULO

DEZESSETE

*Tudo existe em grande escala
neste continente. Os rios são
imensos, o clima,
violentamente quente e frio, as
perspectivas, magníficas, o
trovão e os raios, tremendos.
As perturbações incidentes na
terra fazem tremer qualquer
constituição. Nossas próprias
falhas aqui, nossos desvios,
nossas perdas, nossas
desgraças, nossa ruína,
existem em grande escala.*

Lorde Carlisle, para George
Selwyn, 1778

O LUGAR MAIS importante do sudeste dos Estados Unidos é anunciado no telhado de centenas de celeiros na Geórgia, no Tennessee e até no Kentucky. Um motorista dirigindo por uma estrada sinuosa que segue pelo meio de uma floresta, passará por um celeiro vermelho deteriorado e verá o seguinte anúncio pintado nas telhas:

VISITE ROCK CITY
A OITAVA MARAVILHA DO MUNDO

E, pouco depois, no telhado de um estábulo decadente para vacas leiteiras, em letras de forma brancas, lerá:

VISITE ROCK CITY,
A MARAVILHA DO MUNDO, E VEJA SETE ESTADOS

Com isso, o motorista é levado a crer que Rock City certamente fica logo depois da próxima curva, e não a um dia de viagem, na montanha Lookout, logo

depois da fronteira do estado, na Geórgia, a sudoeste de Chattanooga, Tennessee.

A Lookout não é uma montanha muito grande. Parece mais um morro absurdamente alto e imponente, uma encosta marrom quando vista a distância, mas coberta pelo verde de árvores e casas vista de perto. Os chickamaugas, um ramo dos cheroquis, habitavam o lugar quando os homens brancos vieram; chamavam a montanha de Chattotonoogee, que foi traduzido como *a montanha que se ergue até certo ponto*.

Na década de 1830, a Lei de Remoção Indígena de Andrew Jackson expulsou milhares de nativos de suas terras — choctaws, chickamaugas, cheroquis e chickasaws —, e soldados americanos obrigaram todos os nativos que conseguiram capturar a percorrer quase dois mil quilômetros até os novos Territórios Indígenas, na região que viria a ser o Oklahoma, seguindo pela Trilha das Lágrimas: um alegre gesto de genocídio casual. Foram muitos os homens, mulheres e crianças que morreram na marcha. Quando um lado vence, ele vence, e ponto final.

Pois quem detivesse o controle da montanha Lookout controlava a terra, essa era a lenda. Afinal, era um local sagrado, e era um lugar elevado. Na Guerra Civil, a Guerra entre os Estados, uma batalha aconteceu ali: a Batalha acima das Nuvens, travada no primeiro dia, e as forças da União conseguiram o impossível e, depois, sem que ninguém ordenasse, atacaram e conquistaram os conjuntos montanhosos de Missionary. As tropas do general Grant ganharam o dia, e o Norte dominou a montanha Lookout, e o Norte dominou a guerra.

Sob a montanha Lookout há túneis e cavernas, algumas muito antigas. A maior parte está bloqueada, embora um empresário local tenha escavado uma cachoeira subterrânea que batizou de Ruby Falls, e é possível chegar lá por um elevador. O lugar costuma receber turistas, mas a grande estrela é o topo da montanha. Ali fica Rock City.

A primeira parada é um jardim ornamental em uma encosta: os visitantes percorrem um caminho em meio a rochas, por cima de rochas, entre rochas. Eles dão milho aos veados e atravessam uma ponte suspensa até um mirante, onde colocam moedinhos em binóculos e observam atentamente uma paisagem que, nos raros dias de sol completamente limpos, promete a vista panorâmica de sete estados. E, a partir daí, como se fosse uma passagem para um inferno estranho, a trilha leva os visitantes, milhões e milhões a cada ano, para dentro de cavernas, onde são recebidos por gravações de cantigas de roda e maquetes inspiradas em contos de fadas, com bonecos banhados por uma luz escura e sombria. Os turistas saem confusos, sem saber ao certo por que foram até ali, o que foi que viram, ou se o passeio foi agradável.

Eles chegaram à montanha Lookout vindos de todo o país. Não eram turistas. Foram de carro e de avião e de ônibus e de trem e a pé. Alguns foram voando — voaram baixo, e voaram apenas sob a escuridão da noite, mas, ainda assim, voaram. Vários percorreram os próprios caminhos subterrâneos. Muitos pegaram carona, acompanhando motoristas nervosos ou caminhoneiros. Os que tinham carro ou caminhão viam os que não tinham andando na beira da estrada ou em paradas de ônibus e restaurantes que surgiam no caminho e, reconhecendo-os pelo que eram, ofereciam carona.

Chegaram à base da montanha Lookout cansados e cobertos de poeira. Ao observarem a encosta arborizada, viam, ou imaginavam que viam, as trilhas, os jardins e os córregos de Rock City.

Começaram a chegar de manhã bem cedo. Uma segunda leva chegou ao anoitecer. E continuaram a chegar por vários dias.

Um caminhão de mudança velho despejou alguns *vilas* e *rusalkas* esgotados da viagem, com maquiagem borrada, meias-calças rasgadas e rostos que denunciavam o cansaço e a exaustão.

Em um aglomerado de árvores ao pé do morro, um *wampyr* idoso ofereceu um Marlboro para uma criatura símia enorme nua e coberta por um emaranhado de pelo laranja. Ela aceitou educadamente, e os dois fumaram em silêncio lado a lado.

Um Toyota Previa estacionou no acostamento, e sete homens e mulheres chineses saíram. Pareciam, acima de tudo, limpos e usavam o tipo de terno escuro que, em alguns países, é comum em autoridades de menor importância. Um deles trazia uma prancheta e conferia o inventário conforme o grupo tirava grandes bolsas de golfe do porta-malas: continham espadas ornamentadas com cabos em laca, e bastões esculpidos, e espelhos. As armas foram distribuídas, riscadas, registradas.

Um comediante famoso de antigamente, tido como morto nos anos 1920, saiu do carro enferrujado e começou a se despir: tinha pernas de cabra e um rabo curto e espetado.

Quatro mexicanos chegaram, sorridentes, e seus cabelos eram pretos e muito lustrosos: passavam entre si uma sacola de papel pardo, que escondia uma garrafa de cerveja com uma mistura amarga de chocolate em pó, álcool e sangue.

Um homem pequeno de barba escura com chapéu-coco preto empoeirado, *pelots* cacheados nas laterais da cabeça e um manto de orações com franjas esfarrapadas cruzou o descampado e foi até eles. O homem andava alguns metros à frente de seu companheiro, duas vezes mais alto e de pele cinza-claro

como argila polonesa de alta qualidade: a palavra gravada em sua testa significava *verdade*.

Eles continuaram vindo. Um táxi chegou, e vários *rakhasas*, os demônios do subcontinente indiano, saíram e ficaram parados, olhando em silêncio para as pessoas na base do morro, até encontrarem Mama-ji de olhos fechados, movendo os lábios em oração. Era a única ali que eles conheciam, mas, ainda assim, hesitaram ao se aproximar, lembrando-se de antigas batalhas. As mãos dela alisavam o colar de caveiras no pescoço. Sua pele morena aos poucos se tornou negra, um preto liso como azeviche, como obsidiana: os lábios se retrairam, e os dentes brancos compridos eram muito afiados. Ela abriu todos os olhos e chamou os *rakhasas* e os cumprimentou como faria com os próprios filhos.

As tempestades dos últimos dias, a norte e a leste, não haviam ajudado a amenizar a pressão e o desconforto que pairavam no ar. Meteorologistas da região tinham começado a alertar para focos de possíveis tornados, para áreas de alta pressão que não se dissipavam. Fazia calor durante o dia, mas as noites eram frias.

Eles se aglomeravam em grupos informais, reunidos às vezes por nacionalidade, por raça, por temperamento, até mesmo por espécie. Pareciam apreensivos. Pareciam cansados.

Alguns conversavam. Às vezes se ouviam risadas, mas eram contidas e esporádicas. Caixas de cerveja foram distribuídas.

Homens e mulheres da região vieram andando pelo mato, avançando em movimentos estranhos; quando falavam, suas vozes eram as do *loa* que os possuía. Um negro alto falava com a voz de Papa Legba, abridor de portões; o Barão Samedi, senhor da morte *voudon*, havia possuído o corpo de uma adolescente gótica de Chattanooga, talvez porque ela usasse uma cartola preta de seda, inclinada na cabeça em um ângulo debochado. A garota falava com a voz grave do barão, fumava um charuto enorme e comandava três Gédés, os *Loa* da morte. Os Gédés habitavam o corpo de três irmãos de meia-idade. Portavam espingardas e não paravam de contar piadas absurdamente sujas e das quais só eles achavam graça, soltando gargalhadas ruidosas e constantes.

Duas mulheres de idade indefinida dos chickamauga, de calça jeans manchada de óleo e casaco de couro surrado, circulavam de um lado para outro, observando as pessoas e os preparativos para a batalha. Às vezes, apontavam e riem; não pretendiam participar do conflito iminente.

A lua inchou e subiu no leste, a um dia da lua cheia. Parecia ter a metade do tamanho do céu em que se encaixava, um laranja avermelhado intenso, logo acima das colinas. Conforme cruzava o céu, pareceu encolher e perder a cor, até pairar nas alturas como uma lanterna.

Eles eram muitos, esperando ao luar, na base da montanha Lookout.

Laura estava com sede.

Às vezes, os vivos reluziam em sua mente com a serenidade de uma vela, e às vezes ardiam como tochas. Quando isso acontecia, era fácil evitá-los e, de vez em quando, de encontrá-los. Lá naquela árvore, Shadow havia brilhado com uma luz própria muito estranha.

Ela o criticara por não estar vivo naquela vez, no dia em que tinham caminhado de mãos dadas. Tinha esperança de, talvez, ver uma fagulha de emoção pura, algo que indicasse que o homem com quem se casara era um homem de verdade, alguém vivo. E não vira absolutamente nada.

Laura se lembrava de andar ao lado dele e desejar que Shadow conseguisse entender o que estava tentando dizer.

Agora, morrendo na árvore, Shadow estava completamente vivo. Ela vira a vida se esvair do corpo, e ele parecera nítido e real. E pedira para ela lhe fazer companhia, para passar a noite inteira ali. Ele a perdoara... talvez a tivesse perdoado. Não importava. Shadow havia mudado; era a única certeza de Laura.

Shadow lhe dissera para ir à casa, lá as velhas lhe dariam água. O lugar estava completamente às escuras, e ela não sentia a presença de ninguém por perto. Mas Shadow lhe dissera que ali cuidariam dela. Então Laura abriu a porta, em meio às queixas das dobradiças enferrujadas.

Algo se mexeu dentro de seu pulmão esquerdo, algo que fazia pressão, e se retorcia, provocava tosse.

Laura se viu em um corredor estreito, quase bloqueado por um piano vertical empoeirado. A casa cheirava a umidade antiga. Ela se espremeu para passar, abriu outra porta e entrou numa sala de estar decadente, mobiliada com peças caindo aos pedaços. Uma lamparina a óleo ardia em cima da lareira, onde carvões em brasa queimavam, embora do lado de fora não houvesse nem cheiro de fumaça. A lareira não ajudava a afastar o frio que Laura estava sentindo, ainda que ela suspeitasse de que muito provavelmente a culpa não fosse da sala.

A morte machucava, mas a dor era resultado sobretudo das ausências, coisas que não estavam lá: uma sede intensa que esgotava cada célula de seu corpo, um frio nos ossos que nenhum calor era capaz de bloquear. Às vezes, ela se perguntava se conseguiria se aquecer no crepitante revigorante das chamas de uma pira, ou envolta pelo cobertor marrom macio da terra; ou se o mar frio aplacaria sua sede...

Percebeu que não estava sozinha.

Havia três mulheres sentadas num sofá velho, como se fizessem parte de uma exposição de arte peculiar. O estofado do sofá era de veludo desgastado, um marrom desbotado que, talvez, cem anos antes, tivesse sido um amarelo-canário forte. As mulheres usavam saias e suéteres idênticos, todos cor de neblina. Seus olhos eram fundos como covas, e a pele, branca como osso limpo. A que estava sentada na ponta esquerda do sofá era gigante, ou quase; a da direita era pouco maior do que uma anã; e, entre elas, ficava uma mulher que Laura tinha certeza de que devia ser da sua altura. As três a observaram em silêncio quando ela entrou na sala.

Não sabia que as mulheres estariam lá.

Algo se mexeu e caiu de sua cavidade nasal. Laura tirou um lenço da manga e assoou o nariz. Amassou o lenço e o jogou nas chamas, vendo-o se contorcer e escurecer e se transformar em renda laranja. Viu as larvas se retorcerem, tostarem e queimarem.

Então se virou para as mulheres no sofá. As três não haviam se mexido desde que Laura entrara, nenhum músculo, nenhum fio de cabelo. Ficaram olhando para ela.

— Oi. Esta fazenda é de vocês? — perguntou.

A maior das mulheres confirmou com a cabeça. Suas mãos eram muito vermelhas, e sua expressão era impassível.

— Shadow... é o homem pendurado na árvore. Ele é meu marido. Ele me falou para vir avisar que é para que vocês me darem água.

Algo grande se deslocou entre suas tripas. A coisa se remexeu e parou.

A menor das mulheres assentiu. Ela se levantou num pulo — seus pés não alcançavam o chão — e saiu às pressas.

Laura ouviu portas se abrindo e se fechando pela casa. Depois, escutou uma série de rangidos altos vindo do lado de fora. Cada rangido foi acompanhado de um barulho de água.

Pouco depois, a pequena mulher voltou. Ela trazia um jarro de barro marrom com água. Colocou-o cuidadosamente na mesa e voltou para o sofá. Escalou o assento, balançando as pernas, e voltou a se sentar ao lado das irmãs.

— Obrigada.

Laura foi até a mesa e procurou um copo ou uma caneca, mas não encontrou. Pegou o jarro. Era mais pesado do que parecia. A água no interior era completamente cristalina.

Levou o jarro à boca e começou a beber.

A água estava mais fria do que ela imaginara que seria possível. Sentiu a língua, os dentes e a goela congelarem. Ainda assim, bebeu, incapaz de parar, sentindo a água congelar tudo até o estômago, os intestinos, o coração, as veias.

A água fluiu para dentro dela. Era como beber gelo líquido.

Laura percebeu que o jarro estava vazio e, surpresa, colocou-o de volta na mesa.

As mulheres a observavam friamente. Desde que havia morrido, Laura não usara mais metáforas: as coisas eram ou não eram. Mas, agora, ao ver as mulheres no sofá, pensou em jurados de um programa qualquer, em cientistas observando um animal de laboratório.

Laura tremeu, uma sacudida súbita e convulsiva. Tentou apoiar a mão na mesa para se equilibrar, mas o móvel, deslizando e se retraiendo, quase se esquivou. Assim que pôs a mão na mesa, começou a vomitar. Despejou bílis e formol, centopeias e larvas. E sentiu que começava a se esvaziar, e a urinar: seu corpo expelia violentamente coisas líquidas. Laura teria gritado se pudesse; mas o piso poeirento de madeira subiu até ela tão rápido e com tanta força que, se ela respirasse, teria perdido o fôlego.

O tempo avançou para cima e para dentro dela, rodopiando como um tornado de areia. Milhares de lembranças começaram a surgir ao mesmo tempo: estava molhada e fétida no chão da casa; e estava perdida em uma loja de departamento na semana anterior ao Natal, e o pai tinha sumido; e agora estava sentada no bar do Chi-Chi's, pedindo um daiquiri de morango e encarando o sujeito a sua frente, aquele cara grande e sério, e tentando adivinhar se ele beijava bem; e estava dentro do carro enquanto ele girava e se balançava em movimentos doentios, e Robbie gritava, até a placa de metal finalmente fazer o carro parar, mas não o que estava em seu interior...

As águas do tempo, que vêm da fonte do destino, do Poço de Urd, não são as águas da vida. Não exatamente. Mas abastecem as raízes da Árvore do Mundo. E não existe água como aquela.

Quando acordou na sala vazia da casa, Laura tremia, e sua respiração chegava a condensar no ar da manhã. Havia um arranhão nas costas de sua mão, e o arranhão tinha uma mancha — era algo úmido, avermelhado como sangue fresco.

E ela soube para onde tinha que ir. Tinha bebido das águas do tempo, que vêm da fonte do destino. Via a montanha em sua mente. Lambeu o sangue da mão, maravilhou-se com o brilho da saliva e começou a andar.

Era um dia úmido de março, e fazia um frio incomum para a época, e as tempestades dos últimos dias tinham se abatido sobre os estados sulistas, o que significava que havia pouquíssimos turistas de verdade em Rock City, na

montanha Lookout. As luzes natalinas haviam sido retiradas, e os visitantes do verão ainda não tinham começado a chegar.

Mesmo assim, havia bastante gente ali. Até um ônibus fretado chegara naquela manhã, despachando uma dúzia de homens e mulheres com bronzeados perfeitos e sorrisos luminosos e confiantes. Eles poderiam muito bem ser âncoras de jornal, e quase dava para imaginá-los com um aspecto pixelado: pareciam ficar ligeiramente borrados ao se moverem. Um veículo militar preto estava parado no estacionamento perto de Rocky, o gnomo animatrônico.

O pessoal da tevê andou alegremente por Rock City, e pararam para conversar, sempre num tom agradável e tranquilo, perto da grande pedra equilibrada em duas outras pedras.

Mas eles não eram os únicos visitantes. Alguém que percorresse as trilhas da montanha naquele dia talvez reparasse em pessoas que pareciam celebridades de cinema, e pessoas que pareciam alienígenas, e algumas pessoas que mais pareciam o conceito do que é uma pessoa, mas que nada tinham a ver com a realidade. Talvez alguém tivesse visto aqueles visitantes, mas o mais provável é que não tenha reparado em nada.

Eles foram a Rock City em limusines grandes e carros esportivos pequenos e utilitários exagerados. Muitos usavam óculos escuros típicos de quem está acostumado a usar óculos escuros tanto em ambientes abertos quanto em fechados e não tem vontade nem motivo para retirá-los. Havia bronzeados e ternos e óculos de sol e sorrisos e caretas. Havia opções de todos os tamanhos e formatos, de todas as idades e estilos.

E todos tinham em comum um olhar, um olhar muito específico, um olhar que dizia: *Você me conhece*; ou, talvez, *Você devia me conhecer*. Havia uma familiaridade imediata que, ao mesmo tempo, era uma distância, uma opinião ou uma postura — a confiança de que o mundo só existia para eles, e eles eram bem-vindos, e eram adorados.

O garoto gordo avançou em meio a todos eles com o andar despojado de quem, apesar da completa falta de traquejo social, havia atingido um sucesso inimaginável. Seu casaco preto se agitava ao vento.

Algo parado ao lado da barraca de refrigerantes no Pátio Mamãe Ganso tossiu para chamar a atenção dele. Era imenso, e o rosto e os dedos estavam cobertos de lâminas de bisturi. O rosto era canceroso.

— Será uma grande batalha — disse a coisa, com uma voz pegajosa.

— Não vai ser batalha nenhuma — retrucou o garoto gordo. — Isso aqui é tudo só uma mudança de paradigma. É uma reestruturação. Essa porrada de *batalha* é Lao Tzu demais.

A coisa cancerosa piscou.

— Esperando.

E foi essa a resposta.

— Dane-se — retorquiu o garoto gordo. — Estou atrás do senhor World. Você o viu por aí?

A coisa se coçou com uma lâmina de bisturi e, concentrada, projetou um lábio inferior tumoroso para a frente e assentiu.

— Ali.

Sem agradecer, o garoto gordo seguiu a direção indicada. Sem falar nada, a coisa cancerosa esperou até o garoto sumir de vista.

— *Vai ser* uma batalha — declarou, para uma mulher cujo rosto estava manchado de pixels.

Ela fez que sim e se aproximou da coisa.

— E como você se *sente* em relação a isso? — perguntou, com uma voz afetuosa.

A coisa piscou e começou a responder.

O Ford Explorer de Town tinha GPS, uma caixinha prateada que ouvia os satélites e cochichava para o carro a localização, mas ainda assim ele se perdeu ao chegar ao sul de Blacksburg, enveredando por caminhos que pareciam ter pouca relação com o emaranhado de linhas no mapa da tela. Depois de um tempo, parou em uma estradinha de terra, abaixou o vidro e perguntou para uma mulher branca e gorda que estava sendo puxada por um cachorro no passeio matinal como chegar à fazenda Freixo.

A mulher balançou a cabeça, apontou e falou algo. Town não entendeu o que ela disse, mas agradeceu com um muito obrigado, subiu o vidro e seguiu mais ou menos na direção que ela havia indicado.

Town continuou dirigindo por mais quarenta minutos, indo de estrada em estrada, cada uma mais promissora do que a outra, nenhuma delas levando ao fim desejado. Ele começou a morder o lábio, irritado.

— Estou velho demais para esta merda — resmungou em voz alta, saboreando o ar de celebreidade fatigada daquele bordão.

Estava com quase cinquenta anos. Tinha passado a maior parte da vida profissional em um ramo do governo que só era identificado pela sigla, e a saída do funcionalismo público uns doze anos antes para arrumar um emprego no setor privado ainda lhe causava dúvidas: tinha dias em que pensava de um jeito, e tinha dias em que pensava de outro. Enfim, só quem estava de fora achava que havia alguma diferença.

Estava prestes a desistir de achar a fazenda quando subiu uma ladeira e viu a placa pintada à mão presa à porteira. Dizia apenas, como lhe avisaram, FREIXO. Estacionou o Ford Explorer, saiu e torceu o arame que mantinha a porteira fechada. Voltou para dentro do carro e seguiu em frente.

Era como cozinar um sapo. Só depois de colocar o sapo dentro da água é que se acende o fogo. E, quando o sapo se dá conta de que tem algo errado, já cozinhou. O mundo em que ele trabalhava era estranho demais. Não havia chão firme sob seus pés; a água na panela borbulhava loucamente.

Quando foi transferido para a Agência, tudo parecia muito simples. Agora era tudo muito... não complexo; só bizarro. Tinha se sentado na sala do sr. World às duas da madrugada e recebido suas ordens.

— Entendeu? — disse o sr. World, entregando-lhe a faca com a bainha de couro escuro. — Corte um pedaço da árvore para mim. Não precisa ser muito grande, no máximo um metro.

— Positivo — respondeu ele. — Por que eu preciso fazer isso, senhor?

— Porque eu estou mandando — rebateu o sr. World. — Encontre a árvore. Faça o serviço. Venha me encontrar em Chattanooga. Não perca tempo.

— E o babaca?

— Shadow? Se o vir, ignore-o. Não encoste nele. Nem faça qualquer gracinha. Não quero que você o transforme num mártir. Nossa plano de jogo não tem lugar para mártires.

E ele sorriu aquele sorriso de cicatriz. O sr. World se divertia com facilidade. O sr. Town já havia percebido isso em algumas ocasiões. Ele se divertira bancando o chofer no Kansas, afinal de contas.

— Olhe...

— Nada de mártires, Town.

E Town assentira, levara a faca embainhada, e enterrara bem fundo a raiva acumulada dentro de si.

O ódio do sr. Town por Shadow tinha se tornado parte dele. Quando dormia, via o rosto solene de Shadow, via aquele sorriso que não era um sorriso, o jeito como Shadow sorria sem sorrir que fazia Town ter vontade de enfiar o punho na barriga dele, e mesmo dormindo sentia a mandíbula tensa, as têmporas palpitem, a garganta arder.

Atravessou o mato com o Ford Explorer e passou por uma casa abandonada. Passou por uma vala, e então viu a árvore. Estacionou um pouco depois e desligou o motor. O relógio no painel indicava 6h38. Deixou a chave na ignição e foi até a árvore.

Era uma árvore grande; parecia existir em uma escala própria. Town não sabia dizer se tinha quinze metros de altura ou sessenta. O tronco era cinza como um

cachecol de seda fina.

Um pouco acima do chão, havia um homem amarrado ao tronco por uma trama de cordas, e, ao pé da árvore, Town viu algo embrulhado num lençol. Ele se deu conta do que era ao chegar mais perto. Afastou o lençol com o pé. O rosto parcialmente arruinado de Wednesday o encarou. Imaginou que o corpo estaria cheio de larvas e moscas, mas não havia nenhum inseto ali. Nem sequer cheirava mal. Parecia idêntico ao corpo que ele levara ao hotel.

Town contornou o tronco grosso, escondendo-se dos olhos cegos da casa, e abriu o zíper da calça para mijar na árvore. Fechou o zíper. Foi até a casa, achou uma escada extensível de madeira e voltou. Ele a apoiou cuidadosamente no tronco e subiu.

Shadow estava inerte, pendurado pelas cordas que o prendiam à árvore. Town se perguntou se o homem ainda estava vivo: seu peito não subia nem descia. Morto ou quase, não fazia diferença.

— Oi, babaca — disse Town em voz alta.

Shadow não se mexeu.

Town chegou ao último degrau e pegou a faca. Viu um galho pequeno que parecia atender aos requisitos do sr. World e se pôs a mutilá-lo, cortando-o pela metade e por fim quebrando-o com a mão. Tinha uns setenta centímetros de comprimento.

Guardou a faca na bainha e começou a descer a escada. Quando passou por Shadow, parou.

— Meu deus, como eu odeio você.

Sua vontade era pegar a arma e dar um tiro no homem a sua frente, mas sabia que não podia. Então agitou o galho no ar na direção de Shadow, como se estivesse esfaqueando o sujeito amarrado. Era um gesto instintivo, continha toda a frustração e a fúria de Town. Imaginou que estava brandindo uma lança e cravando-a na barriga de Shadow.

— Vamos lá — disse ele em voz alta. — Hora de ir embora.

Pensou: *Primeiro sinal de loucura. Falar sozinho.* Desceu mais alguns degraus e pulou para o chão. Olhou para o pedaço de galho e se sentiu um menininho, sacudindo aquilo como se fosse uma espada ou uma lança. *Eu podia ter cortado um galho de qualquer árvore,* pensou. *Não precisava ter sido esta. Quem é que ia saber?*

E então: *O senhor World saberia.*

Levou a escada de volta para a casa. Achou ter visto algo se mexer e foi espiar pela janela, examinando a sala escura cheia de móveis quebrados, com o reboco das paredes caindo, e, por um instante, num semidevaneio, imaginou ter visto três mulheres sentadas na saleta escura.

Uma delas tricotava. Uma o encarava. Uma parecia dormir. A mulher que o encarava começou a sorrir, um sorriso enorme que parecia rasgar o rosto inteiro, um sorriso que ia de orelha a orelha. Depois, levou um dedo até o pescoço e o deslizou delicadamente de um lado para o outro.

Isso foi o que ele achou ter visto, num piscar de olhos, naquela sala vazia. Ao dar mais uma olhada, viu que ela continha apenas móveis velhos, dejetos de moscas e podridão. Não havia ninguém ali dentro.

Ele esfregou os olhos.

Voltou para o Ford Explorer marrom e entrou no carro. Largou o galho em cima do couro branco do banco do carona. Virou a chave na ignição. O relógio do painel indicou 6h37. Town franziu a testa e olhou o relógio no pulso, que piscou com 13h58.

Ótimo, pensou. *Ou eu passei oito horas naquela árvore, ou menos de um minuto.* Isso foi o que ele pensou, mas concluiu que a explicação mais óvia era que, coincidentemente, os dois relógios tinham começado a dar problema.

Na árvore, o corpo de Shadow começou a sangrar. O sangue fluía lentamente de uma ferida na lateral do corpo, e era espesso e escuro como melado.

Ele não se mexia. Se estava dormindo, não acordou.

O topo da montanha Lookout estava coberto de nuvens.

Easter estava sentada a alguma distância da multidão, na base da montanha, observando o amanhecer nas colinas a leste. Tinha uma coroa de não-mesqueças tatuada em volta do pulso esquerdo, que massageava com o polegar direito, distraída.

Mais uma noite passara e chegara ao fim, e nada acontecera. As pessoas continuavam aparecendo, sozinhas ou aos pares. Na noite anterior haviam chegado algumas criaturas do sudoeste, incluindo dois meninos do tamanho de uma macieira e algo que ela vira só de relance, mas que parecia uma cabeça sem corpo do tamanho de um Fusca. Eles tinham sumido entre as árvores ao pé da montanha.

Ninguém os incomodou. Parecia que ninguém do mundo exterior sequer se dava conta de que estavam ali: Easter imaginou os turistas em Rock City olhando para eles pelos binóculos, observando o acampamento esvaziado de coisas e pessoas, enxergando apenas árvores e arbustos e pedras.

Sentia o cheiro da fumaça de uma fogueira, um cheiro de bacon torrado conduzido pelo vento frio da aurora. Alguém na outra ponta do acampamento começou a tocar uma gaita, e ela, sem querer, começou a sorrir e a tremer. Trazia

um livro na mochila e esperou o céu ficar claro o bastante para poder ler.

Havia dois pontos no céu, logo abaixo das nuvens: um pequeno e um maior. Sentiu no rosto respingos de chuva.

Uma menina descalça saiu do acampamento e foi em sua direção. Parou ao lado de uma árvore, levantou a saia e se agachou. Depois que ela terminou, Easter acenou. A menina foi até ela.

— Bom dia, senhora — cumprimentou a menina. — A batalha vai começar daqui a pouco.

A ponta de sua língua rosada tocou os lábios escarlate. A garota tinha uma asa preta de corvo amarrada aos ombros por uma tira de couro e um pé de corvo pendurado em uma corrente no pescoço. Seus braços exibiam tatuagens azuis de linhas e desenhos e nós complexos.

— Como você sabe?

A menina sorriu.

— Eu sou Macha, de Morrigan. Quando a guerra se aproxima, eu sinto no ar. Sou uma deusa da guerra e estou dizendo: hoje, sangue será derramado.

— Ah — respondeu Easter. — Bom. Fazer o quê?

Observou o ponto menor no céu descer na direção delas, caindo feito pedra.

— E nós os enfrentaremos, e os mataremos, todos eles — disse a menina. — E faremos de suas cabeças nossos troféus, e os corvos reivindicarão seus olhos e seus cadáveres.

O ponto tinha se transformado em um pássaro, e suas asas abertas navegavam os ventos fortes da manhã acima delas.

Easter inclinou a cabeça para o lado.

— Isso é um saber oculto de deusas da guerra? Essa coisa de “quem vai ganhar”? Quem fica com a cabeça de quem?

— Não — respondeu a menina. — Eu sinto o cheiro da batalha, mas é só. Nós vamos ganhar. Não vamos? Temos que ganhar. Eu vi o que eles fizeram com o Pai de Todos. Somos nós ou eles.

— É — concordou Easter. — Acho que sim.

A menina sorriu de novo, à meia-luz, e voltou para o acampamento. Easter abaixou a mão e tocou em um broto verde, que se projetou da terra como um canivete. Tocou novamente na planta, que cresceu e se abriu e se torceu e se transformou, e na mão da deusa agora repousava uma tulipa verde. Quando o sol subisse, a flor desabrocharia.

Easter olhou para o gavião.

— Posso ajudar? — perguntou a ele.

O gavião voou em círculos a uns quatro metros de altura e começou a descer lentamente, pousando no chão e encarando a mulher com olhos ensandecidos.

— Oi, gracinha — cumprimentou a deusa. — Como é que você é de verdade, hein?

O gavião deu um pulo na direção dela, inseguro, e não era mais um gavião, e sim um rapaz. Ele a encarou olhando para a grama em seguida.

— Você? — indagou ele.

O rapaz dirigia o olhar para todos os lados, a grama, o céu, os arbustos. Menos para ela.

— Eu — respondeu Easter. — O que tem eu?

— Você.

O rapaz parou. Parecia estar tentando organizar os pensamentos; expressões estranhas cruzaram e dançaram por seu rosto. *Passou tempo demais como pássaro*, pensou Easter. *Já esqueceu como ser um homem*. Esperou pacientemente.

— Vem comigo? — perguntou ele, enfim.

— Talvez. Aonde você quer que eu vá?

— O homem na árvore. Ele precisa de você. Uma ferida fantasma, no lado. O sangue veio, e parou. Acho que ele morreu.

— Estamos em guerra. Não posso sair assim.

O homem pelado não disse nada, só ficou se mexendo, como se não soubesse lidar com o peso do corpo, como se estivesse acostumado a descansar no ar ou em um galho balançando ao vento, e não na terra sólida e fixa.

— Se ele se for para sempre — explicou —, tudo acaba.

— Mas a batalha...

— Se ele se perder, não importa quem ganhar.

O rapaz parecia precisar de um cobertor e de um copo de café bem doce e de alguém que o levasse para algum lugar onde pudesse tremer e tagarelar até se acalmar. Ele esticou os braços e os manteve colados ao lado do corpo.

— Onde fica isso? É aqui perto?

Ele olhou para a tulipa e balançou a cabeça.

— Muito longe.

— Bem, precisam de mim aqui. Não posso ir embora do nada. Como você espera que eu chegue lá? Não sei se você sabe, mas eu não posso voar que nem você.

— Não — retrucou Hórus. — Você não pode. — E ele olhou para cima, muito sério, e apontou para o outro ponto que voava acima deles, e que descia das nuvens escuras, cada vez mais perto, cada vez maior. — *Ele* pode.

Mais algumas horas dirigindo à toa, e Town agora odiava o GPS quase tanto quanto odiava Shadow. Mas não era um ódio passional. Tinha achado difícil chegar à fazenda, encontrar o grande freixo prateado; *sair* da fazenda era muito mais difícil. Ao que parecia, não fazia diferença que estrada pegava ou que direção seguia naquelas vias estreitas, estradas vicinais que dão voltas e mais voltas e que tinha certeza de que haviam começado como trilhas de veados e gado: Town sempre acabava passando pela fazenda de novo, e pela placa FREIXO pintada à mão.

Era maluquice, não? Só precisava refazer o caminho, virar à esquerda a cada direita que tinha tomado para chegar lá, virar à direita a cada esquerda.

Só que tinha feito isso da última vez, e agora estava ali, de volta à fazenda. Nuvens pesadas se aproximavam, trazendo a tempestade, o dia ficando cada vez mais escuro — parecia noite, não manhã, e ainda tinha muito chão pela frente: naquele ritmo, nunca chegaria a Chattanooga no horário combinado.

O celular exibia uma mensagem de *Sem sinal*, e só. O mapa no porta-luvas mostrava as estradas principais, todas as interestaduais e as rodovias de verdade, mas, para ele, nada daquilo existia.

E não havia ninguém por perto para quem pudesse pedir informações. As casas ficavam longe das estradas, e ele não via nenhuma luz acolhedora. E o indicador de combustível estava chegando perto do zero. Town ouviu o rumor de um trovão distante, e uma gota solitária de chuva bateu com força no para-brisa.

Então, quando Town viu a mulher andando pelo acostamento, mesmo sem perceber, abriu um sorriso.

— Graças a Deus — disse em voz alta. Parou ao lado dela e abaixou o vidro da janela do carona. — Senhora? Com licença. Estou meio perdido. Você poderia me dizer como eu faço para chegar à Rodovia 81?

A mulher o encarou.

— Poxa — respondeu —, acho que não sei explicar. Mas posso mostrar, se você quiser.

Ela era bem pálida, e seu cabelo molhado era comprido e escuro.

— Entre — disse Town, sem um pingo de desconfiança. — Antes de mais nada, preciso achar um posto para abastecer.

— Obrigada. Eu precisava de uma carona. — Ela entrou. Seus olhos eram de um azul impressionante. — Tem um galho aqui no banco — comentou, confusa.

— Pode jogar lá atrás. Para onde você vai? — perguntou Town. — Olha, se você puder me levar até um posto de gasolina e até uma rodovia, deixo você em sua casa.

— Obrigada, mas acho que fico depois de você. Se puder me deixar na rodovia, já está bom. Talvez eu consiga uma carona com um caminhoneiro.

E ela sorriu, um sorriso torto e determinado. E foi o sorriso que selou o destino do homem.

— Senhora, minha carona vai ser muito melhor do que a de qualquer caminhoneiro.

— Estou indo para a Geórgia. É longe.

— Eu vou para Chattanooga. Levo você até onde der.

— Hum. Qual é o seu nome?

— As pessoas me chamam de Mack — respondeu o sr. Town. Quando falava com mulheres nos bares, às vezes completava essa apresentação com “E as que me conhecem muito bem me chamam de Big Mack”. Dessa vez, podia deixar a piada para depois. Ele e a mulher no carona ainda teriam muitas horas de viagem para se conhecer. — E o seu?

— Laura.

— Bem, Laura, acho que vamos ser grandes amigos.

O garoto gordo encontrou o sr. World na Sala Arco-Íris — uma área da trilha fechada com janelas cobertas de filmes transparentes de plástico verde, vermelho e amarelo. O sr. World andava impaciente de janela em janela, olhando para fora, alternando-se entre um mundo dourado, um mundo vermelho, um mundo verde. Seu cabelo era ruivo alaranjado e cortado bem rente. Ele usava um sobretudo da Burberry.

O garoto gordo tossiu de leve. O outro homem levantou o rosto.

— Com licença? Senhor World?

— Pois não? Tudo de acordo com a programação?

O garoto gordo estava com a boca seca. Ele umedeceu os lábios.

— Já organizei tudo. Ainda não recebi a confirmação dos helicópteros.

— Eles estarão aqui quando precisarmos.

— Ótimo — respondeu o garoto gordo. — Ótimo.

Ele ficou ali parado, sem falar nada, sem ir embora. Tinha um hematoma na testa.

Depois de algum tempo, o sr. World perguntou:

— Posso ajudar com algo mais?

Uma pausa. O garoto engoliu em seco e assentiu.

— Algo mais. Sim.

— Você ficaria mais à vontade se tratássemos disso em particular?

O menino assentiu de novo.

O sr. World foi com o garoto até seu centro de operações: uma caverna úmida

com uma maquete de alambique onde bonecos de duendes bêbados destilavam bebida. Uma placa do lado de fora anunciava reformas e impedia o acesso a turistas. Os dois se sentaram em cadeiras de plástico.

— O que eu posso fazer por você? — perguntou o sr. World.

— É. Tudo bem. Certo, duas coisas, certo. Um. O que a gente está esperando? E dois. A dois é mais difícil. Olha só. Nós temos as armas. Certo. Nós temos o poder de fogo. Eles têm umas porras de espada e facas e umas porras de martelos e machadinhas. E, tipo, chaves de roda. Nós temos bombas *inteligentes*.

— Que não vamos usar — comentou o outro.

— Eu sei. Você já falou isso. Eu sei. E beleza. Mas. Olha, desde que eu fiz aquele serviço naquela puta de Los Angeles eu me sinto... — Ele parou, fez uma careta, parecia não querer continuar.

— Você se sente em conflito?

— É. Boa palavra. *Conflito*. É. Como um abrigo para adolescentes em conflito com a lei. Engraçado. É.

— E com o que exatamente você se sente em conflito?

— Bom, nós lutamos, nós vencemos.

— E essa é a origem do conflito? Isso para mim é motivo de triunfo e felicidade.

— Mas. Eles vão desaparecer de qualquer jeito. São pombos-passageiros e tigres-da-tasmânia. Né? Quem se importa? Assim, vai ser um banho de sangue. Se só esperarmos, vamos ficar com tudo.

— Ah.

O sr. World assentiu.

Ele estava acompanhando. Que bom.

— Olha — disse o garoto gordo —, eu não sou o único que acha isso. Já falei com o pessoal da Radio Modern, e eles todos preferem resolver a situação de forma pacífica; e os Intangíveis praticamente querem deixar que as forças do mercado decidam. Eu estou sendo. Sabe. A voz da razão aqui.

— É verdade. Infelizmente, há informações que você ignora.

O sorriso que ele abriu era retorcido com a cicatriz.

O menino piscou.

— Senhor World? — perguntou. — O que aconteceu com os seus lábios?

World deu um suspiro.

— A verdade — respondeu ele — é que alguém os costurou. Muito tempo atrás.

— Uau. Parada sinistra de *omertà*.

— Sim. Você quer saber o que estamos esperando? Por que não atacamos ontem à noite?

O garoto gordo fez que sim. Suava frio.

— Não atacamos ainda porque eu estou esperando um galho.

— Um galho?

— Isso mesmo. Um galho. E você sabe o que vou fazer com esse galho?

A cabeça gorda balançou.

— Tudo bem. Eu pergunto. O quê?

— Eu poderia falar — respondeu o sr. World, com um tom sombrio. — Mas aí teria que matar você.

Ele deu uma piscadela, e a tensão do ambiente se dissipou.

O garoto gordo começou a rir, uma risada baixa, um grunhido fungado que vinha do fundo da garganta e saía pelo nariz.

— Tudo bem — disse o garoto. — *Hi. Hi.* Tudo bem. *Hi.* Entendi. Mensagem recebida no Planeta Técnico. Alto e bom som. Che-pe-ga-pa de per-per-gun-punta-pa.

O sr. World balançou a cabeça e apoiou a mão no ombro do garoto gordo.

— Ei. Você quer mesmo saber?

— Pode ser.

— Bom, como nós somos amigos, a resposta é a seguinte: vou pegar esse galho e jogar por cima dos exércitos quando eles se encontrarem. Quando eu fizer isso, o galho vai virar uma lança. E aí, quando a lança estiver sobrevoando a batalha, vou gritar: “Eu dedico esta batalha a Odin.”

— Hein? — perguntou o garoto gordo. — Por quê?

— Por poder — respondeu o sr. World. Ele coçou o queixo. — E alimento. Uma combinação dos dois. Veja bem, o resultado da batalha é irrelevante. O que importa é o caos e a matança.

— Não entendi.

— Vou mostrar. Vai ser bem assim, veja só! — Ele pegou a faca de caça com lâmina de madeira de um bolso do sobretudo da Burberry e, com um movimento fluido, inseriu a lâmina na carne mole embaixo do queixo do garoto gordo e a empurrou com força para cima, na direção do cérebro. — Eu dedico esta morte a Odin — disse, ao cravar a faca.

Sua mão ficou molhada com alguma coisa que não era bem sangue, e ele ouviu um barulho chiado de faísca saindo de trás dos olhos do garoto gordo. O ar ficou com um cheiro de fio queimado, como se alguma tomada estivesse tendo uma sobrecarga.

A mão do garoto gordo tremeu de forma espasmódica, e ele caiu. A expressão em seu rosto era de confusão e infelicidade.

— Olhe só para ele — disse o sr. World, tranquilamente, em voz alta. — Parece que acabou de ver uma série de zeros e uns virar um bando de pássaros

coloridos que saíram voando.

Ali, no corredor de pedra deserto, não houve resposta.

O sr. World pegou o corpo morto e o apoiou nos ombros, como se pesasse muito pouco, abriu a maquete com os duendes e jogou o cadáver dentro do alambique, cobrindo-o com o casaco preto comprido. Decidiu que o desovaria à noite e abriu um sorriso com aquela cicatriz: esconder um corpo em um campo de batalha era quase fácil demais. Ninguém perceberia. Ninguém daria a mínima.

Por um instante, o lugar ficou em silêncio. Então uma voz ríspida que não era a do sr. World pigarreou em meio às sombras e comentou:

— Um bom começo.

CAPÍTULO

DEZOITO

Tentaram rechaçar os soldados, mas os homens abriram fogo e mataram os dois. Então a canção está errada no que diz respeito à cadeia, mas isso foi incluído como licença poética. Nem sempre dá para ter as coisas como acontecem na poesia. A poesia não traz o que poderíamos chamar de verdade. Não tem espaço para isso nos versos.

Comentário de um cantor sobre “The Ballad of Sam Bass”, *A Treasury of American Folklore*

NADA DISSO TINHA como estar realmente acontecendo. Se precisar de alguma ajuda, você pode imaginar que se trata de uma simples metáfora. Afinal, religiões são, por definição, metáforas: Deus é um sonho, uma esperança, uma mulher, um ironista, um pai, uma cidade, uma casa de muitos cômodos, um relojoeiro que deixou o melhor cronômetro no deserto, alguém que o ama — talvez até, apesar de tudo provar o contrário, um ser celestial cujo único interesse é garantir que seu time de futebol, seu exército, sua empresa ou seu casamento viceje, prospere e triunfe apesar de todos os reveses.

As religiões são lugares onde se posicionar para olhar e agir, pontos a partir dos quais vemos o mundo.

Dessa forma, nada disso está acontecendo. Esse tipo de coisa jamais poderia ocorrer nestes tempos, nesta era. Nenhuma palavra aqui é uma verdade literal, embora tudo tenha acontecido — e embora o que aconteceu a seguir tenha acontecido assim:

Ao pé da montanha Lookout, que não passa de uma colina muito alta, homens e mulheres se reuniam ao redor de uma fogueira pequena sob a chuva. Eles se abrigavam debaixo de árvores, que eram um abrigo ruim, e discutiam.

A sra. Kali, de pele preta como nanquim e dentes brancos e afiados, anunciou:
— Chegou a hora.

Anansi, com luvas cor de lima e cabelo prateado, balançou a cabeça.

— Podemos esperar — retrucou. — Enquanto *pudermos* esperar, *devemos* esperar.

Um murmúrio de discordância ressoou pela multidão.

— Não, escutem. Ele tem razão — interveio um velho com cabelo cor de ferro: Czernobog. O homem segurava uma pequena marreta, sustentando a cabeça de ferro no ombro. — Eles estão em uma posição mais elevada. O clima não é vantajoso para nós. É loucura começar agora.

Uma coisa que parecia um pouco lobo e um pouco mais homem grunhiu e cuspiu no chão da floresta.

— E quando seria melhor para atacar, *dedushka*? Vamos esperar até o tempo melhorar, quando eles estiverem nos esperando? Digo que é para irmos agora. Para atacar.

— Há nuvens entre nós e eles — observou Isten, dos húngaros.

Isten tinha um bigode preto fino, um chapéu preto grande e empoeirado e o sorriso de um homem que vive de vender revestimentos de alumínio e telhados e calhas para pessoas idosas, mas que sempre some da cidade um dia depois de o cheque compensar, com o trabalho pronto e entregue ou não.

Um homem de terno elegante, que até então não se pronunciara, uniu as mãos, saiu à luz da fogueira e argumentou de forma clara e sucinta. Cabeças assentiram e vozes murmuraram em concordância.

Uma voz emergiu de uma das três mulheres-guerreiras que compunham Morrigan, tão juntas em meio às sombras que tinham se transformado em uma mistura de asas de corvo penduradas e membros com tatuagens azuis.

— Não importa se o momento é bom ou ruim — disse a mulher. — A hora é *agora*. Eles estão matando os nossos. E vão continuar matando, mesmo se ninguém aqui lutar. Talvez a gente triunfe. Talvez a gente morra. Melhor morrermos juntos, atacando, como deuses, do que fugindo, isolados, como ratos em um porão.

Outro murmúrio, dessa vez de grande concordância. A mulher falara por todos. Aquele era o momento.

— A primeira cabeça é minha — anunciou um chinês muito alto, com uma corda de caveiras minúsculas no pescoço.

E se pôs em marcha, devagar e determinado, subindo a montanha, apoiando

no ombro um cajado cuja ponta ostentava uma lâmina curva que parecia uma lua prateada.

Nem o Nada dura para sempre.

Podia ter passado dez minutos ou dez mil anos lá, naquele Lugar Que Não Era. Não fazia diferença. O tempo não era mais um conceito necessário.

Não se lembrava mais de seu verdadeiro nome. Sentia-se vazio e purificado, naquele lugar que não era um lugar.

Não tinha forma, não tinha matéria.

Não era nada.

E, em meio a esse nada, uma voz disse:

— Ho-hoka, primo. A gente tem que conversar.

E algo que no passado talvez tivesse sido Shadow respondeu:

— Whiskey Jack?

— É — confirmou Whiskey Jack, no escuro. — Você é um homem difícil de localizar depois que morre. Não foi para nenhum dos lugares que eu imaginei. Tive que procurar em toda parte antes de pensar em vir olhar aqui. Diga, você encontrou sua tribo?

Shadow se lembrou do homem e da jovem na discoteca, debaixo do globo espelhado.

— Acho que encontrei minha família. Mas não, não encontrei minha tribo.

— Sinto muito por ter vindo perturbar.

— Não. Você não sente. Me deixe em paz. É o que eu queria. Para mim, já chega.

— Eles estão vindo — disse Whiskey Jack. — Querem reviver você.

— Mas para mim já deu — respondeu Shadow. — Está acabado, ponto final.

— Nada disso — retrucou Whiskey Jack. — Nunca é assim. Vamos para a minha casa. Quer uma cerveja?

E ele pensou que realmente *queria* uma cerveja.

— Pode ser.

— Pegue uma para mim também. Tem um *cooler* do lado de fora da porta — respondeu Whiskey Jack, apontando. Estavam na casa dele.

Shadow abriu a porta com mãos que ele achava que momentos antes não possuía. Encontrou um *cooler* de plástico cheio de blocos de gelo de rio e, no gelo, doze latas de Budweiser. Pegou algumas, sentou-se no vão da porta e ficou olhando para o vale.

Estavam no alto de uma colina, perto de uma cachoeira cujo fluxo parecia

maior devido ao gelo derretido e à erosão causada pela chuva. A água caía em etapas até uns vinte, trinta metros abaixo. O sol refletia no gelo que cobria as árvores acima do lago da cascata. O ar estava dominado pelo som da água caindo.

— Onde estamos? — perguntou Shadow.

— Onde você esteve da última vez — respondeu Whiskey Jack. — Na minha casa. Você vai segurar minha cerveja até esquentar? Que eu saiba, ela não serve como bebida quente.

Shadow se levantou e entregou a latinha ao homem.

— Você não tinha uma cachoeira do lado de casa da outra vez que estive aqui.

Whiskey Jack não respondeu. Abriu a Bud e bebeu metade da lata em um grande gole demorado.

— Você se lembra do meu sobrinho? — perguntou, por fim. — Harry Bluejay? O poeta? Ele trocou o Buick dele pelo seu trailer Winnebago. Lembra?

— Claro. Não sabia que ele era poeta.

Whiskey Jack ergueu o queixo, orgulhoso.

— O melhor poeta de toda a América.

O índio virou o resto da lata de cerveja, arrotou e pegou mais uma enquanto Shadow abria a sua primeira. Os dois se sentaram lá fora mesmo, numa pedra em meio às samambaias verde-claras sob o sol da manhã, e ficaram admirando a cachoeira e bebendo cerveja. Ainda havia neve no chão, nas partes onde as sombras eram perenes e que o sol não tocava.

A terra estava úmida e lamacenta.

— Meu sobrinho era diabético — continuou Whiskey Jack. — Acontece. Demais. Vocês vieram aqui para a América, pegaram nossa cana-de-açúcar, nossas batatas, nosso milho, aí vieram vender batatas fritas e pipoca doce, e nós é que ficamos doentes. — O homem tomou um gole da cerveja, pensativo. — Henry tinha ganhado uns prêmios de poesia. Um pessoal de Minnesota queria incluir os poemas dele num livro. E ele pegou um conversível e foi para lá conversar com essas pessoas. Tinha trocado o seu trailer por um Miata amarelo. Os médicos falaram que ele deve ter entrado em coma enquanto dirigia, que perdeu o controle do carro e bateu numa das placas de trânsito da sua gente. Vocês são preguiçosos demais para olhar em volta e ver onde estão, ler as montanhas e as nuvens, então precisam espalhar placas para tudo que é lado. Então Harry Bluejay se foi para sempre, foi morar com o irmão Lobo. Eu falei: olha, não tem mais nada me prendendo aqui. E vim para o norte. É bom de pescar.

— Sinto muito pelo seu sobrinho.

— Eu também. Por isso estou morando aqui no norte. Bem longe das doenças

do homem branco. Das estradas do homem branco. Das placas do homem branco. Dos Miatas amarelos do homem branco. Da pipoca doce do homem branco.

— E da cerveja do homem branco?

Whiskey Jack olhou para a lata.

— Quando seu povo finalmente desistir e voltar para casa, pode deixar as fábricas da Budweiser.

— Onde estamos? — perguntou Shadow. — Ainda estou na árvore? Estou morto? Estou mesmo aqui? Achei que tivesse acabado. O que é real?

— Sim — respondeu Whiskey Jack.

— *Sim?* Que merda de resposta é essa?

— É uma boa resposta. E também é a verdade.

— Você também é um deus?

Whiskey Jack balançou a cabeça.

— Sou um símbolo cultural. A gente é que nem os deuses, só que faz mais merda e ninguém nos idolatra. Até contam histórias nossas, mas as histórias que falam mal de nós são contadas tanto quanto as histórias que falam um pouco bem.

— Entendi. — E Shadow entendia, mais ou menos.

— Olha. Este aqui não é um país bom para deuses. Meu povo percebeu isso logo cedo. Tem os espíritos criadores que encontraram ou fizeram ou cagaram essa terra, mas pense só: quem é que vai louvar o Coiote? Ele fez amor com a Mulher Porco-Espinho e ficou com o pau mais espetado que uma almofada de alfinetes. E ele era capaz de perder uma discussão até para as pedras.

“Então é claro que meu povo entendeu que talvez haja alguma coisa por trás de tudo que existe, um criador, um grande espírito, e meu povo agradece a ele, porque é sempre bom agradecer. Mas nunca construiu igreja nenhuma. Meu povo não precisava disso. A terra era a igreja. A terra era a religião. A terra era mais antiga e mais sábia do que o povo que caminhava nela. A terra dava salmão, milho, búfalos e pombos-passageiros. Dava o arroz selvagem e o picão-verde. Dava melões e abóboras e perus. E meu povo é filho da terra, como o porco-espinho, o gambá e o gaio-azul.”

Ele terminou a segunda cerveja e fez um gesto indicando o rio abaixo da cascata.

— Se você seguir aquele rio por algum tempo, vai chegar aos lagos onde cresce o arroz selvagem. Quando é época, você sai com um amigo numa canoa e joga o arroz selvagem para dentro dela e cozinha, e armazena o arroz, que dá sustento por muito tempo. Lugares diferentes têm alimentos diferentes. Se você avançar bem para o sul, vai ver laranjeiras, limeiras e aquelas árvores bojudas e

verdes que dão aquelas frutas que lembram peras, só que...

— Abacates.

— Abacates — concordou Whiskey Jack. — Isso mesmo. Isso não dá por aqui. Aqui é território do arroz selvagem. Dos alces. O que eu estou tentando dizer é que a América é assim. Não é uma terra boa para dar deuses. Eles não crescem bem aqui. São como abacates tentando crescer no terreno do arroz selvagem.

— Eles podem até não crescer muito bem por aqui — retrucou Shadow —, mas estão indo para a guerra.

Foi a única vez que viu Whiskey Jack rindo. A risada era quase um latido, e não parecia conter muito humor.

— Ei, Shadow. Se todos os seus amigos pulassem de um precipício, você também ia pular?

— Talvez.

Shadow se sentia bem. Não achava que fosse só a cerveja. Não conseguia se lembrar da última vez que se sentira tão vivo, tão equilibrado.

— Não vai ser uma guerra.

— E vai ser o quê, então?

Whiskey Jack amassou a lata com as mãos até achatá-la.

— Olha ali — disse, apontando para a cascata.

O sol estava tão alto no céu que se refletia no borriço da água, e uma nuvem de arco-íris pairava no ar. Shadow achou que nunca tinha visto algo tão lindo.

— Vai ser um banho de sangue — declarou Whiskey Jack.

Foi então que Shadow entendeu. Entendeu tudo, era de uma simplicidade gritante. Balançou a cabeça, deu uma risadinha e balançou a cabeça mais um pouco, e a risadinha virou uma gargalhada.

— Tá tudo bem?

— Tudo — respondeu Shadow. — É que acabei de ver os índios escondidos. Não todos. Mas pelo menos vi.

— Devem ser Ho Chunk. Aquele povo nunca foi bom em se esconder. — Ele olhou para o sol e se levantou. — Hora de voltar.

— Isso não é guerra coisa nenhuma, né? — comentou Shadow. — É um golpe em dupla.

Whiskey Jack deu um tapinha no braço de Shadow, orgulhoso.

— Você não é tão burro assim.

Os dois voltaram para a casa de Whiskey Jack. Ele abriu a porta. Shadow hesitou.

— Eu queria poder ficar aqui com você — comentou. — Parece ser um bom lugar.

— Existem muitos lugares bons — respondeu o índio. — Aí é que está. Veja só, os deuses morrem quando são esquecidos. As pessoas também. Mas a terra continua aqui. Os lugares bons e os ruins. A terra não vai a lugar algum. E nem eu.

Shadow fechou a porta. Algo o puxava. Estava outra vez sozinho no escuro, mas a escuridão foi ficando cada vez mais clara, até arder como o sol.

Então veio a dor.

Uma mulher caminhava por uma campina, e flores primaveris desabrochavam por onde ela passava. Naquele lugar e naquele tempo, a mulher se chamava Easter.

Easter passou por um lugar onde, em um passado muito distante, havia uma casa. Algumas paredes ainda se mantinham de pé, erguendo-se em meio ao mato crescido como dentes podres. Caía uma chuva fina. As nuvens estavam escuras e baixas, e fazia frio.

Um pouco além do lugar onde a casa estivera, havia uma árvore enorme e prateada que parecia ter sofrido com o inverno e morrido, completamente desfolhada, e, na frente dela, no mato, repousavam retalhos esfarrapados de um tecido sem cor. A mulher parou perto do tecido, abaixou-se e pegou uma coisa branca, meio amarelada: um fragmento de osso bastante roído que talvez, em algum momento, tivesse sido parte de um crânio humano. Ela jogou a coisa de volta no chão.

Então olhou para o homem na árvore e deu um sorriso irônico.

— Eles realmente não são tão interessantes quando estão pelados — comentou. — Metade da diversão está no ato de desempacotar. É como com presentes. E com os ovos.

O homem com cabeça de gavião que vinha a seu lado olhou para baixo, para o próprio pênis, e pareceu, pela primeira vez, tomar consciência da própria nudez.

— Eu consigo olhar para o sol sem piscar — anunciou.

— Que habilidade impressionante — respondeu Easter, numa voz tranquilizadora. — Agora vamos tirá-lo dali de uma vez.

As cordas úmidas que prendiam Shadow à árvore já estavam havia muito desgastadas e apodrecidas, e se romperam fácil quando a mulher e o gavião o puxaram. O corpo na árvore escorregou pelo tronco até as raízes, e os dois o pegaram no meio da queda e o carregaram sem dificuldade, embora o homem fosse muito grande, e o deitaram no mato cinzento.

O corpo estava frio e não respirava. Uma mancha de sangue seco despontava

na lateral, como se tivesse sido apunhalado por uma lança.

— E agora?

— Agora vamos aquecê-lo — respondeu Easter. — Você sabe o que fazer.

— Eu sei. Mas não consigo.

— Se não quer ajudar, não devia ter me chamado.

— Mas foi há muito tempo.

— Foi há muito tempo para todos nós.

— E eu já estou bem desatinado.

— Eu sei.

A mulher estendeu a mão pálida na direção de Hórus e tocou seu cabelo preto. O deus piscou enquanto a encarava, tenso. Então pareceu tremeluzir, como se estivesse atrás de uma nuvem de calor que subia do chão quente.

O olho de gavião que a encarava emitiu um brilho alaranjado, como se uma chama tivesse acabado de ser aticada lá dentro — uma chama havia muito apagada.

O gavião levantou voo, traçando círculos em uma espiral ascendente, contornando o lugar onde o sol talvez estivesse atrás das nuvens cinzentas, e, conforme o gavião subia, surgiu primeiro um ponto, depois um borrão, e, depois, a olho nu, nada de diferente do que já havia ali, algo que só podia ser imaginado. As nuvens começaram a se dissipar, abrindo uma área de céu azul por onde o sol encarava o mundo. O raio luminoso solitário que penetrou as nuvens e banhou a campina era lindo, mas a imagem do único feixe de luz foi se desfazendo conforme mais nuvens desapareciam. Logo o sol da manhã ardia sobre a campina como um sol de meio-dia no verão, esquentando o vapor da chuva até se transformar em neblina, e a neblina, em nada.

O sol dourado banhou o corpo no chão com seu brilho e calor. Manchas rosadas e de um marrom quente tocaram a coisa morta.

A mulher passou os dedos da mão direita bem de leve pelo peitoral do corpo. Imaginou sentir um estremecimento — algo que não era bem um batimento cardíaco, mas... Repousou a mão ali, no peito dele, logo acima do coração.

Então baixou os lábios até os de Shadow e respirou dentro dos pulmões dele, delicadamente, impelindo o ar para dentro e para fora, e a respiração se transformou em um beijo. Seu beijo era suave e tinha sabor de chuva de primavera e flores campestres.

O sangue voltou a fluir da ferida na lateral do corpo, um sangue escarlate que pingava como rubis líquidos reluzindo ao sol — até que o sangramento parou.

Easter o beijou na bochecha e na testa.

— Vamos — disse. — É hora de acordar. Tudo está acontecendo. Você não vai querer perder.

As pálpebras de Shadow estremeceram e se abriram, revelando dois olhos de um tom tão escuro de cinza que chegava a ser desprovido de cor — o cinza do anoitecer —, e ele olhou para a mulher.

Easter sorriu e tirou a mão do peito dele.

— Você me chamou de volta — comentou ele.

As palavras saíam lentamente, como se tivesse esquecido como falar. A voz tinha uma nota de mágoa e de confusão.

— Sim.

— Eu já tinha acabado tudo. Fui julgado. Era o fim. Você me chamou de volta. Você se atreveu.

— Sinto muito.

— Sim.

Ele se sentou bem devagar. Fez uma careta e levou a mão à lateral do corpo. E pareceu confuso: sentia uma gota de sangue úmido, mas nenhum ferimento por baixo.

Shadow estendeu a mão, e a mulher o envolveu com um braço e o ajudou a se levantar. Ele passou o olhar pela campina, como se tentasse lembrar o nome das coisas que via: as flores no mato alto, as ruínas da casa, a nuvem de brotos verdes que manchava os galhos da árvore cinzenta imensa.

— Você se lembra? — perguntou a mulher. — Você se lembra do que descobriu?

— Sim. Mas vou esquecer. Como um sonho. Sei disso. Perdi meu nome e perdi meu coração. E você me trouxe de volta.

— Sinto muito — disse a mulher, pela segunda vez. — Eles vão lutar daqui a pouco. Os velhos deuses e os novos.

— E vocês querem que eu lute por vocês? Perdeu seu tempo.

— Eu lhe trouxe de volta porque era isso que eu precisava fazer — respondeu a mulher. — É o que eu posso fazer. É o que faço de melhor. E agora o que você vai fazer é o que tiver que fazer. Você decide. Eu fiz a minha parte.

De repente, Easter se deu conta da nudez dele e corou num tom de vermelho intenso, então desviou o olhar.

Sombras iam subindo a montanha, sob a chuva e as nuvens, seguindo as trilhas em meio às rochas.

Raposas brancas avançavam morro acima, acompanhadas de homens ruivos de casacos verdes. Um minotauro com cabeça de touro caminhava ao lado de um dáctilo com dedos de ferro. Um porco, um macaco e um *ghoul* de dentes afiados

escalavam a colina acompanhados de um homem de pele azul que carregava um arco em chamas, um urso com flores entrelaçadas no pelo e um homem com cota de malha dourada levando uma espada de olhos.

O belo Antínoo, que fora amante de Adriano, subia a colina à frente de uma companhia de *gogo boys* com roupas de couro, os braços e o tórax perfeitamente esculpidos.

Um homem de pele cinza cujo olho ciclópico lembrava um imenso cabochão de esmeralda avançava morro acima com dificuldade, à frente de alguns homens atarracados de pele morena e rosto impassível tão simétrico quanto as esculturas astecas — eles conheciam os segredos que a selva engolira.

Um atirador de elite no alto do morro mirou cuidadosamente uma raposa branca e atirou. Uma explosão, um leve ruído de cordite, cheiro de pólvora no ar úmido. O cadáver era de uma jovem japonesa com a barriga arrebentada e o rosto todo ensanguentado. Aos poucos, o corpo começou a se desvanecer.

Eles continuaram escalando, em duas ou quatro pernas, ou sem perna alguma.

A viagem pelo interior montanhoso do Tennessee tinha sido de uma beleza extraordinária em todos os momentos de trégua da tempestade, e cheia de uma ansiedade arrasadora sempre que a chuva desabava. Town e Laura tinham conversado sem parar. O agente estava muito feliz por tê-la conhecido. Era como conhecer uma velha amiga, uma velha e boa amiga que ele nunca tinha visto. Conversaram sobre história, cinema e música, e Town descobriu que Laura era a única pessoa — sério, a única outra pessoa que ele conhecia — que tinha visto um filme estrangeiro (o sr. Town tinha certeza de que era espanhol, e Laura tinha certeza de que era polonês) dos anos 1960 chamado *O Manuscrito de Saragoça*, um filme que ele já tinha começado a pensar que fora um sonho seu.

Quando Laura apontou para o primeiro celeiro VISITE ROCK CITY, Town deu uma risadinha e admitiu que era para lá que estava indo. Ela comentou como isso era legal. Sempre teve vontade de visitar aquele tipo de lugar, mas nunca arrumava tempo e depois se arrependia. Era por isso que estava na estrada. Estava vivendo uma aventura.

Laura contou que era agente de viagens. Havia se separado do marido. Admitiu que achava que não voltariam e disse que era a culpada.

— Não acredito.

Laura suspirou.

— É verdade, Mack. Eu simplesmente não sou mais a mulher com quem ele se casou.

Bom, disse o sr. Town, as pessoas mudam — e, sem nem pensar, começou a falar tudo o que *podia* contar sobre a própria vida, contou até sobre Woody e Stoner, sobre eles três serem os três mosqueteiros, e como os dois tinham sido mortos, e a gente imagina que trabalhar para o governo endurece o coração para esse tipo de coisa, mas o dele nunca endureceu. Nunca endureceu.

E Laura estendeu a mão — estava fria, então Town ligou o aquecimento do carro — e apertou a dele com força.

À tarde, os dois almoçaram comida japonesa ruim enquanto caía uma tempestade de raios em Knoxville, e Town não se importou de a comida ter demorado, o missô ter vindo frio e o sushi não estar fresco.

Adorava tê-la por perto, vivendo uma aventura.

— Bom — confidenciou Laura —, eu odiava a ideia de ficar enterrada para sempre lá na minha cidade. Já estava apodrecendo. Então fui embora, não peguei meu carro nem meus cartões de crédito. Só contando com a generosidade das pessoas. E me diverti muito. As pessoas têm sido muito boas comigo.

— Você não tem medo? — perguntou Town. — Quer dizer, pode se perder, ser assaltada, passar fome.

Laura balançou a cabeça. Depois, com um sorriso hesitante, disse:

— Eu conheci você, não foi?

E Town não soube o que responder.

Depois do almoço, correram debaixo da tempestade até o carro, cobrindo a cabeça com jornais em japonês, rindo como crianças na chuva.

— Até onde eu posso levar você? — perguntou o agente, quando entraram no carro.

— Vou até onde você for, Mack — respondeu ela, acanhada.

Town ficou feliz por não ter usado a cantada do “Big Mack”. Sabia, no fundo da alma, que aquela não era uma mulher de uma noite só, dessas que se encontra num bar qualquer. Podia ter levado cinquenta anos, mas finalmente a encontrara: aquela era a mulher da sua vida, louca e mágica, de cabelo escuro comprido.

Era amor.

— Olha — começou ele, quando chegavam em Chattanooga. Os limpadores do para-brisa espalharam a chuva pelo vidro, borrando a cidade cinzenta. — Que tal eu arrumar um hotel para você passar a noite? Eu pago. E, depois que eu fizer essa entrega, a gente podia... Bem, a gente podia tomar um banho de banheira juntos, para começar. Para você se esquentar.

— Parece maravilhoso — respondeu Laura. — O que você vai entregar?

— Minha vara — respondeu ele, com uma risadinha. — Aquela que está ali, no banco de trás.

— Sei — rebateu a mulher, entrando na brincadeira. — Tudo bem, não precisa

falar, senhor Mistério.

Town falou que seria melhor ela esperar dentro do carro no estacionamento enquanto ele fazia a entrega. O agente foi guiando o carro pela subida da montanha Lookout, em meio à chuva e ao vento, com o farol alto e sem nunca passar de cinquenta por hora.

Pararam nos fundos do estacionamento. Town desligou o motor.

— Ei, Mack. Eu não vou ganhar um abraço antes de você sair do carro? — perguntou Laura, abrindo um sorriso.

— Mas é claro que vai — respondeu o sr. Town, passando os braços ao redor da mulher, que se aninhou nele enquanto a chuva batucava no teto do Ford Explorer.

Town sentiu o cheiro do cabelo dela. Tinha um odor vagamente desagradável por baixo do perfume. Viajar sempre trazia esses aborrecimentos. Chegou à conclusão de que aquele banho era uma necessidade urgente para ambos. Ficou imaginando se haveria algum lugar de Chattanooga onde comprar aqueles sais de banho perfumados que sua primeira esposa adorava. Laura ergueu a cabeça e acariciou o pescoço dele com a mão, distraída.

— Mack... eu estava pensando... Você deve estar doido para saber o que aconteceu com aqueles seus amigos. O Woody e o Stone. Não é?

— É — respondeu ele, baixando os lábios na direção dos dela para o primeiro beijo do casal. — Quero mesmo.

Então Laura mostrou.

Shadow caminhou pela campina, traçando círculos lentos ao redor do tronco da árvore, afastando-se pouco a pouco. Às vezes parava e pegava alguma coisa: uma flor, uma folha, uma pedrinha, um graveto, uma folhinha de grama. Examinava o objeto atentamente, como se estivesse concentrado na *gravetice* do graveto, na *folhice* da folha, como se estivesse vendo as coisas pela primeira vez.

A cena lembrou a Easter o olhar de um bebê, naquela fase em que a criança aprende a se concentrar.

Não se atrevia a falar com Shadow. Naquele momento, teria sido um sacrilégio. Ela o observava, exausta, e refletia.

A uns seis metros do tronco da árvore, Shadow achou uma sacola de pano um pouco encoberta pelo mato alto e por trepadeiras mortas. Pegou, desfez os nós da corda com a boca e a abriu.

As roupas lá dentro eram suas. Eram velhas, mas ainda dava para usar. Examinou os sapatos atentamente. Alisou o tecido da camisa, a lã do suéter,

olhou para as peças como se tudo aquilo tivesse mais de um milhão de anos.

Durante algum tempo, ficou olhando as roupas. Depois, uma a uma, vestiu-as.

Enfiou as mãos nos bolsos e pareceu confuso ao erguer uma das mãos e ver que segurava algo que Easter achou que parecia uma bola de gude branca e cinza.

— Nenhuma moeda — comentou.

Era a primeira coisa que Shadow falava nas últimas horas.

— Nenhuma moeda? — repetiu Easter.

Ele balançou a cabeça.

— Era bom ter moedas — declarou. — Assim eu sempre tinha algo para fazer com as mãos.

Shadow se abaixou para calçar os sapatos.

Vestido, ele parecia mais normal. Só que sério. Easter ficou imaginando quão grande seria a distância que Shadow percorrera, e o que voltar havia lhe custado. Não era o primeiro retorno que ela iniciara, e sabia que não demoraria até que o olhar perdido se dissipasse e as lembranças e os sonhos que ele trouxera da árvore fossem suprimidos pelo mundo de coisas tangíveis. Era sempre assim.

Easter foi mostrando o caminho até o fim da campina. Sua montaria esperava entre as árvores.

— Ele não consegue levar nós dois — anunciou ela. — Vou dar meu jeito de voltar para casa.

Shadow assentiu. Parecia tentar se lembrar de algo. Então abriu a boca e grasnou um voto de alegria e boas-vindas.

O pássaro do trovão abriu o bico cruel e soltou um graso de boas-vindas em resposta.

Por fora, pelo menos, a ave parecia um condor. As penas eram pretas e tinham um brilho arroxeados, com um anel branco no pescoço. O bico era preto e cruel: o bico de uma ave de rapina, feito para rasgar a carne. Repousando no chão, com as asas dobradas, era do tamanho de um urso-negro, e a cabeça ficava na mesma altura da cabeça de Shadow.

— Fui eu que o trouxe — anunciou Hórus, orgulhoso. — Eles vivem nas montanhas.

Shadow assentiu.

— Eu já sonhei com pássaros do trovão — comentou. — O pior sonho que já tive.

O pássaro do trovão abriu o bico e soltou um ruído surpreendentemente gentil: *Crawru?*

— Você também ouviu meu sonho? — perguntou Shadow.

Ele estendeu a mão e afagou delicadamente a cabeça da ave. O pássaro do

trovão forçou a cabeça contra a mão dele como um pônei carinhoso. Shadow coçou atrás de onde deveriam ficar as orelhas.

Ele se virou para Easter.

— Você veio voando nele?

— Sim. Pode voar nele na volta, se ele permitir.

— Como faço para montar?

— É fácil. A não ser que você caia. É que nem montar um relâmpago.

— Vamos nos encontrar lá?

Ela balançou a cabeça.

— Para mim já deu, meu bem. Vá fazer o que você precisa fazer. Eu estou muito cansada. Trazer você de volta daquele jeito... exigiu muito de mim. Preciso descansar, poupar energia até o meu festival. Sinto muito. Boa sorte.

Shadow assentiu.

— Whiskey Jack. Eu o vi. Depois que morri. Ele veio e me achou. Nós bebemos cerveja.

— Sim — respondeu Easter. — Não duvido.

— Algum dia nos veremos outra vez? — perguntou Shadow.

A deusa o encarou com seus olhos verdes como as folhas. Não respondeu. De repente, balançou a cabeça.

— Dúvido muito.

Shadow subiu nas costas do pássaro do trovão com dificuldade. Sentia-se como um rato nas costas de um gavião. Um gosto de ozônio lhe veio à boca, um sabor metálico e azul. Algo estalou. O pássaro abriu as asas e começou a batê-las com força.

Quando o chão desabou para longe, muito mais abaixo deles, Shadow se segurou firme, sentindo o coração se debatendo no peito como um bicho selvagem.

Era exatamente como montar um relâmpago.

Laura pegou o galho no banco traseiro. Deixou o sr. Town no banco da frente do Ford Explorer, saiu do carro e andou debaixo da chuva até Rock City. A bilheteria estava fechada. A porta da loja de suvenires não estava trancada, então ela entrou e passou pelos doces que imitavam pedra e pelos comedouros para pássaros em que se lia VISITE ROCK CITY — e adentrou a Oitava Maravilha do Mundo.

Ninguém a impediu, embora houvesse várias pessoas no caminho, homens e mulheres sob a chuva. Muitos pareciam vagamente artificiais, e alguns eram

translúcidos. Laura cruzou uma ponte de corda suspensa. Passou pelos jardins de veados brancos e se espremeu pelo Aperto do Gordo, um ponto em que a trilha se espremia entre dois paredões de pedra.

Quando chegou ao fim da trilha, pulou uma corrente com uma placa que anuncia que aquela parte da atração estava fechada e entrou em uma caverna, onde viu um homem sentado numa cadeira de plástico diante de uma representação em miniatura de uma cena de gnomos bêbados. O homem estava lendo o *The Washington Post* à luz de um pequeno lampião elétrico. Quando a viu, dobrou o jornal e o colocou embaixo da cadeira. Ele se levantou — um homem alto de cabelo laranja bem curto, usando um casaco caro — e a cumprimentou com uma discreta mesura.

— Devo supor que o senhor Town está morto — disse ele. — Bem-vinda, portadora da lança.

— Obrigada. Sinto muito pelo Mack — respondeu Laura. — Vocês eram amigos?

— Nem um pouco. Ele tinha a obrigação de sobreviver, se quisesse continuar no emprego. Mas vejo que você trouxe a vara dele. — O homem a observou de cima a baixo com olhos que brilhavam como brasas incandescentes em uma fogueira prestes a se apagar. — Receio que você esteja em vantagem. Aqui, no topo dessa colina, me chamam de senhor World.

— Eu sou a esposa de Shadow.

— Claro. A bela Laura. Eu devia ter reconhecido você. Shadow tinha várias fotos suas em cima da cama, na cela que a gente dividia. E espero que não se importe com o comentário, mas acho que você está muito mais bonita do que deveria. Não era para você estar mais adiantada na rota da ruína e da decomposição?

— Eu estava — respondeu Laura, simplesmente. — Estava muito mais adiantada. Não sei bem o que mudou. Só sei quando foi que comecei a me sentir melhor. Foi hoje de manhã. Aquelas mulheres na fazenda me deram um pouco de água do poço delas.

O homem ergueu a sobrancelha.

— O Poço de Urd? Não pode ser.

Laura apontou para si mesma. A pele estava pálida, e os olhos, encovados, mas ela parecia nitidamente inteira: se fosse mesmo um cadáver ambulante, não fazia muito tempo que havia morrido.

— O efeito não vai durar muito — comentou o sr. World. — As Nornas só lhe deram um gostinho do passado. E esse gostinho daqui a pouco vai se dissolver no presente, e aí esses seus lindos olhos azuis vão saltar para fora das órbitas e escorrer por esse rostinho bonito, que a essa altura, claro, não vai mais ser tão

bonito. A propósito, você está segurando a minha vara. Posso pegar, por favor?

O homem sacou um maço de Lucky Strike, puxou um cigarro e o acendeu com um isqueiro Bic preto descartável.

— Posso fumar um? — pediu Laura.

— Claro. Eu lhe dou um cigarro se você soltar a minha vara.

— Não. Se você quer tanto isto aqui, deve valer mais do que um cigarro.

O sr. World não se pronunciou.

— Quero respostas — declarou Laura. — Quero informações.

O homem acendeu um cigarro e passou para ela. Laura o pegou e tragou. Então deu uma piscadela.

— Quase consigo sentir este aqui. Acho que consigo. — Ela abriu um sorriso.

— Hum. Nicotina.

— Sim. E por que você foi até as mulheres na fazenda?

— Shadow me falou para ir atrás delas. Ele me disse para pedir água.

— Fico imaginando se ele sabia qual seria o resultado. Provavelmente não. Bem, esse é o lado bom de ele estar morto na árvore. Agora eu sempre sei onde ele está. Fora do jogo.

— Vocês armaram para o meu marido — acusou Laura. — Foi uma armação desde o começo. Ele tem um bom coração, sabia?

— Sim — respondeu o sr. World. — Eu sei.

— E por que vocês queriam justo ele?

— Pelos padrões e pela distração. Quando tudo acabar, acho que vou afiar um galho de visco e depois passar lá na árvore para enfiá-la no olho dele. É isso que aqueles idiotas brigando lá fora nunca conseguiram entender. Nunca foi uma questão de velho e novo. Só de padrões. Agora me dê a minha vara, por favor.

— Por que você quer isso?

— É uma lembrança dessa zona infeliz — respondeu o sr. World. — Não se preocupe, não é visco. — Ele deu um sorriso. — Simboliza uma lança, e, neste mundo infeliz, o símbolo é a coisa em si.

Os barulhos lá fora ficaram mais altos.

— De que lado você está? — perguntou Laura.

— Não se trata de lados. Mas, já que você perguntou, estou do lado vencedor. Sempre. É o que faço de melhor.

Laura assentiu, mas não entregou o galho.

— Estou vendendo.

Ela deu as costas para o sr. World e olhou para fora da caverna. Nas pedras lá embaixo, viu algo brilhando e pulsando. A coisa envolvia um homem barbudo e magro de rosto lilás, que contra-atacava com um rodinho — o tipo de rodinho que gente como ele esfrega em para-brisas de carros parados no sinal. Um grito

ecoou, e os dois desapareceram.

— Tudo bem. Vou entregar.

A voz do sr. World veio de trás dela.

— Boa menina — disse ele, com um tom que Laura achou ao mesmo tempo condescendente e vagamente masculino. Aquilo lhe deu calafrios.

Ela esperou na entrada de pedra até ouvir a respiração dele bem perto do ouvido. Tinha que esperar até que ele estivesse perto o bastante. Pelo menos disso ela sabia.

A viagem foi mais do que empolgante, foi eletrizante.

Eles cortaram a tempestade como raios irregulares, voando de nuvem em nuvem, deslocando-se como o rugido do trovão, como a dilatação e a brutalidade de um furacão. Era uma viagem estrondosa impossível, e quase que imediatamente Shadow esqueceu que deveria sentir medo. Não dá para sentir medo voando num pássaro do trovão. Ali não existe medo, só o poder da tempestade, implacável e voraz, e o êxtase do voo.

Shadow enfiou os dedos entre as penas da criatura e sentiu a pele pinicar com a estática. Faíscas azuis deslizaram por suas mãos como serpentes minúsculas. A chuva lavava seu rosto.

— Isso é o máximo! — gritou ele, em meio ao rugido da tormenta.

Como se tivesse entendido, o pássaro se elevou cada vez mais, e cada batida de suas asas era o estrondar de um trovão, então mergulhou e pairou e atravessou as nuvens escuras.

— No meu sonho, eu estava caçando você — comentou Shadow, e suas palavras foram arrancadas pelo vento. — No meu sonho. Eu tinha que conseguir uma pena.

Sim. A palavra foi um estalo de estática em seu rádio mental. *Eles vinham atrás de nós em busca de penas, para provar que eram homens, e vinham arrancar a pedra de dentro de nossa cabeça para dar nossa vida aos mortos.*

Uma imagem tomou a mente de Shadow: um pássaro do trovão — imaginou que fosse uma fêmea, já que a plumagem era marrom, não preta — caído na montanha, um cadáver recente. Havia uma mulher ao lado do animal. Ela tinha quebrado o crânio da criatura com um pedaço de pedra. Ficou remexendo os fragmentos úmidos de osso e miolos até achar uma pedra lisa e translúcida, ocre como uma granada, com chamas opalescentes bruxuleando no interior. *Pedras de águia*, pensou Shadow. A mulher ia levar a pedra para o filho, um bebê que morrera três noites antes, e a colocaria sobre seu pequenino peito frio. Quando o

sol nascesse outra vez, o menino estaria vivo e risonho, e a gema, cinzenta e opaca. E, como o pássaro de onde fora roubada, completamente morta.

— Entendi — disse ao pássaro.

O animal ergueu a cabeça e grasnou, e seu graso foi o trovão.

O mundo abaixo passou num relâmpago, como um sonho estranho.

Laura endireitou a mão, segurando melhor o galho, e ficou esperando o homem que conhecia como sr. World chegar mais perto. Estava de costas, olhando para a tempestade e as colinas verde-escuras abaixo.

Neste mundo infeliz, pensou, o símbolo é a coisa. É mesmo.

Sentiu a mão dele em seu ombro direito, de leve.

Ótimo, pensou. Ele não quer me deixar nervosa. Está com medo de que eu jogue o galho dele no meio da tempestade, de que a vara role montanha abaixo e ele o perca.

Laura se inclinou para trás, só um pouco, apoiando as costas no peito do sr. World, que a envolveu com o braço esquerdo. Um gesto íntimo. Ele abriu a mão esquerda diante dela. Laura fechou as duas mãos em volta do galho, soltou o ar e se concentrou.

— Minha vara. Agora — sussurrou o sr. World no ouvido de Laura.

— Sim — respondeu ela —, a sua vara. — E então, sem saber se teria qualquer efeito, acrescentou: — Dedico esta morte a Shadow.

E cravou a vara no próprio peito, logo abaixo do esterno, sentindo a madeira se retorcer e se transformar em uma lança em suas mãos.

Desde que morrera, a fronteira entre a dor e o sentir era confusa. Sentiu a ponta da lança penetrar o tórax, sentiu que a madeira a atravessava e saía pelas costas. Um instante de resistência — fez mais força —, e a lança penetrou no sr. World. Sentiu o hálito morno dele na pele fria do pescoço quando o homem gritou de dor e surpresa, empalado pela lança.

Laura não reconheceu as palavras que ele falou, nem o idioma. Empurrou a lança mais fundo, forçando-a através do próprio corpo, atravessando o dele.

Sentiu um jorro do sangue quente do sr. World nas costas.

— Sua piranha — disse ele. — Sua piranha escrota.

A voz saía meio gorgolejante. Laura imaginou que a lâmina da lança tinha perfurado um pulmão. O sr. World começou a se mexer — ou tentar se mexer —, e cada movimento também balançava o corpo de Laura: os dois estavam unidos por aquela vara, empalados juntos como dois peixes em uma mesma lança. Reparou que o homem brandia uma faca, golpeando-a no tórax e nos

peitos em movimentos aleatórios e impetuosos, sem ver o que estava fazendo.

Laura não se importava. Que diferença fariam mais punhaladas em um cadáver?

Bateu com força no pulso inquieto dele, e a faca caiu no chão da caverna. Laura a chutou para longe.

O homem chorava e gritava. Sentia que ele a empurrava, as mãos se atrapalhando contra suas costas, as lágrimas quentes caindo em sua nuca. Suas costas estavam encharcadas com o sangue dele, que escorria entre suas pernas.

— Que cena deplorável — murmurou, com um suspiro mórbido, mas não desprovido de um toque de humor sombrio.

Sentiu o sr. World cambalear atrás de si e cambaleou também. Escorregou no sangue — todo dele — que se acumulava no chão da caverna, e os dois caíram.

O pássaro do trovão pousou no estacionamento de Rock City. Chovia muito. Shadow mal conseguia ver um palmo à frente do nariz. Relaxou as mãos que agarravam as penas da criatura e deslizou para o asfalto molhado, quase caindo.

O pássaro olhou para ele. Um relâmpago reluziu, e o pássaro desapareceu.

Shadow se levantou.

O estacionamento estava quase todo vazio. Shadow foi andando para a entrada. Passou por um Ford Explorer marrom estacionado perto de um muro de pedra. O carro era extremamente familiar, e ele olhou lá para dentro com curiosidade e reparou no homem caído sobre o volante como se estivesse dormindo.

Shadow abriu a porta do motorista.

A última vez que vira o sr. Town tinha sido do lado de fora do hotel no centro da América. A expressão no rosto dele era de surpresa. O pescoço tinha sido quebrado por mãos hábeis. Shadow encostou no rosto do homem. Ainda morno.

Sentiu um cheiro dentro do carro — era fraco como entrar num quarto e sentir o perfume de alguém que esteve ali muito tempo antes, mas Shadow reconheceria aquele aroma em qualquer lugar. Fechou a porta do carro e atravessou o estacionamento.

Enquanto andava, sentiu uma pontada na lateral do corpo, uma dor aguda e súbita que deve ter sido imaginária, pois durou apenas um segundo, ou menos.

Não viu ninguém na loja de suvenires, ninguém na bilheteria. Passou pelo edifício e entrou nos jardins de Rock City.

Trovões ressoavam, sacudindo os galhos das árvores e as profundezas das pedras imensas, e a chuva caía com uma violência fria. Ainda estava de tarde,

mas já parecia escuro como se fosse noite.

Um rastro de relâmpagos cortou as nuvens, e Shadow se perguntou se era o pássaro do trovão voltando para o alto do penhasco ou se era apenas uma descarga atmosférica ou se as duas ideias eram, de alguma forma, a mesma coisa.

E claro que eram. Afinal, a questão era justamente essa.

Em algum lugar, uma voz de homem gritou. Shadow ouviu. Tudo o que entendeu — ou que pensou ter entendido — foi “... a Odin!”.

Shadow atravessou correndo o Pátio de Bandeiras dos Sete Estados, cujas lajotas estavam perigosamente cobertas de água da chuva. Chegou a escorregar uma vez na pedra lisa. Nuvens espessas cobriam a montanha e, na penumbra da tempestade, para além do pátio, Shadow não via nenhum estado.

Não havia som. O lugar parecia totalmente abandonado.

Ele gritou, e imaginou ter ouvido algo responder. Andou na direção do lugar de onde achou que o som tivesse vindo.

Ninguém. Nada. Só uma corrente restringindo o acesso de visitantes a uma caverna.

Shadow passou por cima da corrente.

Olhou em volta, tentando enxergar no escuro.

Sentiu um arrepião.

Uma voz atrás dele, nas sombras, sussurrou, bem baixinho:

— Você nunca me decepcionou.

Shadow não se virou.

— Que estranho — respondeu. — Eu acho que decepcionei a mim mesmo desde que isso tudo começou. Sem parar.

— Mas é claro que não — respondeu a voz, meio risonha. — Você fez tudo o que devia fazer e mais. Roubou a atenção de todos, e ninguém olhou para a mão que segurava a moeda. É o que chamam de distração. E o sacrifício de um filho gera poder... poder suficiente para colocar a bola em jogo, talvez até mais do que o suficiente. Falando a verdade: estou orgulhoso de você.

— Um jogo roubado — comentou Shadow. — Pura trapaça. Nada daquilo era verdade. Era só a preparação para um massacre.

— Exatamente — concordou a voz de Wednesday, das sombras. — O jogo era roubado. Mas era o único jogo rolando na cidade.

— Quero ver Laura. E Loki. Cadê eles?

Silêncio. Sentiu respingos de chuva no rosto. Em algum lugar próximo, um trovão rimbombou.

Ele avançou ainda mais.

Loki Lie-Smith estava sentado no chão, as costas apoiadas em uma jaula de

metal. Dentro da jaula, se desenvolvia uma cena de duendes bêbados trabalhando no alambique. Ele estava enrolado em um cobertor. Só o rosto estava visível, e as mãos compridas e brancas despontavam por cima do cobertor. Com as pilhas quase acabando, o lampião emitia uma luz fraca amarela.

Loki parecia pálido, parecia mal.

Mas os olhos... Os olhos ainda ardiam. E ainda encaravam Shadow, que atravessava a caverna.

Shadow parou a alguns passos de distância.

— Você chegou tarde demais — comentou Loki. Sua voz estava rouca e embargada. — Joguei a lança. Dediquei esta batalha. Já começou.

— Ah, não diga — respondeu Shadow.

— Digo, sim. Não importa mais o que você fizer. É tarde demais.

— Tudo bem. — Shadow parou e pensou. — Você falou que tinha que jogar uma lança para dar início à batalha. Como naquela história toda de Uppsala. E essa é a batalha da qual você vai se alimentar. É isso?

Silêncio. Shadow ouvia a respiração de Loki, irregular e mórbida.

— Já entendi tudo — continuou Shadow. — Mais ou menos. Não sei bem quando foi que entendi. Talvez quando fiquei preso na árvore. Talvez antes. Foi por causa de uma coisa que Wednesday me falou no Natal.

Loki ficou só olhando para ele, sem responder.

— É só um golpe para dois — explicou Shadow. — Como o bispo e o policial com o colar de diamantes. Como o cara do violino e o cara que quer comprar o violino e o coitado do trouxa entre os dois, que paga pelo violino. Dois homens que parecem estar em lados opostos, mas jogando o mesmo jogo.

— Você é ridículo — sussurrou Loki.

— Por quê? Eu gostei do que você fez lá no hotel. Foi bem esperto. Você precisava estar lá, conferir se tudo ocorria de acordo com os planos. Eu vi você. Até entendi quem você era. Mas nunca imaginei que fosse o senhor World deles. Ou talvez eu soubesse, bem no fundo. Pelo menos eu sabia que conhecia a sua voz.

Shadow foi falando mais alto.

— Você pode sair — disse, para a caverna. — Onde quer que esteja. Apareça.

O vento uivou na entrada da caverna, borrifando água da chuva neles. Shadow estremeceu.

— Estou cansado de ser feito de bobo — anunciou. — Apareça de uma vez. Quero ver você.

As sombras nos fundos da caverna se alteraram. Algo ficou mais sólido, algo se mexeu.

— Você sabe demais, meu caro — comentou o murmúrio familiar de Wednesday.

— Então você não foi morto.

— Fui, sim — retrucou Wednesday, da escuridão. — Nada disso teria dado certo se não tivessem me matado. — A voz era sutil... não chegava a ser baixa, mas tinha um tom que lembrava um rádio velho mal sintonizado em uma estação distante. — Se eu não tivesse morrido de verdade, não teríamos conseguido fazer todo mundo vir para cá. Kali e Morrigan e os *Loa* e os malditos albaneses e... Bem, você viu todo mundo. Foi a minha morte que os uniu. Eu fui o cordeiro do sacrifício.

— Não — respondeu Shadow. — Você foi o pastor que os levou para o abate. O espectro nas sombras girou e se agitou.

— Não mesmo. Isso dá a entender que eu traí os velhos deuses, que eu estava trabalhando para os novos. E não foi isso o que fizemos.

— Não mesmo — sussurrou Loki.

— Eu sei — respondeu Shadow. — Vocês não traíram nenhum dos lados em nome do outro. Traíram os dois.

— Acho que sim — concordou Wednesday. Parecia satisfeito.

— Vocês queriam um massacre. Precisavam de um sacrifício de sangue. Um sacrifício de deuses.

O vento ficou mais forte, e o uivo na boca da caverna se transformou em grito, como se viesse da dor de algo colossal.

— E por que não? Estou preso nesta terra maldita há quase mil e duzentos anos. Meu sangue está fraco. Estou com fome.

— E vocês dois se alimentam de morte — completou Shadow.

Ele achou que começava a ver Wednesday parado em meio às sombras. Atrás dele — através dele — estavam as barras de uma gaiola que continha o que pareciam leprechauns de plástico. O deus era uma forma feita de escuridão, mais real a cada vez que Shadow olhava para o lado e permitia que sua imagem se solidificasse em sua visão periférica.

— Eu me alimento das mortes dedicadas a mim.

— Como a minha morte na árvore.

— Aquilo — interveio o deus — foi especial.

— E você também se alimenta de morte? — perguntou Shadow, olhando para Loki.

Loki balançou a cabeça, esgotado.

— Não, claro que não. Você se alimenta de caos — completou Shadow.

Loki sorriu ao ouvir aquilo, um sorriso breve e dolorido, e labaredas laranja dançaram em seus olhos e bruxulearam como renda em chamas sob a pele

pálida.

— Nunca teríamos conseguido sem você — comentou Wednesday, visto apenas de canto de olho. — Possuí tantas mulheres...

— Você precisava de um filho — disse Shadow.

A voz fantasmagórica de Wednesday ecoou.

— Eu precisava de você, meu filho. Sim. Meu próprio filho. Sabia que você tinha sido concebido, mas sua mãe saiu do país. Demoramos muito para encontrá-lo. E, quando encontramos, você estava preso. Precisávamos descobrir como você funcionava. Quais eram os botões que o faziam se mexer. Quem você era. — Por um instante, Loki pareceu satisfeito. Shadow teve vontade de bater nele. — E você tinha uma esposa para quem voltar. Era uma pena. Mas nada irremediável.

— Laura não servia para você — sussurrou Loki. — Você estaria melhor sem ela.

— Se pudesse ter sido diferente... — começou Wednesday, e dessa vez Shadow sabia o que ele queria dizer.

— E se ela tivesse tido... a decência... de continuar morta — completou Loki, arfando. — Wood e Stone... eram bons homens. Iam... deixar você escapar... quando o trem passasse pelas Dakotas...

— Cadê ela? — perguntou Shadow.

Loki estendeu um braço muito pálido, apontando para os fundos da caverna.

— Ela foi para lá — explicou, então tombou para a frente de súbito e caiu no chão de pedra.

Shadow viu o que o cobertor tinha escondido: a poça de sangue, o buraco nas costas de Loki, o casaco bege agora preto com o sangue.

— O que aconteceu?

Loki não respondeu.

Shadow achava que ele não ia mais falar.

— Sua esposa aconteceu, meu filho — explicou a voz distante de Wednesday. Estava mais difícil de vê-lo, como se ele estivesse se desfazendo no éter. — Mas a batalha vai trazer Loki de volta. E vai me trazer de volta de vez. Eu sou um fantasma, e ele é um cadáver, mas mesmo assim ganhamos. O jogo era roubado.

— Jogos roubados são os mais fáceis de ganhar — lembrou Shadow.

Nenhuma resposta. Nada se mexia nas sombras.

— Adeus — disse Shadow. E acrescentou: — Pai.

Mas já não havia mais sinal de qualquer outra pessoa na caverna. Nenhum.

Shadow voltou até o Pátio de Bandeiras dos Sete Estados, mas não viu ninguém nem ouviu nada além do tremular das bandeiras no vento da tormenta. Não havia pessoas portando espadas na Pedra Equilibrada de Mil Toneladas,

nem defensores na Ponte Suspensa. Estava sozinho.

Não havia nada para ver. O lugar estava deserto. Era um campo de batalha deserto.

Não. Não estava deserto. Não exatamente.

Ele simplesmente estava no lugar errado.

Aquilo era Rock City. Fora um lugar de admiração e adoração por milhares de anos. Naquele dia, os milhões de turistas que percorrem os jardins e cruzam a Ponte Suspensa produziam o mesmo efeito da água girando um milhão de rodas de oração. A realidade ali era rarefeita. E Shadow sabia onde a batalha devia estar acontecendo.

Começou a andar. Lembrou-se da sensação no Carrossel, tentou reproduzi-la, mas em um momento diferente no tempo...

Lembrou-se de como virou com o trailer, fazendo um ângulo reto em relação a tudo. Tentou capturar aquela sensação...

E aí aconteceu, foi fácil, sem nenhum desvio.

Foi como atravessar uma membrana, como emergir de águas profundas para o ar. Com um passo, saiu da trilha para turistas na montanha e foi...

Para um lugar de verdade. Estava nos Bastidores.

Continuava no topo da montanha. Até aí, tudo igual. Mas era muito mais do que isso. Aquele cume era a quintessência de lugar, o coração das coisas que eram. Em comparação, a montanha Lookout, de onde tinha saído, era como um cenário pintado, uma maquete de papel machê vista por uma tela de tevê — uma mera representação, não a coisa em si.

Aquele era o lugar de verdade.

As paredes rochosas abrigavam um anfiteatro natural. Trilhas de pedra o contornavam e o atravessavam, formando pontes sinuosas que cortavam e cruzavam as paredes rochosas como uma figura de Escher.

E o céu...

O céu era escuro. Estava bem-iluminado, e o mundo abaixo dele também, iluminado por um raio incandescente branco esverdeado e mais intenso que o sol, que se bifurcava incessantemente pelo céu, de fora a fora, como um rasgo branco no firmamento escuro.

Shadow notou que era um relâmpago. Um relâmpago congelado em um momento que se estendia por toda a eternidade. A luz era dura e inclemente: clareava rostos, transformava olhos em poços escuros.

Aquele era o momento da tempestade.

Os paradigmas estavam se transformando. Ele sentia isso. O velho mundo, um mundo de imensidão infinita e recursos e futuro sem limite, estava sendo confrontado por outra coisa — uma rede de energia, de opiniões, de abismos.

As pessoas acreditam, pensou. É isso que as pessoas fazem: acreditam. E depois não assumem a responsabilidade por suas crenças. Conjuram coisas e não confiam nas próprias conjurações. As pessoas povoam a escuridão com fantasmas, deuses, elétrons, histórias. As pessoas imaginam e acreditam: e é essa crença, essa crença sólida, que faz tudo acontecer.

O cume da montanha era uma arena, percebeu isso assim que chegou. E, de cada lado dessa arena, viu todos eles espalhados.

Eram grandes demais. Tudo ali era grande demais.

Encontrou velhos deuses, deuses de pele marrom como cogumelos antigos, rosa como carne de frango, amarela como folhas de outono. Alguns eram loucos e outros eram sãos. Shadow reconheceu os velhos deuses. Já os conhecia, ou conhecia outros como eles. Via *ifrits* e *piskies*, gigantes e anões. Viu a mulher que encontrara no quarto escuro em Rhode Island, o cabelo cacheado composto de serpentes verdes se retorcendo. Viu Mama-ji, do Carrossel, com sangue nas mãos e um sorriso no rosto. Conhecia todos.

E também reconheceu os novos.

Viu alguém que só podia ser um barão das estradas de ferro, com um terno antiquado e a corrente do relógio esticada por cima do colete. Tinha ares de quem já vira dias melhores. A testa tremelicava em movimentos involuntários.

Via os grandes deuses cinzentos dos aviões, herdeiros de todos os sonhos de viagem mais pesada que o ar.

Os deuses dos carros também estavam lá, um contingente poderoso, todos muito sérios, com sangue nas luvas pretas e nos dentes cromados: beneficiários de sacrifícios humanos em uma escala inconcebível desde os astecas. Até eles pareciam pouco à vontade. Os mundos mudam.

Outros pareciam rostos pixelados sem definição. Emitiam um brilho suave, como se existissem em sua própria luz.

Shadow sentiu pena de todos.

Os novos tinham certa arrogância. Dava para ver. Mas também uma espécie de medo.

Tinham medo de que, se não acompanhasssem as evoluções de um mundo em constante transformação, se não recriassem e redesenhassem e reconstruissem o mundo a sua própria imagem, seu tempo estaria acabado.

Cada lado encarava o oponente com bravura. Para cada lado, a oposição era composta de demônios, monstros, malditos.

Shadow reparou que já houvera uma escaramuça inicial. Já havia sangue nas pedras.

Os deuses estavam se preparando para a batalha de verdade, para a guerra de verdade. *É agora ou nunca*, pensou. Se não agisse naquele instante, seria tarde

demais.

Na América, tudo dura para sempre, comentou uma vozinha dentro de sua cabeça. *A década de 1950 durou mil anos. Você tem todo o tempo do mundo.*

Shadow foi andando até o centro da arena de um jeito que era meio caminhada, meio cambalear controlado.

Sentiu que olhos o observavam — olhos e coisas que não eram olhos. Estremeceu.

Você está indo bem, comentou a voz do búfalo.

Isso mesmo, pensou Shadow. *Voltei dos mortos hoje de manhã. Depois disso, o resto deve ser moleza.*

— Sabem — comentou para o nada, tranquilo —, isto não é uma guerra. Essa nunca foi a intenção. E, se vocês acham que isto é uma guerra, estão se iludindo.

Ouviu resmungos dos dois lados. Ninguém parecia muito impressionado.

— Estamos lutando pela nossa sobrevivência — mugiu um minotauro, de um dos lados da arena.

— Estamos lutando pela nossa existência — gritou uma boca em uma coluna de fumaça purpurinada, do outro lado.

— Esta é uma terra ruim para deuses — retrucou Shadow. Em matéria de início de discursos, não estava no nível de *Amigos*, *Romanos*, *Compatriotas*, mas dava para o gasto. — Vocês todos já devem saber disso, cada um a seu modo. Os velhos deuses são ignorados. Os novos são adotados tão rápido quanto são descartados e substituídos pela próxima novidade. Ou vocês foram esquecidos, ou têm medo de ficar obsoletos, ou talvez só estejam cansados de existir ao sabor do capricho humano.

Foram menos resmungos. Os dois lados concordavam com o que fora dito. E, enquanto estavam todos ouvindo, Shadow precisava contar a história.

— Havia um deus que veio para cá de uma terra distante, um deus cujos poder e influência foram enfraquecendo à medida que a crença nele diminuía. Era um deus que obtinha poder a partir de sacrifícios, de mortes, especialmente de mortes de guerra. As mortes daqueles que tombavam em guerra eram dedicadas a ele, campos de batalha inteiros que, no velho mundo, lhe davam poder e sustento.

“Mas esse deus já estava velho. Vivia de aplicar pequenos golpes, trabalhando com outro deus do mesmo panteão, um deus de caos e mentiras. Juntos, os dois passavam a perna nos crédulos. Juntos, faziam a limpa nos outros.

“Em algum momento... talvez há uns cinquenta anos, talvez cem, os dois conceberam um plano para criar uma reserva de poder da qual poderiam desfrutar juntos. Um poder que os deixaria mais fortes do que nunca. Afinal, o que poderia trazer mais poder que um campo de batalha coberto de deuses

mortos? O jogo dos dois se chamava ‘Lutem um contra o outro’.

“Entendem?

“Essa batalha que vocês vieram lutar, nenhum de vocês pode ganhar ou perder. A vitória e a derrota são irrelevantes para ele, para eles dois. O que importa é que uma quantidade suficiente de vocês morra. A cada um de vocês que cai em batalha, ele ganha mais poder. Cada um de vocês que morre só o alimenta. Entendem?”

O rugido abafado de algo começando a pegar fogo ecoou pela arena. Shadow olhou para a origem do som. Um homem imenso de pele escura como mogno e peito nu, com uma cartola na cabeça e um charuto pendurado na boca com displicênci, falou, e sua voz era profunda como um túmulo.

— Muito bem — concordou o Barão Samedi. — Mas Odin. Ele *morreu*. Na negociação de paz. Os filhos da puta mataram Odin. Ele morreu. Eu *entendo* de morte. Ninguém me engana nessas coisas de morte.

— Óbvio — respondeu Shadow. — Ele tinha que morrer de verdade. Ele sacrificou o corpo físico para começar esta guerra. Depois da batalha, ficaria mais poderoso do que nunca.

— Quem é você? — gritou alguém.

— Eu sou... era... sou o filho dele.

Um dos deuses novos — Shadow desconfiava de que fosse uma droga, pelo jeito como sorria e cintilava e tremia — disse:

— Mas o senhor World falou...

— O senhor World *não existe*. Nunca existiu. Era só mais um de vocês tentando se alimentar do caos que ele mesmo criou.

Shadow viu que os deuses acreditaram, e viu a mágoa em seus olhos. Balançou a cabeça.

— Sabem, acho que prefiro ser humano a ser deus. A gente não precisa que ninguém acredite que existimos. A gente existe de qualquer jeito. É o que a gente faz.

O silêncio invadiu aquele lugar alto.

Então, com um estouro chocante, o relâmpago congelado no céu caiu na montanha, e a arena ficou completamente escura.

Muitas daquelas presenças brilharam na escuridão.

Shadow se perguntou se os deuses iam retrucar e discutir, se iam atacá-lo, se iam tentar matá-lo. Esperou alguma reação.

Então percebeu que as luzes estavam se apagando. Os deuses estavam indo embora, primeiro uns poucos de cada vez, depois aos bocados, e por fim às centenas.

Uma aranha do tamanho de um rottweiler veio mancando em sua direção.

Tinha sete patas, e seus olhos reluziam com um brilho suave.
Shadow não saiu do lugar, mas começou a sentir um leve mal-estar.
Quando a aranha se aproximou o bastante, disse, na voz do sr. Nancy:
— Foi um belo trabalho. Tenho orgulho de você. Você se saiu bem, garoto.
— Obrigado.
— É melhor tirar você daqui logo. Se passar tempo demais neste lugar, vai ficar todo errado.
A aranha apoiou uma pata marrom e peluda no ombro de Shadow...

... e, de volta ao Pátio de Bandeiras dos Sete Estados, o sr. Nancy tossiu. Estava com a mão direita no ombro de Shadow. A chuva tinha cessado. O sr. Nancy pressionava a lateral do corpo com a mão esquerda, como se sentisse dor. Shadow perguntou se estava tudo bem.

— Eu sou forte como um touro — respondeu o sr. Nancy. — Mais, até. Ele não parecia feliz. Parecia um senhor idoso com dor.
Havia dezenas de pessoas ali, em pé e sentadas no chão ou nos bancos. Algumas pareciam gravemente feridas.
Shadow ouviu um barulho trepidante no céu, vindo do sul. Olhou para o sr. Nancy.

— Helicópteros?
O sr. Nancy assentiu.
— Não precisa se preocupar com eles. Não mais. Vão limpar a bagunça e ir embora. São bons nisso.

— Entendi.
Shadow sabia que havia uma parte daquela bagunça que ele queria ver pessoalmente, antes da limpeza. Pegou uma lanterna emprestada de um homem grisalho que parecia um âncora de jornal aposentado e foi à caça.

Encontrou Laura estirada no chão em uma caverna lateral, ao lado de uma maquete de gnomos mineradores saídos direto de *Branca de Neve*. O chão embaixo dela estava sujo de sangue. Laura estava caída de lado, onde Loki provavelmente a largara depois de arrancar a lança do corpo dos dois.

Ela apertava o tórax. Parecia extremamente vulnerável. Também parecia morta, mas, àquela altura, Shadow já estava quase acostumado com isso.

Ele se agachou ao lado da esposa, tocou sua bochecha e chamou seu nome. Os olhos dela se abriram, e Laura ergueu a cabeça e se virou para encará-lo.

— Oi, fofinho. — A voz dela saía fraca.
— Oi, Laura. O que aconteceu aqui?

— Nada. Umas coisas. Eles ganharam?

— Não sei — respondeu Shadow. — Acho que esse tipo de coisa é meio relativo. Mas impedi a batalha que eles estavam tentando começar.

— Fofinho esperto. Aquele homem, o senhor World, falou que ia enfiar uma vara no seu olho. Não gostei nem um pouco dele.

— Ele morreu. Você o matou, querida.

Ela assentiu. Então falou:

— Que bom.

Laura fechou os olhos. A mão de Shadow encontrou a mão fria dela e a segurou. Depois de um tempo, ela abriu os olhos de novo.

— Você chegou a descobrir um jeito de me trazer de volta dos mortos?

— Acho que sim. Sei de um jeito, pelo menos.

— Que bom. — Sua mão fria apertou a dele. — E o contrário? Que tal?

— O contrário?

— É — sussurrou Laura. — Acho que eu mereço.

— Eu não quero fazer isso.

Ela não respondeu. Só esperou.

— Tudo bem — concordou Shadow.

Ele recolheu a mão e a apoiou no pescoço da esposa.

— Ah, esse é o meu marido — comentou Laura, com orgulho.

— Amo você, gata.

— Amo você, fofinho — sussurrou ela.

Shadow agarrou a moeda de ouro pendurada no pescoço de Laura. Deu um puxão forte na corrente, que se quebrou fácil. Depois, segurou a moeda de ouro entre o dedo e o polegar, soprou no metal e abriu a mão.

A moeda tinha sumido.

Os olhos de Laura continuavam abertos, mas agora estavam estáticos.

Shadow se abaixou e deu um beijo carinhoso na bochecha fria da mulher, que não reagiu. E ele não esperava que reagisse. Então se levantou e saiu da caverna para admirar a noite.

A tempestade tinha passado. O ar parecia fresco e limpo e renovado.

Não tinha a menor dúvida de que o dia seguinte seria lindo de morrer.

PARTE QUATRO

EPÍLOGO: OS MORTOS ESCONDEM ALGUMA COISA

CAPÍTULO

DEZENOVE

A melhor maneira de descrever uma história é contando a história. Entende?

Alguém que descreve uma história, seja para si ou para o mundo, conta a história. É um ato de equilíbrio, e é um sonho. Quanto mais preciso o mapa, mais ele se parece com o terreno. O mapa mais preciso possível seria o próprio terreno — e, portanto, perfeitamente preciso e perfeitamente inútil. A história é o mapa que é o terreno. Você precisa se lembrar disso.

Dos cadernos do sr. Íbis

OS DOIS PERCORRIAM a I-75 até a Flórida. Estavam dirigindo a Kombi desde de manhã — ou melhor, Shadow dirigia enquanto o sr. Nancy, no banco do carona, volta e meia se oferecia para dirigir, fazendo uma careta de dor e cansaço. Shadow sempre recusava.

— Está feliz? — perguntou o sr. Nancy, de repente.

O deus passara algumas horas encarando Shadow. Sempre que olhava de relance para a direita, Shadow via o sr. Nancy o observando com seus olhos castanhos cor de terra.

— Não muito — respondeu. — Mas ainda não morri.

— Hein?

— *Não se pode dizer que um homem é feliz até ele estar morto.* Heródoto.

O sr. Nancy ergueu uma sobrancelha grisalha.

— *Eu não morri ainda e, principalmente por causa disso, estou feliz à beça* — disse o deus.

— Essa coisa do Heródoto. Não quer dizer que os mortos sejam felizes — explicou Shadow. — Quer dizer que só dá para julgar a vida de alguém depois que ela acaba.

— Eu acho que nem assim — retrucou o sr. Nancy. — E, quanto à felicidade, existem muitos tipos diferentes, assim como existe um bocado de tipos diferentes de morte. Eu, para mim, aceito o que dá e quando dá.

Shadow mudou de assunto.

— Aqueles helicópteros... Os que levaram os mortos e os feridos.

— O que é que tem?

— Quem os mandou? De onde vieram?

— Ah, não precisa se preocupar com isso. Eles são como valquírias ou urubus. Vêm porque precisam vir.

— Se você diz...

— Os mortos e feridos vão receber cuidados. Na minha opinião, o velho Jacal vai ficar bem ocupado pelo próximo mês. Me conta uma coisa, Shadowzinho.

— Sim.

— O que você aprendeu com isso tudo?

Shadow deu de ombros.

— Não sei. Já esqueci a maior parte do que aprendi na árvore. Acho que conheci algumas pessoas. Mas não tenho certeza de mais nada. Parece um daqueles sonhos que transformam a gente. Dá para guardar uma parte do sonho para sempre, e bem no fundo a gente continua sabendo de algumas coisas. Porque realmente aconteceu com a gente, mas os detalhes meio que somem.

— É — concordou o sr. Nancy. Depois, a contragosto, acrescentou: — Até que você não é tão burro.

— Talvez não. Mas queria ter conseguido guardar mais do que passou pelas minhas mãos desde que eu saí da cadeia. Recebi muitas coisas, mas as perdi.

— Talvez você ainda tenha mais do que pensa.

— Não — retrucou Shadow.

Eles cruzaram a fronteira da Flórida, e Shadow viu sua primeira palmeira. Ficou se perguntando se a árvore fora plantada ali de propósito, bem na fronteira, só para as pessoas saberem que tinham chegado.

O sr. Nancy começou a roncar, e Shadow olhou para ele. O velho ainda parecia meio cinza, e sua respiração estava irregular. Shadow se perguntou, não pela primeira vez, se o deus tinha sofrido algum ferimento no tórax ou nos pulmões durante a luta. Nancy se recusara a receber cuidados médicos.

A Flórida se estendeu por mais tempo do que Shadow imaginara, e já era tarde quando pararam em uma casinha de madeira de um só andar com janelas cobertas com chapas de proteção contra furacões nos arredores de Fort Pierce. O

sr. Nancy, que guiara o caminho pelos últimos oito quilômetros, convidou Shadow para dormir lá.

— Eu posso ir para um hotel — respondeu Shadow. — Não tem problema.

— Você *poderia* fazer isso, e eu ficaria magoado. E claro que não falaria nada. Mas ficaria muito, muito magoado — respondeu o sr. Nancy. — Então é melhor você ficar aqui. Vou arrumar o sofá para você dormir.

O velho abriu as proteções das janelas. A casa cheirava a mofo e umidade, e tinha também um aroma um pouco doce, como se fosse assombrada pelo fantasma de biscoitos havia muito falecidos.

Relutante, Shadow aceitou passar a noite ali, assim como aceitou, mais relutante ainda, acompanhar o sr. Nancy até o bar no fim da rua para tomar só uma rodada enquanto a casa arejava.

— Você viu o Czernobog? — perguntou o sr. Nancy, enquanto caminhavam pela noite quente e úmida.

O ar estava infestado de baratas voadoras, e o chão fervilhava de criaturas que rastejavam e estalavam. O sr. Nancy acendeu uma cigarrilha e tossiu e engasgou ao tragar. Mesmo assim, continuou fumando.

— Ele já tinha sumido quando eu saí da caverna.

— Deve ter ido para casa. Ele deve estar esperando você, sabia?

— Sim.

Os dois continuaram em silêncio. O bar não era grande coisa, mas estava aberto.

— Eu pago a primeira rodada — anunciou o sr. Nancy.

— A gente só vai tomar uma, lembra?

— Nossa, garoto! — retrucou o sr. Nancy. — Que mão de vaca.

O deus comprou as primeiras cervejas, e Shadow pagou a segunda rodada. Ficou olhando, horrorizado, enquanto o sr. Nancy convencia o barman a ligar a máquina de karaokê e, com um constrangimento fascinado, viu o velho cantar e arrotar “What’s New Pussycat?”, para depois entoar uma versão emotiva e melodiosa de “The Way You Look Tonight”. O sr. Nancy tinha uma bela voz, e, quando a música acabou, as poucas pessoas que ainda estavam no bar bateram palmas e assobiaram.

Quando o velho deus voltou até Shadow, parecia mais luminoso. O branco dos olhos estava mais claro, e o tom cinzento de sua pele tinha desaparecido.

— Sua vez — anunciou o velho.

— Sem chance — retrucou Shadow.

Mas o sr. Nancy pedira mais cerveja, entregando a Shadow uma folha amarelada com a lista de músicas disponíveis.

— É só escolher uma música que você saiba cantar.

— Isso não tem graça — reclamou Shadow.

O mundo já estava começando a oscilar, e ele não conseguiu reunir forças para discutir, então o sr. Nancy colocou “Don’t Let Me Be Misunderstood” para tocar e o empurrou — literalmente *empurrou* — para o minúsculo palco improvisado nos fundos do bar.

Shadow segurou o microfone como se fosse um bicho vivo, e a música began. Resmungou o “*Baby...*” do começo. Ninguém do bar jogou coisas em cima dele. E foi uma sensação boa.

— *Can you understand me now?* — Sua voz era rouca mas melodiosa, e aquele tom caiu bem na música. — *Sometimes I feel a little mad. Don’t you know that no one alive can always be an angel...*

Ainda estava cantando no caminho de volta para casa, pela noite agitada da Flórida — o velho e o jovem, felizes e cambaleantes.

— *I’m just a soul whose intentions are good* — cantou Shadow, para os caranguejos e as aranhas e as baratas e as lagartixas da noite. — *Oh lord, please don’t let me be misunderstood.*

O sr. Nancy indicou o sofá. Era muito menor do que Shadow, que decidiu dormir no chão — mas, a essa altura, já tinha caído no sono, meio sentado e meio deitado no sofazinho.

A princípio, não sonhou. Era só a escuridão reconfortante. Quando viu uma fogueira ardendo na escuridão, foi até ela.

— Você fez bem — sussurrou o homem-búfalo, sem mover os lábios.

— Não sei o que eu fiz — respondeu Shadow.

— Você fez a paz. Pegou nossas palavras e as tomou para si. Nenhum deles nunca tinha entendido que *eles* estavam aqui, assim como as pessoas que os idolatravam estavam aqui, porque é conveniente para nós que eles estejam aqui. Mas a gente pode mudar de ideia. E talvez mude mesmo.

— Você é um deus? — perguntou Shadow.

O homem-búfalo balançou a cabeça. Por um instante, pareceu que a criatura tinha achado graça.

— Eu sou a terra — respondeu o homem-búfalo.

E, se o sonho teve mais algum detalhe, Shadow não se lembrou.

Ouviu um chiado. A cabeça doía, e ele sentiu algo latejar por trás dos olhos.

O sr. Nancy já estava preparando o café da manhã: uma pilha de panquecas, bacon fervilhante, ovos perfeitos e café. O velho parecia no auge da saúde.

— Estou com dor de cabeça — anunciou Shadow.

— É só tomar um bom café da manhã que você vai se sentir um novo homem.

— Prefiro me sentir o mesmo homem, só que com outra cabeça.

— Coma — ordenou o sr. Nancy.

Shadow comeu.

— E agora, como se sente?

— Como se eu estivesse com dor de cabeça, só que com comida no estômago e grandes chances de vomitar.

— Venha cá. — Atrás do sofá em que Shadow passara a noite, coberto com uma manta africana, havia um baú feito de alguma madeira escura; parecia uma miniatura de baú de tesouro. O sr. Nancy abriu o cadeado e levantou a tampa. Dentro, havia algumas caixas. Nancy remexeu nelas. — É um remédio ancestral feito de ervas africanas — explicou. — Leva casca de salgueiro triturada, esse tipo de coisa.

— Tipo aspirina?

— É — respondeu o sr. Nancy. — Exatamente.

Do fundo do baú, o deus extraiu um pote enorme tamanho econômico de aspirina genérica. Abriu a tampa e tirou um par de comprimidos.

— Aqui.

— Belo baú — comentou Shadow.

Pegou os comprimidos amargos e os engoliu com um copo de água.

— Meu filho me mandou de presente. É um bom garoto. Não o vejo com tanta frequência quanto gostaria.

— Sinto falta de Wednesday — comentou Shadow. — Apesar de tudo o que ele fez. Fico achando que vou topar com ele por aí. Mas então olho em volta e ele não está em lugar nenhum.

Shadow ficou observando o cadeado solto, tentando entender o que aquilo lhe lembrava.

Você perderá muitas coisas. Mas não perca isto. Quem tinha dito isso?

— Você sente falta dele? Depois de tudo o que ele aprontou para você? Para todo mundo?

— É — respondeu Shadow. — Acho que sim. Você acha que ele vai voltar?

— Eu acho que, sempre que dois homens se juntarem para vender um violino de vinte dólares por dez mil a um terceiro homem, ele estará lá em espírito.

— Sim, mas...

— A gente devia voltar para a cozinha — sugeriu o sr. Nancy, com uma expressão um pouco fria. — Aquelas frigideiras não vão se lavar sozinhas.

O velho deus lavou as frigideiras e a louça. Shadow secou e guardou tudo. Em algum momento, a dor de cabeça começou a diminuir. Os dois voltaram para a sala de estar.

Shadow ficou olhando mais um pouco para o cadeado, fazendo força para se lembrar.

— O que aconteceria se eu não fosse encontrar Czernobog?

— Vocês vão se encontrar — respondeu o sr. Nancy. — Talvez ele o faça ir até lá. Mas, de um jeito ou de outro, vocês vão se encontrar.

Shadow assentiu. Algo começava a se encaixar.

— Ei — começou. — Existe algum deus com cabeça de elefante?

— Ganesha? É um deus hindu que tem uma presa só. Ele remove obstáculos e facilita jornadas. E cozinha muito bem.

Shadow ergueu os olhos.

— ...*presa* — declarou. — Eu sabia que era importante, mas não sabia por quê. Achei que talvez tivesse a ver com o fato de eu estar preso na árvore. Mas ele não estava falando daquilo, estava?

O sr. Nancy franziu a testa.

— Não estou entendendo.

— Presa — repetiu Shadow.

Ele sabia que era verdade. Não chegava a saber por que devia ser verdade. Mas tinha certeza absoluta.

Shadow se levantou.

— Preciso ir. Sinto muito.

O sr. Nancy ergueu a sobrancelha.

— Por que a pressa?

— Porque o gelo está derretendo — respondeu Shadow.

CAPÍTULO

VINTE

é

primavera

fauno

baloeiro assobia

alto

agudo

e.e. cummings

DIRIGINDO UM CARRO alugado em baixa velocidade, Shadow saiu da floresta por volta de oito e meia da manhã, desceu a colina a cerca de setenta quilômetros por hora e chegou a Lakeside três semanas depois de achar que jamais se veria ali de novo.

Atravessou a cidade, surpreso de ver quão pouco o lugar havia mudado nas últimas semanas, que tinham sido uma vida inteira para ele, e estacionou na rua que dava no lago. Saiu do carro.

Não havia mais nenhum barraco para pesca no gelo, nenhum utilitário, ninguém sentado diante de um buraco com uma vara e uma caixa de cerveja. O lago estava escuro: sem a cobertura branca da camada lisa de neve, via-se o reflexo da água na superfície do gelo, e a água sob o gelo era escura, e o próprio gelo era transparente o bastante para revelar a escuridão abaixo. O céu era cinza, e o lago gelado estava desolado e vazio.

Quase vazio.

Ainda havia um carro, parado na superfície congelada do lago, quase embaixo da ponte, então qualquer pessoa que passasse pela cidade, qualquer pessoa que visitasse o lugarejo inevitavelmente veria o automóvel. A lataria tinha um tom meio sujo de verde; era o tipo de carro que se abandona em estacionamentos, o tipo de carro que as pessoas deixam lá e vão embora porque não vale a pena voltar para buscar. Não tinha motor. Era o símbolo de uma aposta, um símbolo que aguardava até o gelo ficar fraco, e mole, e perigoso a ponto de permitir que o lago o levasse para sempre.

A pequena pista que dava no lago estava interditada com uma corrente e uma placa, proibindo a passagem de pessoas ou veículos. GELO FINO, dizia o aviso, e logo abaixo havia uma sequência de pictogramas pintados à mão e riscados: proibido carros, proibido pedestres, proibido motoneves. *Perigo*.

Shadow ignorou as advertências e desceu a encosta. Era escorregadia — a neve já havia derretido, transformando a terra em lama, e a grama marrom não tinha praticamente nenhuma tração. Derrapou e escorregou até o lago, subiu cuidadosamente em um píer curto de madeira e, dali, desceu para o gelo.

A camada de água sobre a superfície sólida, feita de gelo e neve derretidos, era mais funda do que parecia, e o gelo embaixo era mais liso e escorregadio do que qualquer rinque de patinação. Shadow precisou se concentrar para não perder o

equilíbrio. Chapinhou a água, que invadiu suas botas pelos furos dos cadarços. Água gelada. O pé ficou dormente. Ele sentiu um distanciamento estranho conforme avançava, como se estivesse assistindo a si mesmo numa tela de cinema — um filme em que ele era o herói, talvez um detetive: foi acometido por uma sensação de inevitabilidade, como se os acontecimentos seguintes agissem por conta própria e ele não pudesse fazer nada para alterar qualquer detalhe.

Shadow foi até a sucata, ciente de que o gelo estava fino demais para aguentar seu peso, de que a água sob o gelo estava o mais fria possível sem que congelasse. Ele se sentia muito exposto lá no gelo, sozinho. Continuou andando, escorregou. Algumas vezes, caiu.

Passou por garrafas e latas de cerveja vazias e por buracos redondos cortados no gelo, para pescaria, buracos que não tinham sido cobertos de volta pelo gelo, cheios de água escura.

A distância até a sucata era maior do que parecia quando vista da estrada. Ele ouviu um barulho alto de rachadura no lado sul, como se um graveto tivesse se quebrado, e a isso se seguiu o som de algo imenso zumbindo, como a vibração de uma corda de um baixo do tamanho do lago. O gelo rangeu e grunhiu imensamente, como uma porta velha reclamando ao ser aberta. Shadow continuou andando, fazendo o possível para manter o equilíbrio.

Isto é suicídio, sussurrou uma voz sensata no fundo de sua cabeça. Não é melhor deixar pra lá?

— Não — respondeu ele, em voz alta. — Eu preciso saber.

E continuou andando.

Antes mesmo de chegar, sabia que tinha razão. O carro estava envolvido por um miasma, algo que era ao mesmo tempo um leve cheiro ruim e um gosto ruim bem no fundo da garganta. Contornou o automóvel, tentando ver o interior. O estofamento estava manchado e rasgado. O carro estava obviamente vazio. Shadow tentou abrir as portas. Trancadas. Tentou o porta-malas. Trancado.

Lamentou não ter trazido um pé de cabra.

Fechou a mão enluvada. Contou até três e bateu, com força, no vidro do lado do motorista.

A mão doeu. O vidro continuou intacto.

Pensou em correr — tinha certeza de que conseguiria quebrar o vidro com um chute, se não escorregasse no gelo molhado e caísse. Mas a última coisa que queria era sacudir a sucata a ponto de quebrar o gelo embaixo.

Olhou para o carro. Segurou a antena do rádio — era do tipo que devia subir e descer, mas que já fazia uma década que não descia mais e acabou ficando para cima mesmo — e, com um pouco de força, quebrou-a na base. Retorceu a ponta

fina da antena — onde antigamente havia uma bolinha de metal, mas ela se perdeu — até transformá-la em um gancho improvisado.

Depois, enfiou a antena entre a borracha e o vidro da janela da frente e a empurrou até o mecanismo de trava de uma das portas. Pescou a trava, girando, mexendo, empurrando a antena de metal até ela enganchar — por fim, puxou.

Sentiu o gancho improvisado deslizar sem resultado nenhum.

Suspirou. Tentou de novo, mais devagar, com mais cuidado. Imaginou o gelo sob seus pés resmungando conforme se mexia. E devagar... e...

Foi. Puxou a antena, e a trava da porta subiu. Shadow pôs a mão na maçaneta, apertou o botão e puxou. A porta não abriu.

Está emperrada, pensou, congelada. Só isso.

Deu um puxão e quase caiu para trás, e, de repente, a porta se abriu, espalhando gelo para todos os lados.

O miasma estava pior dentro do carro, um fedor de podridão e doença. Shadow se sentiu mal.

Enfiou a mão embaixo do painel, achou a alavanca preta de plástico que abria o porta-malas e puxou com força.

Ouviu um barulho surdo atrás de si quando a trava se soltou.

Shadow contornou o carro, escorregando e chapinhando, usando a lataria como apoio.

Está presa, pensou.

O porta-malas estava entreaberto. Shadow estendeu a mão e levantou a porta de vez.

O cheiro estava ruim, mas podia ter sido muito pior: uma camada de uns três centímetros de gelo parcialmente derretido cobria o fundo do porta-malas. Havia uma menina ali dentro. Ela usava um macacão vermelho, agora manchado, e o cabelo castanho-claro era comprido, e a boca estava fechada, então Shadow não viu os elásticos azuis do aparelho, mas sabia que estavam lá. O frio a preservara tão bem quanto se ela tivesse sido colocada em um freezer.

Os olhos estavam arregalados, e a menina parecia ter chorado logo antes de morrer, e as lágrimas congeladas no rosto ainda não haviam derretido. As luvas eram de um verde vibrante.

— Você estava aqui desde o começo — disse Shadow para o cadáver de Alison McGovern. — Todo mundo que atravessou aquela ponte viu você. As pessoas que vinham pescar no gelo passavam por você todos os dias. E ninguém sabia.

E então se deu conta de que estava errado.

Alguém sabia.

Alguém a colocara ali dentro.

Inclinou-se para dentro do porta-malas — para ver se conseguia tirar a menina. Afinal, ele a encontrara. Agora, tinha que tirá-la dali. Ao tentar fazer isso, ele apoiou o peso no carro. Talvez tenha sido por isso.

O gelo embaixo das rodas dianteiras cedeu, talvez por causa dos movimentos de Shadow, talvez não. A parte da frente tombou e foi engolida pela água escura do lago, que começou a invadir o automóvel pela porta aberta do motorista. Os tornozelos de Shadow chapinharam na água, mas o gelo debaixo de seus pés ainda estava sólido. Ele olhou para os lados, aflito, tentando pensar em uma forma de escapar — mas foi tarde demais, e o gelo se ergueu de repente, jogando-o em cima do veículo e da menina morta no porta-malas; a traseira do carro desceu, e Shadow desceu junto, mergulhando nas águas gélidas do lago. Eram nove e dez do dia 23 de março.

Ele respirou fundo antes de mergulhar, fechou os olhos, mas o frio do lago o atingiu como se tivesse dado de cara em um muro, expulsando todo o ar dos pulmões.

Foi caindo na água gelada e turva, arrastado pelo carro.

Estava embaixo d'água, no meio da escuridão e do frio, puxado pelo peso das roupas, das luvas e das botas, preso e embolado no casaco, que parecia ter se tornado mais pesado e volumoso do que achava possível.

Shadow continuava caindo. Tentou se afastar do carro, mas a lataria o puxava para baixo, então ouviu um baque — com o corpo inteiro, não só com os ouvidos —, e seu tornozelo esquerdo ficou agarrado em alguma coisa, o pé se torceu, e acabou ficando preso embaixo do carro quando a sucata descansou no fundo do lago. Shadow foi tomado pelo pânico.

Ele abriu os olhos.

Sabia que estava escuro lá embaixo: racionalmente, sabia que estava escuro demais para enxergar qualquer coisa, mas mesmo assim podia ver: via tudo. Via o rosto pálido de Alison McGovern encarando-o de dentro do porta-malas aberto. Via outros carros também — sucatas de anos anteriores, massas corroídas em meio à escuridão, parcialmente soterradas pelo lodo do fundo. *E o que arrastavam para cima do lago, pensou, antes que existissem carros?*

O porta-malas de cada um deles, Shadow tinha certeza absoluta, continha uma criança morta. Havia dezenas de carros ali no fundo. Cada um esperara o degelo do lago exposto aos olhos do mundo, ao longo de todo o frio do inverno. Cada um mergulhara nas águas geladas quando o inverno acabava.

Ali repousavam todos eles: Lemmi Hautala e Jessie Lovat e Sandy Olsen e Jo Ming e Sarah Lindquist e todos os outros. Ali embaixo, no silêncio e no frio...

Shadow puxou o pé. Estava preso, e a pressão nos pulmões começava a ficar insuportável. Sentiu uma dor aguda nos ouvidos. Expirou lentamente, e o ar

borbulhou em seu rosto.

Logo, pensou, logo eu vou ter que respirar. Ou vou me afogar.

Ele se abaixou, segurou o para-choque do automóvel com ambas as mãos e empurrou com todas as forças, com o peso do corpo. Nada aconteceu.

É só uma carcaça de carro, disse a si mesmo. Tiraram o motor. Era a parte mais pesada. Você consegue. É só empurrar.

Ele empurrou.

Com uma lentidão agonizante, uma fração de centímetro de cada vez, o carro escorregou para a frente no lodo, e Shadow puxou o pé e chutou, e tentou se impulsionar para cima. Não saiu do lugar. *O casaco*, pensou. É o casaco. Está preso, ou agarrou em alguma coisa. Tirou os braços das mangas do casaco e mexeu com os dedos dormentes no zíper congelado. Depois, puxou dos dois lados e sentiu o tecido ceder e rasgar. Livrou-se da peça e se impulsionou para cima, para longe do carro.

Sentia que avançava, mas não sabia se estava indo para cima ou para baixo. Estava se afogando, e a dor no peito e na cabeça eram insuportáveis, e tinha certeza de que ia precisar inspirar, puxando só água fria e morrer. E então sua cabeça bateu em algo sólido.

Gelo. Estava empurrando o gelo que cobria o lago. Tentou esmurrá-lo, mas seus braços não tinham mais força, não tinham em que se segurar, em que se firmar para empurrar. O mundo havia se dissolvido na escuridão gelada sob o lago. Não restava mais nada além do frio.

Isto é ridículo, pensou. E, lembrando-se de algum filme antigo de Tony Curtis que tinha visto quando pequeno, considerou: Eu devia virar o corpo e empurrar o gelo para cima e colar o rosto nele, achar um pouco de ar, aí eu poderia respirar, deve ter ar em algum lugar, mas ele só flutuava e congelava, incapaz de mexer um músculo sequer, mesmo que sua vida dependesse disso, e dependia.

O frio ficou insuportável. Quente. E ele pensou: *estou morrendo*. Dessa vez sentiu raiva, uma fúria intensa, e pegou a dor e a raiva e as usou para estender as mãos, para se debater, para obrigar os músculos a se mexerem, músculos que já haviam se resignado a não se mexer nunca mais.

Pressionou a camada de gelo e sentiu a mão raspar na borda e encontrar o ar. Tentou encontrar um apoio onde se segurar e sentiu outra mão pegar a sua e puxar.

O rosto raspou no gelo e a cabeça encontrou o lado de fora. Ele viu que estava saindo por um buraco — por um instante, só conseguia respirar e deixar que a água escura do lago caísse de seu nariz, de sua boca, de seus olhos, que não enxergavam nada além da luz ofuscante do dia e de formas indefinidas — alguém o puxava, obrigando-o a sair da água, falando alguma coisa sobre ele

morrer congelado, então vai, cara, *empurra*, e Shadow se contorceu e se sacudiu como uma foca saindo da água, agitando-se e tossindo e tremendo.

Ele puxou o ar, estendido no gelo fino, e sabia que nem aquilo resistiria por muito tempo, mas não adiantava. Seus pensamentos chegavam com dificuldade, lentos.

— Me deixe aqui — tentou dizer. — Vou ficar bem. — Suas palavras saíram enroladas, e tudo estava parando.

Só precisava descansar um pouco, só isso, só descansar, e depois se levantaria e sairia, porque era óbvio que não podia ficar deitado ali para sempre.

Sentiu um puxão; água molhando seu rosto. A cabeça foi levantada. Shadow sentiu que era arrastado, deslizando de costas pela superfície lisa, e teve vontade de reclamar, de explicar que só precisava descansar um pouco — talvez dormir um pouco, seria pedir demais? — para ficar bem. Só queria que o deixassem em paz.

Não acreditava que tinha adormecido; achava que estava de pé em uma vasta planície, onde havia um homem com cabeça e ombros de búfalo e uma mulher com uma cabeça de condor gigantesca, e Whiskey Jack estava entre os dois, olhando para ele com tristeza, balançando a cabeça.

Whiskey Jack se virou e se afastou lentamente. O homem-búfalo fez o mesmo. A mulher-pássaro-do-trovão também foi embora, e então se abaixou e deu um pulo e saiu voando pelos céus.

Shadow teve uma sensação de perda. Quis chamá-los, suplicar que voltassem, que não desissem dele, mas tudo estava ficando indefinido, deformado: eles se foram, e as planícies se apagaram, e tudo virou nada.

A dor era intensa: era como se cada célula de seu corpo, cada nervo, estivesse derretendo, acordando e queimando Shadow, machucando Shadow, para anunciar sua presença.

Uma das mãos segurava a parte de trás de sua cabeça, outra servia de apoio para o queixo. Ele abriu os olhos, imaginando que estaria em algum hospital.

Os pés estavam descalços. Usava calça jeans. Nada da cintura para cima. Havia vapor no ar. Viu um espelho pequeno na parede à frente, uma pia pequena, uma escova de dente azul dentro de um copo manchado de pasta de dentes.

As informações estavam sendo processadas lentamente, um dado por vez.

Os dedos das mãos ardiam. Os dedos dos pés ardiam.

Ele começou a gemer de dor.

— Calma, Mike. Calma — pediu uma voz conhecida.

— O quê? — perguntou, ou tentou perguntar. — O que está acontecendo? — Sua voz parecia contida e estranha aos próprios ouvidos.

Estava dentro de uma banheira. A água estava quente. Ao menos achou que a água estava quente, mas não tinha certeza. Estava imerso até o pescoço.

— A maior burrice que se pode fazer com um cara que está morrendo congelado é colocar o sujeito na frente de uma fogueira. A segunda maior burrice é enrolá-lo em cobertores, especialmente se ele já está com as roupas encharcadas. Os cobertores isolam o corpo, mantêm o frio dentro. A terceira maior burrice, e essa é uma opinião minha, é tirar o sangue do sujeito, esquentar e colocar dentro do corpo dele de novo. Isso é o que os médicos fazem hoje em dia. Complicado, caro. Burrice.

A voz vinha de algum lugar acima e atrás da cabeça de Shadow.

— A técnica mais esperta e rápida é a dos marinheiros, eles fazem isso há séculos com os homens que caem do navio. É só mergulhar o sujeito em água quente. Não quente *demais*. Só quente. Agora, só para você saber, você estava praticamente morto quando eu o encontrei lá no gelo. Como está se sentindo, Houdini?

— Dói — respondeu Shadow. — Tudo dói. Você salvou a minha vida.

— Acho que salvei mesmo. Já consegue manter a cabeça fora d'água sozinho?

— Talvez.

— Vou soltar você. Se começar a afundar, eu puxo para cima de novo.

As mãos soltaram sua cabeça.

Shadow se sentiu deslizando para a frente. Então estendeu as mãos, se segurou nas laterais da banheira e empurrou o corpo para trás. O lugar era pequeno. A banheira era de metal, e o esmalte estava manchado e arranhado.

Um velho apareceu em seu campo de visão. Parecia preocupado.

— Está melhor? — perguntou Hinzelmann. — Fique deitado aí e relaxe. Deixei a sala bem quentinha. É só me falar quando estiver pronto, e lhe dou um roupão para você usar e jogo sua calça junto com o resto das roupas na secadora. Tudo bem por você, Mike?

— Esse não é o meu nome.

— Se você diz.

O rosto malicioso do velho se contorceu em uma expressão de desconforto.

Shadow perdeu a noção do tempo: ficou deitado na banheira até o ardor parar e conseguir dobrar os dedos das mãos e dos pés sem dor. Hinzelmann o ajudou a se levantar e tirou a tampa do ralo da banheira. Shadow se sentou na beirada, e Hinzelmann o ajudou a tirar a calça.

Ele se enfiou, sem muita dificuldade, em um roupão felpudo pequeno demais e, apoiando-se no homem, foi para a sala e se deixou cair em um sofá velho.

Estava cansado e debilitado: extremamente exausto, mas vivo. Um fogo a lenha ardia na lareira. Do alto das paredes, onde disputavam espaço com alguns peixes grandes empalhados, algumas cabeças de veado cobertas de poeira olhavam para baixo com cara de surpresa.

Hinzelmann pegou a calça dele, e Shadow escutou no cômodo ao lado uma breve pausa no barulho tremelicante de uma secadora, que logo voltou a funcionar. O velho voltou com uma caneca fumegante.

— É café — anunciou —, é estimulante. E acrescentei um pouquinho de schnapps. Só um pouquinho. É o que a gente fazia nos velhos tempos. Um médico não recomendaria.

Shadow segurou a caneca com ambas as mãos. Na lateral do recipiente havia um mosquito desenhado, com a mensagem: DOE SANGUE — VISITE WISCONSIN!!

— Obrigado.

— É para isso que servem os amigos — respondeu Hinzelmann. — Um dia, você vai poder salvar a minha vida também. Por enquanto, não se preocupe.

Shadow tomou um gole do café.

— Achei que eu tivesse morrido.

— Você teve sorte. Eu estava lá na ponte. Tive um pressentimento de que hoje seria o grande dia, na minha idade a gente passa a sentir esse tipo de coisa. Então eu estava lá em cima com meu relógio de bolso velho e vi você andando pelo lago. Gritei, mas você não deve ter me ouvido. Vi o carro afundar, e vi você ir junto, e pensei que fosse o seu fim, então fui para o gelo. Fiquei tenso. E aí vi a sua mão aparecer no lugar onde o carro tinha afundado... Ver você ali foi como ver um fantasma... — Ele se interrompeu. — Foi uma sorte danada o gelo aguentar o nosso peso enquanto eu arrastava você até a margem.

Shadow assentiu.

— Você fez bem — disse ele a Hinzelmann, e o rosto malicioso do velho abriu um sorriso enorme.

Em algum lugar da casa, Shadow ouviu uma porta se fechar. Tomou outro gole do café.

Agora que estava conseguindo pensar com clareza, começou a se perguntar algumas coisas.

Queria saber como um velho, um homem com a metade de sua altura e talvez um terço do peso, tinha conseguido arrastá-lo pelo gelo, inconsciente, até o carro. Queria saber como Hinzelmann o tinha levado para dentro da casa e da banheira.

O velho foi até a lareira, pegou a pinça e, com muito cuidado, depositou um pedaço pequeno de lenha nas chamas.

— Quer saber o que eu estava fazendo no gelo? — perguntou Shadow.

Hinzelmann deu de ombros.

— Não é da minha conta.

— Sabe o que eu não entendo...? — perguntou Shadow. Ele hesitou, precisava organizar os pensamentos. — Não entendo por que você salvou a minha vida.

— Bom — disse Hinzelmann —, eu fui criado para saber que, se visse um camarada com problemas...

— Não — interrompeu Shadow. — Não é disso que eu estou falando. Quer dizer, você matou aquelas crianças todas. Todo inverno. Eu fui o único que descobriu. Você deve ter me visto abrir o porta-malas. Por que não deixou que eu me afogasse?

Hinzelmann inclinou a cabeça para o lado. Coçou o nariz, pensativo, e balançou o corpo para a frente e para trás, como se estivesse refletindo.

— Bom... É uma boa pergunta. Acho que é porque eu estava em dívida com uma pessoa. E eu honro minhas dívidas.

— Wednesday?

— Ele mesmo.

— Ele me escondeu em Lakeside por um motivo, não foi? O mesmo motivo pelo qual ninguém, supostamente, conseguiria me achar aqui.

Hinzelmann não falou nada. Ele tirou um atiçador preto e pesado do gancho na parede e remexeu o fogo, levantando fumaça e uma nuvem de faíscas laranja.

— Este é o meu lar — disse ele, com petulância. — É uma *boa* cidade.

Shadow terminou o café. Colocou a caneca no chão, e o movimento o deixou exausto.

— Há quanto tempo você está aqui?

— Bastante.

— E você fez o lago?

Hinzelmann o observou, surpreso.

— Sim — disse ele. — Eu fiz o lago. As pessoas chamavam de lago quando eu cheguei, mas não passava de uma fonte, um reservatório e um riacho. — Ele hesitou. — Pensei em como esta terra é um inferno para a minha gente. Ela nos devora. Eu não queria ser devorado. Então fiz um acordo. Dei um lago para eles, dei prosperidade...

— E tudo isso ao custo de apenas uma criança a cada inverno.

— Crianças boas — disse Hinzelmann, balançando a cabeça velha, lentamente. — Eram todas boas crianças. Eu só pegava crianças de que eu gostava. A não ser Charlie Nelligan. Esse aí era ruim. Ele foi quando, 1924? 1925? É. O acordo era esse.

— As pessoas da cidade — disse Shadow. — Mabel. Marguerite. Chad Mulligan. Elas *sabem*?

Hinzelmann não respondeu. Tirou o atiçador do fogo: uns quinze centímetros da ponta estavam incandescentes, com um tom escuro de laranja. Shadow sabia que o objeto devia estar quente demais, mas Hinzelmann não pareceu se incomodar, e mexeu no fogo mais uma vez. Por fim, soltou o atiçador no fogo.

— Elas sabem que vivem em um bom lugar — respondeu. — Enquanto todas as outras cidades nesta região, ah, em toda esta parte do estado estão ruindo. Elas sabem disso.

— E isso é obra sua?

— Esta cidade. Eu cuido dela. Não acontece nada aqui que eu não queira. Entendeu? Não vem ninguém para cá que eu não queira que venha. Foi por isso que seu pai mandou você para cá. Ele não queria você lá no mundo, chamando atenção. Só isso.

— E você o traiu.

— Mas é claro. Ele era um safado. Mas eu sempre pago minhas dívidas.

— Não acredito em você — respondeu Shadow.

Hinzelmann parecia ofendido. Uma das mãos mexeu no chumaço de cabelo branco na têmpora.

— Eu cumpro minha palavra.

— Não. Não cumpre. Laura veio para cá. Ela falou que algo a chamou para cá. E o que você diz da coincidência que trouxe Sam Black Crow e Audrey Burton para cá na mesma noite? Não acredito mais em coincidências. Sam Black Crow e Audrey Burton. Duas pessoas que sabiam quem eu era de verdade e que sabiam que eu era procurado pela polícia. Acho que, se uma não adiantasse, a outra daria conta. E, se nenhuma tivesse servido, quem mais estava vindo para Lakeside, Hinzelmann? O diretor do presídio onde eu estava, para passar o fim de semana e pescar no gelo? A mãe de Laura? — Shadow percebeu que estava irritado. — Você queria que eu saísse da sua cidade. Só não queria ter que contar para Wednesday que estava fazendo isso.

Iluminado pelo fogo da lareira, Hinzelmann parecia mais uma gárgula do que um diabo.

— Esta é uma boa cidade — retrucou. Sem o sorriso, seu rosto parecia abatido e cadavérico. — Você ia chamar atenção demais. Não é bom para este lugar.

— Você devia ter me deixado lá no gelo — respondeu Shadow. — Devia ter me deixado no lago. Eu abri o porta-malas do carro. Por enquanto, Alison ainda está congelada dentro do carro. Mas o gelo vai derreter, e o corpo dela vai boiar até a superfície. E aí eles vão mergulhar e ver o que mais dá para encontrar lá embaixo. Vão encontrar todas as crianças que você desovou. Acho que alguns daqueles corpos devem estar bem preservados.

Hinzelmann se abaixou e pegou o atiçador. Não fez mais nenhuma menção de

avivar o fogo; só segurava o objeto como se fosse uma espada, ou um cassetete, agitando a ponta incandescente no ar. Saía fumaça. Shadow sabia muito bem que estava quase pelado e que ainda estava exausto, lento e sem nenhuma condição de se defender.

— Você quer me matar? — perguntou Shadow. — Vá em frente. Mate. Já estou morto, mesmo. Eu sei que esta cidade é sua. É o seu mundinho. Mas, se você acha que ninguém vai vir atrás de mim, está sonhando. Acabou, Hinzelmann. De um jeito ou de outro, acabou.

Hinzelmann se levantou, apoiando-se no atiçador como se fosse uma bengala. A ponta em brasa chamuscou o tapete, que começou a soltar fumaça. O homem encarou Shadow, e seus olhos azul-claros estavam cheios de lágrimas.

— Eu amo esta cidade — declarou. — Gosto muito de ser um velho rabugento, de contar minhas histórias, de dirigir a Tessie e de pescar no gelo. Lembra o que eu disse? Não é o pescado o que você leva para casa no fim do dia. É a paz de espírito.

Ele estendeu a ponta do atiçador na direção de Shadow, que sentiu o calor a menos de meio metro de distância.

— Eu poderia matar você — comentou Hinzelmann. — Poderia consertar tudo. Já fiz isso antes. Você não é o primeiro a descobrir. O pai de Chad Mulligan descobriu. Eu o consertei. Posso consertar você.

— Talvez — retrucou Shadow. — Mas até quando, Hinzelmann? Mais um ano? Mais uma década? Eles têm computadores. Não são idiotas. Percebem os padrões. Todo ano uma criança some. Vão vir fuçar aqui. Assim como vão vir me procurar. Diga, *quantos anos* você tem?

Shadow dobrou os dedos para pegar uma almofada do sofá e se preparou para levantá-la a qualquer momento: ia impedir o primeiro golpe.

O rosto de Hinzelmann estava inexpressivo.

— As pessoas me entregavam seus filhos antes de os romanos chegarem à Floresta Negra — respondeu. — Eu era um deus antes de ser um *kobold*.

— Talvez seja hora de seguir em frente — disse Shadow.

Ele não sabia o que era um *kobold*.

Hinzelmann o encarou. Em seguida, pegou o atiçador e o enfiou de novo no meio das brasas.

— Talvez seja mesmo — concordou. — Mas não é tão simples assim. Por que você acha que eu poderia sair desta cidade, mesmo se quisesse? Eu sou parte dela. Você vai me obrigar a sair, Shadow? Está pronto para me matar? Para eu *poder* sair?

Shadow olhou para o chão. O tapete ainda ardia com faíscas e brasas no ponto onde o atiçador havia encostado. Hinzelmann acompanhou seu olhar e pisou nas

brasas, esfregando o pé. Em sua mente, Shadow se deparou com centenas de crianças — tinham aparecido sem convite, encarando-o com olhos cegos brancos. Em volta dos rostos, o cabelo ondulava como folhas de algas. Seus olhares eram de reprovação.

Sabia que era uma grande decepção para elas. Mas não sabia o que fazer.

— Não posso matar você — disse Shadow. — Você salvou a minha vida.

Ele balançou a cabeça. Sentia-se péssimo, em todos os sentidos em que era possível se sentir péssimo. Não se via mais como um herói ou um detetive — só mais um covarde de merda, sacudindo um dedo ríspido para a escuridão antes de ignorá-la.

— Quer saber um segredo? — perguntou Hinzelmann.

— Pode ser — respondeu Shadow, arrasado. Estava pronto para se livrar dos segredos.

— Veja só.

Onde Hinzelmann estava surgiu um menino pequeno, com menos de cinco anos. O cabelo era castanho-escuro e comprido. Estava completamente pelado, exceto por uma tira de couro desgastada em volta do pescoço. Duas espadas atravessavam seu corpo: uma no peito e a outra no ombro, despontando embaixo das costelas. As feridas jorravam sangue, que escorria pelo corpo e formava uma poça no chão. As espadas pareciam absurdamente antigas.

O menino fitou Shadow com olhos que só exibiam dor.

E Shadow pensou consigo mesmo: *Claro*. Era uma forma razoável de criar um deus tribal. Não precisou de explicação. Já sabia.

Pegue um bebê e o crie na escuridão, de modo que ele nunca veja ninguém, não toque em ninguém, e o alimente bem ao longo dos anos, alimente-o melhor do que as outras crianças do povoado, e depois, passados cinco invernos, na noite mais longa, crave nele espadas de ferro e bronze. Depois, defume o pequeno corpo em carvão, até que esteja devidamente seco, enrole-o em peles e leve-o de acampamento em acampamento, nas profundezas da Floresta Negra, sacrificando animais e crianças em seu nome, transformando-o na bonança da tribo. Quando aquilo finalmente se decompuser com o tempo, ponha os ossos frágeis dentro de uma caixa e idolatre a caixa, até que, um dia, os ossos sejam dispersos e esquecidos e as tribos que idolatravam o menino-deus tenham ficado no passado; e o menino-deus, a bonança daquele povo, será praticamente esquecido, será apenas mais um fantasma ou um duende, um *kobold*.

Shadow se perguntou quem dos que haviam chegado ao norte do Wisconsin cento e cinquenta anos antes, talvez um lenhador ou um cartógrafo, tinha trazido Hinzelmann na cabeça ao atravessar o Atlântico.

E então a criança ensanguentada desapareceu, e também o sangue, e restou

apenas um velho com um chumaço de cabelo branco e um sorriso malicioso. As mangas do suéter ainda estavam encharcadas de quando colocara Shadow na banheira que o salvara.

— Hinzelmann? — chamou alguém, da porta da sala.

Hinzelmann se virou. Shadow também.

— Eu vim avisar — disse Chad Mulligan, em um tom contido — que a sucata afundou no gelo. Passei por lá e vi que tinha afundado, e pensei em vir avisar você, caso não tivesse visto.

Chad segurava a arma, apontada para o chão.

— Oi, Chad — disse Shadow.

— Oi, camarada — respondeu Chad Mulligan. — Recebi uma mensagem dizendo que você tinha morrido na cadeia. Ataque cardíaco.

— Ora, quem diria? Parece que eu estou morrendo em todo canto.

— Ele veio aqui, Chad — disse Hinzelmann. — Ele me ameaçou.

— Não — respondeu Chad Mulligan. — Não ameaçou. Estou aqui há dez minutos, Hinzelmann. Ouvi tudo o que você falou. Sobre o meu velho. Sobre o lago. — Ele entrou na sala. Não levantou a arma. — Nossa senhora, Hinzelmann. Ninguém circula pela cidade sem ver aquele lago maldito. Ele está no centro de tudo. O que é que eu faço agora?

— Você precisa prender esse homem. Ele disse que ia me matar — acusou Hinzelmann, um velhinho assustado dentro de uma sala empoeirada. — Chad, estou feliz por você ter aparecido.

— Não — retrucou Chad Mulligan. — Não está.

Hinzelmann suspirou. Ele se abaixou, como se estivesse resignado, e tirou o atiçador do fogo. A ponta brilhava em tons de laranja.

— Abaixe isso, Hinzelmann. Abaixe devagar, ponha as mãos onde eu possa ver e vire-se para a parede.

O rosto do velho estava tomado de puro terror, e Shadow teria sentido pena, mas se lembrou das lágrimas congeladas no rosto de Alison McGovern e não conseguiu sentir nada. Hinzelmann não se mexeu. Não abaixou o atiçador. Não se virou para a parede. Shadow estava prestes a estender a mão e tentar tirar o atiçador de Hinzelmann, quando o velho jogou o objeto incandescente na direção de Chad Mulligan.

Foi um arremesso desengonçado, como se ele tivesse jogado o objeto só por jogar, tentando ao mesmo tempo correr até a porta.

O atiçador passou de raspão no braço de Chad.

O barulho do tiro, no espaço apertado da sala, foi ensurdecedor.

Um tiro na cabeça, e só.

— É melhor você se vestir — disse Chad Mulligan. Sua voz estava apagada e

morta.

Shadow assentiu. Foi até o cômodo ao lado, abriu a porta da secadora e pegou suas roupas. A calça ainda estava úmida. Ele a vestiu mesmo assim. Quando voltou à sala, já vestido — mas sem o casaco, que estava em algum lugar nas profundezas do lodo congelante do lago, e as botas, que ele não encontrou —, Mulligan já tirara vários pedaços de lenha em brasas da lareira.

— É um dia ruim para um policial, quando ele precisa provocar um incêndio criminoso só para encobrir um assassinato — comentou o delegado. Ele olhou para Shadow. — Você precisa de botas.

— Não sei onde estão.

— No saco — disse Mulligan. E então acrescentou: — Sinto muito, Hinzemann.

Ele pegou o velho pelo colarinho e pela fivela do cinto e o jogou para a frente, largando o corpo com a cabeça dentro da lareira. O cabelo branco crepitou e pegou fogo, e o cheiro de carne queimada começou a encher a sala.

— Não foi assassinato. Foi legítima defesa — disse Shadow.

— Eu sei o que foi — rebateu Mulligan.

Chad já estava concentrado em espalhar as toras em brasas pela sala. Empurrou uma para perto do sofá, pegou um exemplar antigo do *Lakeside News* e soltou as folhas, amassando-as e soltando-as em cima da lenha. O jornal escureceu e pegou fogo.

— Vá lá para fora — ordenou o delegado.

Ele abriu as janelas ao sair da casa e armou a fechadura da porta para se trancar sozinha depois de fechar.

Shadow o acompanhou até a viatura, descalço. Mulligan abriu a porta do carona para ele, e Shadow entrou e esfregou os pés no tapete. Depois, calçou as meias, já praticamente secas.

— Podemos comprar umas botas para você na Henning's — sugeriu Chad Mulligan.

— O que você escutou lá dentro? — perguntou Shadow.

— O bastante. Demais.

Foram até a Henning's em silêncio. Quando chegaram, o delegado perguntou:

— Quanto você calça?

Shadow respondeu.

Mulligan entrou na loja e voltou com um par de meias grossas de lã e um par de botinas de couro.

— Só tinha essas do seu tamanho. A menos que você quisesse galochas. Imaginei que não fosse o caso.

Shadow calçou as meias e as botinas. Couberam bem.

— Obrigado.

— Você tem carro? — perguntou Mulligan.

— Estacionei numa rua perto do lago. Perto da ponte.

Mulligan deu a partida e saiu do estacionamento da Henning's.

— O que aconteceu com a Audrey? — perguntou Shadow.

— Um dia depois de buscarem você, ela falou que gostava de mim como amigo, mas que nós dois nunca daríamos certo, porque éramos parentes e tal, e voltou para Eagle Point. Fiquei arrasado.

— Faz sentido. E não foi pessoal, era só que Hinzelmann não precisava mais dela aqui.

Passaram outra vez pela casa de Hinzelmann. Uma coluna densa de fumaça branca saía da chaminé.

— Ela só veio para a cidade porque ele queria — explicou Shadow. — Foi só um empurrãozinho para me tirar daqui. Eu estava atraindo uma atenção que ele não desejava.

— Achei que ela gostasse de mim.

Pararam ao lado do carro alugado de Shadow.

— O que você vai fazer agora?

— Não sei — respondeu Mulligan. Desde que tinham saído da casa de Hinzelmann, era a primeira vez que o rosto dele, normalmente agitado, parecia um pouco mais vivo. E mais perturbado. — Acho que tenho algumas opções. Eu posso... — Ele fez uma arma com a mão e colocou a ponta do dedo indicador dentro da boca aberta, depois tirou. — ... enfiar uma bala no meu cérebro. Ou então espero mais alguns dias, quando o gelo tiver acabado de derreter, e pulo da ponte com um bloco de concreto amarrado na perna. Sempre tem os comprimidos. Vixe. Talvez eu deva dirigir um pouco, ir para uma das florestas. Tomar os comprimidos lá. Não quero obrigar um dos meus rapazes a limpar a sujeira. Melhor deixar para o município, né?

Ele suspirou e balançou a cabeça.

— Você não matou Hinzelmann, Chad. Ele morreu há muito tempo, muito longe daqui.

— Obrigado por falar isso, Mike. Mas eu o matei. Atirei em um homem a sangue-frio e encobri o crime. E, se você me perguntar por que eu fiz isso, qual é o verdadeiro motivo, eu não saberia responder.

Shadow tocou no braço de Mulligan.

— Hinzelmann controlava esta cidade — disse. — Acho que você não tinha muita escolha quanto ao que aconteceu lá. Acho que ele o levou para lá. Queria que você escutasse tudo aquilo. Armou para você. Acho que era a única forma de ele conseguir ir embora.

A expressão arrasada de Mulligan não se alterou. Shadow viu que o delegado praticamente não tinha ouvido nada do que ele havia falado. Ele matara Hinzelmann e fizera uma pira, e agora, obedecendo ao último desejo de Hinzelmann, ou simplesmente porque era a única coisa que podia fazer para suportar a dor da própria existência, pretendia se suicidar.

Shadow fechou os olhos e se lembrou do lugar em sua mente para onde tinha ido quando Wednesday lhe pedira para fazer neve: o lugar que fazia força, de mente em mente — então sorriu um sorriso que não sentia e disse:

— Chad. Esqueça. — Havia uma nuvem na mente do homem, uma nuvem escura e opressiva, e Shadow quase conseguia enxergá-la e, concentrando-se, imaginou que ela se dissipava como uma neblina matinal. — Chad — repetiu, com intensidade, tentando penetrar a nuvem —, a cidade vai mudar. Não vai mais ser a única cidade boa em uma área em recessão. Vai ser muito mais parecida com o resto desta parte do mundo. Vai ter muito mais problemas. Pessoas desempregadas. Pessoas sem juízo. Mais pessoas vão se machucar. Mais merdas vão acontecer. As pessoas vão precisar de um delegado experiente. A cidade precisa de você. — Por fim, acrescentou: — Marguerite precisa de você.

Algo se agitou na nuvem de tempestade que preenchia a cabeça do delegado. Shadow sentiu a mudança. Então pensou com *força*, visualizando as mãos morenas e práticas de Marguerite Olsen, seus olhos escuros, o cabelo preto muito comprido. Imaginou o jeito como ela inclinava a cabeça para o lado e dava um meio sorriso quando achava graça de alguma coisa.

— Ela está esperando você — disse Shadow, e no mesmo instante soube que era verdade.

— Margie? — perguntou Mulligan.

E, naquele momento, embora fosse incapaz de dizer como conseguiu, e duvidava que jamais conseguisse fazer aquilo de novo, Shadow entrou na mente do delegado com toda a facilidade do mundo e fisgou os acontecimentos da tarde com a mesma precisão e indiferença de um corvo bicando o olho de um animal morto na estrada.

As rugas na testa de Chad sumiram, e ele piscou, sonolento.

— Vá ver Margie — disse Shadow. — Foi ótimo rever você, Chad. Cuide-se.

— Tudo bem — respondeu Chad Mulligan, bocejando.

Uma mensagem soou no rádio policial, e Chad pegou o comunicador. Shadow saiu da viatura.

Foi até o carro alugado. Viu a lisura cinzenta do lago no centro da cidade. Pensou nas crianças mortas que esperavam no fundo.

Alison não demoraria para flutuar até a superfície...

Quando passou pela casa de Hinzelmann, Shadow viu que a coluna de fumaça

já tinha virado um incêndio. Ouviu o ressoar de uma sirene.

Dirigiu para o sul, a caminho da Rodovia 51. Estava indo para seu último compromisso. Mas antes, pensou, ia fazer uma parada em Madison, para uma última despedida.

Para Samantha, a melhor parte do trabalho era fechar a Coffee House. Era uma atividade perfeitamente relaxante, e ela ficava com a sensação de que estava restituindo a ordem ao mundo. Punha para tocar um CD das Indigo Girls e cumpria as últimas tarefas da noite no próprio ritmo e do seu jeito. Primeiro, limpava a máquina de café espresso. Depois, fazia a checagem geral, conferindo se todos os pratos e copos estavam na cozinha, e pegava os jornais que sempre ficavam espalhados pelo salão ao fim de cada dia para juntar numa pilha arrumada perto da porta, prontos para serem mandados para a reciclagem.

Ela adorava a Coffee House. Tinha frequentado o lugar como cliente durante seis meses, até convencer Jeff, o gerente, a contratá-la. Era um conjunto grande e sinuoso de ambientes mobiliados com poltronas e sofás e mesinhas baixas, em uma rua cheia de sebos.

Samantha cobriu as fatias de cheesecake que sobraram e as guardou na geladeira grande, depois pegou um pano e limpou os farelos. Gostava de ficar sozinha.

Enquanto trabalhava, ia cantando junto com as Indigo Girls. Às vezes dava um ou dois passinhos de dança, e aí percebia o que estava fazendo e se continha, com um sorrisinho debochado para si mesma.

Uma batida na janela tirou sua atenção do trabalho e a trouxe de volta para o mundo real. Samantha foi até a porta e abriu, deixando entrar uma mulher mais ou menos da mesma idade dela, com cabelo magenta amarrado em um rabo de cavalo. Chamava-se Natalie.

— Oi — falou Natalie. Ela subiu na ponta dos pés e deu um beijinho carinhoso entre a bochecha e o canto da boca de Sam. Dava para dizer muita coisa com um beijo desses. — Acabou?

— Quase.

— Que tal um cineminha?

— Pode ser. Boa. Mas vou levar mais uns cinco minutos. Quer se sentar e ler o *Onion*?

— Já li o desta semana.

Natalie se sentou numa cadeira perto da porta, remexeu a pilha de jornais separados para a reciclagem até achar alguma coisa e ficou lendo enquanto Sam

ensacava o resto do dinheiro da caixa registradora e o guardava no cofre.

Já fazia uma semana que estavam dormindo juntas. Sam se perguntava se aquele era o relacionamento que havia procurado a vida inteira. Dizia a si mesma que só ficava feliz ao ver Natalie por causa de substâncias químicas no cérebro e dos feromônios, e talvez fosse só isso mesmo — ainda assim, sua única certeza era que sorria quando via Natalie e que, quando as duas estavam juntas, se sentia à vontade e acolhida.

— Este jornal tem mais uma daquelas matérias de “Os Estados Unidos estão mudando?” — comentou Natalie.

— E estão?

— Não fala. Talvez estejam, mas eles não sabem como nem por quê, e talvez não esteja acontecendo nada.

Sam abriu um sorriso largo.

— Bem, isso dá conta de todas as opções, né?

— Acho que sim.

Natalie franziu o cenho e voltou ao jornal.

Sam lavou e dobrou o pano de prato.

— Só acho que, apesar do governo e de sei lá o quê, de repente tudo está parecendo bom. Talvez seja só a primavera chegando um pouco mais cedo. Foi um longo inverno, e estou feliz por ter acabado.

— Eu também. — Uma pausa. — A matéria está dizendo que muita gente vem tendo sonhos esquisitos. Não tive nenhum sonho esquisito. Quer dizer, nada além do normal.

Sam deu uma olhada geral para ver se não tinha esquecido nada. Não. Fizera um belo trabalho. Tirou o avental e o pendurou na cozinha. Depois, saiu e começou a apagar as luzes.

— Também tenho tido uns sonhos esquisitos ultimamente — comentou Sam.

— Tão esquisitos que comecei um diário de sonhos. Eles parecem ter um significado muito profundo enquanto estão se passando. Aí eu acordo e escrevo tudo que lembro. Depois, quando vou ler, não significam nada.

Ela vestiu o casaco e colocou as luvas tamanho único.

— Já fiz alguns estudos sobre sonhos — disse Natalie, que tinha feito um pouco de tudo, desde modalidades insólitas de defesa pessoal e tendas de suor até *feng shui* e aulas de jazz. — Conte para mim. Eu falo o que eles significam.

— Tudo bem. — Sam destrancou a porta e apagou a última lâmpada. Esperou Natalie sair e trancou bem a porta da Coffee House. — Às vezes sonho com pessoas caindo do céu. Às vezes estou debaixo da terra, conversando com uma mulher com cabeça de búfalo. E às vezes sonho com um cara que eu beijei num bar.

Natalie fez um barulho.

— Algo que você devia ter me contado?

— Talvez. Mas não foi assim. Era um beijo de “Vão se Foder”

— Você estava mandando ele se foder?

— Não, eu estava mandando todos os outros se foderem. Acho que só estando lá para entender.

As solas dos sapatos de Natalie faziam barulho na calçada. Os passos de Sam eram leves a seu lado.

— Ele é o dono do meu carro — disse Sam.

— Aquela coisa roxa que você trouxe da casa da sua irmã?

— Aham.

— O que aconteceu com ele? Por que não quer pegar o carro de volta?

— Não sei. Talvez ele esteja preso. Talvez morto.

— Morto?

— Talvez. — Sam hesitou. — Algumas semanas atrás, eu tinha certeza de que ele estava morto. PES, sabe? Essas coisas meio extrassensoriais. Ou sei lá. Tipo, eu sabia. Mas aí comecei a pensar que talvez ele não estivesse. Sei lá. Acho que minha percepção extrassensorial não é lá grandes coisas.

— Quanto tempo você ainda vai ficar com o carro dele?

— Até alguém vir buscar. Acho que é o que ele ia querer.

Natalie olhou para Sam, então olhou de novo.

— Onde você arrumou *isso*? — perguntou.

— O quê?

— As flores. As que você está *segurando*, Sam. De onde elas saíram? Você estava com elas quando a gente saiu da Coffee House? Eu teria visto.

Sam olhou para baixo. E sorriu.

— Você é um amor. Eu devia ter falado alguma coisa quando você me deu, não é? São lindas. Muito obrigada. Mas será que vermelhas não seriam mais adequadas?

Eram rosas, com o caule embrulhado em papel. Seis brancas.

— Eu não dei isso para você — respondeu Natalie, comprimindo os lábios.

E as duas não falaram mais nada até chegarem ao cinema.

Quando voltou para casa naquela noite, Sam pôs as rosas em um vaso improvisado. Depois as usou de modelo para uma escultura de bronze e guardou para si a história de como as ganhou. Mas contou para Caroline, que veio depois de Natalie, a história das rosas-fantasma, numa noite em que as duas estavam muito bêbadas, e Caroline concordou com Sam que era uma história muito, muito estranha e assustadora e, no fundo, não acreditou em uma palavra sequer, então tudo bem.

Shadow tinha estacionado perto do capitólio e caminhado devagar pela praça, esticando as pernas depois da longa viagem. As roupas estavam incomodando, embora tivessem secado no corpo, e as botinas novas ainda estavam apertadas. Passou por um telefone público. Ligou para a central de informações, e lhe deram um número.

Não, avisaram. Ela não se encontra. Ainda não chegou. Deve estar na Coffee House.

No caminho da Coffee House, ele parou para comprar flores.

Achou o lugar e atravessou a rua até a porta de um sebo, e esperou, e observou.

O lugar fechava às oito, e às oito e dez Shadow viu Sam Black Crow sair da Coffee House acompanhada de uma mulher baixinha com cabelo preso num rabo de cavalo e pintado num tom peculiar de vermelho. Elas estavam de mãos dadas, como se o simples gesto de segurar com força a mão uma da outra pudesse protegê-las do mundo, e conversavam — ou melhor, Sam falava mais, enquanto a amiga escutava. Shadow se perguntou o que Sam estava dizendo. Ela sorria enquanto falava.

As duas mulheres atravessaram a rua e passaram por Shadow. A garota de rabo de cavalo passou a centímetros dele — ele podia ter tocado nela, mas as duas não o viram.

Shadow as viu irem embora pela rua e sentiu uma fisgada, como se uma cordinha vibrasse dentro de si.

Tinha sido um bom beijo, mas Sam nunca olhara para Shadow como olhava para a garota de rabo de cavalo, e nunca olharia.

— Dane-se. Sempre teremos Peru — murmurou, enquanto Sam se afastava.
— E El Paso. Sempre teremos isso.

Então correu atrás de Sam e pôs as flores nas mãos dela. E saiu correndo, para que ela não pudesse devolver.

Voltou para o carro e saiu de Chicago pela Rodovia 90. Dirigiu perto do limite de velocidade, mas sem nunca ultrapassá-lo.

Era a última coisa que tinha para fazer.

Não estava com nenhuma pressa.

Shadow passou a noite em um hotel. Levantou-se na manhã seguinte e reparou que suas roupas ainda cheiravam como o fundo do lago. Ele as vestiu mesmo

assim. Concluiu que não ia precisar delas por muito mais tempo.

Pagou a conta. Dirigiu até o prédio. Não foi difícil de encontrar. Era menor do que ele lembrava.

Shadow subiu a escada a passos firmes, não rápidos, porque isso indicaria que estava ansioso para encontrar a própria morte, nem lentos, o que indicaria que estava com medo. Alguém havia limpado a escada: os sacos pretos de lixo tinham desaparecido. O lugar tinha cheiro de água sanitária, e não de legumes podres.

A porta vermelha no fim da escada estava escancarada: o cheiro de comida velha pairava no ar. Shadow hesitou e apertou a campainha.

— Já vou indo! — gritou uma voz de mulher, e Zorya Utrennyaya, miúda e extraordinariamente loura, saiu da cozinha e veio às pressas até ele, esfregando as mãos no avental. Shadow percebeu que ela parecia diferente. Parecia feliz. As bochechas estavam bem coradas de blush, e seus olhos idosos tinham certo brilho. Quando o viu, ficou boquiaberta e gritou: — Shadow? Você voltou para nós? — E correu até ele de braços abertos. Ele se abaixou e lhe deu um abraço e um beijo no rosto. — Que bom ver você! Agora você precisa ir embora.

Shadow entrou no apartamento. Todas as portas (exceto, o que era de se esperar, a de Zorya Polunochnaya) estavam escancaradas, e todas as janelas à vista também estavam abertas. Uma brisa suave soprava pelo corredor.

— Vocês estão fazendo faxina — comentou com Zorya Utrennyaya.

— Estamos esperando visita — respondeu ela. — Agora, você precisa ir embora. Antes, quer café?

— Vim ver Czernobog — disse Shadow. — Está na hora.

Zorya Utrennyaya balançou a cabeça violentamente.

— Não, não. Você *não quer* fazer isso. Não é boa ideia.

— Eu sei — respondeu Shadow. — Mas, sabe, a única coisa que eu realmente aprendi tratando com deuses é que, se você assume um compromisso, tem que honrá-lo. Eles podem romper todas as regras que quiserem. Nós, não. Mesmo se eu tentasse sair daqui, meus pés acabariam me trazendo de volta.

Ela mordeu o lábio inferior e disse:

— Verdade. Mas vá embora hoje. Volte amanhã. Ele não estará mais aqui.

— Quem é? — falou uma voz de mulher no corredor. — Zorya Utrennyaya, com quem você está falando? Este colchão, não consigo virar sozinha, sabe?

Shadow avançou pelo corredor e disse:

— Bom dia, Zorya Vechernyaya. Posso ajudar?

E a mulher no quarto gritou de surpresa e largou a ponta do colchão.

O quarto estava coberto de poeira: revestia todas as superfícies, madeira e vidro, e flocos flutuavam e dançavam nos feixes de luz do sol que entravam pela

janela aberta, agitadas por uma ou outra brisa e pelo balanço preguiçoso das cortinas de renda amareladas.

Ele se lembrava daquele quarto. Era o quarto que deram para Wednesday naquela noite. O quarto de Bielebog.

Zorya Vechernyaya o encarou, hesitante.

— O colchão — declarou. — Tem que ser virado.

— Sem problemas — respondeu Shadow.

Ele pegou o colchão, levantou-o com facilidade e o virou. Era uma cama antiga de madeira, e o colchão de penas pesava quase o mesmo que uma pessoa. O ar ficou cheio de poeira quando o colchão desceu.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Zorya Vechernyaya. Pelo tom, não era uma pergunta amistosa.

— Eu vim — respondeu Shadow — porque em dezembro um jovem jogou uma partida de damas com um velho deus e perdeu.

O cabelo grisalho da idosa estava amarrado no alto da cabeça em um coque pequeno. Ela comprimiu os lábios.

— Amanhã só — disse Zorya Vechernyaya.

— Não posso — respondeu ele, sem mais.

— Bem, a cabeça é sua. Agora vá se sentar. Zorya Utrennyaya vai trazer café. Czernobog volta logo.

Shadow foi pelo corredor até a sala de estar. Era exatamente como se lembrava, mas a janela estava aberta. O gato cinza dormia no braço do sofá. Ele abriu um dos olhos quando Shadow entrou e, sem se impressionar, voltou a dormir.

Foi ali que ele jogou damas com Czernobog; foi ali que ele apostou a vida para fazer o velho se unir a eles no último golpe arruinado de Wednesday. O ar fresco entrava pela janela aberta e expulsava o fedor.

Zorya Utrennyaya entrou com uma bandeja vermelha de madeira, trazendo uma xícara pequena de metal colorida com café preto fumegante e um pires cheio de cookies pequenos com gotas de chocolate. Ela pôs a bandeja na mesa, na frente de Shadow.

— Eu vi Zorya Polunochnaya de novo — comentou Shadow. — Ela apareceu para mim embaixo do mundo e deu a lua para iluminar meu caminho. E tirou algo de mim. Mas não lembro o quê.

— Ela gosta de você — disse Zorya Utrennyaya. — Sonha muito. E protege todos nós. Ela é muito corajosa.

— Cadê Czernobog?

— Ele diz que faxina incomoda. Sai para comprar jornal, sentar no parque. Comprar cigarro. Talvez não volte hoje. Você não precisa esperar. Por que não

vai embora? Volte amanhã.

— Eu espero — respondeu Shadow.

Ele sabia que não era nenhum *geas*, algo que o forçava a esperar. Era *ele*. Era a última coisa que precisava acontecer, e, se era a *última* coisa a acontecer... bem, estava lá por vontade própria. Depois não havia mais nenhuma obrigação, nenhum mistério, nenhum fantasma.

Tomou um gole do café quente, forte e doce como lembrava.

Ouviu uma voz masculina grave no corredor e se endireitou no sofá. Ficou feliz de ver que a mão não tremia. A porta se abriu.

— Shadow?

— Oi — respondeu. Ele continuou sentado.

Czernobog entrou na sala. Trazia um exemplar dobrado do *Chicago Sun-Times* e o colocou na mesinha de centro. Olhou para Shadow e, hesitante, estendeu a mão. Os dois se cumprimentaram.

— Eu vim — disse Shadow. — Nossa acordo. Você cumpriu a sua parte. Esta é a minha.

Czernobog assentiu. Franziu o cenho. A luz do dia se refletiu no grisalho do cabelo e do bigode, deixando-os quase dourados.

— É... — Ele franziu a testa. — Não é... — Ele se interrompeu. — Talvez você deva ir embora. Não é uma boa hora.

— Pode levar o tempo que for necessário — respondeu Shadow. — Estou pronto.

Czernobog suspirou.

— Você é um menino muito idiota, sabia?

— Acho que sim.

— Você é um menino idiota. E, na montanha, fez algo muito bom.

— Eu fiz o que precisava ser feito.

— Talvez.

Czernobog foi até o aparador de madeira antigo, abaixou-se e puxou uma valise. Soltou as travas da valise, que se abriram com um clique satisfatório. Abriu a valise. Tirou um martelo de dentro e o segurou, para sentir o peso. O martelo parecia uma marreta em miniatura, e o cabo de madeira estava manchado.

Depois, ele se levantou.

— Devo muito a você — comentou o deus. — Mais do que você pensa. Por sua causa, as coisas estão mudando. É a primavera. A primavera de verdade.

— Eu sei o que fiz — retrucou Shadow. — Não tive muita opção.

Czernobog assentiu. Seus olhos tinham uma expressão que Shadow não lembrava ter visto antes.

— Já falei para você do meu irmão?

— Bielebog? — Shadow foi até o centro do tapete manchado de cinzas. Ajoelhou-se. — Você disse que não o via fazia muito tempo.

— Sim — respondeu o velho, erguendo o martelo. — Foi um inverno longo, garoto. Um inverno muito longo. Mas o inverno está acabando agora. — E ele balançou a cabeça, devagar, como se estivesse se lembrando de alguma coisa. E disse: — Feche os olhos.

Shadow fechou os olhos, ergueu a cabeça e esperou.

A ponta da marreta era fria, gélida, e encostou em sua testa com a delicadeza de um beijo.

— *Toc!* Pronto — disse Czernobog. — Acabou.

Seu rosto tinha um sorriso que Shadow nunca vira antes, um sorriso tranquilo, confortável, como o sol de um dia de verão. O velho foi até a valise, guardou o martelo, fechou-a e a empurrou de volta para baixo do aparador.

— Czernobog? — perguntou Shadow. Depois: — Você é Czernobog?

— Sim. Por hoje — respondeu o velho. — Amanhã, vai ser só Bielebog. Mas hoje ainda é Czernobog.

— Então por quê? Por que não me matou quando teve a chance?

O velho tirou um cigarro sem filtro de um maço no bolso. Pegou uma caixa grande de fósforos em cima da lareira e acendeu o cigarro. Parecia perdido em pensamentos.

— Porque — comentou, depois de algum tempo — existe o sangue. Mas também existe a gratidão. E foi um inverno muito, muito longo.

Shadow se levantou. Os joelhos de sua calça jeans estavam sujos de poeira, e ele os limpou.

— Obrigado.

— De nada. Da próxima vez que quiser jogar damas, já sabe onde me encontrar. *Dessa vez*, eu vou com as brancas.

— Obrigado. Talvez eu venha. Mas não tão cedo.

Ele fitou os olhos faiscantes do velho e se perguntou se sempre tinham sido daquele tom azul de centáurea. Apertaram as mãos, e nenhum dos dois disse adeus.

Shadow deu um beijo no rosto de Zorya Utrennyaya ao sair, e beijou as costas da mão de Zorya Vechernyaya, e desceu a escada de dois em dois degraus para ir embora dali.

POSFÁCIO

REYKJAVIK, NA ISLÂNDIA, é uma cidade estranha até para quem já viu muitas cidades estranhas. É uma cidade vulcânica — o calor vem das profundezas da terra.

Há turistas, mas não tantos quanto seria de se esperar, nem mesmo no começo de julho. O sol brilhava, e já fazia semanas que brilhava daquele jeito: tinha parado de brilhar por mais ou menos uma hora durante a madrugada. Acontecia uma espécie de aurora escura entre as duas e as três da madrugada, então o dia começava de novo.

O turista grandalhão caminhara por grande parte de Reykjavik naquela manhã, escutando as pessoas conversarem em um idioma que havia mudado pouco nos últimos mil anos. A população lá conseguia ler as sagas ancestrais com a mesma facilidade com que liam um jornal. Havia uma noção de continuidade naquela ilha que o assustava, o que ele achava desesperadoramente reconfortante. Estava muito cansado: tinha sido praticamente impossível dormir com o dia interminável, e ele passara longas e inúmeras noites sem noite sentado no quarto do hotel, lendo ora um guia, ora *A casa soturna* — um livro comprado em um aeroporto nas últimas semanas —, mas não lembrava mais em qual aeroporto tinha sido. Às vezes, passava o tempo olhando pela janela.

Finalmente, o relógio concordou com o sol e proclamou que era manhã.

Ele comprou uma barra de chocolate em uma das muitas lojas de doce, caminhou pela calçada e vez ou outra se lembrou da natureza vulcânica da Islândia: dobrava uma esquina e sentia, por um instante, um aspecto meio sulfuroso no ar. Isso não o fazia pensar em Hades, mas em ovos podres.

Várias das mulheres que passavam por ele eram muito bonitas: esbeltas e muito claras. O tipo de mulher que Wednesday apreciava. Shadow se perguntou o que em sua mãe teria atraído o deus. Ela era uma mulher bonita, mas não possuía nenhuma daquelas duas características.

Shadow sorria para as mulheres bonitas, porque elas o faziam se sentir viril de um jeito agradável, e sorria para as outras mulheres também, porque estava feliz.

Não tinha certeza de quando foi que percebeu que estava sendo observado. Em algum momento durante a caminhada por Reykjavik, Shadow se deu conta de que alguém o seguia. Ele se virava de tempos em tempos, tentando vislumbrar quem era, parava na frente de vitrines, atento ao reflexo da rua atrás de si, mas não via ninguém fora do comum, ninguém que parecesse observá-lo.

Entrou num restaurante pequeno, onde comeu papagaio-do-mar defumado, framboesa-amarela, truta do ártico e batata cozida e bebeu uma Coca, que parecia mais doce, mais açucarada do que ele se lembrava de ser nos Estados Unidos.

O garçom trouxe a conta — a refeição foi mais cara do que Shadow havia imaginado, mas isso parecia valer para a comida em quase todos os lugares de suas perambulações. Quando pôs a conta na mesa, o garçom perguntou:

— Com licença. Você é americano?

— Sim.

— Então feliz Quatro de Julho.

Ele parecia contente.

Shadow não tinha se dado conta de que era Quatro de Julho. Dia da Independência. Sim. Gostava da ideia de independência. Deixou o dinheiro e a gorjeta na mesa e saiu. Uma brisa fria vinha do Atlântico, e ele abotoou o casaco.

Sentou-se num gramado e olhou para a cidade que o cercava, pensando que, um dia, teria que voltar para casa. Que um dia teria que criar uma casa para onde voltar. Ele se perguntou se casa era uma circunstância que acontecia depois de algum tempo em um só lugar, ou se era algo a ser encontrado depois de uma quantidade suficiente de andança e espera e vontade.

Pegou o livro.

Um velho caminhou em sua direção pela colina: usava um manto cinza-escuro com a barra esfarrapada, como se já tivesse viajado muito, e também um chapéu azul de aba larga com uma pena de gaivota enfiada na fita, em um ângulo descontraído. Shadow pensou que parecia um hippie idoso. Ou um pistoleiro havia muito aposentado. O homem era ridículamente alto.

Ele se agachou ao lado de Shadow. Fez um gesto ríspido com a cabeça, em cumprimento. Usava um tapa-olho preto de pirata, e uma barba branca se projetava do queixo. Shadow se perguntou se o homem ia lhe pedir um cigarro.

— *Hvernig gengur? Manst þú eftir mér?* — perguntou o velho.

— Desculpe — respondeu Shadow —, mas não falo islandês. — Depois disse, aos tropeços, a expressão que havia aprendido com o dicionário de frases e expressões naquela madrugada à luz do dia: — *Ég tala bara ensku.* — “Só falo inglês.” — Sou americano.

O velho assentiu lentamente.

— Meu povo saiu daqui para a América há muito tempo — comentou. — Eles foram para lá, e depois voltaram para a Islândia. Disseram que era um lugar bom para os homens, mas ruim para os deuses. E, sem os deuses, eles se sentiram muito... sozinhos.

O inglês dele era fluente, mas as pausas e a cadênciadas frases soavam estranhas. Shadow o examinou: de perto, o homem parecia mais velho do que ele achava possível. A pele estava coberta de rugas e rachaduras minúsculas, como as rachaduras de um granito.

— Eu conheço você, menino — disse o velho.

— Conhece?

— Você e eu, nós percorremos o mesmo caminho. Eu também fiquei pendurado na árvore por nove dias, um sacrifício de mim para mim mesmo. Sou o senhor dos aesires. Sou o deus da força.

— Você é Odin — concluiu Shadow.

O homem assentiu, pensativo, como se avaliasse o nome.

— Me chamam de muitas coisas, mas, sim, sou Odin, filho de Bor.

— Eu vi você morrer — disse Shadow. — Prestei tributo ao seu corpo. Você tentou destruir muita coisa, por poder. Você ia sacrificar muito por si mesmo. Você fez isso.

— Não fiz isso.

— Wednesday fez. Ele era você.

— Ele era eu, sim. Mas eu não sou ele. — O homem coçou a lateral do nariz. A pena de gaivota no chapéu balançou. — Você vai voltar? Para a América?

— Não tenho para o que voltar — disse Shadow, e no mesmo instante soube que era mentira.

— Há coisas que o esperam lá — respondeu o velho. — Mas elas vão esperar até você voltar.

Uma borboleta branca passou diante deles num voo irregular. Shadow não falou nada. Já tivera que aguentar os deuses e o jeito deles por várias vidas inteiras. Decidiu que ia pegar o ônibus até o aeroporto e mudar a passagem. Pegar um avião para algum lugar onde nunca estivera. Continuaria em movimento.

— Ei — disse Shadow. — Tenho algo para você. — A mão dele mergulhou no bolso e empalmou o objeto, certeira. — Estenda a mão.

Odin olhou para ele com uma expressão estranha e séria. E então deu de ombros e estendeu a mão direita, virada para baixo. Shadow virou a mão dele para cima.

Ele abriu as próprias mãos e mostrou, uma de cada vez, que estavam vazias.

Depois, colocou o olho de vidro na palma calejada do velho e o deixou ali.

— Como você fez isso?

— Mágica — respondeu Shadow, sem sorrir.

O velho sorriu e riu e bateu palmas. Segurou o olho entre o indicador e o polegar, olhou para ele e assentiu, como se soubesse exatamente o que era aquilo, e por fim o guardou dentro de uma bolsa de couro pendurada na cintura.

— *Takk kærlega*. Tomarei conta disto.

— De nada — respondeu Shadow.

Ele se levantou e limpou a grama da calça. Fechou o livro e o guardou de volta no bolso lateral da mochila.

— De novo — mandou o senhor de Asgard, com uma voz grave e autoritária e um gesto de cabeça imperioso. — Mais. Faça de novo.

— Vocês... — disse Shadow. — Nunca ficam satisfeitos. Tudo bem. Esta eu aprendi com um cara que já está morto.

Ele estendeu a mão para o nada e tirou uma moeda de ouro do ar. Era uma moeda de ouro normal. Não podia reviver os mortos nem curar os doentes, mas era uma moeda de ouro de verdade.

— E acabou — anunciou, exibindo-a entre o dedo e o polegar. — É isso aí.

Jogou a moeda para o alto com um toque do polegar. Ela girou num brilho dourado ao chegar ao topo do arco, sob a luz do sol, cintilou e refulgiu e parou lá no céu de verão como se não fosse cair nunca mais. Talvez nunca caísse. Shadow não esperou para ver. Saiu andando e não parou mais.

AGRADECIMENTOS

FOI UM LONGO livro, e uma longa jornada, e estou em grande dívida com muita gente.

A sra. Hawley me emprestou sua casa na Flórida para eu escrever, e a única coisa que eu precisava fazer em troca era afugentar os urubus. Ela me emprestou sua casa na Irlanda para terminar o livro e me avisou para não afugentar os fantasmas. Minha gratidão a ela e ao sr. Hawley, por toda a gentileza e toda a generosidade. Jonathan e Jane me emprestaram a casa e a rede para eu escrever, e a única coisa que eu precisava fazer era pescar na piscina um ou outro monstrinho peculiar. Agradeço muito a todos eles.

O dr. Dan Johnson me ofereceu informações médicas sempre que eu precisava, apontou alguns anglicismos acidentais (todo mundo fez isso, na verdade), respondeu às perguntas mais esquisitas e, em um dia de julho, até voou comigo pelo norte do Wisconsin em um avião minúsculo. Além de tocar a minha vida por procuração enquanto eu escrevia este livro, minha assistente, a fabulosa Lorraine Garland, foi muito *blasé* ao descobrir a população de cidadezinhas americanas para mim; ainda não sei bem como ela conseguiu. (Ela faz parte de uma banda chamada Flash Girls: compre o álbum novo delas, *Play Each Morning, Wild Queen*, e a deixe feliz.) Terry Pratchett ajudou a resolver um nó na trama no trem até Gotenburgo. Eric Edelman resolveu as minhas dúvidas diplomáticas. Anna Sunshine Ison desenterrou um monte de coisa para mim sobre os campos de internação japoneses na Costa Oeste, que vão ter que esperar eu escrever outro livro, porque não chegaram a caber neste. Roubei de Gene Wolfe a melhor fala do epílogo, e agradeço a ele por isso. A sargento Kathy Ertz teve a gentileza de responder até minhas dúvidas mais estranhas quanto a procedimentos policiais, e o vice-xerife Marshall Multhauf me levou em uma ronda. Pete Clark se submeteu a um interrogatório ridículamente pessoal com elegância e bom humor. Dale Robertson foi o hidrólogo consultor do livro. Foram bem-vindos os comentários do dr. Jim Miller sobre pessoas, línguas e peixes, assim como a ajuda linguística de Margret Rodas. Jamy Ian Swiss cuidou para que a mágica com moedas fosse mágica. Quaisquer erros no livro são meus, não deles.

Muitas pessoas maravilhosas leram o manuscrito e ofereceram sugestões

preciosas, correções, incentivo e informações. Sou especialmente grato a Colin Greenland e Susanna Clarke, John Clute e Samuel R. Delany. Quero agradecer também a Owl Goingback (que tem o nome mais legal do mundo), Iselin Røsjø Evensen, Peter Straub, Jonathan Carroll, Kelli Bickman, Dianna Graf, Lenny Henry, Pete Atkins, Chris Ewen, Teller, Kelly Link, Barb Gilly, Will Shetterly, Connie Zastoupil, Rantz Hoseley, Diana Schutz, Steve Brust, Kelly Sue DeConnick, Roz Kaveney, Ian McDowell, Karen Berger, Wendy Japhet, Terje Nordberg, Gwenda Bond, Therese Littleton, Lou Aronica, Hy Bender, Mark Askwith, Alan Moore (que também teve a gentileza de me emprestar *Litvinoff's Book*) e ao Joe Sanders original. Agradeço também a Rebecca Wilson; e especialmente a Stacy Weiss, por suas reflexões. Depois de ler o primeiro rascunho, Diana Wynne Jones me alertou para o tipo de livro que eu tinha começado a fazer e para os perigos que eu corria ao escrevê-lo, e ela estava certa em todos os sentidos.

Gostaria que o professor Frank McConnell ainda estivesse entre nós. Acho que ele teria gostado deste aqui.

Depois de escrever o primeiro rascunho, percebi que outras pessoas já haviam encarado este tema antes de mim: particularmente, meu autor impopular preferido, James Branch Cabell, o saudoso Roger Zelazny e, claro, o inigualável Harlan Ellison, cuja coleção *Deathbird Stories* se cravou nas profundezas da minha mente quando eu ainda estava numa idade em que um livro tinha o poder de me transformar para sempre.

Nunca entendi muito o propósito de registrar para a posteridade as músicas escutadas durante a escrita de um livro, e eu escutei muita música enquanto estava escrevendo este aqui. Mesmo assim, sem o *Dream Café* de Greg Brown e *69 Love Songs* do Magnetic Fields, o livro teria sido diferente, então agradeço a Greg e Stephin. E acho que devo informar que você pode desfrutar a música da House on the Rock em fita ou CD, incluindo aquela da máquina de Mikado e a do Maior Carrossel do Mundo. É diferente, embora certamente não melhor, do que qualquer coisa que você já tenha ouvido. Escreva para: The House on the Rock, Spring Green, WI 53588. USA, ou ligue para 1-608-935-3639.

Meus agentes — Merrilee Heifetz, na Writers House, Jon Levin e Erin Culley La Chapelle, na CAA — prestaram uma ajuda inestimável como público-teste e como pilares de sabedoria.

Muitas pessoas que estavam esperando coisas que eu havia prometido fazer assim que terminasse este livro tiveram uma paciência incrível. Eu gostaria de agradecer ao pessoal da divisão de filmes na Warner Bros. (particularmente Kevin McCormick e Lorenzo di Bonaventura), e da Village Roadshow, da Sunbow e da Miramax; e a Shelly Bond, que aguentou muita coisa.

As duas pessoas sem as quais: Jennifer Hershey, da HarperCollins dos Estados Unidos, e Doug Young, da Hodder Headline, no Reino Unido. É uma felicidade contar com bons editores, e esses são dois dos melhores que já conheci. Sem falar que são dois dos mais pacientes, tranquilos e, à medida que os prazos voavam por nós como folhas secas num vendaval, definitivamente estoicos.

Bill Massey chegou no final, na Headline, e esquadrinhou o livro com seu olho de águia editorial. Kelly Notaras também o conduziu pela produção com graça e elegância.

Por fim, quero agradecer a minha família, Mary, Mike, Holly e Maddy, que foram os mais pacientes de todos, que me amaram e que, durante longos períodos na escrita deste livro, toleraram minhas saídas tanto para escrever quanto para encontrar a América — o que, por acaso, quando finalmente encontrei, estava na América desde o princípio.

*Neil Gaiman
Perto de Kinsale, Condado de Cork
15 de janeiro de 2001*

APÊNDICE

PASSEI A MAIOR parte do livro ansioso para descrever o encontro de Shadow com Jesus: afinal, seria impossível escrever sobre os Estados Unidos sem falar de Jesus. Ele faz parte da urdidura do país.

Aí escrevi a primeira cena deles dois juntos no capítulo quinze, mas não deu muito certo; fiquei com a sensação de que estava fazendo uma alusão a algo que não dava para ser mencionado apenas de passagem. Era grande demais.

Então tirei.

Quase coloquei de volta quando estava montando este texto preferido do autor. Na verdade, eu coloquei de volta, sim. E depois tirei de novo e passei para cá. Você pode ler. Só não sei bem se ela necessariamente faz parte de Deuses americanos.

Considere esta uma cena apócrifa, talvez.

Um dia, Shadow vai voltar para a América.

Algumas conversas extremamente interessantes o aguardam...

As pessoas passavam a sua volta, e ele percebia ou não. Algumas ele parecia reconhecer, outras eram completos estranhos.

— E o que é um estranho senão um amigo que você ainda não conheceu? — indagou alguém, passando-lhe uma taça com bebida.

Ele aceitou a bebida e caminhou com a pessoa por um corredor marrom-claro. Estavam em um edifício de arquitetura espanhola e saíram do corredor de adobe para um pátio aberto e de volta para um corredor, o sol banhando os jardins aquáticos e as fontes.

— Ou também um inimigo que você ainda não conheceu — retrucou Shadow.

— Desolador, Shadow, muito desolador — disse o homem.

Shadow tomou um gole da bebida. Era um vinho tinto ligeiramente salobre.

— Os últimos meses têm sido desoladores — comentou. — Os últimos anos

têm sido desoladores.

O homem, magro, bronzeado e de estatura média, olhou para Shadow com um sorriso gentil e compreensivo.

— Como vai o tributo, Shadow?

— A árvore? — Já tinha esquecido que estava pendurado na árvore prateada. Ele se perguntou o que mais havia esquecido. — Dói.

— O sofrimento às vezes limpa — disse o homem. Ele usava roupas comuns, mas caras. — Pode purificar.

— Também pode foder com a sua vida — retrucou Shadow.

O homem levou Shadow para dentro de um escritório imenso. Mas não havia nenhuma escrivaninha ali dentro.

— Já pensou no que significa ser um deus? — perguntou o homem. Ele tinha barba e usava boné. — Significa abrir mão de sua existência mortal e se transformar em *meme*: algo que vive para sempre na mente das pessoas, como a melodia de uma cantiga de ninar. Significa que todo mundo vai poder recriá-lo na própria cabeça. Você praticamente perde sua identidade. Em vez disso, tornase mil aspectos do que as pessoas precisam que você seja. E todo mundo quer algo diferente. Nada é fixo, nada é estável.

Shadow se sentou em uma cadeira de couro confortável perto da janela. O homem se acomodou no sofá enorme.

— Este seu canto é ótimo — comentou.

— Obrigado. Agora, seja sincero: como está o vinho?

Shadow hesitou.

— Acho que um pouco passado.

— Sinto muito. Esse é o problema dos vinhos. Vinho razoável eu consigo fazer fácil, mas vinho *bom*, que dirá vinho ótimo... bem, tem o clima, a acidez do solo, o índice pluviométrico, até o lado da colina onde as videiras são cultivadas. E isso sem falar das safras...

— Está bom, sim — disse Shadow, engolindo o resto do vinho com um gole demorado.

Ele sentiu o líquido ardendo na barriga vazia, as bolhas da embriaguez subindo para a cabeça.

— E tem essa história toda de novos deuses, velhos deuses — disse seu amigo. — Particularmente, eu fico feliz de ver deuses novos. Por mim, podem vir todos. O deus das armas. O deus das bombas. Todos os deuses da ignorância e da intolerância, do orgulho, da estupidez e da culpa. Tudo que as pessoas tentam despejar em cima de mim. Tira um baita peso das minhas costas.

Ele suspirou.

— Mas você faz tanto sucesso — respondeu Shadow. — Olhe só para este

lugar.

Ele apontou para os quadros nas paredes, o piso de madeira, a fonte no pátio abaixo. Seu amigo assentiu.

— Isso tem um custo — explicou. — É como eu falei. Você tem que ser tudo para todo mundo. Depois de um tempo, você se dispersa tanto que praticamente desaparece. Não é bom.

Ele estendeu a mão calejada — os dedos estavam cobertos de cicatrizes antigas de talhadeira — e apertou a mão de Shadow.

— Eu sei, eu sei. Eu devia me sentir afortunado. E um dos motivos é ter tempo para esse tipo de encontro. Que bom que você pôde vir. Bom mesmo. Não vamos mais ser estranhos.

— Não. Só vamos ser amigos que ainda não se conheceram — respondeu Shadow.

— Engraçadinho — disse o homem da barba.

— Ratatosk, ratatosk — chiou o esquilo na orelha de Shadow.

Ele ainda sentia o gosto amargo do vinho na boca e no fundo da garganta, e estava quase escuro.

EXTRAS

UMA ENTREVISTA COM NEIL GAIMAN

Que poderes divinos você gostaria de ter?

Eu queria fazer o tempo se estender. Gostaria de dias muito mais borrachentos, adoraria poder me recostar em uma semana e meio que empurrar as bordas um pouco, e aí de repente uns dezenove dias novos brotariam para preencher o vazio.

Não existe tempo suficiente, e acabo querendo fazer coisas para as quais não tenho tempo. Tem tanto que eu adoraria fazer e preciso adiar, tantas vezes em que preciso escolher entre uma coisa ou outra, quando na verdade eu queria fazer ambas. E, se o tempo pudesse ser esticado infinitamente, eu conseguia fazer tudo.

Qual é sua atração de beira de estrada preferida?

A House on the Rock de *Deuses americanos* existe de verdade. A maioria das pessoas acha que eu a inventei, quando na realidade só dei uma amenizada para que fosse mais fácil de acreditar. Porque o fato de ser um lugar real significa que ele não tem qualquer obrigação de ser provável. Então cortei a orquestra mecânica de cento e vinte instrumentos e algumas outras coisas.

Quando fui à House on the Rock pela primeira vez, lembro que pensei: *Isto aqui é inacreditável*. Na segunda vez, eu ainda não acreditava. Depois tive que voltar lá para que a *Entertainment Weekly* tirasse uma foto minha ao lado do Maior Carrossel do Mundo.

Foi a sessão de fotos mais barulhenta da minha vida, porque eles realmente tinham que modular o volume dos instrumentos mecânicos naquele espaço para fazer as pessoas continuarem andando sem ficarem parando o tempo todo. Na verdade, não é muito aconselhável ficar muito tempo perto do Maior Carrossel do Mundo.

A sessão de fotos levou algumas horas, e o fotógrafo se comunicava comigo apenas através de gestos. Ele encostava no queixo e apontava para cima para me avisar que eu tinha que levantar um pouco a cabeça.

Como você descobriu que o lugar existia?

Assim como acontece com a maioria das atrações de beira de estrada nos Estados Unidos, começam a aparecer letreiros anunciando a atração uns quinhentos quilômetros de distância antes de ela aparecer de verdade, sempre sugerindo que o lugar está logo ali. Eu tinha visto um monte de placas com HOUSE ON THE ROCK e achava que ficava bem perto da minha casa, e depois descobri que ficava a quatrocentos quilômetros.

Já Rock City, que também aparece em *Deuses americanos*, é pior, porque vi minha primeira placa de VISITE ROCK CITY, A OITAVA MARAVILHA DO MUNDO numa estrada na parte montanhosa do Tennessee, ou do Kentucky, ou de sei lá onde, e de novo achei que ficasse logo ali, então dirigi quase o dia inteiro.

E aí, claro, como é praticamente impossível achar quando você chega lá, passei direto. Então voltei e conheci e decidi que ela ia entrar no livro.

Qual foi a viagem de avião mais estranha que você já fez?

O problema das viagens de avião é que você começa a misturar todas. Eu me lembro de uma que não foi necessariamente a mais estranha da minha vida, mas que teve algo que eu nunca tinha visto acontecer, e que nunca mais vi acontecer desde então.

Eu tinha acabado de receber um copo grande de suco de maçã, e o avião passou por um daqueles bolsões de ar e de repente teve que descer um bocado. Isso não foi um problema para ninguém, porque todo mundo estava de cinto, mas meu suco saiu voando do copo. O copo continuou na mesa, mas o conteúdo traçou um arco lento e incrivelmente elegante pela cabine e foi parar no colo de um executivo do outro lado do avião.

Eu estava com Dave McKean na ocasião, durante uma turnê de divulgação de *Mr. Punch [A comédia trágica ou a tragédia cômica de Mr.Punch]*, e tentamos disfarçar. Pelo menos as pessoas sabiam que a gente não tinha feito aquilo de propósito; foi o suco que deu um salto desesperado em direção à liberdade.

Qual é seu truque com moedas preferido?

O meu truque preferido foi um que fiz quando comecei a escrever *Deuses americanos* e eu tinha um caderno grande, uma caneta-tinteiro e um exemplar de *Modern Coin Magic*, do Bobo [J.B. Bobo].

Eu alternava entre os dois e passava dias treinando torniquetes e empalmadas Downs e todo o resto, porque sabia que Shadow faria mágica com moedas e achava que precisaria escrever sobre o assunto de forma convincente. Eu nunca tinha feito mágica alguma até então, mas decidi que precisava começar.

Eu estava num trem, indo para San Diego, e tinha uma menina de dez anos

vaijando com a mãe. Fazia uns três dias que estávamos ali, então todo mundo já se conhecia, e eu fiz uma moeda sumir de repente e reaparecer atrás da orelha da menina. Acho que ela nunca tinha visto alguém fazer aquilo, e quando vi a expressão em seu rostinho entendi por que os mágicos viram mágicos.

Claro que eu nunca virei mágico, mas convivo com uns Penn & Tellers e Derren Browns da vida, que são todos gente muito, muito boa e me acolhem e me tratam como se eu fosse um deles, mesmo sabendo que não sou.

Vigarista ou conto do vigário preferido?

Charles Ponzi, que criou o Esquema Ponzi. As pessoas costumam achar graça quando algum estelionatário tenta vender construções como a Ponte do Brooklyn, ou a London Bridge, ou a Torre Eiffel.

Ponzi conseguiu vender a Torre Eiffel indo atrás dos principais empresários de sucata da França e se apresentando como um representante do governo francês. Ele explicou que, por motivos de segurança, a Torre Eiffel precisaria ser demolida, e o governo queria alguém que fosse capaz de realizar o desmonte da torre e processar o volume de metal resultante. Ele também sugeriu que o governo francês ficaria tão grato que provavelmente o responsável receberia várias honrarias e condecorações.

E, para cada um, explicou que a licitação funcionaria por ofertas seladas, de modo que não haveria chance de corrupção. Então vários empresários prepararam suas ofertas, e depois Ponzi entrou em contato com eles e indicou que estaria aberto a subornos. Todos desembolsaram grandes quantias para garantir que seriam escolhidos para o negócio. E esse, creio eu, ainda é o meu conto do vigário preferido.

Você gostou de inventar os golpes de *Deuses americanos*?

Gostei muito de inventar os golpes, mas preciso dizer que fiquei um tanto quanto chocado. O único que achei que até seria fácil de executar eu tentei não deixar muito explícito, para o leitor não descobrir como exatamente as coisas funcionavam com o sr. Wednesday e os cartões de crédito. O que ele fez é possível, mas tentei não deixar muito óbvio, para que o leitor não conseguisse reproduzir.

Mas fiquei muito orgulhoso por ter pensado no golpe do depósito noturno. Esse eu inventei, e achei muito engraçado, até que um dia, um ano e meio mais tarde, o telefone tocou. Era um repórter do Canadá, falando que um fã do livro havia tentado aplicar esse golpe e estava sendo procurado pela polícia depois de roubar trinta mil dólares de comerciantes da cidade em que vivia.

A gente não espera que os leitores pensem “Ah, este livro não é só uma bela

obra literária ou sei lá o quê, mas é também um esquema de enriquecimento fácil”, seguido logo depois por um esquema de prisão fácil, o que acho que foi o que aconteceu.

Existe algum mito que você gostaria de desfazer?

Eu escrevo regularmente em meu blog, www.neilgaiman.com, e um dos motivos para eu fazer isso, fora o fato de que o acesso imediato aos leitores é um recurso incrivelmente útil, é que era comum eu chegar em sessões de autógrafos e as pessoas esperarem que eu fosse como os personagens que eu havia criado. Especialmente Sandman.

Aí eu chegava e via a decepção no rosto delas, porque eu não era alto e pálido e bonito e muito mórbido. Elas esperavam que eu me comunicasse com frases góticas gnônicas e talvez com pentâmetros iâmbicos, ou triolés, algo assim.

Eu gosto do blog porque ele evita e desfaz essa imagem. Acho que é impossível imaginar que uma pessoa seja uma bela figura gótica depois que ela escreve que precisou limpar vômito de gato do chão às três da madrugada.

Já faz mais de dez anos desde que *Deuses americanos* foi lançado. Você tem algum comentário sobre o livro?

As pessoas foram incrivelmente gentis com *Deuses americanos*. Eu nunca imaginei que o livro fosse ganhar todos os prêmios que ganhou, especialmente o Hugo, o Nebula e o Bram Stoker. Foi maravilhoso. E os americanos também foram extremamente gentis com o livro. Ninguém chegou para mim perguntando “como você, um inglês, ousa escrever sobre os Estados Unidos?”, e achei que foi legal da parte deles.

Achei muito divertido os comentários sobre alguns trechos do meio do livro, em que as pessoas falam com o sotaque de Wisconsin e Minnesota: às vezes alguém de Nova York ou Los Angeles vinha me acusar de cair em cacoetes britânicos nessas partes, mas acho que era porque as pessoas não faziam ideia de como o resto do país fala.

Esta entrevista apareceu pela primeira vez na edição inglesa em brochura de 2005 da Edição Preferida do Autor de *Deuses americanos*, publicada pela Review, um selo da Headline Book Publishing, na Grã-Bretanha.

COMO VOCÊ OUSA?

NINGUÉM ATÉ AGORA fez a pergunta que eu temo, a pergunta que, espero, ninguém fará. Então eu mesmo vou fazê-la e tentar respondê-la, na esperança de que, assim como um passageiro de avião que tem medo de terroristas leva sua própria bomba para o voo, minha iniciativa diminua a chance de que alguém mais me faça essa pergunta.

E a pergunta é: *Como você ousa?*

Ou em sua versão completa: Como você ousa, um inglês, escrever um livro sobre os Estados Unidos, sobre os mitos e a alma americanos? Como você ousa escrever sobre o que torna os Estados Unidos especiais como país, como nação, como ideia?

E, como inglês, meu impulso imediato é dar de ombros e prometer que isso não vai acontecer de novo.

Mas eu ousei em *Deuses americanos*, e foi necessário um tipo estranho de ousadia para escrever este livro.

Quando era mais jovem, escrevi uma história em quadrinhos sobre sonhos e histórias chamada *Sandman* (agora compilada em dez *graphic novels*, e se você ainda não leu, deveria). Na época, sempre me faziam a mesma pergunta: “Como você consegue ambientar tanto dessa história nos Estados Unidos se mora na Inglaterra?”

E eu respondia que, em termos de mídia, o Reino Unido era praticamente um anexo dos Estados Unidos. Nós assistimos a filmes e seriados americanos. “Posso não descrever uma Seattle que vá satisfazer um morador da cidade”, eu costumava dizer, “mas vou descrevê-la tão bem quanto um nova-iorquino que nunca foi a Seattle.”

Eu estava errado, é claro. Não fazia nada disso. Na verdade, eu fazia uma coisa muito mais interessante: criava um Estados Unidos imaginário, no qual as histórias de *Sandman* poderiam acontecer. Um local delirante e improvável muito além dos limites do real. E isso me satisfez até que, acompanhando minha esposa americana e meu desejo por uma casa igual à da Família Addams, me

mudei para os Estados Unidos.

Aos poucos — e demorou um bocado —, fui percebendo que o país sobre o qual escrevia era totalmente ficcional, e que os Estados Unidos de verdade, aquele sob a superfície das aparências, era muito mais interessante que a ficção.

Acredito que a experiência do imigrante seja universal (mesmo que você seja o tipo de imigrante que, como eu, se agarra de modo quase supersticioso a sua cidadania original, até muito depois de o sotaque ter perdido um pouco da naturalidade). De um lado está você, e do outro estão os Estados Unidos. O país é bem maior que você. Então você tenta entendê-lo. Tenta compreendê-lo, algo que, às vezes, não é bem recebido. Os Estados Unidos são grandes o suficiente e contêm contradições suficientes para ficarem bem satisfeitos em não serem compreendidos — e a certa altura você percebe que a melhor opção é ser como um dos cegos daquela fábula em que cada um pegava uma parte do corpo do elefante — a tromba, a pata, a lateral do corpo, o rabo, e concluía que um elefante parecia uma cobra, uma árvore, uma parede, uma corda. Como escritor, tudo o que eu podia fazer era descrever uma pequena parte do todo.

E mesmo assim ela era grande demais.

Eu não sabia que tipo de livro queria escrever até o verão de 1998, quando eu passei quarenta e oito horas em Reykjavik, na Islândia — e foi então que descobri qual seria meu próximo livro. Uns poucos fragmentos de trama, uma enorme quantidade de personagens e algo semelhante a uma estrutura surgiram em minha mente. Talvez eu só tenha conseguido ver tudo aquilo com clareza porque estava longe dos Estados Unidos, ou talvez simplesmente fosse a hora certa. O livro seria um *thriller* e falaria sobre um mistério envolvendo um assassinato, um romance e uma viagem. Falaria sobre a experiência do imigrante, sobre o que as pessoas acreditavam quando foram para os Estados Unidos e sobre o que aconteceu com as coisas em que elas acreditavam. Eu sou inglês. Gosto de ser inglês. Mantenho meu passaporte. Preservei o sotaque o máximo possível. E já estava morando nos Estados Unidos havia quase nove anos. Tempo suficiente para saber que tudo o que eu aprendera sobre o país nos filmes estava errado.

Eu queria escrever sobre mitos. Queria escrever sobre os Estados Unidos como um lugar mítico.

Voltei a meu quarto no hotel e escrevi um rascunho de umas três páginas com a ideia geral — meio que uma descrição vaga do livro que estava na minha cabeça. Testei o título *Magic America* (inspirado na música do Blur), e não encaixou bem. Testei o título *King of America* (inspirado no álbum de Elvis Costello) e também não encaixou bem. Então escrevi *Deuses americanos* (que não foi inspirado em coisa nenhuma) no topo da primeira página do rascunho e

achei que mais cedo ou mais tarde bolaria algo melhor.

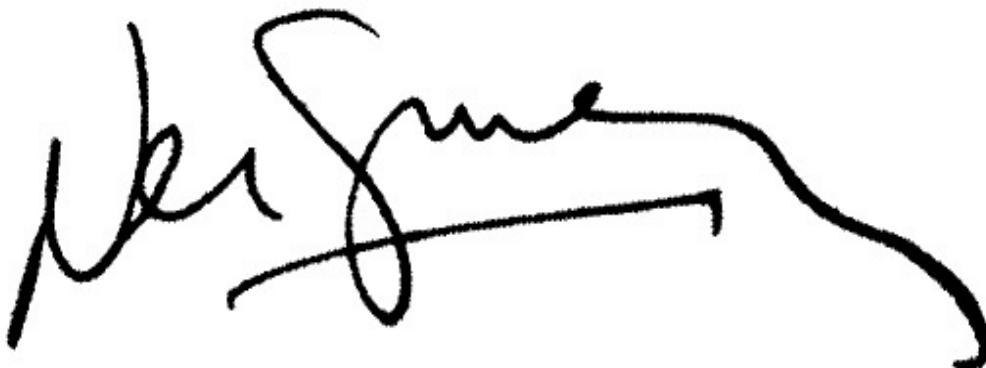
Eu ainda não tinha começado a escrever o livro quando minha editora me mandou a capa. Era uma estrada com um raio e, em letras grandes, um título: *Deuses americanos*. Percebi que não adiantava resistir — para ser sincero, eu estava começando a gostar da ideia —, então comecei a escrever.

É um livro grande, mas os Estados Unidos são um país grande, e não foi fácil tentar fazê-lo caber em um livro.

Deuses americanos é a história de um homem chamado Shadow, e do emprego que lhe oferecem quando ele sai da cadeia. É a história de uma viagem. É a história de uma cidadezinha do Meio-Oeste e dos desaparecimentos que ocorrem por lá todo inverno. Ao escrevê-lo, descobri por que atrações de beira de estrada são os lugares mais sagrados dos Estados Unidos. Aprendi muito sobre os deuses e sobre organizações secretas e sobre guerras. Descobri muitos atalhos e momentos. Alguns eu adorei. Alguns me assustaram. Alguns me deixaram maravilhado.

Quando estava quase terminando, quando tudo o que restava era juntar os fios soltos, dei xeque-mate ao meu computador e fui para a Irlanda. Deixei o país, me enfurnei em uma casa grande, velha e fria na Irlanda e digitei tudo o que faltava, tremendo, com um aquecedor ao lado.

Então o livro ficou pronto, e eu parei. Ao olhar para trás, notei que não tive ousadia alguma. Na verdade, eu não tive escolha.



Esta é uma versão estendida do texto escrito para o site da Borders em março de 2001 e que está disponível em www.neilgaiman.com.

NOTAS DO TRADUTOR

UMA ADVERTÊNCIA é um alerta para os leitores:

Esta é uma seção de notas sobre a tradução, não uma resenha. Pode ser que você já conheça algumas das referências mitológicas apresentadas a seguir, mas aqui essas referências serão associadas a passagens específicas de *Deuses americanos*. Há menos passagens do que seria considerado cansativo, mas elas existem.

Convém avisar que, se você ainda não terminou de ler *Deuses americanos* — se preferiu pular para o final e ver como a história acaba, ou explorar que outros brindes esta edição oferece —, este texto contém *spoilers*. Não omitimos aqui detalhes importantes para a trama do livro, já que estas notas existem justamente devido à dificuldade de tradução de alguns desses detalhes.

Ademais, é desnecessário dizer que todas as informações aqui apresentadas vêm de fontes fidedignas. Só os deuses mentem.

Na introdução, Neil Gaiman explica que não conhece a experiência de ler este livro, apenas a experiência de escrevê-lo. Eu, como tradutor, estaria mentindo se dissesse que não me sinto privilegiado. Afinal, não só tive a chance de ler *Deuses americanos*, como pude viver a experiência de escrevê-lo em português.

Traduzir *Deuses americanos* foi um grande desafio, tanto pela importância de se preservar o estilo característico do autor quanto pelo trabalho de identificar todas as inúmeras referências culturais e mitológicas entrelaçadas, disfarçadas e escancaradas na história épica de Shadow. Acredito que tenha me divertido tanto ao adaptar trocadilhos quanto Neil Gaiman ao criá-los, mesmo que nem sempre os jogos de palavra atravessassem incólumes a ponte para o português, chegando aqui arrastados à força, acorrentados e com uma expressão contrariada no rosto.

Um exemplo: logo no primeiro capítulo, Wednesday se apresenta a Shadow e eu me vejo diante da necessidade de transmitir a cultura germânica embutida nos nomes dos dias da semana em inglês para o leitor brasileiro. No fim, as duas realidades tão díspares me obrigaram a encarar o tabu máximo da tradução em ficção: teria eu que recorrer às afamadas notas de rodapé para explicar o que

Wednesday quis dizer ao sugerir que devia se chamar Thursday por causa do tempo fechado?

O principal objetivo da tradução deste livro, reforçado por toda a equipe editorial e pelos revisores, foi proporcionar ao público brasileiro uma leitura tão autêntica quanto a desfrutada pelo público anglófono. Nos casos em que a barreira do idioma se mostrava intransponível, a inserção de uma nota de rodapé seria uma solução um tanto desajeitada — uma escada que o leitor deveria subir antes de seguir viagem junto com Shadow. Após alguns e-mails trocados com a editora, chegamos à conclusão mais satisfatória: em vez de uma série de escadas ao longo do livro, melhor seria fazer um pequeno desvio no caminho e, depois, explicar aonde a estrada levava — a tal barreira — e por que não pudemos seguir em frente.

Agora, no final do livro, portanto, acrescentamos estas notas à tradução para explicar as referências mais obscuras e dar um sabor do processo de tradução. É possível que muitas das questões abordadas aqui você, leitor ou leitora, já tenha desvendado por conta própria, mas, se eu conseguir despertar uma meia dúzia de “caramba, eu nem imaginava”, vou me considerar bem-sucedido.

Nomes e apelidos de personagens

Logo no começo da tradução foi preciso tomar uma decisão crucial: os apelidos dos personagens seriam traduzidos? Afinal, é óbvio que os senhores Wood, Town e World não receberam esses nomes na maternidade, e jamais descobrimos o nome verdadeiro sequer do herói da história. Muitos personagens, portanto, adotam codinomes ou apelidos, que nunca são gratuitos. É razoável que não se traduza nomes comuns como John, James e Mary, mas o que fazer com os apelidos?

Acima de tudo, *Deuses americanos* é uma história sobre os Estados Unidos, com personagens americanos em busca da identidade americana. Por mais que trouxéssemos para o português as falas e descrições, os nomes próprios — e, como “o símbolo é o objeto”, os apelidos são nomes próprios — são reflexos da cultura em que estão inseridos, e sua apropriação por outra acarretaria uma perda da identidade. Portanto, decidimos manter os nomes em inglês, ainda que eles produzissem trocadilhos na história. Quando possível, esses trocadilhos foram adaptados, mas nem sempre as referências eram explicitadas no texto. Assim, explicaremos algumas aqui.

E nada mais pertinente do que começar pelo protagonista. Em várias ocasiões perguntam a Shadow de onde ele tirou esse nome. No piquenique com Easter,

ele responde: quando era criança, preferia seguir os adultos (*shadow*, em inglês, pode se referir tanto a sombras quanto ao ato de seguir alguém furtivamente), em vez de ficar com outros de sua idade. Mas esse nome, aparentemente simples, sugere conotações muito mais profundas, que motivam debates constantes em diversos grupos de discussão pela internet. Afinal, Shadow é filho de Wednesday, ou Odin. Outro filho de Odin, central para a mitologia nórdica, mas nunca citado em *Deuses americanos*, é Balder, que nas *Eddas* (que são para a mitologia nórdica o que os poemas de Homero, Virgílio e outros são para a grega e a romana) é descrito como uma divindade luminosa e imaculada. Irresistível a comparação com nosso herói taciturno recém-saído da cadeia.

Aliás, falando de Wednesday, convém destacar a inspiração. Ao se apresentar a Shadow no avião, ele se anima ao constatar que é quarta-feira porque, na língua inglesa, *Wednesday* significa “dia de Woden”, ou “dia de Odin”. Daí também o gracejo dele ao comentar o clima de tempestade dizendo que devia ser quinta-feira, ou *Thursday*, “dia de Thor”.

Alguns dos nomes mais interessantes do livro foram os dos misteriosos agentes: sr. Wood, sr. Stone, sr. Road, sr. Town e sr. World. A tradução literal desses codinomes — Madeira, Pedra, Estrada, Cidade e Mundo — faz referência à própria função deles na trama. Os dois primeiros agem como instrumentos grosseiros para aplicação de força bruta, ao sequestrarem e torturarem Shadow; já Road e Town se mostram mais civilizados ao interrogarem Samantha Black Crow e em outras ocasiões; e, por trás de tudo e acima de todos, o sr. World coordena as ações. A cena em que Sam debocha dos codinomes é preciosa, perguntando pelos colegas sr. Calçada, sr. Tapete, sr. Avião e sr. Carro.

Merece uma menção especial a glamourosa Easter, ou Páscoa. Na primeira aparição dela, a fim de contestar o suposto bem-estar divino de Easter, Wednesday pergunta a uma garçonete se ela conhece o significado da palavra inglesa para Páscoa. Outra funcionária do restaurante oferece uma resposta criativa remetendo ao sol nascente e à ressurreição de Jesus Cristo. Como diz Wednesday, “uma suposição muito lógica”, mas sem qualquer relação de fato com o festival pagão de Eostre.

Outros nomes dignos de nota: Low Key Lyesmith, um trocadilho duplo entre Loki, deus nórdico da mentira, e a expressão *low-key*, ou discreto, junto com o verbo *to lie*, mentir; Media (ou mídia) e a confusão de Czernobog com Medeia, personagem da mitologia grega que inspirou uma das tragédias mais conhecidas de Eurípides; Emerson Borson, o nome falso que Wednesday adota, é uma referência sutil à árvore genealógica do próprio Odin, remetendo ao avô, Ymir, e ao pai, Bor; Mike Ainsel, o nome falso que Wednesday dá para Shadow, e “Ainsel, eu mesmo”, o título da Parte Dois de *Deuses americanos*, fazem

referência a um conto de fadas inglês, “My Ainsel”, sobre um menino pobre e rebelde e uma fada que cai de uma chaminé, e que também é uma brincadeira sonora com “My Own Self”.

Trocadilhos

Poucas coisas assombram mais um tradutor do que a necessidade de traduzir trocadilhos. Na maioria das vezes, uma tradução literal acaba ficando canhestra, e a solução é esquecer a expressão original e inventar um trocadilho novo. Foi o que aconteceu na cena em que Shadow, amarrado na árvore e meio delirante, recebe a visita de Ganesha. Quando o ratinho desaparece das mãos do deus, Shadow conclui que “*It's in the trunk*”, ou seja, estava escondido na tromba. Porém, o verdadeiro significado só se revela quando Anansi abre um *baú* para oferecer aspirinas a Shadow, e nosso herói se dá conta de que Ganesha se referia não à própria *tromba*, nem ao *tronco* onde ele estava amarrado, mas ao *porta-malas* da sucata parada no meio do lago de Lakeside. O fato de que essas quatro palavras possam ser traduzidas para o inglês como *trunk* exigiu certo malabarismo linguístico.

Mas outros casos são ainda mais complicados, porque os termos específicos do trocadilho podem ser relevantes para a história. Já mencionei o exemplo de Wednesday ao se apresentar para Shadow no avião, mas não poderia ignorar o comentário do próprio Wednesday ao dizer que sextas-feiras são dias de mulher. A explicação é semelhante: *Friday* deriva da deusa nórdica Frigga.

Às vezes, um trocadilho esconde uma pista importante sobre a trama, e quando chega ao fim do livro o leitor descobre que a verdade estava pulando na sua frente o tempo todo, de língua para fora, sacudindo os braços e divertindo-se com a ignorância dele. Foi o caso de um detalhe quase insignificante na descrição de Hinzelmann. O velho exibe sempre um sorriso meio malicioso característico, e o leitor brasileiro provavelmente pensará apenas em uma pessoa com senso de humor debochado, talvez um espírito de porco. Mas a palavra que Gaiman escolheu para descrever esse sorriso foi especial: *goblin*. Ora, um dos sentidos dela é justamente o de malícia, mas quem diria que era uma pista de que se tratava de fato de um *kobold*, primo dos *goblins* e natural do folclore europeu?

Acontece algo semelhante quando Hórus visita Shadow na árvore. Ele diz para Shadow: “Eu sou o falcão da manhã, o gavião da tarde. Eu sou o sol. Assim como você é o sol.” Sol, em inglês, é *sun*, pronunciado exatamente como *son*, ou filho. Portanto, muitas pessoas veem aí a confirmação de que Shadow é não apenas filho de Odin, mas também o próprio Balder. Ou Hórus, enlouquecido,

estava apenas falando sandices. Fica para debate.

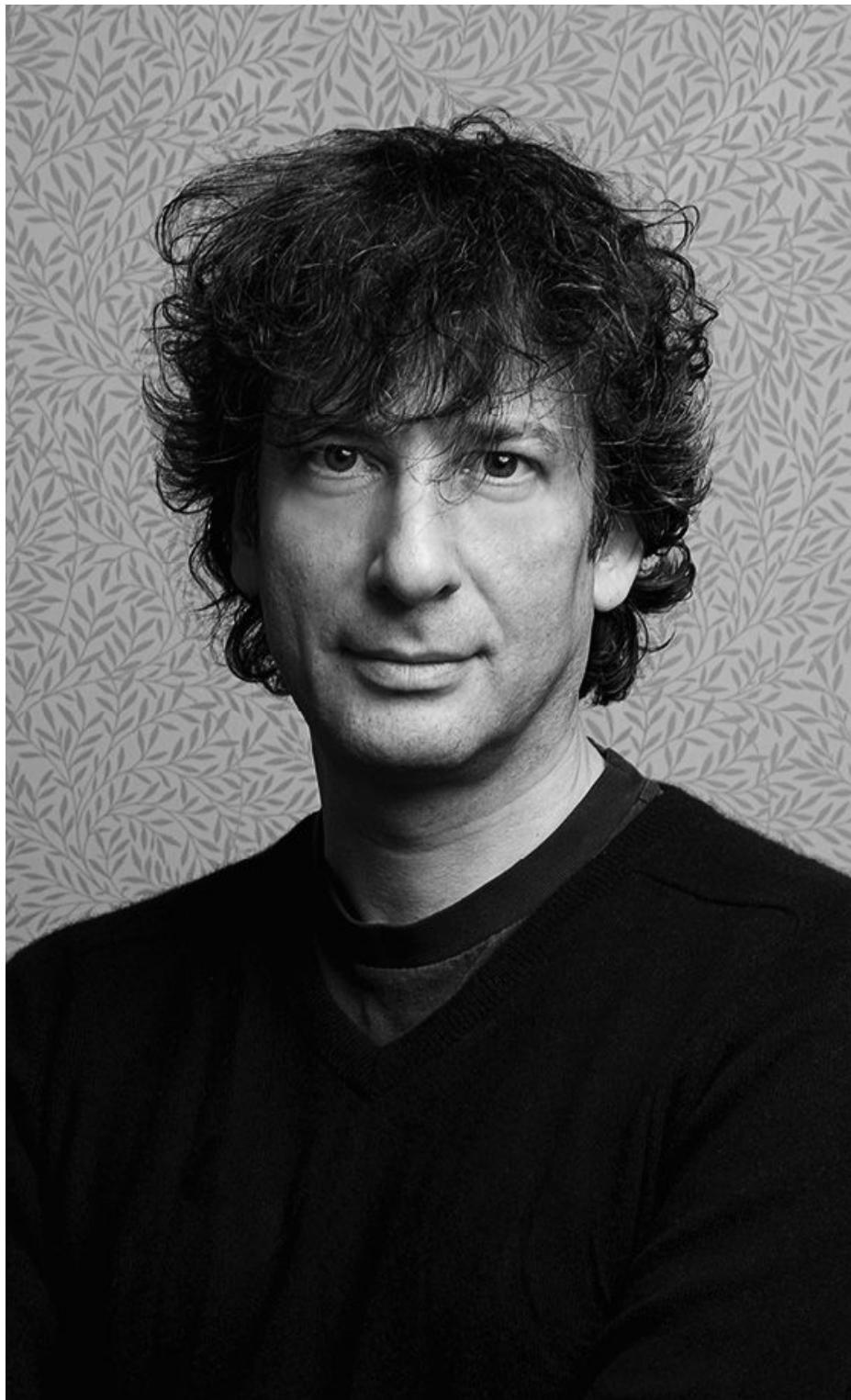
Deuses americanos é sem dúvida uma obra-prima da literatura contemporânea e suscita muitas questões. É o tipo de livro que dá para ler uma, duas, três vezes e sempre ter a sensação de que é um livro novo, sempre descobrir um detalhe diferente, sempre interpretar a história de outra forma.

Durante a tradução do livro e a preparação destas notas, recorri a algumas obras de referência que recomendo a quem tiver interesse, tanto por terem me ajudado muito a mergulhar na história quanto por serem realmente interessantes.

Para saber mais sobre a etimologia do nome dos dias da semana na língua inglesa, assim como as inúmeras referências à mitologia nórdica, sugiro o excelente *Dicionário de mitologia nórdica, símbolos, mitos e ritos*, organizado por Johnni Langer (São Paulo: Hedra, 2015). Outras obras de referência interessantes: *Histórias*, de Heródoto (várias edições), citada algumas vezes pelo próprio Shadow; *Dicionário de mitologia grega e romana*, de Mário Gama Kury, 9^a edição (Rio de Janeiro: Zahar, 2009); e *Guia ilustrado Zahar: mitologia*, de Philip Wilkinson e Neil Philip (Rio de Janeiro: Zahar, 2010).

Leonardo Alves
outubro de 2016

SOBRE O AUTOR



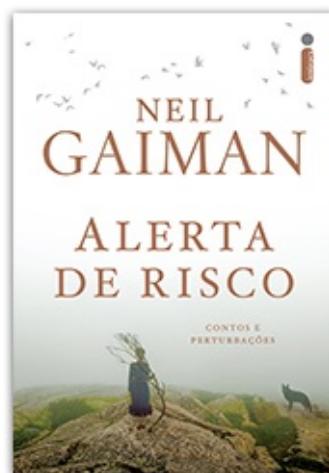
© Kimberly Butler

Neil Gaiman foi citado no *Dicionário de biografia literária* como um dos dez

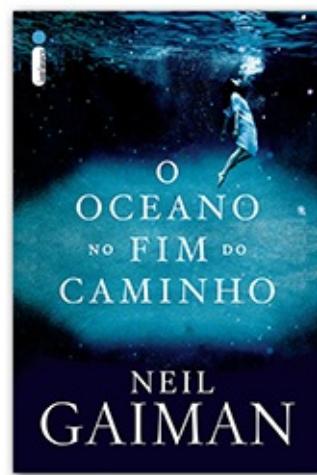
maiores escritores pós-modernos vivos, tem mais de vinte livros publicados para leitores de todas as idades e já foi agraciado com inúmeros prêmios literários, incluindo o Hugo, o Bram Stoker e a Newbery Medal. Começou a carreira como jornalista, mas logo seu talento para construir tramas e universos únicos foi levado para o mundo dos quadrinhos, com a aclamada série *Sandman*, e, depois, para a ficção adulta e a infantojuvenil. Algumas de suas obras foram adaptadas para o cinema e para a tevê. Nasceu em Hampshire, Inglaterra, e hoje mora nos Estados Unidos. Pela Intrínseca, publicou também *Alerta de risco*, *O oceano no fim do caminho*, *Faça boa arte*, *A verdade é uma caverna nas Montanhas Negras*, *Lugar Nenhum*, *Os filhos de Anansi* e *João & Maria*.

Junte-se aos mais de três milhões de seguidores de Neil Gaiman no Twitter ([@neilhimself](https://twitter.com/neilhimself)) e no Facebook ([Facebook.com/NeilGaiman](https://www.facebook.com/NeilGaiman)) ou visite seu site: www.neilgaiman.com.

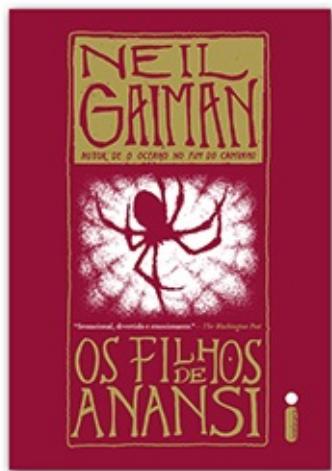
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR



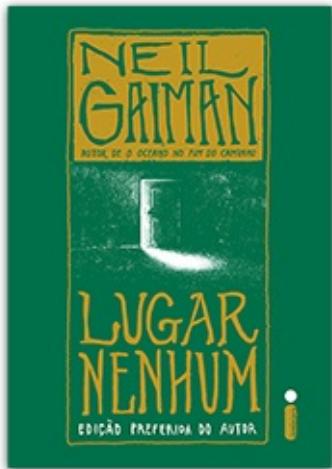
[Alerta de risco](#)



[O oceano no fim do caminho](#)



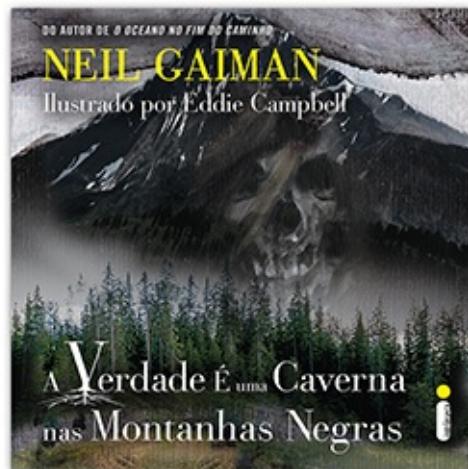
[Os filhos de Anansi](#)



[Lugar Nenhum](#)



[Faça boa arte](#)

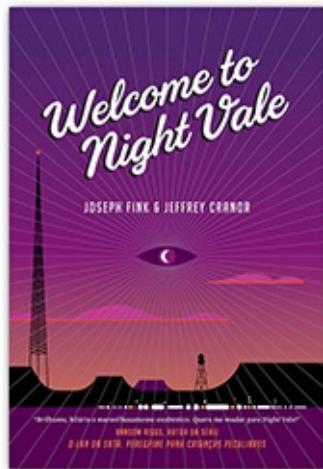


[A verdade é uma caverna nas Montanhas Negras](#)



[João & Maria](#)

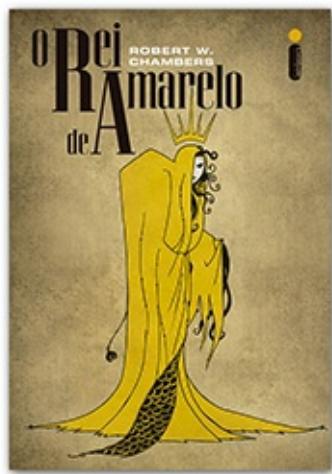
LEIA TAMBÉM



[Welcome to Night Vale](#)
[Joseph Fink & Jeffrey Cranor](#)



[S.](#)
[J.J. Abrams & Doug Dorst](#)



O rei de amarelo
Robert W. Chambers

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Uma introdução a esta edição](#)

[Um comentário sobre o texto](#)

[Uma advertência e um alerta para os viajantes](#)

[Epígrafe](#)

[Parte Um](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Parte Dois](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Parte Três](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Parte Quatro](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Posfácio](#)

[Agradecimentos](#)

[Apêndice](#)

Extras

[Uma entrevista com Neil Gaiman](#)
[Como você ousa?](#)
[Notas do tradutor](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça outros títulos do autor](#)

[Leia também](#)